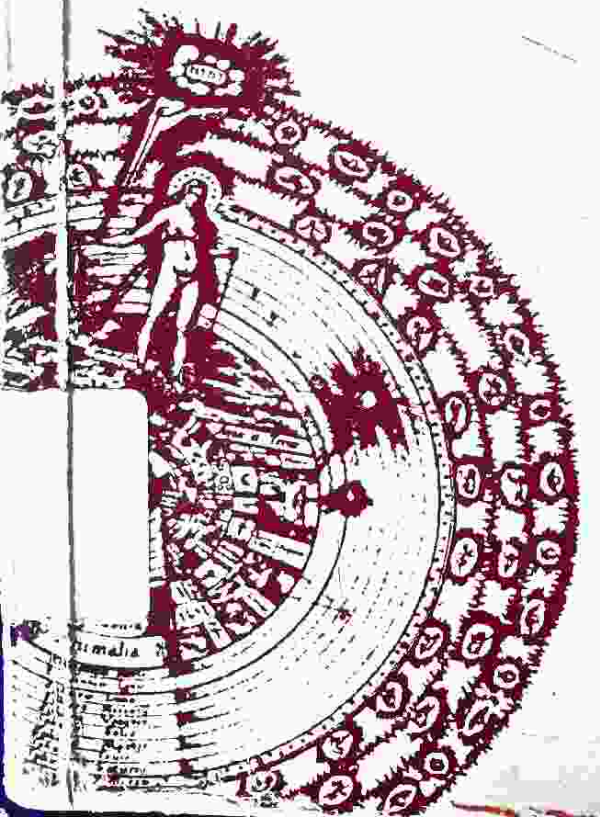
Dra. Irene Gad

Tarô e Individuação

Correspondências com a cabala e a alquimia



Mandarim

Tarô e Individuação

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Gad, Irene
Tarô e individuação : correspondências com a cabala e a alquimia / Irene Gad ; tradução Elisabete Abreu.
— São Paulo : Mandarim, 1996.

ISBN 85-354-0007-9

1. Alquimia 2. Cabala 3. Individuação I. Miscelânea 4. Tarô I. Título

96-3137 CDD-133.32424

Índices para catálogo sistemático:

1. Tarô e individuação : Artes divinatórias 133.32424

Título original: *Tarot and individuation*
©1994 by Irene Gad
Publicado originalmente por Nicolas-Hays, York Beach, ME, USA
como *Tarot and individuation : correspondences with cabala and alchemy*
Direitos exclusivos para a língua portuguesa cedidos à
Agência Siciliano de Livros, Jornais e Revistas Ltda.
Av. Raimundo Pereira de Magalhães, 3305
CEP 05145-200 — São Paulo — Brasil
Coord. editorial: Ana Emília de Oliveira
Preparação: Regina L. dos Santos
Revisão: Paulo César de Oliveira
Foto da autora: Tom Wolff
Capa: Lya de Paula
Editora Mandarim, 1996

A
meu pai
In memoriam

Sumário

Prefácio, 11
Agradecimentos, 13
Introdução, 19

PARTE I

RELÂMPAGO

Cabala e tarô, 35
Carta I: O Mago, 59
Carta II: A Grande Sacerdotisa, 68
Carta III: A Imperatriz, 74
Carta IV: O Imperador, 79
Carta V: O Grande Sacerdote, 85
Carta VI: O(s) Amante(s), 90
Carta VII: O Carro, 100
Carta VIII: A Justiça, 107
Carta IX: O Eremita, 114
Carta X: A Roda da Fortuna, 120

PARTE II

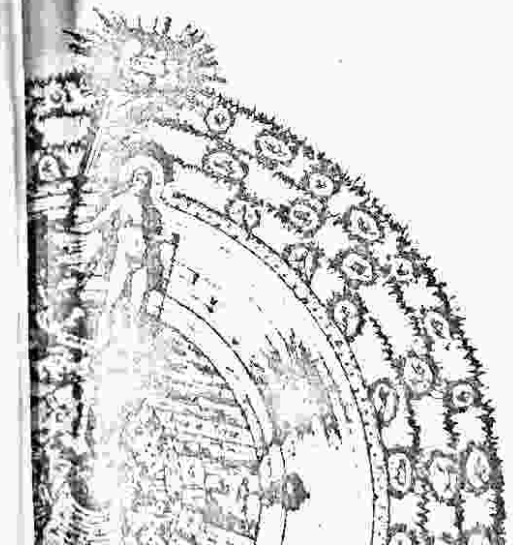
O CAMINHO DA SERPENTE

Individuação, alquimia e tarô, 131
Carta XI: Força, 215
Carta XII: O Enforcado, 222
Carta XIII: Morte, 232
Carta XIV: Temperança, 241

Carta XV: O Diabo, 248
Carta XVI: A Torre da Destruição, 258
Carta XVII: A Estrela, 267
Carta XVIII: A Lua, 274
Carta XIX: O Sol, 283
Carta XX: Julgamento, 290
Carta XXI: O Mundo, 298
Carta 0: O Bobo, 308

Apêndice I: Tarô e astrologia, 319
Apêndice II: Tarô e adivinhação, 333
Bibliografia, 449

Tarô e Individuação



Prefácio

Os símbolos são representações visíveis de uma realidade intangível, invisível — algo do interior é visto no mundo exterior, algo espiritual faz-se ver em algo concreto, algo especial faz-se ver em algo comum. Para compreender o significado desses símbolos, devemos tentar descobrir a realidade — quase sempre de difícil compreensão — existente por trás do tangível, assim como a ligação entre eles. Às vezes essa realidade oculta pode representar, por exemplo, nossa essência psíquica, nossos sonhos futuros ou nossos desejos de mudança. Uma das características básicas dos símbolos é sua capacidade de transcendência; seu significado é, portanto, inesgotável, e muitas vezes somos induzidos a buscar sua interpretação e a avaliar a relação de um símbolo específico ou de uma imagem em particular com a vida.

Alguns símbolos significam mais para uma pessoa do que para outra, ao passo que outros são coletivos; isto é, desde os tempos mais remotos eles acompanham os indivíduos através de situações difíceis, auxiliando-os a compreender melhor a si mesmos e capacitando-os, quando necessário, a um recomeço visando um caminho diferente. Tais símbolos arquetípicos, imagens de circunstâncias humanas típicas ou transições da vida, são retratados pelas cartas do tarô. Essas cartas não são isoladas de forma arbitrária ou colocadas aleatoriamente uma em relação a outra, estando ligadas por um sentido coesivo interior que deve ser revelado ponderadamente, tarefa esta realizada de forma magistral nesse livro. As imagens arquetípicas individuais retratadas pelas cartas proporcionaram um constante desafio que estimulou novas abordagens para sua interpretação. *Tarô e individuação* é motivado por tal impulso.

Irene Gad escolheu uma forma muito interessante de amplificação, isto é, o procedimento por meio do qual um símbolo é colocado num contexto mais amplo. (Trata-se do método clássico utilizado por C.G. Jung para a interpretação dos símbolos coletivos. Entretanto, dentro desse método um autor pode selecionar o(s) sistema(s) particular(es) que fornecerá(ão) a amplificação necessária.) Ela procura o reflexo das imagens individuais do tarô e seus significados nas afirmações oriundas da cabala, na alquimia, assim como nos processos envolvidos

na individuação concebidos por C.G. Jung. Essa é uma abordagem particularmente excitante. Além disso, descobri que é muito adequada a proposição da dra. Gad de que a Árvore da Vida cabalística pode fornecer uma estrutura para os arcanos maiores. Parece evidente para mim que se alguém vê no tarô determinados estágios ao longo do caminho para a individuação, deve também encontrar paralelos com a Árvore da Vida, outro importante símbolo para a essência da constante luta da humanidade. As possibilidades de compreensão são ampliadas de forma considerável pelo acréscimo dessa expressiva base filosófica; entretanto, em nenhum momento o ponto de vista da autora é imposto ao leitor. Por fim, ela argumenta, são os próprios arquétipos e nosso envolvimento com eles que dão margem a uma nova orientação, que nos revelam um novo nível de consciência, que estimulam nossas imagens pessoais, e, com eles, uma nova esperança para enfrentar os desafios da vida nascerá no leitor.

A dra. Gad descreve, num texto de fácil compreensão, os legítimos processos de transformação refletidos pelas cartas do tarô. Cabe ao leitor descobrir de que forma esses reflexos se aplicam à vida de cada indivíduo.

Espero que este trabalho original encontre muitos leitores propensos a ser desafiados mais uma vez pelo mistério do tarô e pela sabedoria contidos nos símbolos coletivos que eles representam.

VERENA KAST
St. Gallen, Suíça

Agradecimentos

Desejo muito agradecer o auxílio recebido para a conclusão desta obra. Primeiramente agradeço a Mary Steiner-Geringer, que abriu as portas para a magia e o mistério dos arcanos maiores. O conhecimento enciclopédico de Steiner-Geringer colocou os símbolos do tarô no contexto arquetípico da tradição mitopoética hindu, do *I Ching* e da cabala, de modo que desde o início fui capaz de perceber, graças a ela, as correspondências multifacetadas do tarô.

Sou grata a todos os que participaram dos meus *workshops*, discutindo e debatendo, e aos colegas que propuseram desafios e proporcionaram *insights* a respeito das associações e aplicações psicodinâmicas.

Por último desejo expressar minha profunda gratidão à generosidade irrestrita de April Barrett, que nos últimos três anos despendeu energia, tempo e esforços para a redação criativa de meu texto, identificando erros e omissões, oferecendo sugestões e comentários que, com seu entusiástico apoio, foram de grande auxílio nos momentos em que estive prestes a desistir.

Sou profundamente grata aos seguintes editores e autores por permitirem a utilização do copyright:

Cambridge University Press por autorizar a citação do livro *Themis*, de Jane Harrison;

Camden House por autorizar a citação do livro *Sonnets to Orpheus*, de Rainer Maria Rilke, traduzido por L. Norris & A. Keele, 1989;

Chiron Publications por autorizar a citação do livro *The borderline personality*, de Nathan Schwartz-Salant, 1988;

Farrar, Straus & Giroux por autorizar a citação do livro *Charley Bland*, de Mary Lee Settle, 1989;

Harper Collins Publishers por autorizar a citação dos seguintes livros: *The mandala astrological tarot*, de A.T. Mann, 1988; *Owning your own shadow*, de Robert Johnson, 1991; e *Selected poems*, de Rainer Maria Rilke, citado e traduzido por Robert Bly, 1981;

Inner City Books por autorizar a citação dos livros *Alchemy*, de M.-L. von Franz, 1966, e *Descent to the goddess*, de Sylvia Perera, 1981;

Keter Publishing House por autorizar a citação do livro *Kabbalah*, de Gershom Scholem, 1974;

A. Knopf/Pantheon Books/Random House por autorizar a citação dos livros *Memories, dreams, reflections*, de C.G. Jung, e *The secret tradition in alchemy*, de A.E. Waite, 1926;

Labyrinth Publishing, do Reino Unido, por autorizar a citação do livro *Angels: an endangered species*, de Malcolm Godwin, 1990;

Llewellyn Publications por autorizar a citação do livro *Archetypes of the zodiac*, de Kathleen Burt, 1988;

Newcastle Publishing por autorizar a citação de *New thoughts on tarot*, editado por Greer e Pollack, 1989;

North Atlantic Books por autorizar a citação do livro *The alchemical tradition in the late 20th century*, de Richard Grossinger, 1983;

Open Court Publishing Co. por autorizar a citação do livro *Anatomy of the psyche*, de Edward Edinger, 1985;

Phanes Press por autorizar a citação dos livros *Alchemical mandala*, 1989, e *Commentary on the 'Mutus liber'*, de Adam McLean;

Ferd. Piatnik & Söhne por autorizar a reprodução das cartas do seu 'Tarô de Marselha', conhecido antigamente como 'Tarô Rhenan'.

Princeton University Press por autorizar a citação de K. Barnaby; por autorizar a citação dos livros *C.G. Jung and the humanities*, de P. d'Acierno, 1990; *Aurora consurgens*, de M.-L. von Franz, 1966; *Collected works*, de C.G. Jung; *The great mother*, 1955, e *Origins and history of consciousness*, 1973, de Erich Neumann; e trechos do texto "Spiritual development as reflected in alchemy and related disciplines", de Rudolf Bernoulli, citado em *Spirituals disciplines*, Eranos Yearbooks, 1970;

Quest Books por autorizar a citação dos livros *Royal road*, de Stephan Hoeller, 1980; e *The game of wizards*, 1975, e *Kabbalah*, 1986, de Charles Poncé;

Schiffer Publishing por autorizar a citação do livro *Horoscope symbols*, de Robert Hand, 1981;

Shambhala Publications por autorizar a citação do livro *Woman's mysteries*, de Esther Harding, 1971;

Spring Publications por autorizar a citação dos artigos "Salt, a chapter in alchemical psychology", de James Hillman, extraído de *Images of the untouched*, de E. Stroud e G. Thomas, 1982; e "On the moon and matriarchal consciousness", de Erich Neumann, em *Spring*, 1954;

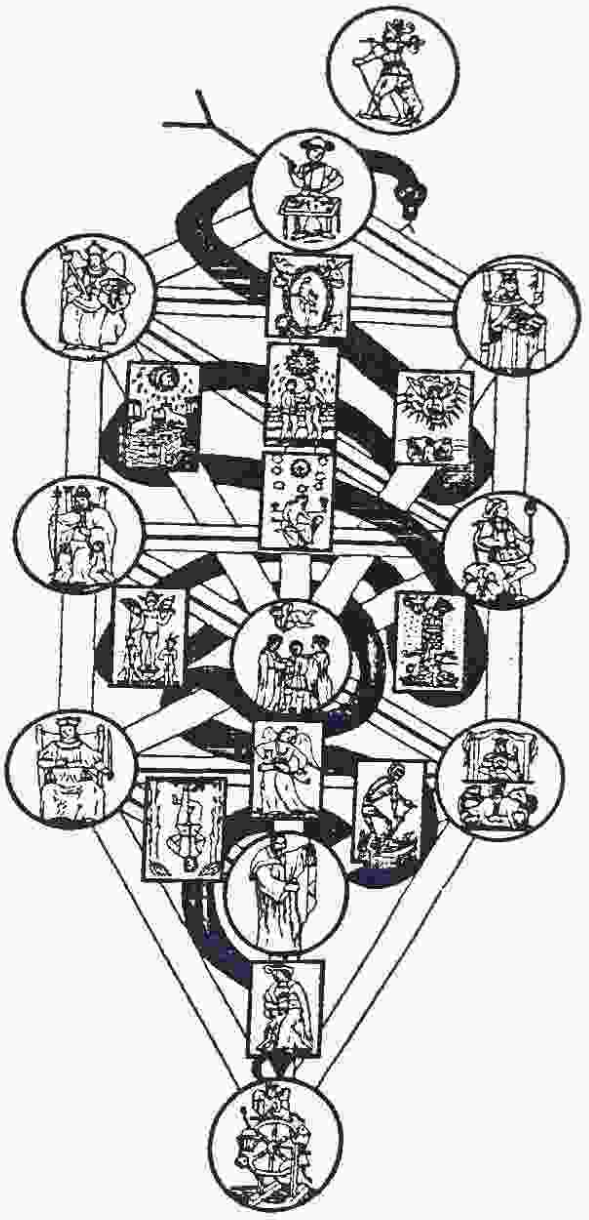
Thames & Hudson por autorizar a citação dos livros *Kabbalah*, de Z'ev ben Shimon Halevi, 1979; e *Alchemy*, de Stanislas Klossowski de Rola, 1973;

University of California Press por autorizar a citação do livro *Selected poems, bilingual edition*, de Rainer Maria Rilke, traduzido por C.F. MacIntyre, 1956;

U.S. Games Systems por autorizar a citação dos livros *Classical tarot*, 1972, e *Encyclopedia of tarot*, 1988, de Stuart Kaplan, assim como a reprodução das cartas dos arcanos maiores dos baralhos de Court de Gébelin e Oswald Wirth.

As ilustrações constantes nas aberturas das Partes e as seqüências do tarô no Apêndice II são de autoria de Beverly Schroeder, da Schroeder Graphics.

Os leitores descobrirão que há muitos baralhos que podem ser utilizados para a leitura dos símbolos arquetípicos do tarô. Utilizei os arcanos maiores de três baralhos para ilustrar este livro. Os trunfos de Court de Gébelin aparecem nas páginas 59, 68, 74, 79, 85, 90, 100, 107, 114, 120, 215, 222, 232, 241, 248, 258, 267, 274, 283, 290, 298 e 308. Os trunfos do tarô de Oswald Wirth são mostrados nas páginas 64, 72, 77, 83, 88, 97, 103, 112, 118, 124, 219, 228, 238, 245, 254, 263, 271, 279, 287, 295, 305 e 315. No Apêndice II, os trunfos do Tarô Rhenan levam ao exame de cada carta pp. 424-445.



Introdução

O poder da estrutura arquetípica das cartas do tarô nunca deixa de se modificar; o indivíduo sente-se irresistivelmente fascinado pelos seus caminhos e nesse ponto descobre o que cada um está preparado para descobrir. Contudo, não podemos basear-nos no que ocorreu antes porque, em contraste com a alquimia, a gnose e o cabalismo, não temos mais qualquer conhecimento preciso de sua história. Talvez pudéssemos encontrar, bem no início e na fundação dos trunfos, a idéia das correspondências ilustrada por Bernoulli:

> (...) Se você risca um fósforo no escuro, sente a resistência das superfícies, a fricção, o calor gerado pelo atrito, ouve o estalar da madeira, sente o cheiro do enxofre queimando e ao mesmo tempo vê uma luz que se inflama. Mas o que é, na realidade, o riscar do fósforo? É apenas a luz, o cheiro, o estalar ou apenas o calor? Não podemos separar essas coisas. O riscar do fósforo é justamente a manifestação de um acontecimento em campos sensoriais diferentes (...) Nosso exemplo ilustra um ponto essencial: não há maneira de provar que uma dada impressão acústica deva corresponder a uma dada impressão ótica. Essas coisas não podem ser tratadas de forma lógica [*Spiritual disciplines* (*Disciplinas espirituais*), p. 311 do original].

O método de amplificação utilizado na análise junguiana baseia-se na idéia das correspondências. Seu objetivo é proporcionar um entendimento mais profundo de um símbolo, para uma melhor compreensão de seu conteúdo. Quando emergem as imagens do inconsciente coletivo, deve-se ampliar e reforçar os significados dessas imagens por meio de todos os meios conscientes à nossa disposição (Jung, OC 7, par. 122).* As imagens do tarô oferecem uma estrutura, guias e indicadores de uma jornada sob alguns aspectos desconhecida e por esse motivo assustadora. Numa época em que os sistemas de crença que oferecem o

* A abreviatura OC refere-se às *Obras Completas* de C.G. Jung. Para a tradução de trechos das obras de Jung citados nesse livro, utilizamos as traduções feitas pela Editora Vozes, excetuando-se os volumes 18/2, 9/1 e 13 (ainda não publicados) (N. da T.).

significado da vida parecem nos desapontar, qualquer imagem arquetípica que possa proporcionar um sistema organizado pode se tornar um 'receptáculo' para a psique em um mundo que se mostra incerto.

Todas as reminiscências provenientes da mitologia, do folclore, das 'práticas supersticiosas' têm de ser recordadas na medida em que elas, de algum modo, seguem paralelas ao símbolo em mãos. Desse modo, desenvolvemos um estudo comparativo; descobrimos os elementos dos quais o símbolo é formado; averiguamos melhor seu significado original e ao mesmo tempo nos familiarizamos com o mundo do mito rico em imagens que nos auxilia a compreender os significados múltiplos e profundos de nosso símbolo. Por meio dessa elaboração monográfica, adquirimos um *insight* poderoso da rede delicada e significativa da imagem inconsciente (Jung, OC 3, par. 330-331). Até mesmo os sistemas mais individuais não são de todo únicos, mas oferecem analogias surpreendentes e inconfundíveis com outros sistemas. A partir da análise comparativa de vários sistemas pode-se descobrir as formações típicas, e esse paralelo entre outras formações servirá para ampliar a base sobre a qual a construção se funda (Jung, OC 3, par. 413). A partir dessa perspectiva, não parece irracional considerar a alquimia e a cabala como amplificações dos significados das cartas do tarô.

Tarô e cabala: primeiras conexões

Todo mundo acredita que as cartas do tarô surgiram na Europa Ocidental no século XIV. Também existe um consenso no sentido de afirmar que, enquanto o baralho de cartas comum continuava a ser utilizado, os trunfos (os arcanos maiores) praticamente saíram de circulação. Somos gratos ao filósofo francês Antoine Court de Gébelin (1728-1784) por seu 'reaparecimento'. Ele é citado instigando seus leitores com o que se segue:

> Imagine a surpresa que a descoberta de um livro egípcio causaria se fôssemos informados de que uma obra dos antigos egípcios ainda existe em nossa época (...) Esse livro egípcio existe (...) [Ele] é composto de 77 ou 78 páginas ou quadros (...) Em suma, esse livro é o jogo do tarô [Kaplan, *Encyclopedia of Tarot* (*Enciclopédia do Tarô*), vol. 1, p. 13 do original.]

Ao sobreviver ao incêndio da famosa biblioteca de Alexandria, reaparecer em 1781, e quase 250 anos depois despertar um interesse renovado, qual é a mensagem dos arcanos maiores para nós, nestes tempos difíceis? A indagação talvez seja tão oportuna quanto proveitosa.

Será que as imagens dos arcanos maiores representavam lembranças visuais relacionadas a uma tradição oral e será possível que Gébelin, nascido na Provença, tenha descoberto o segredo delas tão bem guardado? Não é impossível imaginar que, numa região em que a cabala floresceu do século XI ao século XIII, uma região que também foi palco de um movimento religioso poderoso no mundo cristão quando a 'heresia' religiosa cátara se espalhou por todo o Languedoc, essa região talvez tenha preservado os mistérios esotéricos secretos e talvez os tenha comunicado a alguns iniciados por meio da transmissão oral tradicional.

Seguindo o 'rastro' do tarô

De acordo com Scholem [*Kabbalah* (*Cabala*), p. 45 do original], ainda não está claro até que ponto houve uma relação entre o aumento repentino no judaísmo e a profunda mudança no cristianismo que encontrou expressão, por exemplo, no movimento cátaro. Praticamente não existe nada em comum entre esses dois movimentos religiosos, exceto, possivelmente, a visão deles quanto à natureza do mal. Contudo, é possível ter havido contatos entre os diferentes grupos, unidos como estavam por um despertar religioso profundo e emocional, que não podem mais ser percebidos. Há algumas evidências de que os judeus da Provença estavam cientes da existência e das crenças dos cátaros já nas primeiras décadas do século XIII.

Poncé propõe que a combinação particular de símbolos emprestada da filosofia grega, da alquimia, do gnosticismo e do cabalismo teria encontrado, no clima intelectual de Alexandria, uma diversidade ideal de culturas e idéias filosóficas. Ele especula ainda que só os judeus teriam executado planos de viagem que correspondiam ao surgimento das cartas do tarô da Espanha para a França e daí para a Itália [*The game of wizards* (*O jogo dos magos*), pp. 156-157 do original]. Caso ele esteja certo, isto explicaria por que Gébelin fez referência aos mistérios egípcios e por que ele não teria precisado da pedra de Roseta para compreender o significado deles.

De forma similar, não parece irracional concordar com a proposição de que as cartas do tarô têm alguma ligação com os ciganos. Quer aceitemos a idéia proposta por Walker [*Secrets of tarot* (*Segredos do tarô*), pp. 3-12 do original] de que os ciganos começaram a emigrar para o oeste vindos da Índia no século IX, trazendo consigo seus livros sagrados, a "Bíblia das Crenças Sagradas", assim como baralhos de cartas, e que, por conseqüência, deveríamos aceitá-los como responsáveis pela disseminação dessas crenças ocultas; quer aceitemos o argumento científico de que os ciganos apareceram na Europa Ocidental somente no século XV e que por esse motivo não podem ser os criadores das cartas, um fato permanece: a proibição pela Igreja causou, efetivamente, o total desaparecimen-

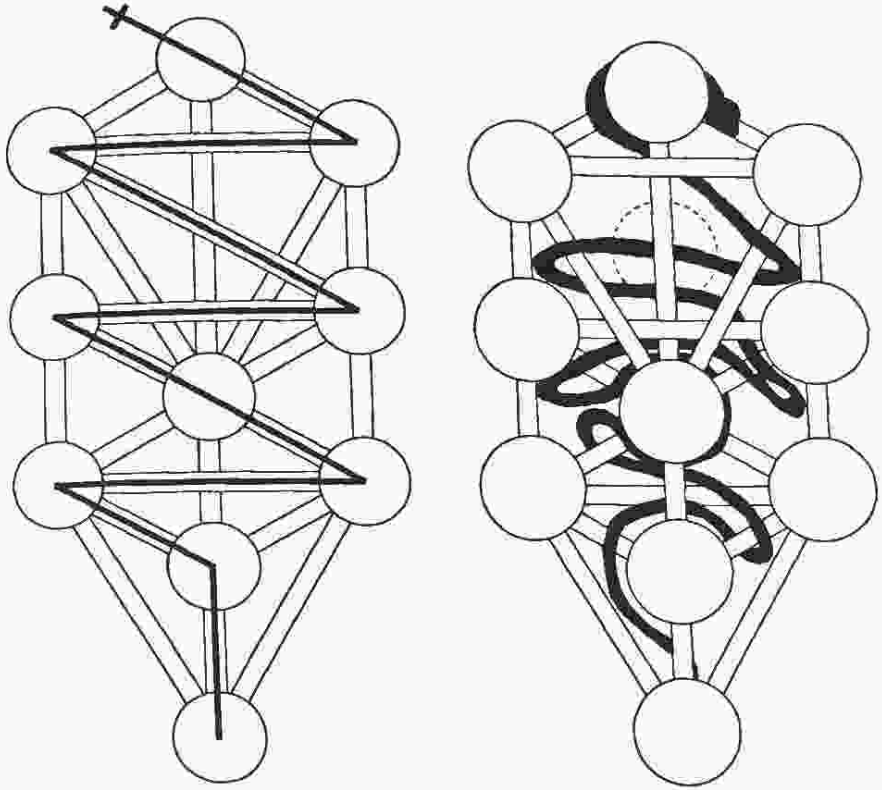
to dos trunfos das cartas em circulação após o século XV. O sul da França, onde cabalistas e cátaros fundaram centros de desenvolvimento, também se tornou, para os ciganos, um tradicional lugar de encontros e reuniões. Até hoje a peregrinação dos ciganos a Saintes-Maries-de-la-Mer é um dos acontecimentos regionais mais conhecidos na região de Camargue. Talvez não seja irracional aceitar que a sobrevivência das crenças místico-religiosas alternativas que as cartas talvez ilustrassem pudesse ter sido garantida pela apresentação delas sob a máscara da tradicional leitura da sorte feita pelos ciganos. Não posso deixar de considerar esse argumento plausível, na medida em que muitos rituais e crenças primitivos sobreviveram em todo o mundo sob 'máscaras' populares, tais como brincadeiras de crianças (ex.: jogo de amarelinha) e superstições (ex.: saudar a lua nova). Também não é por acaso que o Bobo é o único trunfo a subsistir nas cartas de baralho comuns (como o Curinga); o arquétipo trapaceiro garantiu sua própria sobrevivência!

Os arcanos maiores como um guia arquetípico

O ensinamento esotérico do tarô é um conjunto de conhecimentos que se baseia em material revelado oralmente, já que não poderia ter sido comunicado de nenhuma outra forma. Este lida com a área na qual a alma hesita entre corpo e espírito, construindo, dessa maneira, uma ponte entre os mundos interior e exterior. Acredito que o principal tema oculto nos arcanos maiores seja o desenvolvimento gradativo da humanidade. Primeiro retrata nossa base cósmico-espiritual, sua condensação e descida em direção à matéria; depois descreve o que é encontrado no nível individual, à medida que se procede à tentativa de empreender a jornada em direção às alturas a fim de novamente ligar o corpo à alma e ao espírito. Através dos séculos a ordem das cartas talvez tenha mudado, mas, como em alquimia, não importa muito se um anel da cadeia às vezes precede outro.

Qual é a utilização que um junguiano pode fazer dessas cartas? Parece-me que ouvir histórias sobre a 'terra natal' talvez conforte aqueles que se sentem exilados, onde quer que estejam. Estar ciente da harmonia original e de que "assim como no alto será embaixo" talvez encoraje aqueles que estão a ponto de se deixar abater pela falta de esperança. Além do mais, num nível muito prático, com freqüência a razão para o esgotamento psíquico não se dá tanto pela invasão de material inconsciente, mas pelo fato de aquele a quem isso acontece possuir um sistema de valores muito limitado para abranger a experiência. Necessita-se de flexibilidade suficiente, quer mental ou emocional, para adotar uma atitude tolerante e compassiva em relação ao que brota do inconsciente sem ser arrasado por ele. Jung descreve a tão esperada reação:

A análise deve libertar uma experiência que nos empolga ou ataca de cima, uma experiência que possui substância e corpo, tal como aquelas coisas ocorridas aos antigos. Se eu fosse simbolizá-las, escolheria a Anunciação [Von Franz, *Alchemy* (*Alquimia*), p. 269 do original.]



O Relâmpago descendente (*à esq.*) e o Caminho da Serpente ascendente (*à dir.*), quando justapostos, podem ser vistos como o esquema arquetípico e sua imagem-modelo, o plano celestial e seu reflexo nos esforços humanos.

Outra passagem de Jung sugere um significado profundo para duas representações cabalísticas (veja a figura acima) que não haviam sido antes relacionadas:

> Por isso, talvez se justifique psicologicamente que o "nous" dos gnósticos, que caiu sob o domínio da "physis", [assuma] a figura ctônica tenebrosa da serpente (...) A divisão de Deus em divindade e humanidade e o seu retorno a si mesmo no ato sa-

crificial constituem para o homem o ensinamento consolador de que em suas trevas está escondida uma luz que retorna à sua fonte, e mesmo que essa luz *quis* descer até as trevas para libertar o que jazia aprisionado em meio à escuridão e reconduzi-lo à eterna luz (Jung, OC 11, par. 380).

Os arcanos maiores e a Árvore da Vida

No cabalismo luriânico (uma escola do século XVI), ensina-se que contemplar os Sefirot (as dez emanações na Árvore da Vida) com fé e esperança cria movimentos secretos vindos de cima que evocam as luzes interiores de cada atributo celestial e fazem com que elas desçam em direção à alma suplicante, embaixo. Essa percepção da felicidade completa do Infinito exerce uma influência benéfica, e o indivíduo se torna consciente do espírito divino que se encerra na própria alma. Essa revelação é representada pelo Relâmpago descendente (veja a figura à página 23).

Após a revelação da existência do Uno Infinito absoluto, impessoal, disforme, o cabalista esforça-se para restituir sua divindade legítima ao resgatar lentamente o espírito exilado na matéria. Trata-se do lento e doloroso avanço ascendente representado pelo Caminho da Serpente.

Ao Caminho da Serpente freqüentemente se aplica uma afirmação de uma obra cabalística muito respeitada, o "Antigo Comentário":

> Deixe o discípulo apoderar-se da cauda da serpente da sabedoria; depois, tendo ele agarrado com firmeza a cauda, deixe-o segui-la até o centro mais profundo do Salão da Sabedoria (Hoeller, 1980, p. 105 do original).

De acordo com Halevi, talvez seja possível encontrar um 'afloramento' da cabala no desenho das cartas do tarô:

> O aspecto oculto do sistema é o conjunto de trunfos maiores, 22 cartas de baralho desenhadas que se relacionam aos [22] caminhos [numerados de 11 a 32; veja ilustração à página 28] na Árvore e aos estágios da evolução [*Kabbalah* (*Cabala*), p. 79 do original].

Entretanto, ele menciona em outra parte que o fato mais significativo concernente a esses 22 caminhos, que relacionam os dez Sefirot (figura à página 28), é que alguma chave deve ter sido perdida, o que poderia explicar o excesso de diferentes interpretações quanto ao que esses caminhos representam. Embora os Sefirot sejam sempre os mesmos quanto à função, os caminhos não são constantes. Ele afirma ainda que "são iguais aos camaleões, mas com uma coloração

definida, capazes apenas de assumir um determinado leque de variações" [*Introduction to the cabala* (*Introdução à cabala*), p. 97 do original]. Relacionar os arcanos menores com os Sefirot e distribuir os arcanos maiores pelos caminhos, como alguns ocultistas fizeram, nunca fez sentido. Acredito, como Halevi parece acreditar (*Introdução à cabala*, p. 102 do original), que temos razões para especular que a Árvore da Vida é o ponto de referência necessário para complementar o impressionante simbolismo gráfico dos arcanos maiores.

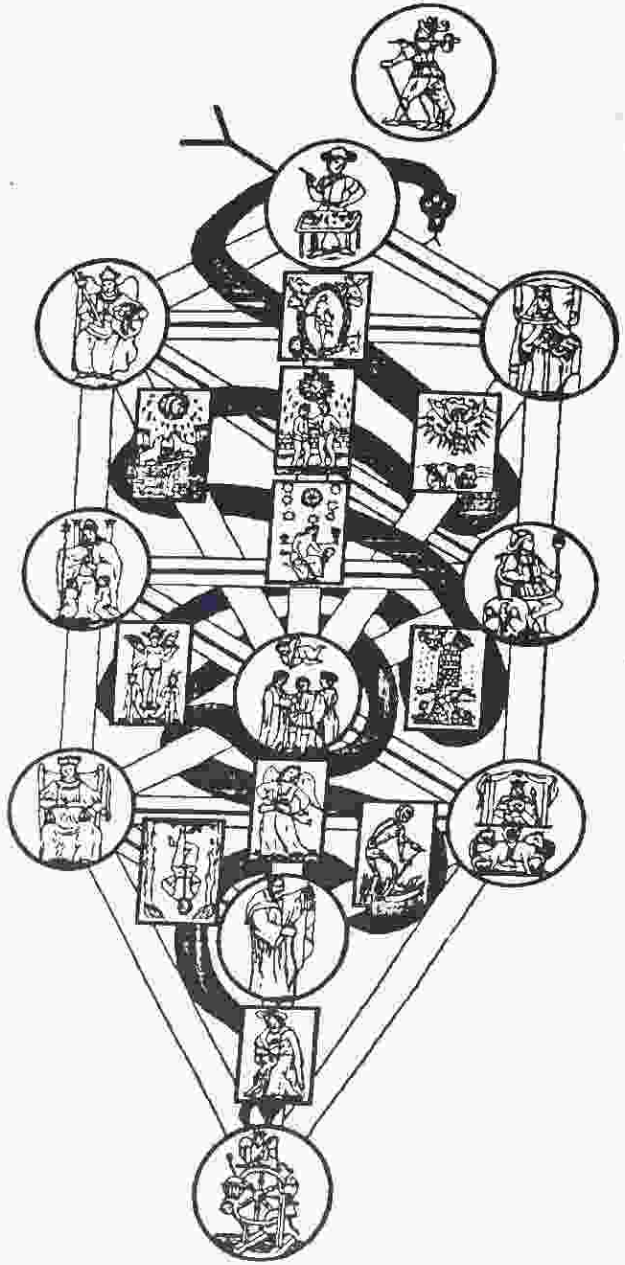
Por esse motivo resolvi ampliar, na Parte I deste livro, o simbolismo dos dez primeiros trunfos com os significados associados aos dez Sefirot e às dez primeiras letras do alfabeto hebraico (correspondências entre as 22 letras hebraicas e as 22 cartas do tarô remontam ao século XIX). Entretanto, em vez de atribuir as 11 cartas seguintes aos caminhos, como na tradição oculta da Golden Dawn, decidi seguir o sinuoso Caminho da Serpente, no qual vejo uma espécie de 'mapa' para o processo de individuação. Da mesma maneira que o místico judeu ao seguir esse caminho esforçava-se para conhecer Deus com seu coração e acreditava que ele pudesse dessa maneira unificar o físico com o espiritual, o processo de individuação nos guia através da noite escura da alma em direção ao reconhecimento da centelha divina interior, estabelecendo, assim, uma ponte entre o Si-Mesmo e o Espírito Eterno. A complexa figura que se apresenta (veja ilustração à página 26) liga a descida da revelação do divino (fornecendo o 'recipiente' espiritual necessário) aos indicadores da difícil jornada ascendente.

A seguinte passagem de Wirth deu-me a tão necessária confirmação da minha dupla abordagem:

> Cada metade do tarô deve ter, como um todo, seu significado geral, que contrasta com o da outra metade (...) Os 11 primeiros arcanos marcam o aperfeiçoamento de um agente essencialmente ativo, senciente e autônomo. Os outros 11, ao contrário, põem em cena um sujeito passivo, desapercebido, sensível ou impulsivo, e destituído de iniciativa (1990, p. 27 do original).

Além das letras hebraicas apropriadas, as cartas de 11 a 21 são amplificadas (na Parte II desse livro) com imagens da alquimia para melhor compreender o processo de individuação que elas retratam. O último trunfo, o Bobo (carta 0), está colocado do lado de fora, exteriormente à Árvore da Vida, no nível do En Sof (veja capítulo "Cabala e tarô"), o Todo Absoluto, infinito e incognoscível. Essa atribuição do Bobo se relaciona com a de Gébelin, que atribuiu o trunfo zero ao En Sof.

Seguindo a tradição cabalística, o Relâmpago traça os princípios da criação do En Sof para a primeira Emanação Divina em Keter (o primeiro Sefirah) à sua extremidade no décimo (último) Sefirot, Malkhut, o ponto mais baixo, mais condensado, encerrado no mundo material. O processo de evolução ou



Os arcanos maiores e a Árvore da Vida. As *figuras circulares* representam os dez primeiros trunfos, colocados nas posições ocupadas pelos Sefirot na Árvore da Vida e conectados pelo Relâmpago. As *figuras retangulares* representam os trunfos de 11 a 21, colocados numa ordem ascendente ao longo do Caminho da Serpente.

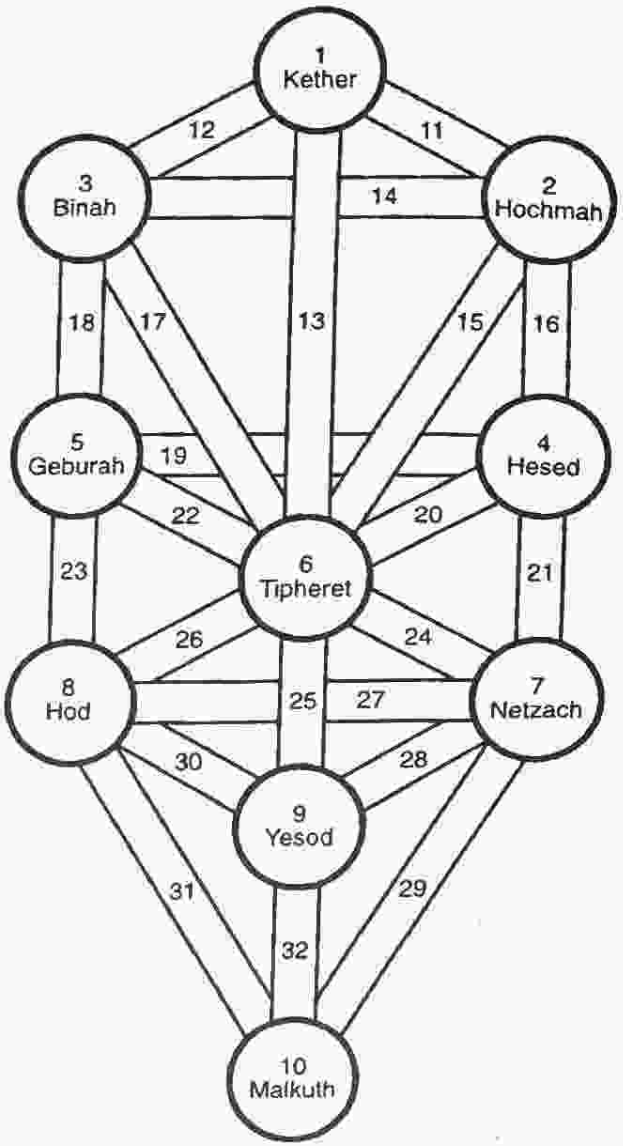
retorno à Luz, em comparação, segue o contrário ao caminho da Serpente. Bias [*The way back* (*O caminho de volta*)] tentou utilizar os 22 caminhos para a volta. Para isso ele teve de avançar ao contrário, iniciando no caminho 32 e terminando no caminho 11. No processo ele associou cada caminho a uma das imagens dos arcanos maiores, mas sem seguir uma seqüência ordenada (pulando da carta II para a XVII e daí para a XV, XVIII, IV, XIV, I, XIX, III, VI, XVI, IX, X, VIII, XIII, VII, V, XI, XXI, XX, XII e 0). Embora ele também utilizasse a imagem do Caminho da Serpente, não consegui uma explicação para as conexões propostas.

Ashcroft-Nowicki [*The shining paths* (*Os caminhos reluzentes*)] também nos apresenta um avanço ascendente pela Árvore da Vida, iniciando, de forma similar, no caminho 32 e terminando no caminho 11. Ela distribui as cartas do tarô pelos caminhos, seguindo a tradição da Golden Dawn, iniciando na carta XXI e terminando na carta 0; no processo ela também inverte a ordem das cartas IV (o Imperador) e XVII [Estrela(s)], assim como as cartas VIII (Justiça) e XI (Força) foram invertidas no baralho Rider. Novamente não encontrei explicação para a discrepância entre os estágios ascendentes e os números descendentes dos caminhos e das cartas do tarô. Supondo que os 22 caminhos sefiróticos comecem em Keter e terminem em Malkhut e dessa forma dupliquem a direção descendente já indicada pelo Relâmpago, é possível que eles se mostrem úteis na descrição do terceiro avanço cabalístico de 'redescida', a Obrigação do Serviço. Na verdade, ao alcançar um determinado ponto da ascensão, o privilégio do receber termina e a terceira e maior fase, a do partilhar, tem início. De acordo com Halevi:

> (...) isto significa não apenas auxiliar aqueles que estão acima ou abaixo, mas envolver-se diretamente com o Trabalho de Unificação — como a Kabbalah é às vezes chamada —, para assim unir em consciência os mundos interno e externo, e os níveis de existência superior e inferior (*O trabalho do kabbalista,** pp. 31-32 do original).

Convencida de que as amplificações simbólicas refletem a continuidade psíquica do significado, Von Franz (*Aurora consurgens*, pp. 154, 191 do original) argumenta de forma convincente que devemos fornecer às pessoas prestes a serem dominadas por conteúdos inconscientes o tanto de conhecimento simbólico que pudermos para preparar o terreno antecipadamente; então, quando a experiência tem lugar, elas estão de posse de uma rede na qual o apanham e o expressam novamente. Parece-me que, em períodos de transição, quando as estruturas de apoio não se sustentam mais nem no nível individual nem no coletivo, necessitamos de guias interiores para substituir os postes indicadores perdi-

* *O trabalho do kabbalista*, de Z'ev ben Shimon Halevi, foi publicado pela Editora Siciliano em 1994 (N. da T.).



Os caminhos de ligação.

dos ou destruídos. A riqueza de nossa dotação arquetípica encontra-se adormecida nas profundezas de nossa psique; e da mesma forma que na astrologia os trânsitos planetários ativam energias relacionadas entre si da carta natal, também os símbolos disparadores podem despertar, de maneira milagrosa, reservas arquetípicas interiores. Acredito que as imagens dos arcanos maiores sejam como símbolos disparadores, aparecendo e desaparecendo através da história em momentos de transição e necessidade.

Uma passagem do livro *The outer planets and their cycles* (*Os planetas exteriores e seus ciclos*), de Greene (p. 221 do original), dá um significado histórico ao jogo de esconde-esconde do qual os trunfos do tarô parecem ter participado. Greene lembra que, em novembro de 1983, Plutão entrou em Escorpião, um trânsito através do seu próprio signo que durará por volta de 18 anos e que ocorre a cada 250 anos. Ao decidir pesquisar os movimentos históricos ocorridos durante as várias vezes em que Plutão esteve em Escorpião no passado, ela descobriu que tanto em 1240 quanto em 1490 novas idéias filosóficas começaram a se infiltrar no mundo ocidental. Em 1240, isto incluía o florescimento do cabalismo, do gnosticismo e da heresia cátara, seguida da Cruzada para derrotá-la. Em 1490, deu-se o nascimento da Renascença florentina, a redescoberta do manuscrito alquímico *Corpus hermeticus* e o interesse renovado pela cabala, pelo gnosticismo e pelo tarô. Essas idéias transformaram algumas das estruturas da sociedade que até então pareciam imutáveis. Esse espírito revolucionário retornou 250 anos mais tarde, durante o trânsito seguinte de Plutão, e coincidiu com as idéias de reformas sociais dos 'enciclopedistas', que foram muito importantes na elaboração de uma nova ordem social que encontrou expressão na Revolução Francesa. Essa foi também a época em que Gébelin, em seu livro *Mundo primitivo* (publicado em 1781) se referiu, de forma intrigante, às cartas do tarô da seguinte maneira:

> Se (...) ainda existisse nos dias de hoje uma obra dos antigos egípcios, um livro salvo das chamas que consumiram suas bibliotecas magníficas e que continha a pureza de seus ensinamentos (...) [Todos] (...) ficariam ansiosos para conhecer um livro tão precioso e extraordinário; (...) a surpresa das pessoas aumentaria quando (...) afirmássemos que ninguém nunca suspeitou que esse livro fosse egípcio, (...) e que os frutos da infinita sabedoria eram vistos como uma série de figuras fantásticas, sem o menor significado (...) Não obstante, a verdade é que esse livro egípcio, tudo o que restou de suas bibliotecas magníficas, ainda existe nos dias de hoje [Innes, *The tarot* (*O tarô*), p. 7 do original].

No geral a suposição de Gébelin foi desconsiderada pelo fato de a pedra de Roseta ter sido descoberta apenas em 1799, de modo que mesmo que ele estivesse de posse de tal livro, não teria sido capaz de decifrá-lo. No entanto, dada a informação oculta da qual ele muito provavelmente fosse conhecedor, esta 'rejeição' é injustificada.

Estou ciente de que, ao apresentar outro livro sobre o tarô, não só tomo a liberdade de relacionar as imagens do tarô à alquimia e ao processo junguiano da individuação, mas ouso também entrar no discutido campo da polêmica a respeito da relação entre a cabala e o tarô. Algumas pessoas considerarão as relações que propus difíceis de serem aceitas. Por exemplo, ao confrontar este livro os eruditos cabalistas provavelmente manterão a postura tão claramente defendida por Scholem:

> Os vários livros escritos sobre a cabala nos séculos XIX e XX por vários teosofistas e místicos carecem de conhecimento básico e muito raramente procedem a algum tipo de contribuição para o assunto. Similarmente, as atividades de ocultistas franceses e ingleses não contribuíram em nada e apenas serviram para criar uma confusão considerável entre os ensinamentos da cabala e as suas próprias invenções totalmente desconexas, tal como a pretensa origem cabalística das cartas do tarô. A essa categoria pertencem os muito e amplamente lidos livros de Eliphas Levi (na verdade Alphonse Louis Constant, 1810-1875), Papus (Gerard Encausse, 1868-1916) e Aleister Crowley (1875-1946), todos eles apresentando um conhecimento diminuto da cabala que não os impediu de recorrer voluntariamente à imaginação como um substituto. Por outro lado, os amplos trabalhos de A.E. Waite mostraram-se, no essencial, compilações um tanto confusas feitas a partir de fontes indiretas (*Cabala*, p. 203 do original).

Além disso, há poucas chances de que minhas prerrogativas sejam aceitas por praticantes ocultistas. Basta ler com muita atenção a primeira parte do segundo volume do *Practical guide to qabalistic symbolism* (*Guia prático para o simbolismo cabalístico*), de Knight, para compreender que a atitude básica dos ocultistas é ser "sectário, seleto e hipócrita". Knight prossegue:

> De qualquer maneira, além da validade da observação de Oswald Wirth ("Um símbolo sempre pode ser estudado a partir de um número infinito de pontos de vista; e todo pensador tem o direito de descobrir no símbolo um novo significado que corresponda à lógica de suas próprias concepções"), há também a possibilidade de podermos estar todos errados — a julgar pelas últimas declarações de A.E. Waite sobre o assunto em *The holy kabbalah* (*A cabala sagrada*), 1929: "O pretenso simbolismo do tarô (...) torna-se desordenado se existe qualquer dúvida quanto à atribuição de seus trunfos ao alfabeto hebraico (...) Posso ir mais longe e afirmar que a natureza verdadeira do simbolismo do tarô é talvez um segredo nas mãos de muito poucas pessoas, sendo que operadores e escritores podem combinar as cartas como apreciam, mas nunca descobrirão a maneira correta (p. 231 do original)".

Em 1989, no simpósio "Novas idéias a respeito do tarô", ocorrido em Newcastle, ficou evidente que os obstáculos que vinham separando as três principais tendências no tarô (isto é, exploração da tradição esotérica, leituras e meditação das imagens como ferramentas para a cura, e desenvolvimento de novos

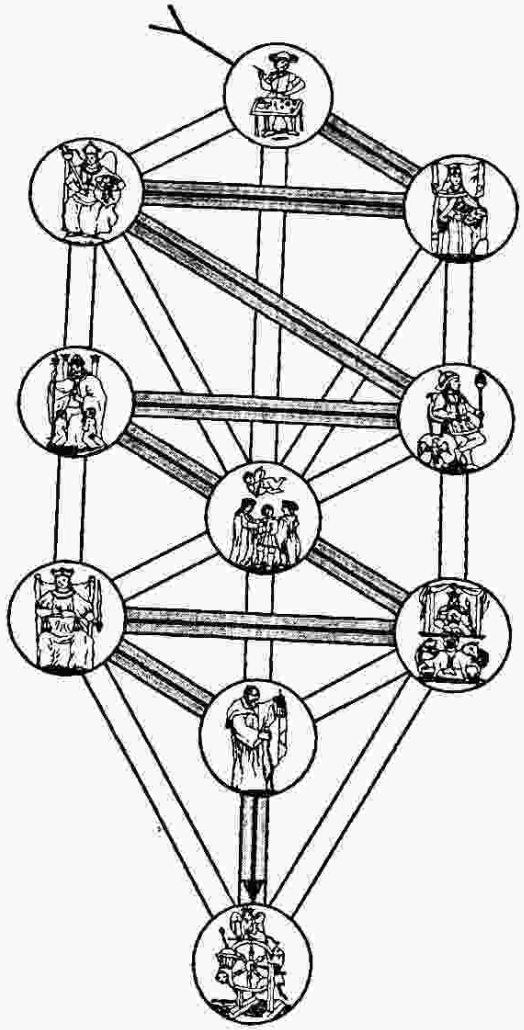
baralhos) já não são mais tão definidos nem tão intransponíveis como no passado. O simpósio enfatizou que a imagem do tarô auxilia o usuário a se abrir visando novos níveis de consciência e realçou a importância de acreditar nas próprias imagens, sem necessariamente adotar as concepções originais da tradição esotérica (p. 5). Uma vez que essa nova postura vem de experts que escolheram o tarô "...como uma ferramenta para auxiliar a eles mesmos e os outros na autoconsciência, no enfrentamento de desafios, na descoberta do propósito e do significado nas experiências da vida e no propiciamento de mudanças de acordo com uma visão de totalidade (p. 7)...", ouso acrescentar minha própria contribuição à deles.

Durante a Idade Média, imagens milagrosas da Virgem freqüentemente eram motivo de grandes peregrinações. Uma vez, durante uma peregrinação, conta-se um fato estranho: após um longo dia de freqüentes cultos na igreja e uma série de atividades na feira que ocorria no lado de fora, os peregrinos se retiraram, exaustos. Na luz indistinta da igreja, um monge apagava as últimas velas crepitantes quando, subitamente, alertou-se ao ouvir um ruído repentino vindo de perto da imagem. Escondendo-se atrás dos sucessivos pilares, o monge avançou furtivamente em direção à imagem, assustando-se ainda mais ao ver, na parede, sombras gesticulando de forma suspeita. Agarrando um castiçal como se fosse uma arma contra o que parecia ser um criminoso, ele alcançou o oratório com grande apreensão e deparou-se com o que, para ele, representava uma cena chocante. Ali, em frente à Virgem Santíssima, havia um malabarista, praticamente um mendigo, descalço e maltrapilho, fazendo malabarismos com suas bolas coloridas, exatamente como fizera durante o dia, apresentando-se para todas as pessoas simples presentes à feira. Para o monge aquilo representou a pior das profanações, algo muito difícil de ser tolerado. Agarrou o pecador pelo pescoço e arrastou-o pela igreja, levando-o à presença do prior. O prior, com voz suave e olhar gentil, perguntou: "O que estava fazendo, meu filho?" O pobre malabarista replicou: "Não sei nenhuma prece; não tenho dinheiro. A única coisa que tenho a oferecer é minha habilidade como malabarista. Achei que a Virgem Santíssima se alegraria com minha oferenda".

Espero que o leitor aceite a minha.

Parte I

O Relâmpago



Cabala e tarô

> Às vezes, mesmo os conhecedores do assunto mostram-se mais ignorantes a respeito da sua verdadeira natureza do que aqueles que mantiveram um contato superficial com ele (Halevi, *Cabala*, p. 24 do original).

O tarô põe ao nosso alcance as imagens da cabala e, ao mesmo tempo, a cabala amplia as imagens do tarô. Em parte, o 'enriquecimento' cabalístico das dez primeiras imagens parece acionar o pano de fundo arquetípico e nos oferece um contexto espiritual. Este capítulo atenta para a apresentação de um resumo das idéias mais importantes da cabala a fim de relacioná-la à imagem do tarô e verificar onde e como elas podem se entrecruzar.

O surgimento da cabala

A tendência dominante da tradição judaica clássica era se concentrar na pureza da idéia monoteísta de Deus, venerado de forma abstrata, o que contrastava nitidamente com as religiões da natureza dos povos circundantes, e rejeitar quaisquer imagens ou símbolos bem como o mundo mítico no qual estes poderiam ter aparecido. Da mesma forma, isto provocou um 'esvaziamento' do conceito de Deus. A pureza foi salva à custa da vivacidade e da união. O que faz com que Deus viva para aquele que crê é precisamente aquilo que liga o divino à alma humana, e a primeira casualidade do processo que tenta purificar o conceito de Deus é o símbolo religioso existente. É contra essa 'desmistificação' rígida e intelectual que o movimento cabalístico surge.

Cabala, com o significado de tradição (especificamente, tradição esotérica), é o termo mais comumente utilizado para o conjunto de idéias expresso no judaísmo que surgiu por volta do século XII. A cabala é composta de uma multiplicidade de sistemas e semi-sistemas de aspectos complexos, freqüentemente paradoxais e contraditórios, e parece ter surgido no sul da França proveniente de fontes ocultas que se originaram muito provavelmente no leste. O movimento

cabalístico apareceu na mesma região e na mesma época como uma reação similar contra a austeridade do dogma cristão expressa no neomaniqueísmo da heresia cátara (Scholem, "Kabbala und Mythus", p. 291 do original).

A cabala contém o conhecimento do Absoluto projetado sobre o domínio da criação; retrata como a multiplicidade se desenvolve da unidade. Considera o mundo não como algo criado, mas como uma emanação visualizada como um raio de luz ou como um relâmpago (veja a figura 1).

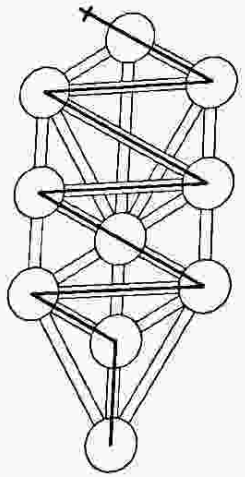


Figura 1. Relâmpago na Árvore da Vida.

As crenças cabalísticas são expressas na Árvore da Vida com seus dez Sefirot (o plural de Sefirah, significando cifra ou número) e as 22 letras relacionadas do alfabeto hebraico com seus valores numéricos. Os Sefirot são atributos, ferramentas ou 'receptáculos' de Deus. Eles também podem ser definidos em termos de experiência humana, dado que todo ser humano é criado à imagem de Deus. Não se trata de uma idéia abstrata, mas se refere às formas de vida essenciais e à sabedoria permanente que elas contêm. Essas esferas (os Sefirot) são as raízes de todas as polaridades; são também os estágios da ascensão espiritual. A cada uma delas o cabalista designava uma letra hebraica como a chave para as experiências contidas. Cada Sefirah não só revela determinadas energias, mas também influencia a direção do fluxo delas, que pode ser dirigido para cima e para baixo. Além das manifestações conhecidas por nós, há muitas outras manifestações possíveis, e da Árvore da Vida muitas outras Árvores da Vida podem se desenvolver.

Há dois movimentos: um deles se concentra na cabala prática; o outro, na cabala teórica. A cabala teórica atribui às letras e aos números o total conhecimento das forças ocultas no mundo. Trata-se de um ensinamento sobre a emanação divina, que se esforça para compreender as relações existentes entre o mundo e o Absoluto. A cabala prática procede à ação; ela tenta influenciar e modificar circunstâncias e propõe que isso seja obtido através das permutações dos nomes de Deus; cada nome é composto de letras, e as letras correspondem aos números. A cabala, assim, ensina o emprego específico das letras hebraicas. Algumas peculiaridades da escrita hebraica permitem que o indivíduo lide com elas e obtenha de um texto original uma nova forma e um novo significado.

TABELA 1. LETRAS HEBRAICAS, SEU SIGNIFICADO E ATRIBUIÇÕES ASTROLÓGICAS.[1]

Número	Letra	Nome	Categoria	Significado do Nome	Elemento, Planeta, Signo
1	א	Aleph	Mãe	Boi	Ar
2	ב	Beth	Dupla	Casa	Mercúrio
3	ג	Gimel	Dupla	Camelo	Lua
4	ד	Daleth	Dupla	Porta	Vênus
5	ה	Heh	Simples	Janela	Áries
6	ו	Vav	Simples	Gancho, Prego	Touro
7	ז	Zayin	Simples	Arma, Espada	Gêmeos
8	ח	Chet	Simples	Cerca, Cercado	Câncer
9	ט	Tet	Simples	Serpente	Leão
10	י	Yod	Simples	Mão	Virgem
11	כ	Kaph	Dupla	Palma da Mão	Júpiter
12	ל	Lamed	Simples	Aguilhão	Libra
13	מ	Mem	Mãe	Água	Água
14	נ	Nun	Simples	Peixe	Escorpião
15	ס	Samech	Simples	Apoio, Estaca	Sagitário
16	ע	Ayin	Simples	Olho	Capricórnio
17	פ	Peh	Dupla	Boca	Marte
18	צ	Tsade	Simples	Anzol	Aquário
19	ק	Koof	Simples	Parte Posterior da Cabeça	Peixes
20	ר	Resh	Dupla	Cabeça	Sol
21	ש	Shin	Mãe	Dente	Fogo
22	ת	Tov	Dupla	Sinal da cruz	Saturno

1. Modificada de Bias, p. XVIII, e Knight, vol. 2, "Índice dos caminhos".

As letras têm duplo significado: como números e como designações de um ser místico projetado sobre a criação. Elas são um modelo para os fenômenos incontáveis, aparentemente desconexos, que pertencem ao 'corpo único' do divino. O alfabeto hebraico era assim utilizado pelos cabalistas como uma técnica para atingir um profundo conhecimento de Deus, da humanidade e do mundo.

Uma vez que a antiga língua hebraica não possuía vogais no seu texto escrito, os leitores dos textos sagrados tiveram de introduzir vogais onde julgaram apropriado. Disso resultou uma grande confusão e, por volta de 600-800 d.C., determinados sinais foram introduzidos em lugares específicos de vogais em particular a fim de assegurar que os textos sagrados permanecessem uniformes. Todavia, métodos diferentes de inserir as vogais foram desenvolvidos, e alguns, mantidos secretos pelos indivíduos iniciados na doutrina esotérica, não eram revelados ao restante da população.

As letras, a categoria e os números associados do alfabeto hebraico são mostrados na tabela 1 à página 37. Também são indicados o significado e as atribuições astrológicas de cada letra. Observe que a antiga astrologia hebraica não utilizava o elemento terra. Os leitores deverão observar também que os planetas descobertos recentemente (Urano, Netuno, Plutão) não eram conhecidos.

As letras

Na tradição cabalística, as letras hebraicas apresentam determinadas correspondências e a elas são atribuídos determinados valores básicos: *mãe, dupla* e *simples*. Três letras são designadas letras-mães. Diz-se que estas derivam da letra Yod (número 10). Eis as letras: Aleph, o Começo (número 1); Mem, o Meio (número 13); e Shin, o Fim (número 21 ou o abrangente 0). Veja a figura 2 à página 39. Essas três letras penetram em tudo e governam tudo. (Na verdade, o número 3 está contido no grupo das três letras-mães, no grupo das 7 [3 + 4] letras duplas e no grupo das 12 [3 x 4] letras simples; o número 3 pode, por esse motivo, ser designado também como *mãe*.) As *letras-mães* estão ligadas aos elementos e símbolos alquímicos. Veja a tabela 2.

TABELA 2. LETRAS-MÃES, ELEMENTOS E SUBSTÂNCIAS ALQUÍMICAS.[2]

Número	Letra	Elemento	Substância Alquímica
1	Aleph	Ar	Mercúrio
13	Mem	Água	Sal
21 ou 0	Shin	Fogo	Enxofre

2. Modificada de Kaplan: *Classical tarot* (*Tarô clássico*), p. 55 do original.

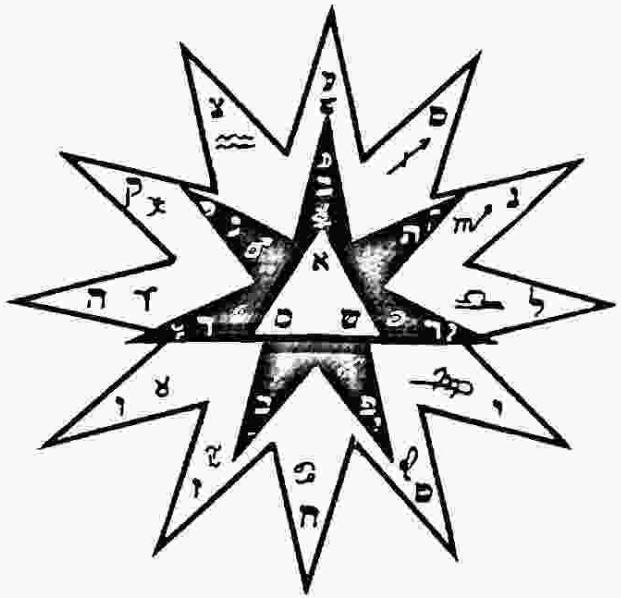


Figura 2. Letras hebraicas, planetas e os signos do zodíaco.

Sete letras, ao acaso espalhadas, são designadas *letras duplas* devido à sua dupla (dura e branda) pronúncia. (Veja a tabela 3 à página 40.) Elas estão ligadas aos sete planetas e seus metais básicos correspondentes. (Outros sistemas as relacionaram aos sete chakras ou aos sete dias da semana.)

Por fim, as 12 letras restantes são designadas *simples*. (Veja a tabela 4 à página 40.) Elas seguem uma seqüência precisa que tem sido relacionada por alguns ao zodíaco e seus 12 signos.

Entre o último período bíblico e o período pós-Templo (do séc. VI a.C. ao séc. VI d.C.), os místicos judeus sofreram muita influência das culturas que os cercavam. Exteriormente a isso, houve um amálgama de sistemas metafísicos. Na figura 3 (à página 40), o nome de Deus e as letras hebraicas estão relacionados aos conceitos grego e babilônico dos princípios que regem o universo. No centro está o Tetragrammaton, YHVH, disposto na forma da Tetractys de Pitágoras (1 + 2 + 3 + 4 = 10) e marcado nos cantos pelas três letras-mães, de ar, água e fogo. Os círculos mostram as 19 letras restantes do alfabeto hebraico ordenadas para que correspondam aos 7 planetas e aos 12 signos zodiacais (Halevi, *Cabala*, p. 66 do original).

TABELA 3. LETRAS DUPLAS E CORRESPONDÊNCIAS.[3]

Número	Letra	Planeta	Metal
2	Beth	Mercúrio	Mercúrio
3	Gimel	Lua	Prata
4	Daleth	Vênus	Cobre
11	Kaph	Júpiter	Estanho
17	Peh	Marte	Ferro
20	Resh	Sol	Ouro
22 ou 21	Tov	Saturno	Chumbo

3. Extraída de Kaplan: *Tarô clássico*, p. 55 do original.

TABELA 4. LETRAS SIMPLES E CORRESPONDÊNCIAS.[4]

Número	Letra	Signo	Número	Letra	Signo
5	Heh	Áries	12	Lamed	Libra
6	Vav	Touro	14	Nun	Escorpião
7	Zayin	Gêmeos	15	Samech	Sagitário
8	Chet	Câncer	16	Ayin	Capricórnio
9	Tet	Leão	18	Tsade	Aquário
10	Yod	Virgem	19	Koof	Peixes

4. Extraída de Kaplan: *Tarô clássico*, p. 55 do original.

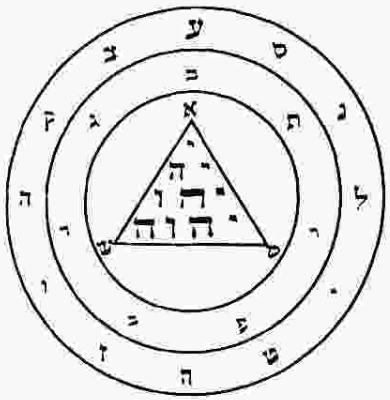


Figura 3. *Tetragrammaton* como *Tetractys* e letras hebraicas. (Extraída do livro *Cabala*, de Halevi, p. 66 do original.)

O conceito geral por trás dessas atribuições é que cada letra representa três categorias: uma letra, um número e uma idéia. Cada letra, cada palavra e, como veremos, cada carta do tarô mostram-se dotadas, desse modo, de um poder relacionado às forças universais que representam. Caso o indivíduo aprenda a alinhar essas forças criativas, estará apto para influenciar o universo.

A emanação

Deus não tem um nome definido antes que Ele se torne manifesto nos Sefirot. É apenas à medida que Deus surge do nada inominável que Ele se torna designável e então pode ser mencionado; portanto o nome é o mensageiro do ser essencial, e o conhecimento do nome concede, àquele que conhece, poderes mágicos e secretos.

Na cabala, o transcendente é designado Ain (En). Em hebraico, Ain significa Coisa Alguma porque Deus está além da existência. (Em *O poder do mito*, p. 62 do original em inglês, Joseph Campbell afirma que Deus se encontra além de todas as categorias, mesmo as de existência/não-existência). En não está nem acima nem abaixo, não é movimento nem tranqüilidade. O Todo Absoluto é chamado En Sof, que significa infinitude, o atributo de Deus que está em todo lugar. En Sof é a totalidade do que é e não é, o Deus imanente. É infinito, desprovido de forma e de substância. Para os cabalistas, En Sof significa *causa primeira*, o ilimitado e o indefinível (veja a figura 4 à página 42).

A vontade primeira é chamada En Sof Aur. Trata-se da sabedoria absoluta na qual pensamento, pensador e pensado são um. E isso permanece imutável mesmo quando se torna a origem da multiplicidade, do movimento e da mudança.

Esses três aspectos, isto é, En, En Sof e En Sof Aur, estão acima da Árvore da Vida, além de Keter, a coroa, através da qual o criador se manifesta. Aqui, acima da Árvore da Vida, jaz o imanifesto da a existência negativa, o espaço liminar entre Deus e a criação. O Vazio é a base fixa de toda existência. Espelho dos espelhos, esta não-interferência negativa possibilita o mais perfeito reflexo da criação.

A luz ilimitada, ou En Sof Aur, que penetra tudo, está mais próxima do nosso universo relativo. O próximo véu é a infinitude, ou En Sof, o primeiro passo em direção à manifestação, o ponto no qual o vazio final, En, começa a ser focalizado do ilimitado ao limitado. Mais adiante do En Sof Aur há o Absoluto, e, adiante deste, o Vazio. Esses três estágios descrevem a condensação, a cristalização do Ser que penetra Tudo, o ponto no centro de uma esfera sem circunferência que está em todo lugar e em parte alguma e que contém tudo. Jung cita Angelus Silesius, que expressa o fato da seguinte forma: "Deus é o meu centro, se o envolvo em mim: é então minha circunferência, quando nele me diluo por amor" (Jung, OC 14, par. 284).

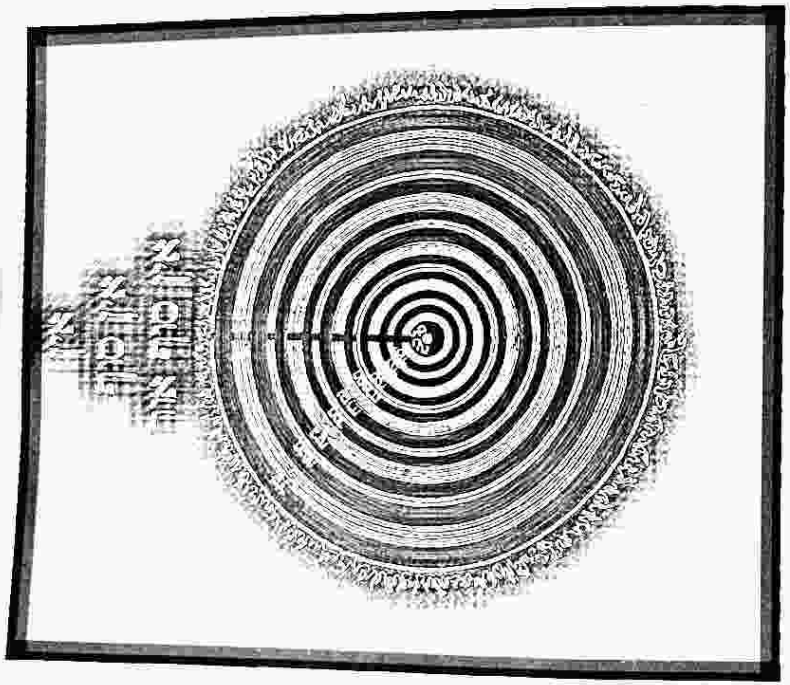


Figura 4. A primeira manifestação. O En e o En Sof do Nada Absoluto e do Todo Absoluto se comprometem a deixar um vazio no qual a Vontade Divina manifesta dez Atributos Divinos. A Vontade (En Sof Aur) é visualizada como um feixe luminoso seguindo para o interior, proveniente da periferia da Luz Eterna, para suscitar, criar forma e proceder à manifestação inicial do Divino (Halevi, *Cabala, pp. 6, 38 do original*).

O ponto que inclui tudo é chamado de Primeira Coroa, o primeiro nome de Deus, o EU SOU. Todas as possibilidades estão incluídas nisso. A existência negativa é a mais difícil de ser percebida. É aquela que é e não é. Nela o Absoluto está separado da sua criação, embora esteja constantemente presente dentro dela.

Os Sefirot e a Árvore da Vida

Contrastando com as coisas finitas, o Absoluto é infinito, além do espaço e do tempo, provocado e determinado por nada mais do que ele próprio. Sua essência pode ser definida apenas por negativas, tais como 'irreconhecível' ou 'inconcebível', porque a humanidade não pode imaginar o aspecto mais elevado do Divino.

Esse nível mais elevado da Divindade não pode ligar-se diretamente ao mundo. É por isso que Deus criou os Sefirot como ferramentas. Esses dez Sefirot devem ser concebidos como origem ativa, como *logos*. Eles são os mediadores através dos quais a humanidade pode ver Deus, até certo ponto, como através de um véu ou "através de um espelho, confusamente"* (Primeira Epístola aos Coríntios, 13,12). Nosso mundo material pode ser apenas um reflexo de um mundo original.

Os dez Sefirot representam os princípios básicos de tudo que é contado, medido e pesado. Partindo da perspectiva da relação entre Deus e o mundo, os Sefirot apresentam os dez estágios na Árvore da Vida através dos quais Deus procede à descida em direção à humanidade e através dos quais a humanidade procede à ascensão visando o divino.

Os Sefirot também têm sido mostrados como círculos concêntricos em outra disposição, na qual a emanação central está cercada por dez esferas concêntricas, com o poder de emanação diminuindo à medida que se distancia do centro (veja a figura 4 à página 42). Consistem em essência, substância e inteligência; procedem à mediação entre criação e a causa original que retratam e contêm. São ao mesmo tempo finitos e infinitos: finitos com relação ao Absoluto, e infinitos com relação ao criado.

As diferenças entre os Sefirot residem no grau em que esses atributos são manifestados. Dependendo da perspectiva da qual os percebemos, os Sefirot são definidos como: as dez ordens das almas e espíritos; os dez nomes dos dez atributos de Deus; os dez aspectos pelos quais a essência de Deus é revelada, as dez formas que a essência adquire, os dez graus proféticos aos quais essas formas e essa essência são comunicadas. No êxtase contemplativo, eles são os dez caminhos da glória; em cosmologia, são as dez palavras através das quais Deus tem criado e animado tudo. Os dez Sefirot são como corpos com uma alma que é de substância

* As citações bíblicas seguem a tradução da *Bíblia Sagrada*, 21ª edição, publicada pela Editora Ave Maria (N. da T.).

divina. Como princípios de coisas criadas, formam Adão Kadmon, o Homem Primordial, a imagem mística de Deus, a personalidade unitária simbólica.

Para compreender a cabala, o indivíduo tem de contemplar os Sefirot por completo porque, sem essas chaves, não pode entender a Árvore da Vida. O indivíduo deve entender também o significado de cada Sefirah no nível humano; a imagem divina deve transparecer através dos conceitos humanos. Os Sefirot são considerados emanações, e não criações, porque o emanado não pode ser separado do princípio de sua origem. A Árvore da Vida é um diagrama que representa de forma objetiva os princípios em funcionamento no universo. (Veja a figura 5.) Ela indica o fluxo de forças e os legítimos caminhos de interação desde o divino até o mundo inferior. Partindo da perspectiva humana, o inacessível se revela em aspectos definíveis; da perspectiva do En Sof, trata-se do 'derramamento' do fluxo da vida. Na cabala, a reconciliação dos opostos em suas sínteses, a totalidade, é projetada sobre a esfera do divino no domínio sefirótico, e não sobre a escuridão da matéria, como em alquimia.

Partindo da perspectiva humana, o desenvolvimento da consciência fora do inconsciente parece automático. Parece um 'espelhamento' simbólico do desenvolvimento da sabedoria e do conhecimento divinos, um acontecimento simultâneo nos domínios humano e divino. O universo paira entre dois pólos: o Tudo e o Nada; ambos podem se tornar pontos de entrada ou saída do Absoluto. O Absoluto não tem contato direto com a criação; ampara-a como o silêncio por trás de cada som. Sem esta realidade negativa nada poderia existir, da mesma forma que a sombra não poderia existir sem a luz. O véu da existência negativa situa-se entre os universos absoluto e relativo. O universo absoluto encontra-se além da eternidade; é intemporal, desprovido de forma ou substância. O universo relativo é a manifestação da criação, o desenvolvimento do impulso divino na flor e no fruto, apenas para morrer, retornar à sua fonte e depois renascer.

A estrutura da Árvore da Vida baseia-se na emanação da Primeira Coroa. Adiante de Keter não há nenhuma imagem; transforma-se no infinito e às vezes é identificada com ele. Após o impulso original do Criativo, dá-se uma seqüência que começa com o primeiro Sefirah, passando pelos oito Sefirot seguintes e convergindo até o último. Essa progressão é denominada Kav, ou o Relâmpago. Iniciando em Keter (a Coroa), o primeiro Sefirah, segue em direção à Hokhmah (sabedoria), o segundo Sefirah; no alto da coluna ativa, manifesta-se como potência dinâmica, atravessando até Binah (entendimento), o terceiro Sefirah, no topo da coluna passiva. As colunas ativa e passiva também são chamadas de os pilares da misericórdia e da severidade, respectivamente.

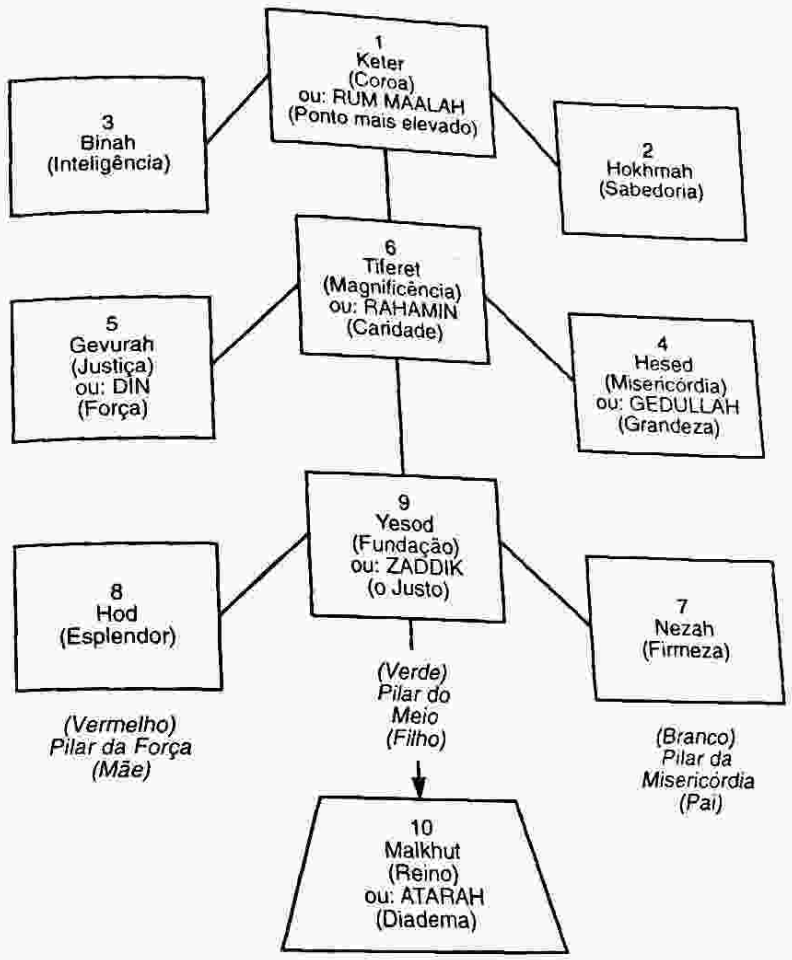


Figura 5. Os Sefirot e a Árvore da Vida.

Após deixar Binah para trás, o Relâmpago toca um ponto abaixo da Coroa, Ruah al Kodesh, o não-Sefirah Daat. Daat é também denominado abismo. Isso se dá por ser ele o ponto de entrada e saída da existência manifesta daquilo que está acima. É o espaço através do qual as influências superiores têm ligação direta com os sete Sefirot da construção (como são conhecidos) abaixo, e um lugar onde o que quer que esteja situado abaixo pode entrar em contato com o que se encontra no alto (Halevi, *O trabalho do kabbalista*, p. 9 do original). O fluxo da emanação cruza então o pilar central do equilíbrio e alcança o quarto

Sefirah, Hesed (misericórdia ou bondade). A força que tinha então retornado ao pilar ativo assume sua qualidade expansiva antes de seguir até o quinto Sefirah, Gevurah (julgamento). Então a força é testada, equilibrada e ajustada antes de alcançar Tiferet (beleza), o sexto Sefirah, no pilar central, um ponto de equilíbrio, a síntese de forma e energia, existência, criatividade e preservação. Tiferet encontra-se em relação direta com a Coroa através do pilar central. Somente o Sefirah não-manifesto Daat (conhecimento) separa Tiferet, o espelho de Keter num nível mais inferior, do seu objetivo. A seguir, a emanação alcança o sétimo Sefirah ativo, Nezah (eternidade ou tolerância); nesse ponto a qualidade ativa é renovada, mantendo dessa forma o nível de energia. Novamente a emanação atravessa até o oitavo Sefirah passivo, Hod (reverberação). Daqui a emanação alcança o pilar central em Yesod (fundação), o nono Sefirah. Diretamente abaixo de Yesod no pilar central está o décimo Sefirah, Malkhut (reino). Nesse Sefirah todas as energias passivas e ativas são reunidas e condensadas. Essa manifestação da criação, o Relâmpago (flechas), é retratada na figura 6.

A imagem que isso evoca é a de uma vela acesa no meio de dez espelhos, colocados um dentro do outro, cada um de uma cor diferente. A luz da vela é refletida diferentemente em cada um dos dez espelhos, embora seja a mesma luz. Os Sefirot têm sido considerados como reflexos, como poderes divinos, ou como vasos, receptáculos. Místicos os descreveram como mãos, rostos ou trajes com os quais Deus se veste para que a humanidade tenha a possibilidade de contemplar sua luz, pois sem eles estaria cega. Ao olhar para um traje, o indivíduo pode contemplar progressivamente o próximo, o seguinte, e dessa forma os Sefirot servem como degraus da escada da ascensão em direção à percepção de Deus. Há um consenso geral de que nos Sefirot são vistos atributos divinos, emanações da vontade de Deus desde o início dos tempos até que, no final dos tempos, eles retornarão ao vazio.

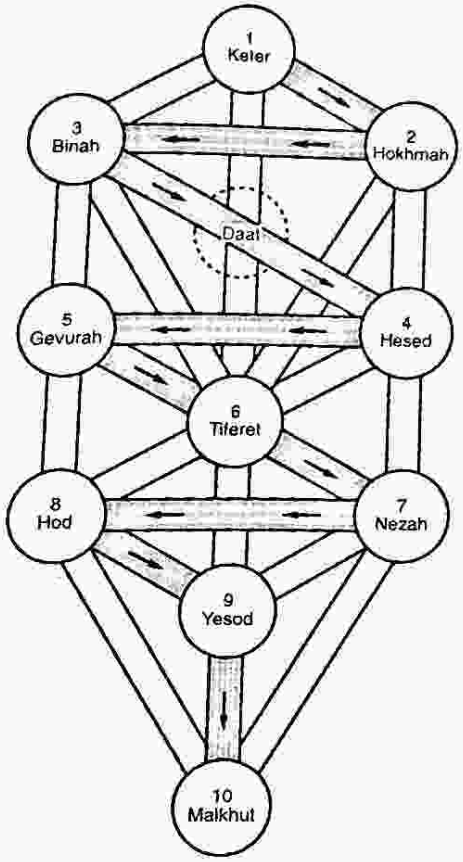


Figura 6. O Relâmpago e os Sefirot na Árvore da Vida.

Os Quatro Mundos

Da mesma maneira que em nosso mundo físico há quatro elementos, isto é, fogo, ar, água e terra, também existem quatro níveis correspondentes dentro do universo relativo. Esses quatro níveis formam uma cadeia de densidade progressiva e estão sujeitos a um crescente número de leis e restrições à medida que se distanciam da fonte de emanação.

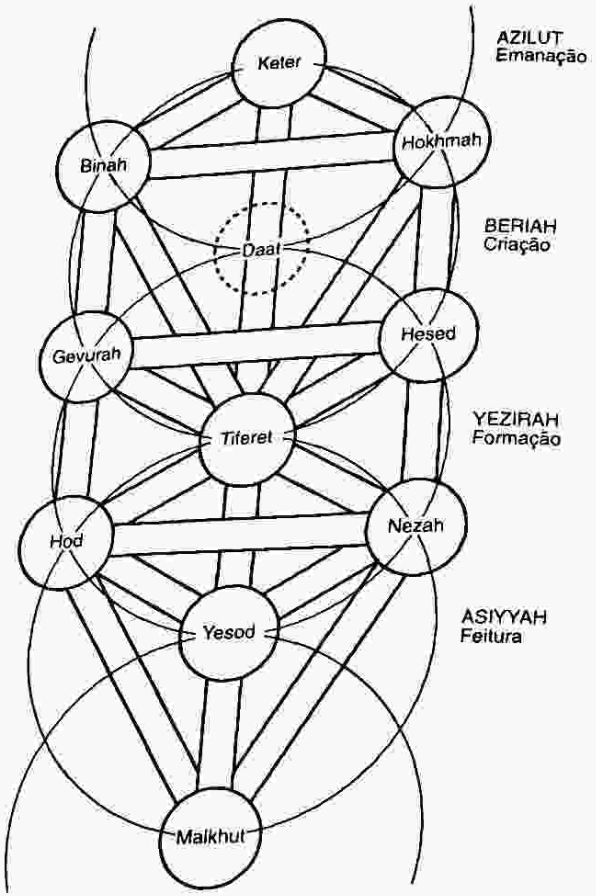


Figura 7. Os Quatro Mundos e a Árvore da Vida. (Modificada de Halevi: *O caminho da kabbalah*, p. 33 do original.)

Cada nível é um espelho mais opaco do que o precedente; em nosso mundo a imagem é tão indistinta que freqüentemente podemos enxergar apenas a superfície. Tradicionalmente, esses quatro níveis são: Azilut, Beriah, Yezirah e Asiyyah. (Veja a figura 7.) Azilut é o mundo da primeira emanação, o mundo arquetípico em seu aspecto dinâmico. O fogo concebido em Azilut surge como o ar em Beriah, o mundo da criação, e depois como um mundo aquoso da forma, em Yezirah, do qual emerge o quarto, o mundo terroso da ação Asiyyah. Na Árvore da Vida, os quatro níveis elementares são representados por quatro demarcações

horizontais. Keter, Hokhmah e Binah formam o triângulo superior, Azilut. O retângulo superior, Beriah, é formado por Hokhmah, Binah, Gevurah e Hesed; o retângulo inferior, Yezirah, é formado por Hesed, Gevurah, Nezah e Hod; Tiferet encontra-se no centro. Asiyyah, o triângulo inferior, é constituído por Nezah, Hod e Malkhut, com Yesod no centro. (Veja a figura 8.)

Para o ser humano, os quatro mundos correspondem a diferentes níveis de existência. O triângulo inferior é o corpo físico; o retângulo inferior corresponde ao nível do sentimento; o retângulo superior corresponde ao nível do pensa-

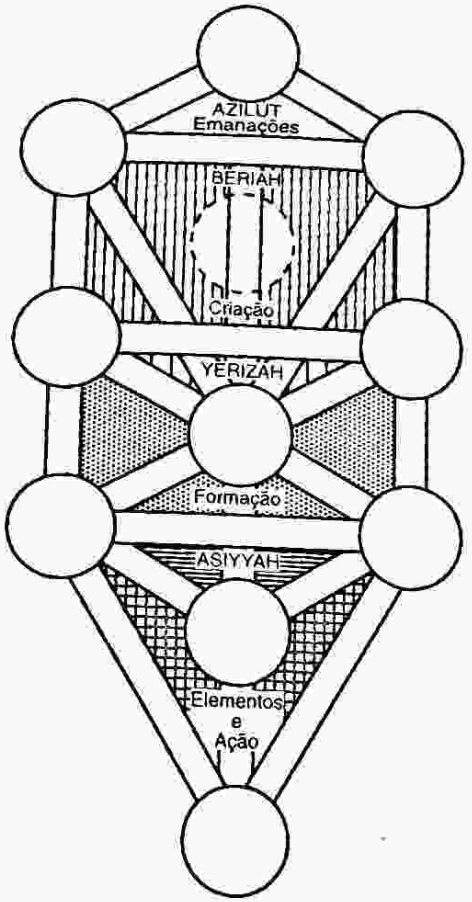


Figura 8. Os Quatro Mundos.

mento; e o triângulo superior corresponde ao nível do espírito. Cada nível contém energias e propriedades do nível precedente.

Azilut é o mundo arquetípico da idéia e do espírito puros, da vontade pura, e do aspecto dinâmico dos atributos divinos, o chamado. É formado pelos três primeiros Sefirot, isto é, Keter, Hokhmah e Binah, também conhecidos como supernais.

Em Azilut a substância do divino, a emanação, é inseparável do seu princípio original. Segue o mundo de Beriah. É o mundo das esferas divinas associado ao ar como um símbolo do intelecto divino. Representa as manifestações da atribuição divina que colocam em funcionamento os processos designados. Nesse nível os conceitos ainda não estão visíveis e várias possibilidades permanecem viáveis. Beriah, o mundo da criação, é manifestação através da concepção a partir da união de Binah, a mãe das mães, com Hokhmah, o pai dos pais. Binah, o trono, o mar, o imóvel, águas originais carregando o potencial da vida, é fertilizado pelo pneuma, o ar espermático.

O mundo de Yezirah, como o reino das formas, está mais próximo do nosso entendimento. Aqui se dá o processo criativo fluido. Este é o lugar em que figuras vêm e vão, aparecem e desaparecem, e este é o nível em que o informe adquire forma. Hesed e Gevurah refletem Hokhmah e Binah num nível inferior; eles governam a criação e a destruição. Encontram equilíbrio e síntese em Tiferet, o nível superior que pode ser alcançado pelos homens comuns.

O nível mais baixo, Asiyyah, está ligado à terra e é expresso na ação, a ferramenta do sentimento. Asiyyah é o mundo em que vivemos. Aqui o impulso criativo do mundo de Beriah se manifesta. Asiyyah, o mundo da substância e da ação, retrata as mesmas forças no nível do instinto, dos sentidos e da paixão. Hod representa a força negativa que se expressa em reações e sujeições que se opõem ao fluxo e à troca naturais. Nezah é a esfera da expansão, inteligência e consciosidade associada à terra. É também a esfera dos ciclos instintivos e da preocupação com a dor e o prazer. Yesod é a fundação do ego, ao passo que Malkhut é visto como o corpo elementar e físico.

Os quatro mundos penetram toda a existência. São retratados de várias formas — como círculos, como salões, como jardins, como Adão Kadmon —, mas nenhuma imagem pode apreender a realidade deles. Podem ser vistos como círculos concêntricos nos quais Azilut está na periferia e Asiyyah no centro, rodeados por uma luz infinita. Em seguida há os véus da existência negativa contidos no Absoluto; dentro dos círculos concêntricos, a escuridão aumenta.

Os cabalistas também imaginavam um arranjo de espelhamento negativo designado Kellippot. Trata-se do mundo das forças destrutivas demoníacas criado pela distorção, pelo desequilíbrio e pela atrofia. Elas têm correspondências em todos os níveis do universo, mas estão desalinhadas da evolução e do desenvolvimento. Tornam-se manifestas tanto através da hiperatividade quanto da hiper-resistência. No último caso, seu símbolo é as conchas, que indicam através

da sua imobilidade o impedimento do fluxo e a separação do organismo vivo. As situações 'kellippóticas' mostram estagnação no processo evolucionário no qual o desequilíbrio entre pólos opostos de energia cria fixação ou uma regressão à dependência primitiva. Um distúrbio na interação natural dos Sefirot pode gerar tal desequilíbrio; quando permanente, cria situações desastrosas: em larga escala, explodem as guerras mundiais; num nível individual, ocorre a loucura ou a possessão. Surgem como um infortúnio, mas sua tarefa cósmica é revelar a área na qual o trabalho está incompleto.

Sefirot e tarô

É possível que o tarô contenha a sabedoria da cabala, os ensinamentos místicos secretos dos hebreus. Os 22 arcanos maiores do tarô correspondem às 22 letras do alfabeto hebraico e aos seus respectivos números. (Veja a tabela 5 à página 52 das atribuições das letras hebraicas aos arcanos maiores.) Essas ligações tornam-se evidentes quando nos concentramos no seu simbolismo prático. Na verdade, ambos os sistemas referem-se à idéia da descida do espírito criativo em estágios progressivos desde a emanação até a fixação na matéria, e ao conceito de que, a partir de uma unidade original, o indivíduo alcança — por meio da divisão e da multiplicação — o círculo ilimitado que contém o Todo. Ambos os sistemas também se relacionam com os ensinamentos contidos na alquimia e na astrologia, incluindo a relação existente entre planetas, signos do zodíaco, número, cores e formas. Eles contêm uma gnose, isto é, um conhecimento profundo da revelação divina transmitido pela tradição.

A relação entre a cabala e o tarô mostra-se evidente não só nas analogias imagem-letra, mas também na idéia da emanação das forças criativas descendo através dos dez Sefirot, desde o espírito até a matéria em níveis progressivamente mais densos. Aos Sefirot também foram atribuídos os números de 1 a 10. Se considerarmos que os dez Sefirot e as dez primeiras cartas dos arcanos maiores lidam com o mesmo conceito, então a carta XI representaria um ponto crucial, quase como a superfície de um espelho no qual se vê o reflexo da seqüência dos dez primeiros. Aqui seria o início do mundo fenomenal no qual as forças criativas encontram sua expressão. A décima segunda carta espelharia o próprio ponto crucial (na realidade, representa uma inversão, visto que sua imagem é o Enforcado). A última carta é o Bobo (vista de baixo, é a primeira); espelharia o Um/Uno, o Início.

TABELA 5. ATRIBUIÇÕES DAS LETRAS HEBRAICAS AOS ARCANOS MAIORES.

Hebraico		Levi, Papus e Wirth	Waite
Aleph	א	I O Mago ou Prestidigitador	0 O Bobo
Beth	ב	II A Papisa	I O Mago
Gimel	ג	III A Imperatriz	II A Grande Sacerdotisa
Daleth	ד	IV O Imperador	III A Imperatriz
Heh	ה	V O Papa	IV O Imperador
Vav	ו	VI Vício e Virtude ou Os Amantes	V O Hierofante
Zayin	ז	VII O Carro	VI Os Amantes
Chet	ח	VIII Justiça	VII O Carro
Tet	ט	IX O Eremita	VIII Fortaleza ou Força
Yod	י	X A Roda da Fortuna	IX O Eremita
Kaph	כ	XI Força	X A Roda da Fortuna
Lamed	ל	XII O Enforcado	XI Justiça
Mem	מ	XIII Morte	XII O Enforcado
Nun	נ	XIV Temperança	XIII Morte
Samech	ס	XV O Diabo	XIV Temperança
Ayin	ע	XVI A Torre	XV O Diabo
Peh	פ	XVII A Estrela	XVI A Torre
Tsade	צ	XVIII A Lua	XVII A Estrela
Koof	ק	XIX O Sol	XVIII A Lua
Resh	ר	XX Julgamento	XIX O Sol
Shin	ש	0 O Bobo	XX Julgamento
Tov	ת	XXI O Universo ou O Mundo	XXI O Universo ou O Mundo

5. As letras do alfabeto hebraico são mostradas com suas atribuições de acordo com Levi, Papus e Wirth, em comparação com as de Waite (Kaplan, *Tarô clássico*, p. 63 do original).

As 22 partes do universo criado são constituídas pelos elementos primordiais ar, água e fogo, mais os 7 planetas conhecidos dos antigos, e os 12 signos do zodíaco. Cada uma dessas 22 partes está relacionada a uma letra correspondente

do alfabeto hebraico. Isso faz de cada letra um símbolo poderoso que se relaciona a um sistema já estabelecido (elemento, planeta, signo). De acordo com LeMieux (1985, p.12 do original), o antigo alfabeto é certamente a chave básica para o tarô.

As verdades divinas das escrituras hebraicas expressas nas 22 letras foram utilizadas tanto no seu sentido fonético quanto no seu simbolismo numerológico. O desenvolvimento gradual do mundo vindo do nada é mostrado pela tétrade e héxade fundamentais.

> No princípio não havia nada além do Espírito Santo comandando tudo e sendo representado pelo número 1 da tétrade. Subseqüentemente, todo o universo originou-se em emanações graduais e sucessivas — o ar, o número 2, que emana do espírito; a água, o número 3, se origina do ar; e o éter ou fogo, o número 4, emanado da água (Kaplan, 1972, p. 53 do original).

Os elementos da héxade (que segue a tétrade) representam a altura, a profundidade e os quatro pontos cardeais. O centro da héxade contém o Templo Sagrado, que sustenta o todo. Se considerássemos os arcanos maiores nesse contexto, reconheceríamos os quatro primeiros formando um *quaternio*, seguidos pelos seis trunfos seguintes, com a Força no centro sustentando de forma apropriada o todo, como vemos na figura 9 abaixo.

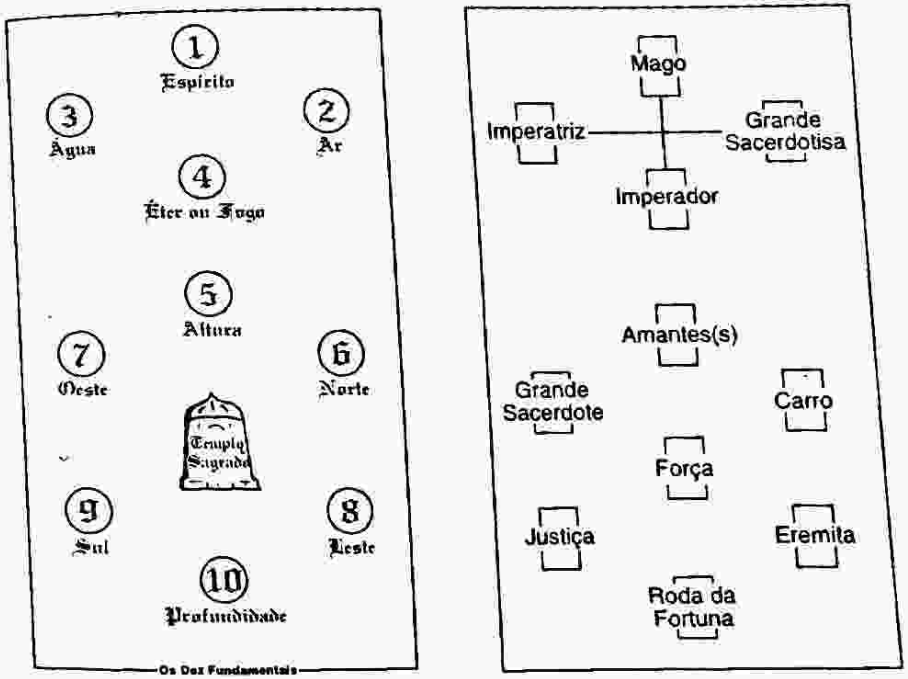


Figura 9. Os dez fundamentais e os onze primeiros trunfos.

Keter, a Coroa, é o Sefirah da origem, do qual emergem todos os outros. Abrange o passado, o presente e o futuro. É a primeira emanação e o retorno, o nome de Deus: EU SOU AQUELE QUE SOU. Todas as forças dinâmicas e leis permanecem imóveis no tempo e no espaço até que a revelação dos ciclos cósmicos se inicie. A Coroa é, assim, também chamada de *espera*. Com esse Sefirah, a revelação do mistério divino tem início; no entanto, essa luz permanece ao mesmo tempo nas trevas. Não podemos imaginá-lo porque isso toca o ilimitado. A luz e a escuridão intercambiáveis são representadas pela letra Aleph como símbolo do veículo físico. No tarô é a carta I, o Mago, a letra Aleph, o número 1.

O raio de luz que emana de Keter e que pode ser comparado ao relâmpago torna-se manifesto no segundo Sefirah, Hokhmah. Esse é o ponto além de todas as categorias de tempo e espaço que atrai e rejeita formas; é sabedoria, intelecto introvertido ativo, revelação. É pensamento criativo, *logos*, o mediador, a palavra, conhecimento, o cérebro. Hokhmah modela o início das coisas e é identificado na gnose com a Sophia. No tarô é a carta II, a Grande Sacerdotisa, a letra Beth, o número 2.

Daqui em diante a Vontade Divina se manifesta no mundo. Isso corresponde ao terceiro Sefirah, Binah, o intelecto com sua capacidade passiva, de reflexão. Representa razão diferencial, tradição, pensamento direcionado, espaço oportuno. É a imersão dos conteúdos inconscientes na consciência, a essência. Binah é a capacidade de compreender através da reflexão. É o receptáculo da sabedoria e também negação assim como a capacidade de diferenciar entre a limitação e a condição expressivas e inexpressivas. No tarô é a carta III, a Imperatriz, a letra Gimel, o número 3.

Essas três supernais formam o plano do universo, pensamento criativo, a tríade superior da Árvore da Vida, que retrata potenciais essenciais de reconhecimento, o domínio da razão. Esses Sefirot pertencem à esfera do divino; fala-se deles somente com muito respeito, receio e apreensão.

O Relâmpago toca agora o quarto Sefirah, Hesed, misericórdia, sentimento interior ativo, amor, vida, grandeza, poder, a alma masculina. Trata-se da tendência para a piedade e o perdão que abranda a austeridade e a disciplina do próximo Sefirah. No tarô é a carta IV, o Imperador, a letra Daleth, o número 4.

Em seguida o Relâmpago toca o quinto Sefirah, Gevurah, a justiça. Este é o princípio passivo do julgamento severo, dureza de decisão, punição, severidade, dever, moralidade, disciplina. Quando abrandado, pode mostrar tolerância e generosidade; quando irrestrito, é possível que se torne a origem do mal. No tarô é a carta V, o Grande Sacerdote, a letra Heh, o número 5.

Agora a Luz brilha em Tiferet, o sexto Sefirah central, o coração da Árvore da Vida, beleza em relação a todos os outros Sefirot. Tiferet com Hesed e Gevurah formam a tríade da alma divina; com Hokhmah e Binah formam a tríade do espírito divino. As forças originais da vida da alma, Hesed (piedade, misericórdia) e Gevurah (julgamento), às quais estão subordinados os detalhes

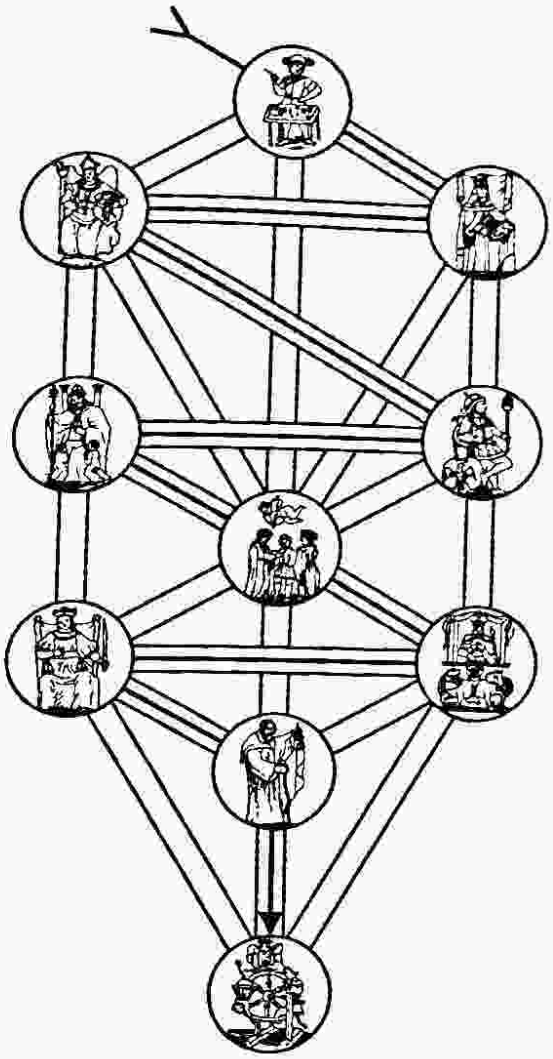


Figura 10. O Relâmpago, a Árvore da Vida e os dez primeiros trunfos.

da existência, são conciliadas por Tiferet, a esfera na qual o amor pode atuar sem se dissolver. No tarô é a carta VI, o Amante (a decisão), a letra Vav, o número 6.

Na segunda tríade, o que até agora era disforme adquire forma: Hesed e Gevurah refletem Hokhmah e Binah num plano inferior; governam a criação e a destruição; encontram sua síntese em Tiferet. Tiferet é o Si-mesmo que observa o Todo, o anjo que zela pelo resultado do conflito entre a vontade divina e a humana.

Abaixo de Tiferet o Relâmpago se manifesta em dois atributos complementares: um ativo, expresso no sétimo Sefirah, Nezah (eternidade), e um passivo, no oitavo Sefirah, Hod (reverberação). Tradicionalmente eles têm sido denominados vitória e glória; no entanto, eternidade e reverberação (ou reflexão) correspondem melhor a suas raízes. Quando relacionados aos seres humanos, correspondem aos processos ativos vitais (Nezah) ou ao reconhecimento passivo e controle (Hod), ambos coordenando princípios que controlam o movimento e o progresso.

Nezah é a esfera do pensamento, da inteligência, da compreensão, da reação considerada, ou do inventado e do artificial. Hod representa a força negativa que se expressa no fluxo e na mudança, em reações irrefletidas, o conflito entre o forçado e o natural. No tarô são: a carta VII, o Carro, a letra Zayin, o número 7; e a carta VIII, a Justiça, a letra Chet, o número 8.

No pilar do equilíbrio, o Relâmpago enfrenta em seguida o nono Sefirat, Yesod (fundação), que reúne todas as energias precedentes. O primeiro de seus atributos é a geração; outras Árvores da Vida desenvolvem-se daí. No Sefirah Yesod, a coleta e o fluxo estão ligados. Essa é a esfera da lua, de suas constantes flutuações compreendidas, todavia, num sistema coerente. Se olhamos para a Árvore da Vida como um diagrama do corpo humano, Yesod corresponde aos genitais. Diz-se que Yesod é a torneira das 'águas elevadas', a ligação entre a energia vital e o indivíduo; psicologicamente, é a esfera da consciência humana. Além disso, Yesod, colocado diretamente embaixo de Tiferet, reflete uma imagem na imagem, um espelho no espelho. Esse 'espelhamento' exige pureza, e, por essa razão, o Zadek, o Justo, está representado em Yesod; assim, a idéia de abstinência sexual pode remontar a essa necessidade de pureza. Em nós esse Sefirah surge como o ego que projeta a persona; quando purificado pode espelhar o Si-mesmo. A maioria de nossas percepções e ações intencionais liga-se a esse Sefirah, a fundação, base, energia latente germinativa. No tarô é a carta IX, o Eremita, a letra Tet, o número 9.

A terceira tríade é dinâmica. Refere-se à realização e, assim, à personificação. Está associada à água como a expressão do sentimento que se manifesta nas formas mutantes. A tripla tríade da Árvore da Vida é condensada em um Sefirah, Malkhut (o reino), a presença de Deus na matéria.

Malkhut é o mundo material, o corpo e o cérebro de um ser humano, mas ao mesmo tempo é também o 'reino de Deus', a síntese de todos os Sefirot. Freqüentemente Malkhut é chamado de Shekhinah inferior, o lado feminino de Deus, a Rainha do Céu, filha e noiva, exilada na matéria. O desejo e o interesse da cabala é reunir a Shekhinah a Deus. Malkhut é o portão através do qual o ser humano começa a subir; aqui está o primeiro degrau da escada da ascensão espiritual. Da mesma forma que a Coroa contém a semente de toda a árvore, a árvore surge condensada no reino. No tarô é a carta X, a Roda da Fortuna, a letra Yod, o número 10. No mundo manifesto, o mundo superior torna-se visível

porque Malkhut é Keter, espírito na matéria. É permitido aos seres humanos desenvolverem-se e apurarem-se até que vejam o mundo superior e o modo como as substâncias e energias que ele contém penetram seus corpos.

A Árvore da Vida é como uma célula germinativa que se dividiu em dez segmentos. Esses dez Sefirot, através dos quais flui a Emanação Divina, estão ligados por caminhos em uma rede complexa que liga cada Sefirah a todos os outros Sefirot. As letras e números indicando os caminhos esclarecem a propriedade e a prática dos caminhos. A lei fundamental dos caminhos demonstra a unidade deles, embora apareça sob múltiplos aspectos. As variadas interpretações dos caminhos feitas por escolas cabalísticas diferentes podem se dever ao fato de que alguma chave significativa do conhecimento esotérico pode ter sido perdida. Os caminhos não são tão permanentes quanto os Sefirot. De acordo com sua natureza, dependem de ambos os Sefirot que eles ligam. (Veja a figura 11.) São carregados com energia negativa ou positiva proveniente desses pólos e podem também adotar a característica da tríade. Os caminhos mostram o fluxo de forças descendo do divino até o mundo mais inferior, com todas as legítimas interações. Algumas escolas esotéricas atribuíram as cartas do tarô aos caminhos (Kaplan, 1972, p. 58 do original).

A Árvore da Vida é quádrupla: raízes, tronco, galhos e fruto; também é vontade, espírito, coração e amor pelo divino. É um jardim regado quando Yesod a preenche. Em nós é a personificação, a combinação dos quatro elementos e a interação deles que nos mantêm vivos; é a quintessência dos elementos. A Árvore é um microcosmo e, em sua essência, uma imagem verdadeira do macrocosmo. Devido a essa similaridade, podemos ter uma compreensão clara dos princípios paralelos dos universos interior e exterior.

Os capítulos que se seguem exploram as dez primeiras cartas do tarô e as correspondências com a cabala e a alquimia, além de suas atribuições astrológicas. A interpretação oferecida reflete a disposição delas na progressão descendente representada pelo Relâmpago.

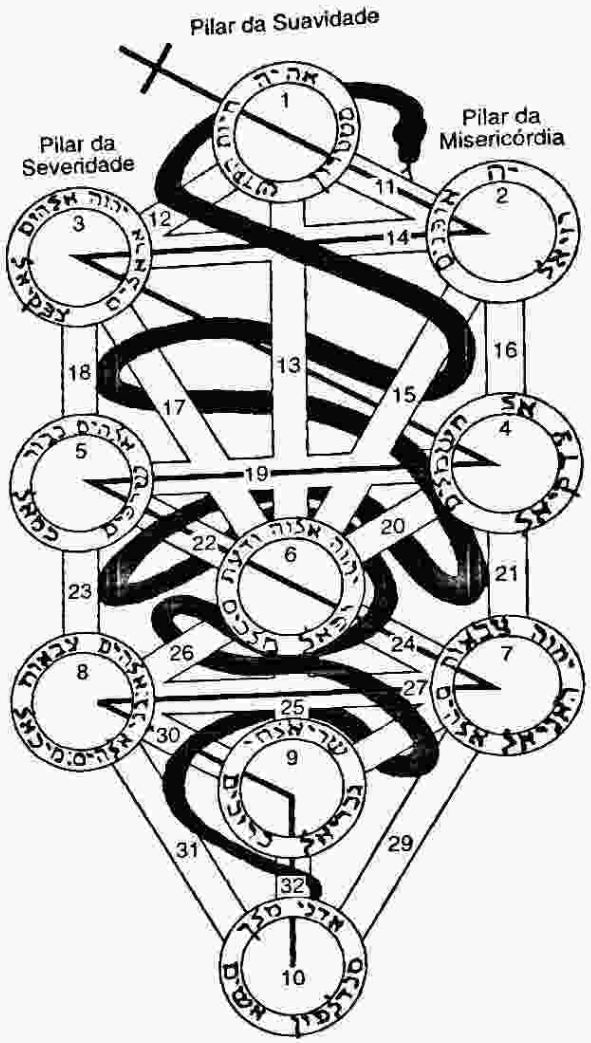


Figura 11. O Relâmpago, o Caminho da Serpente, a Árvore da Vida e os 32 caminhos. (Modificada de Bias, *O caminho de volta*, p. 28 do original.)

א

I
O Mago

A letra hebraica Aleph significa sopro de vida, unidade, estabilidade, poder. O primeiro Sefirah na Árvore da Vida é Keter, a Coroa. Os seres humanos carregam dentro de si possibilidades incontáveis que podem ser moldadas por uma vontade de empenhar-se em direção a níveis mais altos de desenvolvimento, visando atingir a meta final: o retorno à Unidade original. Nesse processo, o mundo é modificado.

A figura do Mago nos faz lembrar um hermafrodita, auto-suficiente e que se autofertiliza. Sua figura evoca a letra Aleph (seus braços estão dispostos no formato da letra, que algumas pessoas interpretam como a representação de um falo e dois testículos), a Unidade, a integração e conexão do bem e do mal, plano superior e inferior. O Aleph atinge a totalidade no Mago, o pensamento criativo do Altíssimo. É o princípio da emanação, o início e o ponto de não-retorno. Sua imagem também representa Adão Kadmon, o homem primordial, em quem Deus insuflou seu sopro divino. Mediadas por ele, pela acuidade de seu pensamento, as forças criativas podem se tornar ativas no mundo temporal. Sua materialidade faz com que os procedimentos no plano manifesto tornem-se possíveis. Como senhor da natureza, ele deve reconhecer e compreender as leis estabelecidas por Deus e zelar pela sua aplicação. Possui seu próprio mundo, restrito e reduzido pelos limites a ele impostos, porém, sendo a imagem de Deus, é sua obrigação encarregar-se do desenvolvimento das leis divinas. Quando essas leis são seguidas, os dois pólos de qualquer energia se complementam e alcançam a unidade na dualidade. Quando são desrespeitadas, nasce o conflito e surge a oposição. Essa oposição constela a escuridão, a origem de toda experiência fenomenológica.

O Mago representa as forças que se manifestam no ciclo legítimo do mundo das aparências; isto é, revelação/limite/regressão, vida e morte. Ele é o princípio do pensamento, o sopro de vida que anima e dirige todas as forças e ainda assim é envolvido por elas. Em seu aspecto negativo, ele representa a destruição ocasionada pelo desrespeito à lei universal.

O Mago é o objetivo concentrado; da multiplicidade destaca-se a unidade. Ele é o ponto central: existência articulada por este ponto central, unido e organizado. Como o coração, é o órgão do conhecimento intuitivo e agudo que transcende e ilumina todas as outras propriedades da alma. Ligado ao sopro, torna-se ativo; e, combinado com a centelha do espírito, torna-se semente. Essa semente é a substância imanente a todas as formas psíquicas e intelectuais. Envolve qualidades tais como a vitalidade, a inteligência etc., todos esses reconhecimentos espirituais adquiridos durante a vida, mas que perduram após a morte. Contém vestígios inatos, prontidão para reagir, imagens, toda a continuidade verdadeira da individualidade. A semente é lançada no universo; o reino da forma é ativado. Os indivíduos têm agora a capacidade de se sentir como pontos centrais.

O número 1 surge do inumerável, o ponto material: 1 x 1 = 1; 1 + 1 = 1. O número 1 representa o indivisível, sendo, portanto, o centro eterno, uma unidade que não pode ser compreendida pelos homens porque tudo que é passível de ser percebido é múltiplo e, por conseqüência, divisível. É a coincidência de liberdade absoluta e determinação absoluta em um, a identidade da verdade absoluta com a existência incondicional e imperturbável. É também a identidade na unidade do intelecto e da sensibilidade, da lentidão e, ao mesmo tempo, da espontaneidade do conhecimento humano.

Porque, como já dissemos, Adão Kadmon representa o Homem Primordial, a idéia de Deus sobre o ser humano, o modelo que Ele usou quando criou a humanidade, a ponte de ligação e o mediador entre o micro e o macrocosmo.

Temas, associações, correspondências

O Mago denota consciência, sopro de vida, intuição, atenção, o pai e princípio de tudo. Ele significa a abrangência absoluta de todas as possibilidades, os arquétipos. Também envolve a humanidade capaz de influenciar a ordem natural. Além disso, o Mago simboliza a unidade como um princípio de ação, a Palavra. Ele é o homem em sua representação de ser supremo no universo relativo, a relação entre o Si-mesmo e o ego.

O ideograma para esta carta é

Amplificação astrológica: tradicionalmente, o elemento ar foi atribuído ao Mago, porque o ar está associado à letra hebraica Aleph. O ar era visto como o intermediário entre o céu e a terra, a alma ou pneuma quente, "a pura e verdadeira substância de Deus", e que causava no homem o "entusiasmo" — literalmente, inspiração de Deus (Von Franz, *Aurora consurgens*, p. 291 do original). O consenso geral parece ser que a conexão mais apropriada do Mago é

com o planeta Mercúrio, embora tenham sido feitas outras correlações com o elemento fogo, com o Sol e com Áries ou Leão. Enquanto tanto o ar quanto Mercúrio parecem corresponder à energia que se percebe nessa carta (o ar porque é o símbolo do sopro divino e Mercúrio devido a suas ligações tanto com o *Mercurius* alquímico quanto com o travesso Hermes, mensageiro dos deuses), nem o Sol nem os signos do fogo Áries ou Leão parecem ser adequados. Ainda menos apropriados são os planetas Netuno e Plutão, atribuídos por alguns ao Sefirah Keter (Halevi, *O trabalho do kabbalista*, p. 138 do original, e Zain, citado por Knight, *Guia prático*, p. 229 do original).

Amplificação cabalística:

> Quando o Oculto do Oculto desejou se revelar, primeiro fez um único ponto: o Infinito era inteiramente desconhecido, e não emanava luz até irromper este ponto luminoso (Zohar).

A primeira emanação, Keter, é um aspecto externo do En Sof. O Infinito manifestou-se através do *zimzum* (contração) em Keter, o primeiro Sefirah. A árvore cósmica cresce para baixo a partir de sua raiz neste primeiro Sefirah; daqui todos os outros Sefirot emanam sucessivamente, cada um revelando um estágio a mais do processo divino (Scholem, *Cabala*, p.106 do original). Jung cita que:

> Acerca da 'copa' [coroa] (Keter) diz-se aí: "Ela é a fonte que fecunda a árvore e impulsiona a seiva pelos galhos e ramos todos. Pois tu, Senhor dos mundos (...), tu irrigas a árvore a partir daquela fonte que espalha a vida por toda a parte como a alma nos corpos" (OC 14, par. 153, n. 210).

Psicologicamente, este 'nada primordial', do qual todos os outros Sefirot emanam, pode ser interpretado de forma a significar que o inconsciente coletivo é, em primeiro lugar, uma totalidade completamente indiferenciada que surge numa profusão de figuras e imagens arquetípicas (Hurwitz, 1968, p.170 do original).

Amplificação alquímica: o início é Um, masculino e único, e dele originou-se toda a criação (Von Franz, *Aurora consurgens*, p. 254 do original). A fórmula-chave que expressa a idéia da unidade da *prima* e *ultima materia*, que permeia toda a alquimia do começo ao fim, é: "Uma é a pedra, um o remédio, um o vaso, e uma a atitude" (*Unus est lapis, una medicina, unum vas, unum regimen, unaque dispositio*) [Jung, OC 12, par. 404, n. 12]. De acordo com Jung (OC 9/1, par. 289), em sua deificação verdadeira, a *prima materia* é "uma luz acima de todas as luzes", um poder que contém em si todos os poderes das regiões superiores e inferiores. Ele cita os antigos:

O centro da natureza é o "punctum divinitus ortum" (o ponto surgido da divindade), o "punctum Solis" no ovo (...) A partir desse "pontifinho", (...) a sapientia Dei, por sua palavra criadora, fez a "máquina ingente" do universo (...) [Isto] é a ave de Hermes, isto é, o spiritus Mercurii (...) O ponto simboliza a luz e o fogo, como também a divindade por ser a luz um "simulacrum dei" ou "exemplar deitatis". Esta luz redonda, cuja figura é o ponto, é também o "lucidum sive lucens corpus" que tem sua morada no coração do homem (Jung, OC 14, par. 40).

O centro, uma idéia fundamental em alquimia, contém o 'ponto indivisível', que é indestrutível e eterno; seu correlativo físico é o ouro, símbolo de eternidade. Do ponto de vista espiritual:

> (...) nada é mais Deus do que o centro, pois não ocupa espaço e não pode ser apanhado, visto ou medido. Tal é a natureza de Deus e dos espíritos. Por esse motivo o centro é um "abismo infinito de mistérios" (Jung, OC 13, par. 186).

Interpretação psicológica: o Mago personifica o pensamento que precede a idéia que está por nascer, aquele instante inconsciente entre dois momentos conscientes, aquele tesouro encontrado de tudo que é visível e invisível. Em volta do Mago, um centro masculino, estende-se o elemento gerador feminino dentro do qual o criador torna-se diferenciado; sem a diferenciação, o Ser Eterno não se manifesta. O reconhecimento torna-se possível apenas quando a Unidade pode espelhar-se na dualidade.

A atividade do Mago gera um movimento imperceptível como tal. Ele é o 'impulsionador' de tudo que se move, fluxo de consciência e fonte de nutrição. É energia, som/luz, vontade cuidadosamente concentrada e o paradoxo. Ele nos coloca face a face com a natureza dupla de Deus: unidade e sizígia, luz e escuridão, existência e essência. O Mago é, ao mesmo tempo, o aspecto transcendente e imutável, permanecendo inalterável em si mesmo. Ele é poder, expansão, intemporalidade, mas também o estágio inicial da dualidade corpo/alma. Nessa dualidade espírito/matéria podemos penetrar e nos aprofundar nos aspectos criativos e mutáveis da atividade cíclica: a alma procede à mediação entre o espírito e o corpo; trata-se do local da consciência intelectual e emocional, sutil e grosseiro ao mesmo tempo; o corpo é matéria, vida, consciência; representa as forças criativas que utilizam o tempo como suas ferramentas, expandindo e esculpindo. O Mago nos concede o primeiro relance da unidade fundamental entre o individual e o universal, o efêmero e o eterno, o ponto central e a circunferência infinita, a gota d'água contendo o oceano.

Interpretação junguiana: no nível pessoal, o Mago representa para Jung a figura negativa do pai, o *animus* da Mãe Atemorizadora, ou a personificação da água da morte (OC 5, par. 541-543). Contudo, Jung também vê no Mago uma figura arquetípica que expressa os sentimentos e atributos desconhecidos e inumanos que "não são imputáveis em nenhum sentido a uma pessoa humana" (OC 7, par. 149). Num nível mais profundo, Jung também viu no Mago a personificação de uma energia muito poderosa, ambígua e ambivalente, segurando as chaves perdidas do paraíso (OC 9/1, par. 398).

> O xamã sobe a árvore mágica para encontrar seu verdadeiro si-mesmo no mundo superior. [Nessa jornada extática] ele adquire seus "órgãos místicos", que até certo ponto constituem sua personalidade espiritual completa e verdadeira (Jung, OC 13, par. 462).

Não se pode deixar de identificar a visão que Jung tem do xamã com a energia que o Mago evoca. O 'mana' liberado energiza o 'ponto central' da personalidade e estimula o próximo passo em direção à senda que leva à individuação (OC 7, par. 378, 382). Mais uma vez, Jung nos alerta contra os riscos fatais associados à identificação com o arquétipo e destaca que, se o ego reivindicar a energia do mana, isso o colocará em grande perigo. Von Franz previu esse perigo quando advertiu:

> Em terapia, não somos nós que fazemos a ligação do indivíduo com Deus — seria uma presunção megalomaníaca do psicoterapeuta (...) Se você estiver analisando alguém, o único meio de ajudá-lo será talvez dizendo-lhe sempre: "Não sei, mas vamos perguntar a Deus". Dessa forma você impede que o analisando tire conclusões conscientes precipitadas ou seduza-o para que faça o mesmo (*Alquimia*, p. 142 do original).

Ainda mais perigosa será a sedução de uma *folie à deux*, na qual o analista é atraído a uma identificação inconsciente, com as forças arquetípicas que foi conclamado a invocar. Em sua profissão, todos os psicoterapeutas estão em risco, como tão bem descreveu Guggenbuhl-Craig em seu *Power in the helping professions* (*Poder nas profissões de ajuda*), mas, como junguianos, esse perigo aumenta ainda mais devido ao material arquetípico abundante na sessão analítica. Quanto mais as pessoas procuram junguianos na esperança de encontrar um guia para suas buscas espirituais, maior a necessidade de os analistas se tornarem conscientes de qualquer aspecto 'malresolvido' de suas próprias psiques que possa ser atraído pelas alturas sublimes de seu Si-mesmo-ideal. Apenas quando o 'assistente' conseguir se ver como um humilde canal de energias redentoras, será possível evitar a capacidade de destruição de si mesmo e do outro, contida na 'personalidade mana'. Os analistas, e os analistas junguianos em especial, precisam ser capazes de emergir dessas experiências poderosas do mundo xamânico; precisam contê-las no *temenos* do espaço terapêutico e deixá-las para trás à medida que abandonam esse espaço. O traje xamânico deve ser deixado sobre a poltrona do analista, e o ego comum deve ser retomado quando o analista deixa seu consultório.

A carta I retrata um mago usando o chapéu com o símbolo do infinito e segurando um bastão na mão levantada, enquanto sobre a mesa, à sua frente, há uma taça, uma espada e uma moeda. Da infinitude surge esse ponto cruzado; do infindável, milagrosamente, o número 1 se revela. Lao-tse considera esse acontecimento o mais misterioso: a revelação do irrevelado. De fato, é com a própria porta da revelação que nos deparamos aqui: a partir do inatingível, da informidade, nasce o primeiro com forma humana, e desse primeiro tudo virá. As pedras da construção do Todo estão em frente a ele *in potentia*: o bastão masculino; a taça feminina; a espada, que é a união dos dois; e o pentáculo ou moeda, que não é nenhum dos dois. Esses objetos têm sido também relacionados por alguns aos quatro mundos, aos quatro elementos e às quatro funções. Veja a tabela 6.

O bastão significa a quintessência, o ritmo, o vento, a madeira. Sugere domínio, atividade, poder ativo orientado por uma meta, comunicação em níveis equivalentes ou diferentes. Pode significar limitação, regulamento, tempo e espaço, morte e ressurreição. Somos lembrados aqui de que Deus mandou Abraão sacrificar seu filho, o qual Ele então substituiu por um bode. Com o bastão segurado em posição vertical, o fogo sacrificial foi aceso pelo relâmpago

TABELA 6. OS QUATRO NAIPES, MUNDOS, ELEMENTOS E FUNÇÕES.

Naipe de Cartas de Tarô	Naipe de Cartas de Baralho	Mundo	Elemento	Função
Bastão	Paus	Azilut	Fogo	Intuição
Gládio	Espadas	Beriah	Ar	Pensamento
Taça	Copas	Yezirah	Água	Sentimento
Pentáculo	Ouros	Asiyyah	Terra	Sensação

que o percorreu. Não é difícil associar esse acontecimento ao Relâmpago que se inicia na Árvore da Vida em Keter, a Coroa (à qual o Mago é associado), e desce por todos os Sefirot até atingir Malkhut, o Reino, o décimo e último Sefirah. Aqui, também, o Mago segura o bastão em sua mão esquerda, que aponta para cima. Esse gesto também significa que ele conhece e domina os princípios eternos aos quais tudo o que surge e tudo o que desaparece está sujeito. Está relacionado com os céus e com o não-manifesto. Seu bastão é um símbolo do poder de comando, do princípio masculino, da força de vontade, ação, força e dignidade. As duas extremidades de qualquer bastão mostram que todas as dualidades podem ser integradas na unidade, que os opostos têm uma identidade básica, equilíbrio e equivalência. O bastão pode também ser considerado uma lança, um caule ou um raio. Pode ser o bastão em volta do qual as duas serpentes de Asclépio se entrelaçam. É capaz também de transformar-se em uma serpente, como quando Moisés atirou seu bastão ao chão. Como serpente, representa a consciência emergente, a transmutação, a renovação; trata-se de um símbolo do mundo ctônico, ígneo e frio, consciente e primitivo ao mesmo tempo. Finalmente, o bastão tem a conotação de utilização, atividade, agir, energia ativa direcionada, comando, realidade como fundamento e disciplina, legitimidade, matéria, espaço, tempo, morte e novo começar, aqui e lá, conexão e separação, proteção e concentração.

A taça representa o feminino, aquela que concede a forma, o princípio do receptáculo, da imaginação, amor, beleza, sabedoria e justiça. A taça é a abertura da mente/espírito. Lembra ainda a taça amarga do sacrifício e do sofrimento.

O gládio, com seu punho em forma de cruz, é um símbolo da união dos princípios masculino e feminino, a reconciliação dos opostos, a ousadia, o entusiasmo, a paixão e a transformação. É uma postura de perspicácia, pensamento analítico, *logos* procriador, a capacidade de repartir em pedaços, de separar.

A moeda simboliza a matéria na qual os valores espirituais estão confinados, a vida exterior, o poder generativo e das pessoas, a posse de dinheiro, o comércio e a transação. A moeda aponta os valores falsos e verdadeiros aniquiladores ou impulsionadores da vida. É o ouro e a terra; é um outro símbolo da dualidade embutida na unidade, dessa vez numa referência aos dois lados da moeda. Contribui para a adaptação às condições de vida e significa intelecto, o qual, da mesma forma que o dinheiro, pode ser utilizado, multiplicado, trocado ou falsificado.

O Mago lembra-nos também Hermes e Toth, deuses da inteligência e da magia, e Mercúrio, o patrono dos comerciantes e dos ladrões. A mesa representa um altar, um lugar de sacrifício. Suas três pernas visíveis sugerem o mundo tridimensional, os três Sefirot supernais, enquanto a quarta, às vezes invisível, pode sugerir o Sefirah invisível Daat, o conhecimento. Psicologicamente podem também representar as três funções tipológicas conscientes, enquanto a quarta (invisível) pode evocar a função inferior enredada no inconsciente. Podem também ser vistas como representativas das três substâncias básicas utilizadas pelos alquimistas e mostradas na tabela 7.

A flor fechada aos pés do Mago denota o começo da iniciação, corpo de luz, ressurreição. Tem conotação de segredo guardado, amor, intoxicação, esquecimento, assimilação e transcendência dos quatro elementos. Concebida para ser Mercurius e a quintessência de si mesma, a coisa mais nobre que a meditação

Tabela 7. Substâncias Alquímicas e Princípios Fundamentais.

Substância	Símbolo	Princípio
enxofre	☤	(o princípio solar ígneo)
mercúrio	☿	(o princípio lunar conector)
sal	⊖	(o princípio terreno sólido)

humana pode alcançar, seu suco foi considerado (...) mercurial e (...) incombustível, o que sempre alude a uma natureza incorruptível e eterna (Jung, OC 14/2, par. 349). Às vezes pode representar também a figura do adepto alquímico misturado na 'poção' por sua própria vontade (Jung, OC 14/2, par. 362). Coloca-se em direção ao Sol a fim de absorver por completo o poder de seus raios. Simboliza a criatividade brincalhona, a consciência transcendental, a totalidade do Si-mesmo, a pressão com vistas à auto-realização, unidade/multiplicidade, legitimidade. Os pés do Mago formam um ângulo reto, assim como os pés do Amante (carta VI), que ali simbolizam a decisão fatídica que o indivíduo tem de tomar nas encruzilhadas da vida. Aqui, eles indicam o equilíbrio necessário entre o pensamento correto e a ação correta.

A figura complexa do Mago nos coloca diante da sua dualidade. Como suas mãos apontam tanto para cima como para baixo, ele nos mostra que é, ao mesmo tempo, aquele que age e aquele que observa. Tem de estar atento a suas ações e deve visualizar suas imagens. Como um artesão, ele indica que devemos tomar nossa existência habilidosamente em nossas próprias mãos e devemos conseguir as ferramentas necessárias. O Mago é um oleiro que fabrica um vaso de barro em sua roda. Ainda assim essa realização em terra, em direção da qual sua mão direita aponta, não é tudo. Além do mundo fenomenológico, assoma a percepção: "Assim como no alto será embaixo". A lemniscata, o infinito, a borda de seu chapéu, significa a vitória do espírito eterno, o Uno, o início dos ciclos da vida, a polarização da luz original.

Desde o início, a humanidade intuiu que nenhuma energia é perdida no Todo. Esse reconhecimento é simbolizado pelo uróboro, uma serpente que morde a própria cauda. (Uma lenda hebraica prediz que o mundo chegará ao fim quando a serpente a soltar.) Nessa serpente estão reunidos todos os elementos materiais, espirituais e intelectuais necessários para a construção do cosmo. As quatro pernas com as quais o uróboro às vezes é representado simbolizam os quatro elementos com os quais o Mago trabalha.

Enfim, o Mago representa a energia cósmica da vida, a lemniscata, o infinito, a unidade circular e fechada; a interpenetração dos quatro elementos, vibração do éter; movimento, conexão, vento, madeira como o quinto elemento da totalidade, constante fluxo de vida e consciência; a possibilidade de a

humanidade alcançar o conhecimento dentro do plano do mundo; ação para chegar à não-ação; evolução cíclica sem início ou fim. O Mago representa a integração do micro e do macrocosmo, a espiral como incremento de tensão, reserva energética, o céu espiritual que o sol persegue em seu curso, o coração celestial como núcleo de significado, fogo espiritual da mesma forma que está expresso na luz e no vácuo. Ele representa a natureza dupla do princípio masculino desabrochando no sentido dos ponteiros do relógio na multiplicidade da individualidade e, no sentido contrário, regredindo para a morte (o processo da vida em regressão).

II
A Grande Sacerdotisa

Beth, a segunda letra do alfabeto hebraico, é o símbolo da casa ou caverna. Toda a iniciação começa lá ou no deserto: trata-se da *nigredo*, a noite escura da alma, mergulho na escuridão para melhor entender sua origem. É a Palavra perdida e recuperada.

O Sefirah que corresponde ao número 2 é Hokhmah, que significa sabedoria, o início e o fim da iniciação. A Palavra ecoa no espaço vazio. O *yin* e o *yang* emergem do Tao. A primeira emanação, o masculino, é seguida da segunda, o feminino. Na forma aqui representada, ela é Sophia, a sabedoria julgadora à qual os gnósticos denominaram Aiôn, ou emanação. É ela quem dirige nossos primeiros passos em direção à realidade da compreensão, que o mundo das aparências reflete e esconde. A Grande Sacerdotisa é a contrapartida do Mago; é a Escolhida. Como princípios cósmicos, eles formam um par: formam o par primordial. O número par 2 encerra o outro. Enquanto o Mago apreende e transmite o impulso em direção ao despontar do universo, a Grande Sacerdotisa personifica o amor divino que sustenta e nutre esse impulso. Ela retrata o impulso do divino que fertiliza as águas e implanta nelas o germe da vida, permanecendo assim cativa no corpo da criação. Ela é *anima mundi*, Mercurius fêmea, a primeira separação, polaridade, extensão como espaço abstrato. Ela é superfície e profundidade. A Grande Sacerdotisa evoca o templo, cujo véu de mistério pende entre as duas colunas (Jachin e Boaz) vistas atrás dela em alguns baralhos. Os pilares são o símbolo da polaridade, do ponto um dividido em dois, da atração tanto para a direita quanto para a esquerda.

Seus aspectos negativos são o ódio, a infertilidade, a morte, a magia negra, o terror religioso sanguinário, o fatalismo, a melancolia e o suicídio.

Temas, associações, correspondências

A Grande Sacerdotisa pertence ao recinto sagrado. Ela denota o sopro, o inconsciente, a memória, a reflexão. Ela é o princípio criador que é a base de toda a matéria. Representa a humanidade lutando para entender os mistérios da natureza. A Grande Sacerdotisa representa a consciência englobando passado e futuro. Também representa a dualidade refletindo a unidade, e significa equivalência do poder receptivo e generativo.

O ideograma para esta carta é:

Amplificação astrológica: a existência no tempo, antes do início dos tempos, está diretamente ligada às fontes da presciência, portanto não admira que a Grande Sacerdotisa tenha recebido suas qualidades mediúnicas da energia da Lua à qual está ligada. A Lua representa uma harmonização do e para o passado, um modo de sentir e ser ao qual é preciso prestar atenção para se sentir seguro interiormente e à vontade na própria vida. O espírito da Lua ensina como reagir a todas as experiências, com qual energia o indivíduo precisa se ajustar no fluxo da vida. A Lua simboliza padrões cármicos mentais e emocionais específicos que podem inibir ou ajudar a auto-expressão e o ajuste. O oceano primordial é a fonte não só da criação mas também da sabedoria. Trazer à tona a imagem do domínio oceânico é parte da luta da criação. Ambíguo e difícil de ser definido, o espírito da Lua vive em um mundo no qual nada é exatamente o mesmo que era há cinco minutos, e ainda assim é esse espírito que deve ser apreendido o tempo suficiente para que se transforme em uma imagem estável e revele sua sabedoria.

Amplificação cabalística: Hokhmah é um substantivo feminino, e há passagens na cabala nas quais há referência à Hokhmah como *ela*. Contudo, o indivíduo deve ter em mente que todo Sefirah, exceto Keter e Malkhut, está colocado em uma relação de receptividade passiva (feminino) com o Sefirah anterior e em uma relação de transmissão ativa (masculino) com o Sefirah que se segue. Somente Keter é totalmente masculino e apenas Malkhut é de todo feminino. Hokhmah é designado *hyle* e referem-se a ele como *homer rishon*, uma expressão hebraica que corresponde exatamente ao termo alquímico *prima materia* (Hurwitz, p. 196 do original). A sabedoria, como pensamento e concepção inconscientes, de acordo com Hurwitz, é superior às letras porque as letras, como elementos do pensamento consciente, são incapazes de abranger o pensamento inconsciente de Hokhmah. Hokhmah é

> (...) a *prima materia* que propicia formas e as tira (...) ela dispende a força vital para baixo e recebe-a do alto, sem interrupção mesmo por um momento, eternamente e além da compreensão (Hurwitz, 1968, p. 196 do original).

Amplificação alquímica: Aurora consurgens, um texto alquímico atribuído a Tomás de Aquino, contém, nos cinco primeiros capítulos, a descrição de uma figura feminina denominada Sabedoria de Deus. Considerada pelos alquimistas da Idade Média idêntica ao Espírito Santo, ela pode ser encarada mais exatamente, de acordo com Von Franz, como representação da soma de todos os arquétipos, as idéias eternas na mente de Deus quando Ele criou o mundo (Von Franz, 1980, p. 184 do original). Traduzido em linguagem psicológica, significa que a Sabedoria de Deus se expressa no inconsciente coletivo. Von Franz também propõe (*Aurora consurgens*, p. XIII do original) que a idéia de Jung de *unus mundus* é uma formulação científica moderna da imagem arquetípica da Sapientia Dei com a diferença, contudo, que *unus mundus* é um conceito advindo do empirismo puro, enquanto Sapientia Dei é puramente metafísico. No final da vida, santo Tomás de Aquino pode ter transposto esse abismo quando sentiu como a Sapientia Dei, o conceito metafísico, subitamente revelou sua realidade psíquica surpreendente.[6] Von Franz argumenta que a sabedoria é concebida não apenas como uma iluminação do alto, mas também como "uma fonte de luz na natureza" (Von Franz, 1980, p. 212 do original).

A sabedoria emerge do plano inferior, da matéria, e exige ajuda através de aplicação de esforço humano concentrado, pelo qual a sabedoria retoma seu status sublime anterior e por fim garante a redenção final da humanidade (von Franz, 1980, p. 243 do original).

Interpretação psicológica: a Grande Sacerdotisa representa a intuição do conhecimento oculto, o surgir da sabedoria enraizada na escuridão, no passado, no intemporal. Ela é a inspiração criativa e uma ponte entre as camadas consciente e inconsciente da psique.

Interpretação junguiana: a lucidez da consciência repousa nas sementes escuras e inconscientes a partir das quais crescem os valores culturais objetivos. Esses antecedentes inconscientes são percebidos pela mulher mediúnica. Medium significa entre, nem isto nem aquilo, algo intermediário, geral, neutro, no meio, um meio, o agente, o mediador, o transporte. A mulher mediúnica está imersa na atmosfera psíquica de seu ambiente e do espírito de sua época, mas acima de tudo, no inconsciente coletivo. A mulher mediúnica é

6. Dizem que, durante um sermão, santo Tomás parou abruptamente e voltou para sua cela, aparentemente por haver tido uma visão. Instalou-se, não falando com ninguém, e passou a escrever fervorosamente o que lhe havia sido revelado. Havia sido um convite para pregar em uma cidade vizinha e, embora adoentado, continuou seu caminho, ficando tão mal que foi forçado a parar no mosteiro em que veio a falecer. O *Aurora consurgens* contém seus escritos 'pós-visão', os quais foram cuidadosamente registrados por seu secretário. Esses escritos místicos, alquímicos são, de acordo com Von Franz, o resultado e a compensação pela postura misógina e rígida de toda a sua existência.

absorvida e moldada por ele; às vezes ela até mesmo representa a si mesma. Ela então capta 'o que está no ar', o que o ambiente não pode ou não admitirá, mas que é, não obstante, uma parte dele. É principalmente o aspecto obscuro de uma situação ou de uma idéia predominante rejeitada e condenada como eram as bruxas da Idade Média, queimadas porque representavam as projeções malignas rompidas e as heresias inaceitáveis de suas épocas. Quando a mulher mediúnica percebe as bases arquetípicas do espírito de um homem, ela se torna então sua *femme inspiratrice*. Quando os conteúdos psíquicos objetivos de si mesma e de outros não são entendidos ou são tomados pessoalmente, ela passa a ter um destino que não é o dela e perde-se em idéias que não pertencem a ela. Em vez de ser uma mediadora, torna-se a primeira vítima da própria natureza. Mas se possui a faculdade de discernimento e compreende os limites do pessoal e do impessoal, do consciente e do inconsciente, do que pertence ao ego e do que pertence ao ambiente, então, ela é capaz de exercer uma influência pessoal e cultural positiva [Toni Wolff, *Structural forms of the feminine psyche* (*Formas estruturais da psique feminina*), pp. 9-10 do original]. Sob o ponto de vista de Jung:

> (...) Sofia, ou Sapientia Dei, uma espécie de pneuma coeterno, de natureza feminina, mais ou menos hipostasiado e preexistente à criação (...) [e] que já participa dos atributos essenciais do Logos joaneu, relaciona-se, de um lado, com a Hohma da literatura sapiencial hebraica (Jung, OC 11, par. 609-610).

Ele cita (OC 11, par. 613) da obra *Sabedoria de Salomão* que ela é "exalação do poder divino" (7, 22), "um eflúvio da glória do Todo-Poderoso" (7, 25), "um resplendor da luz eterna, um reflexo da divina obra" (7, 26). Ela é enviada dos céus e do trono da glória como um "Espírito Santo" (9; 10, 17). Como um psicopompo ela conduz o caminho a Deus e assegura a imortalidade (6, 18; 8, 13). Sophia significa o auto-reflexo de Deus, e para que haja auto-reflexo é necessária a sabedoria (OC 11, par. 617, 727). Ele argumenta (OC 11, par. 240) que o Espírito Santo e o Logos se confundem no conceito gnóstico de Sophia e de Sapientia dos filósofos medievais que afirmam a respeito: "No seio da mãe repousa a sabedoria do pai". Jung cita (OC 11, par. 610) de *Eclesiástico*, escrito por volta de 600 a.C., no qual a própria Sabedoria diz de si mesma:

> Saí da boca do Altíssimo,
> e como a névoa cobri a terra.
>
> Tive minha morada nas alturas,
> e meu trono estava sobre uma coluna de nuvens.

A Grande Sacerdotisa está sentada em um trono. Em alquimia, o vaso que teve de ser selado com o 'barro da sabedoria' é a base da transformação e, às vezes, é representado por um trono ou cátedra (Von Franz, *Aurora consurgens*, p. 227 do original). Atrás dela estende-se uma cortina entre duas colunas. Esse é o 'tecido' sobre o qual projetamos nossos pensamentos; ele liga e separa simultaneamente. A própria cortina é o mistério que não deve ser revelado. Textos cabalísticos descrevem a cortina *Pargod* pendurada diante do Trono da Glória na qual todas as almas são tecidas. Toda a história passada e o destino futuro de cada alma está registrado nesse tecido místico. É o lar de todas as almas que retornaram de baixo, mas as almas dos maus não têm lugar nela (Scholem, 1974, p. 159 do original). As duas colunas representam o par de opostos: a coluna vermelha corresponde ao fogo, o poder viral, o enxofre dos alquimistas; a coluna azul é o ar, o sopro vitalizante, a sensibilidade, o mercúrio dos alquimistas. As colunas também representam estabilidade. Na tradição cristã, definem o estreito portão através do qual se atinge a liberdade, deixando a prisão espiritual.

Alguns baralhos mostram a Grande Sacerdotisa com duas chaves — lógica e intuição — na mão esquerda. Sem sua cooperação, o livro do conhecimento secreto, na mão direita, não se torna inteligível. Elas abrem as duas portas das luzes branca e negra, por meio das quais a luz branca apenas poderá ser achada depois que se conhecer a negra. A verdade pode ser vista apenas por aqueles a quem a Grande Sacerdotisa confia essas chaves, que nesse contexto representam o equilíbrio e a equivalência dos opostos. No nível humano, elas podem indicar a preponderância de uma atitude dogmática ou especulativa. Interpretadas psicologicamente, as chaves representam o ego e o Si-mesmo. Sob o ponto de vista da alquimia, a chave de ouro é a Palavra, a sabedoria e a razão; a chave de prata é a intuição, a imaginação, a capacidade de sentir e de se comover, o potencial de entusiasmo, a calma interior. Juntas, elas representam a dualidade dos opostos confrontando-se, a ordem ou desordem intelectual ou especulativa. Elas são a realidade absoluta revelada pela dualidade. Retratam o processo de tornar-se consciente de si mesmo e da imagem que o indivíduo tem de si mesmo e do mundo. Freqüentemente associadas aos mistérios, as chaves que ela segura são, assim como as de Aiôn, as chaves do passado e do futuro. Antigos cultos de mistério vinham sempre ligados a divindades psicopompas, algumas das quais estão de posse das chaves do mundo subterrâneo. Como guardiãs da porta, têm de vigiar a descida dos iniciados para a escuridão, guiando-os para os mistérios. Hécate é uma delas (Jung, OC 18, par. 267).

Seu manto vermelho comprova seu poder criativo. As duas faixas que se cruzam em seu peito simbolizam suas faíscas da intuição. Em alguns baralhos, ela tem um pergaminho no colo, que representa a providência divina, o plano pelo qual a sorte e o infortúnio são distribuídos. O pé direito repousa sobre uma almofada. Essa postura retrata a solidez do conhecimento como guia no mundo das aparências, e a almofada representa os pressentimentos exatos e confiáveis captados do domínio dos mistérios insondáveis.

Na cabeça, ela usa um diadema duplo encimado por uma lua crescente. Os dois diademas retratam os ensinamentos exotéricos e esotéricos. Apenas uma imaginação criativa — treinada em ensinamentos alquímicos e em sabedoria gnóstica — nos permite ver a imagem arquetípica além das formas da realidade fluidas e em constante transformação. A coroa ou diadema indica os efeitos do espírito como mediador de acontecimentos em seu próprio domínio, consciência e intuição que penetram a forma e a matéria. A Lua é a água celestial, receptividade espiritual, movimento fluido, fantasia formadora, participação emocional, o campo arado que recebe a semente. No Egito, quando Ísis traz de volta à vida o mutilado Osíris, ela o faz lançando sobre ele seu aspecto lunar. Na Grécia, Ártemis, a caçadora virginal e deusa da Lua, é ao mesmo tempo casta e sensual. As duas deusas são acompanhadas por cães, os guias da morte, símbolo do mundo inferior que elas também representam que é mais significativo em Hécate, o lado escuro da Lua, e em Perséfone, a rainha do reino inferior. Perséfone e sua mãe Deméter, quando vistas como personificações da natureza, são imagens que incitam a humanidade a cultivar os campos e a esperar o tempo de amadurecimento. Afrodite é ao mesmo tempo seu oposto e seu complemento. Para o homem, a deusa da Lua é o recipiente da luz projetada — ofuscando e sendo ofuscada pelo amor. Para a mulher, ela é a luz refletida — retiro e reflexão.

Na tradição cabalística, Lilith foi criada simultaneamente com Adão, não de sua costela como Eva, mas da terra, da mesma forma que ele. Por essa razão, ela se considerava seu igual. Eles brigaram e Lilith fugiu; tornou-se um demônio. Lilith é inimiga de Eva; ela protege amores ilegítimos e traz o desentendimento às relações maritais. Como mulher abandonada ou rejeitada, Lilith representa o ciúme, a inveja e o ódio das ligações familiares entre pais e filhos. Como lua escura e mãe do mistério, ela envia sonhos que incitam nossos anseios e desejos insatisfeitos; ainda assim, como arquétipo da Antiga Feiticeira, ela também pode ser vista como um ser espiritualmente dotado que se libertou da prisão do instinto cego.

Ísis, a deusa do arco-íris e ponte entre o céu e a terra, foi retratada como uma figura de sabedoria na mitologia. Ela é o entendimento feminino profundo que se manifesta através da natureza humana; ela é Sophia; é a Grande Sacerdotisa (de uma entrevista com Marion Woodman, 1989).

ג

III
A Imperatriz

A letra Gimel é o símbolo da mão que agarra. Em um sentido mais amplo, simboliza todos os receptáculos e canais da natureza. O Sefirah que corresponde ao número 3 é Binah, que significa inteligência consciente de si mesma, de seus objetivos. Significa abertura para o sublime e sua assimilação, vida que pode ser renovada constantemente. Aqui se completa o formato de triângulo; a trindade, representada pela Imperatriz, é uma imagem que enfatiza a função feminina; o triângulo em seu ideograma aponta para a terra.

A tríade supernal (que termina com Binah) representa os três aspectos do conhecimento. O primeiro Sefirah, Keter, é o conhecimento; o segundo, Hokhmah, é o conhecedor; e o terceiro, Binah, é 'aquilo que é conhecido'. Portanto Binah é a expressão, em forma totalmente diferenciada e substanciada, do que Hokhmah sabe. Binah é a mãe supernal; ela é o aspecto receptivo das núpcias sagradas do Rei e da Rainha; é a Shekhinah superior, a presença e moradia de Deus. Mãe e receptáculo da forma inteligível, das imagens e idéias, ela é o aspecto sutil da matéria, a água celestial, o mar de todas as origens, a força da vida penetrando todas as coisas. Ela é existência, evolução, natureza, forma. Em seus aspectos ativos positivos, ela é poder que se move, eletrifica e excita; 1 + 1 + 1 = extensão. Seu aspecto passivo é expresso como poder magnético e receptivo. Em seu aspecto negativo, ela é 'intelectualismo' confundido com espiritualidade, falta de sensibilidade e flexibilidade, infertilidade, alienação das tarefas humanas.

Temas, associações, correspondências

A Imperatriz denota o surgir do sopro, a faculdade procriadora, fertilidade da matéria confiada à humanidade, sabedoria e erro, poder e conhecimento eficaz que se completam. Ela é matéria animada, legitimidade dentro do ciclo das estações, espaço zodiacal, mas também ausência de desígnio. No entanto, ela representa a esperança no nível espiritual, a possibilidade do despertar espiritual e a capacidade de se adaptar. Em outro sentido, a Imperatriz representa legitimidade orgânica aplicada à ação, vida em progressão, transmutação da matéria. Ela é a capacidade da natureza de produzir formas ideais preexistentes.

O ideograma para esta carta é

Amplificação astrológica: com exceção de uma série de autores que atribuem o planeta Vênus ao(s) Amante(s) (carta VI), parece haver um consenso geral ligando a Imperatriz a Vênus. Vênus é um planeta introvertido, com o nome da deusa Vênus/Afrodite, encantadora na beleza de seu corpo, mas também com qualidade de juiz e conselheiro sábio. Ela busca sua realização através do estímulo de objetos amados e a união com eles. Até mesmo a briga e a cólera por causa de uma experiência de vida passional, trazida pelos encontros com outros, é parte do mundo de Afrodite. Para Afrodite/Vênus, o corpo é sagrado. É por isso, em parte, que normalmente ela é retratada nua; parece incorporar a natureza nua, sem vergonha. Ela também atua como mediadora entre nosso mundo e o mundo dos imortais. Vênus é uma imagem de igualdade sexual relativa; conduz à 'sexualidade iluminada pelo sol' e incorpora alegria conjugal e fertilidade. A procriação, o desejo e a satisfação, o adorno e a cultura, a beleza e as artes eróticas, tudo isso pertence a ela. Do seu ato de amor provém a arte da civilização (Greene, 1984, p. 186 do original).

Amplificação cabalística: o terceiro Sefirah é um rio que flui da fonte, brotando das profundezas do nada (Hokhmah) e dividindo-se em correntes diferentes, seguindo a estrutura da emanação até que todos os seus afluentes verram para o grande mar do último Sefirah (Scholem, 1974, p. 109 do original). Assim, do Sefirah Binah, também chamado 'mãe do mundo', os sete Sefirot inteligíveis e expansivos emanam. Contudo, a força do mal nesse mundo (de acordo com alguns cabalistas) é uma continuação do Sefirah Binah que foi "concretizado nas potências destrutivas que correspondem aos sete Sefirot construtivos da criação" (Scholem, 1974, p. 124 do original).

Hokhmah (o pai) e Binah (a mãe) servem como o arquétipo supremo para essa 'cópula' procriativa, a raiz comum de todas as uniões eróticas e intelectuais. Esse casal surge pela 'reascensão' das 288 centelhas antes enredadas nos vasos quebrados e que retornaram às entranhas de Binah, onde animaram e apressaram as forças dentro de uma estrutura cuja função é essencialmente receptiva. Sem tais forças auxiliares, chamadas 'águas femininas', não há cópula nem unificação.

Amplificação alquímica: na extremidade superior do cetro da Imperatriz está o símbolo alquímico do antimônio ♁. O antimônio liga-se a todos os metais conhecidos, exceto o ouro, e portanto é utilizado para purificar o ouro derretido.

Essa propriedade de separar o ouro, livrando-o de metais de base, é uma imagem da qualidade de cuidado que a energia da Imperatriz fornece tanto para o cônjuge quanto para as crianças. A deusa egípcia Ísis, que está associada à Imperatriz, foi chamada pelos alquimistas de o aspecto transformador feminino da sua *prima materia*.

Interpretação psicológica: a Imperatriz é a guardiã das forças generativas da natureza; está relacionada com a abundância e a harmonia no plano físico, aceitação do universo material sendo incorporado, passividade, sentimento, emoção, o concreto, o fundamento. A mãe deve formar seus filhos, mas deve também deixá-los livres. A dificuldade de sua tarefa aumenta à medida que ela permanece presa a eles e carrega as cargas de seus destinos com ela. O princípio universal da receptividade, o qual a Imperatriz representa, deve ser entendido como uma "abertura inspiradora e geradora para aquele que está lutando para emergir com ou sem ele, para o transpessoal e impessoal assim como para o pessoal" (Zabriskie, 1990, p. 275 do original).

Interpretação junguiana: Binah é visto por Jung como parte da quaternidade de Merkavah (ver definição à página 102), correspondendo à inteligência (OC 9/1, par. 576, n. 115) e representado pela águia (OC 9/1 par. 588, n. 136), um dos anjos simbólicos da visão de Ezequiel.

> Mas à Mulher foram dadas duas asas de grande águia, a fim de voar para o deserto, para o lugar de seu retiro, onde é alimentada por um tempo, dois tempos e a metade de um tempo, fora do alcance da cabeça da Serpente (Apocalipse 12:14).

Em *Estudos alquímicos* (OC 13, par. 411), Jung observa que Binah é também o lugar no qual a Árvore da Vida tem suas raízes e, portanto, a vida é trazida à terra a partir de Binah. A Imperatriz simboliza as formas cósmicas de criação: matéria e energia. Ela concretiza o mundo dos arquétipos. Ela é o princípio dinâmico, denotando a possibilidade de um espaço limitado tornar-se uma nova unidade de dimensão material ou espiritual. Ela é a inteligência da matéria, protótipo de formas, formato de conceitos abstratos, alma purificada, experiência da unidade entre a alma e o mundo. A revelação de Deus está incorporada no coração: a forma que toma depende do grau de prontidão (e aceitação) para essa revelação. Ela significa a introjeção do passado como a base para a recriação de uma nova unidade, agindo de acordo com a própria sensibilidade do indivíduo, sendo a terra o sulco que recebe a semente do céu e lhe dá forma.

Representações em forma feminina, divinas, sagradas e inspiradoras de respeito fornecem os modelos femininos dos quais se consegue o sustento, conforto e um sentido de valor e de fazer parte de algo. Autoritárias, podem ser

capazes de preencher o vazio deixado pela ausência de modelos inspiradores do papel do gênero feminino e figuras sábias. Elas podem legitimar a inteligência feminina e fornecer liberação do ego confinado e da persona reprimida através de suas energias arquetípicas.

Linguagem simbólica da imagem

A imagem da Imperatriz, retratada de frente e numa atitude hierática, transmite a imutabilidade das formas inteligíveis. Os atributos de seu posto são sua coroa e seu cetro que governa o mundo; a lua a seus pés denota seu domínio sobre o mundo sublunar; as 12 estrelas que rodeiam sua cabeça (das quais 9 são visíveis) sugerem os 12 signos do zodíaco e destacam a importância do ciclo sazonal em regular a fertilidade da natureza. Lembra o seguinte trecho extraído do Apocalipse (12:1):

> Apareceu em seguida um grande sinal no céu: uma Mulher revestida do sol, a lua debaixo dos seus pés, e na cabeça uma coroa de doze estrelas (...)

Suas asas representam o vento, indispensável para a fecundação, enquanto o lírio à esquerda expressa pureza, bondade e beleza. O cetro indica os formatos nos quais a unidade invisível que está por trás do mundo das formas se torna aparente; sugere inteligência criativa fertilizada pela imaginação. O sinal invertido de Vênus na parte de cima do cetro (o símbolo alquímico do antimônio citado anteriormente) evoca o sol e o mundo dos elementos que se desenvolveram a partir dele; representa a vida física.

Na mitologia grega, a energia da carta III é representada por Hera, a rainha dos céus, e por sua irmã Deméter, deusa da fertilidade, do milho e da terra. Deméter é a figura central nos mistérios eleusianos, nos quais o eterno retorno da morte e ressurreição conduzindo à totalidade espiritual foi celebrado. Sua filha Perséfone foi raptada por Hades, e Deméter procurou-a sem descanso até que a encontrou. Como o milho, os seis meses que Perséfone permanece nas profundezas da terra são seguidos por seis meses sobre ela, de modo que o ciclo da vegetação está sob o domínio da Imperatriz. Hera, por sua vez, não era essencialmente uma mãe, mas uma rainha, consorte e matriarca. Ela representa um aspecto do feminino que está relacionado com o mundo masculino, a respeito do qual Jung diz:

Como, em geral, a mulher está no lado íntimo do homem, (...) ela ajuda o homem a realizar seus fins, mas ao mesmo tempo o mantém prisioneiro, e ela mesma cai na armadilha do próprio destino, pois o feitiço se volta contra o feiticeiro (Jung, OC, par. 240).

Hera, que como mãe era inacessível e impessoal, constituía a esposa leal que esbanjava energia abundante e eficaz para que seu lar, as instituições e as comunidades que ela protegia servissem, na verdade, de refúgio para os indivíduos e os valores com os quais tanto se importava. Ela era sua própria hipóstase e governava como rainha no seu próprio domínio. Transmitia uma espécie de segurança, um compromisso imutável que a tornava protetora de comunidades e instituições. Quando não há vida interdependente e comunitária e quando cada relacionamento depende das emoções do momento, a vida em si torna-se precária. O temperamento inflamado de Hera não suportava isto, pois ela ansiava por viver uma vida mais completa, pela procura de significado e realização, e sentia desgosto cada vez maior com a parcialidade sem sentido (OC 10, par. 270). Quando o lado negativo de Hera domina, a impessoalidade torna-se rigidez institucional; o ciúme e o rancor tomam o lugar da afetividade; leis e convenções esmagam o espírito e o sentimento; status e bens tornam-se mais importantes do que as pessoas; e as vitórias são mais importantes do que as vidas.

Para os romanos, ela é representada por Ceres, Vênus e Juno como símbolos do poder vital. Seus atributos são a pomba e o pavão. A pomba denota o processo através do qual a *prima materia* desenvolve-se em uma criança sob a influência do espírito e é envolvida na substância doada pela mãe. O pavão simboliza a roda do sol e aquele que destrói a serpente.

Para os egípcios, ela é representada por Hátor, deusa com cabeça de vaca, protetora do amor e da fertilidade, e por Ísis, que reina sobre a natureza.

ד

IV
O Imperador

A letra Daleth é o símbolo do poder, divisão, da porta, da fechadura. Denota domínio. O Sefirah que corresponde ao número quatro é Hesed, que significa gentileza, perdão, legitimidade, destino, a parte do reino de Deus que corresponde à quaternidade, ao Tetragrammaton em sua rotação. Indica multiplicidade.

O Imperador governa seu império, visível e invisível, através da legitimidade implícita em todo ser. Ele assume o ônus de seu ofício por amor à humanidade. Com a Imperatriz, forma um par harmoniosamente ligado e capaz de procriação.

O Imperador reina sobre as quatro regiões da terra e aponta para as quatro direções que se estendem pelo espaço. O número 4 representa a polaridade e o equilíbrio da atividade e passividade. Quando é o resultado de 3 + 1, significa movimento e atividade; quando resulta de 2 + 2, indica equilíbrio e a preponderância do concreto (matéria, material). O quarteto pode ser visualizado como 4 = 2 + 2: espírito e sopro de vida predominam e animam os quatro elementos, significando liberdade e decisão pessoal. Pode também ser visto como 4 = 2 x 2, através do qual o espírito e o sopro de vida estão limitados em sua expansão pelos quatro elementos, significando compulsão, convencionalidade, ou deferência à autoridade. Em contraste com o triângulo da carta III, o quadrado (o *quaternio*) aqui pode ser interpretado como representando a integração do elemento terra adicionado à trindade ar, água, fogo. Assim, o Imperador simboliza o poder terreno, material, as forças que governam, direcionam, apóiam e protegem uma personalidade que alcançou a liberdade no plano terreno. Seu aspecto negativo representa a guerra, o terror e a tirania.

Temas, associações, correspondências

O Imperador denota ordem, razão, ação, a energia material que os homens necessitam para realizar suas criações efêmeras. Com o Imperador, o que é virtual torna-se real, e as palavras têm magia. Ele representa a visão e os conceitos globais que se tornam úteis quando aplicados no nível concreto. É também associado à idéia de produção e realização; às ações executadas em todos os níveis e ditadas pela verdade, justiça e força de vontade; e aos quatro estágios da evolução — isto é, força, ação, palavra e significado direcionados.

O ideograma para esta carta é

Amplificação astrológica: parece haver unanimidade ao se atribuir o planeta Júpiter ao Imperador. Júpiter/Zeus era o pai dos deuses e dos homens. Seu nome *djews* significa 'luz dos céus'. É, portanto, o deus do relâmpago e da iluminação. Quando ele emerge como o vitorioso rei dos deuses, destituindo o governo dos terrenos Titãs e estabelecendo seu próprio domínio celestial, reflete a imersão na consciência coletiva de um novo princípio espiritual, pois Zeus representa aquilo que pertence ao espírito eterno, em contraste com a vida condenada e predestinada do corpo. Zeus escapa da dominação da ctônica Grande Mãe e assume a liderança, e com ele surge aquela luminosa aspiração que forma o âmago de todos os rituais: a promessa do espírito imortal com sua proteção benigna, à espera no abraço do Deus Pai (Greene, 1984, pp. 235-236 do original).

Amplificação cabalística: o Sefirah Hesed (misericórdia), também chamado Gedullah (grandeza), representa o poder emanador da criação. O fluxo de Emanação Divina, não diminuído em sua natureza essencial, embora transformado em outra condição ao deixar Binah, atravessa o pilar do equilíbrio e passa para o Sefirah Hesed na coluna ativa.

> Esse Sefirah no homem representa um poderoso anseio criativo, a espécie de força que fará um povo desenvolver um continente, devotar tempo e dinheiro para boas obras, dedicar cuidados amorosos a uma família que deles necessita, ou dispender atenção consciente à prática de uma arte. É a mola propulsora emocional, a corrente de águas profundas a que um homem recorre como fonte, quando as emoções comuns mostram-se inadequadas. Este é o local de onde se origina a magnanimidade, e do qual os sentimentos mais elevados fluem (Halevi, 1972, p. 38 do original).

Amplificação alquímica: o Imperador representa uma energia arquetípica que fornece crescimento e expansão, gestação e transformação. Seu trono quadrado evoca as quatro qualidades: aridez (rigidez), frieza (falta de misericórdia, barreiras contra o espírito), calor (extensão, paixão) e umidade (dissolução, confusão). No centro da sabedoria natural, cuja circunferência, fechada em si mesma, forma um círculo, o alquimista assiste à realização dos mistérios.

> "Eis o número quatro, dentro de cujos limites o número três, juntamente com o número dois combinado ao Um, preenche todas as coisas, fazendo-o de forma milagrosa." Nessas relações entre quatro, três, dois e um encontra-se (...) a "culminação de todo conhecimento e da arte mística, e o ponto infalível do centro" (Dorn, citado em Jung, OC 13, par. 187).

Para as mentes dos alquimistas, isto significou essencialmente o Deus interior que representa e sofre a discórdia dos elementos e ao mesmo tempo provoca a união dos quatro e é idêntico ao produto dessa união, o *lapis*, o Homem Primordial, Adão Kadmon (OC 14, par. 607).

Interpretação psicológica: o Imperador representa o pai, a personificação da mente e espírito e da importância criativa deles. Ele é o representante da lei, que limita o instinto. Em seu aspecto positivo, indica o relacionamento com um bom pai, coragem, energia, tenacidade, organização, antecipação de valores espirituais, disposição ao sacrifício. Em seu aspecto negativo, mostra fixação ao pai, dureza, dogmatismo, autoritarismo, insignificância, agressividade e uma atitude distante do mundo e da realidade.

Interpretação junguiana: Hesed, o quarto Sefirah, significa misericórdia, enquanto Gevurah, o quinto Sefirah, significa julgamento. Jung compara-os usando a seguinte passagem do *Midrash rabbah*:

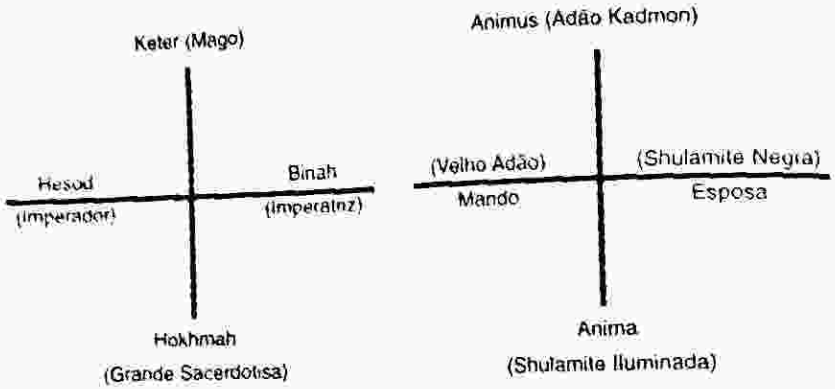
> Se crio o mundo com a misericórdia, os pecados se multiplicarão em demasia. Se o crio com justiça, como poderá o mundo subsistir? Por isso eu crio com justiça e misericórdia. Oxalá que pelo menos assim ele possa subsistir (...) Se queres ter um mundo, não deve haver justiça (rigorosa) (OC 9/2, par. 108 e n. 64).

De fato, Jung considera que o número 4 significa totalidade consciente. Descreve o homem ideal, 'espiritual' e o formula como uma totalidade em contraste com o número 5, que é atribuído ao homem 'natural' e descreve o homem corpóreo (OC 9/1, par. 680). O *quaternio* aponta para além da simples antítese, para uma dupla antítese, a idéia da cruz.

> A quaternidade tal como é produzida pela psique moderna de forma muito direta refere-se não somente a um Deus interior, como também à identidade de Deus com o homem. Em contraposição ao dogma, existem aqui quatro aspectos, e não três (...) Percebe-se claramente a voz da natureza em todas as experiências vinculadas à quaternidade (OC 11, par. 105).

Não se pode deixar de imaginar se a tríade supernal não pára por falta de equilíbrio natural que a inclusão do Sefirah Hesed poderia oferecer. No *Sefer Yezirah* (O livro da criação), o texto cabalístico mais antigo, afirma-se que pelo menos os primeiros quatro Sefirot emanam uns dos outros. O primeiro é o espírito do Deus Vivo; dele provém, por meio de condensação, o primeiro elemento primordial, o ar; e do ar, derivando um do outro como terceiro e quarto Sefirot — água e fogo. Os seis Sefirot seguintes são de natureza totalmente diferente e representam as seis dimensões do espaço (leste, oeste, norte, sul, profundeza e altura) (Scholem, *Cabala*, p. 24 do original). De fato, a transformação da tríade num *quaternio* parece criar uma cruz que lembra aquela que Jung apresenta como *o Anthropos Quaternio* (OC 9/2, par. 358ss.) ou o *quaternio* arquetípico (OC 14/2, par. 278) como está demonstrado no diagrama abaixo

Para Jung, animus e anima formam desde os velhos tempos a base arquetípica de todas as energias masculinas e femininas. Elas representam o par supremo dos opostos tornando a união possível através de sua atração mútua. Essa *coniunctio oppositorum* é expressa pelos alquimistas na forma de 'Núpcias Químicas' e pelos cabalistas na forma da união de Deus e Shekhinah (OC 9/2, par. 425).



Linguagem simbólica da imagem

O Imperador ordena: "Encarna!" Ele representa a energia vital disponível, a determinação, o destino, a sorte, o amor, a psique e a consciência, o ego vivo. Ele é visto de perfil; isso significa que apenas um aspecto das forças representadas por ele é visível. Os mundos velados e revelados aos nossos sentidos são representados pelas duas coroas do Imperador. Seus braços formam um triângulo com sua cabeça; suas pernas cruzadas repetem a forma quadrada do trono. Em certos baralhos, os braços do trono terminam em cabeças de carneiro (o carneiro [Áries] é o primeiro signo do zodíaco), indicando o início de uma estrutura organizada. Toda vez que essa estrutura é alterada, altera-se também sua função. Significa também unidade e divisão de tempo. O sinal do carneiro é regulado por Marte, o deus da guerra, o princípio da energia do fogo. Enquanto o carneiro permanece indomado, essa energia traz a sublevação, a violência e a ruptura. Representação cósmica do poder animal do fogo, a energia do macho mostra até que ponto ele pode ser ardente, explosivo, revoltoso, caótico e, ao mesmo tempo, criativo e destrutivo inicialmente. A situação do Imperador como consorte da Imperatriz cria uma conexão posterior com Marte (amante de Afrodite).

O Imperador tem de se distanciar da confusão interna e externa ao regular as relações sociais humanas; ele tem de se conter e se livrar de toda simpatia e antipatia para atribuir a posição apropriada a todas as coisas. Na mitologia egípcia, o Imperador é representado por Osíris trazido de volta à vida por Ísis.

Embora o Imperador seja visto usando uma armadura, está, no entanto, aberto às preocupações humanas devido à sua inteligência e empatia imaginativa. Tanto a águia negra do escudo (a águia é utilizada pelos alquimistas como referência às volatilizações e sublimações sucessivas ocorridas durante o trabalho) como o pássaro de Hermes simbolizam as forças espirituais contidas pela matéria e obscurecidas pelo egoísmo. Em *Mysterium coniunctionis* (OC 14), Jung destaca que o corpo ardente, quando liberto de toda a corrupção e idêntico à água pura, deixa a matéria inútil para trás.

Aos pés do Imperador floresce a tulipa, que era apenas um botão na carta I; isso mostra que, livre da arbitrariedade, a lei universal permite o desenvolvimento de todas as possibilidades que as pessoas carregam dentro de si. A essência do divino se expressa no seu efeito legítimo e é exibida aqui pela corrente de ouro e pela vestimenta vermelha do Imperador. Os aros da corrente ao redor de seu pescoço representam os conteúdos imutáveis e constantes que são a condensação e a união da existência; a corrente também sugere que a natureza deve estar limitada pela adaptação através do condicionamento. A meia-lua em seu peito denota a verdade interior e o domínio sobre os elementos instáveis e indefinidos.

O globo em sua mão esquerda é o símbolo de seu domínio totalmente abrangente; representa a força vital que permeia tudo. O cetro em sua mão direita representa a lei imutável que comanda tudo o que se forma e finda; a meia-lua do cetro simboliza a flutuação; e o lírio heráldico no alto representa a florescência dourada, a unidade do viver e do ser. As sete formas individuais que formam o cetro podem ser interpretadas como a representação dos sete Sefirot inferiores 'da Construção' em contraste com os três Sefirot supernais superiores precedentes chamados Sefirot 'do Mundo'. Podem também simbolizar as sete formas do ser ou os sete pensamentos revelados ao zadek em meditação (Hurwirz, p. 176 do original).

O trono é quadrado; a pedra é cúbica. O trono indica o princípio da fixação que constitui um organismo em seu núcleo. A trindade torna-se quaternidade. Em contraste com o triângulo, que está relacionado com o espírito, o quadrado está relacionado com o mundo material que se estende nas quatro direções cardinais. Este formato denota solidez e durabilidade; manifesta a indivisibilidade do espaço assim como sua limitação através da forma. Representa a pedra alquímica filosofal e refere-se à individuação e à realização da maestria.

O número 4 também indica as quatro funções psíquicas: duas perceptivas e irracionais, isto é, intuição e sensação; e duas racionais, isto é, pensamento e sentimento, as funções analisadoras e sintetizadoras. Com nossos órgãos dos sentidos, podemos perceber apenas um espaço tridimensional. Mas o espaço é multidimensional; apenas o sexto sentido pode perceber o não-manifesto. O quatro simboliza a totalidade considerada em sua essência, a realização abrangente e penetrante da inteligência criativa. É o número dos primeiros festivais, da não-dualidade, dos dois sexos, do amor produtivo. Simboliza os quatro estados diferentes da criatura de quatro dimensões: incondicional, transcendental, sem características e espírito diretamente ligado à realidade material.

ה

V
O Grande Sacerdote

A letra Heh significa sopro, religião, luz encarnada, unidade individual, espírito e matéria, autoridade. O Sefirah que corresponde ao número 5 é Gevurah, que simboliza a força, o poder, a justiça, a forma exterior. Gevurah significa o julgamento severo de Deus. Sua punição rompe a ordem estável estabelecida, mas ao fazer isso, cria uma consciência maior porque a devastação e a destruição do que existe são também manifestações do esplendor de Deus (Knapp, 1984, p. 210 do original). Seu símbolo é a mão aberta utilizada para mostrar ou para deter. É a vontade e a inteligência que dominam os quatro elementos.

Cinco é a metade da década. O número 5 aparece em todos os seus produtos e ações, em todas as potências de números que resultam de 5 e que terminam em 5. Sugeriu-se que o formato do número 5 pode ser atribuído ao espírito fraco apoiando-se no forte: o espírito forte e severo é Deus, e o espírito fraco é o ser humano.

O Grande Sacerdote (o Papa ou o Hierofante, como esta carta é normalmente chamada) simboliza a idade na qual a paixão tem menos poder para perturbar nossas vidas e cresce a compreensão das fraquezas humanas. Sob o ponto de vista negativo, o Grande Sacerdote representa o dogma ou limitação ou, ainda, ausência total da capacidade de julgar devido à piedade e moralidade convencionais.

Temas, associações, correspondências

O Grande Sacerdote representa autoridade espiritual, ensinamentos orais e escritos, conhecimento religioso. Os homens têm o dever de agir de acordo com essa lei divina, e a energia material concede realidade aos seus atos no momento presente. A lei universal é o fio condutor de toda a atividade, e a espiritualidade serve como ligação entre o absoluto e o relativo, entre o eterno e o temporário. A ação assim torna-se congruente com o conhecimento.

O ideograma para esta carta é

Amplificação astrológica: sendo relacionado alternadamente aos planetas Mercúrio, Marte e Júpiter, e aos signos zodiacais Áries e Virgem, o Grande Sacerdote simboliza a aplicação estrita da lei, criando limites e delimitações à expansividade e, às vezes, à misericórdia indiscriminada que o Imperador representa. Escolhi associar o Grande Sacerdote ao planeta Marte, que representa coragem, iniciativa e força de vontade direcionadas ao objetivo que se espera ser legítimo. Às vezes, contudo, o perigo de não perceber os limites e o uso apropriado da força está presente; isso abre a porta para um comportamento arrogante e, em última análise, para a destruição. Basta pensar na destruição que as guerras religiosas trouxeram em seu rastro, na crueldade da Inquisição e em toda a devastação que a postura impensada de 'lei-e-ordem' pode provocar para perceber a conexão com Marte, o deus da guerra, a sombra do Grande Sacerdote.

Amplificação cabalística: Gevurah (poder), ou Din (julgamento, também austeridade), representa o atributo da justiça severa. É definido como "a mão esquerda do Sagrado, abençoado seja Ele", e como "uma qualidade cujo nome é o mal" (Scholem, 1974, p. 123 do original), e tem muitos ramos nas forças do julgamento, os poderes restritivos e limitadores no universo. A fonte do mal é vista aqui no crescimento incontrolável no poder de julgamento, que se tornou possível por sua separação de sua união costumeira com a qualidade de bondade amorosa, representada por Hesed (o Imperador). O simples julgamento, sem ser amenizado por qualquer atenuação, gera nele próprio poderes demoníacos, uma emanação do lado esquerdo. Esse poder é ativo apenas enquanto recebe novas forças de Gevurah e, em particular, apenas enquanto os homens o revivem e fortificam através de comportamento pecaminoso (Scholem, 1974, p. 123 do original).

Amplificação alquímica: os paradoxos do alquimista nos apresentam a imagem ambígua do divino, cuja polaridade interior é expressa da seguinte maneira:

> (...) o aspecto duplo do Tiphereth cabalístico, que corresponde ao Filho do homem. Dele se diz: (...) "à direita chama-se Sol da justiça, mas à esquerda sol do calor do fogo da Gebhurah" (...) A respeito do segundo dia (da criação), relacionado com Gebhurah, se diz: "Nele foi criada a geena" (*Kabbala denudata* [1677-1684], pp. 348, 439; citado em Jung, OC 14/2, par. 299, n. 280).

Interpretação psicológica: o Grande Sacerdote representa o pensamento inspirado, a síntese intelectual criativa e a lei moral. Ele é o espírito formador e transmissor da sabedoria tradicional; é o guardião do limiar entre o esforço humano e a graça divina.

Interpretação junguiana: Hesed, o Imperador em seu trono, o pai de seu povo em tempos de paz, pode conquistar nosso amor, mas é Gevurah, o Grande Sacerdote, que atrai nosso respeito. Sentimos outra espécie de amor pela pessoa que consegue impor a nós o temor a Deus, bem mais estável e permanente, e (por mais curioso que seja) muito mais satisfatório emocionalmente do que o amor sem nenhum traço de temor. É Gevurah que supre esse elemento de temor, do temor do Deus que é o início da sabedoria, e de respeito, que nos mantém no caminho reto e traz à tona o melhor de nossa natureza, pois sabemos que nossos pecados irão em nosso encalço.

Enquanto o Imperador é a força construtiva, o Grande Sacerdote, o senhor do medo e da austeridade, é o destruidor, o cirurgião celestial, aquele que elimina o dragão. Caridade demais é tolice e pode expor o inocente ao perigo, e paciência demais constitui, às vezes, falta de coragem. As diretrizes de não resistência ao mal só podem ser perseguidas em uma sociedade bem-organizada e governada por leis morais; nunca funcionam em condições 'marginais' ou com tirania arbitrária. Temos necessidade de um equilíbrio justo e sábio e, muitas vezes, é preciso sacrifício para alcançá-lo. Gevurah é o sacerdote sacrificial dos mistérios. Sacrifício significa a escolha deliberada de um bem maior; é a transmutação da força. A energia psíquica é assim liberada para ser usada no canal escolhido. Gevurah representa a coragem e a resolução que liberta da irresolução e do compromisso fatais, um remédio adstringente para uma ferida aberta que de outra forma infeccionaria. Gevurah empunha a faca 'podadeira' contra o obsoleto, contra a violência usada contra os fracos, contra a desonestidade, a indolência e a falta de misericórdia. Gevurah vem também com seu açoite sagrado e sua corrente repressora, usando-os para curar, não vingativamente, a fim de impedir a injustiça e conter a agressão. É, portanto, essencial encontrar o equilíbrio correto, o ritmo e o local certo, pois o mal pode se manifestar como força aplicada no momento errado (cedo ou tarde demais) ou no local errado ou com a intensidade errada (pouca ou demasiada). Sob o ponto de vista numerológico, esse potencial para o mal é expresso no número dessa carta (V), que reaparece na carta XV (3 x 5), o Diabo, que representa o mal arquetípico.

A carta V, o Grande Sacerdote, está claramente relacionada com a carta II, a Grande Sacerdotisa. O simbolismo da carta II, verdade e sabedoria, é incorporado na carta V, no ser humano. Na maioria dos sistemas numerais, atribui-se o número 5 ao primeiro homem; o símbolo é o pentagrama, a estrela de cinco pontas com a ponta superior virada em direção a Deus. As pontas inferiores, que apontam em duas direções, são enfatizadas por dois clérigos, vestidos com hábitos de cores diferentes. Eles podem significar também duas reações diferentes aos ensinamentos que o Grande Sacerdote parece divulgar. As duas colunas lembram-nos também a carta II. Nas duas cartas, as colunas simbolizam os dois pólos da forma religiosa: adoção da revelação divina convencionalmente aceita, hipostática de acordo com pontos de vista históricos, seculares e sociais; e a busca independente do caminho em direção ao reconhecimento e à integração com o ser único.

O Grande Sacerdote, as duas colunas verdes e os dois estudantes ajoelhados (teologia e misticismo) formam um pentagrama, o formato divino de cinco pontas, símbolo do ser humano mediador entre Deus e o universo. O pentagrama é constituído de necessidade, conhecimento, lei, liberdade e ação; representa cinco vezes a totalidade da imagem de Deus, a integração dos quatro elementos com o éter, o espírito. O espírito é gerado pelo primeiro número par, o 2 feminino, e o 3 masculino, o primeiro número ímpar: 2 + 3 = 5. Cinco é também o número da quintessência, da substância alquímica indestrutível que liga a vida interior à exterior.

Para os egípcios antigos, a estrela de cinco pontas representava a reunião da humanidade com o céu: do cruzamento de ⅄ com a trindade, ✳ resulta ✳. Alguns comentaristas chineses designam o 5 como o número do meio, como *yin* (Eva), o princípio feminino que se une ao masculino *yang* (Adão), como o microcosmo no qual o céu e a terra se combinam. Para os pitagóricos, o 5 representava o nó místico, o número de Juno (a deusa do casamento) e o sinal da união do homem com a mulher. Na natureza é a vontade de viver e se propagar.

Iniciando o ciclo das gerações, essa carta simboliza a evolução através da vida e da morte, a polarização do espírito nos fenômenos vitais, o sopro vital dual.

O Grande Sacerdote é ao mesmo tempo o gêmeo e o oponente do Imperador. Deus se revela como legislador através do Grande Sacerdote e como professor através das profecias dos profetas. Tendo em vista que o Grande Sacerdote representa o Deus que infundiu seu sopro na humanidade, nessa carta a individualidade torna-se realidade à medida que o espírito transforma-se em matéria.

Alguns astrólogos propuseram uma correspondência com o signo de Touro, símbolo da união do Sol e da Lua, da luz que vem do alto e sua imagem refletida embaixo. Os gnósticos, por sua vez, referem-se ao demiurgo que mantém a humanidade na dependência através da moralidade e religião. Mas o Papa (outro nome para essa carta) é uma figura paterna ligada à igreja mãe, que tem a autoridade do maternal que compõe o destino influenciando pensamento, sentimento e ações. Contudo, na sombra da Igreja Mãe esconde-se a Mãe Aremorizadora que destrói através do apego rígido às regras obsoletas do passado.

A tiara de três pontas indica o poder regulador do Grande Sacerdote sobre os três mundos: corpo, alma e espírito. A tiara é feita de três fileiras com 15 curvas cada (3 x 15 = 45), sendo 45 o número da humanidade como imagem de Deus; significa adeptos esclarecidos e grandes professores.

O cetro do Grande Sacerdote representa sua autoridade em questões de fé, assim como os sacrifícios que estas demandam. As luvas brancas denotam que ele não irá se imiscuir nos assuntos mundanos.

Os três dedos dobrados (escondidos) de sua mão direita significam o mistério da trindade; os dois dedos estendidos para cima significam a bênção e o mistério da natureza dupla de Deus. O Grande Sacerdote nos coloca na presença do ato da bênção, que é a ativação do poder divino transcendendo o pensamento individual e a vontade daquele que é abençoado assim como daquele que concede a bênção. Nesse gesto de bênção, os dedos da mão direita apontam para cima e para baixo, lembrando os braços do Mago. O que o Mago (Keter) anuncia, o Grande Sacerdote (Gevurah) tenta conseguir: a união daquilo que está no plano superior com o que está no inferior. A cruz tripla em sua mão esquerda é a cruz do caminho espiritual completo e perfeito; horizontal e vertical, três linhas transversais dividem a vertical em três segmentos. Os três níveis do caminho horizontal representam o amor pela natureza, pelo próximo e pelos seres superiores; os três níveis do caminho vertical representam a fé (ou purificação pelo sopro divino), a esperança (ou iluminação pela luz divina) e o amor (ou união mística pelo fogo divino).

As cartas de I a V são interpretadas da seguinte forma: a I indica o ponto sem dimensão; a II, a linha unidimensional; a III, a superfície de duas dimensões; a IV, o cubo tridimensional; e a V, a quintessência invisível, a quarta dimensão, o mundo potencial, a ligação invisível, a tentavia de julgamento. As cartas IV e V são a matéria-prima da base tênue do poder espiritual e mundano.

ו

VI
O(s) Amante(s)

A letra Vav significa liberdade, olho, ouvido, beleza. Significa teste, mas também cooperação mútua e correspondência dos poderes da natureza. Representa o equilíbrio existente entre o visível e o invisível, escolha, equilíbrio. O Sefirah que corresponde ao número 6 é Tiferet (beleza), ou Rahamim (compaixão). Seu símbolo é o gancho, nó ou ponto que separa o nada do ser. Representa amor como ponte entre o céu e a terra, Deus na natureza, a idéia na palavra, luz na escuridão, o mediador. Em seu sentido negativo, simboliza a magia negra, a revolta e a destruição.

Outros nomes para esta carta são decisão, encruzilhada e escolha. Esta carta revela que a reconsideração é ainda possível, que as direções para cima ou para baixo, para a direita ou para a esquerda, ainda estão abertas. Essas duplas possibilidades são expressas pelo número 6 e pelos dois triângulos entrelaçados, a forma de Anahata, o chakra do coração. Veja a figura 12. O triângulo apontando para baixo simboliza a trindade divina, a sabedoria de Deus que desce do alto; o triângulo da humanidade buscando o conhecimento aponta para cima, e ambos estão inseparavelmente entrelaçados. Esse entrelaçamento significa fogos e ordem do mundo, a transição desde a formação até a destruição, o surgir e o findar. Indica o ciclo do *yang* e do *yin* dentro do qual a luz contém a semente da escuridão e a escuridão contém a semente da luz.

O número 6 representa equilíbrio de poderes, oscilação de todos os fenômenos entre o mais e o menos; simboliza a criatividade, embora não seja seu princípio nem sua força propulsora. O número 6 significa perfeição porque é composto de 1 mais o primeiro número par, 2, mais o primeiro número ímpar, 3: 1 + 2 + 3 = 6. Seis também pode ser interpretado como 1 + 2 + 1 + 2. Esta seqüência enfatiza a influência do masculino, princípio ativo, e do feminino, princípio passivo. Esta carta evoca a escolha que cada ser humano é forçado a fazer; mostra que o indivíduo deve definir seus valores e que essa definição deve originar-se da própria consciência; significa auto-análise.

Figura 12. O chakra Anahata.

Temas, associações, correspondências

O(s) Amante(s) denota(m) discernimento, relacionamento íntimo, coordenação. No caso de experiências contraditórias, as maneiras de pensar devem ser tangíveis e inteligíveis. Devem também ser levadas a um acordo harmonioso através de carinho e compreensão. A carta mostra o anseio da humanidade por um relacionamento harmonioso com o infinito. O(s) Amante(s) indica(m) o bem e o mal, amor e ódio. Significa também o equilíbrio entre a liberdade e a necessidade. Finalmente, a carta mostra a ligação existente entre causa e efeito, destino.

O ideograma para esta carta é

Amplificação astrológica: tradicionalmente, a carta VI tem sido associada ao planeta Vênus, a Sagitário, devido ao arco de Cupido, e a Touro, um signo da terra regido por Vênus. Embora esta carta pareça nos apresentar uma imagem de ambivalência que pode sugerir uma conexão com Gêmeos (um signo do ar regido por Mercúrio), acredito que a energia é mais taurina. Além do mais, Touro contém também sua própria dualidade de terra/espírito. De fato, esse signo é concebido como uma expressão da descida numinosa do impulso divino amalgamando-se com a terra, gerando um conflito interior entre o idealismo e o materialismo. Taurus, o touro, energiza e organiza o espírito na matéria; preparação, produção e percepção são todo seu domínio. O touro é criativo e, embora esteja ligado à fertilidade da terra, não é a mesma criatividade fértil dos céus. Se deixarmos que o touro domine, podemos nos encontrar à mercê dos nossos próprios desejos. O tema subjacente parece lidar com a submissão a um Si-mesmo superior e com a percepção de que o poder do touro não é da própria pessoa, mas deve ser direcionado a um alvo mais transcendental (Greene, 1984, pp. 183-189 do original; e Sucher, 1982, pp. 80-82 do original).

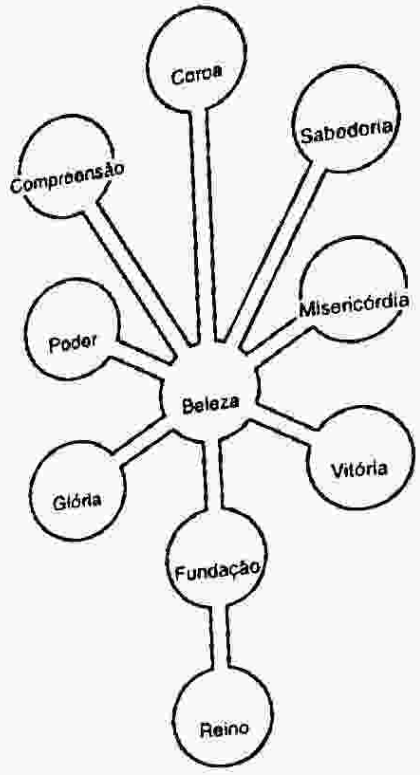


Figura 13. Tiferet, o fator mediador, o lugar do coração, fica no centro da Árvore da Vida. (Extraída do livro *Cabala*, de Poncé, p. 104 do original.)

Amplificação cabalística: em sua raiz, cada alma é um composto de macho e fêmea, e apenas no curso de sua descida é que elas se separam em almas masculina e feminina. A descida do espírito supernal (Neshamah) é provocada pela sagrada união do rei e da rainha, sinônimos de Tiferet e Malkhut. O simbolismo utilizado para descrever a descida das almas do mundo da emanação atribui uma raiz no mundo dos Sefirot a cada parte da alma; a Ru'ah (anima) origina-se do Sefirah Tiferet (Scholem, *Cabala*, p. 157 do original). Tiferet, o lugar do coração, é (de acordo com Poncé) o local em que o indivíduo torna-se consciente das necessidades dos outros. Ele não vê mais os outros à luz das suas próprias necessidades, mas à luz das necessidades deles. Localizado no centro do pilar do meio do equilíbrio, Tiferet é o Sefirah que representa simbolicamente a força necessária para unir os opostos e contém o fator mediador, não apenas entre dois lados opostos, mas também entre o plano superior e o inferior (Poncé, *Cabala*, p. 204 do original).

Tiferet é o esteio da natureza essencial da humanidade; é parte de nós, mas, ainda assim, participa dos domínios superiores e inferiores. Aqui, no centro dos oito caminhos, é a síntese, o vigilante nos momentos de grande perigo, o observador que vê sem olhos, cuja capacidade de estar alerta, consciente, marca momentos de estranha lucidez. Coração da Árvore da Vida, Tiferet/Rahamin tem acesso a todos os Sefirot, exceto Malkhut (veja a figura 13). Sem Tiferet, Malkhut seria, portanto, um autômato sem alma, sem compaixão e amor.

Amplificação alquímica: o jogo de opostos é característico do simbolismo *coniunctio*. Às vezes, a *coniunctio* sol-lua se apresenta não como uma resolução do conflito que eles representam, isto é, o conflito entre o consciente e o inconsciente, mas encontra expressão na imagem alquímica do Sol com dois tipos de raios, uma imagem da dualidade paradoxal de todos os fenômenos psicológicos.

> O sol com dois raios está mais diretamente adaptado à influência e mais capaz de assimilar o inconsciente em virtude de uma atitude aberta, como se houvesse uma segunda consciência por trás da consciência — como se o indivíduo tivesse no primeiro plano de sua mente a consciência operante comum, enquanto no fundo percebesse que isto é apenas uma parte da vida (Von Franz, 1980, p. 149 do original).

Essa atitude consciente de pontas duplas (veja a figura 14) representa a capacidade de segurar a tensão entre os opostos em vez de hesitar e ser dilacerado por eles. Essa é a atitude interior que leva à pedra filosofal, em si uma imagem da união dos opostos em que

> a 'carne' se glorificou da sua própria forma; não se transformaria em espírito, mas, ao contrário, 'fixou' o espírito na pedra (Jung, OC 13, par. 127).

Essa é uma promessa de que, embora o céu tenha sido separado da terra no início da criação, essa separação será remediada e eles serão reunidos pela ligação do ego ao Si-mesmo.

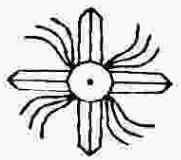


Figura 14. O Sol.

Interpretação psicológica: a carta VI, o(s) Amante(s), representa tanto a primeira escolha decisiva de se desligar de liames regressivos quanto a primeira oportunidade de superar a tensão existente entre os opostos. Com esse ponto de vantagem, pode-se perceber que a escolha entre ou/ou pode evoluir para a integração de 'um/e outro' ou 'este e aquele'. Através do conflito gerado por ter de fazer uma escolha, o indivíduo é forçado a se tornar consciente das tendências contraditórias e perceber que para alcançar a integração tem-se de tomar posição em um nível superior.

No processo da individuação, é muito comum que os mesmos problemas surjam repetidamente; parecem resolvidos, mas logo em seguida reaparecem. Alguns indivíduos aprendem muito, mas o sentimento é deixado de fora, e com ele, o aspecto moral é omitido.

> Eles falam do processo de individuação como se tivessem chegado lá e conhecessem tudo a respeito, o que, de certa forma, é bem verdadeiro, porque o assimilaram, digamos, no fogo, mas não ainda na terra. Assim, o fogo tem de se transformar em água e a água em terra, e daí a coisa toda tem de ser vivida uma vez mais como um problema ético (...) A *coniunctio* refere-se ao espírito vivo e à espiritualização do corpo, tornando o corpo incorpóreo e o espírito concreto, unindo os opostos de outra maneira. Na prática, isso significará o fim da divisão entre corpo e espírito (Von Franz, *Alquimia*, pp. 257-258 do original).

Toda vez que o indivíduo é capaz de sair de uma situação, ela torna-se uma analogia de algo psicológico. Portanto todos os acontecimentos externos da vida podem tornar-se parábolas de um processo interior de simbolização. Quando vistos desse ponto de vista, os acontecimentos podem ser integrados e se estaria espiritualizando o físico enquanto, ao mesmo tempo, aplicando a percepção psicológica no domínio concreto, o espiritual estaria sendo encarnado (veja a figura 15).

Figura 15. A estrela de seis pontas, símbolo da *coniunctio* alquímica da água (triângulo masculino, ápice para cima) e do fogo (triângulo feminino, ápice para baixo).

Interpretação junguiana: o(s) Amante(s) constitue(m) a única carta que é apresentada tradicionalmente em duas versões inteiramente diferentes. Em alguns baralhos, um jovem e uma mulher sendo unidos em matrimônio (Visconti-Sforza e Rider-Waite); em outros, um jovem deve escolher entre duas mulheres e, por conseqüência, entre dois caminhos adiante (Marselha, Wirth, Court de Gébelin). Em vez de rejeitar uma dessas duas versões considerando-a errônea, podemos vê-las como tentativas de expressar um conceito difícil.

> (...) visto que a substância do arcano sempre aponta para o conteúdo inconsciente principal, assim a qualidade de que ele estiver dotado mostra qual é o relacionamento do conteúdo para com a consciência. Se a consciência o aceita, ele assume a forma positiva; se não aceita, a negativa. Se, porém, a substância do arcano está dividida ao meio, isto é, consta de duas formas, então o conteúdo é aceito apenas em parte, e em parte é rejeitado; neste caso, o conteúdo é considerado sob dois aspectos diversos e incompatíveis entre si, sendo tomado então por duas coisas diferentes (Jung, OC 14, par. 188).

As duas figuras em cada lado do jovem podem representar

> o ataque que um ser contraditório faz na consciência mais acanhada do homem. A meta ou o êxito desta incursão é certamente o alargamento da consciência (...) O um-depois-do-outro é uma etapa preparatória mais suportável para chegar ao um-ao-lado-do-outro; esta última situação tem a desvantagem de constituir um problema mais difícil do que a primeira. Por seu turno, é mais facilmente suportável a concepção de que o bem e o mal são potências exteriores, ainda que de natureza espiritual, desse duelo em que o homem se encontra envolvido; mais difícil, no entanto, é o conhecimento de que os opostos são em si condições inextirpáveis e indispensáveis de qualquer vida psíquica (Jung, OC 14, par. 199).

Somos lembrados aqui que lágrimas, tristeza e desapontamento são amargos, mas a sabedoria é o 'linimento' de todo o sofrimento psíquico. De fato, a amargura e a sabedoria formam um par de polaridades, e o fator comum a ambas é, psicologicamente, a função do sentimento (Jung, OC 14, par. 330).

A função do sentimento, o lugar de ouvir com o coração, é representado na cabala, como já vimos, por Tiferet, o sexto Sefirah. As palavras do Apóstolo Paulo (Primeira Epístola aos Coríntios 13,1-3) vêm à mente:

> Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver caridade, sou como o bronze que soa, ou como o címbalo que retine. Mesmo que eu tivesse o dom da profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência; mesmo que tivesse toda a fé, a ponto de transportar montanhas, se não tiver caridade, não sou nada. Ainda que distribuísse todos os meus bens em sustento dos pobres, e ainda que entregasse meu corpo para ser queimado, se não tiver caridade, de nada valeria!

Essas palavras foram o ponto de partida das reflexões de Jung sobre o amor transpessoal, que ele descreve em uma passagem de sua obra *Memórias, sonhos, reflexões* (p. 353 do original). Nela, ele começa dizendo que as palavras de são Paulo podem bem sugerir a primeira condição de toda a cognição e a quintessência da própria divindade. Ele continua:

> Qualquer que seja a interpretação da frase "Deus é Amor", as palavras confirmam a *complexio oppositorum* da Divindade. Em minhas experiências médicas, assim como em minha própria vida, tenho sido surpreendido com o mistério do amor, e nunca fui capaz de explicar o que é (...) Pois somos, no sentido mais profundo, as vítimas e os instrumentos do 'amor' cosmogônico. Ponho a palavra entre aspas para indicar que não a considero simplesmente um desejo, uma preferência, uma predileção, uma ânsia, e outros sentimentos semelhantes, mas algo superior ao indivíduo, um todo unificado e indivisível. O homem, como parte, não consegue alcançar o todo. Está à sua mercê. Ele poderá aceitar ou se rebelar contra isso; mas é sempre apanhado pelo amor ou envolvido nele. É dependente do amor e por ele sustentado. O amor é sua luz e a sua escuridão, cujo fim não pode ver. 'O amor não se finda' — mesmo que ele fale pela 'boca dos anjos', ou com exatidão científica trace a vida da célula desde sua mais remota origem. O homem pode tentar denominar o amor, concedendo a ele todos os nomes que conhece e, ainda assim, se envolverá em decepções infindáveis. Se possuir um grão de sabedoria, deporá as armas e chamará *ignotum per ignotius* (o desconhecido pelo ainda mais desconhecido) — isto é, pelo nome de Deus. Isso é uma confissão de sua submissão, sua imperfeição, e sua dependência; mas, ao mesmo tempo, um testemunho de sua liberdade de escolha entre a verdade e o erro.

Lembramos que Jung disse a respeito do Si-mesmo:

> Empiricamente, pois, o si-mesmo aparece como um jogo de luz e sombra, ainda que seja entendido como totalidade e, por isso, como unidade em que se unem os opostos. Já que este conceito não é explícito — *tertium non datur* — também é transcendente por esta mesma razão (Jung, OC 6, par. 902).

De fato, Jung destaca que, embora o Si-mesmo expresse a unidade da personalidade como um todo,

> o conceito de si-mesmo é, na verdade, potencialmente empírico em parte... engloba o experimentável e o não-experimentável, respectivamente o ainda não experimentado (...) Na medida em que a totalidade que se compõe tanto de conteúdos conscientes quanto de inconscientes for um postulado, seu conceito é transcendente, porque pressupõe, com base na experiência, a existência de fatores inconscientes e caracteriza, assim, uma entidade que só pode ser descrita em parte e que, de outra parte, continua irreconhecível e indimensionável (Jung, OC 6, par. 902).

Através da diferenciação do Si-mesmo, é fornecida energia aos conteúdos inconscientes que ela ativa e traz à superfície; o ato de diferenciação envolve a separação da libido disponível tanto do objeto externo como do interno. Assim libertada, a libido pode energizar a função transcendente. A libido retida pelo Si-mesmo é impedida de tomar parte no conflito dos opostos; ela ativa a fantasia criativa, uma função irracional e instintiva que tem o poder de suprir um conteúdo, uma essência de tal natureza que pode unir os opostos.

> O si-mesmo representa a meta da vida, sendo a expressão plena dessa combinação do destino a que damos o nome de indivíduo (Jung, OC 7, par. 404).

Uma encruzilhada não é apenas um lugar de escolha; é também um local de encontro, de se reunir a partir de opostos. Pode ser que nossa carta nos lembre de incluir a terceira dimensão, um plano vertical que incluiria a ascensão espiritual aqui na intersecção do mundano com o celestial. Halevi apresenta o Sefirah Tiferet como:

> este Si-mesmo, colocado a meio caminho entre o Céu e a Terra. Encerrado no corpo por algum tempo, participa dos mundos superiores e inferiores, trazendo o divino para baixo e para dentro da Matéria e elevando a matéria em direção ao espírito. Tiferet está no ponto de conexão entre o visível e o invisível (Halevi, *A árvore da vida*,* p. 41 do original).

Linguagem simbólica da imagem

Esta carta apresenta um jovem parado em uma encruzilhada entre duas mulheres. Ele hesita quanto a que caminho tomar. A mulher à sua direita, vestida de azul, simboliza o amor sublimado, a sabedoria; a que está à sua esquerda usa um vestido alaranjado que simboliza a sensualidade e os desejos do instinto. O traje de bufão do jovem revela sua ambivalência. Para tomar uma decisão, ele deve ser forte e ousado, como indica a tensão do arco nas mãos do Cupido, que também significa tensão sexual. Em certas cartas, Cupido é substituído por um anjo. Nesse caso, o jovem e o anjo juntos representam o movimento regressivo e evolutivo nos planos terreno e espiritual.

As três figuras (o jovem e as duas mulheres) simbolizam a Árvore da Vida com suas três colunas, representando as energias divinas e sua oposição. As duas mulheres representam o problema do conflito como princípio de todos os acontecimentos. Quando retratam o amor e o ódio, elas simbolizam o princípio da existência, as forças da natureza em sua atividade instintiva. Sob o ponto de vista moral,

* *A Árvore da vida*, de Z'ev ben Shimon Halevi, foi publicado pela Editora Siciliano em 1994 (N. da T.).

elas simbolizam o bem e o mal, são dois aspectos de nossa própria personalidade. Não é por acaso que o símbolo do Sefirah Tiferet é o nó. De fato, um nó pode ser um emaranhado do qual não é fácil se safar, um símbolo de paralisia recíproca das forças internas que enfatiza o entrelaçamento com o destino ou ser apanhado na rede dos próprios princípios e atitudes. Pode representar também a capacidade de estar ligado e comprometido, dedicado a uma causa, ou uma incapacidade de apreender a realidade e alcançar o centro do labirinto. É, então, um símbolo de ligação e libertação, uma imagem complexa levando ao equilíbrio e à concentração.

Esta carta indica ainda que o iniciado deve escolher entre a obediência e a desobediência, e que, para alcançar a iluminação, é preciso se submeter à vontade de Deus, e que quanto mais se persiste no egoísmo, mais tempo se é prisioneiro. Para atingir os três Sefirot mais altos, deve-se suportar o conflito entre os opostos. Fora isso (ser dilacerado), pode-se ficar suficientemente forte para encontrar uma saída, para resolver o drama entre os ideais e os instintos. Essa ambivalência liga esta carta ao signo astrológico de Gêmeos, os gêmeos Castor e Polux. Lembra também o Deus Janus, de duas caras, Deus do início e do fim. O(s) Amante(s) aponta(m) para a necessidade de discernimento entre a realidade e qualquer imagem falsa que se possa ter de si mesmo e de outros. A presença de Cupido indica a centralidade do amor como força dinâmica fundamental, isto é, a libido.

Algumas cartas mostram apenas os dois amantes: nesse caso, o sentido da carta é que os dois se tornem um só, construindo uma vontade comum e uma única ação. A harmonia e a unidade vêm também do reconhecimento de que a introversão é ao mesmo tempo extroversão quando acontecimentos internos são experimentados externamente. O ego perde sua posição como centro e local de refúgio. Na ação e na paixão, a unidade perdida é recuperada através do êxtase experimentado. O paraíso é, assim, o momento presente. O vazio se torna aparente. As portas se abrem, e abandonam-se as fixações em relação ao passado. Dá-se a revelação.

Esta carta também contém o símbolo do banimento do paraíso. Adão teve de escolher entre a obediência e a desobediência às ordens de Deus. Devido a sua desobediência, a morte e a separação entraram no mundo. No paraíso, Adão e Eva sentiam-se protegidos, seguros, em total harmonia. Banido do paraíso, o ser humano que provara do fruto da árvore do conhecimento torna-se agora um indivíduo auto-responsável. Deve aprender através de experiências dolorosas para conceber e aceitar a identidade dos opostos; deve se tornar auto-reflexivo para alcançar a solução correta; deve aprender a amar e ser capaz do auto-sacrifício quando necessário. A escolha irá determinar se sua vida será de auto-realização ou miserável. A decisão determina a direção da vontade e tem validade cósmica em relação aos princípios fundamentais do universo. Seu trabalho nos campos permite-lhe tirar sustento da natureza e expandir seu próprio ser em direção a um amor abrangente. Comer da árvore do conhecimento significa tornar-se consciente e, portanto, cônscio de sua própria natureza contraditória.

Significa também o início da capacidade de transcender os opostos, lutando para conseguir uma unidade maior e um equilíbrio mais estável.

As 12 pontas da nuvem que serve de base para o Cupido nos lembram as doze estrelas na carta III (a Imperatriz). Os princípios fundamentais do universo são ativos tanto aqui como lá. Contudo, a carta VI indica que enquanto o amor pode inspirar e exaltar, pode também induzir à perda de base segura e a incapacidade de ver claramente quando a visão está nublada pelo amor.

Os alquimistas observaram que a sexualidade é a força propulsora por trás de todas as transformações; é o poder da libido por trás das lutas da humanidade e o anseio da natureza para conduzir todas as suas possibilidades ao aproveitamento de suas ilimitadas riquezas.

VII
O Carro

A letra Zayin significa triunfo, propriedade, seta, arma, a influência de Deus. O Sefirat que corresponde ao número 7 é Nezah, a vitória, o mundo dos anjos, as crianças de Elohim. O equilíbrio entre os poderes organizados da natureza que converge em direção a um objetivo ideal comum é revelado na essência do número 7. Sete também significa movimento, dominação do espírito sobre a matéria, mutação, transformação; lembra-nos de que há sete princípios e sete pecados capitais. Seu sentido negativo revela ódio, violência e destruição.

De acordo com Jung, na linguagem da iniciação, os sete estágios simbolizam a transformação (OC 12, par. 99). O número alude ainda aos sete planetas visíveis e seus metais correspondentes. Os sete metais representam psicologicamente os componentes coletivos da personalidade (Von Franz, 1966, p. 273 do original), a singularidade do indivíduo é expressa no padrão específico de sua constelação. Os espíritos dos sete metais são os arcanos ou pilares do opus: sete ervas, sete artes, sete pedras, sete letras e sete palavras. Sete é significativo como o número dos dias da criação, as sete idades do mundo; afirma-se que na sétima e última era, o Espírito Santo irá aparecer e sobre a humanidade descerá o 'Grande Sabá'. O número sete está relacionado com o Espírito Santo devido aos sete dons da graça (Von Franz, 1966, p. 215 do original).

O número sete, que é composto de 3 + 4 — atividade e competência — indica que a liberdade é alcançada pela combinação da versatilidade e maestria, empenho e firmeza. Sete é também uma combinação de 3 + 3 + 1. A primeira tríndade (material) é representada pelo carro e os dois cavalos; a segunda (espiritual), pelo condutor, seu cetro e sua coroa; o Sol no meio do céu retrata a Unidade. De acordo com Jakob Böhme, há no cosmo sete espíritos organizadores que põem em prática a sabedoria eterna. Eles consistem em uma tríade superior (desejo, movimento, descanso), uma tríade inferior (amor, mundo, corpo) e um mediador (relâmpago ou fogo) que estabelece o contato entre a natureza e o espírito. Em outros sistemas, o sete simboliza o

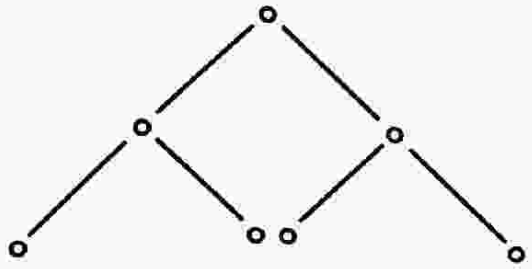


Figura 16. Tríade e quaternidade.

conflito entre uma tríade espiritual, superior, e uma quaternidade natural, inferior (Von Franz, 1966, p. 229 do original). Veja a figura 16.

Temas, associações, correspondências

O Carro representa a receptividade, o equilíbrio, a maestria e o triunfo. A dor é necessária para atingir *insights* e conseguir o domínio sobre as próprias paixões. Ainda assim, a mobilidade psíquica triunfa sobre a inércia e a fixação. Os princípios criativos e orientadores estão sintetizados nesta carta, havendo equilíbrio entre os poderes intelectual e emocional, entre a tolerância e o poder. O Carro simboliza o triunfo do empenho sobre a perseverança; conquista, força e urgência. A desorientação e/ou a reorientação podem dominar.

O ideograma para esta carta é

Amplificação astrológica: o Carro tem sido relacionado com os planetas Netuno, Marte, Vênus, como também com o Sol, e com os signos de Gêmeos, Sagitário e Peixes. Escolhi associá-lo a Sagitário devido a sua energia ativa, expansiva e conquistadora. De fato, não é um signo conformado com as limitações e exigências mundanas da vida. A visão primordial de Sagitário é a busca incessante do espírito que pode transcender a sorte e a morte. As qualidades tradicionalmente associadas a Sagitário criam um domínio de justiça como alternativa à vingança implacável da natureza e da necessidade (Nêmesis e Moira). O Sagitário é uma criatura merecedora de dignidade e honra, parte demônio e parte deus, parte besta e parte imortal, que volta os olhos pela metade imortal de si mesmo e tem então de pagar o preço de cuidar do corpo sofredor, ignorado por ele durante tanto tempo. O Sagitário pode curar e dar conselhos proféticos e sábios para os males de todos menos de si mesmo; sua alma é ferida pelo

choque de sua natureza benigna com a escuridão e o veneno do mundo. Talvez devido a isso, em vez de apesar disso, Sagitário ofereça esperança e otimismo para si mesmo e para os outros (Greene, 1984, pp. 235-242 do original).

Amplificação cabalística: após o segundo século, os místicos da Merkavah mantiveram em segredo a capacidade de combinar e meditar sobre as letras para induzir à Iluminação. Merkavah significa não apenas essa técnica mas também o Veículo Divino, o Carro. Fitar o Carro significa fitar as letras do nome de Deus, mentalmente moldadas na forma de um carro. Essa é uma técnica que Abraão Abulafia (1240-1290) utilizou para auxiliar seus discípulos a superar os obstáculos mentais. O pensamento humano era para ser transformado em um veículo que conduzisse ao 'entusiasmo' espiritual, que era o carro que levaria os discípulos para mais perto do Trono da Glória. O entusiasmo fornecia material para a imaginação e substância para o intelecto. Concentrando-se no carro, o discípulo sentia correr em seu corpo e por sua espinha uma energia de vida evocada que o ligava a Deus. Experimentando as letras aparentemente aleatórias que contêm toda a natureza, ele conduzia o carro exibindo perfeito domínio espiritual, e com controle completo de todos os sentidos. É concebível que o Sefirah Nezah (que significa força de vida) tenha contribuído para esse domínio de condução espiritual.

Amplificação alquímica: no texto alquímico que se refere ao 'carro de Aristóteles', uma serpente que se encontra "num carro de seu vaso, e por uma quádrupla rotação das naturezas é retirada daí, certamente pode ficar inclusa". Na interpretação de Jung, a serpente é a *prima materia*, *Serpens Hermetis*; a quádrupla rotação das naturezas corresponde à transformação através dos quatro elementos, da terra ao fogo.

> O simbolismo destas explanações descreve brevemente o essencial do opus: a serpente de Hermes (...) o Nous do lado frio da natureza, ou em outras palavras: o inconsciente é preso no vaso esférico (...) que segundo a concepção alquímica significa tanto o mundo como a alma. A concepção psicológica reconhece nisso a correspondência psíquica do mundo, que é a *consciência* do mundo e da alma. A transformação corresponde ao processo psíquico da assimilação e da integração, isto é, à função transcendente (Jung, OC 14, par. 255).

Interpretação psicológica: o Carro representa o efeito da aliança do intelecto treinado, do corpo disciplinado, e o entendimento prático servido pelo otimismo da energia juvenil. É a vitória do equilíbrio em ação, da negociação bem-sucedida de sucessivas e sutis adaptações à necessidade do momento.

Interpretação junguiana: o Carro é, em certo sentido, o símbolo da vida terrena (OC 14, par. 273); o condutor é um espírito vivo que utiliza o carro como seu corpo, que consiste em quatro elementos.

Os quatro pilares do carro indicam que

> (...) as quatro naturezas ou elementos se acham reunidas, (...) isto é, os quatro aspectos ou funções estão integrados na consciência; com isso foi preparado ou quase atingido o estado de totalidade. Se ele de fato já tivesse sido alcançado, então aqui estaria concluído o opus. Mas somente se conseguirá atingir o "effectus", quando "se for adiante" (progredi). Por "effectus" se pretende indicar algo que significa mais do que a integração das quatro naturezas (Jung, OC 14, par. 259).

De fato,

> (...) o processo da transformação de modo algum chegou ao final, por ter confeccionado o símbolo da quaternidade. A continuação ulterior do opus conduz ainda à perigosa passagem (...) a qual significa a morte e o renascimento. [Ao usar o paradoxo] "*currens sine cursu, movens sine motu*" (...) introduz-se uma coincidência dos opostos nesta passagem (OC 14, par. 267). (...) A união dos opostos extremos (...) é a coroação do opus e a meta da *peregrinatio* (Jung, OC 14, par. 272).

As rodas nos lembram que

> (...) no interior da alma giram as rodas, e os processos cíclicos apresentam à consciência a "mandala" da personalidade total, que é o desenho primordial do si-mesmo (Jung, OC 14, par. 256).

Linguagem simbólica da imagem

Em contraste com o Imperador (carta IV), em posição imóvel, rígido e isolado em seu trono, o condutor do Carro viaja através do mundo enchendo o espaço com energia, inspirando através do espírito e demonstrando o esforço envolvido em superar a inércia. Pertence a ele a liberdade de movimento, de subir e descer, de, partindo do conhecido, atingir o desconhecido. Esta carta mostra que o conflito surgido com a carta do(s) Amante(s) (carta VI) está superado; o condutor está acima dele. Através da liberação dinâmica da tensão entre esses opostos, foi atingido um novo nível de compreensão. O cetro e a coroa do condutor nos permitem reconhecê-lo como um mensageiro de dois princípios mais elevados do desenvolvimento da personalidade, a revelação e a expansão, que se unem para conduzir em direção à totalidade.

A coroa dourada, como um halo, mostra a conexão do condutor com a iluminação e a energia do Sol. A coroa é identificada com o espírito divino na humanidade. Sua forma circular expressa sua natureza eterna e celestial; é uma ligação entre Deus e a humanidade, a coroa e o coroado, o imortal e o mortal (Knapp, p. 204 do original). Assim, o condutor pode simbolizar uma função mediadora entre o ser humano e Deus e uma ponte entre suas próprias naturezas materiais e espirituais. O Sol acima representa a imparcialidade necessária para manter o carro apontado bem para a frente. É o ponto central da justiça e da energia espiritual concentrada que impulsiona o indivíduo em direção ao autodesenvolvimento, à auto-afirmação, e para assumir deliberadamente suas responsabilidades.

O condutor está de pé, uma posição que aumenta a dificuldade de sua tarefa porque ele deve reunir suas forças e encontrar o equilíbrio necessário para conduzir os cavalos da vitalidade instintiva enquanto mantém o carro firme — pousado sobre as duas rodas que mal tocam o chão em um único ponto, quando estacionário, mas que muda rapidamente de um momento para o outro quando em movimento. Ele retrata assim a combinação precária e complexa de talentos necessários para alcançar a estabilidade, mantendo-se os opostos em equilíbrio: compensando-se a atração regressiva da inércia psíquica com a necessidade de mudança, a segurança da acomodação com a curiosidade de explorar o espaço interior e exterior, pode-se alcançar a libertação do passado e a flexibilidade de alterar a direção intuitivamente toda vez que for preciso. Combinando-se a flexibilidade e a determinação, tendo-se a força para dominar os cavalos assim como a sensibilidade sutil de manter o carro firme sobre duas rodas, pode-se explorar o espaço, expandir a consciência e atingir um ponto de vista novo e transcendental.

A posição de estar em pé do condutor também representa a conexão existente entre o espírito eterno e humano, equanimidade e firmeza sob circunstâncias difíceis, a necessidade de manter as energias em equilíbiro e sob controle para ser eficiente. O cetro simboliza a unidade intrínseca inerente a qualquer acontecimento, a capacidade de determinar a direção da viagem que iremos fazer e a possibilidade de interromper o movimento ou repeti-lo, de acelerá-lo ou refreá-lo. O orbe no alto do cetro significa a quintessência e representa o centro mais interior, o âmago. Em alguns baralhos, ele mostra um triângulo dentro de um quadrado, o 3 e o 4, um símbolo de espírito encarnado. Quando esse símbolo está circundado por um círculo, proclama que Deus reside em sua criatura através de toda a eternidade. O globo com asas que decora o painel fronteiro do carro lembra o corpo astral que fornece a estrutura dentro da qual os processos do corpo material se desenvolvem. Sua natureza feita de éter garante vida e é o suporte e o condutor de todos os fenômenos vitais. Esse orbe, o *eidolon* dos gregos, mediador do contato com a terra, sugere a participação cósmica nesse processo.

O escudo do condutor representa a defesa contra o mundo exterior e prontidão para o combate. O condutor é protegido contra a parcialidade pelo quadrado de pedreiro visto às vezes em seu peito. Os dois quarto crescentes sobre os

ombros significam tolerância feminina, sua disposição para suportar e assumir situações variáveis. Também significam domínio sobre a maré e fluxo dos humores e emoções, sobre os movimentos do coração, sobre os poderes sutis que lançam a consciência em estados de êxtase. A vara que liga os cavalos ao carro denota fortalecimento da vontade de guiar os cavalos e a energia vital que eles simbolizam; significa determinação e sua execução prática.

Utilizar um carro significa a ação que se revela e se estende através de avanços e retiradas. O formato quadrado do carro aponta em direção à totalidade da ocorrência, enquanto seu movimento permite que o espaço seja sentido corporalmente. Com isso, a expansão da consciência torna-se possível e agora é capaz de fornecer a perspectiva necessária para ver as coisas objetivamente e evitar a monotonia entediante da rotina; permite alterar o ponto de vista através de um *insight* fortuito e surpreendente. Em outro nível, o formato quadrado do carro pode também indicar as substâncias delicadas que dirigem as manifestações dinâmicas do corpo e procedem à mediação entre o perceptível e o imperceptível, entre o rude e o sutil.

Os quatro pilares indicam a relação entre controle e paixão, entre o intelecto e o instinto. A cobertura azul representa o firmamento que separa o temporal do eterno e enfatiza que, apesar de todos os nossos esforços espirituais, temos apenas uma capacidade limitada de percepção. As estrelas na coberta, que reitera a orientação divina, também nos avisam contra a mesquinhez. As rodas representam a energia vital que se revela em movimento; elas promovem o entendimento intuitivo e a expansão da consciência em territórios desconhecidos.

O carro é puxado por dois cavalos que representam forças criativas e destrutivas. É a função da inteligência inventiva evidenciada pelo condutor para pôr os arreios e jungir tanto o cavalo escuro quanto o claro em serviço inovador para a tarefa a ser realizada. Deixados sem um guia, iriam se voltar um contra o outro; colocados juntos, os dois cavalos mostram o equilíbrio possível entre a atividade e a passividade, inteligência e sentimento. Em alguns baralhos, os cavalos têm cores diferentes, que podem ser interpretadas da seguinte forma: um cavalo vermelho ou amarelo indica temperamento feroz, imprevisibilidade, liderança ativa ou, pelo contrário, temor e sensibilidade. Um cavalo preto ou azul representa passividade, lamento, perda e renúncia. Um cavalo branco indica que os instintos estão adormecidos ou são transcendentes; pode também representar atitudes ingênuas, sem propósito. Às vezes um dos cavalos é retratado empinado; isso indica o temor de ter de abandonar uma postura de ego familiar, como quem retrocede temendo o abismo. Em alguns baralhos de tarô, os dois cavalos são retratados como um único corpo com duas cabeças. A arte do condutor é colocar os arreios nessa criatura de tal maneira que não se embarace nas rédeas e não fique parada em seu caminho. Simbolicamente esse processo é representado pelo caduceu, o bastão da serpente de Mercúrio. O bridão e as rédeas representam a capacidade de conter o fluxo do pensamento e estar no comando dos próprios

sentimentos. Eles retratam o processo de tomada de consciência, de reconhecimento da estrada pela qual se tem de dirigir. Significa a capacidade de utilizar as habilidades adquiridas.

Psicologicamente, tornar-se consciente das múltiplas camadas do ego facilita a relativização do ego e sua conexão com o Si-mesmo. A possibilidade de fazê-lo é um dom, mas há sempre o perigo de o indivíduo ter de abandonar o processo todo ou de, subjugado pela energia inconsciente de um complexo, continuar a correr compulsivamente, fora de controle, sem disposição ou incapaz de se conter.

ח

VIII
A Justiça

A letra Chet é o símbolo da justiça, distribuição, causa e efeito e responsabilidade. O Sefirah que corresponde ao número 8 é Hod, que significa fama, vitalidade, evolução e involução, a permutabilidade da oscilação e do equilíbrio. A Justiça é a esfera da formulação das formas, pegando as forças naturais expressas na carta VII (o Carro) e moldando-as com autoridade (carta IV, o Imperador) e com simpatia (carta VI, o[s] Amante[s]). Nem a autoridade com sangue-frio nem a simpatia piegas podem dar forma; uma é rígida demais; a outra não é coesa. A forma necessita da quantidade certa de coesão, uma mistura ideal do sólido e do fluido. Em seu sentido negativo, a carta VIII revela a tendência para agir impulsivamente, automaticamente ou ser conservadora demais.

O número 8 representa não apenas a tensão aumentada e definição legítima do número 4; visto como dois quadrados entrelaçados (figura 17), também sugere um estado de equilíbrio que é necessário tanto para a Justiça como para a ordem e a verdade. A deusa Maat, a encarnação da verdade (simbolizada pelo seu diadema de penas de avestruz), acompanhou Toth na pesagem das almas nos mistérios egípcios. Sua imagem também está associada à Justiça.

Depois dos sete dias da criação, deu-se o início de um novo ciclo com a carta VIII. A primeira seqüência de sete mostrou o espírito como o princípio do movi-

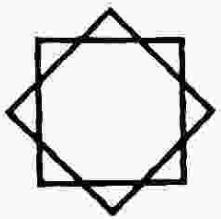


Figura 17. Quadrados interligados.

mento, a carta VIII retrata a organização da existência, ordem. Themis (ordem) lembra a Imperatriz (carta III), que agora se tornou severa e inexorável; seu trono é tão imutável como o do Imperador; ela perdeu suas asas.

Comparada com a carta VI, que fica no centro, há uma correspondência do outro lado entre as cartas IV e VIII. (Veja a figura 18.) O que seria do Imperador sem a Justiça? Sua administração seria ineficaz se não tivesse ligação com os fatos concretos. O Imperador (carta IV) representa o princípio da vida; ele o irradiaria em vão se esse princípio não fosse coordenado com a Justiça. Além do mais, a natureza (carta III) também organiza e distribui os poderes da vida de acordo com as medidas legítimas da carta VIII. E o que seria da Justiça sem a simpatia imaginativa (carta VI)?

Com o Carro, as duas primeiras trindades estão unidas na primeira seqüência de sete, correspondendo (como foi sugerido acima) ao desenvolvimento do espírito. A carta VIII inicia a segunda seqüência de sete, correspondendo ao desenvolvimento da alma. Aqui a tensão inerente às conexões legítimas entre causa e efeito torna-se ainda maior. A terceira seqüência de sete diz respeito ao desenvolvimento da fixação no corpo.

A carta VIII também pode ser vista como a segunda ligação na terceira trindade. Desse ponto de vista, a Justiça adquire uma postura passiva oposta ao Carro. Contrastando com o Carro, que representa o espírito como impulsionador universal, a Justiça retrata a criação da vida através de ordenamento e organização. A tarefa da Justiça é iluminar, ordenar e sistematizar o caos; todas as criaturas podem existir graças à legalidade ordenada pela Justiça.

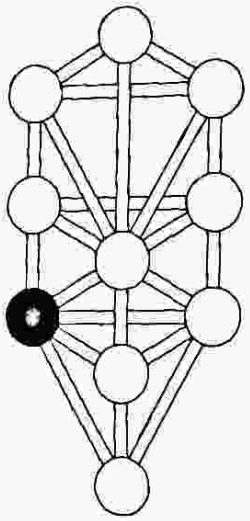


Figura 18. A Justiça localizada na Árvore da Vida.

Temas, associações, correspondências

A Justiça denota equilíbrio, ação, trabalho. A justiça de Deus se revela no universo através da oscilação entre opostos. A lei de reação compreende o movimento dual dos poderes da evolução e involução e sua união em seus resultados. Esta carta nos faz lembrar que os seres humanos devem julgar suas ações e as conseqüências decorrentes delas. A Justiça também representa o equilíbrio entre as forças da tolerância e do dinamismo, entre 'emocionalidade' e razão, entre a verdade relativa e a absoluta, entre a ilusão e a realidade. A Justiça contribui para manter a ordem social, a responsabilidade, a recompensa e a punição. Indica a justiça humana limitada.

O ideograma desta carta é

Amplificação astrológica: são atribuídos à Justiça os planetas Saturno, Mercúrio e Vênus, assim como os signos de Capricórnio, Libra e Câncer. Libra, o signo da balança, é regido por Vênus, deusa da parceria, de relacionamentos recíprocos, da comunicação, da comunhão, da beleza e da simpatia. Contudo, Libra é o único signo do zodíaco representado por um objeto inanimado. Isso sugere que, quando chegamos ao ponto de equilíbrio refletido no equinócio outonal, encontramos algo que está muito longe do instintivo. De fato, as faculdades de julgamento, reflexão, discernimento e escolha são as características básicas desse signo, o fruto do esforço consciente, e não um desenvolvimento natural. A deusa da justiça adquiriu algo mais refinado do que o sanguinário e sombrio instinto da vingança; essa deusa julga de acordo com a lei e a moralidade humanas. O Julgamento, sob o ponto de vista de Libra, está baseado em avaliação e reflexão cuidadosas antes que qualquer sentença seja dada (Greene, 1984, p. 221 do original).

Amplificação cabalística: a função de Hod, o oitavo Sefirah (que significa esplendor ou reverberação), é apanhar e passar para a frente uma informação. Hod também controla as forças vitais do corpo, os processos voluntários. Isso inclui os sentidos, que podem ser levados a reagir e reverberar como resposta a novos estímulos. Além de receber todos os estímulos do ambiente, sejam eles físicos, intelectuais ou emocionais, Hod computa o significado a partir do som das palavras, símbolos e formas e liga o interior ao exterior. Além de reagir ao mundo exterior, como faz toda a coluna passiva da qual Hod é o degrau inferior, Hod também testa Nezah, seu oposto na coluna ativa. Hod é, portanto, o Sefirah da informação mental, dos limites estabelecidos, das verificações e equilíbrios (Halevi, *A árvore da vida*, pp. 32, 34, 42 do original).

Amplificação alquímica: medir, numerar, pesar e a noção quantitativa em geral pertencem à operação da *separatio*. Então, da mesma forma, estabelece os limites. A proporção dourada (a/b = b/c), um símbolo da *separatio*, expressa a idéia de que ha um modo particular de separar os opostos que cria a terceira entidade (a proporção ou média entre elas) de grande valor. A imagem da média dourada pode ser entendida psicologicamente como expressão simbólica da relação do ego com o Si-mesmo. O espírito e a letra da lei também estão ligados ao equilíbrio entre opostos, e a justiça pode ser servida apenas com a reconciliação entre eles. A separação dos opostos é o pecado original cometido pela tomada de consciência, e sua redenção é a tarefa da individuação.

Interpretação psicológica: para dar uma direção sólida à própria vida e avaliar corretamente as próprias ações e suas consequências, tem-se de permitir as aspirações amplamente ignoradas e os anseios do inconsciente para desafiar a autosatisfação com as escolhas conscientes bem-sucedidas.

Interpretação junguiana: sentada entre os dois pilares (vontade e providência), a Justiça representa o equilíbrio entre a vontade individual e a providência universal. Ela segura a espada na mão direita e uma balança na esquerda. Em *The origins and history of consciousness* (*As origens e a história da consciência*), Neumann considera a espada o simbolismo de um elemento ativo de defesa da consciência contra o inconsciente. A consciência corta os elementos inconscientes em 'bocados' para torná-los digeríveis. De fato:

> Os poderes assimiláveis da consciência que possibilitam que ela primeiro perceba os objetos como imagens e símbolos, em seguida como conteúdo e finalmente como conceitos e para absorver e dispô-los em nova ordem, pressupõem a função analítica. Por meio dela, a tendência destrutiva do inconsciente torna-se uma função positiva da consciência (...) A assimilação das tendências destrutivas do inconsciente está, assim, intimamente ligada às qualidades 'negativas' da consciência (Neumann, 1973, p. 317 do original).

O entendimento e a digestão dos conteúdos do inconsciente estão associados por Jung à

> (...) atividade automática e instintiva do inconsciente, que sempre visa a criação de um novo equilíbrio; tal meta será alcançada sempre que a consciência for capaz de assimilar os conteúdos produzidos pelo inconsciente (...) (Jung, OC 7, par. 253).

A balança que a Justiça tem de manter pesa a liberdade individual contra a ordem universal, justiça terrena punitiva contra a justiça divina da graça, padrões interiores contra exteriores:

> (...) o trágico jogo de oposições entre o dentro e o fora (...) representa, no fundo, o processo energético da vida, a tensão de opostos indispensável para a auto-regulação. Mas, por diferentes que sejam (...) esses poderes antagônicos, no fundo ambos querem e significam a vida do indivíduo: oscilam em torno de sua vida, como se esta fosse o fiel de uma balança (Jung, OC 7, par. 311).

A natureza tríplice dos pratos suspensos da balança e a relação dos dois pratos com seu suporte vertical e com a figura da Justiça pode ser igualada à função transcendental e seu relacionamento com o conflito entre os opostos. Jung afirma:

> O alternar-se de argumentos e de afetos forma a função transcendente dos opostos. A confrontação entre as posições contrárias gera uma tensão carregada de energia que produz algo de vivo, um terceiro elemento (...) um deslocamento a partir da suspensão entre os opostos e que leva a um novo nível de ser, a uma nova situação. A função transcendente aparece como uma das propriedades características dos opostos aproximados (Jung, OC 8, par. 189).

Diferentemente da espada, as escalas da balança são mutáveis, um símbolo de negociação fluida constante entre as duas tendências opostas que ela conecta; assim, ela transpõe internamente o equilíbrio precário e delicado que o condutor confrontava externamente na carta VII.

Para aqueles feridos em seu narcisismo, apanhados nas garras do dragão paterno devorador e destrutivo, a espada da Justiça e a coragem de usá-la são um gesto necessário. Inserida em um nível concreto, a balança da Justiça pode fornecer a eles a capacidade de pesar 'isto' e 'aquilo' em vez de ter de escolher entre um doloroso 'ou/ou'. Acima de tudo, a perda do sentido do que é imparcialidade e o desespero de alguma vez os erros cometidos contra eles serem reconhecidos — e vingados — podem ser substituídos por uma insinuação auspiciosa de que é possível uma mudança. O conflito doloroso entre os opostos, que parece insuperável, pode encontrar uma solução potencial na equanimidade da Justiça e no compromisso que ela tem de encontrar, em oscilações bem sintonizadas, o equilíbrio necessário no centro.

Linguagem simbólica da imagem

A vestimenta e a postura da Justiça lembram a Imperatriz (carta III). A figura da Justiça segura a balança e a espada e dá uma sentença justa e equilibrada. Ela separa o certo do errado, o autêntico do falso, independente de considerações pessoais. As sentenças são executadas sem indulgência a fim de restabelecer o equilíbrio rompido. Ela simboliza tanto a face pacífica quanto a face irada de Deus. A Justiça é representada sem asas porque aqui as leis da matéria alcançam sua aplicação prática; ela não pode se elevar acima do plano material. Sua coroa traz o signo do sol, significando que o princípio superior de organização e ordem atribui o lugar exato para todas as coisas; e indicando ainda que o reconhecimento da verdade livra da dúvida e do medo e que os poderes construtivos são coordenados. Em alguns baralhos, o círculo rodeia uma jóia quadrada, simbolizando o papel da justiça, que abrange toda manifestação fundamental; pode também mostrar o poder ativador existente na matéria. As endentações da coroa significam sentenças severas e algumas vezes cruéis. Em outros baralhos, a Justiça usa uma coroa tríplice. Isso pode ser interpretado como a representação das três funções da justiça, por sua vez, correspondendo aos três degraus do conhecimento — instrução, hipotética (*doxa*); debate, argumentativo (*dianoia*); e decisão, intuitiva (*episteme*). A Justiça não é possível a menos que respeitemos a imparcialidade e a verdade como princípios éticos importantes e a menos que a misericórdia mantenha em equilíbrio a severidade nos julgamentos que fazemos.

A espada indica a maneira inexorável na qual a aplicação da sentença é executada, pois nenhuma violação da lei permanece sem punição; no entanto, todas as pessoas são julgadas de acordo com suas circunstâncias e capacidades. A espada também significa cuidado, precisão de diferenciação, execução imediata da decisão. Lembra-nos que o legislador tem o direito de perdoar e que seus discernimentos têm de ser fluídos; de outra forma, a rigidez pode predominar. Sua postura passiva e receptiva sugere que os resultados corretos de nossas ações dependem de estar de acordo com a legitimidade básica e com a verdadeira natureza das coisas.

As duas colunas representam vida e morte determinando o domínio da atividade, limite de tempo. Os dois ornamentos no alto das colunas trazem à mente os aspectos duais de todos os acontecimentos. No ser humano, essa dualidade representa a capacidade de conceber de um ponto de vista oposto ao seu próprio. Simboliza os aspectos complementares, a dualidade, a divisão. Quando o formato dos ornamentos lembra uma romã cortada na metade, isso significa que a lei tem também de ser aplicada no domínio da fertilidade, dos sentimentos e da atividade que dá vida. A balança ainda nos faz lembrar que a lei do equilíbrio é válida na esfera vital e que qualquer excesso de esforço deve ser compensado com um período de repouso tranqüilo. A balança, nesse contexto, pode ser vista como a representação do mais alto nível de legitimidade universal, a condição básica para a tolerância e a eficácia, a estrada do meio, a equalização das polaridades da estase e do fluxo. Indica que a atenção correta é a base para o desenvolvimento da objetividade e que se deve alcançar a diligência através de todos os domínios da existência. Quando tudo está em equilíbrio, a calma interior fornece momentos para que o chamado da consciência seja ouvido e para que a verdade da existência seja reavaliada.

Os dois pratos da balança indicam a equalização necessária entre atividade e passividade, vigília e sono, excitação e depressão, expansão e contração. A agulha indicadora procura aquilo que passa além do ponto ilimitado no meio, o centro invisível que permanece além da percepção humana, a identidade de verdade absoluta e existência íntegra e incondicional, o ponto em que os mundos superiores e inferiores se encontram na sua jornada semelhante em direção um ao outro. A escala é o instrumento de reparação das faltas. Um prato da balança está na terra e outro no céu; da mesma maneira que somos perdoados, devemos perdoar. Pode significar também simpatia, relacionamento entre o Si-mesmo e o ego (seja em síntese ou em análise), a restrição ou expansão do espaço. Quando os pratos estão em perfeito equilíbrio, isso denota a integração das lutas do consciente e do inconsciente.

Tanto o Imperador quanto a Justiça carregam o signo do Sol. Quanto ao Imperador, isso tem relação principalmente com o coração e o amor abrangente; quanto à Justiça, refere-se à ligação entre o entendimento e a razão. No folclore egípcio, o juiz dos mortos pesa a alma do falecido, colocando-a em um dos pratos da balança; contrabalançada por uma pena no outro prato, a alma tem de se apresentar tão ou mais leve. O juiz cristão dos mortos, o arcanjo Miguel, é o vencedor do dragão do inferno; ele é representado na carta XIX (o Sol) assoprando a trombeta no dia do julgamento.

ט

IX
O Eremita

A letra Tet significa perspicácia, teto de sabedoria, escudo, tudo o que protege e isola. Evoca a tecelagem, uma atividade ligada à passagem do tempo. Seu símbolo é a serpente, cujo formato é parecido com o da letra. O Sefirah que corresponde ao número 9 é Yesod, que significa fundação, hierarquia, harmonia, ordem, perfeição, potencial para realizar, sabedoria, prudência, tranqüilidade. Num sentido negativo, simboliza a superstição e o pânico.

O ponto (carta I) agora brilha: é a luz central do espaço irradiando-se simetricamente em oito direções. (Veja a figura 19.) Mesmo que o raio de luz não seja muito brilhante e se projete apenas parcialmente sobre o caminho, de qualquer modo atinge cantos escondidos.

O nove pode ser definido como 3 x 3, três tríades em uma tríade — espírito, intelecto e sentimento coexistindo no corpóreo. Significa luz, vida, amor; significa iniciação e término. Como 8 + 1, representa o 'feto novenário', o cumprimento dos mistérios, a realização máxima da arte mística. Como a quintessência está para a quaternidade, assim também está o número nove para a ogdôade (*ogdoad*) (Jung, OC 13, par. 187).

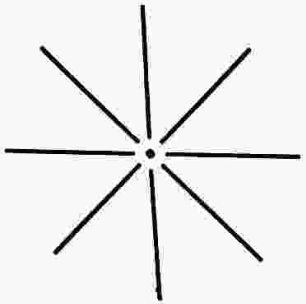


Figura 19. A estrela de oito pontas e sua luz central.

O Eremita denota a coragem de olhar para si mesmo; tem a conotação de sabedoria e conhecimento. É voltado para os ideais e inteligência e representa ações determinadas pela prudência, experiência e sentimento.

O ideograma para esta carta é

Amplificação astrológica: ao Eremita foram atribuídos os planetas Marte, Júpiter, Saturno e Urano, assim como os signos de Áries e Leão. Parece-me que Áries e Leão, ambos signos do fogo, possuem brilho demais para se enquadrar em nossa imagem. Quanto a Escorpião, somos forçados a lembrar a sagacidade necessária para lidar com a escuridão e o veneno primordiais encontrados se e quando o indivíduo vai muito fundo. O demônio do Escorpião o leva a colidir com tudo o que é assustador, obscuro e destrutivo na vida. A reflexão, assim como o fogo, é necessária, seja como a brasa da emoção intensa contida no íntimo ou como luz do *insight* e da consciência. Mais freqüente do que o contrário, a expressão mais profunda dessa batalha está dentro do indivíduo, sendo a transformação a meta final, em vez da fuga e da regressão. O Escorpião vê nessa luta, além da procura incansável pelo poder e egoísmo, a jornada da alma através da escuridão em direção a Deus. As altas aspirações de Escorpião podem conduzir a uma aversão pela vida e suas tentações, ainda que tanto a aversão quanto a aspiração surjam do mesmo âmago misterioso — em parte sexualidade, em parte espiritualidade. Quando ambos estão unidos, emerge uma figura de dignidade e redenção (Greene, 1984, p. 234 do original).

Yesod tem um aspecto fálico: ele preenche Malkhut "e o irriga com as águas do alto", e significa a região genital do Homem Original (Jung, OC 14, par. 18, n. 120). Esse Sefirah é também chamado de Zadek, o Justo (Jung, OC 14/2, par. 300), a encarnação do redentor em cada geração, e portanto, ligado ao signo da água Escorpião ♏, que apresenta a imagem do portal triplo, que leva à verdade espiritual e à experiência da transcendência (Sucher, 1982, pp. 94-97 do original).

Amplificação cabalística: Yesod (fundação) ou Zadek (o Justo) é o nono Sefirah; é encontrado no ápice da mais baixa tríade da árvore cabalística (veja a figura 20 à página 116). Esse Sefirah é considerado como uma estação de meio de caminho pela qual todas as almas devem passar antes de entrar na "casa do tesouro das almas", localizada no paraíso celestial, onde elas vivem em felicidade até serem chamadas para descer mais uma vez e assumir a forma humana (Scholem, 1974, p. 157 do original). Na coluna central, mas em um degrau mais baixo do que Tiferet, Yesod é como um espelho/tela, refletindo e projetando continuamente na consciência comum aquilo que é apresentado pelos caminhos que

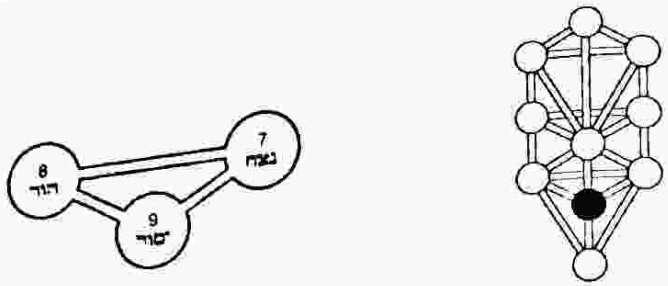


Figura 20. O Eremita localizado na Árvore da Vida. (Extraída do livro *Cabala*, de Poncé, pp. 128-129 do original.)

fluem para ele. Esses caminhos o suspendem entre os quatro pontos Tiferet, Nezah, Hod e Malkhut e, através dele, pode-se ver os mundos interiores e exteriores. Yesod é suprido por informações que vêm de Hod (forma), Nezah (energia) e Malkhut (o veículo físico); de maneira ideal, Yesod é o servo de Tiferet.

Às vezes, o manto psicológico yesódico é elaborado aqui; em parte protege, mas em parte aprisiona. Yesod paira no ar como uma estrutura frágil e efêmera mantida em equilíbrio entre a consciência do corpo e da alma (Halevi, *A árvore da vida*, pp. 44-45 do original). Yesod pertence tanto ao consciente quanto ao inconsciente e, portanto, até certo ponto, forma uma ponte entre os dois domínios (Hurwitz, 1968, p. 205 do original). Yesod se liga a Malkhut, a terra no plano inferior, passa através de Tiferet, o coração, e eleva-se até Keter, o espírito.

Amplificação alquímica: Yesod tem muitos significados que estão relacionados a Mercúrio. Em alquimia, Mercúrio é o 'ligamento da alma', unindo espírito e corpo. Sua natureza dual faz com que ele represente o papel de mediador; é corpóreo e espiritual, e ele mesmo é a união desses dois princípios.

> Em Jesod [Yesod] se realiza o Mysterium da "Unitio", isto é, o "ato da união" do superior, Tiphereth [Tiferet], com o inferior, Malchuth [Malkhut] (...) Jesod se chama (...) aliança da paz (...) Jesod quer dizer (...) o firme, o confiável, o estável, por conduzir a emanação de Tiphereth para Malchuth (Jung, OC 14/2, par. 300).

Essa *unitio* evoca a mistura resultante da operação alquímica da *liquefactio*, que é um dos modos de primeiro decompor a consciência e se aproximar do inconsciente. Um dos estágios iniciais do opus alquímico é freqüentemente a *liquefactio*, a liquefação para dissolver a *prima materia* que em geral é endurecida ou solidificada, não podendo, portanto, ser utilizada para a feitura da pedra filosofal. Essa é uma imagem bem apropriada para o estágio inicial da análise na

qual, com freqüência, tem-se de derreter as estruturas defensivas, a armação do ego, indispensável para a sobrevivência.

Interpretação psicológica: quando a auto-análise e o isolamento substituem o gregarismo, a introjeção resultante ativa o inconsciente. Embora abafada e fraca, a chama da luz eterna revela, na noite escura da alma, dimensões e formas até então não observadas. O desafio criado por essa busca do significado deve ser aceito e encarado por qualquer um que vai além dos valores convencionais em favor da verdade interior.

Interpretação junguiana: no volume 14/2 de suas *Obras Completas*, Jung coloca o Sefirah Yesod tanto no contexto horizontal quanto no vertical:

> Ele [Yesod] reúne a emanação do lado direito, masculina (Nezah, força vital), com a do esquerdo, feminina (Hod, beleza) (...) Jesod se relaciona como a parte para o todo, e o todo é Tiphereth, que é designado como Sol (...) A terra, Malchuth, é o escabelo de Jesod (par. 300, 304).

Alquímica e astrologicamente, Jung observou:

> Como Mercurius representa a prima materia, e desse modo a base do processo todo, assim Jesod é "o fundamento". Diz-se que nas "coisas naturais" Jesod (...) é o fundamento de toda a arte de transformação.
>
> Uma vez que a prima materia é também designada como chumbo e Saturno, é preciso mencionar que o Sabbath está relacionado com Jesod, e ainda com a letra Teth, que está sob a influência do planeta Schabtai=Saturno (par. 301, 302).

Jung também alerta (OC 11, par. 786) que a unilateralidade assume formas muito semelhantes às do monasticismo, garantindo ao Eremita uma singularidade inabalável de propósito, um esforço de conquistar a mera naturalidade da vida. O Eremita é a asserção da mente sobre a matéria, deleitando-se no uso da arma mais poderosa já inventada pela natureza — a mente consciente. Jung alerta sobre os efeitos que essa unilateralidade pode apresentar: "apesar de parecer o contrário, a situação espiritual do eremita é uma situação de carência". O que falta ao eremita é a "*experiência imediata e real da realidade espiritual*" de modo que a fome de sua alma possa ser saciada pela visão de imagens numinosas. Essa experiência é, em si, de acordo com Jung, uma necessária "compensação, avaliada, acima de tudo, pela falta de conteúdo e pelo vazio das formas tradicionais" (OC 10, par. 651).

Linguagem simbólica da imagem

O condutor do Carro (carta VII) tenta forçar o progresso de forma temerária, enquanto a Justiça (carta VIII) retarda decisões pela hesitação. Esses opostos são reconciliados no Eremita: ele não é nem temerariamente ativo nem teimosamente imutável. Ele testa a estrada trilhada por ele e seu bastão, que representa o conhecimento adquirido e lhe propicia o desejo de estabilidade. O Eremita é o ancião sábio, o monge, o corcunda. Sua tarefa é partilhar seu conhecimento esotérico e decidir quem está pronto para recebê-lo. O velho sábio é capaz de indicar os germes do desenvolvimento futuro já previsto pela Grande Sacerdotisa (carta II). A concentração de poder espiritual que ele representa expressa a união do mundo arquetípico com o mundo das formas inteligíves (a Imperatriz, carta III) e as leis universais que estão por baixo de sua representação (o Imperador e a Justiça, cartas IV e VIII).

O casaco escuro do Eremita indica que ele se afastou de coisas efêmeras; seu forro azul mostra que forças espirituais se aprofundam na reclusão. O casaco pode também ser interpretado como introversão de energias, atividade passiva. Seu conhecimento coordena e reforça sua força de vontade. O casaco impede qualquer passagem de ar para que não reflita a luz. O Eremita trabalha em segredo, impassível diante do inesperado; proteje-se de paixões que podem obscurecer a luz da razão. Sua influência oculta forma a face do futuro. O límpido céu no alto mostra que ele está livre da possessividade e da preocupação. A serpente ereta simboliza os poderes de cura que ele domina. O capuz enfatiza que ele não olha para os lados nem para trás, apenas para a frente.

O futuro se forma na tranqüilidade, que é auto-reflexiva. O Eremita mostra que o isolamento é uma necessidade da existência humana para que se possa entrar em comunhão consigo mesmo em silêncio. O isolamento ativo nos coloca em contato com a natureza. O isolamento passivo (na verdade, a solidão) é sentido como condenação, como uma vida enfadonha. Como personificação dos poderes plásticos do universo, o Eremita torna-se o artesão que constrói cuidadosamente a armação das estruturas vitais.

O Eremita representa liberação da superficialidade, da diversão, ansiedade existencial, anseio por segurança, fixação intensa nos processos corporais e do sentimento de solidão. O hábito do monge mostra uma adaptação entre o recolhimento e a atividade útil.

Quando a serpente que se enrola em seu bastão é interpretada em termos modernos como um símbolo fálico, o sábio torna-se a representação de Adônis e Átis, os quais, assim como o falo, são deuses que morrem e ressurgem.

Nos momentos de desânimo decorrentes da nossa 'jornada do mar noturno', quando do lado sombrio da alma não vemos nenhuma saída, nenhum tremeluzir para nos guiar, o Eremita poderia ser

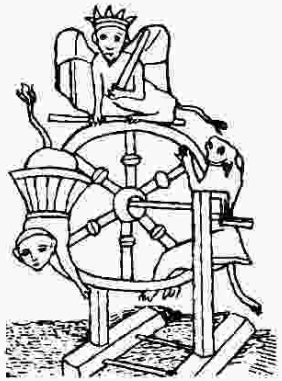
> (...) o amigo tão esperado da sua alma, o imortal, [que] chega agora "para conduzir o cativo do cativeiro"; isto é, libertá-lo de quem esteve sempre confinado e mantido prisioneiro, e fazer sua vida fluir visando uma vida mais intensa (Jung, OC 9/1, par. 217).

No espaço que se estende em todas as oito direções, o brilho da luz que agora apareceu é a lanterna do Eremita. Pela primeira vez um centro, um ponto central determinado, emergiu no 'Mundo da Ação', iluminando uma pequena superfície ao redor de si. Podemos chamar esse acontecimento de nascimento da consciência que, de acordo com Bernoulli (1934, p. 407 do original), existirá agora durante um certo tempo, solitária e silenciosa.

O Eremita representa o terceiro funcional ligando os dois opostos: o Carro ativo (carta VII) e a Justiça passiva (carta VIII). É a casa do tesouro de imagens, a esfera da magia, a esfera da Lua. Representa a força procriadora, com Yesod sendo chamado de o órgão da geração do qual flui uma nova vida. Yesod também foi chamado de o canal das águas do alto, para trazer a energia espiritual que irá revigorar a terra e a humanidade. Sua fluidez está relacionada à energia da Lua transmitindo e recolhendo emanações de todos os outros Sefirot. A fluidez está bem expressa no ato de derreter e ser lavado pela água que, com freqüência, é a conotação alquímica de uma dissolução da personalidade em lágrimas e desespero. São esses momentos de 'perda da alma' que fornecem

> (...) um obstáculo à vivência suprema e decisiva, isto é, o estar a sós com o Si-mesmo, com a objetividade da alma ou como quer que a chamemos. O paciente deve estar a sós para descobrir o que o suporta quando ele não está mais em condições de se suportar a si mesmo. Somente essa experiência dar-lhe-á um alicerce indestrutível (Jung, OC 12, par. 32).

Pode ser que seja nesses momentos que a visita do Eremita faça toda a diferença. De fato, o Eremita (Yesod = fundação) é a reflexão propositada e a concentração de forças morais e físicas que surgem espontaneamente no espaço psíquico quando o pensamento consciente não é ainda, ou não mais, possível. A concentração e tensão de forças psíquicas têm em si algo que parece sempre mágico: produzem um poder inesperado de tolerância que, com freqüência, é superior ao esforço de vontade consciente envolvido (OC 9/1, par. 402).



X
A Roda da Fortuna

A letra Yod retrata a Roda da Fortuna, o dedo indicador. Significa ordem, extensão, tempo, duração. A imagem da Roda é um símbolo da busca pelo progresso, que inclui resignação e esforço renovado, no nível individual.

O Sefirah que corresponde ao número 10 é Malkhut, o reino, o local de residência da Shekhinah exilada. Simboliza a solidariedade entre as criaturas e coisas ligadas pelas leis da natureza. Na sua forma negativa, significa resistência ao Espírito.

Dez é o princípio da ordem dos números. Significa 'objetivo', o entrelaçamento da origem e do efeito. O número 10 é o símbolo da unidade inatingível que podemos vislumbrar através dos dez Sefirot que a refletem. É a unidade como síntese de todos os números, a soma dos números de 1 a 4, e a chave para o mistério dos nomes de Deus.

A década é 'produtora de almas' e, de acordo com os pitagóricos, a vida e a luz estão unidas nela; é, portanto, uma imagem do *nous* criador do mundo. A mônada é descendente do pneuma original e inclui a década, e a década, por sua vez, inclui a mônada.

Com a carta X, a emanação chega a um fim, suas possibilidades estão estabelecidas, o mundo já tomou forma. Seu movimento de revolução pode começar, a Roda gira. Quando a humanidade se envolve, a Roda torna-se a Roda da Vida — do destino; o homem irá dirigi-la para cima ou para baixo. Essas duas possibilidades, sugeridas na carta VI (o[s] Amante[s]), concretizam-se aqui. Tendo em vista que essas duas forças têm direções opostas, criam um movimento circular interminável que pode nos fazer correr para o vazio se não entendermos seu significado.

Temas, associações, correspondências

A Roda significa força vital, formação, destino. É rotação, vórtice, mudança e repetição periódica. A Roda também representa riqueza e pobreza, indicando que o que a humanidade plantar será colhido. Simboliza a corporalidade e tem a conotação de capacidade da vontade de conduzir. Entre seus outros significados está o princípio de individualidade e de individuação; involução e evolução, a espiral, energia fertilizante; ordenação no tempo e espaço; a possibilidade de tornar-se um com a vontade de Deus; e a sorte, boa ou má, que nos é atribuída pelo destino.

O ideograma para esta carta é

Amplificação astrológica: à Roda da Fortuna atribuem-se os planetas Mercúrio, Marte e Urano, e os signos de Escorpião e Virgem, sendo o último também a atribuição astrológica tradicional que corresponde à letra hebraica Yod, associada à esta carta. Virgem, um signo da terra regido por Mercúrio, é um executor e construtor; vivacidade intelectual, ambição e conscientização são algumas de suas manifestações. Mas Virgem é também uma severa punidora do crime; tem muito em comum com a implacável Nêmesis. A constelação da donzela foi identificada pelos gregos com a deusa Astréia/Dike e foi descrita como

> (...) o modo de vida de cada coisa natural, (...) o curso regular do grande animal Universo, o modo com que se manifesta nas estações, na vida e na morte da vegetação, e quando se percebe que estes dependem dos corpos celestiais, Dike manifesta-se no surgimento e estabelecimento de constelações, no crescer e minguar da Lua, e no curso diário e anual do Sol (Harrison, 1977, p. 517 do original).

Como Astréia, Virgem não sente muita simpatia pela desordem, pelo caos, ou pela perda de tempo ou substância; todas as coisas terrenas têm seu tempo e lugar sob seu governo; toda forma natural no universo tem seu ciclo e valor adequados. Essa virgem justa é, portanto, uma personagem complexa, fértil e estéril ao mesmo tempo, ordeira e correta e, ainda assim, com um lado orgiástico secreto e irrealizado que a torna aberta ao fluxo da vida e lhe dá uma disposição para confiar na ordem natural além de aceitação da fluidez e mudança (Greene, 1984, p. 215 do original).

O solstício de verão é o momento de um grande ponto crítico. Dia após dia, desse ponto em diante, os processos da vida na terra parecem trocados. Essas forças de mudança podem ser sentidas como malignas, mas, caso sejam contidas, mantendo-se cuidadosamente uma existência terrena fundamentada, poderá ser alcançada, paradoxalmente, a transcendência da matéria e sua limitação. O símbolo de Virgem ♍ pode ser entendido como a representação dos três portões da revelação, os portais para os mistérios que permitem que a evolução interior necessária ocorra, culminando numa mudança de orientação que visa o direcionamento interno (Sucher, 1982, pp. 82-92 do original).

Amplificação cabalística: a lei oral, dando uma interpretação detalhada da lei escrita e de sua aplicação à vida, está incorporada em Malkhut. A Shekhinah, indicando a presença de Deus, Sua 'morada', é o último atributo através do qual o criador atua no mundo inferior. É o 'final do pensamento', cujo desabrochar progressivo demonstra a vida misteriosa de Deus e está localizado no último Sefirah, um princípio feminino, uma porta ou portão através do qual o indivíduo começa a subir a escada da percepção do Mistério Divino (Scholem, 1974, p. 112 do original).

Em Malkhut, o Reino, estão acumuladas todas as energias, ativa e passiva, e todos os processos recebidos dos Sefirot superiores. A menos que o Sefirah do topo, Keter, esteja ligado ao Sefirah inferior, Malkhut, a Árvore da Vida estará incompleta e o céu não pode alcançar a terra. Malkhut é o corpo, e todos os elementos contribuem igualmente para sua estrutura: a terra em carne e osso, água no sangue e na linfa, ar nos pulmões e fogo como energia radiante, "aquela propriedade que permeia todo o organismo e que é tão obviamente ausente em um cadáver" (Halevi, *A árvore da vida*, p. 48 do original). Malkhut é tudo o que acontecia antes, toda a evolução natural da humanidade presente no corpo de uma pessoa. É o mais baixo dos Sefirah, e ainda assim é o mais cheio de potencial.

Amplificação alquímica: a Roda é um símbolo favorito na alquimia para o processo da *circulatio*. Entende-se por isso, primeiro, a subida e a descida, por exemplo, *sublimatio* e *precipitatio* e, segundo, a rotação do universo como um modelo do trabalho e daí o ciclo do ano no qual o trabalho acontece. (Veja a figura 21.) Além disso, a roda expressa virtudes importantes para o trabalho — constância, obediência, moderação, eqüidade e humildade. Também retira os obstáculos encontrados — o de estar paralisado, sentir-se dividido. Para Jung essa

> (...) circulação não é apenas movimento num círculo, mas significa, por um lado, a separação do recinto sagrado e, por outro, fixação e concentração. A roda solar começa a girar (...) A ação transforma-se em não-ação; tudo que é periférico está subordinado ao comando central (...) Sob o ponto de vista psicológico, essa circulação seria "o movimento num círculo ao redor", de forma que todos os lados da personalidade se envolvam (Jung, OC 13, par. 38).

Interpretação psicológica: a Roda representa o ponto crítico, uma alteração de direção da extroversão para a introversão. Indica um recomeço: a personalidade em desenvolvimento muda da confrontação e relação com as forças externas para a atenção e o enfrentamento das forças que agora estão em ação no seu interior e que são capazes de abrir o caminho para além do ego. Aceitar a mudança e renunciar ao passado facilita uma nova orientação e cria harmonia interna.

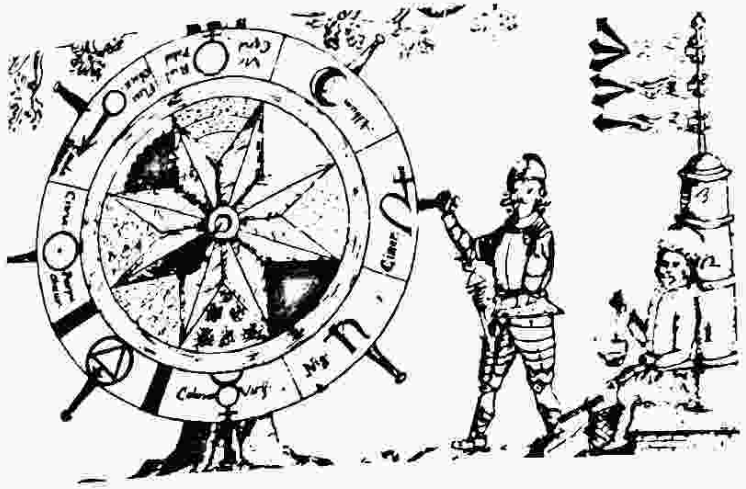


Figura 21. *Mercurius* girando a roda de oito raios. (Extraída do *Speculum veritatis*, um manuscrito do século 17.)

Interpretação junguiana: as atuais alegorias morais da roda enfatizam que o *descensus* e o *ascensus* são, entre outras coisas, a descida de Deus até o homem e a ascensão do homem até Deus (Jung, OC 12, par. 214). A Roda da criação retira sua força de ascensão da prima materia, da qual surgem os elementos simples. Psicologicamente, os céus revolutos estão refletidos no inconsciente humano, um *imago mundi* projetado pelo alquimista em sua própria *prima materia*. A substância transformadora é uma analogia do universo em revolução ou seu reflexo impresso na essência da matéria. Lembra-nos a visão de Ezequiel, que viu "a roda dentro da roda... e o espírito da criatura viva que estava no meio das rodas" (Ezequiel 10,10-17). Jung cita Jakob Böhme:

> (...) reconhecemos portanto que a vida do espírito está voltada para dentro de si mesma, e que a vida da natureza está voltada para dentro de si mesma (...) (Jung, OC 12, par. 214).

Sendo redonda, a roda se refere ao Si-mesmo e à atividade criativa na qual o Si-mesmo se manifesta. A Roda então revela algo de considerável importância: aparece como um conceito de totalidade que representa a essência do processo de individuação.

Linguagem simbólica da imagem

Vista de fora, a Roda é girada para cima pelo gênio bom Anubis, símbolo da força de expansão assim como da inteligência organizada e concentrada, representada pelo bastão de Mercurius que vemos em sua mão. Esse bastão, que também simboliza a energia ativa construtiva, é, em alguns baralhos, o pivô vertical central da Roda. A Roda é girada para baixo por Typhon, a serpente enrolada (poder condensado e materializado) que carrega um tridente, símbolo das forças destrutivas. Contudo, a Roda é girada não apenas de fora por deuses e demônios; quando bem manobrada, seus eixos (que significam conhecimento, força de vontade, coragem e discrição) contribuem para sua revolução, e assim o indivíduo torna-se um co-criador de seu destino. Os oito eixos têm relação com o bom equilíbrio da Roda e significam que o destino humano será avaliado com eqüidade. Esses eixos indicam ainda uma polaridade dupla e sugerem que os problemas internos e externos podem ser resolvidos devido à capacidade de discernimento, representada pela espada da esfinge.

O *quaternio* duplo (figura 22), ou ogdôade, simboliza totalidade — algo que é simultaneamente celeste e terrestre, espiritual e corporal, e que se encontra no inconsciente (OC 14, par. 8). Isso provém de uma citação de Bernardo Trevisano: "O superior tem a natureza do inferior, e aquilo que sobe tem a natureza daquilo que desce" (OC 14, par. 7).

O centro da Roda representa estabilidade em meio à mudança, um ponto de referência. Simboliza a capacidade de discernir e analisar, a lógica, o equilíbrio psíquico, a coragem e a tolerância. Sua estabilidade torna possível o girar da Roda. Também significa equanimidade e mostra uma atitude de quem não se detém em detalhes mesquinhos. O eixo vertical representa a força espiritual, o *Opus magnus*, Mercurius. O eixo horizontal simboliza a força que apóia, estimula e leva ao objetivo; é enxofre e sal.

O movimento cíclico da Roda significa divina providência, carma, destino, a vida limitada de um indivíduo. Cada giro atualiza um nível ou estágio de existência. A Roda também representa força de vontade no leme de todas as forças ou o desamparo de um brinquedo na mão do destino. Mostra o fluxo do tempo que se manifesta na mudança assim como no equilíbrio e na simetria, sugerindo a lei fundamental da periodicidade. Se nos concentrarmos no ato de girar a roda, estaremos conscientes do momento crítico decisivo, o ponto essencial. Girar a roda lembra o tempo que se movimenta em um ciclo, lembra circulação, criação de um domínio no qual a força e o amor humanos podem se manifestar. Mostra que se pode experimentar e compreender os aspectos múltiplos da atividade humana, que a ação pode ser um suporte para o entendimento e o sentimento, mas também que somos enviados ao nosso próprio destino e estamos sujeitos a repetições contínuas de padrões do passado.

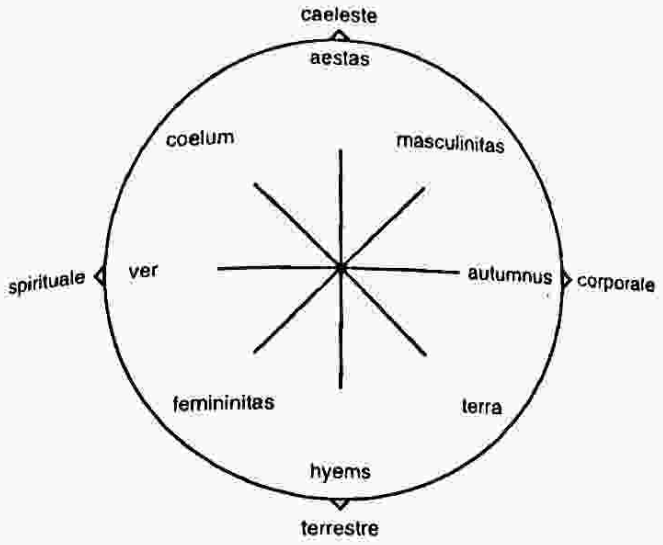


Figura 22. O duplo *quaternio*.

Na visão de Ezequiel, os eixos aparecem decorados com olhos, uma imagem que evoca a inteligência e atividade de Deus. Os quatro animais da visão de Ezequiel estão também representados nos quatro cantos dessa carta em alguns baralhos. Tornaram-se símbolos dos quatro evangelistas: Mateus, o anjo; Lucas, o boi (ou novilho); Marcos, o leão; e João, a águia.

Acima da roda, a esfinge observa impassível. Representa totalidade, equilíbrio, estabilidade e diversidade na unidade. Sua cabeça humana sugere conhecimento, e o corpo de boi denota poder, capacidade e atividade. As patas seguram o que foi adquirido, e as asas permitem que ela voe. Símbolo da unidade, a esfinge domina forças opostas e mantém seu segredo por toda a eternidade. A esfinge alada é uma ligação não apenas com o ar e o espírito, como a pomba, mas também com a alma da natureza impregnada com instinto animal. A esfinge lembra o anjo que guarda a entrada do paraíso. Sugere a natureza dupla da humanidade. A esfinge é, ao mesmo tempo, espírito e corpo; é discernimento e não-discernimento; cristalização; consciência e legitimidade universais; conhecimento instantâneo através da intuição, percepção e concentração; pensamento holístico. A esfinge enigmática e complexa e a roda sugerem os poderes de formato cíclico que alternam a escuridão e o fogo espiritual da luz. Deve-se passar esse ciclo para alcançar o ser verdadeiro, mas estando vigilante para não se

enredar nele. A esfinge é um símbolo de quaternidade; tem quatro cores, quatro elementos e quatro partes do corpo: cabeça vermelha como o fogo, asas azuis como o ar, peito verde como a água e costas e pernas traseiras negras como a terra. A espada que ela empunha significa que domina as forças elementares da atração e as transforma em energia vital. Além do mais, Zohar afirma: "A espada flamejante simboliza os julgamentos com os quais Deus subjuga o homem, de modo que possa ser reconduzido ao caminho da bondade".

A Roda da Vida é levada pelas águas da vida por dois barcos. O formato de meia-lua lembra a lua crescente que enfeita a coroa da Grande Sacerdotisa (carta II). Os barcos simbolizam aqui mobilidade e sensibilidade.

O barco azul indica extensão, existência, impulsividade, o mundo de aparência e forma: *yin*. O barco vermelho indica profundidade, intensidade, instante, ser, espontaneidade, estrutura, vida: *yang*. O fato de barcos carregados poderem navegar evoca o sentimento de confiança. Vistos como berços que balançam, constituem um símbolo da mãe, representando a feminilidade com sua função protetora, salvadora, redentora e cuidadosa. O embrião que dorme no útero, embalado pelo mar primordial, navega para a vida ou retorna ao mar de origem. A conexão entre a madeira e a água é uma ligação recorrente, um símbolo de todo o ser vivo, das forças vegetativas, da circulação, do movimento, do vento. Pode significar movimento percebido como estímulo ou como ameaça. A água é a origem de toda a vida; a Arca de Noé, um barco de madeira, é uma imagem correlata. Com um barco, podemos navegar sobre as águas da vida, podemos escapar do dilúvio e ainda nos reunirmos com aquilo do qual nos separamos. A cor azul-esverdeada da água é um símbolo da verdade, e suas ondas sugerem atividade perpétua. Psicologicamente, a água é o ventre do inconsciente. Tem a possibilidade de indicar ainda o obstáculo criado pela regressão da libido.

Sob o ponto de vista psicológico, a Roda é um símbolo do Si-mesmo, o ponto virtual em volta do qual se revela o manifesto. Com cada revolução, atualiza-se outro nível ou estágio de existência. Com referência ao ego, a Roda poderia ser concebida como o nível supra-ordenado no qual os opostos são superados e reconciliados. A Roda contribui para a consciência que o divino manifesta na criação. Em seu comentário ao *Aurora consurgens*, Von Franz observa que

> A terra em nosso texto (...) [é chamada de] a 'Terra Prometida' (...) e pode ser considerada como um símbolo do Si-mesmo (...) É evidente que essa terra ou 'segundo corpo' é algo que une em si as qualidades de todos os outros elementos: é uma terra aérea, uma água ígnea, um fogo fluido etc., e, como tal, é um mistério conhecido apenas por Deus. Na cabala é comparada com Malkhut (Von Franz, 1966, p. 344 do original).

A carta X é realmente o ponto central e de equilíbrio entre a primeira série de trunfos e a segunda, o ponto em que ocorre uma transformação em relação aos conteúdos do inconsciente. A primeira metade do arcano maior nos apresenta imagens arquetípicas inconscientes que carregam as energias coletivas formadoras da base espiritual de nossas vidas. Após o ponto crítico ter passado, esses mesmos potenciais arquetípicos são trazidos para o domínio individual como marcos para guiar nossa ascensão. A grande roda de oito eixos, indicadora da 'realização da Grande Obra', torna-se a Roda da Fortuna.

Até a carta X, o primeiro Grande Vertedor surge na forma do Mago (carta I) ou do princípio masculino ativo, que cria por conexão com os poderes superpessoais; a Grande Sacerdotisa (carta II) ou sabedoria feminina, o princípio feminino inspirador; a Imperatriz (carta III) ou a mãe grávida, que nutre e preserva; o Imperador (carta IV) ou o legislador bom e benevolente; o Grande Sacerdote (carta V) ou energia espiritual, organizadora e orientadora; o(s) Amante(s) (carta VI) ou o masculino e o feminino equilibrados, capazes de funcionar como um só; o Carro (carta VII) ou o veículo do entusiasmo emanador; a Justiça (carta VIII) ou a formulação das formas; o Eremita (carta IX) ou o sábio agregador de todas as energias no término da primeira etapa da jornada.

A carta X, como todos os símbolos centrais, expressa tanto o ciclo que veio antes quanto o que vem depois. Nos quatro cantos da carta, as quatro figuras simbólicas — anjo, águia, touro e leão — representam a grande divisão quádrupla do cosmo. Indicam os símbolos convencionais dos quatro signos fixos do zodíaco — Aquário, Escorpião, Touro e Leão. O anjo (Aquário) simboliza a divisão do ar do zodíaco, que inclui também Gêmeos e Libra; a águia (Escorpião) representa a divisão de águas, incluindo ainda Peixes e Câncer; o touro (Touro) simboliza a divisão da terra, que inclui Virgem e Capricórnio; e o leão (Leão), a divisão do fogo, que inclui também Sagitário e Áries. Essas divisões correspondem às quatro funções — sensação (terra), sentimento (água), pensamento (ar) e intuição (fogo). Na carta X, devido a sua posição periférica nos cantos, os quatro símbolos indicam uma representação cósmica, e não pessoal, dos domínios a serem alcançados ou abarcados pelas quatro funções.

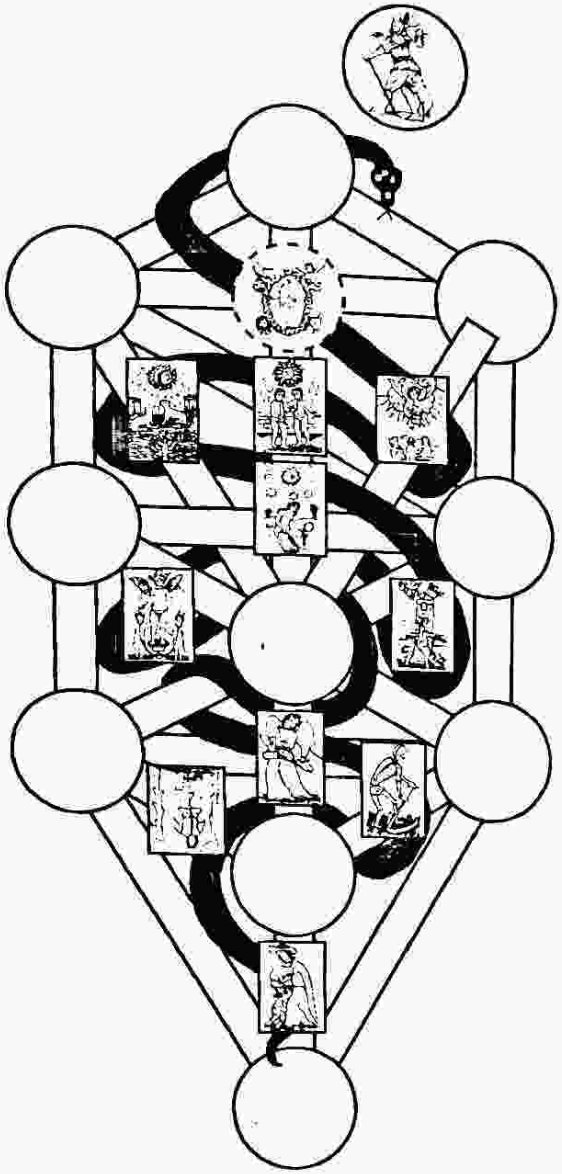
No centro da carta está a grande roda de oito eixos da Manifestação Perfeita que, segundo a tradição, é composta de duas rodas de quatro eixos girando em direções opostas. Isso indica o equilíbrio dos quatro aspectos positivos e dos quatro aspectos negativos das grandes ferramentas retratadas nos quatro naipes dos arcanos menores, agindo no ritmo dual de involução e evolução. No baralho de Rider-Waite, uma roda está marcada com os sinais alquímicos do mercúrio (mente), sal (corpo), enxofre (espírito) e água (sentimento).

Na tradição americana, a Roda da Medicina é um símbolo da Roda da Vida, que está sempre em evolução e trazendo novas lições e verdades para trilhar o caminho. O Caminho Terreno é baseado no entendimento de que cada um de nós estará em cada um dos eixos da grande roda da vida muitas vezes e que toda

direção deve ser valorizada. Dizem que enquanto o indivíduo não ocupa um outro eixo da Roda, não pode conhecer seu âmago. Toda criatura viva um dia irá ver e passar por cada eixo da Roda, conhecendo sua verdade. O círculo é interminável (vida sem fim), e a Roda nos ensina que todas as lições são iguais, assim como todos os talentos e capacidades. Trilhando a Estrada Boa e Vermelha, percorrendo do sul (nascimento) ao norte (morte), aprende-se as lições de ser humano e incorporado. Após a graduação, a experiência da morte, entra-se na Estrada Negra ou Azul do Espírito, percorrendo de leste a oeste. A porta dourada para a iluminação é a porta ao leste; é o lugar por meio do qual o espírito entra e preenche o espaço dentro do círculo. O oeste indica a solução interior para os desafios da vida presente, como atingir o fim desejado, e o norte indica de que maneira integrar as lições de outras direções.

Parte II

O Caminho da Serpente



Individuação, alquimia e tarô

Rumpite libros, ne corda vestra rumpantur.
Rasgai os livros para que não se rompam vossos corações.
É realmente duvidoso se, em última análise,
o entendimento intelectual é
um instrumento apropriado ou não.

M. ESTHER HARDING
Woman's mysteries (*Mistérios da mulher*)

A individuação designa o território ainda inexplorado e muito obscuro das reações do inconsciente que espelham a personalidade. Ela diz respeito aos processos da vida que se encontram por trás dos fenômenos, são sentidos, mas nunca conhecidos. Eles são secretos, encerram mistérios, e por essa razão impulsionam mais significativamente em direção à formação do símbolo. O símbolo indica algo desconhecido; quando é ampliado pela comparação com mitologemas similares, podemos perceber o que o inconsciente quer dizer com isso e nos enriquecemos ao integrar os conteúdos do inconsciente (Jung, OC 13, par. 480).

Em cada indivíduo há, de acordo com Jung, uma combinação peculiar de qualidades mantida unida por um tipo de princípio formativo ou princípio de individuação.

> A prova estatística da conformidade natural à lei é (...) apenas uma maneira muito limitada de descrever a natureza, uma vez que ela compreende apenas acontecimentos uniformes. Mas a natureza é essencialmente descontínua, isto é, está sujeita à casualidade. Para descrevê-la precisamos de um princípio de descontinuidade. Em psicologia, essa é a tendência para a individuação (Jung, OC 18, par. 1198 da edição original).

Essa tendência é o ponto inicial para a preparação do arcano em alquimia.

Os alquimistas foram pioneiros, indivíduos abertos aos mundos interiores, que projetaram suas percepções internas em símbolos externos e assim encontraram uma linguagem universal, palavras transcendentes, para comunicar suas experiências referentes à arquitetura e à dinâmica da alma. Os manuscritos alquímicos dos séculos XIII ao XVIII podem ser encarados como monumentos antigos, e, tal como um arqueólogo, podemos começar a escavar em profundidade seu material simbólico, chegando a antigas camadas da psique, a fim de encontrar novos *insights* e compreender o que ocorre em nossas almas atualmente.

O resultado de um extenso desenvolvimento — já fora de nosso alcance como muitos dos mistérios da tradição esotérica de onde veio, como era origi-

nalmente, e a mensagem exata que carregava não são mais certos. Não podemos nos basear no que ocorreu antes porque não possuímos mais o conhecimento preciso. Intuitivamente, entretanto, podemos especular que isso coincide com todos os outros sistemas que tomaram forma como resultado da agitação que subverteu os valores da Antiguidade na Idade Média e Renascença. Como eles, em nosso mundo agitado e em transição, é possível que encontremos nos símbolos que eles oferecem um caminho vivificante e individual que nos capacitará à 'religação' com o mundo espiritual e o Divino.

Bernoulli descreve "Al Chimiya", "o jardim da especulação interior", com a seguinte parábola:

> Se esperava encontrar um jardim limpo, bem conservado e cheio de flores, você se desapontara muito. Que confusão, que desordem, que emaranhado sem esperança! Ervas daninhas por toda a parte, caminhos pouco visíveis sob a vegetação espessa! É quase impossível distinguir o projeto de acordo com o qual o jardim foi planejado. E se nos perguntássemos qual deveria ser a nossa tarefa nesse jardim, talvez alguém dissesse que um trabalho proveitoso poderia ser feito com as podadeiras; outro talvez sugerisse que removêssemos as várias plantas e raízes estragadas (...) Parece-me que, justificando-se essas sugestões, elas não chegam ao 'x' do problema. Sentemo-nos tranquilamente por um momento em nosso jardim (...) e ouçamos o que as flores selvagens e os ásperos arbustos têm a nos dizer. Talvez eles nos falem da tarefa que é ser encontrado neste jardim. Precisamos apenas ouvir: logo eles começarão a falar, revelando aos poucos seus segredos (1970, pp. 305-306 do original).

Diferentemente, Jung faz a pergunta fundamental:

> O que, afinal, sabemos a respeito das causas e motivos que fizeram com que o homem acreditasse, por milhares de anos, nesse 'absurdo', a transmutação dos metais e a transformação psíquica simultânea do artífex? Nunca consideramos seriamente o fato de que, para o pesquisador medieval, a redenção do mundo pelo filho de Deus e a transubstanciação (...) não eram a última palavra, ou melhor, a última resposta para os vários enigmas do homem e sua alma. Se o *opus alchymicum* reivindicava igualdade com o *opus divinum*, (...) a razão para isso não era uma presunção grotesca, mas o fato de uma vasta e desconhecida Natureza, negligenciada pelas eternas verdades da Igreja, exigir de forma imperiosa o reconhecimento e a aceitação (Jung, OC 13, par. 196).

Mesmo que os alquimistas nunca produzissem nenhum ouro, eles estavam na pista de

> (...) um processo de transformação psíquica que é incomparavelmente mais importante para a felicidade do indivíduo do que a posse das tinturas vermelhas (Jung, OC 13, par. 196).

De fato, os alquimistas estavam tentando à sua própria maneira competir com o Criador na medida em que se esforçavam para realizar um trabalho análogo e, por conseqüência, comparavam seu próprio opus microcósmico com o trabalho macrocósmico do Criador do mundo.

O processo de mudança envolve suportar uma situação difícil, o confronto de qualquer atitude inconsciente nos aprisiona numa tentativa frenética de encontrar uma solução ou de nos fazer sentir melhor. Mas encontrar um anestésico não é o objetivo do processo de individuação. O propósito do confronto com o inconsciente é abolir a dissociação entre a consciência e o inconsciente.

> Isso não significa apenas trazer o conflito à consciência; envolve também uma experiência especial, isto é, o reconhecimento de um estranho 'outro' em si mesmo, ou da presença objetiva de outra vontade (Jung, OC 13, par. 481).

Não há palavras melhores para descrever o opus alquímico e o processo de individuação do que esta passagem de Jung:

> O opus alquímico consistia em duas partes: o trabalho no laboratório, com todos os seus riscos emocionais e demoníacos, e a *scientia* ou *theoria*, o princípio orientador do opus pelo qual seus resultados eram interpretados e propriamente situados. Todo o processo, que hoje entendemos como desenvolvimento psicológico, era designado a 'árvore filosófica', uma comparação 'poética' que estabelece uma analogia apropriada entre o crescimento natural da psique e o da planta. Por essa razão pareceu-me agradável discutir detalhadamente os processos que fundamentam tanto a alquimia quanto a moderna psicologia do inconsciente (...) Apenas entendimento intelectual não é suficiente. Isso nos abastece apenas de conceitos verbais, mas não nos dá o conteúdo verdadeiro desses conceitos, que é encontrado na viva experiência do processo aplicado a nós mesmos (...) Nenhum entendimento por meio de palavras nem imitação alguma podem substituir a experiência real. A alquimia perdeu sua substância vital quando alguns alquimistas trocaram o *laboratorium* pelo *oratorium*, embriagando-se com um misticismo ainda mais nebuloso, enquanto outros transformaram o *oratorium* num *laboratorium* e descobriram a química. Lamentamos um e admiramos outro, mas ninguém pergunta sobre o destino da psique, que depois disso desapareceu de vista por várias centenas de anos (OC 13, par. 482).

Os alquimistas eram solitários resolutos; raramente tinham discípulos, e não há evidência de sociedades secretas. Cada qual trabalhava sozinho no laboratório, e parecia haver muito pouca tradição direta a ser transmitida. Seus escritos encontram-se praticamente isentos de polêmica, e o modo como eles se citam uns aos outros mostra uma concordância notável quanto aos primeiros princípios mesmo que não se possa saber no que eles concordavam. A verdadeira alquimia nunca foi um negócio ou uma profissão, mas um opus genuíno a ser cumprido por meio do trabalho tranqüilo, auto-sacrificador.

Desde os tempos mais remotos, todos os alquimistas concordam que sua arte é sagrada e divina e que sua obra só pode ser concluída mediante a graça de Deus. Esta ciência é concedida a poucos, e ninguém a compreende a menos que Deus ou um mestre tenha aberto os olhos e o coração do indivíduo. O conhecimento adquirido não deve ser comunicado a outros, a menos que estes o mereçam (Jung, OC 12, par. 422-423).

O alquimista imaginava a estrutura psicológica do seu opus e estava ciente de que seu segredo era sua associação com as forças invisíveis da psique. A fim de expressar esse segredo ele prontamente recorria à alegoria. Os processos da imaginação ligados ao opus eram de natureza semi-espiritual, um 'corpo sutil'. A esse respeito Jung declara:

> Em uma época na qual não havia uma psicologia empírica da alma era fatal que reinasse um tal concretismo: tudo o que era inconsciente se projetava na matéria, isto é, vinha de fora ao encontro do ser humano. Tratava-se de certa forma de um ser híbrido, meio espiritual, meio físico, concretização que não raro encontramos na psicologia dos primitivos (OC 12, par. 394).

A imaginação, assim como a meditação, é de grande importância no opus alquímico. O ato de imaginar representava uma atividade que poderia realmente provocar mudanças físicas e era sucessivamente ocasionado por elas. Mas é precisamente devido a essa 'mistura' do físico e do psíquico que não se pode afirmar se as transformações decisivas no processo alquímico devem ser procuradas no domínio material ou no espiritual. Parece existir um domínio intermediário entre a mente e a matéria, o domínio psíquico de corpos sutis que se manifestam caracteristicamente tanto sob a forma mental quanto material. Esse é o único ponto de vista que pode dar sentido ao pensamento alquímico, que de outra maneira deve parecer absurdo.

> Obviamente, a existência desse reino intermediário cessa no momento em que se busca examinar a matéria em si mesma, independentemente de qualquer projeção; o reino intermediário dos corpos sutis permanece na não-existência enquanto acreditamos saber algo de definitivo acerca da matéria e da alma. Mas assim que a física toca numa região "nunca pisada, ou que não deve ser pisada" e simultaneamente a psicologia deve admitir outras formas de existência psíquica além das aquisições da consciência pessoal, isto é, no momento em que esta última (a psicologia) depara com uma escuridão impenetrável, o reino intermediário revive e o físico e o psíquico tornam a fundir-se numa unidade indivisível. Atualmente estamos bem próximos desta virada (OC 9/2, par. 390, n. 84).

O opus alquímico era considerado um processo iniciado pela natureza mas que exigia a arte e o esforço conscientes de um ser humano para que se completasse. Num certo sentido, o opus é contra a natureza, mas num outro o alquimista a auxilia a fazer o que ela não pode fazer por si própria, e isso certamente diz respeito à evolução da consciência. Embora o desejo à consciência possa existir, é necessário um ego para que esse desejo se realize. A psique individual é e deve ser um mundo inteiro dentro de si mesma, a fim de enfrentar o mundo exterior e cumprir sua tarefa como mensageira da consciência. Jung avisa:

> O maior perigo na inconsciência é a receptibilidade a sugestões. O efeito da sugestão se deve ao desencadeamento de uma "dynamis" (força) inconsciente. Quanto mais inconsciente for esta última, tanto mais eficaz será. Por isso, com a cisão crescente entre a consciência e o inconsciente aumenta também o perigo de uma contaminação psíquica (...) Com a perda das idéias simbólicas romperam-se as pontes que levavam ao inconsciente. Nenhum instinto protege de idéias malsãs e de slogans vazios (...) A razão sem tradição e sem base instintiva não está protegida contra nenhum absurdo (OC 9/2, par. 390, n. 84).

A individuação é o processo que possibilita um diálogo criativo entre o inconsciente e a consciência. Pode ser experimentada e torna-se visível através dos símbolos, os meios pelos quais algo de dentro pode ser visto fora, algo invisível torna-se visível, algo concreto adquire perspectiva espiritual, algo específico e limitado revela dimensões universais. A individuação é um processo de criação do mundo. Jung vê o indivíduo como alguém que na realização viva do processo de individuação torna-se a pessoa desejada. Essa é a tarefa humana; essa é a virtude humana. Nossa busca pela autocompreensão é, ao mesmo tempo, um compromisso de ir além das limitações racionais do nosso intelecto, pois a realidade só pode ser experimentada expressivamente quando se prolonga até uma dimensão espiritual transcendente. Tornar-se o ser desejado não representa o processo de tornar-se perfeito; ao contrário, significa tornar-se ciente dos próprios ângulos e arestas, do movimento próximo ao desconhecido e do nosso potencial.

O outro objetivo da individuação, tão importante quanto a autotransformação, e intrinsecamente 'entrelaçado' nela, é a conquista da autonomia. O processo de individuação é, de um lado, uma integração interna subjetiva; de outro, um acontecimento racional, intersubjetivo e interpessoal. Temos de nos tornar indivíduos independentes, livres dos complexos parentais, dos padrões, normas e valores coletivos, e das expectativas de papel social que nos foram impostos. A autotransformação também significa 'o chegar da idade'. Da mesma forma, significa independência surgindo de dentro e o aumento da consciência das energias arquetípicas interiores que podem nos manipular enquanto permanecemos inconscientes do poder que elas exercem sobre nós. Conseqüentemente,

a individuação é a liberação das forças tanto do inconsciente coletivo quanto da consciência coletiva.

Os símbolos são freqüentemente a expressão da resolução dos conflitos conscientes/inconscientes. O inconsciente e seus símbolos devem ser ativados a fim de que se descubra uma maneira criativa de lidar com os problemas existenciais do indivíduo. O símbolo é, a princípio, algo comum que aponta, para além da sua realidade concreta, para uma base cujo significado mal podemos apreender de início. Freqüentemente os símbolos são encontrados em situações existenciais que eles podem ajudar a esclarecer; o significado e a importância da situação é assim revelado. A abordagem simbólica cria a perspectiva necessária para que se veja o primeiro plano da realidade diária encerrado no segundo plano de uma realidade muito maior, por meio da qual esse segundo plano universal e a realidade diária podem e exercem influência recíproca um sobre o outro. O símbolo é, então, o aspecto visível de uma camada ideal invisível da nossa psique; refere-se a uma idéia, um conceito geral, uma abstração. O símbolo opera em dois níveis: um específico e pessoal e outro geral e impessoal. O símbolo nunca é compreensível de todo; sempre contém um significado que permanece de difícil entendimento. Apresenta também implicações emocionais e pertence, por isso, aos vastos domínios da religião, da filosofia, da arte e da literatura.

> O *símobolo* [símbolo] não é uma alegoria nem um *semeion* (sinal), mas a imagem de um conteúdo em sua maior parte transcendental ao consciente. É necessário descobrir que tais conteúdos são *reais*, são agentes com os quais um entendimento não só é possível, mas necessário (Jung, OC 5, par. 114).

Os símbolos possibilitam que tenhamos acesso à base arquetípica da psique. Os elementos encorajadores do inconsciente coletivo com os quais o indivíduo pode se conectar através dos sonhos, mitos e contos de fada auxiliam na transcendência de nossos conflitos e, de acordo com Kast (1992, p. 192 do original), afetam a estrutura do ego, sua transformação, e a cura. Acredito que esse efeito de reestruturação do processo simbólico não seja em parte alguma mais evidente do que em alquimia.

> Não é necessário despender muitos esforços no começo da obra; basta abordá-la com "espírito livre e vazio" (...) Há uma regra importante a ser observada: "o espírito (mens) deve estar em harmonia com a obra e esta deve estar acima de todas as coisas" (...) devemos manter os olhos do espírito e da alma bem abertos e contemplar e conhecer com a luz interior acesa por Deus na natureza e em nossos corações, desde os primórdios (Jung, OC 12, par. 381).

Jung cita Sêneca:

> "Não é preciso erguer as mãos para o céu ou pedir ao sacristão que permita chegares bem junto ao ouvido da imagem de Deus para teres certeza de ser ouvido: Deus está junto a ti, está contigo, em ti. [Um] santo espírito habita em nós; ele observa tudo o que de bom e de mau em nós existe, e sobre tudo vela. Assim como o tratamos, assim também ele age conosco; ninguém é bom sem Deus. Ou pode alguém alcançar a felicidade sem ele? Não é ele quem confere ao homem grandes e elevados pensamentos? Em todo homem honrado mora um Deus: qual? — isto não sei dizer-te" (OC 5, par. 114, n. 73).

Na concepção dos alquimistas, o drama da psique humana mostra o homem assumindo a responsabilidade de executar a obra redentora; eles atribuem o sofrimento e a necessidade subseqüente da redenção à *anima mundi* confinada na matéria.

> (...) o alquimista se interessa pelo destino e pela redenção manifesta das substâncias. Pois é em sua matéria que a alma divina se encontra cativa, esperando a salvação que lhe é dada neste momento preciso (...) Para o alquimista, não é o homem o primeiro a necessitar da redenção, e sim a divindade, perdida e adormecida na matéria (...) Ele não visa sua própria salvação pela graça de Deus, mas a libertação de Deus das trevas da matéria. Ao realizar esta obra miraculosa, ele se beneficia secundariamente de seu efeito salutar. Ele pode abordar a obra como um ser necessitado de redenção, mas sabe que a sua redenção depende do sucesso da sua obra, isto é, da libertação da alma divina por seu intermédio. Para conseguí-lo precisa da meditação, do jejum e da oração; necessita do auxílio do Espírito Santo (...) (Jung, OC 12, par. 420).

O trabalho dos alquimistas é o mesmo trabalho de redenção que o próprio Deus realizou, e o que procede da transformação é um ser material inefável denominado 'pedra' que apresenta as qualidades mais paradoxais, além de possuir *corpus*, *anima*, *spiritus* e poderes sobrenaturais (Jung, OC 12, par. 420).

O fato de as visões se associarem ao trabalho alquímico e os sonhos e visões oníricas serem freqüentemente mencionados como fontes importantes de revelação é outro elemento que apóia o paralelismo existente entre a individuação e a alquimia.

É repetidamente enfatizado na literatura alquímica que o tão procurado 'ouro do filósofo' seria revelado num sonho. A *prima materia*, assim como a própria pedra, ou o segredo de sua produção podem ser revelados ao alquimista por Deus. A produção da pedra

> (...) transcende a razão e (...) só o conhecimento sobrenatural divino sabe o momento exato do aparecimento da pedra. Somente Deus conhece a *prima materia* (Jung, OC 12, par. 356).

O tema básico do opus é que seu propósito é criar uma substância milagrosa, transcendente — a pedra filosofal, o elixir da vida, a medicina universal. O processo envolve encontrar a *prima materia* e submetê-la a uma série de operações que a transformarão na pedra filosofal.

O trabalho do alquimista baseava-se na premissa de que o espírito impregna toda matéria e de que os metais, que se desenvolvem na terra, transformam-se em ouro caso sejam deixados lá tempo suficiente. Essa transformação é um fenômeno que se estende também aos reinos vegetal e animal. A fim de facilitar esse processo e dessa forma contribuir para o propósito de Deus, os alquimistas tentaram imitar a natureza em seus laboratórios. A tarefa inicial era encontrar a *prima materia* a partir da qual o mundo tinha sido criado a fim de que pudessem então libertar o espírito encerrado nela e usá-lo para adiantar as transmutações. Eles também sabiam que um 'ouro filosófico' tinha de ser criado. A principal tarefa dos alquimistas era, por esse motivo, libertar o espírito oculto de Deus na matéria, um trabalho espiritual que envolvia a transmutação do próprio homem, livrando-o de suas impurezas a fim de que a *prima materia* de sua própria alma pudesse ser religada a Deus. Parece-me que, embora as imagens sejam diferentes, o processo de individuação apresenta o mesmo objetivo final.

A ordem seguida pelos alquimistas na sua busca foi descrita da seguinte forma:

> Para os alquimistas (...) não havia razão para acreditar que uma transmutação de substâncias pudesse não ser bem-sucedida dadas as condições de trabalho características. O problema era simplesmente o de livrar um elemento de uma propriedade e substituir outro. Em alquimia essa alteração da forma de um metal era simbolizada por imagens como 'tortura', 'separação' e todas as outras imagens simbólicas da morte. Se o indivíduo pudesse reduzir um metal o suficiente, obteria a *prima materia*.
>
> Após a obtenção da *prima materia*, o alquimista teria a semente das coisas que teria então de ser tratada da mesma forma que a mãe terra embalou os elementos, num receptáculo aquecido. Esse receptáculo seria o útero em que a ressurreição da coisa que foi morta finalmente teria lugar. O importante era separar os quatro elementos um do outro e do material trabalhado, (...) para então reduzir cada elemento a cada propriedade predominante, e finalmente reunir as quatro propriedades primárias de maneira que elas formariam um estado caótico da primeira matéria (Poncé, 1975, pp. 171-172 do original).

A diferença entre a *prima materia* e o *lapis*, representando o início e o fim da obra, é que enquanto a *prima materia* é caótica, a pedra é perfeita. A pedra resiste à ação do fogo; é mais pura do que o ouro mais puro; é o pai de todos os milagres

> (...) contendo todos os elementos de tal maneira que nenhum predomina, mas todos formam uma determinada quintessência (Poncé, 1975, p. 175 do original).

O 'tesouro difícil de ser alcançado', cuja presença se suspeitou na *prima materia*, está potencialmente contido nela como uma *massa confusa*. Nosso intelecto, nosso entendimento, deve transformar esse trabalho da mãe-natureza na quintessência celestial, na essência celestial que dá vida. Jung argumenta que o entendimento e a inteligência persistem por toda a literatura alquímica não só porque a inteligência acima do comum é necessária para a execução de uma obra tão difícil, mas porque supõe-se que

> (...) há uma espécie de poder mágico inerente à mente humana, capaz de transformar a própria matéria (...) "O intelecto do homem é começo, o meio e o fim do processo; (...) o ser humano é a forma principal e a maior no *opus* espagírico" (OC 12, par. 366).

A essência que dá vida e está oculta na *prima materia* escura só pode ser encontrada quando se desce em direção a uma região perigosa, descrita diferentemente como caverna, floresta, ilha, abismo aquoso — todas as imagens indicando o inconsciente. Esse domínio obscuro do inconsciente cria

> (...) o medo e a resistência que todo ser humano experimenta em relação a um mergulho demasiado profundo em si mesmo é o pavor da descida ao Hades. Se fosse resistência apenas, o caso não seria tão grave. Na realidade porém emana desse substrato anímico (...) uma atração fascinante, a qual ameaça tornar-se tanto mais avassaladora quanto mais nele se penetrar. O perigo psicológico desse momento corresponde a uma desintegração da personalidade em suas componentes funcionais (Jung, OC 12, par. 439).

No entanto, o alquimista estava em harmonia não só com o inconsciente, mas também diretamente com a simples substância que ele esperava transformar através do poder da imaginação. A imaginação torna-se, por esse motivo, um extrato concentrado das forças vivas do corpo, daí a quintessência (Jung, OC 12, par. 394). Jung cita um antigo texto alquímico que descreve a relação existente entre a consciência e o *lapis*:

> "Esta pedra está abaixo de vós quanto à obediência; acima de vós quanto à dominação; de vós quanto ao conhecimento; sobre vós quanto aos pares" (OC 13, par. 287).

De acordo com o texto, quando aplicado ao Si-mesmo isso significa que embora o Si-mesmo esteja subordinado ao indivíduo, ele é seu soberano. O Si-mesmo é dependente do conhecimento e dos próprios esforços do indivíduo, mas transcende um e abrange todos de espírito semelhante. À medida que o Si-mesmo resume a totalidade da personalidade, não é difícil enxergar o paralelo existente entre o opus alquímico e o processo de individuação, sendo o objetivo a totalidade. O objetivo de todos os esforços dos alquimistas era a criação de uma substância incorruptível que não apenas levasse à perfeição, mas que também fosse capaz de curar.

Ao tentar encontrar paralelos entre as imagens alquímicas e os trunfos do tarô, acredito que é mais importante decifrar a linguagem simbólica que chama a atenção para a essência do processo, a natureza espiritual da obra. McLean argumenta, em seus comentários às séries de 22 pranchas do *Splendor solis*, que:

> (...) ao se deparar pela primeira vez com esses 22 símbolos, o indivíduo poderia ser eximido de tentar relacioná-los diretamente aos 22 Arcanos Maiores do Tarô. Sob uma consideração mais profunda, torna-se óbvio que não podem ser relacionados numa tal correspondência simplista. Entretanto, essas 22 figuras funcionam como um Tarô, como figuras arquetípicas que podem expandir a alma questionadora em direção às facetas do seu próprio ser.
>
> Esse ciclo de ilustrações (...) não deve ser visto como 22 símbolos independentes separados, mas, ao contrário, como um padrão integrado dos ideais arquetípicos (1991, p. 94 do original).

McLean vê por trás dessas 22 ilustrações uma estrutura subjacente que forma o padrão retratado na Tabela 8. O arranjo proposto por McLean é aquele que também poderia convir perfeitamente aos arcanos maiores. As quatro primeiras cartas oferecem uma dupla *coniunctio* — o Mago e a Grande Sacerdotisa, o masculino e o feminino superiores; a Imperatriz e o Imperador, o feminino e o masculino na natureza. As cartas de 5 a 10 seguem o Relâmpago, e a carta 11, a Força, espelha a base arquetípica fornecida pelas dez precedentes. As cartas de 12 a 18 retratam o doloroso caminho ascendente do Caminho da Serpente, e as cartas de 19 a 22 descrevem os domínios superiores em que a alma pode se unir ao espírito.

A beleza da alquimia jaz tanto na sua linguagem materializada quanto na simbólica. De acordo com Hillman (1980, p. 124 do original), a alquimia nos concede uma linguagem de substância que não pode ser tomada substantivamente e expressões concretas que não são literais. Força-nos a metáfora, somos transportados por sua linguagem para um 'como se', tanto para a materialização da psique quanto para a 'psiquezação' da matéria.

Não é o retorno literal da alquimia que se faz necessário, mas uma restituição do modo da imaginação alquímico, pois nesse modo restituímos a matéria ao nosso discurso e restituímos a alma à matéria e ao espírito. A metáfora 'como se' é cura porque une no coração o que foi mantido à parte mentalmente.

TABELA 8. PADRÕES SUBJACENTES AS 22 PRANCHAS NO *SPLENDOR SOLIS*.[1]

1 2 3 4	**O Material Primal do Trabalho** (o Primeiro e o Segundo Tratados)
5 6 7 8 9 10 11	**As Sete Fases do Processo na Alegoria** (as Sete Parábolas do Terceiro Tratado)
12 13 14 15 16 17 18	**As Sete Retortas da Transformação** (os Sete Graus de Calor do Quarto Tratado)
19 20 21 22	**O Fim do Trabalho** (os Quatro Capítulos do Quinto Tratado)

1. De Trismosin, p. 94 do original.

A análise alquímica é qualitativa e não quantitativa, uma característica compartilhada pela astrologia. O que a alquimia tem a dizer sobre quem somos e o que nos arriscamos a perder caso rejeitemos o fato foi formulado da seguinte forma:

> O alquimista se aceita (...) pelo que é a fim de se transformar no que poderia ser. A luta solitária com as substâncias no destilador ou no alambique torna-se a luta de todos os homens para se libertar dos grilhões existentes e para avançar visando uma nova esfera da experiência (...) (Grossinger, 1983, pp. 258-259 do original).

Em última análise, essa unidade de arte e processo com pensamento teórico é o grande marco revolucionário da alquimia. Quando o método científico foi estabelecido no século XVII, os valores qualitativos e a direção da mudança foram deixados de fora e colocados de lado em benefício da 'objetividade'. O alquimista, em relação a essa posição, replicaria que:

> (...) se você exclui a humanidade (o objeto concreto da qualidade) acaba excluindo a realidade em qualquer sentido resultante e seus resultados apresentam uma tendência anti-humana limitada (...) A ciência completa (...) saberia como compreender e definir ao mesmo tempo todos os pontos cruciais da mudança, nos quais novas qualidades surgem; e isso ligaria de forma vital suas indagações sobre o processo natural às necessidades de uma humanidade que sabia para onde estava indo (Grossinger, 1983, p. 259 do original).

Hoje é a 'realidade invisível' na natureza com a qual a ciência está envolvida, e também a mesma realidade invisível em nós mesmos com a qual necessitamos estar envolvidos.

> [S]omos o produto dessa natureza exata; as realidades invisíveis, os paradoxos e as sutilezas que contemos, à medida que olhamos para fora, ou para dentro, são da mesma ordem que as realidades invisíveis na natureza objetiva como um todo (Grossinger, 1983, p. 261 do original).

A escuridão profunda que oculta o processo alquímico vem do fato de que todo alquimista se esforça para planejar uma nomenclatura para as transformações psíquicas das quais foi testemunha. Todo alquimista original constrói, ele mesmo, uma estrutura individual feita de analogias variadas dos conceitos fundamentais da alquimia. O método da alquimia é o da amplificação infinita, que forma a parte teórica da alquimia; a outra parte é prática e se constitui do opus. No entanto, o significado alquímico das substâncias mais comumente utilizadas, tais como o mercúrio, o sal e o enxofre, é um dos segredos da arte. A obscuridade dos textos os fazem impenetráveis a nós, e os próprios alquimistas ocasionalmente não eram capazes de compreender seus próprios símbolos e figuras simbólicas (Jung, OC 12, par. 401).

A 'teoria' mais importante era a convicção a respeito da propriedade interior das substâncias. Tratava-se da pretensa 'qualidade' do enxofre ou mercúrio utilizada na alquimia, não a substância mensurável. Eram suas características e comportamentos que as faziam reconhecíveis e úteis.

> Os alquimistas perguntavam o que era a natureza da substância e quais eram as ligações existentes entre a natureza e as formas da substância. A singularidade de cada substância poderia estar na forma: redonda, quadrada, amarela, preta, branca, ou nos aspectos moleculares: aéreo, aquoso, terroso, ígneo (...) (Grossinger, 1983, p. 255 do original).

Os componentes básicos da alquimia são considerados as provas de que a natureza é composta de elementos primários, de que há uma evolução e transformação graduais da substância existente na natureza, de que existem sistemas que podem ser utilizados para incitar e induzir essa transformação, de que existe aí uma interação entre o ser interior do indivíduo e os acontecimentos alquímicos ocorridos durante uma experiência, de que o conhecimento do sistema de correspondências entre planetas, ervas, minerais, animais e partes corpóreas (conhecido como a Doutrina das Correspondências) é vital para o trabalho, e de que o objetivo final é chegar à origem de uma essência espiritual que se acredita existir na matéria e que é às vezes denominada Pedra do Filósofo, ou Pedra Filosofal. Além do mais, o método utilizava pares de opostos complementares (sol/lua, ouro/prata, enxofre/mercúrio, rei/rainha, masculino/feminino, marido/noiva, Cristo/homem)

para chegar até a integração desses opostos no símbolo decisivo da reconciliação do conflito interior/exterior. Os elementos espirituais e crônicos estavam

> (...) unidos com a quintessência azul, ou com a anima mundi, extraída da matéria inerte, (...) isto é, o homem consciente total é confiado ao Si-mesmo, que se torna o novo centro da personalidade em substituição ao eu atuante até agora (...) O filium macrocosmi (filho do macrocosmo), o filho das grandes luminárias e do seio escuro da Terra, se porta no domínio do psíquico e arrebata a personalidade humana não apenas na altura luminosa da consciência espiritual, mas também nas profundezas escuras, que até agora não haviam ainda compreendido a luz (...) (Jung, OC 14/2, par. 364.)

Para adentrar no domínio alquímico, o indivíduo tem de abandonar a fidelidade aos sistemas de pensamentos lógicos e disciplinados, a necessidade de buscar sentido e de compreender, sendo esta a única maneira de nos ligarmos com o que quer que se encontre à nossa frente. Os textos alquímicos, assim como o misterioso funcionamento da psique, confrontam o pesquisador ao desafiar o pensamento linear, o qual, nos caminhos labirínticos à frente, faz-se totalmente inútil. Não posso deixar de relembrar a imagem do Enforcado (carta XII) perdendo todas as suas moedas colecionadas com afinco à medida que oscila, pendendo de cabeça para baixo, numa posição que pode abrir uma nova perspectiva no mundo. Como Klossowski de Rola propôs:

> Somente através da confiança na intuição inspiradora, o fio dourado de Ariadne, o quebra-cabeças será montado e a luz substituirá a escuridão (...) os mestres zen, por exemplo, utilizam koans (...) os quais, ao mesmo tempo que desequilibram o intelecto, podem de repente produzir o satori ou a iluminação (*Alquimia*, p. 9 do original).

Em suma, enquanto realizava suas experiências, o alquimista experimentava certos fenômenos psíquicos; esses fenômenos se afiguravam para ele como o comportamento do processo químico. Ele naturalmente desconhecia o fato de que se tratava de uma projeção e de que a experiência nada tinha a ver com a reação química por ele observada.

> O alquimista vivenciava sua projeção como uma propriedade da matéria; mas o que vivenciava na realidade era o seu inconsciente (...) Projeções deste tipo repetem-se todas as vezes que o homem tenta explorar uma escuridão vazia, preenchendo-a involuntariamente com formas vivas (Jung, OC 12, par. 346).

O trabalho

De acordo com o que se diz, o primeiro grande trabalho da alquimia era a busca da *prima materia*. Para obter essa substância única, essencial e natural deve-se começar no momento certo, determinado pelos aspectos astrológicos, que se mostram mais favoráveis em Áries, Touro ou Gêmeos. O alquimista deve estar purificado e deve preparar um fogo secreto, ou primeiro agente, descrito como "água seca que não queima as mãos", ou como "fogo que arde sem chamas, que é tártaro (o submundo, o inconsciente) e orvalho primaveril". Embora tenha sido dada uma informação minuciosa com relação aos procedimentos após a *prima materia* ter sido encontrada, praticamente não há nenhuma informação a respeito do caminho que conduz à mina da qual esta era extraída.

A descrição dos processos, e até mesmo o número de suas fases, varia consideravelmente. De fato, Edinger (*Anatomia da psique*) lista sete: *calcinatio, solutio, coagulatio, sublimatio, mortificatio, separatio* e *coniunctio*, ao passo que Jung e Grossinger listam 12 operações: *calcinatio, solutio, separatio, coniunctio, putrefactio, coagulatio, cibatio, sublimatio, fermentatio, exaltatio, augmentatio* e *projectio*. (É interessante observar que no alfabeto hebraico existem sete letras duplas e 12 letras simples, e que, astrologicamente, o sete corresponde ao número de planetas, ao passo que o 12 é o número dos signos do zodíaco.) Sendo assim, as operações alquímicas fornecem as categorias básicas pelas quais se compreende a vida da psique e ilustram a quase totalidade das experiências que constituem a individuação. Grossinger (1983, p. 298 do original) divide as operações em três seqüências de quatro estágios, onde a primeira seqüência descreve a criação de uma essência negra e a extração da substância espiritualizada; a segunda é "concebivelmente uma série de sinais e operações ocorridos durante a primeira", mas com intensidade diferente; e a terceira seqüência implica para ele apenas o que ocorre após a pedra filosofal ter sido obtida e envolve a transformação da substância. Jung comenta essa variabilidade:

> A seqüência das fases nos diversos autores depende, em primeiro lugar, de sua concepção da meta; às vezes trata-se da tintura branca e vermelha (aqua permanens); às vezes, da pedra filosofal que, como hermafrodita, contém as duas; ou ainda da panacéia (aurum potabile, elixir vitae), ouro filosófico (...). As concepções da meta são tão vagas e suas variantes são tantas como os processos individuais. O "lapis philosophorum", por exemplo, é muitas vezes a "prima materia", ou o meio de produzir o ouro; ou ainda é simplesmente um ser místico às vezes chamado (...) "filius macrocosmi" (...)
>
> (...) Ao lado da idéia da "prima materia", a da água (aqua permanens) e a do fogo (ignis noster) desempenham um papel importante. Apesar destes dois elementos (...) constituírem um típico par de opostos, são uma e a mesma coisa (...) Como a "prima materia", a água tem mil nomes; diz-se mesmo que ela é o material original da pedra. Apesar disto, por outro lado se afirma que a água é extraída da pedra ou da "prima materia", como sua alma vivificadora (anima). (Jung, OC 12, par. 335-336.)

Qualquer autor pode também intencionalmente (ou não-intencionalmente) se distanciar a fim de conservar seu segredo, para que este não caia nas mãos do não-iniciado. Mas a observação de Edinger indica uma proteção natural:

> O segredo da psique está seguro porque não é comunicável àqueles que ainda não o tenham experienciado por si mesmos (1985, p. 8 do original).

A *calcinatio* ou a redução é o primeiro estágio. Através da calcinação o composto é convertido em pó preto. Alguns materiais são preparados para isolação etérica por redução, enquanto outros devem ser dissolvidos. De qualquer maneira, a calcinação é seguida pela dissolução, *solutio*, ou digestão.

Pela *solutio* e *sublimatio* o espírito é convertido num corpo, e o corpo (as cinzas negras) afunda até a parte inferior do receptáculo, onde é purificado até que se eleva acima do solvente líquido como uma substância branca denominada, às vezes, o 'ganso' ou o 'pássaro de Hermes'.

Para o alquimista, a inconsciência original era conhecida como *nigredo*, caos, massa confusa, um entrelaçamento da alma com o corpo, juntos formando uma unidade sombria (a *unio naturalis*). Dessas 'cadeias' a alma é libertada pela *separatio*, estabelecendo uma contraposição consciente e racional imune às influências do corpo. Isso significa retirar projeções que deturpam a visão de mundo do indivíduo e impedem o autoconhecimento. Mas tais projeções só podem ser retiradas quando dentro do alcance da consciência. Assim, os alquimistas não diferenciavam entre os conteúdos psíquicos e as substâncias químicas. A esfera psíquica que representava o corpo se afigurou admiravelmente ao adepto como idêntica ao preparado químico que se encontra na retorta (OC 14/2, par. 356-357). A *separatio* corresponde à libertação do estado inicial do caos e das trevas:

> Das sucessivas uniões provém um *agens* (agente: Sulphur, enxofre) e um *patiens* (paciente: Sal), como também um intermediário, um ambivalente, a saber, o Mercurius. Dessa clássica trindade alquímica resulta a relação de homem e mulher como a oposição suprema e essencial. (...) os quatro elementos não formam um círculo, isto é, nenhuma totalidade. Esta apenas é produzida pela síntese do masculino e do feminino. Assim, ao quadrilátero inicial corresponde no final um quaternio (grupo de quatro) dos elementos unidos pela Quinta Essentia (...) (Jung, OC 14/2, par. 321.)

Após a *separatio* uma união de opostos é efetuada, um passo crucial que significa nada menos que a solução do enigma alquímico e, ao mesmo tempo, a redenção de uma parte da personalidade antes inconsciente.

A *coniunctio* foi apropriadamente chamada de 'idéia central' do processo alquímico. Os adeptos estavam interessados basicamente em uma união de substâncias, esperando atingir, por meio dessa união, o objetivo da sua obra: a produção do ouro filosófico, ou de um equivalente simbólico do mesmo. A *coniunctio* precede a produção do *lapis*, que é o produto da união do Sol e da Luna. O *lapis* corresponde à idéia psicológica do Si-mesmo, o produto da união do consciente e inconsciente. O processo químico da conjunção representava também uma síntese psíquica. Às vezes parece que o autoconhecimento produz a união, mas, mais freqüentemente, é a conjunção química que facilita a psíquica. A *coniunctio* se realiza na retorta, no vaso/receptáculo ou na matriz. O vaso também é designado o 'túmulo', e a união, uma morte em comum (Jung, OC 14/2, par. 322). A *coniunctio* freqüentemente necessita de um catalisador, e esse é Mercurius. Ele é a alma (anima), o mediador entre corpo e espírito. O mesmo vale para os sinônimos de Mercurius: o leão verde, a *aqua permanens*, que são também meios de união. De fato, Mercurius é a conjunção devido a seu aspecto andrógino (Jung, OC 14, par. 12).

> (...) na hora coniunctio (conjunção) aparecerão a negrura e a cabeça de corvo e todas as cores do mundo, "também o arco-íris como mensageiro de Deus e a cauda do pavão" (Khunrath, citado em Jung, OC 14/2, par. 52).

Jung continua:

> O arco-íris como "nuncia Dei" (mensageiro de Deus) é naturalmente de importância especial para a compreensão do opus (obra), pois a integração de todas as cores, por assim dizer, indica a chegada ou a proximidade ou até mesmo a presença de Deus (OC 14/2, par. 52).

uma advertência de que a transformação alquímica só pode ocorrer *Deo concedente*, com a graça de Deus.

Às vezes a *coniunctio* tem de ser seguida pela morte do produto da união através da *putrefactio*, uma decomposição natural do calor interno, ou através da *mortificatio*. Trata-se da *nigredo* da segunda fase, que é seguida então, ou não, pela *congelatio* ou *coagulatio* e depois por lavagem renovada (*ablutio*) ou umedecimento com orvalho (*cibatio*) (Jung, OC 12, par. 334). Expor-se à tempestade e à pressão da ação solidifica a personalidade; a agitação da realidade e a batalha travada com ela promovem o desenvolvimento do ego. Assim, é natural que a maior parte dos mitos da criação nos apresente rodas giratórias e oceanos agitados.

> A substância a ser coagulada é o mercúrio fugidio (...) Essencialmente, ele é o espírito autônomo da psique arquetípica, a manifestação paradoxal do Si-mesmo transpessoal. Submeter o espírito de Mercúrio à *coagulatio* significa nada menos que relacionar o ego ao Si-mesmo, realizar a individuação (Edinger, 1985, p. 85 do original).

Não é motivo de surpresa que uma receita alquímica da coagulação recomende: "Pegue o mercúrio, coagule-o no corpo da magnésia, no chumbo, ou no enxofre que não queima". Para Edinger, o uso do enxofre que não queima deixa claro que um significado psíquico foi superposto na realidade química na qual o mercúrio combina-se com o enxofre para formar o sulfeto de mercúrio vermelho, sólido.

Finalmente, a última operação nessa fase é a *sublimatio* ou destilação.

> O propósito da destilação na alquimia era extrair a substância volátil, ou espírito, do corpo impuro. Esse processo era uma experiência tanto psíquica quanto física (Jung, OC 13, par. 185).

Quando o produto da destilação era colocado de volta no gargalo da retorta, ou num vaso às vezes denominado 'Pelicano', dava-se a 'destilação circular', uma operação muito favorecida pelos alquimistas, pois estes esperavam obter resultados particularmente refinados por meio dessa 'destilação multiplicada'.

O alquimista realiza seu trabalho e ao mesmo tempo faz-se acompanhar de uma operação mental, intentando purificar, livrar das impurezas sua 'anatomia interior'.

> Quando o artifex aquece a substância química no forno ele passa pelo mesmo 'tormento' e purificação ígneos. Ao se projetar na substância ele se torna inconscientemente idêntico a ela e sofre o mesmo processo (Jung, OC 13, par. 173).

Jung foi mais longe ao nos apresentar um paralelo 'tentativo' entre a seqüência lógica das mudanças psicológicas e o simbolismo alquímico. Veja a tabela 9.

TABELA 9. MUDANÇAS PSICOLÓGICAS E SIMBOLISMO ALQUÍMICO.[2]

Estado cheio de si, com dominante fraca da consciência	Rei doente e enfraquecido pela velhice, que se prepara para morrer.
Ascensão do inconsciente, ou respectivamente mergulho do eu no inconsciente.	O rei desaparece no corpo de sua mãe, ou se dissolve na água.
Conflito e síntese entre a consciência e o inconsciente.	A avidez, leito de doente, sintomas, jogo de cores.
Surgimento de uma nova dominante. Símbolos da redondeza (mandala) do si-mesmo.	O filho do rei, o hermafrodito, o rotundum (redondo).

2. De Jung, OC 14/2, par. 188.

O pó feito durante as oito primeiras operações é agora utilizado na fase final do trabalho. A *fermentatio* envolve a mistura da substância com um metal (antimônio, ferro, ouro ou prata) a fim de aumentar a capacidade da transmutação; a *exaltatio* é uma forma mais pura de sublimação; e a *multiplicatio* aumenta a quantidade e talvez a qualidade da substância ao adicionar mercúrio ou seqüências repetidas da *solutio* e *coagulatio*. O último estágio é aquele no qual o material preparado nos 11 anteriores é utilizado para aumentar o valor de algum outro metal para prata ou para ouro (Grossinger, pp. 316-317 do original). Este ouro, ou pedra, ou elixir da vida, é o produto final da busca do alquimista. É o tesouro oculto na *prima materia* na qual está potencialmente contido. Pode ser a quintessência extraída do caos ou a pomba branca contida no chumbo, uma alusão ao oposto interno. Pode ser o espírito invisível recebido do alto e

> alimentado pelas estrelas e [que] dá alimento a todos os seres vivos que abriga em seu seio (...) Este espírito invisível é (...) a raiz dos corpos necessários ao processo, ou que dele surgem (Jung, OC 12, par. 444).

A *prima matéria* e o *lapis*

A *prima materia* representa a substância desconhecida portadora da projeção do conteúdo psíquico autônomo. Ao emanar do indivíduo, faz-se diferente em cada caso e, por essa razão, a ela foi dada uma série de definições.

> Para uns, a "materia prima" era o mercúrio (metal), para outros, minério, ferro, ouro, chumbo, sal, enxofre, vinagre, água, ar, fogo, sangue, água da vida, "lapis", veneno, espírito, nuvem, céu, orvalho, sombra, mar, mãe, lua, dragão, Vênus, caos, microcosmo (Jung, OC 12, par. 425).

A *prima materia* que os alquimistas procuravam era, na verdade, uma substância metafísica que se acreditava existir não só oculta e encerrada na matéria, mas também nos seres humanos. De acordo com Poncé (1975, p. 173 do original), o verdadeiro segredo da alquimia é o fato de que o alquimista, ao libertar e purificar o espírito nele mesmo, fazia com que um acontecimento recíproco ocorresse na natureza: "assim como no alto será embaixo"; "assim como dentro será fora". No entanto, isso não poderia ser feito sem a criação daquilo que nasceu da *prima materia* — a pedra filosofal. Por esse motivo, o *lapis* pode ser compreendido não só como o produto final do opus, mas também como o material inicial.

> O *lapis* é concebido como uma unidade e por isto representa a *prima materia*, de modo geral. Mas tal como esta matéria é uma porção do caos primordial que, em determinada passagem, é concebido como oculto nos metais, especialmente no mercúrio ou em outras matérias, e em si não é uma coisa simples (mas uma *massa confusa*), assim também o *lapis* é composto de quatro elementos, ou deve ser formado por eles (Jung, OC 9/2, par. 375).

Na natureza, os elementos simplesmente coexistem; podem ser combinados apenas pelo procedimento alquímico. Diz-se que o *lapis* resulta da divisão e recomposição dos quatro elementos, do *rotundum*, "uma idéia sumamente abstrata e transcendente, que se relaciona com o Homem primordial graças à sua rotundidade e à sua totalidade" (Jung, OC 9/2, par. 388). Jung reitera:

> Esta matéria primordial é redonda (...) como o universo e a alma do mundo; é, inclusive e ao mesmo tempo, a alma e a matéria do mundo. É a "pedra que tem um espírito" (...) Os alquimistas definem o elemento redondo ora como água primordial, ora como fogo primordial, como Pneuma, como Terra primordial, ou como (...) corpúsculo de nossa sabedoria. Como "água" ou como "fogo" é o dissolvente universal, e como pedra e metal é aquilo que deve ser dissolvido e convertido no ar (pneuma, Spiritus) (OC 9/2, par. 376).

Para os alquimistas, a *prima materia* era a umidade radical, o *spiritus aquae* e o *vapor terrae*. Era chamada de a alma dos metais, o *sperma mundi*, a árvore do paraíso de Adão, que cresce no mar. Era também Adão e o homem amaldiçoado, o monstro hermafrodita, o Uno e a raiz dele mesmo, o Todo, e assim por diante.

> Todos os nomes simbólicos da *prima materia* indicam a *anima mundi*, o Homem Primordial de Platão, o Anthropos e místico Adão, descrito como uma esfera (= totalidade), consistindo em quatro partes (unindo diferentes aspectos nele mesmo), hermafrodítico (além da divisão por sexo), e sombrio (isto é, psíquico). É o retrato do Si-mesmo, a indescritível totalidade do homem (Jung, OC 13, par. 173).

Algumas das propriedades atribuídas à *prima materia* incluem a ubiqüidade, o fato de poder ser encontrada em todo e em qualquer lugar, de as projeções poderem ocorrer sempre e em qualquer lugar; à autonomia e a perenidade, o que significa que não há início nem fim; a prodigiosidade, isto é, coisas que se originam do Deus invisível e imóvel; o estado oculto, referindo-se ao estado inicial que pela arte do alquimista e pela graça de Deus pode ser transmutado num estado de inteireza manifesto. A hyle alude àquilo que a criação divina produziu a partir do caos sob a forma de uma esfera escura; a 'negrura', a escuridão, é o estado inicial do processo, a terra negra na qual o ouro ou o *lapis* é semeado como se fosse trigo; e a fluidez é o princípio material de todos os corpos, inclusive do mercúrio (Jung, OC 12, par. 432-433). Essas propriedades também descrevem o *filius philosophorum*, o *elixir vitae* ou o *lapis*. Além disso, os atributos da pedra, muito enfatizados, são a incorruptibilidade, a permanência e a divindade.

> O que a natureza inconsciente tencionava quando produziu a imagem do *lapis* pode ser visto mais claramente na noção de que este se originou da matéria e do homem, de que era encontrado em qualquer lugar, e de que sua fabricação permanece ao menos potencialmente ao alcance do homem (Jung, OC 13, par. 127).

O objetivo absoluto de todo o processo é a pedra, o *lapis*, o produto da *coniunctio* do rei vermelho e da rainha branca. É também um ser místico que contém espírito, alma e corpo, com o poder de dar vida a todos os mortais, de purificar toda a corrupção, de amolecer todo o corpo duro e endurecer todo o corpo macio. Diz-se que essa pedra milagrosa é encontrada "no momento em que a investigação torna-se pesada para aquele que investiga" (Jung, OC 12, par. 360-361). Isso significa que uma determinada condição psicológica faz-se necessária para que se encontre o lugar onde ela habita. Visto que o segredo da arte permanece oculto no inconsciente, o caminho de acesso é "extremamente estreito" e "ninguém o encontra a não ser pelo sofrimento da alma" (Jung, OC 12, par. 386).

Os alquimistas estavam bem cientes dos perigos relacionados ao trabalho, não só no caso de alguém cometer um erro, mas os adeptos eram avisados repetidamente para que tomassem cuidado, para que reconhecessem e se resguardassem das 'decepções do demônio' que freqüentemente

> induz à negligência, impedindo que levemos a cabo nossas intenções; ele move-se furtivamente por toda parte, dentro e fora, suscitando enganos, provocando medo e evidenciando o despreparo — e em outros momentos procura fazer com que abandonemos o trabalho provocando danos e incômodos (Olimpiodoro, citado em Jung, OC 13, par. 430).

Ao verificarmos os sinônimos para o *lapis*, talvez nos surpreendamos ao perceber que como a *prima materia* ele é chamado *vilis*; como uma substância no processo de transmutação ele é chamado *servus rubeus* ou *fugitivus*; e em sua verdadeira apoteose é o *filius sapientiae* ou até mesmo *deus terrenus*; é a "luz acima de todas as luzes" e uma força que contém nela mesma todo o poder das regiões superior e inferior (Jung, OC 9/1, par. 289). A identidade da *prima materia* caótica e do *lapis* perfeito pode parecer menos incompreensível se nos lembrarmos do que Jung chamou de "um estranho jogo da natureza": o fato de que o diamante, a "água mais límpida", é carbono na forma cristalina, enquanto o carvão, o carbono na sua forma amorfa, é preto; além do mais, o principal elemento químico constitutivo do corpo humano e de toda a matéria orgânica em toda a natureza é o carbono.

Não se pode imaginar contraste maior entre duas formas diferentes da mesma substância (isto é, o carbono), uma relação que sugere a existente entre o estado da consciência mais elevado e o mais comum. A identificação da *prima materia* com o *lapis* (ou ao menos a imagem da *prima materia* como um pré-estágio da pedra) sugere que o resultado final do processo de individuação utiliza muitos elementos da psique comuns e preexistentes, e, por meio de um processo de transformação, realiza a transmutação misteriosa simbolizada pelos alquimistas no *aurum non vulgi*, o ouro filosófico. Isso mostra que

existe, simbolicamente, uma identidade fundamental de todas as substâncias, que elas possuem uma faculdade inerente de transformação e que, para produzir o *lapis*, necessita-se da providência divina, sendo a pedra basicamente uma dádiva de Deus. Lembro-me de uma situação, em terapia, na qual todos os elementos da transformação estão, ao menos para mim, obviamente lá, ainda que não haja nenhum movimento, pois, na noite escura da alma, o Si-mesmo parece inativo e falta a graça da fé salvadora. Esse é o momento em que a visão otimista do alquimista pode transformar a angústia da alma ao lembrar o indivíduo que

> (...) a base escura da alma contém não só o mal, mas também um Rei que necessita da, e capaz da, redenção (...) [e que] "no final do trabalho (...) partirá em sua direção, coroado com seu diadema, radiante como o sol (...) constante no fogo" (Jung, OC 13, par. 183).

Vimos até aqui que, para os alquimistas, o rito simbólico realizado no laboratório visava a criação do bálsamo celestial, ou princípio da vida, às vezes designado *coelum*, uma substância celestial oculta no corpo humano, uma verdade secreta, um "bem imperecível", que é tirado daqui após a morte (obviamente, a parte imortal da alma). Sob o ponto de vista psicológico, é uma representação do processo de individuação por meio de determinados procedimentos de transformação das substâncias químicas desde o chumbo (um sinônimo da *prima materia*, uma matriz do *filius philosophorum*) até a procurada substância celeste, o *coelum*, a *quinta essentia* (Jung, OC 14/2, par. 364.)

A seqüência do trabalho

> O adepto produz um processo fantasioso que para ele tem significado especial. Ainda que ele nisso tudo se movimente na moldura geral das concepções alquímicas tradicionais, contudo ele não repete nenhum esquema pré-traçado, mas, seguindo suas próprias idéias espontâneas e livres, produz uma série interminável de conceitos e ações correspondentes (...) (Jung, OC 14/2, par. 354.)

Baseando-se nessa descrição, não causa surpresa o fato de que a seqüência de operações da "coisa mais vil" para "o tesouro que as traças não comem, nem os ladrões escavam" (Jung, OC 14/2, par. 353) varia muito de um texto para outro, de um comentarista para outro. Klossowski de Rola refere-se a ela nesta ordem:

A matéria-prima e o primeiro agente são colocados num almofariz e pulverizados com um pilão, misturados com o fogo secreto e umedecidos com orvalho antes de serem colocados no ovo, o receptáculo alquímico no qual os dois princípios contidos na *prima materia* interagem; trata-se do princípio solar

quente, seco, masculino (isto é, o enxofre) e do princípio lunar frio, úmido, feminino (isto é, o mercúrio). O primeiro trabalho termina quando, a partir da destruição mútua desses dois opostos, a umidade metálica e volátil do mercúrio do sábio aparece. Esse é o final da primeira fase da *nigredo*, comparado a um céu estrelado ou a uma estrela que guiou o mago até o local de nascimento da criança divina.

O princípio volátil do mercúrio voa através do ar alquímico dentro do ovo filosofal, o vaso selado hermeticamente, onde recebe influências celestiais e purificadoras. Então cai mais uma vez, sublimado, na terra nova, da qual finalmente reemerge. O fogo exterior é agora aumentado vagarosamente até que a coagulação e a secura do conteúdo emergente se completam. No processo, surgem cores bonitas, chamadas de cauda do pavão. Esse é o final do segundo trabalho, o estágio da *albedo*. Diz-se que agora há força suficiente para que se resista ao fogo. Aguarda-se o surgimento do rei vermelho, ou enxofre do sábio, do útero da mãe/irmã Ísis, ou mercúrio, a rosa branca.

O terceiro trabalho recapitula o primeiro, com um novo significado. Inicia-se com um casamento real, o Rei unindo-se à Rainha com o auxílio do fogo secreto ou do sal; o enxofre vermelho fixa o mercúrio branco. Dessa união nasce a perfeição final, a quintessência, a pedra filosofal.

Em suma, há três substâncias, três trabalhos e três níveis de perfeição. O primeiro trabalho termina quando a substância é purificada pela destilação e solidificação repetidas e reduzida à essência mercurial pura. O segundo nível de perfeição é obtido após a substância ser digerida e fixada no enxofre incombustível. O trabalho é realizado quando a terceira pedra surge após a pedra ter sido fermentada, multiplicada e trazida à perfeição final como uma tintura fixa e permanente, a pedra filosofal (Klossowski de Rola, 1973, pp. 10-12 do original).

Diversos processos parecem se repetir, não importando a seqüência descrita: existem três substâncias — mercúrio, enxofre e sal — que interagem para produzir a pedra; existem quatro elementos — terra, água, fogo e ar — que de alguma forma se relacionam com as três substâncias; e existem, basicamente, três cores — o preto (*nigredo*), o branco (*albedo*) e o vermelho (*rubedo*) — que surgem durante o trabalho, embora o verde (*viriditas*), o amarelo (*citrinitas*) e a cauda do pavão multicolorida (*cauda pavonis*) também tenham sido descritos. Existem três temas alquímicos: conjunção dos opostos, morte do produto e a ressurreição, o nascimento e a exaltação do resultado final, o *coelum*. Tudo isso pode ser expresso numa série de imagens dos reinos animal, mineral e vegetal.

Um dos axiomas centrais da alquimia é o aforismo atribuído à Maria Prophetissa: "Um torna-se dois, dois torna-se três e do três provém o um, que é o quarto". Para Jung isso mostra que

> (...) os números ímpares da dogmática cristã são entremeados por números pares que significam o feminino, a terra. (...) e até mesmo o próprio mal (...) Assim pois o superior espiritual masculino se inclina para o inferior, terrestre, feminino; vindo ao encontro do masculino, a mãe, que precede o mundo do pai, gera então um filho, mediante o instrumento do espírito humano (da "Filosofia") no sentido alquímico (...), não um homem-deus, mas um ser fabuloso conforme à natureza da mãe primordial. Enquanto a tarefa do filho superior é a da salvação do homem (do microcosmo), a do filho inferior é a de um "salvator macrocosmi" (Jung, OC 12, par. 26).

Esse processo revela todas as características da compensação psicológica; mostra que o abismo entre o mundo da mãe e o mundo do pai não é intransponível, assegurando que o inconsciente conserva a semente da unidade de ambos. Afinal:

> "a máscara do inconsciente não é rígida, mas reflete o rosto que voltamos para ele. A hostilidade confere-lhe um aspecto ameaçador, a benevolência suaviza seus traços" (OC 12, par. 29).

Em outra parte Jung relaciona o aforismo de Maria Prophetissa à substância transformadora, a goma vermelha, a resina do sábio, a "cola do mundo", que é a mediadora entre a mente e o corpo e a união de ambos. Das quatro naturezas da pedra, três são terrestres ou da terra, mas

> "(...) a quarta natureza é a água da pedra, isto é, o ouro viscoso, denominado goma vermelha, com a qual são tingidas as três naturezas terrestres". A goma, como aqui se diz, é a quarta natureza crítica: ela é dupla, isto é, masculina e feminina, sendo ao mesmo tempo uma única "aqua mercurialis" (OC 12, par. 209).

Assim, a união das duas é uma espécie de autofertilização, uma característica associada ao uróboro, o dragão mercurial, e alude (de acordo com Jung) ao homem original ou ao Anthropos do gnosticismo.

No centro da sabedoria natural, cuja circunferência, encerrada nela mesma, forma um círculo, o alquimista vê o cumprimento dos mistérios.

> "Eis o número quatro, dentro de cujos limites o número três, juntamente com o número dois combinado ao Um, preenche todas as coisas, fazendo-o de forma milagrosa." Nessas relações entre quatro, três, dois e um encontra-se (...) a "culminação

de todo conhecimento e da arte mística, e o ponto infalível do centro" (Dorn, citado por Jung, OC 13, par. 187).

Um/Uno

O significado simbólico do 'um' é encontrado na idéia de inteireza, totalidade, centro e origem. A idéia do Anthropos simboliza a totalidade humana. É a concepção de um ser unitário que existiu antes do ser humano e ao mesmo tempo representa o objetivo da humanidade. Outro símbolo para o um é o *rotundum*, o recipiente da transformação, sinônimo do crânio, da cabeça dourada e do *filius sapientiae*. Na visão alquímica, a alma é redonda e o recipiente deve ser redondo também, como os céus ou o mundo. Parece não existir diferença entre o recipiente e seu conteúdo: o recipiente hermético redondo no qual se opera a misteriosa transformação significa a divindade, a alma do mundo e a totalidade do homem (OC 9/2, par. 379-380).

Dois

O 'dois' é o símbolo da polaridade, dos opostos: Rei/Rainha, acima/abaixo, seco/úmido, quente/frio, esquerda/direita. Na Idade Média, o dois era considerado o primeiro número porque com ele a divisão e a multiplicação começam. A idéia do bom/mau, favorável/desfavorável também está associada ao número dois. Com o aparecimento do dois, outro surge ao lado do um, e esse outro pode ter um significado sinistro, por isso sente-se algo estranho, oposto, desconhecido.

> Este foi o motivo pelo qual um alquimista da Idade Média argumentava que Deus não louvou o segundo dia da criação, visto que nesse dia (uma segunda-feira — dies lunae) surgiu o binarius, ou melhor, o diabo (...) [Com] o número dois surge o número *um*, do *uno*, e o número *um* não é mais do que o uno diminuído (...) O "uno" e o "outro" formam um par de contrários, o que não acontece (...) o "uno", porém, sempre tende a manter sua unicidade e seu isolamento, ao passo que a tendência do "outro" é ser justamente "outro" em relação ao uno. O uno não pretende exonerar o outro, senão perderia seu caráter próprio, enquanto outro se destaca do uno, simplesmente para perdurar. Daí resulta uma tensão antitética entre o uno e o outro (Jung, OC 11, par. 180).

Uma vez que o número dois é feminino, também significa Eva, enquanto o número três era comparado a Adão. Por essa razão não é difícil verificar por que Eva está associada ao demônio, enquanto Adão está ligado à trindade divina. Dorn vai mais longe ao atribuir não só a dualidade, mas até mesmo a quaternidade ao demônio, rompendo assim com a tradição alquímica ao adotar o ponto de vista rigorosamente cristão segundo o qual o três é o Uno, e não o quatro, que alcança sua unidade na *Quinta Essentia* (Jung, OC 11, par. 104).

Três

Como os opostos nunca se unem em seu próprio nível (*tertium non datur*), um terceiro elemento de ordem superior é exigido, no qual os dois pólos possam encontrar-se.

> Como o símbolo provém tanto da consciência como do inconsciente, ele é capaz de unir ambas as partes. O caráter antitético e ideal deles, devido à sua forma, corresponde ao caráter antitético emocional de sua numinosidade (Jung, 9/2, par. 280).

Por esse motivo a tensão dos opostos leva a uma libertação, da qual resulta o 'terceiro'. No terceiro a tensão é desfeita e a unidade perdida reaparece. Entretanto, a unidade, o Uno absoluto, não pode ser conhecido; ele é inumerável. Portanto o três pode ser visto como o desdobramento do Uno para uma condição em que a unidade torna-se perceptível, reconhecível.

> Por isso, o três comparece como um verdadeiro sinônimo do processo de desenvolvimento dentro do tempo, disso resultando um paralelo com a auto-revelação de Deus como uno absoluto, no desdobramento do três (Jung, OC 11, par. 180).

A trindade é de caráter exclusivamente masculino. Na Antiguidade era representada pelos três 'espíritos', isto é, água, ar e fogo. Jung acredita que o inconsciente transforma a trindade numa quaternidade, que é ao mesmo tempo uma unidade, exatamente como as três pessoas da Trindade são o mesmo Deus.

> (...) a tríade pode ser considerada como uma totalidade relativa, porque, via de regra, ela representa (...) uma totalidade imaterial (ou imaginada) (...) ou instintiva (ou crônica) (...) Psicologicamente, porém, a tríade deve ser entendida como uma quaternidade defeituosa ou como um estado de transição para a quaternidade (...) Empiricamente, o complemento de uma tríade é outra tríade contrária. O complemento da quaternidade é a unidade (Jung, OC 9/2, par. 351).

Com a nítida tendência da alquimia e do inconsciente para a quaternidade, há sempre uma incerteza entre o três e o quatro. Existem três ou quatro processos, três ou quatro cores. Há sempre quatro elementos, mas freqüentemente o quarto é omitido. Para Jung, o número três não é uma expressão natural da totalidade, ao passo que o quatro representa o mínimo dos determinantes de um julgamento completo (OC 12, par. 31).

As idéias centrais em alquimia parecem, por esse motivo, tanto ternárias quanto quaternárias.

> O psicólogo não pode deixar de mencionar o fato de que a psicologia do inconsciente também conhece uma perplexidade análoga (...) O quatro significa o feminino, o materno, o físico; o três, o masculino, o paterno, o espiritual. A incerteza entre

o quatro e o três significa portanto o mesmo que a hesitação entre o espiritual e o físico: um exemplo marcante de que toda verdade humana é apenas uma penúltima verdade (Jung, OC 12, par. 31).

Quatro

A quaternidade é um sistema organizado de coordenadas utilizadas para dividir e ordenar, como quando dividimos o ano em estações, a superfície da terra em pontos cardeais, o ciclo da lua em fases, a personalidade humana em temperamentos ou funções psicológicas. Para os alquimistas, assim como para os gnósticos, era "uma tentativa (mais ou menos consciente) de pôr ordem na multidão caótica de imagens numinosas que a eles se impuseram" (Jung, OC 9/2, par. 381).

> A quaternidade, tal como é produzida pela psique moderna de forma muito direta, refere-se não somente a um Deus interior, como também à identidade de Deus com o homem. Em contraposição ao dogma, existem aqui quatro aspectos, e não três (...) Percebe-se claramente a voz da natureza em todas as experiências vinculadas à quaternidade (Jung, OC 11, par. 105).

Para os pitagóricos, a *tetraktys* enfatizava o quatro como a fonte e raiz da natureza eterna (Jung, OC 11, par. 61, n. 6). O *quaternio* é a união dos opostos interiores, o *hiero gamos*, a inclusão do passivo/ativo e da sombra/luz dentro do masculino/feminino, isto é, dentro de nós mesmos. Von Franz, em seu comentário ao *Aurora consurgens*, cita de um sermão de Pitágoras:

> A perfeição de toda contagem é (...) Quatro, pois o Dez é aperfeiçoado pelo Quatro (...) Assim, Deus criou todas as criaturas a partir das quatro diferentes naturezas; após chegarem ao número de dez, foram unidas umas às outras (...) e Deus produziu tudo a partir delas (p. 254 do original).

Para Jung, o quatro significa uma totalidade *consciente*: descreve o homem ideal e espiritual, e o concebe como uma totalidade, em contraste com a 'pêntade'.

Cinco

O cinco é o número atribuído ao homem 'natural', visto que ele consiste em um tronco e cinco apêndices.

> É significativo que a suástica simbolize o homem 'ideal', enquanto a estrela de cinco pontas simboliza o homem material e corporal. O dilema do quatro e cinco corresponde ao conflito entre 'cultura' e 'natureza' (Jung, OC 9/1, par. 680).

Entretanto, o cinco é também a quintessência e o número do Anthropos, de Adão Kadmon, identificado com o *filius philosophorum*. Na realidade, o espírito da quinta essência é

> "(...) o espírito da verdade, o qual o mundo não pode compreender sem a inspiração do Espírito Santo (...) Ele é a alma do mundo", movendo e preservando tudo. Na sua forma terrestre inicial (...) ele está sujo, mas se purifica progressivamente durante a ascensão através das suas formas aquosa, aérea e ígnea. Finalmente, na quinta essência, ele aparece como o 'corpo clarificado'. "Esse espírito é o segredo que permaneceu oculto desde o início" (Paracelso, citado em Jung, OC 13, par. 166).

Seis

De acordo com uma antiga tradição, o seis significa criação e evolução, uma vez que representa a união de dois três, o ímpar e o par, o feminino e o masculino. A héxade, freqüentemente representada pelo selo de Salomão, consiste em duas tríades entrelaçadas, que os alquimistas utilizavam como um símbolo da sua arte que retratava a união dos opostos. Embora as tríades às vezes representassem a água e o fogo, ou a terra e o ar, elas indicam basicamente as energias masculina/feminina. O fato de um triângulo apontar para cima e o outro para baixo pode demonstrar "o fato não incomum de que a personalidade precisa se estender tanto para cima quanto para baixo" (Jung, OC 9/1, par. 679).

Sete

O sete corresponde à seqüência de operações alquímicas citada em alguns textos e retratada na rosa de sete pétalas (ver Jung, OC 12, fig. 29) ou nas mandalas do *Philosophia reformata* (1622) ou do *Musaeum hermeticum* (1625). Os sete estágios da transformação são retratados na Árvore da Alma (OC 12, fig. 221) e na Montanha dos Adeptos (OC 12, fig. 93. Reproduzida na figura 23, à página 158). Sete é o número dos metais e o número dos planetas; paralelos entre eles são indicados na tabela 10 à página 159.

Além disso, as sete estrelas eram originalmente

> (...) os sete grandes deuses babilônicos, mas (...) trata-se dos sete arcontes, senhores "deste mundo", anjos caídos e punidos (...) O número sete entretanto não é somente nefasto, pois é na sétima montanha do país ocidental que se encontra a árvore que produz os frutos dispensadores de vida, a saber, "a arbor sapientiae" (Jung, OC 12, par. 298).

Sob o ponto de vista psicológico, essa imagem pode se referir aos pilares de construção do ego e aos sete frutos como representativos mundanos dos princípios transpessoais. Por esse motivo, não causa surpresa o fato de a Sapientia ser retratada por alguns alquimistas usando uma coroa real de sete estrelas fulgurantes (Jung, OC 12, par. 467). Por fim, o sete é a mistura misteriosa e numinosa da trindade masculina e da quaternidade feminina.

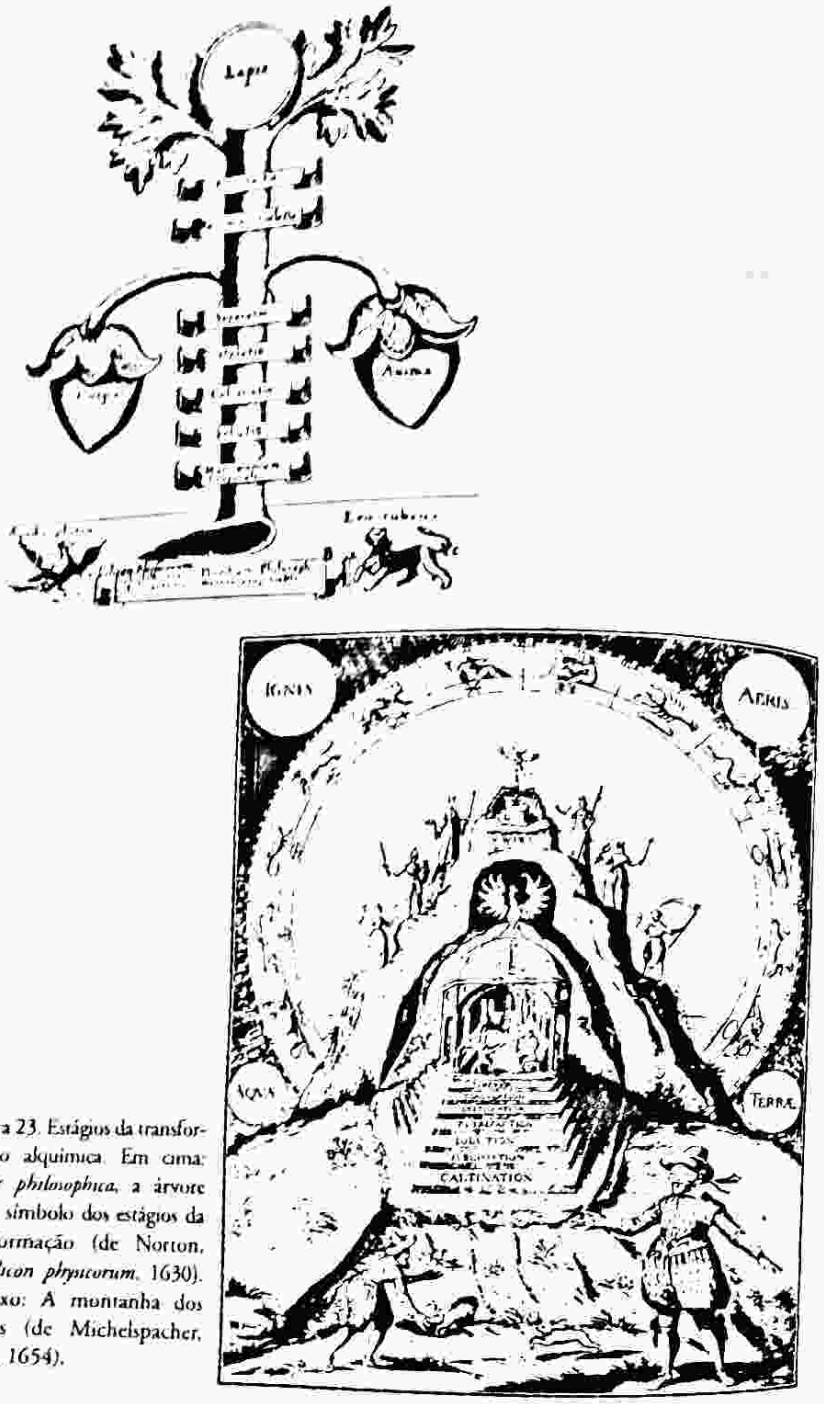


Figura 23. Estágios da transformação alquímica. Em cima: *Arbor philosophica*, a árvore como símbolo dos estágios da transformação (de Norton, *Cathalicon physicorum*, 1630). Embaixo: A montanha dos adeptos (de Michelspacher, *Cabala*, 1654).

Tabela 10. Planetas e metais.

Planeta	Metal
Sol	Ouro
Lua	Prata
Mercúrio	Mercúrio
Vênus	Cobre
Marte	Ferro
Júpiter	Estanho
Saturno	Chumbo

Oito

Da mesma forma que o três era considerado sagrado e o quatro não, na opinião geral o sete também é sagrado e o oito é um tanto inferior, diferente. Enquanto o sete forma uma série ininterrupta, passar para o oitavo significa penetrar numa nova ordem, como se pode ver pela oitava musical na qual a oitava nota é o início de um novo ciclo. O motivo da quaternidade dupla, ou ogdôade, representa a totalidade, um ente que é simultaneamente celeste e terrestre, espiritual e corporal (Jung, OC 14, par. 8). De acordo com Scholem (1974, p. 19 do original), a "ogdôade é um conceito gnóstico que significa o oitavo firmamento acima dos sete céus", onde habita a sabedoria divina.

Nove

O nove é o número das musas e das águias da paixão, as 'arqueiras' de Hermes Trismegisto (Jung, OC 14/2, par. 75). É um número de conclusão, o fim da gravidez da mulher, o final da seqüência dos números de um só dígito, o final de uma seqüência evolucionária que tem de se tornar consciente porque

> [S]e o consciente não interviesse, o inconsciente permaneceria num movimento ondulatório infrutífero, tal como o tesouro que segundo a lenda leva nove anos, nove meses e nove noites para aflorar; no caso de não ser encontrado na última noite submergirá novamente e tudo recomeçará, a partir do início (Jung, OC 12, par. 111).

Dez

Existem dez sefirot na Árvore da Vida. Eles também têm sido figurados de forma concêntrica em um diagrama (veja a figura 4) que é praticamente idêntico àquele descrito por Orígenes como

> (...) A dez círculos [presumivelmente concêntricos] separados entre si abrangia outro círculo, que era considerado a alma dessa totalidade (...) (Jung, OC 14/2, par. 238, n. 106.)

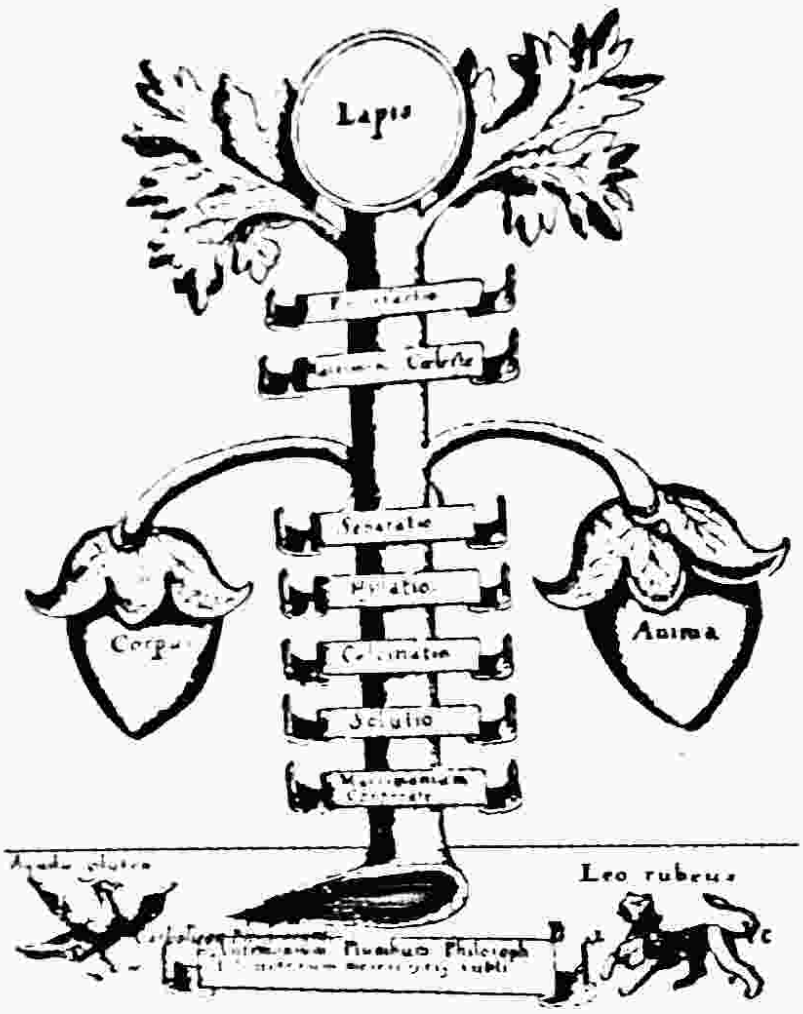


Figura 23. Estágios da transformação alquímica. Em cima: *Arbor philosophica*, a árvore como símbolo dos estágios da transformação (de Norton, *Catholicon physicorum*, 1630). Embaixo: A montanha dos adeptos (de Michelspacher, *Cabala*, 1654).

A Mônada, unidade primordial e escopo do opus, reaparece como 'denarius' (o número dez); "é a unidade da personalidade projetada na unidade do *lapis*" (Jung, OC 14, par. 294). Atanásio Kircher, em seu *Aritmologia* (1665), produziu um sistema de quaternidade no qual o dez era designado a 'segunda mônada' e representava o mundo espiritualmente formado a partir da dualidade e dos opostos (Jung, OC 9/2, par. 416). Existe também uma ilustração no *Philosophia naturalis* de Alberto Magno (Jung, OC 14, fig. 117), que retrata o Anthropos como a *anima mundi*, contendo os quatro elementos e caracterizada pelo número dez, que representa a perfeição (1+2+3+4). Veja a figura 24. O dez é, por esse motivo, o desdobramento perfeito da unidade, e os números de um a dez indicam um ciclo completado.

Onze

O onze, como dez mais um, denota o início de um novo ciclo. Em algumas regiões do mundo, o Carnaval começa no décimo primeiro dia do décimo primeiro mês na última hora (P.M.); talvez isso possa estar relacionado ao momento na trajetória do Sol bem antes de ele completar seu ciclo através do zodíaco.

Figura 24. *Anthropos* como *Anima Mundi* e o número dez. (Extraída do livro *Philosophia naturalis*, de Alberto Magno, 1650.)

Doze

O doze é o número das operações alquímicas, dos signos do zodíaco, dos meses do ano. Diz-se que existe uma árvore da fé que cresce de cima para baixo, pois suas raízes encontram-se na Divindade. Essa árvore tem doze galhos, que são os doze artigos de fé. Não posso deixar de imaginar se essa imagem alquímica não chegou até a carta XII dos arcanos maiores. De fato, as duas árvores entre as quais o Enforcado está suspenso crescem para baixo; além disso, cada uma apresenta seis cepos onde os doze galhos estiveram (veja figuras às páginas 222 e 228).

Os elementos

Em alquimia sempre há quatro elementos, mas freqüentemente três deles são agrupados e o quarto permanece numa posição especial; às vezes este quarto é terra, às vezes é fogo (Jung, OC 12, par. 31).

A quadratura do círculo, um símbolo da totalidade (figura 25, à página 162), é geralmente representada por um círculo contendo um quadrado que tem um triângulo dentro:

> [O]s filósofos afirmam que o quadrado deve transformar-se em triângulo, isto é, em corpo, espírito e alma, (...) o corpo, ou a terra num negro saturnino, o espírito num branco lunar como água, a alma ou o ar, amarelo como o sol. Então o triângulo (...) deve transformar-se num círculo, isto é, num vermelho inalterável. Aqui o quarto é o fogo (...) (Jung, OC 12, par. 165, n. 40).

O centro e sua periferia representam a totalidade da psique, o Si-mesmo, definido por Jung como o centro e a circunferência dos sistemas conscientes e inconscientes. Esses dois sistemas heterogêneos procedem à intersecção no Si-mesmo em relação funcional entre si. Eles são regulados de acordo com três ritmos, 'regimens' ou processos, expressos alquimicamente como a conversão dos quatro elementos em três passos (ou sintetizados na quintessência):

> Primeiro 'regimen': da terra para a água
> Segundo 'regimen': da água para o ar
> Terceiro 'regimen': do ar para o fogo (Jung, OC 12, par. 310).

Essas correspondências também estão expressas num antigo adágio do pseudo-Aristóteles:

> "Quando tiveres obtido água da terra, ar da água, fogo do ar e terra do fogo, então possuirás toda a nossa Arte de um modo perfeito" (Jung, OC 12, par. 475).

De acordo com Klossowski de Rola (p. 17 do original), Aristóteles acreditava que o elo existente entre os quatro elementos era mediado pelas propriedades dos mesmos:

Calor + Secura = Fogo
Calor + Umidade = Ar
Frio + Secura = Terra
Frio + Umidade = Água

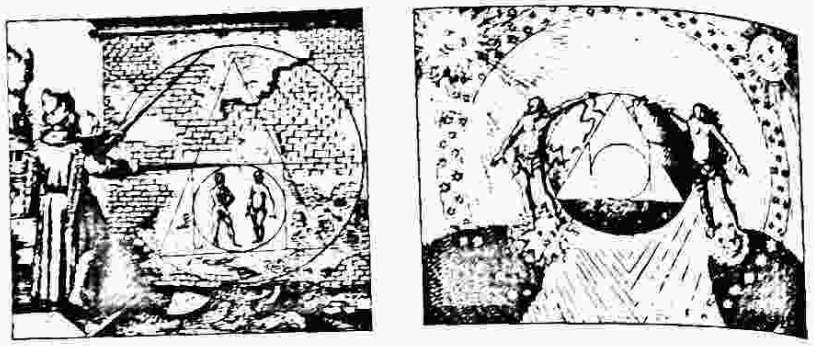


Figura 25. Os elementos e a quadratura do círculo. À esquerda: Maier, *Scrutinium chymicum*, 1687; à direita: Jamsthaler, *Viatorium spagiricum*, 1625.

TABELA 11. *PRIMA MATERIA*, OS PRINCÍPIOS BÁSICOS E OS ELEMENTOS.[3]

Princípio alquímico	Elemento
ENXOFRE	Terra (visível, estado sólido)
Princípio fixo	Fogo (oculto, estado sutil)
SAL	Quintessência, comparável ao éter
MERCÚRIO	Água (visível, estado líquido)
Princípio volátil	Ar (oculto, estado gasoso)

3. Modificado de Klossowski de Rola, p. 19 do original.

Klossowski de Rola menciona mais adiante (p. 19 do original) correspondências entre a *prima materia*, os três princípios da arte, e os quatro elementos como são mostrados na tabela 11.

Outra versão, citada por Jung (OC 14/2, par. 320) afirma que o fogo atuando sobre o ar cria o enxofre, o ar atuando sobre a água cria o mercúrio e a água atuando sobre a terra cria o sal. Como a terra não tem nada sobre que atuar, não produziu nada e assim se tornou a nutriz e o lugar maternal dos outros.

Terra

Considerado a sabedoria e a alma do mundo, mas também maldito, o elemento terra é tão ambíguo quanto as outras substâncias alquímicas (Jung, CW 14, par. 279). O efeito terrestre é no "primeiro caso uma *completio minerarum*, e no segundo uma reanimação das almas e uma transformação luminosa do corpo animal" (Jung, OC 14, par. 286). Como *prima materia*, a terra não é um corpo inerte. Embora coincida às vezes com o estágio inicial do processo (a *nigredo*, chamada terra negra), é também habitada por um espírito que é sua vida e alma, do qual todas as coisas criadas podem receber sua força. Através do espírito recebido do alto, a terra pode incubar minerais, em particular o ouro, conhecido como a impressão do sol na terra, em seu útero (Jung, OC 12, par. 444-445). De fato, a terra é a "mãe dos metais" e de todas as criaturas (figura 26). Ela é a "terra branca" frutífera (Luna), a terra virgem que "recebe o último preparo para que nela seja semeada e amadureça a semente do Sol". A Terra é aqui identificada com a Lua porque "do mundo uma parte é a Terra, mas do éter uma parte é a Lua" (Jung, OC 14/2, par. 296, n. 266). Esse modesto status é ilustrado pelo animal atribuído pelos alquimistas à terra, o sapo, que não pode voar mas é firme e sólido. Isso parece confirmar a declaração: "Se a terra não estivesse atuando, o ar evolaria para longe, também o fogo não encontraria alimento, nem a água um recipiente" (Jung, OC 14, par. 2).

Os elementos têm sido utilizados para simbolizar a idéia básica da ascensão e descida assim como os estágios da transformação descritos várias vezes pelos alquimistas numa tentativa de apreender o processo inconsciente da individuação. Jung cita a opinião de Dorn (OC 9/2, par. 420) de que o movimento circular provém da terra de onde o fogo se origina; o fogo transforma a água em ar, que se eleva, condensa-se e volta a cair novamente. Mas, durante a ascensão, os elementos volatizados captam o 'sêmen masculino' dos cérebros superiores e o trazem às 'quatro matrizes', os elementos, a fim de fecundá-las. Assim, a terra é a coroa da vitória, o 'corpo glorificado' incorruptível, e é chamada de *terra alba foliata*. Mas também é chamada de negra, desprezível e maldita, difícil de ser suportada, uma "torpeza moral que não pode ser lavada". A terra alquímica é a substância do arcano comparada à *adamah*, a terra vermelha do paraíso; é a *prima materia*, cinza negra, da qual se diz: "Não menosprezes a cinza (...) pois nela está o diadema, que é a cinza dos resíduos" (Jung, OC 14/2, par. 351, n. 100).

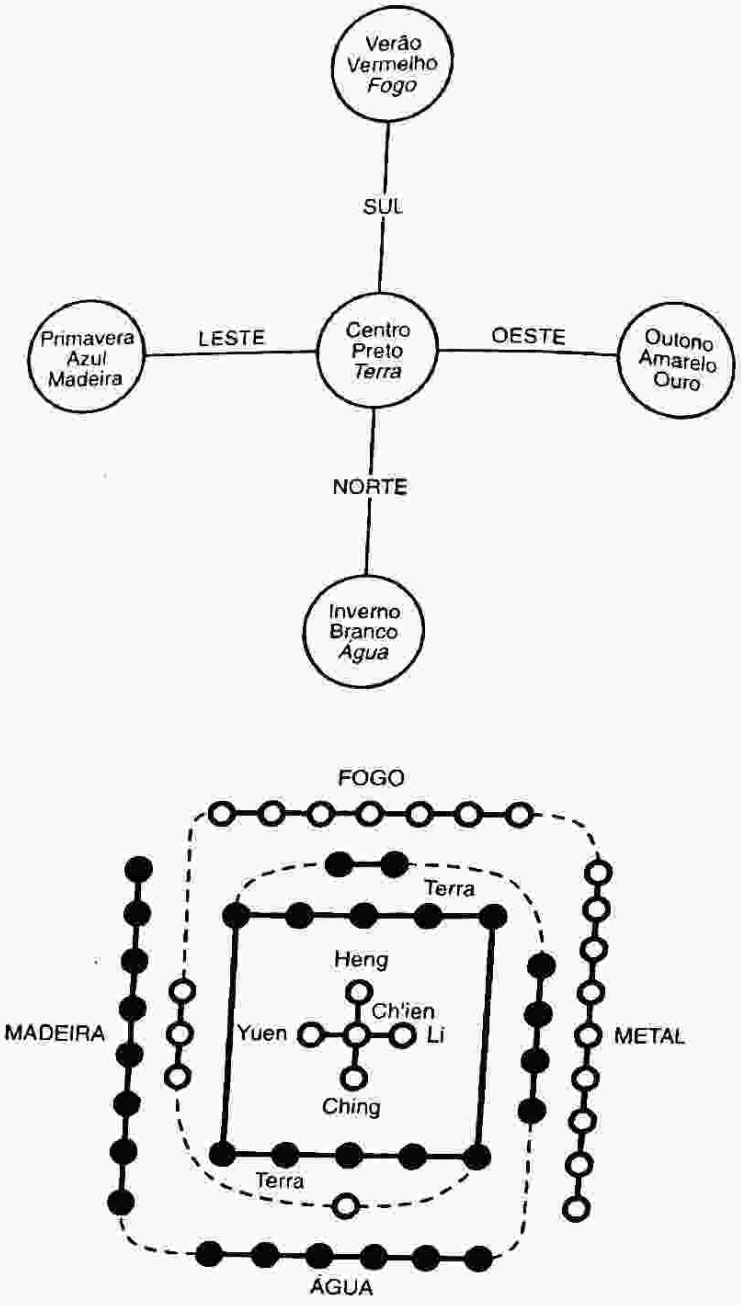


Figura 26. A terra. Em cima: o Elemento Central. Embaixo: a Mãe dos Metais, recebendo nela mesma o poder criativo dos céus.

Água

A "única fonte das quatro qualidades" é a *aqua permanens* ou *aqua pontica*, a água primordial que contém os quatro elementos. Também chamada de "água benta", a "água de espécie amarga e acre, (...) é duro e difícil para qualquer um encontrar aquela fonte" (Jung, OC 14, par. 335). As boas novas anunciadas pela alquimia eram que

> (...) assim como antigamente "uma fonte borbulhou na Judéia", da mesma forma existe uma arcana Iudaea (judéia oculta), para a qual não se encontra facilmente o caminho, e também uma fonte oculta, cuja água parece de tal modo desprovida de valor e é simultaneamente tão amarga, que dificilmente é considerada como aproveitável para qualquer coisa. Muitas passagens nos dão a entender que o homem e seu íntimo constituem um "arcanos locus" (lugar secreto) onde se encontra aquela aqua solvens et coagulans (água dissolvente e coaguladora), (...) aquela scintilla da "luz natural" (Jung, OC 14, par. 336).

Assim, a alquimia anunciava uma fonte de conhecimento no inconsciente que fornece um gosto amargo, pois é difícil aceitar a escuridão e a negrura da passagem pelo vale das sombras (Jung, OC 14, par. 338).

> Invariavelmente, o espírito na alquimia apresenta uma relação com a água (...) O vapor que se levanta da água fervendo transmite a primeira impressão vívida da (...) transformação do corpóreo no incorpóreo, no espírito ou pneuma. A relação do espírito com a água reside no fato de que o espírito está oculto na água, como um peixe (...) Da transformação alquímica (...) produz-se um collyrium (colírio) que possibilitará ao filósofo enxergar melhor os segredos (Jung, OC 13, par. 101).

Além do mais, a água pode ser um símbolo favorito da *albedo*, o estado da inocência readquirido, a água do paraíso que torna o homem completo e imortal. No entanto, é também a base escura da alma, o 'lodaçal das profundezas', o mar do inconsciente repleto de impurezas que precisa ser 'purgado' ou 'purificado' (Jung, OC 14, par. 246). Para os alquimistas, a *prima materia* era às vezes a *humidum radicale* (umidade radical), ou água (o *spiritus aquae*). A água era utilizada como símbolo de união, a água da alquimia 'divina' milagrosa:

> A natureza medicinal e renovadora desta água simbólica (...) revela o aspecto terapêutico das conexões mitológicas a que pertence esta representação (OC 9/2, par. 281).

Os textos alquímicos fazem com que saibamos

> "(...) como o superior desce em direção ao inferior, como o inferior sobe em direção ao superior, e como o do meio aproxima-se do inferior e do superior, de forma que eles se tornam um com ele; como as águas abençoadas vêm de cima para despertar

o morto, (...) como o elixir da vida vem até eles e os acorda, despertando-os do seu sono (...) (OC 13, par. 191.)

Por fim, descobrimos que a água é "ocultação e paradeiro de todo o tesouro" (OC 9/2, par. 201). O tríplice processo que conserva unidos o corpo, a alma e o espírito da substância transformadora a fim de produzir o resultado final do opus, o *lapis*, o tesouro difícil de ser observado, foi formulado no *Aurora consurgens* nestes termos:

"Durante três meses a água preserva o feto no ventre materno, durante três meses o ar o aquece (e) o fogo o protege durante o mesmo período de tempo" (Jung, OC 12, par. 477-478).

Ar

O ar é descrito num antigo texto alquímico da seguinte forma:

"Há dois rebentos de todos os 'éons' (...) Destas forças uma vem de cima (...) a outra, porém, vem de baixo (...) Em seguida uma se coloca diante da outra e as duas se unem, fazendo surgir no espaço entre elas um ar inconcebível, que não tem começo nem fim (...)" (OC 14, par. 160.)

Este trecho descreve uma *coniunctio* entre Sol e Luna, e como um resultado dessa união:

(...) aparece um pneuma ou espírito, de natureza feminino-masculina, que curiosamente é chamado de ar (...) pneuma significa "ar em movimento" (...) na realidade, pneuma deve ser tomado na significação de espírito [enquanto] para o Sol e a Luna (...) convém (...) originariamente um caráter pneumático (Jung, OC 14, par. 161-163).

O ar é a vida de tudo; o filho da sabedoria nasce do ar. Diz-se que o ar é o intermediário entre o fogo (Sol) e a água (Luna) por seu calor e sua umidade (Jung, OC 14, par. 162, n. 219).

"O ar é um elemento puro, não alterado, o mais digno de sua espécie, particularmente leve e invisível, mas interiormente pesado, visível e sólido. Nele está incluído (inclusus) o espírito do Altíssimo que se movia sobre as águas antes da criação segundo o testemunho das Sagradas Escrituras: 'E ele voou nas asas dos ventos'. Neste elemento estão integradas todas as coisas (integrae) pela imaginação do fogo" (Sendivogius, em Jung, OC 12, par. 397).

Jung argumenta que os pares de opostos, isto é, o leve/o pesado, o invisível/o visível, são mostrados em sua identidade paradoxal, característica dos acontecimentos psíquicos no estado inconsciente. Assim,

(...) o núcleo do ar sólido e pesado é ao mesmo tempo o "spiritus creator" que paira sobre as águas. E do mesmo modo que "as imagens de toda criatura" estão contidas no espírito criador, assim também todas as coisas são imaginadas ou "figuradas" pela "força ígnea" do ar. (...) pelo fato de o fogo destruir tudo o que é composto, devolvendo suas imagens ao ar, como fumaça (Jung, OC 12, par. 398).

Parece que a inspiração e a exaltação espiritual são representadas de forma apropriada por esta imagem da alma levantando vôo e sendo erguida, pairando nos ares. Mas Jung adverte:

Não devemos elevar-nos acima da "terra", ou seja, acima da dura realidade, o que acontece freqüentemente ao sermos tomados por intuições geniais. Nunca estamos à altura de nossos pressentimentos e portanto jamais devemos identificar-nos com eles. Somente os deuses passam sobre a ponte do arco-íris; os mortais, porém, caminham sobre a terra, estando sujeitos às suas leis (...) O homem já perdeu a cauda dos sáurios pré-históricos, mas em compensação pende de sua alma uma corrente que o prende à terra: uma corrente (...) de "condições" tão pesadas, que o melhor é ficar preso a elas, mesmo com o risco de não tornar-se herói, nem santo (...) O fato de estarmos ligados à terra não significa que não possamos crescer. Muito pelo contrário, tal fato é uma "conditio sine qua non" desse crescimento. Não há árvore alguma, por mais alta e nobre que seja, que tenha renunciado às suas raízes obscuras. Cresce tanto para cima como para baixo. A questão de se saber para onde vamos é, sem dúvida, da maior importância; entretanto, saber quem vai para onde é igualmente importante (...) É preciso ter uma verdadeira grandeza para permanecer na altura. Mas ser presunçoso é fácil. Difícil é atingir o centro verdadeiro (...) Nesse sentido, é indispensável ter consciência dos dois lados da personalidade humana, (...) Esses dois aspectos nunca devem ser separados, seja pela soberba (...), seja pela covardia (OC 12, par. 148).

Dessa forma, a terra é tão necessária para o trabalho quanto o ar, e a alma é tão necessária quanto o corpo. O opus alquímico baseia-se no efeito que a alma tem sobre o corpo; mas, com toda a humildade, o indivíduo deve se lembrar de que "vós não podeis conceber o maior; por esse motivo seu corpo só pode trazê-lo à realidade com o auxílio da arte e com a permissão de Deus (*Deo concedente*)".

Fogo

Por fim, o mistério da arte está encerrado no fogo invisível.

O fogo é "inextinguibilis". "Os filósofos o chamam de fogo do Espírito Santo" (...) "Do mesmo modo que (...) Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo [isto é], a

Santíssima Trindade em três Pessoas, sem que, no entanto, deixem de ser um único e verdadeiro Deus, assim também o fogo une estas três coisas, isto é, o corpo e o espírito e a alma, quer dizer, o Sol, o Mercúrio e a Alma" (...) Este fogo é "simultaneamente fogo e água". Os filósofos chamaram-no de "fogo vivo", em honra a Deus, que se mistura, Ele próprio, à "água viva" (Jung, OC 9/2, par. 200).

A *aqua permanens* era o *spiritus mercurialis* na forma de água, portanto a água é comparada ao fogo. Embora esses termos fossem utilizados de forma indiscriminada, não são o mesmo porque o fogo é ativo; assim, o fogo espiritual como uma forma de *spiritus mercurialis* é espiritual, emocional e se aproxima da consciência, ao passo que a água é passiva, material, fria, e está mais próxima do inconsciente. Ambos fazem-se necessários para o processo alquímico, uma vez que isso diz respeito à união dos opostos (OC 13, par. 187, n. 77-78). O fogo parece estar contido na água hílica (OC 12, par. 433) e outras vezes é atribuído ao elemento terra como fogo do inferno. Às vezes a hierarquia dos elementos começa com a terra; outras vezes, o elemento primordial não é a terra, mas a água. De acordo com uma antiga concepção alquímica, a terra é mostrada emergindo das águas caóticas da massa confusa. O ar, o elemento volátil, se desprende da terra e se acumula sobre ela. O fogo está acima de tudo; é a substância "mais fina", o "pneuma ígneo que já toca o trono dos deuses" (Jung, OC 12, par. 370).

As substâncias

A dissolução de ouro e prata no mercúrio, assim como a reação química entre mercúrio e enxofre para formar o sulfato de mercúrio vermelho, pode ter sido a imagem de laboratório original que sustentou a idéia da *coniunctio* do Rei e da Rainha que originou a pedra vermelha dos filósofos (Edinger, 1985, p. 211 do original). Embora o objetivo dos filósofos fosse o *aurum non vulgi*, é digno de nota que o ouro pode ser produzido em quantidades pequenas pelo bombardeamento nuclear de mercúrio, pois o mercúrio (80) segue imediatamente o ouro (79) na tabela periódica dos elementos.

Mercúrio

No seu conceito do Mercurius, os alquimistas incluíram todas as afirmações já feitas sobre ele pela mitologia ou pela filosofia natural: ele é Deus, demônio, pessoa, coisa, e o homem secreto mais profundo; ele é psíquico e somático, é a origem de todos os opostos, é duplo, ambíguo e capaz de assumir posições conflitantes ao mesmo tempo (*utriusque capax*). A avaliação correta de todos os símbolos ligados a ele leva ao contato direto com aquela estranha realidade interior, de difícil compreensão: o inconsciente (Jung, OC 13, par. 481). O Mercurius simboliza o início e o fim do opus; ele é a *prima materia*, a *caput corvi*, a *nigredo* e a pedra. Como o dragão ele se devora, morre e ressuscita como *lapis*. Ele é o jogo de cores da cauda do pavão e a separação nos quatro elementos. É o hermafrodita da *massa confusa* e do final do trabalho; divide-se formando o par irmão-irmã e se reunifica na *coniunctio* dos mesmos, um símbolo que reconcilia os opostos. O mercúrio é metal e no entanto líquido; matéria e no entanto espírito; frio, ainda que ígneo; veneno, ainda que remédio. A inconstância e a multiformidade do Mercurius é uma idéia-chave em alquimia. Filho do Sol e da Luna, nascido com o auxílio do enxofre e do sal, ele parece uma espécie de princípio formativo universal — o princípio da individuação (Jung, OC 13, par. 171, n. 10).

Mercurius é o divino Hermes alado manifesto na matéria, mensageiro dos deuses, senhor do pensamento, e psicopompo por excelência (Jung, OC 12, par. 404). O deus da revelação, Hermes, é representado pelo *serpens Mercurii*,

> (...) um espírito cônico que habita na matéria, e especialmente a porção do caos original, da massa confusa ou globosa escondida na criação (...) Como o dragão, Mercúrio é o estágio preliminar enganador, evasivo, venenoso, perigoso do hermafrodita, que por isso mesmo deve ser superado (Jung, OC 9/2, par. 371).

Uma vez que o opus era entendido pelos alquimistas como uma recapitulação ou imitação da criação do mundo, a serpente Mercurius fazia com que eles se lembrassem do diabo, da tentação, que, como eles mesmos diziam, pregava-lhes todos os tipos de peças durante a realização do trabalho. Vivendo no interior da terra a cobra, em parte espírito material, em parte imaterial, penetra e sustenta todas as coisas: esta imitação e contraparte distantes do Anthropos possui o dom da sabedoria e da espiritualidade suprema.

> Do mesmo modo que a serpente representa, a um só tempo, a força curativa e a força corruptora (...), deste modo a "sombra" significa uma instintividade sadia e uma condição indispensável para um estado de consciência superior (Jung, OC 9/2, par. 402).

Por esse motivo, Mercurius é esse 'espírito-substância' que permanece oculto dentro da nossa psique e que em primeiro lugar deve ser expulso a fim de ser recuperado: longe de ser apenas curativo e dignificado em seus efeitos, pode atuar também como um veneno morral que penetra tão difusamente quanto o pneuma penetra na pedra (Jung, OC 12, par. 406).

No *Splendor solis* encontramos uma receita para a produção do mercúrio filosofal. Diz-se que quando fumaça e neblina

> (...) unem-se ao vapor aquoso como uma substância pura e sutil, forma-se então o Mercúrio Filosofal. Mas quando se leva a uma resistência ígnea, terrosa e sutil, forma-se o Enxofre Filosofal (Trismosin, p. 30 do original).

Enxofre

No nível consciente, o enxofre representa a vontade e a motivação; no nível inconsciente, é o elemento compulsivo, variando da mera intenção à possessão. O enxofre é o símbolo daquele elemento inflamável em nossa psique que contraria nossa razão e nossa vontade, surgindo ora como fogo que consome, ora como calor que dá vida.

> O "estar-sendo-impelido" provém, portanto, de duas fontes: em parte da sombra e em parte do ânthropos. Esse estado de coisas explica suficientemente a natureza paradoxal do sulphur [enxofre] (...) (Jung, OC 14, par. 153.)

Jung cita do *Turba philosophorum*:

> E há de fato uma substância na qual tudo está contido e que é o *sulphur philosophorum* [o qual] é água e alma, óleo, Mercúrio e Sol, o fogo da natureza, a águia, a lágrima, a primeira hyle dos sábios, a matéria-prima do corpo perfeito. E por qualquer nome que os filósofos designem a sua pedra, eles sempre querem (...) referir-se a esta substância única (...) (Jung, OC 12, par. 336.)

O enxofre é a luz da natureza, a fonte suprema de conhecimento para o filósofo natural; é também o espírito da força geradora. Observando seus efeitos (descritos pelos alquimistas), Jung concluiu que o enxofre é um dos muitos sinônimos para a substância misteriosa, ativa e transformadora que, junto com o *Mercurius*, forma o *lapis*. Quando surge como um arco-íris, é uma experiência divina e maravilhosa.

> Ainda que seja uma personificação do mal, contudo o enxofre paira como o arco-íris sobre a terra e a água e é um "vas naturae" (vaso natural) da tranformação divina (OC 14, par. 142).

A entidade psíquica, que aparece em projeção nas qualidades atribuídas ao enxofre, é o Si-mesmo inconsciente (Jung, OC 14, par. 144). De fato, o enxofre não é apenas 'medicina', mas também 'medicus' — o médico ferido. Como sabemos, os símbolos do Si-mesmo surgem em momentos de violento embate entre dois pontos de vista opostos, como tentativas compensatórias de mitigar o conflito. Eis o papel do enxofre.

As propriedades do enxofre têm sido descritas como se segue: ele queima e destrói, causando (ou indicando) putrefação, corrupção, imperfeição, coloração e maturação, e negrura. Luminoso e corruptor, é similar a Lúcifer; masculino e espermático, está ligado a (talvez aprisionado por) Vênus, uma descrição que serve a Eros, seu filho, e à energia erótica apaixonada por ele gerada.

A natureza maliciosa, perigosa e misteriosa do enxofre foi representada pelos alquimistas como cobra, leão, águia, fogo, nuvem, sombra, peixe, pedra, unicórnio, rinoceronte, dragão e corvo.

O enxofre tem uma natureza dupla, branca e vermelha. A primeira indica a substância ativa da Lua; a segunda, a do Sol. O enxofre é um dos muitos sinônimos para designar a *prima materia* em seu aspecto duplo, isto é, como a matéria inicial e como o produto final. No começo, é 'cru e vulgar'; no fim, é um produto do processo de sublimação (Jung, OC 14, par. 130).

O enxofre é o fogo oculto em Mercúrio; é um fogo vivo, que ressuscita mortos. O enxofre é a *magna flamma*, um perigo para a pequena chama-de-vida dos alquimistas. Sua natureza ígnea, acentuada unanimemente, não se refere apenas à sua 'inflamabilidade' natural, mas também à sua natureza ígnea oculta. Por ser ctônico, o enxofre está intimamente relacionado ao dragão e ao uróboro. Essas analogias fazem com que seja difícil, às vezes, distinguir entre enxofre e Mercurius, uma vez que o mesmo é dito a respeito de ambos (Jung, OC 14, par. 131). A ligação íntima com Mercurius enfatiza a importância do enxofre como uma substância espiritual ou psíquica. Não é apenas a alma dos metais, mas também das coisas vivas; produz o fermento que dá a vida ou alma ao corpo imperfeito (Jung, OC 14, par. 132).

Sal

O sal alquímico geralmente opera em conjunto com o enxofre. Paracelso imaginou muitas vezes o sal como a alma, o enxofre como o corpo e o mercúrio como o espírito que os combinava. Para Jung, o sal alquímico refere-se ao sentimento e a Eros (OC 14, par. 327):

> O sal faz com que os acontecimentos sejam sentidos, dando a cada um de nós um sentido do pessoal — minhas lágrimas, (...) meu sangue, meu gosto e valor. Todo o opus alquímico depende da capacidade de experimentar de forma subjetiva. Por conseguinte, diz-se no "Tratado Dourado": "aquele que trabalha sem o sal nunca ressuscitará os mortos" (Hillman, 1982, p. 117 do original).

Com Paracelso, a palavra *sal* indica muitas vezes a base estável da vida, terra, corpo. Mais particularmente, o termo refere-se ao alúmen, ao álcali, às bases, às cinzas, ao *sal ammoniac*, à potassa, assim como a suas propriedades de sentido equivalentes de amargor, adstringência, acidez, dessecação, agudeza, secura, capacidade de ardência.

O sal é também um corretivo, em particular um corretivo de condições '*nigredo*-lunáticas', que pode isolar e fixar. Um desespero amargo.

> (...) uma preocupação que corrói, uma ignorância obstinada de si mesmo são 'leprosos' (...) Estas situações fazem com que o poder reflexivo, que pertence à Luna, (...) evidencie-se apenas em certos pontos, aqui e ali, perpetuando a situação em vez de esclarecê-la. Embora 'leproso' geralmente signifique em alquimia 'impuro', Paracelso parece estar falando de uma doença da própria reflexão (...) O sal corrige essa deficiência fixando de forma precisa o que está errado (...)

Precisamente o que, quando, onde e como deve ser sentido, de forma que a "imprecisão geral do sentimento" (T.S. Eliot, *East coker*) possa ser assinalada, e cada ponto esclarecido um por um (...) O prosseguir da reflexão (...) pode ser purificado pelo sal (Hillman, 1982, p. 128 do original).

A reflexão consolidada permite uma saída baseando-se no que o indivíduo já passou; "os semelhantes curam-se com os semelhantes". Leves depressões e experiências solidificadas e 'salgadas' podem produzir pequenos entendimentos básicos que o indivíduo tem menos probabilidade de ir contra. Entretanto, existe também o perigo do sal em demasia, de nos tornarmos muito fixos, 'conservados', enredados em nosso passado e em nossa história, impedidos de experimentar o presente pela experiência do passado. A psicologia alquímica se protege do sal pelo seu pensamento composto

(...) em que seu sal está sempre entregando seu corpo ao enxofre e ao mercúrio (...) Pois a função do sal não é a própria conservação, mas a preservação de tudo o que ele toca (Hillman, 1982, pp. 132-133 do original).

Quando os acontecimentos não parecem reais o suficiente; quando o mundo torna-se desinteressante, tedioso e inútil; quando nos sentimos desconfortáveis socialmente e perdemos nosso 'ensimesmamento' pessoal; quando nos sentimos fracos, perdidos, alienados e à deriva — então nossa alma necessita de sal. O mundo pode se tornar terra, pode se tornar tangível, mas a progressão desde a idéia até a sólida sabedoria necessita do sal da terra. No entanto, o próprio sal que é sabedoria, verdade, senso comum, inteligência e sentimento subjetivo é também o sal que destrói pelo fanatismo e purismo, indicando uma hiperatividade do sal e a perda do princípio de dosagem mediador. A dosagem é a arte do sal, e essa dosagem só pode ser prescrita por nosso gosto e senso comum individuais (Hillman, 1982, p. 126 do original).

Quando o enxofre se inflama pode ser morto, contido, por uma pitada de sal (...) O sal fere e mata as reações impulsivas, pois relembra a dor sentida em acontecimentos similares. O sal nos concede a consciência da repetição; o enxofre, só a compulsão. Talvez a exaltada sabedoria do sal não seja mais grandiosa do que a capacidade do sal de inibir o enxofre (Hillman, 1982, p. 124 do original).

Hillman acredita que as substâncias alquímicas apresentam distinções entre tipos de sofrimento. Enquanto o sal sente sua dor relembrando meticulosamente e numa agonia penetrante, o chumbo, por exemplo, não pode ver, não pode saber, permanece paralisado e submerso numa obliteração geral da memória empírica. Mas os problemas não podem ser solucionados até que sejam primeiro admitidos. Debate-se aqui a capacidade de 'internalizar', de aceitar um problema no próprio espaço interior. Um problema encontra sua solução apenas quando é 'experimentado' de maneira apropriada, pois nos toca em nível pessoal. O gosto dessa experiência pode ser amargo, humilhante e permanente, mas sua solução também faz-se permanente.

Nossas profundas feridas não são simples ferimentos que necessitam de cura, mas minas de sal de onde adquirimos uma essência preciosa, sem a qual a alma não pode viver. A alma precisa se lembrar, lamber suas feridas, retirando disso sustento e um sentido de realidade. Produzimos sal com nosso sofrimento, de acordo com Hillman, e trabalhando nosso sofrimento ganhamos sal e curamos a alma (1982, p. 117 do original). Um trauma torna-se assim uma mina de sal, um lugar de reflexão que oferece uma amostra da natureza do próprio ser pessoal, um lugar onde a memória tem origem no início da história pessoal. Esses acontecimentos traumáticos iniciam a alma.

Quem conhece o sal e sua solução conhece o segredo oculto dos velhos sábios. Dirige pois teu espírito para o sal, pois é somente neste, somente na 'mens' e 'in ipsa sola' que se esconde a ciência e o segredo mais nobre e mais oculto de todos os antigos filósofos (*O Rosarium*, em Jung, OC 12, par. 359).

Antimônio

Para Jung, o antimônio é "a terra negra, mágica e fértil trazida do Paraíso por Adão" descrita como "o negro mais negro do que o negro" (OC 12, par. 433). No entanto, Jung também menciona que enquanto o trissulfeto de antimônio, amplamente utilizado como um corante (Kohl), é negro, o pentassulfeto, também chamado de "enxofre do ouro", é vermelho-alaranjado (OC 14/2, par. 132). Por esse motivo, os compostos de antimônio conhecidos dos alquimistas continham uma substância que "representava claramente a essência do Rex e do Leo; daí o (...) 'triunfo do antimônio'" (OC 14/2, par. 133).

Talvez o valor do antimônio resida na sua capacidade de se unir com todos os metais conhecidos, com exceção do ouro, tendo sido chamado de 'lobo dos metais' por tê-los devorado, ou de *balneum regis* (o banho do Rei) por ser utilizado na purificação do ouro fundido, sendo as impurezas removidas sob a forma de uma escuma (Edinger, 1985, p. 19 do original).

O antimônio é também a substância transformadora secreta que, proveniente do lugar mais alto, cai nas profundezas mais sombrias da matéria onde aguarda libertação "embora, quanto ao seu uso, apenas tenha o nome em comum com o elemento químico" (Maier, citado em Jung, OC 13, par. 183).

Grossinger desconfia que a *prima materia* não poderia ter sido o mercúrio, mas um espírito do antimônio. Ele lista algumas citações retiradas da literatura alquímica: "A *prima materia* é antimônio purificado pelo ferro e sutilmente pulverizado"; "o mercúrio invisível é o ar espiritual do antimônio que se combina com os fluidos vegetais ou animais"; "o antimônio dissolve os metais mais facilmente do que o fogo derrete o gelo"; "nada convém melhor

para alterar a natureza dos metais do que o antimônio"; e, por último, a mais confusa de todas as citações:

> O mercúrio dos filósofos não é encontrado na terra, mas deve ser preparado com arte, acrescentando-se o enxofre (de Marte) ao mercúrio (de antimônio) (Grossinger, 1983, p. 301 do original).

Em outra parte ele confronta essa confusão:

> Há pouco tempo li (...) que o mercúrio é simplesmente uma senha para algo que conhecemos como antimônio (...) Mas ainda não está claro para mim. Trata-se do antimônio puro? Trata-se do antimônio em solução com algo mais, digamos, ferro? Pois mesmo que você o identifique como antimônio, teria de saber o que significa quando o denomina mercúrio. Mercúrio é uma grande palavra, como Enxofre, ou Sal (...) Mas existe ainda Enxofre, Sal, Mercúrio, e eles têm alguma relação com o princípio elemental. Uma vez que você necessita de algo para trabalhar, talvez o antimônio seja uma fonte melhor para o Mercúrio elemental do que o mercúrio metal. Não sei ao certo. Talvez o antimônio seja a designação de um estágio dentro de um processo de química oculta (...) Por acaso o leão verde no qual ele se transforma durante o estágio inicial do processo é realmente cobre, ou o cobre é um código para a cor verde? (Grossinger, 1983, p. 285 do original.)

Parece-me que o que confrontamos aqui é similar à confusão das pessoas que, tendo sobrevivido à dor ao extravasar seus sentimentos, passam por um período muito difícil sabendo que sentem e identificando o que sentem assim que é registrado.

> Os ingredientes do trabalho poderiam ser qualquer coisa. De qualquer maneira são imaginários, ainda que tenham sido expressos externamente por substâncias químicas (...) Mesmo quando, como sem dúvida nenhuma é o caso, o processo dado por um autor não tem outro objetivo a não ser a produção do ouro comum, o significado psíquico do opus, todavia, sobrevive na nomenclatura simbólica que ele emprega a despeito da sua atitude consciente (Jung, OC 13, par. 355).

Os sete metais

Numa passagem do *Theatrum chimicum*, Mercurius diz: "Sou o carbúnculo do sol, a terra purificada mais nobre, através da qual você pode transformar o cobre, o ferro, o estanho e o chumbo em ouro" (Jung, OC 13, par. 267). Essa ligação entre Mercurius e os metais é encontrada uma vez mais:

> O sol e a lua fornecem as sementes que são plantadas na terra (= Mercurius), e provavelmente os quatro outros planetas formam o tronco da árvore. Os quatro que

> devem ser unificados referem-se à *tetrasomia* da alquimia grega, onde, correspondendo aos planetas, eles simbolizam o chumbo, o estanho, o ferro e o cobre (Jung, OC 13, par. 357).

O chumbo é o metal atribuído a Saturno; o estanho é atribuído a Júpiter; o ferro é atribuído a Marte; o cobre é atribuído a Vênus; o mercúrio é atribuído a Mercúrio; e a lua e o sol estavam associados à prata e ao ouro (veja a tabela 10 à página 159).

Chumbo

Durante muito tempo o chumbo foi a principal designação para a substância do arcano. Seth (Typhon) cobriu o ataúde de Osíris com chumbo, que também foi chamado de 'túmulo selado de Osíris', e às vezes era o nome tanto de Osíris quanto do enxofre. Diz-se que o chumbo como *prima materia* era tão "impudente e enfeitiçador que deixava os adeptos malucos" (Jung, OC 13, par. 139, n. 2).

> A força propulsora interior por trás das aspirações da alquimia representava uma presunção cuja grandeza demoníaca, de um lado, e perigo psíquico, de outro, não deveriam ser subestimados (Jung, OC 13, par. 164).

Quando os princípios ordenadores da consciência não se encontram em harmonia com o inconsciente, e se o adepto vive sua vida de acordo com as regras tradicionalmente consideradas racionais, ele coloca-se em perigo. A *prima materia*, "que é negra por fora e branca por dentro, como o chumbo", está oculta dentro do homem completo, que é ameaçado pela conduta de vida racional e socialmente aceita, de modo que a individuação vê-se impedida.

> Esse perigo (...) retorna quando os princípios de conduta tradicionais, morais e racionais são colocados em vigor no momento em que apenas a vida social está em discussão, isto é, a integração do inconsciente e o processo de individuação (Jung, OC 13, par. 433).

No entanto, existem momentos em que o espírito autônomo liberto deve ser baseado nas restrições da realidade e limitações pessoais associadas a Saturno e ao chumbo.

> O chumbo é pesado, obscuro e opressivo. É associado ao planeta Saturno, que carrega as qualidades da depressão, da melancolia e da limitação que tortura (Edinger, 1985, p. 86 do original).

Estanho

O estanho é o metal que corresponde ao planeta Júpiter, do qual diz-se que

> (...) é freqüentemente comparado ao calor natural que produz todas as coisas; ele tem sua morada no céu, e a terra é o lugar do seu prazer (Klossowski de Rola, prancha 32).

Os atributos que a alma adquire de Júpiter são o poder de agir e seu fogo (Edinger, 1985, pp. 134-135 do original). Enquanto Saturno representa a morte, Júpiter significa vida (Jung, OC 9/2, par. 130).

Ferro

Diz-se a respeito do ferro que este foi gerado na terra devido a todas as estrelas e planetas, mas em especial à contribuição da estrela polar, chamada de Ursa Maior. Trata-se do metal de Marte, o deus da guerra, quente, colérico e bilioso. Marte também era chamado de Daemogorgon, um deus da terra, ou um "deus e ferro terríveis" (Jung, OC 13, par. 176, n. 39). Numa metáfora da *coniunctio*, recomendava-se que o ferro fosse combinado com o antimônio, e quando ambos ficassem vermelhos e únicos, deveriam ser combinados novamente com o mercúrio; quando o mercúrio os condensasse, deveriam ser combinados com o ouro vermelho.

Cobre

O cobre está correlacionado com Meretriz, outro nome para Vênus, Afrodite (Jung, OC 13, par. 228). Diz-se que o ouro deve sua cor vermelha à mistura do cobre, mencionado na alquimia grega como a substância transformadora. Dado que Vênus simboliza o espírito na natureza, imagino se na alquimia o cobre não seja um lembrete de que "a natureza não deve ganhar o jogo, mas não *pode* perder" (Jung, OC 13, par. 229). A natureza não é apenas matéria; ela também é espírito.

Prata

Em alquimia, os estágios da transformação do homem interior são simbolizados pelos estágios que transformam o cobre em prata e a prata em ouro, um aumento gradual de valor (Jung, OC 13, par. 118). De fato, o estado lunar altamente valorizado por muitos alquimistas como se fosse a meta final, é todavia, um estágio de transição que tem de prosseguir até o estado solar (Jung, OC 12, par. 334).

A alma do homem completo é levada ao mundo superior, onde, de acordo com Dorn, superpostos (por assim dizer) numa fileira vertical, existem quatro castelos:

> (...) o mais inferior é o de cristal e alberga o (...) "amor filosófico"; o segundo é de prata e encerra a Sophia (...); o terceiro é de diamante (...), e somente poucos chegam até ele (...); o quarto enfim é de ouro, mas invisível (...), "não cai sob os sentidos", um "lugar de felicidade perpétua (...)" (Jung, OC 14/2, par. 388, n. 194.)

O ouro, a prata e o mercúrio são os ingredientes iniciais preparados e purificados a fim de se tornarem substâncias 'simbólicas' (Jung, OC 13, par. 357, n. 11); por outro lado, alguns textos indicam que Mercurius é a 'alma' da prata e do ouro (Jung, OC 14/2, par. 371).

Mas também já foi dito que a Luna é a soma e a essência da natureza dos metais; a Luna é o 'receptáculo universal' de todas as coisas assim como o primeiro acesso ao céu, e foi enfatizado que a prata é ainda outro sinônimo ou símbolo para o *arcanum Luna* (Jung, OC 13, par. 218-219). Mercurius é também muitas vezes identificado com a lua, sendo a conexão mercúrio-prata muito óbvia. Mercurius, como a lua, é um Lúcifer, aquele que traz luz; ele anuncia a chegada da luz do sol (Jung, OC 13, par. 273).

Ouro

O ouro e a prata são os frutos das árvores do Sol e da Lua (Jung, OC 14, par. 175). Já foi dito também que o ouro adquire suas qualidades de Mercurius; devido à natureza em parte feminina de Mercurius, ele também foi identificado com a lua. Muitas vezes o Rei é definido como o ouro obtido a partir da prata (Jung, OC 14/2, par. 6, n. 18). No entanto, o ouro (o Rei) só é adquirido por meio da libertação da alma divina (pneuma) a partir das cadeias da *Physis* (matéria, em geral). O ouro que os alquimistas procuravam, que se originou do esterco ou da matéria decomposta, era o conteúdo do inconsciente informe e geralmente rejeitado; o ouro é o sinônimo favorito para o *lapis*, sendo o *aurum philosophorum* ou o *aurum potabile* (Jung, OC 9/1, par. 543). A alquimia não estava interessada na simples feitura do ouro, mas num segredo filosófico. Por meio dos atributos concedidos pelos alquimistas ao ouro, demonstra-se que o mesmo tem uma natureza simbólica, tal como *aurum non vulgi* ou *aurum vitreum*. Sua analogia com o sol

> (...) foi provavelmente o fator que o impediu de alcançar a suprema dignidade filosófica, cabendo esta ao "lapis philosophorum". Acima do transformado está aquilo que transforma e isto é uma das qualidades mágicas da pedra prodigiosa (Jung, OC 12, par. 99).

Os estágios

O número de operações e a seqüência das mesmas são muito incertos.

> Deparamos a mesma incerteza no processo da individuação, no qual só se pode estabelecer um esquema típico da seqüência das fases, de modo muito genérico. A razão profunda dessa (...) é sem dúvida a "intemporalidade" do inconsciente (...) (Jung, OC 16, par. 468, n. 10.)

Não só o número de operações é variável, mas também o número de estágios. Todos os textos descrevem os estágios da *nigredo*, *albedo* e *rubedo*. Os estágios da *citrinitas* (amarelecimento), *viriditas* (o verde) e da *cauda pavonis* (cauda do pavão) ou não são mencionados ou ocorrem em seqüência diferente, o amarelecimento precedendo o verde ou vice-versa (Jung, OC 12, par. 333).

> O negrume ou "nigredo" (...) é um estado inicial, sempre presente no início como uma qualidade da "prima materia", do caos ou da "massa confusa"; pode também ser produzido pela separação dos elementos (solutio, separatio, divisio, putrefactio). Se o estado de divisão se apresenta de início, como acontece algumas vezes, então a união dos opostos se cumpre à semelhança da união do masculino e feminino (chamado o coniugium, matrimonium, coniunctio, coitus), seguido pela morte do produto da união (mortificatio, calcinatio, putrefactio) e seu respectivo enegrecimento. A partir da "nigredo", a lavagem (ablutio, baptisma) conduz diretamente ao embranquecimento, ou então ocorre que a alma (anima) liberta pela morte é reunida ao corpo morto e cumpre sua ressurreição; pode dar-se finalmente que as múltiplas cores (omnes colores) — a "cauda pavonis" (cauda do pavão) — conduzam à cor branca e una, que contém todas as cores. Neste ponto, a primeira meta importante é alcançada: trata-se da "albedo", "tinctura alba", "terra alba foliata", "lapis albus", etc., altamente valorizada por muitos alquimistas como se fosse a última meta. É o estado lunar ou de prata, que ainda deve alçar-se ao estado solar. A "albedo" é (...) a aurora; mas só a "rubedo" é o nascer do sol. A transição para a "rubedo" constitui o amarelecimento (*citrinitas*), se bem que (...) este é suprimido posteriormente. (...) O branco e o vermelho — Rainha e Rei — podem então celebrar suas "nuptiae chymicae" (núpcias químicas) nesta fase (Jung, OC 12, par. 334).

Assim, os alquimistas utilizavam principalmente o preto, o branco e o vermelho, para descrever os estágios básicos; e o amarelo, o verde e o 'multicor' para descrever um subestágio em particular.

A *prima materia* deve ser transformada pela *putrefactio*, sinônimo para o *nigredo*, o sepulcro, a morte (Jung, OC 14/2, par. 371).

Existem duas divisões da obra consideradas principais: o *opus ad album* e o *opus ad rubeum* ou o *opus Lunae* e o *opus Solis*. Ambos devem ser efetuados em determinados tempos simbólicos. O primeiro trabalho para obter o branco deve

terminar na casa da lua, enquanto o segundo deve ser concluído na casa de Mercúrio (Jung, OC 14, par. 175, n. 319).

> Em termos psicológicos corresponde (...) à elucidação dos conteúdos inconscientes (...), que é a primeira parte do trabalho analítico, e (...) à integração desses conteúdos na vida real do indivíduo (Jung, OC 14, par. 175).

Nigredo

Na seqüência da cor, o preto corresponde à destruição original da matéria. A situação de angústia que corresponde à *nigredo* alquímica foi descrita como

> (...) a negrura da culpa, que cobriu como de cor preta a noiva terra (...) Surge a separação do céu e da terra, o paraíso primordial é perdido, (...). Malchuth se torna viúva, o Yang rutilante em cor de fogo se retira de volta para cima e a úmida e escura Yin envolve a humanidade em Trevas (Jung, OC 14/2, par. 274).

A *nigredo* é muitas vezes representada pelo corvo negro embora a cabeça do corvo possa representar o surgimento a partir do negrume, a transição da *nigredo* à *albedo* (Klossowski de Rola, p. 118 do original). Devido ao fato de morar em cavernas e em lugares escuros, o dragão também representa, às vezes, o estado da inconsciência inicial. O sol se levanta após o final vitorioso da batalha travada entre o herói e o dragão; a consciência desperta (Jung, OC 13, par. 118).

Albedo

Este estágio consiste em uma brancura brilhante, *leukosis*, ouro branco, *terra alba foliata*; na imagem, é lunar e feminino. Algumas pessoas consideram a cauda do pavão parte do estágio da *leukosis*.

> Luna é propriamente a mãe do Sol; como dado psicológico (...) o inconsciente está grávido da consciência e dá à luz (...) Da escuridão do inconsciente surge a luz da iluminação da albedo. (Jung, OC 14, par. 213-214.)

Porém, às vezes não se alcança esse estado simplesmente por meio da *ablutio*, da lavagem. Durante o procedimento mais doloroso, a *dealbatio*, a lixívia era acrescentada à solução. Talvez seja por isso que a cinza e o sal são sinônimos de albedo, sendo a potassa o elo de ligação existente entre a cinza e o sal (a lixívia é a potassa em solução) (Jung, OC 14, par. 314).

Rubedo

Para Grossinger (p. 317 do original), o amarelo e o vermelho são as principais cores da culminação do opus. O vermelho é *rubedo* ou *iosis*. Na alquimia grega, era representado pelo cinabre dos filósofos, que também era chamado de

"o cobre transformado em ouro". Devido à sua vermelhidão, era freqüentemente identificado com o enxofre.

Citrinitas

Citrinitas ou *xanthosis*, o amarelecimento, pode corresponder ao amadurecimento das espigas de cevada nascendo no frasco alquímico, ou ao sal da urina, mas (Grossinger insiste) não se trata de ouro, apesar da sua cor. Para Hillman (1991), o amarelo não apresenta apenas associações positivas com os grãos amadurecendo, flores primaveris, mel, limões, gema de ovo e luz solar — mas também se relaciona com as folhas de outono, decomposição e apodrecimento. Ele vê o amarelo ocupando uma posição mediana na psicologia alquímica, onde surge como um atributo intermediário específico de um processo temporal [James Hillman: "O amarelecimento do trabalho" in *Personal and archetypal dynamics in the analytical relationship* (*Dinâmica arquetípica e pessoal na relação analítica*), Proceedings of the Eleventh International Congress for Analytical Psychology, Paris, 1989, Einsiedeln, Suíça, Daimon Verlag, 1991, pp. 77-96 do original]. Para Jung, isso representa a fase no trabalho em que o indivíduo alcançou algum conhecimento e *insight*.

> Quando aparece a "citrinitas" ("xanthosis", amarelecimento), produz-se o colírio (*collyrium*) dos filósofos. Se eles lavarem os olhos com este colírio, poderão compreender facilmente os mistérios da filosofia (Jung, OC 9/2, par. 195).

Viriditas

O verde apresenta uma propriedade espermática, geradora (Jung, OC 14, par. 133); é também a cor atribuída ao Espírito Santo, à vida, à geração, à ressurreição (Jung, OC 14/2, par. 51). Não surpreendentemente, os sarcófagos da carta XX, o Julgamento (que representa a ressurreição), são verdes. Num texto alquímico, a personificação feminina da *prima materia* negra e rejeitada diz:

> "Eu estou solitária no meio das coisas ocultas; mas apesar disso me alegro, e aliás de coração, porque posso viver oculta e me recreio em mim mesma. Mas sob minha negrura trago escondida a mais bela cor verde" (Eleazar, em Jung, OC 14/2, par. 288).

Jung interpreta essa passagem como a descrição de um estado da transformação imperfeita, um estado não só de tormento, mas de felicidade oculta.

> (...) descreve o estado de uma pessoa que, em sua peregrinação pelas peripécias da transformação psíquica, (...), encontra uma alegria oculta que a reconcilia em seu isolamento aparente. No trato consigo mesma não acha ela enfado mortal nem melancolia, mas encontra um parceiro com quem se pode conviver, e até mais ainda, um relacionamento que se parece com a felicidade de um amor secreto (...) (Jung, OC 14/2, par. 289.)

O opus em linguagem figurativa

Numa xilogravura do século XVII, um alquimista encontra-se sobre uma colina no interior de um bosque de sete árvores, que representam os sete metais planetários; as 12 substâncias fundamentais da obra (três das quais foram discutidas previamente) são também retratadas (veja a figura 27). McLean (1989, pp. 40-42 do original) fornece as correspondências astrológicas das substâncias alquímicas apresentadas na tabela 12.

TABELA 12. CORRESPONDÊNCIAS ASTROLÓGICAS DAS SUBSTÂNCIAS ALQUÍMICAS. [4]

FOGO	TERRA
Sal/Sagitário	Tártaro/Capricórnio
Enxofre/Áries	Alúmen/Touro
Crocus de Marte/Leão	Sal Amoníaco/Virgem
ÁGUA	AR
Pigmento Áureo/Câncer	Verdete/Libra
Vitríolo/Escorpião	Cinabre/Gêmeos
Salitre/Peixes	Mercúrio/Aquário

4 Extraída de McLean, *Mandala alquímica*, p. 40 do original.

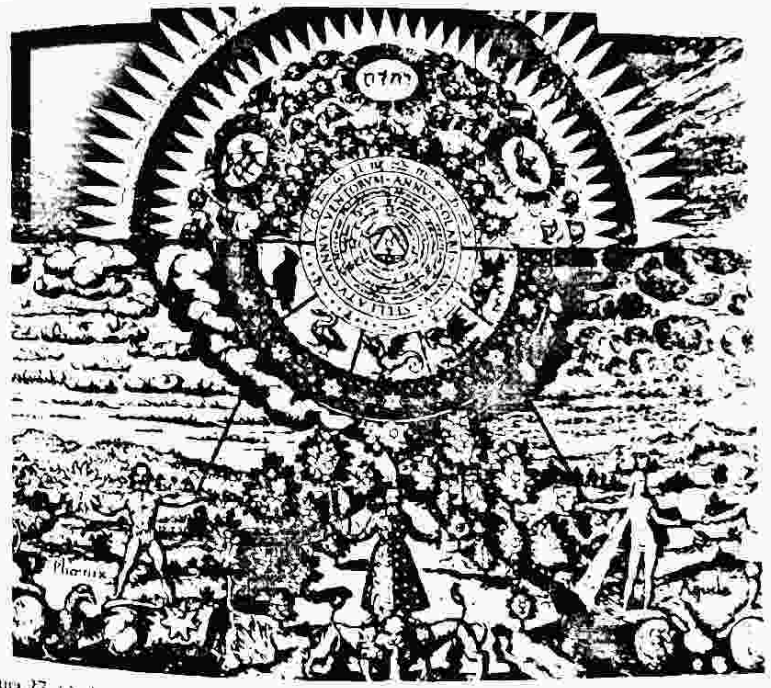


Figura 27. O alquimista, os sete metais planetários e as 12 substâncias fundamentais. (Extraída do *Hermetic museum*, 1678.)

O tártaro, na linguagem alquímica, significa o mundo inferior; trata-se do sedimento na parte inferior do vaso alquímico. O tártaro é também o *sal Saturni*, uma substância sinistra que evoca a morte e o inferno (Jung, OC 14/2, par. 363). O pigmento áureo (ou trissulfeto) é uma das substâncias (juntamente com o arsênico, o mercúrio e o antimônio) que podem ser venenosas e curativas ao mesmo tempo, dependendo da preparação (Grossinger, 1983, p. 40 do original). O verdete, a 'lepra dos metais', é a *benedicta viriditas*, o verdor abençoado que significa a inerência secreta do espírito divino da vida (Jung, OC 14/2, par. 289). O alúmen é o metal que, juntamente com o vitríolo, é produzido pela pedra [de acordo com Dorn (Jung, OC 13, par. 375)]. Diz-se também que a água de alúmen é a origem do mercúrio (Jung, OC 14/2, par. 345, n. 83). O cinabre está ligado ao sangue do dragão, ao enxofre filosófico, ao cobre (as associações entre ouro ☉, granada ♃ e cobre ♀, o metal de Vênus, explicam as similaridades existentes entre seus sinais alquímicos). O Crocus de Marte possui o mesmo sinal alquímico que a granada e o antimônio, que é às vezes representado por ♃, e outras vezes por ♆. O *sal ammoniac*, representado pela 'Estrela de Belém' ✳ (Klossowski de Rola, p. 126 do original), era utilizado para secar o pó do cadáver. Foi sobretudo a propriedade conservadora tanto do *sal ammoniac* quanto do salitre (*sal nitri*) que foi procurada, mas

> em segundo lugar se observa que a "marinagem", (...), representa no ânimo dos adeptos aquela penetração (...) "formadora" da (...) sabedoria (...) na massa desprovida de nobreza durante a qual a forma corruptível é transformada em incorruptível (Jung, OC 14/2, par. 19).

Às vezes o salitre faz-se idêntico ao sal comum; é a *prima materia* na qual *Mercurius* está enredado (Jung, OC 9/1, par. 534, n. 13). Diz-se a respeito deste sinal: ⊕

> Não se pode imaginar um sinal melhor para a substância do arcano, considerada como sendo o sal (...) O sal, tanto no uso eclesiástico quanto no alquímico, é o símbolo da Sapientia e também da personalidade eleita (Jung, OC 9/1, par. 575).

O eixo horizontal da mandala retrata o alquimista integrando seu lado feminino e inconsciente (representado pela Luna à sua esquerda) com o seu lado consciente e claro (representado pelo Sol à sua direita). O eixo vertical apresenta os três domínios do processo alquímico. A colina da alquimia (abaixo), com seu arvoredo de substâncias físicas, fornece os materiais para o trabalho. O domínio da alma (no meio) inclui as sete estrelas espirituais e os cinco pássaros alquímicos, que simbolizam os estágios psíquicos da transformação pelos quais passa o alquimista durante o opus. A gralha negra (ou corvo) representa a *nigredo*, o cisne branco, a *albedo*. O dragão alado, composto do princípio do ar (asas

de pássaro) e do princípio ctônico (corpo de serpente), pode representar, às vezes, Mercúrio, o alado, espírito divino manifesto na matéria, e outras vezes enxofre, seus efeitos violentos e perniciosos exalados na respiração ígnea do dragão. Mas a cabeça do dragão também contém a pedra preciosa.

> A consciência contém a imagem simbólica do si-mesmo, e o si-mesmo assimila os conteúdos da consciência e do inconsciente, à semelhança do lapis que reúne em si os opostos (Jung, OC 14, par. 137).

O dragão é a imagem/símbolo mais antiga em alquimia, e representa a camada mais antiga da psique; é a imagem das emoções indomadas e não integradas; esse dragão não pode ser destruído sem perda irreparável, pois simboliza a energia bruta, o fogo necessário para o processo de transformação (McLean, 1989, p. 34 do original). Enquanto o pelicano simboliza a destilação cíclica (na qual o opus alquímico se baseia) necessária para que se obtenha a 'exaltação da quintessência' (Klossowski de Rola, texto que acompanha a prancha 21), a fênix representa a própria substância transformadora; ela representa o milagre da transformação e do renascimento, da *nigredo* que se torna *albedo*, da passagem da inconsciência à iluminação; a fênix "depois de queimar-se a si própria (...) toma de cada vez novo começo e nova ascensão, à semelhança do sol renovado (...)" (Jung, OC 14, par. 274.) O 'domínio-repleto-de-luz' do espírito apresenta três símbolos do divino: o Pai (YHVH), o Filho (cordeiro) e o Espírito Santo (pomba). No centro está a afirmação. "Quatro tipos de fogo são exigidos para o trabalho", o que pode ser um lembrete da 'quadratura do círculo', um símbolo do *opus alchymicum* pois decompõe a unidade caótica originária nos quatro elementos, procedendo em seguida à recomposição dos mesmos numa unidade superior. Essa unidade é representada pelo círculo. Os quatro elementos são representados por um quadrado que normalmente está contido num ou contém um triângulo. Veja a figura 28 à página 184.

> A produção do uno a partir do quatro é o resultado de um processo de destilação, ou melhor, de sublimação, (...) a fim de extrair-se a "alma" ou o "espírito" em sua forma mais pura. Via de regra, o resultado é designado como "quintessência" (Jung, OC 12, par. 165).

Na figura 28, somos presenteados com uma árvore: suas raízes penetram na terra, aqui representada por um sapo. Seu centro é formado por um quadrado dentro de um triângulo, que por sua vez é rodeado por um círculo, um símbolo da totalidade e de Mercurius (Jung, OC 13, par. 272). No círculo mais exterior, o que representa os elementos, encontram-se o sangue e a matéria primordial (*hyle*). Os círculos interiores representam as três cores: o preto, o branco e o vermelho, que se relacionam com Marte, Júpiter e Vênus, e com a terra, a água e o fogo, respecti-

vamente. Nos lados do triângulo estão o corpo (Saturno) na área da terra, *anima* na área do fogo, e *spiritus* na área do espírito. Dentro do triângulo estão a terra, a lua e o feminino (na parte inferior) e o céu, o sol e o masculino (na parte superior). Para McLean (1989, p. 98 do original), o triângulo apontado para cima integra espírito, alma e corpo e parece formar uma estrela de seis pontas (o selo de Salomão) com as triplicidades (nos círculos) preto/terra, branco/água e vermelho/fogo. Acima do círculo a árvore está coroada, um sinal de que o Sefirah mais elevado na Árvore da Vida cabalística é Keter, a coroa. Que com os dois Sefirot seguintes (Hokhmah e Binah), aqui representados, talvez, pelas duas rosas, formam as supernais. No centro do quadrado está Mercúrio com seu caduceu. À esquerda de Mercúrio vemos o fogo e a terra; à sua direita, o ar e a água.

O caduceu representa um caminho que serpenteia, que une os opostos; seus meandros labirínticos, suas curvas e voltas às vezes inspiram terror. É por intermédio dessa *longissima via* que passamos por aquelas experiências que não são facilmente acessíveis.

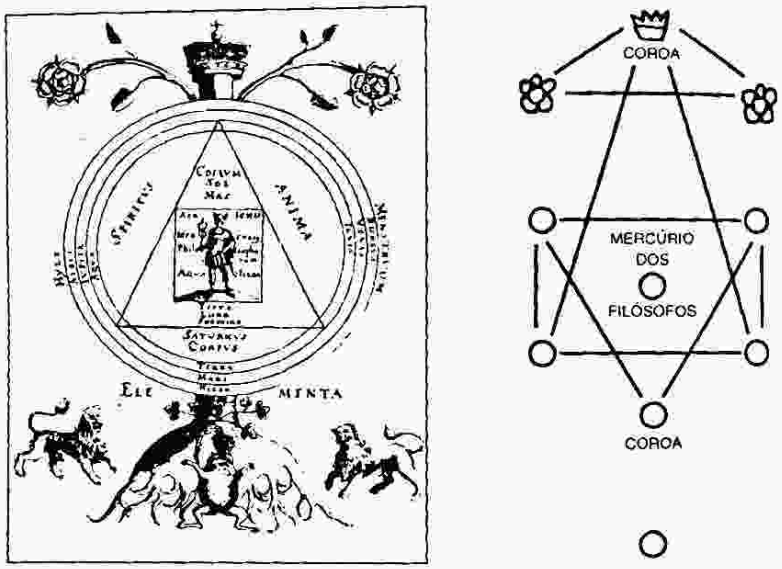


Figura 28. Transformação alquímica e a Árvore da Vida. À esquerda: símbolo da transformação hermética, o *Homo philosophicus Mercurius* (extraída do *Mercurius redivivus*, 1630). À direita: *Mercurius philosophorum* no centro da Árvore da Vida no lugar de Tiferet (extraída de *A mandala alquímica*, de McLean, p. 100 do original).

> Poderíamos dizer que elas são inacessíveis por serem dispendiosas, uma vez que exigem de nós o que mais tememos, isto é, a *totalidade*. Aliás, falamos constantemente sobre ela (...), mas a evitamos na vida real (Jung, OC 12, par. 6).

O caduceu (figura 29) pode representar a característica antinomial do Si-mesmo, que é, na essência, tanto conflito quanto unidade. De fato, o Si-mesmo é uma união de opostos por excelência; no entanto, é absolutamente paradoxal já que representa, em todos os aspectos, a tese, a antítese e ao mesmo tempo a síntese (Jung, OC 12, par. 22-24).

Na parte inferior da figura 29, os três corações, cada um com uma serpente projetando-se da sua base, representam os três princípios (sal, mercúrio e enxofre) e os três domínios (corpo, alma e espírito). Contidos num círculo, esses corações parecem produzir um movimento desde a essência (coração) dos três princípios até a expressão exterior polarizada dos mesmos (serpentes) e é intensificado pelo seu esforço para se unir ao abocanhar as caudas umas das outras. Acima do círculo, duas figuras, uma masculina e uma feminina, formam uma cruz ou a forma de uma suástica, as cabeças polarizadas no plano horizontal com seus pés formando o vertical, enquanto os braços estão estirados para trás para tocar os pés uns dos outros (repetindo o movimento das serpentes). Em cada extremidade da cruz vemos um dos pássaros alquímicos. Primeiro, o corvo (*nigredo*) representa o norte, nos pés do homem; o cisne (*albedo*) representa o oeste e está sobre a cabeça da mulher; o pavão (o estágio de todas as cores) representa o sul, nos pés da mulher; e a fênix (ressurreição e transformação final) representa o leste, sobre a cabeça do homem. Eles também representam os quatro elementos — terra, água, ar e fogo, respectivamente (McLean, 1989, p. 78 do original). Quatro em cima e três embaixo sugere o símbolo do antimônio ☉ ou ☿ , uma substância que simboliza o opus completo.

A figura 30 retrata o final do processo. O alquimista como hermafrodita alcançou a integração das polaridades opostas (masculina/feminina). A coroa dourada (dele/dela) simboliza a soberania do elemento solar consciente enquanto a lua crescente que se encontra no chão indica o domínio do elemento lunar inconsciente. Junto ao pé esquerdo vemos o corvo, um indicativo dos espaços escuros interiores dos quais o indivíduo deve permanecer ciente indefinidamente. À direita, uma árvore com 13 'folhas em forma de lua' pode retratar a *arbor philosophica*, que simboliza o crescimento espiritual e a iluminação mais elevada no final da transformação do homem interior (Jung, OC 13, par. 119); as 13 folhas sugerem a imagem do "Um entre os Doze", uma representação do processo de iniciação visando uma consciência superior (McLean, 1989, p. 37 do original).

Na mão direita o alquimista segura um cálice, a taça divina do *Nous* (espírito ou consciência) enviada por Deus para libertar a humanidade do seu

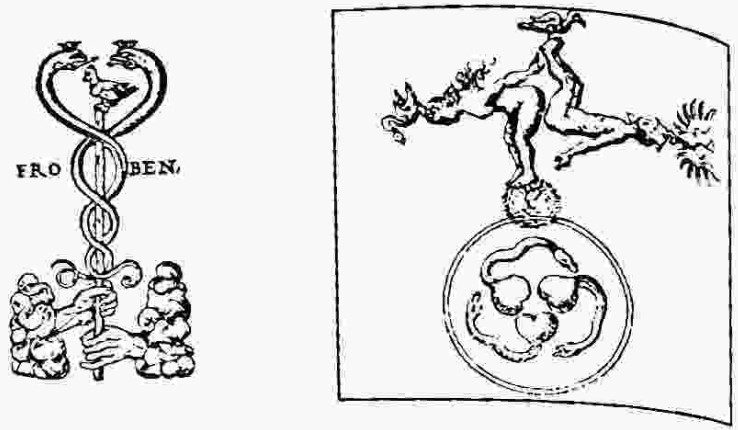


Figura 29. Esquerda: o caduceu, conflito e reconciliação (extraída de uma xilogravura suíça, 1615). Direita: os três princípios e os quatro estágios (extraída de Valentin, "Duodecim claves", *Hermetic museum*, vol. 1).

estado adormecido, imperfeito, natural, e para possibilitar a participação no estado superior da consciência e na iluminação (Jung, OC 12, par. 409). As três serpentes dentro da taça representam, talvez, as três substâncias alquímicas originais (enxofre, mercúrio e sal), ou espírito, alma e corpo. Na mão esquerda o alquimista segura uma serpente enrolada: trata-se do *spiritus Mercurialis*, "a alma do mundo ou da matéria liberta das suas cadeias" (Jung,

Figura 30. O final do processo alquímico. (Extraída do *Rosarium philosophorum*, 1550, em McLean, *A mandala alquímica*, p. 39 do original.)

OC 14/2, par. 360). A serpente é o *numen* da vegetação que habita o interior da terra, o pneuma que jaz oculto na *prima materia* e, por conseqüência, na pedra (Jung, OC 9/2, par. 386).

O eixo vertical dentro do frasco da figura 31 liga a água do inconsciente (abaixo) ao ar do espírito (acima). Na junção destes elementos vemos o alquimista que, tendo adquirido alguma consciência (como se vê pelo sol e pela lua dos quais ele se origina e que ele empunha em sua mão direita e esquerda respectivamente), emerge da água. Todo esse processo ocorre no frasco selado ou alambique, o mundo interior, que recebe calor do mundo exterior (o fogo sob o frasco). Na água, acima do precipitado, vemos os sinais do enxofre (à esquerda do alquimista) e do mercúrio (à sua direita). (McLean, 1989, p. 31 do original.)

Como é de nosso conhecimento, o enxofre dos filósofos é um elemento que contribui para a produção do "corpo que é simultaneamente espírito"; é "aquilo que torna o próprio espírito firme e fixo; [é] fixo e permanente e incombustível" (Jung, OC 12, par. 511, n. 205). *Mercurius* corresponde exteriormente ao mercúrio, mas, como foi descrito antes, ele é um *deus terrenus*, aquela parte de Deus que foi deixada para trás na sua criação e que mantém a alma cativa na Physis, e por isso deve ser libertada e emerge como *anima*

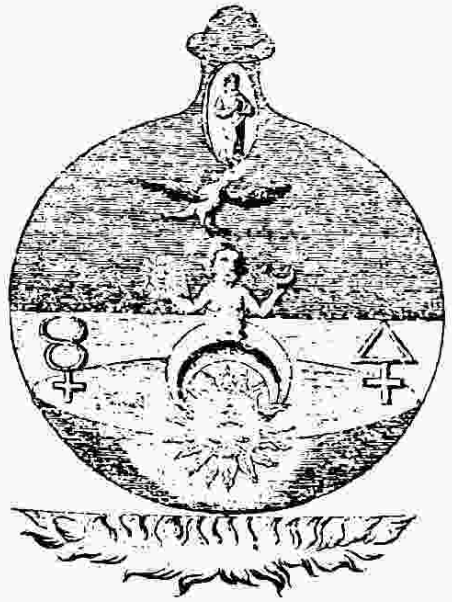


Figura 31. Ligação da água do inconsciente com o ar do espírito no *vas* alquímico. (Extraída do *Elementa chemiae*, de Barchusen, 1718.)

mundi. Entre o surgimento a partir das águas do inconsciente e essa libertação, vemos o pássaro preto, o corvo, a escuridão necessária contra a qual o indivíduo deve lutar antes da transformação final. Por fim, no gargalo do frasco, vemos a mandorla (o sal) que contém o alquimista transformado. Essa prancha evoca o processo analítico no qual a parte da alma daquele que é analisado, tão fundamentada no concreto, necessita do fogo do enxofre. Desta maneira, isso levará do bruto ao sutil enquanto a parte da alma que às vezes sobe às nuvens para evitar a dolorosa realidade terá de ser devolvida à terra pelo sal. Mercurius procede à mediação e se entrelaça nas duas polaridades; é dele a energia por trás da roda que faz a alma.

O tarô e a imagística alquímica

> Caso se deseje formar uma imagem do processo simbólico, as séries de imagens na alquimia são bons exemplos, embora os símbolos que elas contenham sejam, em sua maior parte, tradicionais, a despeito da origem e significado freqüentemente obscuros dos mesmos. (...) como se o conjunto de imagens nas cartas do tarô descendesse remotamente dos arquétipos da transformação (...) O processo simbólico é uma experiência em imagens e de imagens (Jung, OC 9/1, par. 81-82).

Determinadas imagens encontradas nas pranchas que acompanham os textos alquímicos parecem ter encontrado sua expressão nos arcanos maiores. Tendo em vista que a justaposição das imagens alquímicas e do tarô pudesse provocar interesse, algumas colocações foram incluídas para que o leitor possa compará-las e para que descubra se existe uma base comum (veja as figuras de 32 a 47, da página 191 à 207). Às vezes é expressa a própria idéia, como na Morte (carta XIII) e a imagem alquímica da *putrefactio*; no Julgamento (carta XX) e a imagem alquímica da *resurrectio*; e na variante do(s) Amante(s) que mostra um homem e uma mulher e as imagens alquímicas da *coniunctio*. Existem correspondências também entre a Imperatriz e o Imperador (cartas III e IV) e as imagens alquímicas da Rainha e do Rei; pode-se dizer o mesmo do Sol e da Lua (cartas XIX e XVIII) e das imagens do sol e da lua encontradas repetidamente na imagística alquímica. O Eremita (carta IX) é como alquimista, ao passo que o Diabo (carta XV) nos apresenta uma imagem quase idêntica ao Mercurius como *prima materia*, encontrada em seu filho Pã, enquanto o Mundo (carta XXI) mostra uma similaridade impressionante com a imagem de Mercurius como *spiritus mundi*. O Carro (carta VII) é freqüentemente utilizado na imagística alquímica (veja a figura que retrata o enxofre dos filósofos como Apolo). Em outros exemplos, um detalhe em uma das cartas do tarô é visto também em uma das pranchas alquímicas, como o derramar do líquido de um vaso para outro percebido tanto na carta XIV (Temperança) como numa prancha de Maria Prophetissa sugerindo uma imagem similar. A Roda da Fortuna (carta X) lembra um detalhe de uma prancha do século XVI descrevendo de forma alegórica a [deusa] Fortuna de olhos vendados sujeita às leis da sorte que, aleatoriamente, fazem com que as pessoas ascendam, apenas para atirá-las para baixo no próximo giro. Numa gravura do século XV, a Roda da Fortuna está ligada às influências planetárias,

uma grande contribuidora para o resultado do trabalho alquímico. A cruz papal, com suas três barras transversais, empunhada pelo Grande Sacerdote (carta V) é moldada como o galho florido empunhado pela figura feminina central na sexta prancha do *Philosophia reformata* (1622), de Mylius. Finalmente, existem algumas imagens alquímicas — tais como aquela extraída do *Elementa chemiae* (1718), que descreve o enxofre como sol e Mercurius como lua transpondo o rio da água eterna — que trazem à mente a atmosfera ameaçadora da Lua (carta XVIII) na qual as duas torres guardam um caminho similar àquele da água eterna. Algumas similaridades também podem ser encontradas entre as imagens que retratam o opus alquímico e as cartas do tarô que retratam o Bobo, o Mago e a Força.

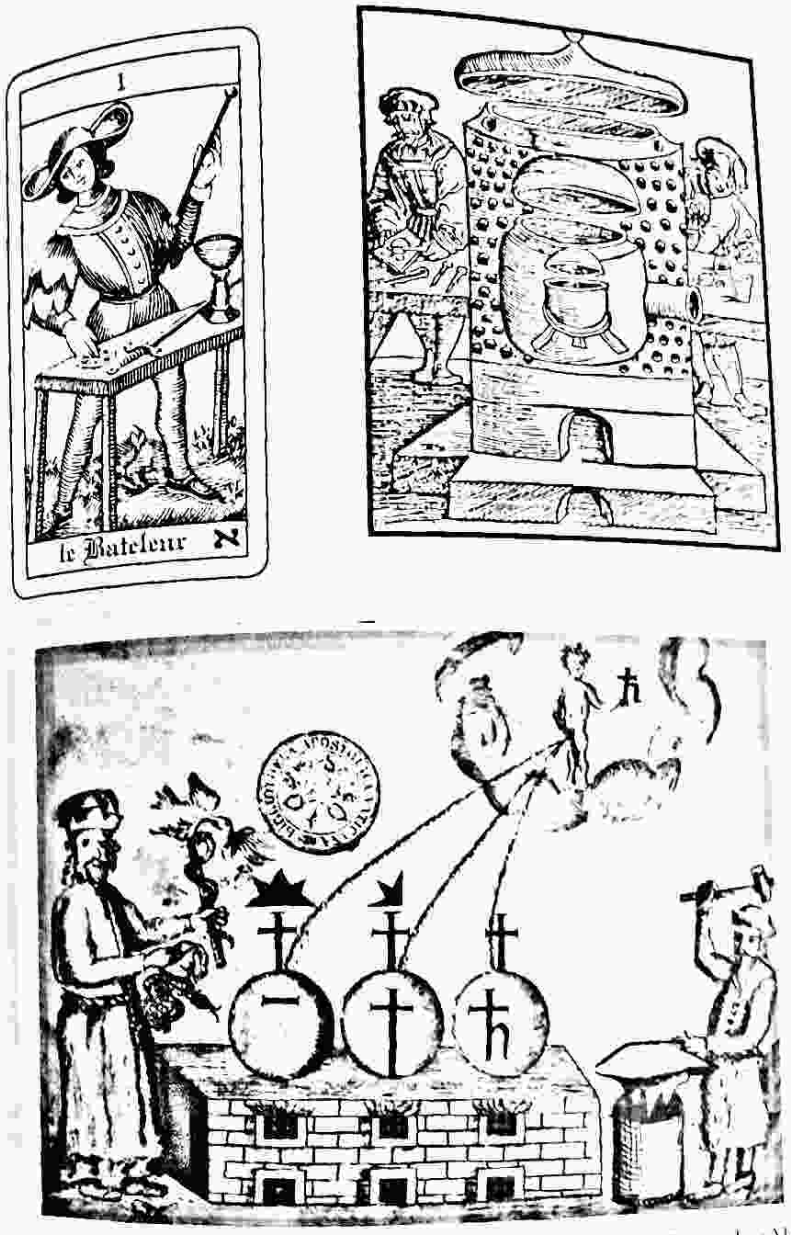


Figura 32. O Mago. Acima, à esquerda: segurando um bastão na mão esquerda erguida, o Mago encontra-se de pé, com suas ferramentas de trabalho à frente. Acima, à direita: dois alquimistas manipulam seus instrumentos de forma similar (extraída de Geber, *De alchimia*, 1529). Abaixo: o adepto à esquerda também ergue seu bastão com a mão esquerda (extraída do *Speculum veritatis*, um manuscrito do século XVII).

Figura 33. A Imperatriz. À esquerda: o pé esquerdo da Imperatriz repousa sobre uma lua crescente; sua cabeça está rodeada de estrelas. À direita: aqui a virgem se mantém sobre uma lua crescente, e sua cabeça está cingida de estrelas (extraída do *Speculum humanae saluaciones*, um manuscrito do século XV).

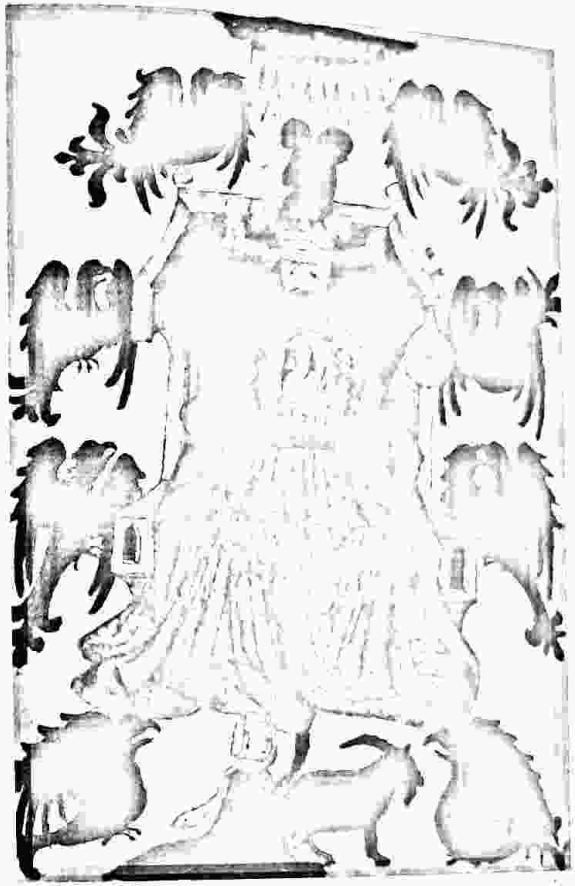


Figura 34. O Imperador. O cetro mantido na mão esquerda e a águia negra são símbolos que o Imperador (à esquerda) divide com o rei (à direita). (Extraída de um manuscrito anônimo do século XV.)

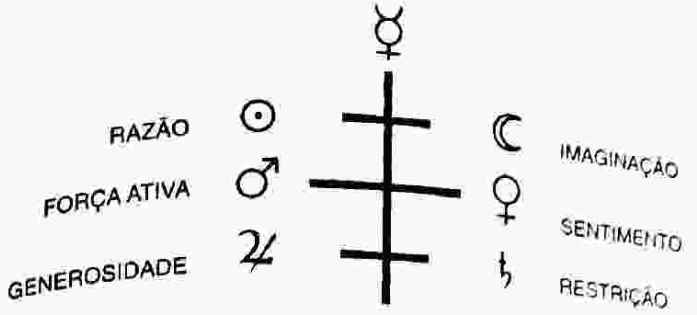


Figura 35. O Papa. Acima, à esquerda: na carta V, o Papa usa uma coroa com três fileiras e segura, na mão esquerda, um bastão com três cruzes transversais. Abaixo, à esquerda: o Papa nesta imagem também usa uma tiara (figura extraída do *Explanatio imagnum*, de 1570, de Scaliger). Acima, à direita: Oswald Wirth argumenta que esta configuração representa um setenário formado pelas extremidades arredondadas das linhas transversais e a ponta arredondada da cruz assim formada. De acordo com ele, o sete é o número da harmonia e das influências planetárias, conhecido por ter desempenhado um papel principal nos procedimentos alquímicos (Wirth, 1985, p. 82 do original). Abaixo, à direita: aqui uma mulher segura na mão esquerda uma planta idêntica, no formato, à cruz papal (extraída do *Philosophia reformata*, 1622, de Mylius).

Figura 36. Os Amantes. Acima: um anjo abençoa os Amantes. Abaixo: nessa gravura da *coniunctio*, o Rei e a Rainha são abençoados por uma figura sacerdotal (extraída do *Philosophia reformata*, 1622, de Mylius).

Figura 37. O Carro. O condutor na carta VII (acima) apresenta a mesma determinação que o Apolo coroado (abaixo). (Extraída de um manuscrito anônimo do século XV.)

Figura 38. O Eremita. A posição do Eremita (acima) é muito similar à do alquimista (abaixo) indicando seu *vas* (extraída do *Splendor solis*, um manuscrito do século XVI).

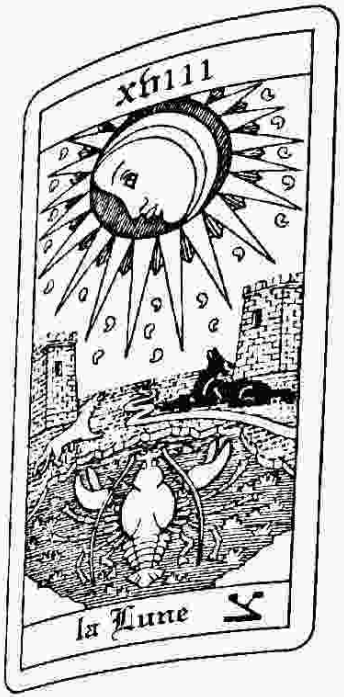


Figura 39. A Lua. Acima: carta XVIII. Abaixo: o rio da água eterna e a lua ameaçadora nesta imagem alquímica do século XVIII (Barchusen, *Elementa chemiae*) fazem lembrar o caminho sinuoso da carta XVIII que conduz para além dos cães uivadores e das torres ameaçadoras, em direção ao desconhecido.

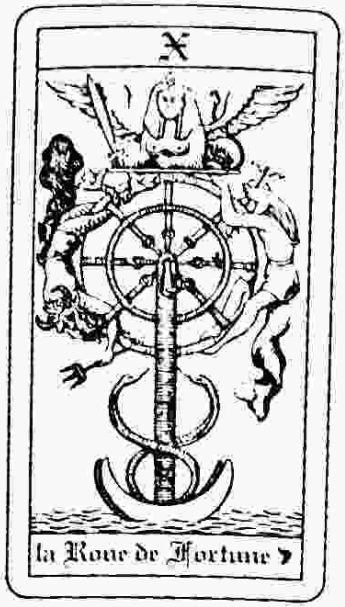


Figura 40. Acima: Roda da Fortuna. Abaixo, à esquerda: [a deusa] Fortuna, com os olhos vendados, leva os indivíduos à ascensão na sua roda, aleatoriamente (gravura do século XVI, extraída de *Astrology*, de Kenton, figura 55). Notadamente similar às rodas mostradas na carta X (abaixo, à direita) e em outra figura extraída do livro de Kenton (figura 45) proveniente de um manuscrito alemão do século XV.

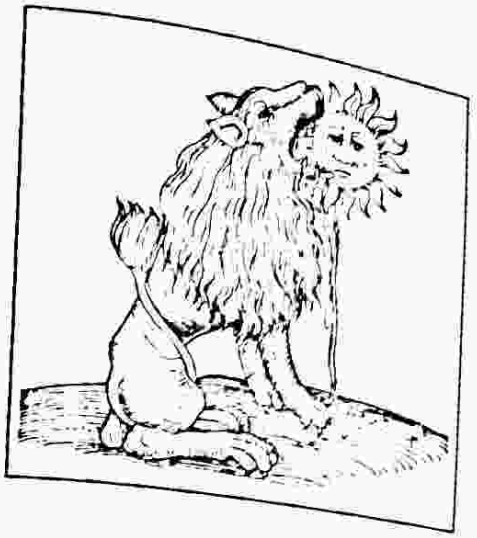


Figura 41. Força. Acima, à esquerda: carta XI. Abaixo, à esquerda: num *vas* alquímico, as mandíbulas do leão são mantidas abertas por um menino (extraída do *Splendor solis*, um manuscrito do século XVI). Acima, à direita: aqui um leão come (ou vomita) o sol (extraída do *Rosarium philosophorum*, um manuscrito do século XVI), uma imagem tão ambígua quanto aquela da mulher abrindo (ou fechando) a mandíbula do leão na carta XI. Abaixo, à direita: uma mulher, após amansar o leão, cavalga-o (extraída do *Philosophia reformata*, 1622, de Mylius).

Figura 42. Morte. Acima: um esqueleto move-se por um terreno de membros mutilados na carta XIII. Abaixo, à esquerda: nesta imagem de putrefação, o esqueleto encontra-se em cima do sol negro (*Philosophia reformata*, 1622, Mylius). Abaixo, à direita: membros mutilados também espalhados nesta gravura alquímica que representa a morte e o renascimento (*Splendor solis*, um manuscrito do século XVI).

Figura 43. Temperança. Acima: o fluxo contínuo entre os dois vasos na carta XIV é visto também no símbolo da união do superior com o inferior, para o qual (abaixo) Maria Prophetissa aponta (extraída do *Symbola aureae mensae*, 1617, de Maier).

Figura 44. O Diabo. As patas e os chifres do bode são compartilhados pelo diabo na carta XV (acima) e pelo deus Pã (abaixo). (Pã descrito num manuscrito anônimo do século XIV.)

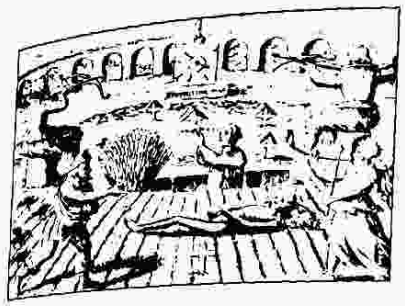


Figura 45. Julgamento. Acima: carta XX na qual o anjo sopra sua trombeta, segurando um estandarte. Abaixo, à esquerda: um anjo (na parte inferior, à direita) sopra sua trombeta e anuncia à figura que se ergue do túmulo que a última hora está próxima (extraída do *Viridarium chymicum*, 1624, de Stolcius de Stolcenberg). Abaixo, à direita: eis aqui o Cristo que ressuscitou e que exibe o mesmo estandarte (extraída do *Rosarium philosopharum*, 1550).

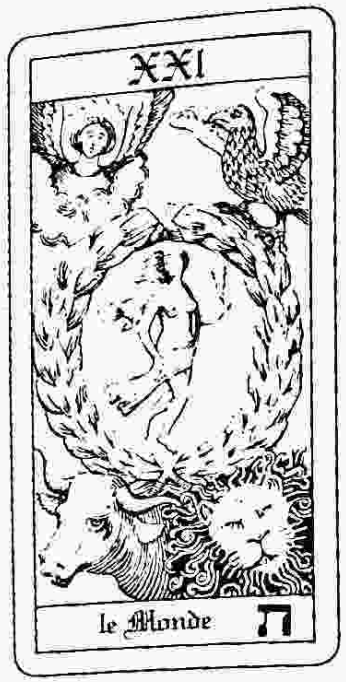


Figura 46. O Mundo. Abaixo, à direita: Mercurius como *Anima Mundi* (extraída do *Turba philosophorum*, um manuscrito do século XVI) está rodeado por uma mandorla e dá a impressão de adquirir asas, assim como a figura dançante dentro da mandorla da carta XXI (acima, à esquerda).

Figura 47. O Bobo. Como o Bobo do tarô (acima, à esquerda), este jovem carrega sobre os ombros uma vara atada a uma trouxa e parece também ter abandonado as cidades — ou talvez ele as evite — à medida que avança em direção ao vasto horizonte (abaixo), rumo ao sol que nasce ou se põe. (Extraída do *Splendor solis*, um manuscrito do século XVI.)

Alquimia e cabala

> A cabala foi aceita na alquimia tanto direta como indiretamente. Provavelmente devem ter existido relacionamentos já muito cedo, mas é difícil demonstrar as fontes. Mais tarde, no século XVI, deparamos com citações diretas do Sohar (...) (Jung, OC 14, par. 19).

A.E. Waite [em *The secret tradition in alchemy* (*A tradição secreta na alquimia*), p. 379 do original] faz menção a um texto alquímico do século III d.C. no qual o autor afirma ter tirado do 'Povo Judeu' suas idéias místicas a respeito do homem em sua perfeição original, sua queda, sua redenção e reintegração ao paraíso, assim como seu conhecimento a respeito da vocação, objetivos e hábitos dos 'filósofos'. Waite também faz uma citação extraída de um texto alquímico hebraico, o *Aesh mezareph* (*Fogo purificador*), uma tradução inglesa do século XVIII do manuscrito latino do século XVII, na qual parece existir um lugar de 'esplendor purificado', um refúgio para o remédio e para a cura.

> Aqui jaz a reintegração dos metais (...) que deve ser compreendida como a livre ação dentro deles dos três princípios das Supernais do Mundo dos Metais. Essa analogia constitui (...) o outro portão de acesso à alquimia (Waite, 1926, p. 393 do original).

A descrição de Waite da ponte sefirótica que transpõe o abismo entre o Divino e o mundo dos elementos mundanos, terrenos, mostra que os três primeiros Sefirot formam o *habitaculum* da deidade, o mundo de Azilut, o *fons dietatis*, a verdadeira região da emanação dos 'Indivíduos Divinos originando-se uns dos outros'. Os três Sefirot seguintes constituem o mundo de Beriah, ou da criação, um mundo arquetípico, o padrão de idéias da Mente Divina que se manifesta em Yezirah, ou mundo da formação, o universo formado mas não exteriorizado.

Finalmente, o mundo de Asiyyah, representado por Malkhut, o último Sefirah, nos apresenta a substância terrena, o espírito que deve ser auxiliado para que se reúna ao criador. Esses quatro mundos são freqüentemente encontrados na imagística alquímica. A Árvore da Alma (Cook, *A árvore da vida*, 1988, p. 33 do original) é a Árvore da Vida cabalística, com seus quatro mundos (veja figura 48 à página 209). No *Mutus liber*, o escudo alquímico representa a realização do objetivo espiritual do opus e do processo pelo qual o alquimista via-se apto para proceder à ascendência a partir da substância terrena, aqui mostrada (veja figura 49 à página 210) como as três ondas que simbolizam o mar do inconsciente com seus três elos da consciência (sal, enxofre e mercúrio). No

nível seguinte, três esferas descrevem o potencial interior, agora separado e purificado. Acima, uma asna forma uma divisa entre os domínios superiores da psique e o nível abaixo; o nível superior é representado por três conchas, o espírito que desce em direção à matéria. Não é difícil observar nestas três uma imagem das supernais, nem no nível abaixo uma descrição dos mundos de Beriah, Yezirah e Asiyyah.

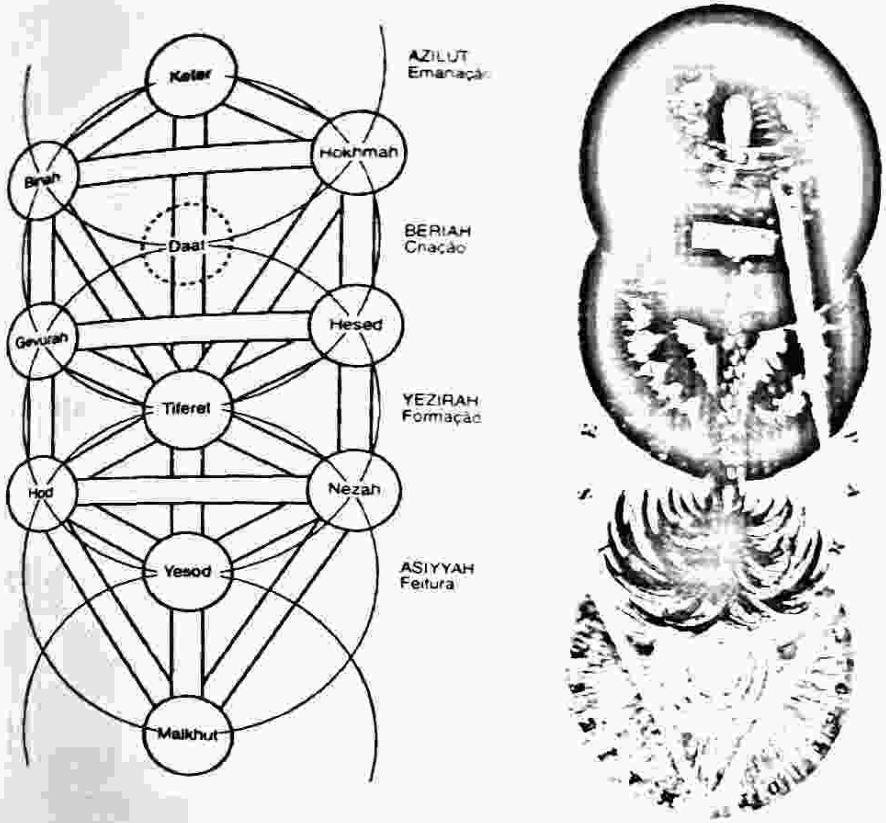


Figura 48. Os quatro mundos. À esquerda: os mundos cabalísticos mostrados no livro Cabala, de Halevi, p. 40 do original. À direita: a Árvore da Alma do século XVIII, de Jakob Bohme.

Outra ilustração extraída do *Mutus liber* (figura 50 à página 212) mostra o mundo espiritual cósmico representado por Júpiter, o Sol e a Lua acima do mundo criado. A terra abaixo desse domínio espiritual é dividida em três regiões concêntricas, o círculo exterior procedendo à mediação entre a esfera espiritual em cima, a região de transição no meio e um centro escuro mais profundo. Esta imagem alquímica coloca em paralelo a antiga representação cabalística (figura 51 à página 213) da condensação da energia divina proveniente do En. do En Sof e do En Sof Aur acima da Árvore da Vida descrita em dez círculos concêntricos de densidade da matéria crescente desde Keter, o círculo mais afastado, até Malkhut, no centro. Essas imagens, concebidas em períodos históricos diferentes e em culturas diferentes, nos apresentam uma simplicidade arquetípica de conceitos similares numa forma visual quase idêntica.

Scholem insiste (1974, p. 187 do original) que a alquimia e a astrologia influenciaram pouco a cabala; que para o cabalista o ouro (representada pelo quinto Sefirah) não representa o valor máximo; e que a prata (representada pelo quarto Sefirah) ocupava uma 'posição' superior.

Waite, por outro lado, descreve a alquimia cabalística e a hipótese proposta por ela sobre a evolução e produção dos Sefirot a partir de uma raiz metálica (veja figura 52 à página 214). De fato, essas atribuições metálicas são amplamente discutidas no texto de Waite (1926, p. 338 do original), o que não o impede de afirmar que no cabalismo ortodoxo não há nenhum sinal de qualquer simbolismo concernente aos metais — concordando, assim, com Scholem. Ele afirma ainda (pp. 390-391 do original) que a atribuição de determinados Sefirot a certos metais leva a 'Doutrina das Correspondências' ao ponto de ruptura a menos que os próprios metais sejam espiritualizados. A partir dos textos alquímicos, fica óbvio que os alquimistas assim o fizeram. Além do mais, tampouco para o alquimista o ouro representava o valor máximo; como sabemos, os alquimistas buscavam o *elixir vitae*, a substância transformadora que pode resgatar tudo o que toca.

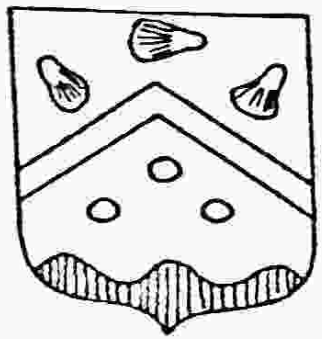


Figura 49. O escudo alquímico.

As imagens alquímicas enfatizam mais uma vez que

> (...) em se tratando dos problemas psíquicos estamos lidando com processos da experiência, isto é, com transformações que nunca devem ser designadas com nomes difíceis e impensados caso seus movimentos não se petrifiquem em algo estático (...) pois o símbolo não transmite apenas uma visualização do processo; (...) também comporta uma nova experiência do mesmo, daquele entendimento imperfeito que podemos aprender a conhecer (...) mas que muito esclarecedor só se dispersa (Jung, OC 13, par. 199).

A imagística alquímica tenta penetrar nos fenômenos extremamente complexos. Possui um componente inconsciente inevitável, resultante da energia arquetípica subjacente. Pode se tornar também, através da visualização intencional e ativa, um sistema refinado para a realização de uma consciência superior.

> O que constitui o fundamento da alquimia é um mistério que (...) começa a ser entendido inequivocamente como algo de psíquico (...) Em todo o caso, julgo que a psicologia pode despir a alquimia de seu mistério; mas não decifrará o mistério do próprio mistério (Jung, OC 14, par. 207).

Os alquimistas cujos escritos herdamos descrevem um método para libertar e conter o espírito vital dentro da matéria.

> Afinal, cada vida é a realização de uma totalidade, isto é, de um "si-mesmo", motivo pelo qual esta realização também pode ser chamada de individuação. Pois toda vida está ligada a portadores e realizadores individuais e é inconcebível sem eles. Cada um destes portadores recebe um destino e uma especificidade individuais e a vida só encontra o seu sentido quando eles se cumprem (Jung, OC 12, par. 330).

A confusão das idéias que formam o contexto da alquimia tem sua origem numa diversidade de tradições. O fato de a alquimia ter servido como receptáculo para todo tipo de especulação a respeito da natureza da alma, do espírito e do corpo indica que temos aí uma série de idéias a respeito do que é básico na existência, quer aceitemos ou não os termos empregados para defini-lo. Para Poncé, a alquimia representa uma expressão legítima da tradição mística ocidental. De acordo com ele, os alquimistas estavam envolvidos numa Gênese perpétua, num mundo imaginal infinito (Poncé, 1988, p. 136 do original).

Por fim, as correspondências fundamentais existentes entre a mente e a matéria garantem que os símbolos alquímicos não morrerão (Grossinger, 1985, p. 279 do original).

Não é difícil identificar o objetivo da alquimia com o objetivo da individuação. Em nossa difícil jornada em direção ao encontro com o Espírito Divino, a alquimia, a cabala e o tarô parecem nos oferecer imagens similares que podem tornar nossa caminhada, se não menos árdua, pelo menos mais suportável, além

de nos encherem de esperança nos momentos sombrios, difíceis, quando nenhuma luz se faz ver.

Os capítulos que se seguem analisam as últimas 12 cartas do tarô relativamente às correspondências das mesmas com a astrologia, a alquimia e a cabala. No entanto, a ênfase está centrada nas ligações das cartas com a imagística alquímica, à medida que acompanhamos o Caminho da Serpente ascendente, ele próprio simbolizando o processo de individuação.

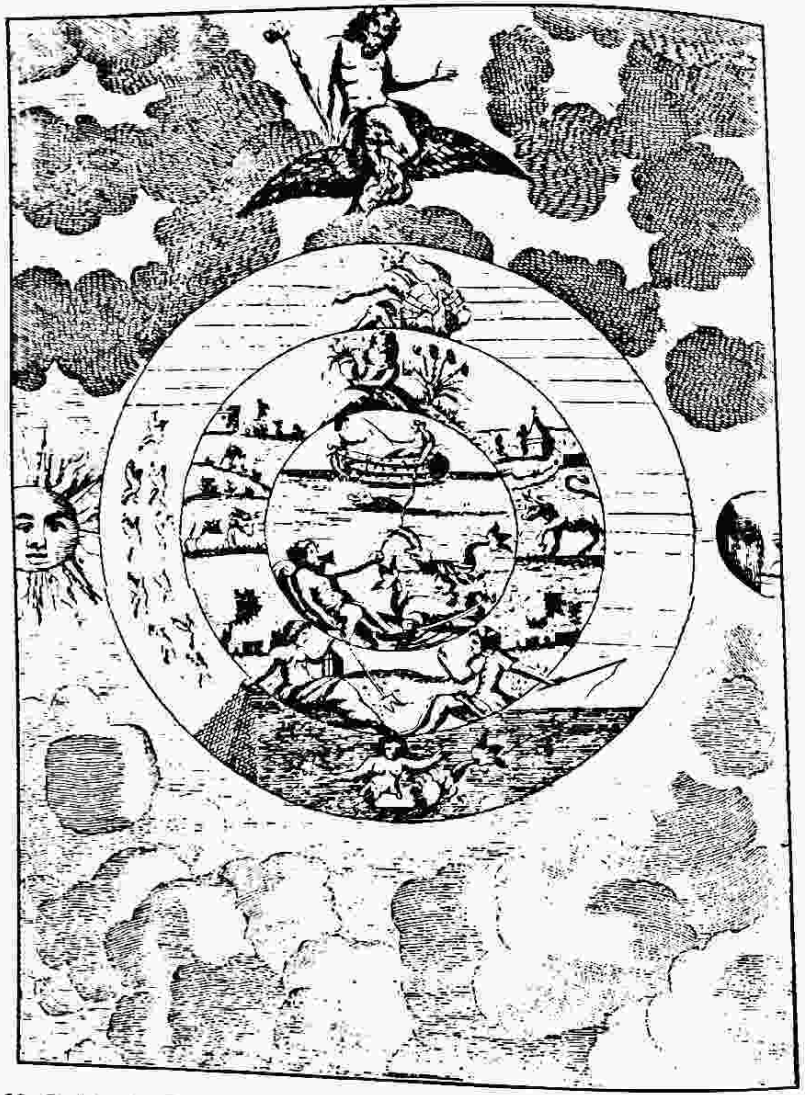


Figura 50. Os Mundos Espirituais Cósmicos. (Extraída do *Mutus liber*, 1677.)

Figura 51. Os dez atributos da Vontade Divina.

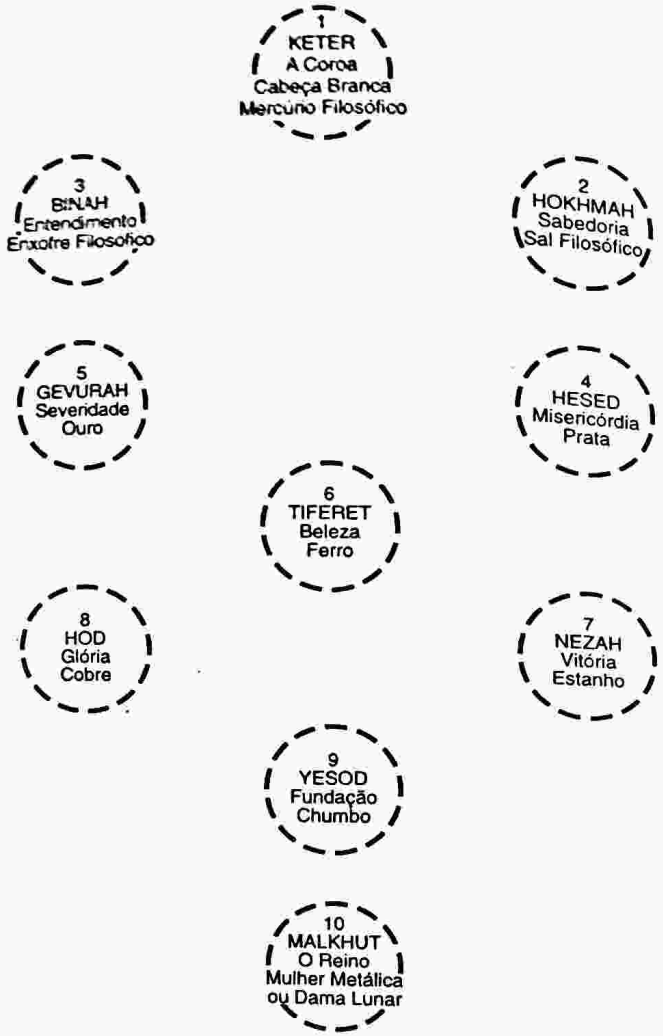


Figura 52. Os Sefirot, significados e distribuições metálicas dos mesmos. (Extraída do livro de A.E. Waite, *A tradição secreta na alquimia*, pp. 381, 384 do original.)

כ

XI
Força

A letra que corresponde à carta XI é Kaph, que significa princípio do poder, a mão que agarra, fixação da luz na matéria, assimilação, seleção, classificação, compreensão, progresso. Significa também conflito, resistência. No seu sentido negativo, sugere ódio, violência ou insensibilidade.

Com a carta XI e a domadora de leão, a influência das energias subconscientes secretas tem início na escuridão do espaço interior. Se as forças instintivas simbolizadas pelo leão forem rejeitadas e não forem vividas de forma consciente, ou se não se conseguir integrar sua polaridade na personalidade total, elas procederão à sua destruição completa e incontrolável. No Apocalipse elas são representadas pela Mulher montada na Besta.

Enquanto a Roda (carta X) nos apresentou revoluções incessantes, esta carta retrata o pólo de repouso, o ponto de transição entre passado e futuro, o momento presente e o trabalho que os indivíduos devem realizar dentro deles próprios. De fato, os dois símbolos do bem e do mal que se perseguem na carta anterior são aqui confrontados de forma bem definida. O passado animal e o futuro iluminado são velados pelo presente eterno, representado aqui, como na carta I (o Mago), pela lemniscata que forma a borda do chapéu do domador de leão e que sugere o macrocosmo, a alma do mundo ativando os poderes mágicos do espírito humano. Parece ser o verdadeiro lugar para o ser humano: abaixo dos dez poderes sefiróticos mas não imerso ainda nas dez imagens que se seguem, encontramos o ponto de tranqüilidade onde a força necessária para a jornada a ser empreendida pode estar reunida.

O número 11 (veja o ideograma) é composto do 5 (o pentagrama, a criatura humana) e do 6 (o hexagrama, a capacidade de relacionar). O reaparecimento da lemniscata dá início a uma nova seqüência de 11 cartas e enfatiza que o infinito é tanto a origem quanto o objetivo das energias consciente e inconsciente na busca para se religar ao Divino.

"A alma é superior à natureza, e através dela se conhece a natureza; a inteligência é conhecida pelo que lhe é superior e só é abrangida pelo Deus único, cujo ser é inapreensível" (*Liber platonis quatorum*, em Jung, OC 12, par. 372).

Temas, associações e correspondências

A carta XI retrata o encontro com forças desconhecidas, que tanto libertam quanto aprisionam. Ela também representa o estímulo e a concentração de *insights* intuitivos que permitem a realização do domínio. A ativação das forças psíquicas e espirituais contra-sexuais também é insinuada. Esta carta sugere que nos tornemos conscientes através do auto-exame dos potenciais construtivos e destrutivos residentes em todas essas forças e do efeito que elas possam ter na vida cotidiana.

O ideograma para esta carta é

Amplificação astrológica: a Força foi ocasionalmente associada ao planeta Marte e ao signo de Áries; a maior parte das atribuições, no entanto, liga-a ao signo de Leão, signo do fogo regido pelo Sol. Leão também se relaciona com o mistério da individualidade (Greene, 1983, pp. 203-211 do original). O predestinado caminho da maturação individual parece implicar o desenvolvimento de uma essência individual única e sua busca pela sua fonte interior. Estamos lidando aqui com o confronto entre o ego individual e suas raízes instintivas que devem ser dominadas antes que uma pessoa se torne individuada. De fato, para Jung o leão

> (...) representa, na forma teriomórfica, o rei que se transforma, isto é, na forma em que ele, a partir de seu estado inconsciente, se dá a conhecer. A forma animal exprime que o rei de certo modo foi subjugado ou encoberto pelo leão e que por isso toda a sua manifestação de vida consiste apenas em reações animalescas, que justamente nada mais são do que emoções. Emocionalidade, no sentido de afetos desgovernados, é um assunto essencialmente animal; por isso homens dessa espécie ou em tal estado somente podem ser tratados de modo adequado por meio de regras de educação usadas na mata, ou respectivamente pelos métodos do adestrador ou do domador (Jung, OC 14/2, par. 65).

O leão significa também impulsos saudáveis que devem ser manifestados de forma assertiva, não apenas impulsos destrutivos e agressivos que têm de ser dominados. Parece que o destino não permite ao leão permanecer na sua forma animal. O anseio mais profundo do leão é a busca do Si-mesmo; no processo de tornar-se consciente do problema dos opostos, o valor central da vida é descoberto. A compaixão e o entendimento, os meios pelos quais se alcança a fonte mais

profunda, são também o caminho para a redenção que Leão está à procura. Nesse árduo caminho o comprometimento só se dá com a segurança e a atenção de uma postura feminina; a irritabilidade impaciente ou a ação impulsiva/compulsiva podem apenas ser destrutivas.

Amplificação cabalística: o primeiro passo no treinamento de um cabalista se concentra na experiência elementar de ser corporificado. O corpo deve ser conhecido a fim de reconhecer suas analogias e sua ressonância com o mundo superior. O processo de autodescoberta deve ter início com um conhecimento profundo dos meios nos quais o corpo pode interagir com a psique. Somente assim o cabalista, ou qualquer indivíduo empenhado no processo de iluminação, estará apto para se mudar da consciência do corpo 'malkhutiniana' para o mundo da psique/espírito de Yesod e Tiferet (Halevi, *O trabalho do kabbalista*, p. 44 do original).

Amplificação alquímica: Jung observou que a estrela principal na constelação Leão, chamada *Regulus* ou *Reizinho*, era considerada pelos caldeus como o coração do leão e que 'cor' (coração) é um dos nomes da substância do arcano que significa fogo ou qualquer calor excessivo (14/2, par. 158, n. 360). A *fermentatio*, fornecida pela agitação do excitamento emocional, faz-se necessária para sustentar o alquimista durante o *opus magnus*; a meta só pode ser atingida quando o calor da fornalha é aumentado atingindo intensidade suficiente. Em alquimia o leão, a besta 'régia', é um sinônimo de Mercurius ou de um estágio da sua transformação.

> É a forma de sangue quente do animal devorador (...) dragão (...) Como este, o leão eventualmente aparece também em dupla forma, como leão e leoa. (...) e é justamente isso que quer representar o leão ígneo, isto é, a emocionalidade passional, que significa a etapa prévia do conhecimento de conteúdos inconscientes (...) Mas, do ponto de vista psicológico, é verdade que a emoção tanto une como separa (Jung, OC 14/2, par. 64).

De fato,

> Conforme a declaração da alquimia, o velho rei se transforma em seu atributo animal, isto é, retorna à fonte psíquica da renovação, que é a natureza animal (Jung, OC 14/2, par. 66).

Interpretação psicológica: a domadora de leão significa integração de afetos, formas bonitas, autocontrole, ser culto. Sob o ponto de vista positivo, a sujeição do leão significa autoconfiança, esforço heróico. Num sentido negativo, significa voracidade, estado de intrusão devorador. O leão traz à memória os instintos primitivos temidos, negados, obscuros. Em *Mysterium coniunctionis*, Jung argu-

menta que a elevação da figura humana a rei ou divindade ou, por outro lado, sua representação sob a forma teriomórfica e subumana são ambas

> [indicações de que] *os pares opostos apresentam um caráter que transcende a consciência.* Não pertencem eles à personalidade do "eu", mas a ultrapassam (...) Os pares de opostos formam muito antes a fenomenologia do si-mesmo paradoxal, que é a totalidade humana (Jung, OC 14, par. 4).

Interpretação junguiana: a carta XI retrata uma figura feminina domando um leão. Esse leão ígneo evoca

> tempestades de energia arquetípicas (...) [que] têm sido representadas tradicionalmente pelo mito e pela religião como o lado negativo de Deus. Não indicaria divagação o fato de interpretar essas experiências dolorosas como influenciadas pelos deuses, pois sua escala é monumental, sempre muito mais ampla do que o ego. Na mitologia egípcia o demônio Set, o inimigo da ordem, representa afetos irresistíveis (...) Muitos rituais egípcios giram em torno da criação de uma contraposição estável na imagística dos princípios da ordem, tais como aqueles representados por Hórus, Osíris ou Ísis (Schwartz-Salant, *A personalidade fronteiriça*, p. 21 do original).

Jung descreve o leão como

> (...) um animal "do fogo", alegoria do diabo, e indica o perigo do sonhador ser tragado pelo inconsciente (Jung, OC 12, par. 277).

Ele salienta que:

> O leão, o signo zodiacal para o maior calor de verão, é o símbolo da (...) cupidez máxima ("Minha alma urra com a voz de um leão faminto", diz Mechthild von Magdeburg) (Jung, OC 5, par. 425).

e

> (...) a desvalorização da psique e outras resistências semelhantes com relação à apreensão psicológica baseiam-se, em sua maioria, no medo e pânico das possíveis descobertas que possam ser feitas no campo inconsciente (...) Existem certos "restos arcaicos" relacionados aos instintos que constituem suas formas arquetípicas. Sua principal característica é um medo numinoso e eventual. Essas formas são indeléveis, pois constituem o próprio fundamento da psique (...) O medo da psique inconsciente é o obstáculo mais árduo no caminho do autoconhecimento e também no entendiemtno e abrangência do conhecimento psicológico (Jung, OC 10, par. 530).

Esse conflito entre a consciência e o inconsciente se aproxima da solução com o nosso processo de conscientização (Jung, OC 11, par. 392), e a imagem com a qual a carta XI nos confronta pode representar justamente essa coragem oculta necessária para enfrentar o inconsciente e, ao fazê-lo, realizar o objetivo final da individuação.

Enquanto o si-mesmo permanece inconsciente, corresponde ao superego de Freud e constitui uma fonte de constantes conflitos morais. Logo porém que é retirado das projeções, isto é, logo que deixa de ser a opinião de outrem, então tomamos consciência de que somos o nosso próprio sim e o nosso próprio não. O si-mesmo passa a atuar como uma unio oppositorum, constituindo assim a experiência mais próxima do divino que se possa exprimir em termos de psicologia (Jung, OC 11, par. 396).

Linguagem simbólica da imagem

Uma jovem vestindo as cores da Grande Sacerdotisa (carta II) — um vestido azul com uma capa vermelha e mangas amarelas (indicando manuseio inteligente) — domina um leão sem usar de violência, apenas através do poder mágico da sua feminilidade.

Ela nos convida a deixar o plano da quantidade (pois, obviamente, ela é mais fraca do que o leão em termos de força física) e nos elevarmos ao da qualidade, pois é evidente que a superioridade dessa jovem só pode ser encontrada em tal plano. Iluminada pela lucidez e compaixão supremas da sua fé e imbuída de tolerância, paciência e constância, ela pode encarar qualquer força que o leão represente. Ela não apenas deixa de ser destruída, mas é capaz também de impedi-lo, e o *élan vital* do leão é, assim, redirecionado.

As deusas da terra domavam e montavam leões, ou se tornavam leoas em seu aspecto destrutivo e devorador. Os gregos e os fenícios conheciam essa deusa como Anata, Atena ou Neith, a Força da Vida. De fato, a carta Força do tarô algumas vezes tomou para si o nome de Neith (Gettings, 1973, p. 66 do original), que, de acordo com Jung, é tanto masculina quanto feminina na natureza. Ele cita uma invocação antiga a Neith:

> Nit [ou Neith], a velha, a mãe de deus, a senhora de Esne, o pai dos pais, a mãe das mães, é o escaravelho e o abutre, o existente como começo (Jung, OC 5, par. 358).

Não podemos deixar de lembrar que Hokhmah, o segundo Sefirah e uma das três supernais (mediadoras da energia divina do En Sof), foi saudado com palavras idênticas: "Pai dos Pais, Mãe das Mães". Encontramos aqui outra ligação com a Grande Sacerdotisa.

A imagem mostra a energia feminina dominando elementos da força masculina; ela é ativa, inspirando e encorajando por meio da sua segurança. A imagem indica ainda crescimento espiritual por meio do contato com forças primordiais, isto é, a energia criativa que o leão representa. O confronto com forças destrutivas que põem em risco o desenvolvimento e a transformação das energias caóticas aumenta a força pessoal. A domadora de leão nos faz lembrar a Imperatriz (carta III) e a Justiça (carta VIII), que também se certificam de que interesses limitados não prejudiquem o todo organizacional. A domadora de leão domina a força da vida em conformidade com a lei universal.

O leão, símbolo da força brutal e indisciplinada, evoca os 'dias da Canícula' do verão nos quais o Sol irradia com força destrutiva. No domínio psíquico o leão simboliza o poder dos instintos. O leão com a juba dourada denota o fogo criativo do espírito que atua exteriormente. Mostra os aspectos espirituais e demoníacos dos poderes afetivos latentes e instintivos.

No Egito, a deusa do terror e do 'homicídio', Sekhmet de Mênfis, com cabeça de leão, personificava o calor insuportável do sol do deserto. Seu gêmeo, Bastet, com cabeça de leão ou de gato, estava ligado aos aspectos do Sol que davam vida, à sexualidade e à fertilidade. A imagem apocalíptica da mulher montando a besta pode ser interpretada como a denotação da força esmagadora da paixão sexual; pode significar ainda revolução, anarquia e destruição da ordem estabelecida. Circe, que transforma os homens em animais, também é relacionada a isso. Todas essas imagens formidáveis refletem o poder desenfreado do inconsciente.

As forças espirituais devem ser adquiridas através de um domínio do poder experimentado. Quando a vontade humana rende-se à vontade de Deus, unificando-se, o indivíduo toma parte em forças incomensuráveis. O indivíduo está apto, então, para dominar com bondade e suavidade a violência, a malícia, o ódio, o ciúme e a inveja que podem, de outro modo, tomar conta dele. A autoridade espiritual provém de um espírito religioso perseverante na sua crença. Ela influencia outros indivíduos que podem nem mesmo estar cientes dela.

Aqui, no início da estrada ascendente, esforçando-nos para nos ligarmos novamente à energia divina que o Mago mediou primeiro, fazemos uma pausa para reunir toda a força disponível para a árdua tarefa que se encontra adiante.

"(...) na Cabala, trata-se da união do homem com Deus, que juntos são reduzidos à simplicidade da mônada: na química-física, trata-se de uma fermentação (do homem) com o macrocosmo, que é reduzido (à simplicidade da nossa pedra)" (Khunrath, *Amphitheatrum sapientiae*, 1609, em Jung, OC 12, par. 427, n. 4).

Sob o ponto de vista alquímico, a operação que facilita essa união é a fermentatio. Precisamos nos lembrar de que quando as uvas estão fermentando, uma quantidade enorme de energia é gerada, e o produto final dessa fermentação é espírito.

ל

XII
O Enforcado

A letra que corresponde à carta XII é Lamed. Significa provação, sacrifício voluntário ou progresso induzido pela dor, o ser forçado por um aguilhão. Denota tudo o que se estica, se expande, se eleva, a mão aberta, o braço estendido, expansão, realização. No seu sentido negativo, indica a arrogância das ciências objetivas ou do poder. Na carta XII a imagem está mais claramente relacionada ao seu número correspondente; somos presenteados aqui com dois troncos de árvore, cada um portando seis cepos. Entre as duas polaridades pende nosso herói, uma imagem que liga esta carta à carta VI [o(s) Amante(s)], na qual ele parece hesitar entre dois opostos que se atraem representados pelas duas mulheres e pelos dois caminhos adiante. Na carta XII essa indecisão torna-se agora fatal, levando à passividade inevitável e que paralisa. Não se vê saída, nenhum meio de chegar à liberdade, nenhuma forma de alcançar o sucesso. Suspenso no vazio solitário no qual tudo parece esmagadoramente indefinido, o indivíduo está completamente só, perdido na imensidão do universo. A única conseqüência dessa situação é a transformação por alguma forma de morte do ego.

Doze é o número dos signos do zodíaco, a roda da vida astrológica. Aqui, a roda não pode prosseguir: tudo parece igualmente inatingível e irrealizável — todas as velhas soluções fracassaram.

Temas, associações, correspondências

Esta carta indica uma inversão na direção do emprego da vontade, uma interrupção do fluxo de ação anterior. Recomenda mitigar a preocupação mental, suspender-se no espaço intemporal, esperar pacientemente. Pode sugerir ainda deixar de lado o egoísmo ou penetrar nas camadas mais profundas do inconsciente. Pode indicar morte espiritual. O Enforcado conota o sacrifício do ego e o colapso das estruturas obsoletas.

O ideograma para esta carta é

Amplificação astrológica: os signos de Touro, Libra e Peixes têm sido atribuídos ao Enforcado. Escolhi atribuir a ele o signo de Gêmeos, um signo do ar regido por Mercúrio. Sinto que existe uma afinidade entre ele e a imagem do Enforcado, o herói jovem e brilhante que é um pouco leve demais,

> (...) um pouco invulnerável demais e que está um pouco distante demais do sofrimento humano comum e do desejo humano comum para realizar sua tarefa de redenção (Greene, 1984, p. 193 do original).

Luz em demasia constela a escuridão, e ele permanece como uma lembrança do sacrifício exigido daqueles que não podem se livrar de padrões de comportamento que em algum momento podem ter sido de grande auxílio para que sobrevivessem, mas que agora estão criando sua própria destruição. É esse sacrifício necessário que eles estão determinados a evitar — com ferocidade e sinceridade. Porque no momento em que a escuridão espiritual se amplia, provocada pela alienação crescente proveniente da Fonte divina, a centelha da sabedoria celeste é preservada.

Para os egípcios, Sirius (uma estrela bem abaixo da constelação de Gêmeos) era a garantia de que, mesmo no caos da terra, a ordem e a harmonia seriam restituídas (Sucher, 1982, pp. 82-84 do original). O símbolo de Gêmeos II pode ser visto como a união do mundo superior com o mundo inferior e faz lembrar as duas árvores e a barra horizontal da qual nosso jovem herói pende, de cabeça para baixo. Gêmeos é o signo que representa uma dicotomia fundamental e um antípoda inerente: masculino/feminino, intelecto/emoção, espiritual/material, luz/escuridão, dia/noite, céu/terra, negativo/positivo, e a oposição e o choque entre eles. O conflito é geralmente projetado e, na maior parte do tempo, é só na segunda metade da vida que se reconhece o inimigo interior que é também o irmão, que nunca pode ser vencido e que, no entanto, deve ser constantemente combatido. Portanto Gêmeos reflete uma experiência cíclica à medida que retrata o conflito entre a 'escravidão' a um corpo mortal (e, dessa maneira, limitação e morte) e o anseio pela exaltação do espírito e pelo reino da vida eterna. A polaridade e a contradição suspendem nosso jovem no ar, visto que ele se recusa a ver que, enquanto os opostos são inseparáveis, eles podem não ser incompatíveis.

Amplificação cabalística: a 'Árvore da Emanação', ou a árvore cósmica, a árvore dos Sefirot, cresce para baixo, a partir da sua raiz — o primeiro Sefirah — e estende-se desde os Sefirot que constituem seu tronco até aqueles que compõem seus galhos principais ou coroa (Scholem, *Cabala*, p. 106 do original). De forma similar, o homem é visto como uma árvore invertida que cresce para

baixo, a partir do céu; "a alma cria raiz no homem desde o céu", cita Von Franz no seu comentário ao *Aurora consurgens* (p. 163, n. 36 do original). O Enforcado nos lembrará que, para nos ligarmos novamente às raízes divinas, devemos tomar como modelo a Árvore da Vida. Von Franz, ainda no *Aurora consurgens* (p. 255 do original), cita um texto gnóstico que liga o número 12, o *dodecad*, ao mal e ao destino terreno:

> O número dois avançando para o seis — dois, quatro, seis — produz o *Dodecad* (...) Por conseqüência, eles denominaram o *Dodecad* (...) a Paixão (...) pois asseguram que se deu a queda a partir do *Dodecad*. Da mesma forma eles declaram, através de oráculo, que, tendo o poder saído do *Dodecad* e morrido, isso era representado pela mulher que perdeu o dracma e (...) o encontrou novamente.

Amplificação alquímica: em alquimia, o número 12 desempenha o papel de número dos meses, das horas do dia e da noite e dos signos do zodíaco, com os quais as fases do opus freqüentemente se correlacionavam. Indica também o número de operações do opus. Mostra o número de pedras angulares da Jerusalém Celestial e o número das tribos de Israel, representando as virtudes da simplicidade do coração, fé absoluta, humildade etc. (Von Franz, *Aurora consurgens*, p. 215 do original).

Na tradição alquímica, o princípio regente do ego consciente e suas exigências de poder devem se submeter à *mortificatio*, que tem a ver com escuridão, derrota e tortura. Significa a transformação dos princípios coletivos, dominantes e regentes que o Imperador (carta IV) representava. De fato, devido à *mortificatio* e à *sublimatio*, o corpo assume uma forma 'quintessencial' ou espiritual e, portanto, não difere tanto do espírito, "podendo hospedá-lo, ou, em outras palavras, trazê-lo para baixo, para junto de si" (Jung, OC 16, par. 499). A 'extração' da alma a partir da *prima materia* equivale à *mortificatio* (Jung, OC 14/2, par. 61, n. 144), que é parte essencial do mistério da transformação.

> A *mortificatio* significa a superação do antigo ou precedente; primeiramente é a superação das etapas perigosas antecedentes (...) (Jung, OC 14, par. 164).
> O retorno ao caos era considerado pelos alquimistas como uma parte da obra. É o estado da (...) *mortificatio* seguido do fogo do purgatório (...) O inconsciente é bom e mau, ou nem bom nem mau. Ele é a mãe de todas as possibilidades (Jung, OC 14, par. 247).

Interpretação psicológica: ao abandonar as convicções do passado, o indivíduo sente-se exposto ao medo e à ansiedade, inseguro quanto ao desconhecido à sua frente. Apenas uma reformulação de valores e de pontos de vista torna possível a transição à segunda metade da vida. A fim de transcender a angústia da nossa condição atual, devemos modificar nossa postura. Isso significa perceber, por trás das aparências, a verdadeira essência das coisas. Devemos reconhecer

que, fundamentados apenas em nossas capacidades, somos impotentes, nossas ações não devem proceder do ego, mas devemos permitir que o Si-mesmo atue através de nós.

Interpretação junguiana: o Enforcado pode indicar a mudança da 'ego centricidade' para a 'centroversão' e do ego para o Si-mesmo.

> A idéia de que o homem é uma árvore invertida parece ter sido comum na Idade Média (...) "Agradava aos 'naturalistas' ver o homem como uma árvore que permanece de cabeça para baixo, pois o que em um é a raiz, o tronco e as folhas, no outro é a cabeça e o resto do corpo, com os braços e os pés" (Andrea Alciati em OC 13, par. 412).

A Árvore do Mundo mística, a Árvore dos Sefirot, significa ainda o homem implantado no paraíso pelas raízes de seu cabelo (OC 13, par. 411).

Quanto aos contemplativos que têm a intenção de compreender o propósito da existência, Jung afirma:

> Por certo é necessário que haja uma grande e penosa conversão, para que se possa ver o mundo como um "dado" que brota da essência da alma. Ver como as coisas acontecem é muito mais imediato, chama mais a atenção, é mais impressionante e por isso mesmo mais convincente do que observá-las tais como as faço. Evidentemente, a natureza animal do homem tem repugnância de sentir-se como a autora de seus próprios dados. É por isso que tentativas semelhantes sempre foram objeto de iniciações secretas, das quais, em geral, faz parte uma morte figurada que simboliza o caráter de totalidade da conversão (...) [Este é] um processo de iniciação que tem por escopo recuperar a divindade da alma perdida pelo nascimento (OC 11, par. 841-842).

O Enforcado mostra uma situação criada pelo fato de estar enredado dentro de uma atitude extrema e injusta. A única saída para o conflito entre a persona e a escuridão, entre o ego e o si-mesmo, é virar de cabeça para baixo, uma tarefa muito dolorosa para um ego que se mostra relutante em se desvencilhar da única maneira de ser que ele conhece. As passagens de Jung que se seguem parecem evocar o Enforcado e as energias que ele pode representar.

> A vida natural é o solo em que se nutre a alma. Quem não consegue acompanhar essa vida permanece enrijecido e parado em pleno ar (OC 8, par. 800).

> (...) a lei da vida exige que o que [se] tira de dentro e de fora será o que antes foi sempre excluído. Essa conversão da própria natureza ocasiona um engrandecimento, um aumento e o enriquecimento da personalidade caso os antigos valores sejam conservados próximos à mudança — contanto que esses valores não sejam meras ilusões (...) [O] desenvolvimento da personalidade é o que se faz mais custoso. É uma questão de dizer sim, de enxergar como a mais importante das tarefas, de se

conscientizar de tudo o que se faz e de manter a constância diante dos próprios olhos em todos seus aspectos dúbios — tarefa essa, na verdade, que nos sobrecarrega ao máximo (OC 13, par. 24).

Todos aqueles momentos da vida individual em que as leis gerais do destino humano rompem as intenções, as expectativas e concepções da consciência pessoal são, ao mesmo tempo, etapas do *processo de individuação*. De fato, este último é a *realização espontânea do homem total*. O homem enquanto consciente do próprio eu é apenas uma parte da totalidade vital, e sua existência não representa a realização deste todo (...) [Como, porém,] tudo o que vive tende para a totalidade, a atitude unilateral inevitável da vida consciente é corrigida e compensada constantemente pelos componentes essenciais da natureza humana, de modo a integrar definitivamente o inconsciente na consciência, ou melhor, a assimilar o eu a uma personalidade mais ampla (OC 8, par. 557).

Estou mais do que convencido de que o caminho da vida só continua onde está o fluxo natural. Mas nenhuma energia é produzida onde não houver tensão entre contrários; por isso, é preciso encontrar o oposto da atitude consciente (...) Mas o que é reprimido tem que se tornar consciente para que se produza a tensão entre os contrários, sem o que a continuação do movimento é impossível. A consciência está em cima, digamos assim, e a sombra embaixo. E como o que está em cima sempre tende para baixo, e o quente para o frio, assim todo consciente procura, talvez sem perceber, o seu oposto inconsciente, sem o qual está condenado à estagnação, à obstrução ou à petrificação. É no oposto que se acende a chama da vida (OC 7, par. 78).

De repente [ele] viu que o que antes significava para ele progresso e satisfação não passa de engodo (...) A energia de todas essas relações lhe é restituída e entregue ao inconsciente, onde vivifica tudo quanto até então deixara de desenvolver (OC 7, par. 90).

Esta parte é o oposto da sua atitude consciente, não lhe dará sossego e o perturbará até que seja aceita (OC 7, par. 88).

A libido se opõe à libido, o instinto contraria o instinto, como o inconsciente está em desacordo consigo mesmo, e como o homem mitológico, em todas as adversidades e contrariedades da natureza externa, percebia este inconsciente, sem se dar conta de que via nele o fundo paradoxal de seu consciente (OC 5, par. 395).

(...) a carga que o herói carrega é ele mesmo, ou mais exatamente, seu próprio eu, sua totalidade (...) a plenitude de seu ser, que tem suas raízes na natureza animal e transcende o meramente humano e atinge a divindade. Sua totalidade significa uma contradição enorme, mas que aparece una em si (...) Aquele que se aprofundou em si mesmo está como que encovado na terra; (...) um Kaineus "sob o peso de mil cargas" e empurrado para a morte; um homem que, arquejante, carrega a pesada carga de si mesmo e de seu destino (OC 5, par. 460).

Citando "Pássaros da prece", de Nietzsche:

Encovado em ti mesmo,
cavando a ti mesmo,
desajeitado,
rígido,
um cadáver —,
soterrado por mil cargas
sobrecarregado por ti (...) (OC 5, par. 459).

O sacrifício [significa] (...) a renúncia a todos os vínculos e restrições do tempo da infância que a alma trouxe para a idade adulta (...) A vida chama o indivíduo para a independência, e quem não atender a este chamado, por comodidade e temor infantis, está ameaçado de neurose. (OC 5, par. 461).

Sem a cooperação do inconsciente e suas forças instintivas, a personalidade consciente seria demasiado fraca para desvencilhar-se do passado infantil e atrever-se a penetrar num mundo estranho com suas possibilidades imprevisíveis. Para a luta da vida é necessária a libido toda. [A autora] ainda não consegue tomar esta decisão, que deve romper todas as ligações sentimentais com a infância (...) (OC 5, par. 463).

O Enforcado pode estar suspenso em pleno ar devido à sua relutância em seguir em direção ao próprio futuro e assim sacrificar os vínculos da infância. O pender é o símbolo do anseio não satisfeito ou da expectativa intensa (OC 5, par. 594). Ele pode representar ainda uma dedicação demasiada e injusta aos ideais superiores imaginários. Num baralho suíço, a expressão do seu rosto é similar àquela em geral associada a Don Quixote, o cavaleiro da triste figura, cujo sistema delusório o manteve distante do fluxo da vida.

Por outro lado, situações em que uma imagem de um rito de passagem pudesse ajudar o fluxo da energia psíquica poderiam ser favorecidas por esta carta. De fato, a iniciação era sempre acompanhada de todos os tipos de torturas necessárias para libertar o indivíduo da inércia do inconsciente, que oferece "grande resistência a qualquer desenvolvimento espiritual" (OC 7, par. 172). Shakespeare comenta:

Então, de hora em hora amadurecemos,
De hora em hora apodrecemos,
e nisto um conto se encerra.

Como gostais
Ato II, Cena 7

* Tradução de Eva Stern, 1986, Editora Vozes (N. da T.).

Linguagem simbólica da imagem

Nas cartas de I a XI, enfatizou-se o desenvolvimento ativo. O modelo e herói dessas cartas era o Mago (carta I), senhor dele mesmo e da criação. O modelo ao qual o ser humano é agora apresentado exige o 'realinhamento' do núcleo da consciência, a prontidão para viver de acordo com os impulsos intuitivos surgindo na tranqüilidade interior, a subordinação da sua própria vontade à vontade de Deus. É através do silêncio, da tranqüilidade, que a vida se condensa num foco, o qual ativa os conteúdos psíquicos.

Com os braços e a cabeça formando um triângulo e a perna cruzada, o Enforcado evoca o símbolo alquímico ☿ que indica a conclusão do *opus magnus*. Esse símbolo é o oposto do símbolo do enxofre ☤, que aparece na carta IV (o Imperador). Se o Imperador denota a velha ordem estabelecida, para aquele ao qual essa ordem nunca funcionou ou não funciona mais, a carta XII apresenta uma solução, uma saída. Em contraste com a carta IV, aqui o 4 está colocado acima do 3, o que significa a submissão da ação à lei cósmica. Quando nos sentimos sendo testados ou sob julgamento, temos de escolher cuidadosamente as imagens nas quais nos concentraremos; devemos colocar nosso empenho pela inteireza acima da totalidade universal a fim de encontrarmos a renovação que buscamos. As pernas cruzadas também se relacionam com a imagem do sol, pois o formato delas sugere a suástica encontrada na Roda da Fortuna (carta X).

A vestimenta de bufão vermelha e branca está apenas em contradição aparente com a passividade da figura. Sua atividade é expressa escolhendo-se entre várias possibilidades. O vermelho simboliza, aqui, tolerância ativa, enquanto o branco indica receptividade tolerante. Enquanto a figura feminina que domestica o leão (carta XI, Força) deve integrar seu componente masculino e feroz, aqui a tarefa é permitir que as coisas ocorram passivamente e aceitar os acontecimentos resultantes a fim de alcançar uma ordem superior da consciência. O branco também se refere à pureza da imaginação criativa. As duas meias-luas encontradas nos ombros do Condutor (carta VII) são mostradas aqui abaixo da cintura e enfatizam a necessidade de humildade e intuição correta. As moedas de ouro e prata caindo dos dois sacos mantidos sob os braços do Enforcado mostram a necessidade de abandonar os valores obsoletos. As experiências acumuladas do passado são perdidas agora, e apropriadamente; a velha moeda não é de utilidade em um novo território. Esta situação faz lembrar aquela retratada por T. S. Eliot em "East Coker" (*Quatro quartetos*).[5]

O fato de as moedas serem mostradas ao redor da cabeça do Enforcado representa riqueza e força espirituais liberadas pela introversão. Retrata ainda as sementes fertilizadas caindo na terra. As duas árvores trazem à mente os dois pilares do templo, que aparecem em alguns baralhos flanqueando o trono da Grande Sacerdotisa e que sugerem uma ligação com os poderes espirituais representados por ela. Essa ligação encontra-se também por trás da imagem dos 12 cepos vermelhos, um lembrete dos 12 signos do zodíaco através dos quais o sol se propaga. Uma carta astrológica é um círculo dividido em 12. Representa o projeto da ordem do mundo sobre o qual cada destino individual é apresentado. Não se trata de um diagrama, mas da assinatura da ordem cósmica no esquema da autoformação. Todas as mandalas e esquemas se originam dela. O espaço entre as duas árvores mostra o hiato existente entre tempo e intemporalidade, a falta de continuidade entre aqui e ali, o elo perdido.

A carta XII retrata um homem indefeso privado de seus recursos físicos. Pendendo de uma viga transversal amarela, ele personifica o doloroso processo pelo qual um estado de consciência que interrompe o fluxo de pensamentos interpostos é atingido. Essa fixação da atenção faz com que entremos em contato com o inconsciente. O *I Ching* diz (Wilhelm/ Baynes, p. 321 do original):

> Aquele que anda na verdade e é devotado em seu pensamento (...) é abençoado pelos céus (...) e não há nada que não o favoreça.

Esta carta simboliza a contemplação e a autocrítica como ferramentas para "trabalhar sobre o que se deteriorou" (*I Ching*, hexagrama 18). Significa aceitação do destino, consciência, disciplina e submissão ao espírito conhecedor. Mostra que a diligência abre portas necessárias e conduz à força para contemplar o vazio e transformar paisagens emocionais interiores. A preparação para a nova vida impõe a percepção e a assimilação do informe e do inominável, através da concentração no silêncio e na tranqüilidade. Novos *insights* podem ser consolidados pela perseverança, o que leva à auto-realização progressiva e à capacidade de adaptação, assim como pela desistência do empenho em prol dos modelos convencionalmente aceitos de sucesso e distração. Os riscos são a impaciência, a perda do autocontrole, a intolerância à tranqüilidade exterior e à incapacidade de atingir a quietude interior, o medo da incerteza e a sensação de estar perdido no mundo invertido além da lógica.

5. Lamentamos não poder reproduzir os versos de T.S. Eliot (da parte III, linhas 25 a 30 e 39 a 48) que expressam a dor de uma alma que ficou perturbada e passou um período agonizante num lugar desconhecido. O espólio de T.S. Eliot e a editora Harcourt Bace nos negaram autorização para a citação desses versos.

O herói mítico que corresponde ao Enforcado é Teseu, que derrotou o minotauro com o auxílio do fio de Ariadne. À primeira vista, eles não parecem ter muita coisa em comum. Porém, embora 'imóvel', o Enforcado tem à sua disposição poderes ocultos e espirituais; através da energia sutil que irradia, ele exerce uma influência irresistível. Ele nos faz lembrar o mito nórdico de Odin, que se tornou um mago e um leitor das runas só depois do seu 'enforcamento' sacrificial:

> Sei que fiquei suspenso
> na árvore embalada pelo vento
> durante nove noites inteiras;
> fui ferido por uma lança e
> oferecido a Odin,
> eu mesmo a mim mesmo.

[Extraído do poema rúnico de Odin, citado em *The great mother* (*A grande mãe*), de Neumann, p. 252 do original.]

No que diz respeito ao zen, o *insight* através da natureza do Si-mesmo não pertence a nenhuma categoria dualística; está além da relatividade. Devemos libertar o espírito que zela pelas coisas e que não pode ser enredado em qualquer forma. Este será o objetivo do palhaço que pode personificar a morte apenas ficando suspenso de cabeça para baixo.

> Como tal, é uma figura de grandes, até mesmo de super, poderes — um Super-Homem, ou melhor, um 'Batman' aprumado, que pode arrastar num torvelinho todas as energias agitadas da psique, formando um único raio de luz existencial (Belmonte, p. 55 do original).

O Pecado Original que provocou a mudança da condição do homem do 'paraíso' para a condição terrestre da 'labuta, sofrimento e morte' implica a força da gravitação. Isto sugere que o Pecado Original é uma mudança de um sistema gravitacional espiritual, no centro do qual está o divino, para um sistema gravitacional terrestre, no centro do qual está a materialidade, o estado mundano, os desejos, as necessidades, as paixões etc. O Pecado Original pode ser compreendido, então, como uma mudança de um campo gravitacional para outro. O Enforcado propõe a possibilidade da reversão, o que Jung denominou *opus contra naturam*, isto é, individuação, que procede ao nosso realinhamento com o espírito. Lembramo-nos aqui da Árvore da Vida cabalística, concebida possuindo suas raízes no céu e crescendo para baixo, seguindo em direção à terra. De fato, em alguns baralhos de tarô, as duas árvores que sustentam a viga na qual o Enforcado está suspenso crescem para baixo, suas raízes no espírito e suas

coroas seguindo em direção à terra. Assim, não existe um campo de gravitação a não ser aquele das forças elementais da ordem inferior. Na medida em que a alma é capaz de transcender a atração gravitacional da ordem inferior, pode formar uma ponte para o centro de gravitação do espírito. Assim, podemos conceber que o homem espiritual está sob a influência da gravitação do 'céu' e que o homem carnal, sob a influência da gravitação da 'terra', ao passo que o homem psíquico vive em equilíbrio entre esses dois campos gravitacionais. A gravitação terrestre envolve e solidifica elementos mentais, psíquicos e físicos ao redor de focos tais como terra, bens, poder e prazer, ao passo que a gravitação celestial é radiação e extensão dos elementos mentais, psíquicos e físicos em direção à transcendência. O objetivo da individuação é encontrar o equilíbrio entre elas.

O Enforcado, com o solo firme sob seus pés, em cima, parece 'saber' que sua cabeça ainda não sabe. A visão do Enforcado está concentrada além do intelecto, e ele agirá sem esse conhecimento. Esta é a transição da fé, o ato interior que modifica a *minha* vontade para "Seja feita a *Tua* vontade". É essa mudança em perspectiva, no lugar do controle, que pode permitir que saiamos de uma situação que parece irremediável, na qual nos sentimos aprisionados, trancafiados e sem saída.

> Aquele que se encontra a caminho da totalidade não pode escapar desta estranha suspensão representada pela crucifixão (Jung, OC 16, par. 470).

מ

XIII
Morte

A letra Mem significa feminino, domínio, movimento, transformação, poder criativo, multiplicidade, vida eterna através da morte e ressurreição. Seu símbolo é a água que flui ininterruptamente através de todos os espaços e canais vazios. No seu sentido negativo, significa ocultismo e magia negra. A morte representa uma passagem aterrorizante, um estágio necessário para o renascimento, uma separação da consciência desde sua limitada modalidade de expressão atual. O número 13, atribuído a esta carta, está associado ao Sol à maneira de um ponto permanente acompanhando-o na sua passagem através de todos os signos do zodíaco (1 + 12). O 13 pode ser visto ainda como o ponto central de três quadrados entrelaçados [1 + (3 x 4)], que formam um círculo da mais alta tensão. Veja a figura 53.

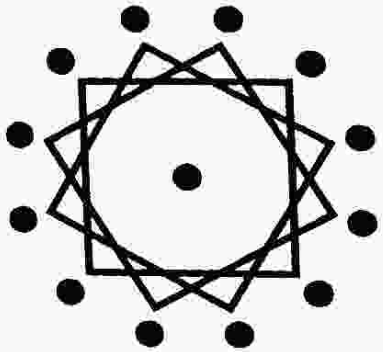
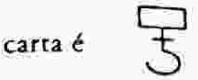


Figura 53. Três quadrados entrelaçados e o ponto central. (Extraída do *Zur Symbolik geometrischer Figuren und Zahlen*, de Bernoulli, p. 409 do original.)

O movimento, a mudança, a transformação e a dissolução encontram-se no domínio desta carta, assim como a transição e o recomeço em um nível superior. A morte é vista como um processo da vida construído de ciclos contínuos de retração e expansão. Esta carta nos auxilia a conceber a morte como uma grande compensadora e nos lembra que ela pode estabelecer um equilíbrio de polaridades, o centro interior. A morte é vista como um princípio que regula e catalisa.

O ideograma para esta carta é 

Amplificação astrológica: tradicionalmente, atribui-se à Morte o planeta Saturno ou Mercúrio e os signos de Áries, Gêmeos e Escorpião. Capricórnio, um signo da terra regido por Saturno, parece se ajustar à carta XIII; no inverno a terra fica menos aproveitável, o Sol surge mais fraco e o mundo mais escuro. Em toda parte repousam a aridez e a morte, e dentro das almas dos homens não é muito diferente. Antigas formas de consciência devem morrer para que se dê o nascimento de novas. O tema da terra inculta e a longa espera pelo redentor na depressão, no desespero e na morte é o padrão de Capricórnio. A crucificação por fixação na matéria é uma característica do rito de passagem de Capricórnio: não só aprisionamento, limitação e servidão, mas também decadência, decomposição e putrefação. O próprio princípio que causa a Capricórnio o maior dos sofrimentos — a energia saturnina rígida, oprimida pela culpa, limitada, temerosa — é aquele que contempla Capricórnio com tolerância, determinação e percepção para que ele lute através da noite escura da alma. Enquanto num determinado nível algo parece criar sintomas, problemas e destruição, num nível mais oculto algo parece estar trabalhando no sentido de chegar à totalidade do indivíduo (Greene, 1984, pp. 242-250 do original). Capricórnio simboliza ainda o aprisionamento da alma na realidade física; o mundo parece ser um lugar de servidão ao corpo, à responsabilidade, à lei, à consciência, a Deus. A avaliação da tradição e as formas do passado também pertencem a este signo. Dominar o mundo pelo ego: eis a intenção de Capricórnio; por conseqüência, o 'relativizar' do ego é sentido como morte.

Amplificação cabalística: os cabalistas afirmam que no momento da morte o corpo 'malkhutiniano' retorna aos elementos. Enquanto as tríades da energia vital desintegram-se vagarosamente e o corpo perece, a Neshamah (alma) encontra seu lugar numa região superior, e o espírito, quando os processos de purificação se completam, retorna através de Keter ao Absoluto (Halevi, *A árvore da vida*, p. 94 do original). Através da cortina de Hokhmah, um mundo radiante é percebido. O pensamento profundo e silencioso do intelecto interior ilumina o

caminho de volta a Keter. Assim, a morte separa a alma do homem do seu invólucro de carne e o impele em direção ao alto, para o próximo mundo (Halevi, *A árvore da vida*, p. 160 do original).

Amplificação alquímica: na alquimia, assim como em muitos sistemas gnósticos, a água tem o duplo significado de vida e morte. Von Franz cita, em seu comentário ao *Aurora consurgens* (p. 259 do original):

> "Esta água faz o morto se erguer e mata o vivo, ilumina a escuridão e escurece a luz (...)" "Trata-se do vinagre mais ácido, que decompõe tudo."

O sucesso da primeira operação é indicado quando a *nigredo* e a escuridão surgem: a matéria morre e se desintegra; o fino é separado do grosseiro. (Veja a figura 54.) Com suas *mortificatio, putrefactio, combustio, incineratio, calcinatio* etc., os alquimistas imitavam o trabalho da natureza. Seus intentos poderiam ser comparados à morte humana, sem a qual a vida nova e eterna não poderia ser alcançada. Jung cita a literatura alquímica:

> "Os antigos filósofos denominavam esta obra, ou este trabalho, seu descenso, sua incineração, sua pulverização, morte, putrefação da matéria da pedra, sua corrupção ou 'caput mortuum'. Ora, essa negrura, essa cor negra, não deveis desprezá-la, mas suportar-vos nela em paciência, dor e silêncio, até se completarem os quarenta dias da provação, os dias do sofrimento, pois então a semente da vida despertará por si mesma para a vida, ressuscitará, sublimar-se-á ou se glorificará, e se transformará na cor branca, purificada, santificada e se outorgará a si mesma a cor vermelha; ou seja, transfigurando-se, ela se fixará (...) Portanto, se a vontade humana se render ou se abandonar, e na dor e no silêncio se tornar um nada inerte, neste momento a tintura agirá e fará tudo em nós e para nós; isso, se pudermos deter todos os nossos pensamentos, todos os nossos movimentos e fantasias, se pudermos cessar o trabalho e permanecer em repouso" (OC 16, par. 512).

Interpretação psicológica: devemos, inevitavelmente, transcender o ego e suas limitações. Sem relativizar o ego o renascimento não é possível, a transformação da consciência não tem lugar. A morte do velho deve ocorrer para que a energia encerrada dentro dele seja libertada e dirigida para a maturação e a conexão com os níveis superiores da consciência.

Sob o ponto de vista psicológico, a morte representa o mais definitivo e doloroso de todos os sacrifícios, devendo ser compreendida, aceita e trabalhada no seu significado completo. Somos libertados do morto e do passado através da renúncia.

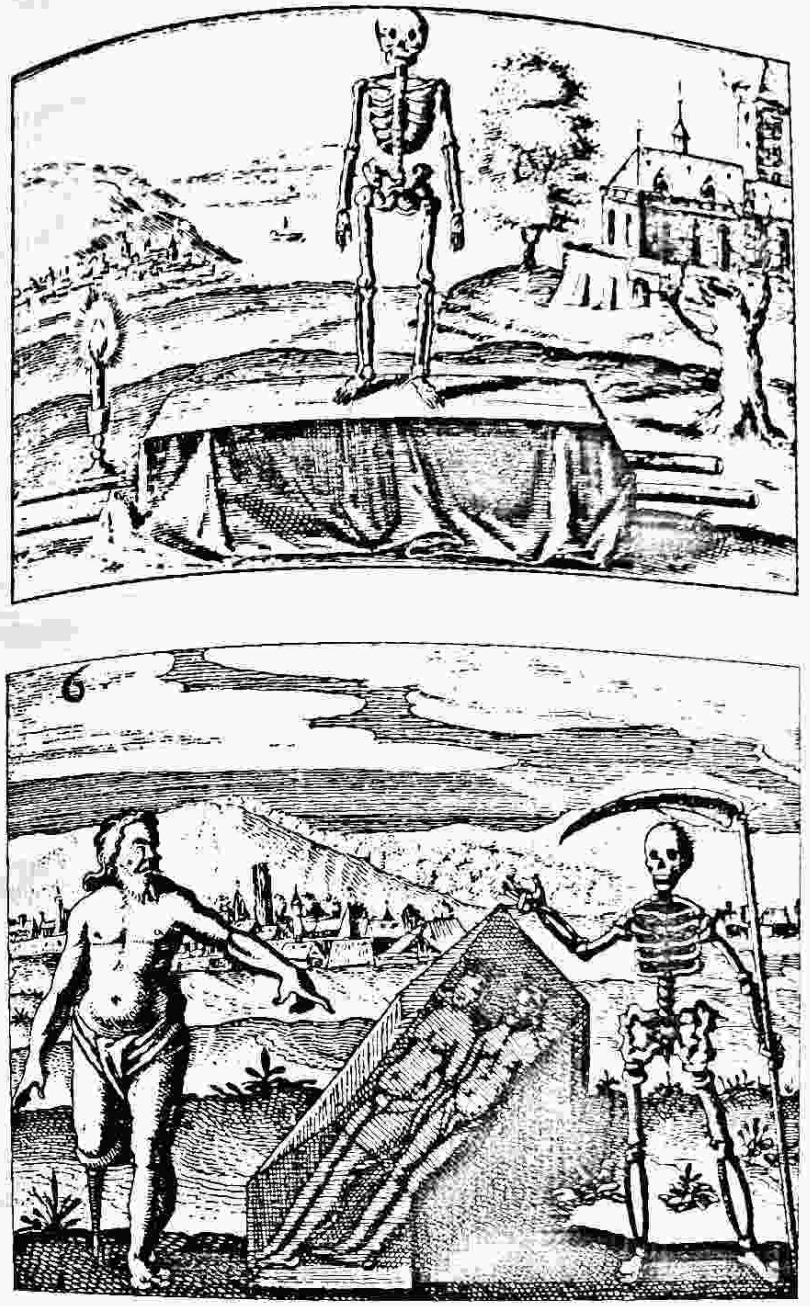


Figura 54. Acima: *Mortificatio* (extraída do *Hermetic museum*, 1678). Abaixo: *Mortificatio* (extraída do *Philosophia reformata*, de Mylius, 1622).

Interpretação junguiana: a descida ao obscuro mundo do inconsciente, a aventura arriscada da viagem marítima noturna, visa o restabelecimento da vida e a ressurreição e o triunfo da vida sobre a morte. A morte, por esse motivo, representa o término da descida do espírito na matéria (OC 12, par. 436). Jung adverte ainda:

> A consciência coloca-se numa situação perigosa pela descida ao inconsciente; aparentemente, é como se ela se extinguisse (...) A provocação deliberada ou consentida desta situação é um sacrilégio (...) (OC 12, par. 437).

Ritos de passagem são rituais de morte-e-renascimento através dos quais o indivíduo 'morre' para suas condições anteriores e nasce para uma nova. No passado esses ritos consistiam em cerimônias sagradas nas quais uma transformação psíquica radical era assegurada pelo simbolismo poderoso do ritual, que ativava os componentes arquetípicos. Nesses ritos solenes conduzidos dentro de um contexto sagrado, os indivíduos eram mutilados ritualmente com a aprovação absoluta dos deuses que mandavam os sonhos necessários para a conclusão do ritual. Para Jung a morte significa

> (...) um estado de absoluta extinção da consciência e, por conseguinte, uma completa estagnação da vida anímica enquanto capacidade de consciência. As coisas tomam um rumo catastrófico: em muitos lugares isso era objeto de lamentações anuais (como as lamentações de Linos, Tammuz, Adonis), e deve corresponder a um arquétipo importante (...) (OC 16, par. 469).

Perera, em *Descent to the goddess* (*Descida em direção à deusa*), 1981, descreve uma 'consumação catastrófica' no empalamento de Inanna:

> O sofrimento pode levar a uma passividade terrível, a uma inércia negativa (...) E no domínio de Ereshkigal existe uma pausa onde tudo é miasmático, inumano e incipiente. Inanna é (...) passiva, sem vida, reduzida à carne. Não há movimento, nenhuma aceleração aparente. Existe apenas a colocação do corpo na estaca (p. 37 do original) (...) O 'estacamento' dá continuidade ao processo que permite o nascimento da capacidade de estar separado e inteiro nele mesmo, (...) a capacidade de negar e afirmar, de permanecer firmemente assentado, de destruir e criar (p. 40 do original).

O desmembramento é, portanto, uma imagem central, um tipo de ato sacramental que visa a transformação. Trata-se de um motivo familiar comum aos mistérios de Dioniso, aos mistérios órficos, ao culto de Osíris etc. Os principais pontos de semelhança entre as manifestações desses mistérios da redenção são os seguintes: em Osíris, sua natureza humano-divina (que garante a imortalidade humana) está associada ao desmembramento e à ressurreição; em Orfeu, o domar das paixões e o ensinamento da sabedoria ligam-se à descida ao mundo subterrâneo e suas angústias; em Dioniso, as revelações extáticas encontram paralelo no desmembramento e na ressurreição (OC 12, par. 416, n. 36).

> O desmembramento da vítima corresponde à idéia da divisão do caos em quatro (...) partes. O propósito da operação é iniciar a ordenação na *massa confusa*. (...) O paralelo psicológico para isso é a redução da ordem, através da reflexão, dos aparentemente caóticos fragmentos do inconsciente que seguiram em direção à consciência (OC 13, par. 111).

Jung cita o caso de esquizofrenia de S. Spielrein, no qual ela relata desmembramento e recomposição, além de citar Eliade:

> O desmembramento é um motivo quase universal da psicologia xamanística primitiva. Forma a principal experiência na iniciação de um xamã (OC 13, par. 91, n. 4).

Ele argumenta (OC 13, par. 116, n. 111) que a *mortificatio* alquímica, o desmembramento, o esfolamento dizem respeito ao nascimento e à revelação do homem interior e que a *separatio* é representada também como o desmembramento do corpo humano (OC 13, par. 89). Além disso:

> O cadáver, enquanto vestígio do que já não é, representa o homem tal como foi até o presente momento, agora destinado ao trespasse. Os "tormenta" (tormentos) do processo alquímico (...) morte reiterada (....), trata-se de seccionar os membros, dividi-los em pedaços ainda menores, em matar as partes e convertê-las na natureza que está dentro dela [a pedra, da substância arcana] (OC 16, par. 478).

Em outra parte ele afirma:

> [A] imagem representa a "putrefactio" (putrefação), logo, a decomposição de uma estrutura que até então era viva. (...) esta morte é um estado intermediário, ao qual se seguirá uma nova vida. Não há vida nova que possa surgir, diziam os alquimistas, sem que antes morra a velha. Eles comparam a sua arte à atividade do semeador que introduz a semente do trigo na terra, onde ela morre, para despertar para uma vida nova (OC 16, par. 467).

Linguagem simbólica da imagem

Todo fim encerra dentro de si um novo começo. Essa transformação é prefigurada pelas cartas VII (o Carro), X (a Roda da Fortuna) e XII (o Enforcado), todas elas indicando o caminho para o desenvolvimento, o destino e colocando-nos à prova. A morte pode liberar a energia contida e desvitalizada pela inércia da matéria que se mostra cada vez mais incômoda.

A carta XIII nos apresenta símbolos de regressão, isto é, redução às formas elementais dos domínios vegetal e mineral. O esquecimento, o sono e a morte são diferentes níveis de manifestação do mesmo processo: a lembrança está para o esquecimento como o despertar está para o adormecer e o nascimento para a morte. Os tufos de grama sobre os quais a Morte caminha são símbolos do sono porque o sono profundo é um estado no qual vivemos uma vida vegetativa: somos como plantas quando dormimos profundamente. A flor murcha mas não destruída, desperta mais uma vez para uma nova vida, exatamente como a folhagem do broto emerge da terra. Essa imagem faz lembrar a passagem "Na morte" do Livro de recortes de citações de Jung de Una Thomas:

> Se ouvirmos as vozes tranqüilas da nossa natureza mais profunda, tornamo-nos cientes de que pouco depois da metade da nossa vida, a alma já dá início à sua obra secreta de preparação para a partida. Da agitação e do pavor da nossa vida, a preciosa flor do espírito começa a desabrochar — a flor de quatro pétalas da luz imortal —, e mesmo que nossa consciência humana não perceba essa operação inevitável, ela leva a cabo sua obra secreta de purificação.*

O esqueleto é o símbolo da morte porque reduz o fenômeno de um ser humano vivo, móvel e consciente ao fenômeno mineral: os ossos.

A forma crescente da foice liga esta carta à carta II, a Grande Sacerdotisa no seu aspecto de Mãe Atemorizadora. A coroa no chão indica uma passagem para um domínio novo e desconhecido; sugere a influência de um princípio novo, a orientação visando uma renovação espiritual e o sacrifício do passado. No chão espalham-se membros mutilados: pés, cabeças e mãos.

> A decapitação é importante como símbolo, por ser uma separação da "intelligentia" (inteligência) da "passio magna et dolor" (grande sofrimento e dor), que a natureza causa à alma. Ela é como uma emancipação (...) ou uma libertação da alma "das cadeias da natureza". Ela corresponde à intenção de (...) estabelecer uma "unio mentalis in superatione corporis" (união mental por meio da superação do corpo). (Jung, OC 14/2, par. 387.)

* Para o trecho acima utilizamos a tradução feita por Augusto de Campos, em 1994, pela Editora Imago (N. da T.).

As cabeças parecem estar vivas, a cabeça do homem simbolizando a sabedoria e a da mulher o conhecimento perceptivo, qualidades que não se perdem com a morte. Eles podem evocar a experiência de estados da consciência superiores não ligados à grosseira substância da matéria. A vivência do Si-mesmo é sempre uma derrota do ego, de acordo com Jung, e a alquimia exprime esse fato através dos símbolos da morte e mutilação (OC 14/2, par. 433; OC 16, par. 472). As cabeças, os pés e as mãos analisados em conjunto significam perda de consciência, de ponto de vista, abandono de ideais, interrupção de atividade, quer deliberada ou passivamente. Dispersos pela terra, eles evocam os antigos rituais de fertilidade nos quais o desmembramento precedia a ressurreição e a nova vida que esta última proporcionava. O desmembramento era um ato que invocava a magia e a graça divinas, sem as quais a infusão da vida naquilo que estava morto não poderia se dar.

Aqueles que trazem a morte por dentro sabem que só a graça divina pode ressuscitar o que está morto dentro deles. Isso também evoca o conceito da dissociação psíquica encontrado em manifestações neuróticas e psicóticas, bem como em estados de ansiedade fragmentada.

Na mitologia egípcia, Set mata Osíris, e isso introduz a noção do homicídio como condição prévia para a ressurreição e a transformação.

A Morte foi representada de muitas formas — como dançarina, embrião, ceifeira etc. Como dançarina, sugere a libertação da matéria, dos padrões de comportamento obsoletos; Xiva, o destruidor, é uma de suas imagens. A Morte como ceifeira evoca a ansiedade mortal da extinção ou o discernimento incisivo. Quando representada como água, lembra-nos que, quando aquecida, ergue-se como uma nuvem; quando esfriada, cai como chuva, neve ou gelo/granizo até retornar ao oceano do qual se originou. É o próprio oceano, impressionante e esmagador; é o abismo insondável e o espaço infinito. Como fogo, o ardor eterno no Hades é uma de suas imagens: é a chama imaterial que incendeia todas as formas, deixando a essência intacta. Como o colo da mãe, a Morte retrata o desejo incontrolável de retornar ao único lugar seguro, à única alternativa possível. O mesmo sentimento será expresso na imagem da morte como sono eterno. Quando representada como um embrião, significa regeneração, um processo holístico da transformação, ou, por contraste, o pesar por uma vida não vivida. A Morte representada como noivo significa medo e esperança: temor da aliança com algo estranho ou apreciação da nova vida. A Morte como o desconhecido pode denotar uma experiência que não pode ser partilhada ou um conflito com forças interiores negativas e destrutivas à espreita, aguardando qualquer tentativa de exploração de novas maneiras de ser. Também pode indicar o combate interior com a crença em Deus. Por último, a Morte como ar evoca a aniquilação ou o ser removido de lugares que foram nossos, expressa de forma tão pungente por Rilke (1981, p. 28 do original):

Erkennst du mich, Luft, du, voll noch
[einst meiniger Orte?
Du, einmal glatte Rinde,
Rundung und Blatt meiner Worte.*

* Me reconheces ar, nas tuas velhas lavras? / Outrora casca lisa, céu e folhagem das minhas palavras. Para esse trecho utilizamos a tradução feita por Augusto de Campos, em 1994, pela Editora Imago (N. da T.).

ג

XIV
Temperança

A letra Nun significa reencarnação, regressão, o fruto. Indica que os níveis espiritual e material são permutáveis: a fertilidade pode se dar na criatividade artística ou intelectual ou quando se tem um filho. Também significa multiplicação, solidariedade. No seu sentido negativo, indica magia sexual, sugestibilidade.

A transformação e a renovação são representadas aqui por uma figura alada, o poder do divino, vertendo o conteúdo de um jarro prateado num jarro dourado sem derramar uma gota na terra. Após o sacrifício da carta XIII, o ego encontra-se no processo de re-união com o Si-mesmo; essa morte e ressurreição não acarretam nenhuma perda para a substância espiritual. Os elementos da personalidade reestruturada são redistribuídos, avaliados, aprimorados, e um novo equilíbrio é estabelecido. Esta figura parece decantar a existência material na espiritual, transformando a matéria impura em um modo de ser mais diferenciado.

Em alguns baralhos a figura é representada com um pé no globo e outro num cubo (dado), uma imagem que indica a forma terrestre do quadrado transformada no círculo celeste. Além do mais, adicionando-se os números constantes em 3,1415 (que é π, a razão entre o comprimento de uma circunferência de círculo e o seu diâmetro), obtemos 14, o número da nossa carta. A Casa da Sabedoria tem 14 pedras angulares contendo as principais virtudes de toda a fundação: ela é construída sobre 14 pilares. No Egito antigo o faraó possuía 14 Ka's, descritos como atributos morais e físicos de força, luz, inteligência, visão, audição etc. De acordo com Böhme, o número 14 simboliza o Espírito Santo manifesto inconscientemente na natureza (Von Franz, 1966, p. 331 do original). Além do mais, o três duplo (espírito) acrescentado ao quatro duplo (matéria) também perfaz 14. Veja a figura 55.

Figura 55. Três duplo e quatro duplo. (Extraída de *Zur Symbolik geometrischer Figuren und Zahlen*, de Bernoulli, p. 409 do original.)

Temas, associações, correspondências

A Temperança denota intemporalidade, equilíbrio, renovação de idéias, a vida nas suas formas variáveis, refinamento, purificação, verificação, confirmação. Indica uma potencialidade intensificada atuando sobre circunstâncias externas, criando harmonia entre a força de vontade dirigida e consciente e os sonhos e fantasias, uma eficácia maior e uma nova consciência das forças úteis do inconsciente tornando-se consciente. A Temperança conota as constantes transformações da matéria viva, sua lenta libertação do aprisionamento num modo de percepção concreto e sensorial e a interação recíproca de todas as forças. Representa o julgamento moral que avalia todas as circunstâncias bem como a virtude da Temperança.

O ideograma para esta carta é

Amplificação astrológica: à Temperança têm sido atribuídos o planeta Júpiter e os signos de Câncer, Sagitário e Aquário. Câncer, o Caranguejo, era chamado pelos caldeus de "Portão do Homem" através do qual as almas descem, provenientes das esferas celestiais, procedendo à encarnação. Câncer representa a primeira imersão da vida, a entrada do espírito no corporal. Está associado com o fim e também com o início, pois é o ponto do Sol à meia-noite quando morre o velho dia e nasce o novo. Em Câncer, tanto o desejo regressivo pelo útero quanto o anseio místico por Deus encontram expressão. Como o caranguejo, que deve permanecer tanto perto da água quanto da terra, Câncer é levado a ancorar sua energia no mundo terreno concreto, conservando um pé eternamente na água do sentimento para que o próprio Câncer possa, finalmente, se tornar o útero através do qual as almas podem nascer (Greene, 1984, p. 203 do original).

Amplificação cabalística: embora a água seja o símbolo do pilar esquerdo feminino e passivo (Halevi, *O caminho da kabbalah*, p. 145 do original) e seja

representada pela letra hebraica Mem (uma das três letras-mães), é no pilar central da Árvore da Vida que a água encontra seu significado mais profundo. Diz-se que o Sefirah Yesod recebe as águas do alto, trazendo para Malkhut (a terra, o corpo) o espírito de Keter (Aleph, ar). As águas da alma podem, assim, fornecer uma ponte não só para a descida do espírito, mas também para a ascensão daqueles que desejam ligar-se novamente ao Divino.

Amplificação alquímica: a imersão na água significa *solutio*, uma dissolução no sentido concreto da palavra, mas também a solução de um problema. Assim, após a *putrefactio*, segue-se a *solutio*. À medida que a matéria dissolvida vai sendo fervida, gotinhas de vapor podem jorrar para cima ou para baixo em direção à fonte da Água da Vida.

> A água é o "deus ex machina" da alquimia, a solução milagrosa. A palavra "solutio" é usada tanto para a solução de um problema como para a solução química (Jung, OC 10, 628).

A *solutio* é, às vezes, um retorno ao obscuro estado inicial, ao fluido amniótico do útero. Os alquimistas freqüentemente salientam que sua pedra cresce como uma criança no útero da mãe; aos *vas hermeticum* eles denominam "o uterus", e ao seu conteúdo, "o fetus" (Jung, OC 14/2, par. 94). Os aspectos estáticos e fixos da personalidade que não levam em consideração nenhuma mudança devem ser decompostos e 'purificados' para que "possam ser regenerados ou para que nasçam de novo e tornem-se mais saudáveis, mais nobres e mais fortes" (Edinger, *Anatomia da psique*, p. 48 do original). Os alquimistas utilizavam a imagem do Mar Vermelho como uma forma da *aqua permanens*, o solvente universal, a forma líquida da pedra filosofal.

> Assim, aquele que passou pela *solutio* do Mar Vermelho é a meta do opus, o Si-mesmo. Ou (...) o Mar Vermelho é a totalidade da psique, o agente da *solutio* que o ego deve encontrar e pelo qual passará no caminho para a individuação (Edinger, *Anatomia da psique*, p. 72 do original).

O Mar Vermelho é, assim, igualado à redenção do valor perdido oculto na escuridão da matéria e a todo o processo alquímico da transformação.

Interpretação psicológica: a Temperança indica renovação da vida por meio da troca contínua entre o consciente e o inconsciente e por meio da reconciliação dos opostos resultante do sacrifício do ego e do fato de ter tido coragem de encarar o vazio. Através do processo progressivo de 'tornar-se consciente', o ego liga-se, de forma dinâmica, aos conteúdos psíquicos. A firmeza da vontade de sair em busca de metas mais elevadas é, desse modo, reforçada, e a realização

espiritual pode ocorrer. Uma vez que os grilhões de um ego rígido e fixo são quebrados (Morte, carta XIII), a conexão com o suprapessoal pode ser estabelecida, a confusão é substituída pela ordem, e a capacidade de distinguir e encarar a realidade é estimulada. Sob o ponto de vista clínico, essa transformação é expressa por um medo de água e de nadar, que se modifica para a capacidade de se confiar a um elemento estranho, símbolo do desconhecido, dentro e fora. De fato:

> "O primeiro grau da subida para as coisas superiores (...) é o esforço da fé (...); pois isso torna o coração do homem inclinado a *dissolver-se na água* (...)" (Dorn, citado em Jung, OC 14/2, par. 16.)

Interpretação junguiana: após descrever o negrume, que é a *immunditia*, o desasseio (OC 16, par. 468), bem como a *separatio*, a *divisio*, a *putrefactio* e a *mortificatio*, todos representando o estado de conflito caótico entre os quatro elementos hostis, Jung continua:

> (...) não deveria haver mais dúvida de que as trevas da escuridão são afastadas pela "aqua sapientiae", ou seja, pela "scientia nostra", a saber, pelo dom da arte régia e do seu saber, concedido por Deus. A "mundificatio" (purificação) significa (...) a eliminação de tudo o que é supérfluo e adere a todos os produtos meramente naturais, em especial àqueles conteúdos simbólicos do inconsciente que, para o alquimista, estavam projetados na matéria (OC 16, par. 486).

Essa *aqua sapientiae* é também

> (...) a "acqua benedicta" (água benta), dentro da qual se prepara o nascimento do novo ser. (...) A "acqua permanens" (água eterna) (...) e as expressões "oleum, oleaginitas, unctuosum, unctuositas" designam em particular a substância arcana, que o Mercurius também é. Esta idéia lembra imediatamente os óleos de diversos tipos e a água benta usados pela Igreja (...) uma outra maneira de representar essa dupla substância, provavelmente inspirada na *commixtio* (mistura) das duas substâncias no cálice da missa (OC 16, par. 454).

Além do mais, descobrimos que

> A água, porém, que mencionei é algo que desce do céu, e a terra com sua umidade a recebe, e a água do céu é retida pela água da terra e a água da terra, por causa de sua servidão e de sua terra, presta homenagem àquela, e água junta-se a água e água retém água (...) (Jung, OC 16, par. 483.)

O símbolo do Sol na testa do anjo significa consciência diferenciada; também implica coisas mantidas em equilíbrio, comportamento adaptado às circunstâncias, aumento e diminuição, crescimento e declínio. O símbolo do Sol também aparece nas cartas VII (o Carro), VIII (Justiça) e XX (Julgamento). Nessas cartas ele indica coordenação e direcionamento de energias construtivas. Aqui, na carta XIV, ele representa definição perspicaz de forças vitais, enquanto na carta XX ele indicará ação do espírito iluminada. O manto azul sobre o camisolão vermelho também lembra essas cartas. Os anjos aquecem e nutrem os embriões espirituais de modo que a força de vontade introvertida é sustentada ativamente. Este anjo tem asas, assim como a Imperatriz (carta III), mas ele não tem sua morada nos domínios inatingíveis; renova e reanima toda a vida, até mesmo a tulipa murcha a seus pés, com a água celestial. (O fluxo e refluxo dessa água-que-dá-vida indica também que a energia psíquica modula as funções do corpo e que tais mudanças podem ser experimentadas diariamente.) As figuras aladas são 'guardiãs do limiar' e anjos da guarda, representam o destemor e a espiritualidade individual. Este anjo, gênio alado, também significa orientação proveniente do alto, graça divina e intemporalidade. Ele é alado, ainda que esteja firmemente inculcado tanto no plano terrestre como no celestial. O anjo retrata a interação do Si-mesmo com o ego. Sugere uma consciência e uma preocupação com as imagens e figuras arquetípicas, que podem aparecer sob a forma humana ou sob qualquer forma a fim de tornar a essência do divino mais compreensível e mais palpável, e o efeito de seu poder mais evidente.

O fluxo da água entre os dois jarros significa integração com a dualidade e mediação; a matéria liquefeita corresponde à mudança espiritual. Os jarros de ouro e prata simbolizam as duas propriedades psíquicas — sentimento e razão — oprimidas pela corporalidade. O jarro de prata representa a fonte da água da vida, a Lua. O jarro de ouro representa o reconhecimento espiritual, o Sol.

A Temperança (carta XIV) está associada com o Eremita (carta IX); ela tenta realizar passivamente aquilo que ele procura ativamente. Yesod, o Sefirah que corresponde à carta IX, é denominado 'O Recipiente das Águas Provenientes do Alto', para que não esqueçamos que o elemento água é ativo em ambas as cartas.

Esta carta também é denominada 'Caminho do Arco', o caminho do progresso espiritual. A flecha no arco da carta VI [o(s) Amante(s)] expressa o desejo intenso de atingir a meta, a integração com as polaridades, a harmonização dos opostos, sendo os sexos o símbolo evidente. Esta flecha aponta para os genitais, dos quais nasce a semente da nova vida, e para o útero, no qual está contida a nova vida.

Quando a Árvore da Vida é olhada de baixo, a conexão ascendente direta no pilar central entre Yesod e Tiferet retrata o êxtase ao qual a alma é arrebatada, para cima, em direção a um nível espiritual superior. Esta conexão foi designada 'O Caminho da Flecha' e estava associada a Sagitário. Em astrologia, Sagitário tem conexões com o fogo, com o fervor ardente, e muitos o associam ao Carro (carta VII). Ele é representado por um centauro (metade cavalo/metade humano), portanto um arco e uma flecha apontados para o céu. É o símbolo do desejo ardente de superar a natureza animal. A imagem da Temperança declara o mesmo: com um pé na terra e outro na água, ela transpõe a dualidade. Dado o simbolismo da água associado a esta carta, a associação astrológica com Câncer (um signo da água) parece mais apropriada. De fato, o símbolo zodiacal deste signo ♋ é feito de dois círculos pequenos ligados por duas crescentes, como uma taça ou tigela. A taça superior está invertida, despejando água na inferior, exatamente como o anjo da nossa carta despeja a Água da Vida no jarro inferior da experiência material, transformando-a.

A figura com asas procede à mediação do fluxo e da corrente alternada infinita da energia psíquica entre o exterior e o interior, o consciente e o inconsciente. Esse 'papel' da Água da Vida renovando a alma só acontece pela graça de Deus.

A energia criativa da vida não pode ser encaminhada pela simples força de vontade.

> (...) não está em nossas mãos encaminhar uma energia "disponível", à vontade, para um objeto de nossa escolha (...) A energia psicológica tem o capricho de querer satisfazer suas próprias exigências (Jung, OC 7, par. 76).

Através do nosso anjo da guarda, podemos aprender a confiar nos poderes que operam no universo e em nós mesmos. Podemos deixar essas correntes mais profundas destruírem o obstáculo mantendo bloqueada nossa energia psíquica. Este "espírito que é água, ou água que é espírito, é essencialmente um paradoxo, um par de opostos (...)" (Jung, OC 13, par. 98). A água que é despejada de um jarro em outro pode ser um símbolo da união dos opostos, mistura de óleo com água, e/ou da decantação de um líquido impuro numa forma mais purificada do mesmo fluido. De fato, o líquido despejado de um jarro em outro é

> "(...) a água da qual tudo [se origina] e na qual tudo está contido e que é (...) água e alma (...)" (citado em Jung, OC 12, par. 336, extraído do *Turba philosophorum* em *Artis auriferae*).

Da mesma forma que a vida nasce da centelha dos opostos, também a água divina possui o poder da transformação; ela renova através da sua 'lavagem milagrosa' e anima a matéria inerte. Nesse novo equilíbrio, no fluxo dos opostos, a

libido encontra seu gradiente próprio; assim, um conhecimento interior, um centro de silêncio e força ocultos torna-se manifesto. Esta imagem mostra que existe uma maneira específica de integrar os opostos que gerarão um Terceiro elemento — Um Meio-Termo Justo — entre eles, uma proporção de grande valor que será o símbolo da relação do ego com o Si-mesmo. Toda a consciência, talvez sem estar ciente do fato, procura seu oposto inconsciente, sem o qual é condenada à estagnação, à congestão e à 'ossificação'. Mas a umidade anuncia o retorno da alma, a reconquista do sentimento após o estado improdutivo da abstração intelectual.

O orvalho caindo anuncia o retorno à vida e uma nova luz. A descida a regiões cada vez mais profundas do inconsciente converte-se numa iluminação vinda de cima (...) Essa umidade do orvalho corresponde, por um lado, à natureza da psique, (...) por outro, "ros" (orvalho) é sinônimo de "aqua permanens" e de "aqua sapientiae", que por sua vez significa a iluminação que se produz quando se dá sentido a algo (Jung, OC 16, par. 493).

ס

XV
O Diabo

Samech significa ira, suporte ou apoio, uma estaca. A estaca está para a barraca como a fundação está para a casa; o Si-mesmo é a fundação da nossa casa da vida. É o Si-mesmo que oferece sofrimentos e adversidades, ordálios que dão a oportunidade de respostas aos seus desafios. Samech sugere não só o potencial criativo da humanidade, mas também o conflito e a oposição que devem ser tolerados a fim de nos tornarmos mais preparados para uma missão superior, pois não podemos conhecer nossas forças ou nossas fraquezas até que tenhamos encontrado a tentação. A letra Samech é uma modificação do círculo. Diz-se que ele representa o uróboro, a serpente que morde a própria cauda, um símbolo da eternidade, da intemporalidade. Em Samech o tempo se torna intemporal; o primeiro e o último são um.

Esta carta, símbolo das transições difíceis, descreve o vórtice das forças decisivas, o cadinho do fogo da terra, os tesouros inestimáveis guardados pelos gnomos. Mostra que as fraquezas e os medos só podem intensificar-se e tornar-se obstáculos para o desenvolvimento ulterior caso não sejam reconhecidos. Cada ser humano deve aprender a enfrentar o fogo dos instintos; só depois disso pode transformar-se, tornando-se a fonte da iluminação espiritual. Nosso próprio espírito é aquele que tenta, que destrói e que liberta. As forças interiores tornam-se satânicas quando atuam autonomamente, quando sua força potencial não concorda com a harmonia fornecida pela legitimidade e totalidade. De fato, o mal pode ser definido como força deslocada: deslocada no tempo, faz-se antiquada; deslocada no espaço, surge no lugar errado; deslocada na proporção, é ou muito pequena ou muito grande. A estrada à frente só fica livre quando nos conscientizamos de nós mesmos lutando pelo poder, deturpando a verdade, manipulando de maneira desleal em nosso próprio interesse. Então a nuvem do desconhecido pode se dissipar, a multiplicidade na unidade pode ser reconhecida, e podemos deixar de ser tentados e perturbados pela pluralidade e pelo politeísmo. A figura do Diabo não deve ser interpretada exclusivamente em termos negativos: a tentação como desafio serve também ao conhecimento e à iluminação; conota ainda o inesperado e o inevitável e está ligada ao destino fatal.

Quando o 15 é visto como 3 x 5, enfatiza-se a trindade e sua relação com o ser humano. O cinco é o número do homem; seu símbolo é o pentagrama, que aqui (veja o ideograma) aponta para baixo e significa afundar na matéria. O três é representado por uma caricatura da Trindade: o trio diabólico, o demônio ameaçador, guardião do limiar, obstáculo para qualquer movimento ulterior postado num pedestal quadrado ao qual dois pequenos diabos estão presos. Similarmente, somos escravizados quando controlados pela sua energia negativa. Quinze, a soma dos números de 1 a 5 (1 + 2 + 3 + 4 + 5 = 15), é também o pequeno número da Lua.

Temas, associações, correspondências

Esta carta indica teste, confirmação, afirmação, servidão e as conseqüências dos conteúdos negativos inconscientes que contrariam nossa auto-imagem ideal. Retrata a limitação e a inércia; a resistência que opõe a forma massiva à força; a concretização passiva e maligna que, no entanto, fornece uma base para o desenvolvimento posterior.

A estrutura espiritual suprema é representada pela Trindade com o acréscimo de um quarto aspecto da quaternidade, o Diabo. (Veja a figura 56.) Essa quaternidade confirma o Espírito Santo como uma 're-síntese' do Uno original, que foi posteriormente cindido. Ele flui de uma fonte luminosa e de uma fonte escura (Jung, OC 11, par. 263).

O ideograma para esta carta é

Amplificação astrológica: ao Diabo são atribuídos os planetas Saturno e Netuno e os signos de Leão e Sagitário, este último devido à letra Samech, atribuída a esta carta. Saturno é o planeta das fronteiras, é limitação, inércia,

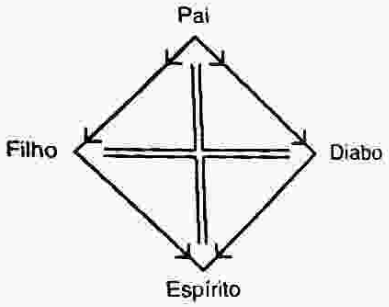


Figura 56. Quaternidade Pai-Filho-Diabo-Espírito.

sujeição às circunstâncias que minam a criatividade emergente. De fato, Crono/Saturno era conhecido por devorar seus filhos tão logo sua esposa Reia dava à luz. Na astrologia medieval, acreditava-se que Saturno era a morada do Diabo e que "dragões, serpentes, escorpiões, víboras, raposas, pássaros noturnos e outras raças pérfidas" pertenciam a ele (Jung, OC 9/2, par. 129). Da mesma forma que "o Diabo é qualquer Deus que começa a exigir obediência total" (Greene, 1984, p. 53 do original). Saturno também é construtor que, inflexível, insiste em manter o que construiu. Pois o tentador é também o redentor: os níveis superiores da iluminação são alcançados através da passagem pelo inferno, e é através da nossa sombra que nos ligamos às nossas profundezas. O Diabo é aquele que governa nosso inferno pessoal — os pensamentos, conflitos, aspectos de nós mesmos que provocam desagrado, repugnância, medo, e em geral perturbam ou desordenam nossa vida e nossa auto-imagem. Em Saturno (chumbo) existe um "demônio impudente que deixa os homens loucos" (Jung, OC 13, par. 164, n. 86), pois o Diabo é a forma saturnina da *anima mundi* (Jung, OC 13, par. 163, n. 85). Saturno — repleto de contradições, frio, estéril, melancólico e pernicioso — e também sábio, criterioso, confiável, o "ancião da montanha" no qual as "naturezas estão confiadas com seu complemento" (Jung, OC 13, par. 173, n. 39).

Saturno mostra claramente o preço de nossos desejos e vínculos; revela a verdadeira natureza do plano material. Saturno é o princípio da autopreservação e da contração. Pode se manifestar como atitudes rígidas e defensivas que rejeitam qualquer novo risco ou que cumprem hipocritamente as próprias responsabilidades e obrigações. Saturno também se relaciona com os velhos padrões de ajuste à vida e da personalidade que se tornam cada vez mais rígidos com o tempo, tornando-se auto-opressores e limitando a vida. No entanto, Saturno pode representar também uma pressão interior visando a realização; é o princípio do compromisso, da estruturação, estabilidade, autoconfiança, seriedade e prudência. Com Saturno somos levados a encarar o tempo, a morte e o destino fatal.

Amplificação cabalística: a maior fonte do mal reside na segunda luz do En Sof: "a luz que não continha pensamento". Essa luz não tem outro objetivo a não ser permanecer em si própria e resistir passivamente à estrutura da emanação que a primeira luz do En Sof, "a luz que continha o pensamento", construiu. Assim, a dualidade entre as formas da matéria amorfas e estruturadas (sendo a raiz do bem e do mal) se origina no En Sof, e a raiz do mal, um princípio dentro do próprio En Sof, mantém-se distante da criação, procura fazer com que as formas da luz que contêm o pensamento não sejam atualizadas e luta para frustrar e destruir o que quer que seja construído por essa luz. O mal é, por esse motivo, o resultado de uma dialética entre dois aspectos da luz no En Sof, e sua atividade origina-se da sua oposição à mudança (Scholem, *Cabala*, p. 126 do original). A

cabala também discute o Qliphot (Kellippot), o domínio dos demônios ou o mundo das conchas, um arranjo da Árvore da Vida. Essas forças, provocadas pela distorção, pelo desequilíbrio e pela atrofia, manifestam-se quando o excesso é alcançado pela atividade demasiada ou pela resistência excessiva. O simbolismo das conchas indica sua fixidez, sua interrupção do fluxo, sua separação do corpo vivo. Todos os fenômenos 'kellippóticos' revelam um distúrbio na interação natural dos Sefirot. Qualquer distorção permanente na Árvore produz uma circunstância desastrosa (Halevi, *A árvore da vida*, p. 79 do original).

Amplificação alquímica: os alquimistas estavam cientes do perigo da energia demoníaca, que se manifesta procedendo à oposição ao trabalho. De acordo com eles, o diabo

> (...) instila [sic] negligência, impedindo nossas intenções; por todos os lugares ele se insinua, por dentro e por fora, provocando enganos, medo e um estado de despreparo, e às vezes procurando fazer com que abandonemos o trabalho nos importunando e causando danos (Jung, OC 13, par. 430).
>
> O Diabo provoca impaciência, dúvida e desespero durante o trabalho (Jung, OC 11, par. 139, n. 22).

No seu *Mercurius duplex* os alquimistas viam, de um lado, Hermes o mistagogo e psicopompo; do outro, o dragão venenoso, o espírito do mal e o traiçoeiro (Jung, OC 9/1, par. 689). O *filius philosophorum* dos alquimistas é uma das diversas manifestações do Mercurius duplex, ambíguo e capaz de tudo. Seu lado obscuro apresenta uma afinidade óbvia com o diabo, o verdadeiro *principium individuationis* (Jung, OC 11, par. 470). De fato, das profundezas psíquicas de onde provêm os elementos destruidores, as forças da salvação também nascerão (Jung, OC 11, par. 532).

Na tradição alquímica, a *prima materia* é saturnina e no maléfico Saturno habita o diabo, a coisa mais desprezada e rejeitada, encontrada na imundície. Esses epítetos sugeriram a Jung que os alquimistas descobriram na projeção as qualidades do inconsciente (OC 13, par. 209). A *coagulatio* é explicitamente associada na alquimia ao mal, ao chumbo, e a Saturno, o princípio maléfico. O chumbo, de acordo com Jung (OC 14/2, par. 137, n. 296), significa os sofrimentos e incômodos pelos quais Deus nos visita e reconduz ao arrependimento. O desenvolvimento do ego está associado à experiência do mal: a consciência do nosso próprio mal, isto é, a consciência da nossa obscuridade, coagula-se. É necessário deixar espaço para o mal caso se deseje contribuir para o mundo real, e ser um ego associa-se inextricavelmente à culpa, que é punida pela *coagulatio*, confinamento dentro dos limites da própria realidade pessoal. A existência corporificada é experimentada como escravidão, como *coagulatio* e

como mal, pois confina a alma. Todo o processo do desenvolvimento psíquico individual, isto é, o ego surgindo do estado de unidade original imbuído da 'psique objetiva', pode ser considerado um processo da *coagulatio* e será relacionado ao comer da fruta da árvore do conhecimento do bem e do mal e à tentação pelo diabo, que tudo provocou.

Interpretação psicológica: o Diabo é uma imagem primordial que pertence ao princípio da existência, o grande tentador representando a essência e a energia da força contrária criativa; o menos reconhecido, o mais perigoso. Enfrentar as forças obscuras existentes dentro de nós é tão inevitável quanto encarar a morte. Somente através do confronto corajoso de nossos defeitos e falhas já incorporados evitaremos que eles se transformem nos dragões da nossa destruição. A natureza não deve ser desprezada, pois, em represália, ela nos escravizará ou aniquilará.

Interpretação junguiana: Mefisto descreve a si mesmo como "Parte daquela força que sempre trabalha o mal mas engendra o bem" (Goethe, *Fausto*, parte I). Goethe descreve aqui a libido como uma força da natureza, boa e má ao mesmo tempo ou moralmente neutra. De forma similar, Lúcifer não é simplesmente o mal, mas o bem e o mal, ou um sistema de forças superiores nas inferiores. Como o dragão urobórico, ele fecunda, pare, vivifica e devora a si mesmo, uma descrição que sugere sua identidade básica com o inconsciente coletivo.

> Aceitar o inconsciente é, de um lado, uma tentativa de compreender o mundo arquetípico da psique e, de outro, uma luta travada contra o perigo (que ameaça a sanidade) da fascinação pelas culturas, profundezas e paradoxos infinitos da verdade psíquica (...) Aqui a mente do homem confronta suas origens; a consciência finita, seu Si-mesmo imortal (...) Parente e estranho ao mesmo tempo (...) quanto mais é limitado pelo tempo e espaço, mais ele se sentirá o outro, como aquela difícil luta superior que cruza seu propósito a cada passo mal orientado, que dá ao destino uma propensão inesperada e estabelece como uma tarefa a própria coisa que temia (OC 13, par. 210).

A agitação na escuridão assemelha-se necessariamente a uma traição diabólica do ideal do desenvolvimento espiritual. Mas o diabo também é contemplado com a mesma substância espiritual, não obstante se trate de uma substância corrupta e maligna. Para Jung, essa identidade original da substância

> (...) é expressa ainda (...) na conexão existente entre Jeová e Satanás no Velho Testamento. Pode existir um eco dessa conexão primitiva no Pai-Nosso, onde dizemos "Não nos deixeis cair em tentação" — pois não é realmente esse o objetivo do *tentador*, do próprio diabo? (OC 9/1, par. 394.)

Jung também sugere que no dogma cristão o moralmente ambíguo Yahweh tornou-se um Deus exclusivamente bom, enquanto todas as coisas malignas foram atribuídas ao diabo.

> É como se o desenvolvimento da função do sentimento no homem ocidental tivesse imposto a ele uma escolha, escolha essa que o levou à divisão moral da divindade em duas metades (...) Graças ao desenvolvimento dos valores do sentimento, o esplendor do deus 'da luz' foi realçado além dos limites, mas a escuridão supostamente representada pelo diabo localizou-se no homem (...) [O] diabo foi em grande parte, se não totalmente, abolido, resultando que essa figura metafísica, que numa determinada época foi parte integral da Deidade, foi incorporada no homem (...) Pensamos que o mundo das trevas foi então abolido de uma vez por todas e ninguém compreende como isso é prejudicial para a alma do homem (OC 9/1, par. 189).

O diabo representa a sombra, que ultrapassa o pessoal e poderia, por esse motivo, ser melhor comparada com o princípio do mal.

> O mal é o oposto necessário do bem, sem o qual o bem não existiria. É até mesmo impossível imaginar nossa existência sem o mal (...) A idéia de que podemos simplesmente dar as costas para o mal e dessa forma evitá-lo pertence à longa lista de ingenuidades antigas (OC 9/1, par. 567).

Em nossa cultura, o risco corrido por termos privado a divindade das trevas e do mal teve trágicas conseqüências:

> (...) uma vez que a realidade do mal e das trevas não podia ser negada, não houve outra alternativa a não ser tornar o homem responsável por ela (OC 9/1, par. 189).

> Mas uma das regras da Psicologia diz-nos que o arquétipo que perdeu sua hipóstase metafísica se identifica com a consciência individual, (...) E como um arquétipo possui sempre uma certa numinosidade, sua integração produz, em geral, uma inflação do sujeito (...) Esta figura penetra (...) a Psicologia política, até a época mais recente, mostrando que se encarnou na criatura humana, com todas as conseqüências decorrentes de uma tal dominação (OC 11, par. 472).

De fato:

> [Toda] verdade espiritual transforma-se gradualmente em algo material. (...) Um alquimista poderia ainda suplicar: "Purifique a tenebrosa treva de nosso espírito", mas o homem moderno já está tão obscurecido que nada afora a luz do seu próprio intelecto ilumina seu mundo. (...) É precisamente por isso que tais coisas estranhas estão ocorrendo em nossa tão enaltecida civilização, mais como um *Götterdämmerung* do que qualquer crepúsculo normal (OC 13, par. 302).

Na terapia, podemos nos conscientizar da presença de forças destrutivas associadas a esta carta todas as vezes que um processo terapêutico pára. Jung afirma:

> Por trás da mandala se esconde o diabo (...) Esse aspecto sombrio da mandala representa as tendências desordenadas e destruidoras, o 'caos' que se oculta por trás do si-mesmo e que irrompe de uma maneira perigosa logo que o processo de individuação pára, ou quando o si-mesmo não é realizado, permanecendo assim inconsciente (OC 9/1, par. 689).

Jung também argumenta que

> (...) o mal não tem substância própria, mas decorre "de uma mutilação da alma", e se (...) está convencido de que o mal é real, é porque a realidade relativa do mal tem suas raízes em uma "mutilação" efetiva da alma, que deve ter igualmente uma causa real (OC 9/2, par. 85).

As implicações dessa declaração tanto para o analista quanto para aquele que é analisado parecem estar longe da compreensão daqueles casos de 'homicídio da alma' e sua manifestação clínica. Jung também observou que

> Uma vez que [o trapaceiro] ocasionalmente descreveu a si mesmo como uma alma no inferno, o motivo do sofrimento subjetivo também não parece faltar (...) Há algo do trapaceiro no caráter do xamã e do 'homem-medicina' (...) [A] 'feitura de um homem-medicina' envolve, em muitas partes do mundo, tanto sofrimento do corpo e da alma que os ferimentos psíquicos permanentes podem resultar (...) na confirmação da verdade mitológica de que aquele que fere é o agente da cura e aquele que sofre acaba com o sofrimento (OC 9/1, par. 547).

Linguagem simbólica da imagem

A figura do diabo é retratada como um hermafrodita. Engloba os quatro elementos: as pernas escuras correspondem às profundezas obscuras da terra, e as escamas que as cobrem se relacionam com o elemento água; as asas estão associadas com o elemento ar, e a cabeça vermelha evoca o elemento fogo. A mistura de diferentes elementos (masculino/feminino, animal/humano, pássaro/peixe) dá a impressão de uma desordem caótica, de uma reversão de todas as qualidades básicas aos seus opostos. No entanto, o material do qual nosso mundo é feito adquire forma através das relações entre os quatro elementos. Assim, a vida e a criatividade são experimentadas através da utilização das polaridades dos opostos.

Ao sofrer a tensão entre esses opostos, somos confrontados com nossa sombra, nossa cegueira, nossas ações e nossa 'representação', e, embora a confiança exclusiva num ego pessoal seja a base de toda a vaidade, de toda a sensualidade descomedida e de toda a falta de conhecimento das próprias forças espirituais, é também a base de toda a diferenciação.

O diabo, o lado obscuro, é a outra face da natureza celestial; é o aspecto grotesco e sinistro do inconsciente. Aqui somos lembrados de que Gevurah, o quinto Sefirah (veja o capítulo sobre a carta V, o Grande Sacerdote), é definido como "a mão esquerda do Sagrado, abençoado seja Ele" e como "uma qualidade cujo nome é mal". Esse espírito tem muitos ramos nos poderes restritivos e limitadores do universo (Scholem, 1974, p. 123 do original). O diabo é frequentemente identificado com a Serpente no Jardim do Éden, o tentador, mas também é conhecido como o liberador do instinto abafado. A magia negra associada ao diabo parece ter sido apreendida na figura 57.

8	1	6
3	5	7
4	9	2

Figura 57. O quadrado mágico.

Os números ímpares formam a cruz central; os números pares são relegados aos cantos, outra associação com os quatro elementos [e uma conexão antecipada com os quatro evangelistas da carta XXI (o Mundo)]. Nesse arranjo único dos números de 1 a 9, cada fileira, cada coluna e cada diagonal somam 15, o número do Diabo. Quinze é também o número de Pã, o selvagem deus da natureza e regente terreno da geração que representa o poder indômito do instinto (sugerido pelas patas de bode com as quais ele é normalmente retratado). Tendo em vista que a solidez materialista é uma condição para toda a manifestação, não causa surpresa o fato de que, para aqueles que se esquecem de Lúcifer, o *lumen naturae*, que poderia ter trazido luz, se torne o pai das mentiras, um psicopompo transformado num sedutor diabólico. Todavia, a luz da natureza é a *quinta essentia extraída* dos quatro elementos pelo próprio Deus e que habita em nossos corações (OC 13, par. 148). Pois,

(...) o que acontecerá [com o médico] quando perceber, com inelutável clareza, as causas do mal de que o seu paciente sofre, isto é, que ele é *carente de amor* e não possui senão a sexualidade; que lhe falta a fé, porque ele receia a cegueira; que vive sem esperança, porque a vida e o mundo o decepcionaram profundamente; e que atravessa a existência mergulhado na ignorância, porque não soube perceber sua própria significação? (...) Aliás não se pode imaginar qualquer sistema ou verdade que tragam ao doente aquilo de que necessita para a vida, a saber, a crença, a esperança, o amor e o conhecimento. Estas quatro conquistas supremas do esforço e das aspirações humanas são outras tantas graças (...) (OC 11, par. 499-501.)

São justamente essas graças que são perdidas quando o diabo assume o comando e a luz desvanece. A incapacidade de relacionar o amor e a luz, de um lado, com a escuridão e a sujeição às circunstâncias, de outro, aniquila qualquer criatividade emergente tão característica de Saturno. Quanto mais brilhante é a luz, mais escuras são as trevas.

> A escuridão crescente alcança sua maior intensidade no dia de Vênus (sexta-feira) e se transforma em Lúcifer no dia de Saturno. O sábado anuncia a luz que aparece com força total no domingo (OC 13, par. 301).

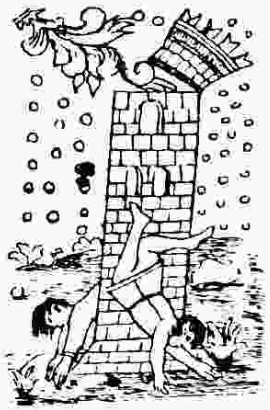
O Diabo segura uma tocha voltada para baixo que ilumina o mundo da ilusão, a inspiração contrária desencadeando as forças da destruição. O conhecimento excessivo do mal pode levar à possessão por ele e seu caos; ao mesmo tempo pode levar à perda da fé na ordem oculta dentro do caos. Temos certamente o poder de gerar imagens destrutivas, mas o uso das forças destrutivas torna o gerador um escravo do gerado.

O pentagrama na testa do Diabo aponta para baixo, indicando que o *insight* na totalidade das interações permanece incompleto uma vez que não estamos ligados a nossas naturezas biológicas sem motivos egotistas ou distorcemos a verdade através da mentira e da injustiça. Tais esforços nos submetem às forças que utilizaríamos. É essencial que não neguemos nosso instinto uma vez que estamos ligados ao nosso corpo, enquanto, ao mesmo tempo, faz-se imperativo que evitemos seu uso impróprio.

As patas e chifres do Diabo salientam o elevado valor do instinto; a cabeça vermelha retrata a intensidade ardente da paixão liberta, o poder irresistível e terrível da procura animal do desejo brutal. Todavia, também pode representar o poder pulsando que renova todas as formas e artes da vida e permite que elas persistam. Os chifres são também um símbolo de renovação espiritual para aqueles que estão cientes de tudo o que permanece não domesticado dentro deles até que o conflito entre os opostos seja superado. Tendo em vista que o morcego (como o cavalo) pode encontrar seu caminho no escuro, suas asas semelhantes à do morcego indicam a evolução ascendente intuitiva.

As pernas escamosas fazem lembrar os gnomos que zelam pelas riquezas da terra, as próprias escamas simbolizando o elemento água que sustenta a vida. A forma semelhante ao olho presente em suas pernas traz à mente o olho secreto do falo e a serpente do Jardim do Éden [carta VI, o(s) Amante(s); no baralho de Rider], como os sinais da yoni e do linga na mão esquerda erguida parecem mostrar. As duas figuras acorrentadas representam a escravidão da humanidade ao materialismo e a falta de conhecimento resultante do nosso potencial para forças e capacidades espirituais. Elas podem simbolizar ainda o consciente e o inconsciente ou o *solve et coagula* alquímico. O pedestal lembra o trono do Imperador (carta IV); no entanto, o formato não é quadrado, mas sugere o tártaro do alquimista ⊽, uma substância que os alquimistas associavam ao 'tartarus', ou inferno. O vermelho do pedestal revela a ação do fogo central, que está ligado ao fogo de cima. O pedestal também representa a resistência que o elemento terra (forma) opõe ao poder, o mal negativo que no entanto fornece a oportunidade de chegar à base.

O Diabo influencia a Justiça (carta VIII), uma advertência de que o mal é o resultado da justiça atenuado pela misericórdia. Entretanto, a partir da vitória da justiça sobre o instinto descontrolado, um novo e criativo curso pode se desenvolver. O Diabo representa a sombra individual e coletiva, a limitação da personalidade total através do estar tomado por um complexo (tornar-se inconsciente), identificação com a persona (tornar-se inflado), ou possessão pela anima (tornar-se mal-humorado, volúvel ou mentir) ou pelo animus (tornar-se severo, sedento de poder ou propenso ao conflito). A sombra vista positivamente está a serviço da expansão da consciência através da assimilação dos conteúdos anteriormente incompatíveis e através da recuperação da energia utilizada para reprimi-los.



ע

XVI
A Torre da Destruição

A letra Ayin significa destruição, transformação, regeneração pela libertação do que se tornou insensível. Significa ruína, transmutação, desgraça, restrição do desenvolvimento prematuro. Quando todos os perigos parecem superados, a pretensão constrói uma Torre de Babel. O indivíduo imagina que se tornou divino; acredita que a própria meta foi alcançada; a torre é então designada *A Casa de Deus*, construída para celebrar a própria santidade 'autopercebida'. Mas o orgulho é o pecado primordial e é, por isso, punido com a maior das inclemências: o raio faz desmoronar a torre e lança seus construtores ao chão. Tudo então chega ao fim. Em seu sentido negativo, a Torre significa conspiração ou exorcismo.

O número 4 é quadrado: 4 x 4 = 16. O 16 também pode ser visto como 10 + 6, conotando (X, a Roda da Fortuna) o movimento perpétuo circular, as estruturas temporárias do ciclo da existência humana, involução e evolução, aumento e diminuição, mais [VI, o(s) Amantes(s)] masculino e feminino, *yin* e *yang*.

Temas, associações, correspondências

A Torre da Destruição sugere que o indivíduo pode chegar ao *insight* apenas deixando de lado sua presunção. Esta carta denota pecado, despertar e redenção; indica egocentrismo e pode sugerir perda de posses.

O ideograma para esta carta é

Amplificação astrológica: à Torre da Destruição têm sido atribuídos os planetas Mercúrio, Marte ou Júpiter, e os signos Virgem e Capricórnio. Decidi atribuir a ela o planeta Urano, que, na melhor das hipóteses, é o grande libertador, aquele que desperta, o iluminador que revolve a vida interior e exterior de uma pessoa com tal intensidade que as coisas nunca mais são as mesmas depois disso. Urano simboliza uma força que se manifesta como mudanças repentinas

no padrão de vida, alterações súbitas de consciência, lampejos de *insight*, explosão de novas idéias e concepções originais. Trata-se de um canal através do qual forças poderosas fluem em direção à consciência. Urano também é expresso como estado de rebeldia, independência, o inconvencional e o errático. Não é sempre que age de forma destruidora, mas seu estado destrutivo faz-se sempre presente quando se resiste à sua influência. As mudanças radicais realizadas por Urano desorganizam o velho e organizam o novo. Urano acelera o ritmo da natureza; como resultado, um indivíduo pode se sentir irritado, inquieto e tomado por um desejo esmagador de mudança e de liberdade. Urano fornece a sensibilidade psíquica aumentada e o *insight* intuitivo além das barreiras de espaço e tempo e além da sabedoria convencional. Entretanto, sob a influência de Urano, podemos nos tornar tão absortos na excitação da descoberta e da experiência que podemos chegar aos extremos de menosprezo absoluto pela tradição e pela limitação humana. A obstinação voluntariosa pode, então, obliterar qualquer sentido de proporção (Arroyo, 1978, pp. 40-42 do original).

Amplificação cabalística: para ter acesso aos mundos superiores exige-se grande responsabilidade, pois existem os perigos do excesso, da fraqueza, da indecisão, da tentação, do convencimento e de muitos outros riscos desconhecidos para aqueles que não procuram a porta de acesso à imortalidade.

O envolvimento direto no Trabalho de Unificação — como a cabala é às vezes denominada, a fim de unir os mundos interior e exterior, os níveis da existência superiores e inferiores na consciência — significa que após alcançar um determinado ponto de ascensão, a fase do empréstimo tem início, uma obrigação que necessita de uma 're-descida'. O resultado de realmente ter alcançado o topo é a perspectiva que o pico transmite, e é essa perspectiva que gera o desejo de retornar ao chão. Apreender as leis da vida divinas e misteriosas é uma graça que tem de ser traduzida humildemente, dando-se aos outros o que foi concedido a nós.

Amplificação alquímica: quando o processo traz a operação da unificação apenas ao nível de um exercício mágico referente à presunção pessoal e ao interesse particular, o que é o oposto do objetivo do trabalho, a energia oposta é diametrialmente constelada e um acontecimento explosivo e destrutivo fará com que todo o trabalho venha abaixo. Todas as vezes que a *coagulatio* fixa o ego numa posição de convencimento, segue-se a *sublimatio*. A *sublimatio* pode ser experimentada como o triturar e o martelar para provocar o movimento necessário para sublimar o corpo ou coagular o espírito. A *sublimatio* não é só a purificação de algo transcendente da sujeira pela materialidade opaca e espessa; é também o triturar e o forjar de algo elevado artificialmente, a identificação rígida com as alturas espirituais como um refúgio do, e um ato de evitar o, reconhecimento de que o estágio apropriado do opus é a *mortificatio*, a *combustio*, a *incineratio* ou a *calcinatio*.

Lembro-me de uma paciente que, após três meses de análise, relatou um sonho no qual fora presenteada com uma placa retangular prateada muito bonita, forjada finamente. Ela imediatamente identificou o objeto como uma indicação do estágio da *albedo*, ciente de que a prata é um símbolo da luna alquímica e que

> (...) Luna dá à tintura um belo alvor, sim, a cor branca mais perfeita, e um forte brilho e luminosidade. A escuridão então se converte em luz e a morte em vida. E este alvor tão luminoso costuma desabrochar em alegria e esperança no coração do Artista, pois a obra transcorreu favoravelmente e teve um final tão feliz. Deste momento em diante, a cor branca revela ao olho iluminado da alma a pureza, a inocência, a santidade, a simplicidade, uma vontade unificada, uma disposição de espírito celeste, de santidade e justiça que revestem por completo a tintura, como se fora um vestido: é luminosa como a lua, bela como a aurora (OC 16, par. 514).

Na melhor das hipóteses, tratava-se de um sonho prospectivo, mas, na interpretação dela, tornou-se o apoio para uma prematura reestruturação do ego numa *sublimatio* 'menor'. A tarefa de 'forjar' o feminino, simbolizada pela prata, ainda aponta para a frente. Muito mais uma filha do patriarcado, ela sobreviveu através da sua função de pensamento e de um *animus* muito agressivo. A fim de alcançar a *sublimatio* 'superior', ela teve de descer nas suas profundezas interiores, um trabalho lento e doloroso de decomposição, antes que uma ascensão a um espírito feminino autêntico e renovado pudesse ser abordada. A imagem da Torre é um símbolo típico da *sublimatio* (Edinger, 1985, p. 127 do original). Quando matéria e espírito estão entrelaçados, a *sublimatio* eleva-nos acima do concreto e do pessoal. O risco é que o indivíduo pode ser tragicamente apanhado no dinamismo arquetípico da *sublimatio*, o qual nos impele então a ir mais longe, a partir da realidade terrena, até que a enantiodromia inevitável faz com que nos espatifemos no chão. O salto relutante no desconhecido pode então nos envolver no próprio destino do qual estivemos fugindo e para o qual condizíamos (Jung, OC 7, par. 236).

A *sublimatio* e a *coagulatio* repetem-se muitas vezes até que todos os aspectos do ser de um indivíduo sejam revelados por essa *circulatio* e que se tenha feito o circuito dos complexos o suficiente para provocar a sua transformação (Edinger, 1985, p. 143 do original). A relativa liberdade e perspectiva do estado sublimado é uma realização importante no desenvolvimento psíquico, mas pode ser desastrosa caso se permaneça enredado no céu (figura 58); a ascensão e a descida são ambas necessárias. Uma personalidade unificada é capaz de ligar o de baixo (pessoal) ao de cima (arquetípico).

Tanto na alquimia quanto na cabala, o movimento não é uma subida de mão única para o céu. Contrastando com a rota seguida pelo redentor cristão, que vem de cima para baixo e retorna para o alto, em alquimia o *filius macrocosmi* começa de baixo, chega às alturas e, com as forças do superior e do inferior unidas, volta à terra (Edinger, 1985, p. 144 do original).

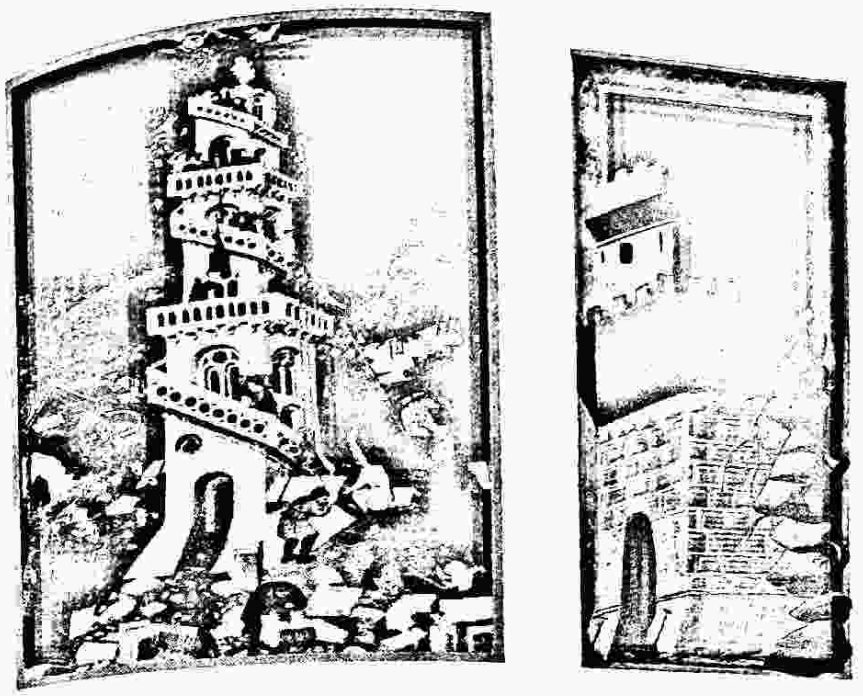


Figura 58. A Torre de Babel. A torre à esquerda foi extraída do *Bedford book of hours* (*Livro das horas de Bedford*); à direita, vemos a torre em ruínas do tarô de Gringonneur, um baralho que data do século XIV.

Interpretação psicológica: todas as vezes que o ego se identifica com as energias transpessoais da psique e as utiliza para o prazer pessoal, o resultado é a derrota e a destruição.

> A paixão eleva o homem não só acima de si mesmo, mas também acima dos limites de sua condição de mortal e mundano e, ao elevá-lo, ela o destrói. Esta "ascensão" mitologicamente encontra sua expressão na construção da torre de Babel, que traz confusão aos homens (...) (Jung, OC 5, par. 171.)

A similaridade comum entre os diversos tipos de pessoas que partilham traços *puer / puella* é uma recusa consistente de tomar o caminho mais difícil da adaptação comum e do trabalho perseverante. O que se prefere é a escapada habitual no extraordinário, no excitante, no único, o caminho do vôo grandioso num reino encantado 'além do arco-íris' ou num Jardim do Éden espiritual,

idealizado e fictício; o isolamento magnificente numa torre de marfim é preferido à interação comum, humana, vulgar. Pois, paradoxalmente, esta nostalgia do absoluto pode expressar uma luta para resgatar o Si-mesmo de um estado inconsciente, e o desejo do espírito e do espiritual permanece no âmago de todos os esforços humanos de desenvolvimento.

Interpretação junguiana: em "O problema dos tipos na arte poética" Jung afirma:

> Sem dúvida, a torre significa firmeza e segurança, como no Salmo 61,4: "Tu és meu refúgio, uma torre forte diante de meus inimigos". Deve-se excluir, por contra-razões interiores profundas, qualquer semelhança com a Torre de Babel (OC 6, par. 439).

A imagem que nossa carta apresenta é a da destruição — o raio fulgura, as ameias tombam. As similaridades existentes entre a carta XVII e a Torre de Babel tornam-se evidentes quando comparamos a carta da Torre da Destruição do baralho de Gringonneur (do século XIV) e a Torre de Babel extraída do *Livro das horas de Bedford* (veja a figura 58, à página 261). Qual atitude interior poderia ter ocasionado o fato? O isolamento na torre de marfim pode ser o resultado

> (...) que sufoca a autoconfiança ou intensifica a importância do ego, levando-o eventualmente a uma patológica vontade de poder (...) Se através da assimilação do inconsciente cometermos o erro de incluir a psique coletiva no inventário das funções psíquicas pessoais, ocorrerá inevitavelmente uma *dissolução da personalidade em seus pares antagônicos* (...) Alguns se apropriam da virtude coletiva como de um mérito pessoal, outros encaram o vício coletivo como uma culpa que lhes cabe. As duas posições são tão ilusórias quanto a mania de grandeza e o sentimento de inferioridade (OC 7, par. 235, 237).

Jung argumenta em seguida:

> Em sua identificação com a psique coletiva, ele tentará impor aos outros as exigências do seu inconsciente, uma vez que esse tipo de identificação acarreta um sentimento de validez geral ("semelhança a Deus") (...) (OC 7, par. 240.)

A Torre da Destruição [ou *La Maison Dieu* (A Casa de Deus), como esta carta é chamada nos baralhos de Oswald Wirth e no tarô de Marselha; veja a figura à página 263] pode, assim, ser vista como um símbolo do orgulho, do convencimento e da megalomania, uma expressão de auto-exaltação, ilustrada na construção da Torre de Babel:

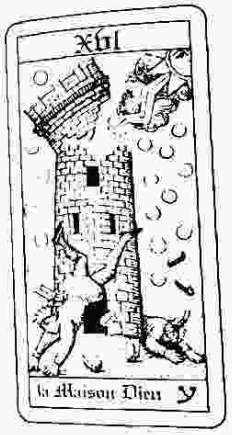
> Depois disseram: "Vamos, façamos para nós uma cidade e uma torre cujo cimo atinja os céus. Tornemos assim célebre o nosso nome, para que não sejamos dispersos pela face de toda a terra" (Gênesis, 11, 4).

Desafiar o *numinosum* constela o *tremendum* e tem um efeito terrível e fragmentado.

> (...) quando o homem se identifica com os conteúdos a serem integrados, ocorre uma inflação (...) [que] se assemelha a uma megalomania mais ou menos consciente (...) Na alquimia, pelo visto, a inflação assume a forma de um edema psíquico (OC 16, par. 472).

> O homem racional deste mundo tem que se diferenciar daquilo que ele é "na eternidade", digamos assim (...) [As] verdades "eternas" tornam-se perigosos fatores de perturbação, quando oprimem o eu individual e único, vivendo às custas e em detrimento deste último (...) A distinção entre o eu empírico e o homem "eterno" e universal é, por conseguinte, de uma importância absolutamente vital, sobretudo no momento presente, em que a massificação da personalidade se expande assustadoramente. A massificação não vem apenas de fora; vem igualmente de dentro, do inconsciente coletivo (OC 16, par. 502).

Linguagem simbólica da imagem



Originalmente, a torre — como símbolo fálico — representava o dom criativo individual; no entanto, esse dom natural era atribuído erroneamente ao ego como parte do pecado original. O pecado de Adão e a descida na matéria podem ser vistos como a incapacidade de Adão de transformar a matéria através de atos altruístas. O mesmo espírito existia nos construtores da Torre de Babel. Esta torre era composta de sete quadrados superpostos que simbolizavam a lei do setenário, também ativa na carta IV (o Imperador) e lá representada pelo cetro que o Imperador segura. A torre foi construída para exaltar o macrocosmo; condenada à destruição, expressa a relatividade de toda a criação. A torre pode simbolizar ainda um lugar de refúgio. Pode ser vista como a medula espinhal que sustenta o corpo. É o lugar dos poderes divinos representados pela igreja, templo, farol, torre de observação, torre de sinalização, hospital, lar. Significa defesa, proteção, isolamento, egoísmo.

A humanidade arrogante constrói a torre como um sinal da sua própria divindade; isto ocasiona a ira divina e a destruição pelo raio. Na realidade, é a

crença na onipotência do ego pessoal, a fonte de toda limitação e sofrimento que oprime a humanidade, que é destruída. O tombar da ameia representa a força de vontade humana desviada, a qual pode criar receptividade e perspectiva pela sua remoção e fornecer a possibilidade de um novo início num lugar mais elevado. Sugere que os desastres podem nos livrar da fixação do ego ou das construções intelectuais rígidas através da destruição de um falso sistema de valor. As fileiras de tijolos evocam a imagem da humanidade composta de indivíduos, exatamente como o corpo individual é composto de células individuais. As três janelas representam uma perspectiva limitada; a terceira janela pode sugerir uma tentativa através da especulação abstrata ou crença.

Vista como um todo, a torre revela que as formas que serviram o espírito como ferramentas tendem a se tornar inferiores e a se solidificar até que não permitam mais que a verdade se revele. Os escombros no segundo plano são as tais formas solidificadas, que sobrevivem como testemunhas do passado. Eles são os germes que decompõem nossos pensamentos caso nos unamos a eles. Esse é o perigo para os ocultistas arrogantes que acreditam dominar poderes astrais quando, na realidade, os poderes astrais os possuem. Expõem-se ao risco de perder a sanidade ou de serem levados à morte.

No baralho de Visconti-Sforza, as duas figuras caindo são um adolescente (*puer*) e um ancião (*senex*), o que sugere, talvez, que o arquétipo *puer*/*senex* não seja o apropriado para este encontro com as visões e os sons dos mundos superiores. De fato, esses mundos mostram-se extremamente perturbadores e turbulentos caso o indivíduo seja inseguro, instável e malpreparado; isto é, quando os corpos físico e psicológico do indivíduo não estão em boas condições ou estão malentrosados (Halevi, *O trabalho do kabbalista*, p. 24 do original). Lampejos de uma forma superior da existência provêm pela graça de Deus e podem modificar toda uma atitude de vida. Para receber a dádiva dos céus, o indivíduo tem de possuir um grau de maturidade, estabilidade e força; tem de reconhecer que é um receptáculo e, quando muito, um colaborador, mas certamente não é o criador ou o proprietário da energia de alta qualidade que tem a permissão de utilizar.

Formas arredondadas flutuam pelo ar ao redor da torre. Elas representam pensamentos desencarnados que adquirem forma no mundo visível; o poder dessas formas se origina na força vital. Elas podem ser interpretadas ainda como fragmentos do passado sobreviventes ou como sementes do futuro: são energias instintivas, combativas. Também significam forças adquiridas individualmente. As esferas verdes, que conotam a vitalidade passiva, mostram que estamos lidando com forças espirituais distribuídas para auxiliar a humanidade numa gama completa de tentativas mundanas possíveis; elas procedem de uma série de domínios. As esferas vermelhas e amarelas nos fazem lembrar a realidade do princípio *yang*, forças numinosas, fogo ou energia do enxofre. O grupo de dez esferas à direita da torre traz à mente a Árvore da Vida; elas também representam os dez aspectos inteligíveis da força da vida. O grupo de 12 esferas à esquerda da torre representa os signos do zodíaco. O raio significa *insight*, iluminação ou destruição. Trata-se da 'polia' de chamas que tudo queima. As plantas verdes sugerem que uma nova vida pode se desenvolver através do esforço humano; elas ligam a fertilidade à destruição.

As duas figuras caindo simbolizam ação e reação. As escadas em espiral são a ligação entre o céu e a terra, a possibilidade de fugir do isolamento. A figura caída com os braços estendidos simboliza o pólo ativo em queda refreada, enquanto a outra figura, em queda vertical desenfreada, indica a falta de domínio sobre o pensamento ou corpo. Analisadas em conjunto, as duas figuras caindo podem representar o pensamento e o sentimento libertado da prisão da dualidade.

Sob o ponto de vista psicológico, o pensamento mundano orientado para a meta deve ser sacrificado. Através da identificação o indivíduo pensa que é algo que não é e nunca será; é por isso que pode e deve ser destruído. Observando a seqüência de Morte (carta XIII), Temperança (carta XIV) e Diabo (carta XV), podemos nos conscientizar de que, após as trevas e a decomposição (representada pela carta XIII), a sugestão de um novo início (carta XIV) parece reativar as forças das trevas que o Diabo personifica. De fato, a reestruturação prematura do ego cria uma postura arrogante e empolada representada pela Torre, a qual deve ser destruída a fim de permitir o desenvolvimento posterior.

Na tradição alquímica, o grosseiro deve ser separado do fino para que este último possa se tornar volátil; assim, o corvo estará apto para voar e se transformará em cisne. Este é o trabalho da *sublimatio*, que "é parte da arte real onde o verdadeiro ouro é produzido" (Jung, *Cartas*, 1, 171). Procedendo à comparação entre nossa carta e a figura representando dois alquimistas ajoelhados junto à fornalha e pedindo a bênção de Deus, deparamos com a similaridade de formato entre a fornalha e a torre (figura 59). Será que isso poderia significar que o ouro só pode ser obtido com o auxílio de Deus e que a presunção e o orgulho provocarão a ira de Deus sobre qualquer trabalho 'contaminado' pelo convencimento?

Quanto à carta XIII (Morte) e em contraste com as outras cartas, à Torre da Destruição é dada uma interpretação menos negativa quando esta aparece invertida. Em seguida a carta mostra as possibilidades de prever as conseqüências, de não se iludir com aparências e de evitar a controvérsia vã. Mostra ainda uma certa reticência em levar a cabo grandes trabalhos, uma inteligência prática e saudável, e o bom senso de um Sancho Pança.

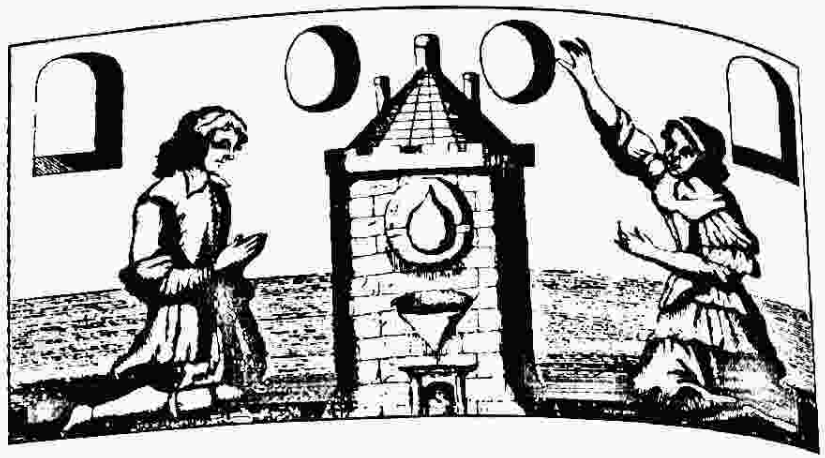


Figura 59. Alquimistas ajoelhados junto à fornalha. (extraída do *Mutus liber*, 1702.)

פ

XVII
A Estrela

A letra Peh significa liberação, imortalidade. Representa a boca e a língua. Simboliza a inspiração, a influência do macrocosmo na humanidade, a luz da natureza, iniciação através da voz interior, eloqüência. Em seu sentido negativo, significa uso incorreto de palavras e desesperança.

Como devemos ler o número 17, um número primo que quase não tem relação com seus vizinhos? A carta XVII segue a catástrofe da carta XVI (a Torre da Destruição). Acima, vemos oito estrelas; no meio, vemos uma mulher na praia; abaixo, a superfície do mar reflete as oito estrelas do céu. A mulher ajoelhada despeja sobre a terra e na água os conteúdos dos dois jarros que sua predecessora na carta XIV (Temperança) verteu de um para outro. Assim, não estamos lidando aqui com a transferência para uma nova forma; os conteúdos são vertidos de cima para baixo, sugerindo, desse modo, um escoamento indispensável. O número 17 também pode ser interpretado como 10 + 7: como ciclo de vida renovada, totalidade e transformação, ou por redução como 1 + 7 = 8: o feminino, a Grande Deusa Feminina, procriação e nascimento, bem como os prazeres e a experiência do amor. De fato, esta carta foi associada à deusa suméria Inanna e a Vênus, a estrela da noite e da manhã:

> Da mesma forma que a noite dá vida à manhã, também das trevas surge uma nova luz, a *stella matutina*, que é, ao mesmo tempo, a estrela da noite e da manhã (Jung, OC 13, par. 299).

De acordo com o alquimista árabe Dshabir Ibn Hayyen, o número 17 é composto da seqüência 1, 3, 5, 8: números que formam a base de todos os outros números.

Temas, associações, correspondências

A meditação, a revelação, a união e a criatividade estão contidas na Estrela. Esta carta representa a luz interior, sensação como percepção espiritual e esperança; por esse motivo procede à mediação entre a consciência aumentada da imortalidade e do Si-mesmo. Sugere o abandono do controle e da necessidade de segurança.

O ideograma para esta carta é

Amplificação astrológica: os planetas Mercúrio e Saturno e os signos de Gêmeos e Libra têm sido atribuídos à Estrela. Aquário, o 'Carregador de Água', é um signo do ar regido por Saturno e Urano, e ainda com energia suficiente para também se ajustar à carta XVII. Aquário, na mitologia egípcia, reside próximo à primeira catarata do Nilo, onde despeja água no céu e na terra, água essa vertida de seus vasos. Campeão da luz e do espírito, dos valores da mente e não do plano instintivo da vida, Aquário é o mensageiro imortal dos deuses, um ser perfeito libertado das limitações do tempo e espaço. Ele pode voar entre o céu e a terra, inspirar, guiar, instruir, zelar, protejer e algumas vezes pode até mesmo lutar conosco, como um anjo uma vez o fez com Jacó.

> Estando à procura do Santo Graal, sua principal motivação é encontrar a taça e derramá-la sobre a terra árida quanto ao mais de nós, para nos auxiliar na revitalização, para nos guiar no nosso caminho em direção ao reino interior (Burt, 1988, p. 427).

Amplificação cabalística: na jornada ascendente, quando o lugar da alma é alcançado, surge a possibilidade impressionante de estabelecer um elo permanente com o Si-mesmo. Este ponto de entrada na primeira das Sete Câmaras do Céu representa o atingir a maioridade no Trabalho e o início da vida adulta espiritual. Embora se tenha acesso aos domínios superiores, temos de testar ainda os vários estágios da devoção, pureza e sinceridade que podemos ter alcançado, pois mesmo então

> (...) o caminho ascendente do meio através das Câmaras da Santidade e da Santificação até o lugar que antecede o abismo que jaz diante da Face Divina não se dará sem testes (Halevi, *O trabalho do kabbalista*, p. 34 do original).

Amplificação alquímica: encontramo-nos aqui na presença da 'luz inesgotável', e do 'alimento legítimo', o fluxo de uma substância espiritual proveniente da *lumen naturae*, a qual o adepto sentiu como iluminação divina (Von Franz, 1966, p. 163 do original). Como tal, esta luz personifica aquela substância do arcano, seja ela o orvalho ou a *aqua permanens*, unindo os elementos hostis em um.

Na tradição alquímica, a desolação que acompanha a morte termina com o surgimento de uma luz que anuncia o nascimento de uma criança. O primeiro estágio do processo é alcançado com o surgimento da inconstante umidade metálica do mercúrio do sábio, elevando o calor do fogo a uma intensidade maior. A lavagem conduz às muitas cores da aurora, a cauda do pavão precedendo a *albedo*, o romper do dia. Dando prosseguimento ao aumento do calor do fogo, dá-se a *citrinitas* (o amarelecimento) e por fim, mediante a elevação do fogo à sua maior intensidade, a *rubedo*, o nascer do sol (Jung, OC 12, par. 334). O este ou aurora está correlacionado não só com a *rubedo* (sangue e vida), mas também com a substância feminina, branca, 'orvalhada' fertilizada pelo espírito. "Ela é (...) de mil nomes, e serve de vaso e matéria para o bem e para o mal" (Jung, OC 14, par. 14). O surgimento das cores da cauda do pavão (*cauda pavonis*) no opus representa um estágio intermediário que precede os resultados finais definitivos. "O fenômeno das cores deve sua existência à 'imaginação do grande Mistério, onde uma Vida maravilhosa e essencial vem à luz'" (Jung, OC 9/1, par. 580).

De acordo com Von Franz (1966, p. 206 do original), a aurora denota um estado no qual há uma consciência crescente da luminosidade, de uma luminescência difusa no horizonte, no limiar da consciência. Trata-se da luz feminina do inconsciente, trazendo iluminação, gnose, ou a realização do Si-mesmo, cujo emissário ela é. A aurora está a meio caminho entre a noite e o dia, brilhando com matizes duplas, vermelhas e amarelas. Trata-se, obviamente, de um lembrete dos quatro estágios alquímicos por meio dos quais a aurora brilha amarela e vermelha (*citrinitas* e *rubedo*) a meio caminho entre a noite e o dia (*nigredo* e *albedo*).

Interpretação psicológica: desde os tempos antigos as estrelas simbolizavam a eternidade. "A alma vem das estrelas e retorna às regiões estelares" (Jung, OC 9/1, par. 343). No implacável trabalho da individuação, momentos de adiamento são necessários caso não desejemos nos perder na noite escura da alma. É nesses momentos que imagens arquetípicas poderosas podem surgir, símbolos da esperança que pode mobilizar as energias psíquicas e ativar a coragem interior. Alguns desses símbolos de uma reunião interior adquirem a forma de uma roda de oito raios ou de uma estrela de oito pontas (Jung, OC 11, par. 90).

Esta carta nos apresenta o fluxo renovado do fluido vital após a pulverização e a *sublimatio* da carta precedente (XVI, a Torre da Destruição). Talvez esteja aqui a difícil transição entre ideal e real, entre o agente que ativa a passagem e a atualização.

Interpretação junguiana: a deusa Inanna fornece uma imagem simbólica multifacetada, um modelo de inteireza que combina a terra e o céu, a matéria e o espírito, a generosidade terrena e a orientação celestial. Muitos dos símbolos dessa deusa estão relacionados com esta carta, desde o seu escudo de oito raios

(veja a figura 60) até a estrela da manhã. De fato, desde tempos muito remotos, esta deusa da estrela da manhã e da noite, radiante e inconstante, a Dama dos Ofícios em Miríade (Perena, 1981, pp. 16-18), simbolizou a consciência das transições e limites, locais de intersecção e passagens que implicam criatividade e mudança.

Alguns especialistas no assunto, tendo alcançado este estágio múltiplo, relutam em ir mais longe ou, às vezes, declararam não existir nada por trás do polimorfismo e politeísmo. Essa postura desconsidera as nítidas indicações ori-undas da alquimia: após a *cauda pavonis*, *citrinitas* e *viriditas* dão-se os estágios finais da *albedo* e *rubedo*. Os estágios intermediários, significantes quando presentes, não são essenciais para o objetivo final da totalidade. Assim, não é surpreendente que após a cauda do pavão (carta XVII) o tarô também nos apresente a *albedo* (carta XVIII, a Lua), a *citrinitas* (carta XIX, o Sol) e a *viriditas* (carta XX, Julgamento) antes de chegar à *rubedo* (carta XXI, o Mundo)?

As pessoas declaram, afirma Jung, que globos, estrelas, cruzes etc. são símbolos do centro que está dentro delas mesmas. Quando perguntadas sobre o que entendem por tal centro, confessam que é uma visão que as deixa com um sentimento de harmonia perfeita, às vezes ocorrendo em um momento de dor extrema ou de profundo desespero.

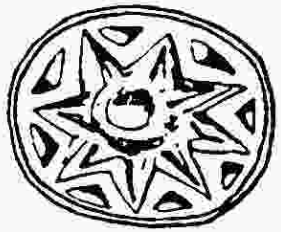


Figura 60. O escudo de Inanna.

> Poderíamos resumir do seguinte modo o que as pessoas narram acerca de suas experiências: *elas voltaram a si mesmas*; (...) *foram capazes de reconciliar-se consigo mesmas* e assim se reconciliaram também com situações e acontecimentos adversos (Jung, OC 11, par. 138).

A Estrela é, assim, um símbolo de renovação. Lembramo-nos de que a deusa Inanna, a estrela da manhã e da noite, relacionava-se mais com a vida do que com o bem e o mal, de que o sacrifício dela era feito mais para a vida do que para a redenção dos pecados.

A figura nua evoca a imagem de Vênus, símbolo da força da vida expansiva e fluida. Essa impressão é reforçada pelo nome da carta e pela imagem da estrela da manhã de oito pontas presente no centro. As oito estrelas nos fazem lembrar a carta VIII: Justiça que alinha as ações com suas conseqüências. No domínio masculino, podemos ver um paralelo com a energia que esta carta representa na carta VII, o Carro. O sol acima da cabeça do condutor (evocado na carta XVII pela estrela de oito pontas) dirige seu curso bem como o curso das estrelas. Além disso, as sete pequenas estrelas significam os sete pequenos planetas, os sete dias da semana, os sete chakras etc. Retratam, portanto, sete centros de energia psíquica, sete elementos de força corporificada. A(s) Estrela(s) pode(m) ser vista(s) como olhos do céu, pensamento perspicaz, possibilidade de transcender o mundo das aparências. Podem indicar ainda a capacidade de superar a disposição pessoal e as ansiedades.

O peso do corpo da figura está sustentado pelo joelho esquerdo da jovem, que está apoiado no chão; seu pé direito permanece junto à água. Dessa forma, dá-se o equilíbrio entre a consciência e o inconsciente, entre o fazer e o ser, no momento da introversão meditativa.

O pássaro voando (em alguns baralhos) é um íbis; ele representa a interação entre acima e abaixo, fora e dentro, céu e terra. É um símbolo de Tot, o deus da lua, e como tal está relacionado com o intervalo cíclico do tempo e sua medição. Aqui ele significa a força vital que deseja pairar nos ares a fim de se tornar ativa em domínios superiores.

A folhagem verde da acácia é uma imagem de esperança; indica que as coisas podem sobreviver e permanecer vivas mesmo em tempos de seca. Após a tempestade da carta XVI (a Torre da Destruição) a suave chuva de primavera tem lugar, a promessa do crescimento renovado, a possibilidade do triunfo sobre a limitação humana, e um convite à exploração dos poderes curadores da natureza.

A Estrela representa o início da verdadeira iniciação. A luz da Estrela direciona na noite como o fazem os postes de luz, os faróis, os marcos e os cronômetros. Esta carta expressa o desejo daquele mundo que ultrapassa o reconhecimento, o conflito e a separação. Descreve a maturidade como uma devoção do coração e fé na providência. Retrata o impacto das novas forças vitais resultantes da integração com os opostos e insiste que a realidade dos impulsos espirituais só pode tornar-se compreensível quando a sensualidade não é reprimida. A Estrela simboliza a força do amor que irradia através do sopro de vida ativo no corpo, uma força que é ao mesmo tempo um protótipo e um modelo no qual se reúnem futuro e passado, origem e fim.

A carta enfoca o amor recíproco e eterno entre o Senhor e sua criatura e faz com que percebamos que a totalidade do nome de Deus abrange o nomeado e o que dá nome, o Senhor como Ser, uma realidade revelada num ato de sofrimento partilhado, de empatia. A alma do místico é guiada pelas estrelas; inspirado pelo coração, ele se rende às suas influências celestiais, o que leva ao esclarecimento místico.

A estrela central de Vênus representa a Grande Deusa Feminina, a vida que se auto-renova. Vênus está associada com Sirius, a estrela de Ishtar, ligada ao fluxo cíclico fertilizador do Nilo. No simbolismo cristão, é Maria como *Stella Maris* que tem esse significado. Alguns autores associaram o planeta Vênus à estrela de Belém, que anunciou ao mundo a existência de Jesus. Vênus como estrela da manhã representa Lúcifer como aquele que traz luz, a promessa de uma nova manhã. Vênus como estrela da noite evoca o jardim das Hespérides no qual o dragão guarda os pomos de ouro da imortalidade.

A estrela do meio tem oito raios azul-esverdeados, indicando que os raios vermelhos transcenderam e que agora estamos lidando com poderes espirituais, as águas da vida eterna, as cores da imortalidade e da esperança. Os oito raios amarelos representam as forças materiais, a fertilidade da matéria e sua longevidade. (Veja a figura 61.) À medida que as estrelas brilham acima de nós e nos ensinam um sentido de beleza e humildade, aprendemos a aceitar o destino que a graciosa figura parece oferecer com tanta simplicidade, fazendo com que amemos a tarefa que o destino nos impôs sem que tivéssemos escolha. Graças a ela, o que pode ter parecido nossa prisão terrena chega perto do paraíso.

Os dois jarros mostrados na carta retratam os pólos ativo e passivo. A capacidade de procriar e multiplicar está ilustrada pelo despejar da água na água; o fluxo cria anéis concêntricos que significam o 'circungirar', a integração da periferia com o centro, possibilidades de expressão. Pode significar também sexualidade vigorosa e bem vivida no seu sentido mais amplo, troca de forças masculinas e femininas, fecundação cruzada.

A nudez da figura representa a verdade revelada. O mistério da carta XVII é o mistério da visão reveladora, a apercepção dos mundos supra-sensoriais que se espelham nas constelações e imagens que brilham no céu da alma. É encontrado também no mistério do sono e dos sonhos, o qual perde temporariamente os vínculos corporais. Somos parte de dois modos de ser por meio dos quais a existência noturna só se torna compreensível pela interpretação dos seus símbolos. Os sonhos devem ser interpretados também em relação aos distúrbios funcionais do corpo. No templo de Asclépio, o deus mostrava àquele que dormia o medicamento que curava. Quando o corpo do dormente não reagia mais, o espírito podia emprestar seu conhecimento.

Psicologicamente, ao desistir da própria vontade, todo o traje fictício formal é retirado, e a verdade simples e inevitável da natureza humana torna-se visível. Surge então a multiplicidade-na-unidade dos conteúdos espirituais.

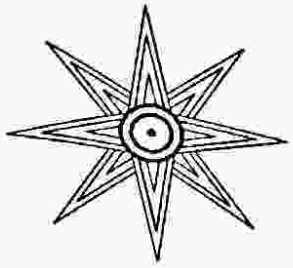


Figura 61. A estrela de oito pontas. [Extraída de Wirth, *Tarot of the magicians* (*O tarô dos magos*), p. 132 do original.]

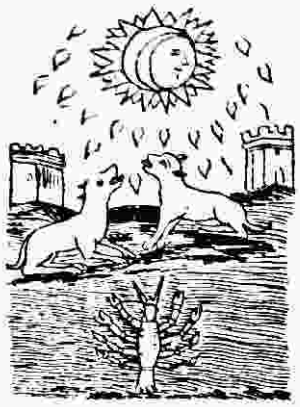
Inanna, deusa da vegetação sazonal, retrata a natureza feminina personificada; alegre, apaixonadamente erótica, independente, voluntariosa, ambiciosa e multifacetada. Vital e complexa, ela representa um modelo no qual a alegria, a sensualidade e a multiplicidade não podem mais ser denegridas e descartadas como frivolidade e inconstância. A descida e o retorno de Inanna podem fornecer um modelo para nossas próprias jornadas psicológicas e espirituais. Ela emerge do domínio da deusa das trevas, Ereshkigal, nua como a figura em nossa carta. Imbuída de uma consciência mais profunda e mais ressoante da sua verdade interior, ela une o de cima e o de baixo num novo modelo fluido. Inanna é a imagem de uma nova sensibilidade feminina enraizada nas profundezas do instinto, uma sabedoria capaz de restituir a totalidade criativa ao fornecer uma interação rítmica interior entre corpo, alma e espírito para os homens e mulheres.

Nos tempos antigos os navegadores eram obrigados a rodear a costa de porto a porto. Só depois de descobrir a estrela polar fixa no céu foram capazes de seguir caminho, deixando a segurança da costa para trás e ousando se lançar aos mares. Encontrar a estrela certa e utilizá-la como guia para estabelecer metas que antes se mostravam inalcançáveis não significa, no entanto, que se possa desejar ancorar no céu; aqueles que tentaram são aqueles que perdem.

A inspiração divina faz-se necessária quando estamos prestes a perder a esperança, mas torna-se efetiva quando se relaciona com, e ativa, a centelha da luz divina que todos carregamos em nosso interior.

> Por esse motivo os céus se abrirão para ele e como o Trovão a voz soará dele que tem sete estrelas nas mãos, cujos espíritos são enviados para testemunhar a todo o mundo (...) Aquele que tem ouvidos para ouvir que ouça o que o espírito da sabedoria conta ao filho sobre a doutrina das sete estrelas através das quais o trabalho sagrado é realizado (Von Franz, 1980, p. 204 do original).

A carta XVII parece representar a esperança de que a luz esteja ao alcance.



צ

XVIII
A Lua

A letra Tsade significa sombra, reflexo, teto. Indica a atividade do espírito na vida fisiológica e material, previsão, organização, regeneração individual através da consciência do corpo e do ritual. Em seu sentido negativo, significa imaginação enganosa e rituais da lua conduzidos de forma errônea.

Aparecendo após a carta XVII [a(s) Estrela(s)], que transmite uma imagem do amanhecer anunciando um novo dia pleno de "brilho perfeito da visão interior" (Von Franz, 1966, p. 204 do original), a Lua indica um retorno a acontecimentos anteriores. Ao fundo, duas torres parecem montar guarda em uma soleira invisível, repelindo o mal que está rondando e que faz os cães latirem; em primeiro plano, um caranguejo (ou lagosta) com dez pernas está à espreita em um lago. Esta imagem parece representar um dilema entre Caribde e Cila: o aspecto perigoso e regressivo da Roda da Fortuna de dez pontas em primeiro plano e, ao fundo, o perigo rondando tanto entre as duas torres ameaçadoras quanto por trás delas. O 10 abaixo mais 2 x 4 acima é igual ao número de nossa carta, 18. O número 18 pode também ser visto como 9 x 2, em que o 9 é um número associado com a lua e sua ligação com a fertilidade, a criatividade, a plenitude e o inconsciente.

Na numerologia, o número 18 é um número de ciclo astral; os eclipses solares e lunares repetem-se na mesma seqüência a cada 18 anos. Na simbologia cristã, 10 + 8 significa o cumprimento da lei com misericórdia; 6 x 3 significa crença na Trindade, o que está associado com comportamento justo.

Temas, associações, correspondências

A Lua denota sono, sonho, introversão, paixão, caos, organização vegetativa, expansão da consciência. O abismo insondável é seu território. Mostra desconexão entre sentimento e entendimento, falta de resistência às forças instintivas e insegurança. A Lua também sugere desapontamento e abandono.

O ideograma para esta carta é ☽ (69)

Amplificação astrológica: a Lua representa nossas necessidades e nossos padrões mais profundos, nossa sensibilidade e suscetibilidade, nosso enraizamento em nosso próprio ser e em nosso passado. Simboliza nossa relação com o feminino interior, influenciando o modo com que procuramos nos guardar e proteger e os tipos de relacionamentos que formamos. É o portão de entrada para os planetas exteriores; o modo como lidamos com nossos sentimentos básicos vai determinar se esses planetas atacam como inimigos ou servem como guias para iluminar nossos caminhos. A Lua está relacionada com a energia de Netuno: sua visão, imaginação, compaixão e seu espírito de sacrifício. Em um sentido negativo, a qualidade adicional de Netuno pode alcançar e sobrepujar uma energia desequilibrada da Lua. Portanto, decidi atribuir Netuno à Lua, embora, tradicionalmente, a Lua seja relacionada com Aquário, Câncer, Vênus e até mesmo com Urano.

De acordo com Greene, Netuno é essencialmente um planeta feminino que abre os portais da experiência para o sofrimento do mundo e para a agonia do espírito encarnado (Greene, 1984, p. 117 do original). Netuno simboliza a consciência mística que almeja libertar-se da prisão do corpo e a união com a fonte divina da alma.

Amplificação cabalística: o dom da sabedoria é sinônimo da lua cheia e sua perda é sinônimo da lua minguante ou da nova. Essa sabedoria especial está ligada à Lua, já que o princípio feminino da consciência abre a porta do domínio suprapessoal. Sem o espírito da Lua, a consciência é incompleta porque necessita não só do conhecimento da mente e do intelecto, mas também da sabedoria do coração (Poncé, *Cabala*, pp. 272-274 do original).

Amplificação alquímica:

> [A] Lua se acha na fronteira do mundo sublunar e dominado pelo mal, e participa (...) tanto do mundo da luz como também do mundo demoníaco da escuridão (...) Justamente por isso é que sua mutabilidade é de tanta importância para a simbólica. Ela é duplex e mutabilis como Mercurius e também um intermediário como ele; daí a identificação alquímica da Luna com Mercurius (Jung, OC 14, par. 19).

A lua crescente é o símbolo da centelha de luz que está adormecida na alma humana, o fogo oculto dos alquimistas que deve ser despertado pelo processo alquímico (Silberer, 1971, p. 189 do original). Terra e Lua coincidem na *albedo* pois, de um lado, a terra sublimada e calcinada aparece como *terra alba foliata*, a procura do bem, como a mais branca neve e, por outro lado, Luna como senhora da *albedo* é a *femina alba* da *coniunctio* e a 'mediadora da brancura'.

Quando a lua cheia brilha, 'o cão danado', o perigo que ameaça a criança divina, é escorraçado (Jung, OC 14, par. 149).

Na tradição alquímica, a brancura aparece depois que a fase da *nigredo* foi superada. Na luz prateada, os sentimentos são transformados, e o dividido retorna à unidade. Os alquimistas disseram que a *solutio* ocorre na Lua, uma afirmação que corresponde ao lado dissoluto, escuro e irracional da Lua com seu potencial de perigo para o desmembramento. Um aspecto da *solutio* dionisíaca é a imersão orgiástica instintiva que expressa o anseio do ego solitário e alienado de estar contido em um todo maior, em um desejo de restabelecer a conexão perdida com seu próximo. A Lua não é apenas um agente da *solutio* negativa ou perigosa; é também a fonte do orvalho, da umidade fertilizadora, da cura e do crescimento, e é idêntica à *aqua permanens*.

Interpretação psicológica: antes da criação do Sol e da Lua, era como se o mundo estivesse fora do tempo, em uma espécie de alvorecer. Havia luz nesse mundo, mas a luminosidade era a de um mundo dos arquétipos, no qual não existia a consciência discriminadora do ego. Então surge a Lua; a consciência é difusa, incerta, mutável, efêmera. Esse estado é seguido depois por um estado claro e firme de consciência — o Sol. O olho que via, até então, apenas a escuridão e o perigo do mal, volta-se para o círculo da lua cheia onde se inicia o domínio etéreo dos imortais. O plenilúnio é o complemento agradável e sereno da sinistra lua nova e seus perigos. Uma vez que a maldade é moderada, a pecaminosidade e suas más conseqüências também são diminuídas e aquilo que tem asas pode abraçar a terra (Jung, OC 14, par. 201).

A carta XVIII descreve uma passagem difícil da estrada tortuosa em direção ao mistério da transformação e da totalidade. Deparamo-nos com um triplo reforço da imagem da instabilidade: a volúvel Roda da Fortuna; o caranguejo que se movimenta para trás, para a frente e para o lado; e a ligação com a Lua, cujas modulações de formato tornaram-se o próprio símbolo da mutabilidade. Assim, a carta XVIII marca o enredamento em um destino imprevisível ou, em alguma proporção, a possibilidade de que isso aconteça. Por outro lado, a Lua também rege o signo astrológico de Câncer (o Caranguejo), um signo no qual os sentimentos predominam e são a expressão, a inspiração e a criatividade do espírito da Lua predominando sobre o conjunto das nove musas. A Lua, com sua natureza de opostos, é em certo sentido um modelo da individuação, uma prefiguração do Si-mesmo (Jung, OC 14, par. 211).

Interpretação junguiana: como Neumann já destacou, a consciência da lua tanto nos homens quanto nas mulheres representa um certo modo de percepção do mundo. A contribuição do ego consiste em uma prontidão para aceitar conteúdos emergentes do inconsciente e entrar em harmonia com eles. A consciência da Lua depende da atividade do inconsciente por inspiração, bem como pelo funcionamento dos instintos e pela conexão com a libido disponível.

Aquilo que emana do espírito-lua é um movimento emocional bastante relacionado com as atividades do inconsciente. Na erupção ativa, está a coragem, a raiva, a possessão e a fúria; sua auto-revelação leva à profecia, à cogitação e à poesia, mas também à mentira. Juntamente com esta produtividade feroz, contudo, existe outra atitude mais 'moderada' que medita, sonha, espera e deseja, hesita e protela; que está relacionada com a memória e o aprendizado, e cujo resultado é moderação, sabedoria e propósito (Neumann, 1954, p. 85 do original).

O ato do entendimento através da consciência da Lua envolve toda a psique; é uma concepção através de percepção totalmente desenvolvida que torna as experiências reais e integra a realização, provocando, assim, uma mudança de personalidade. Não é sob os raios ardentes do Sol que o processo criativo se realiza, mas na luz fria e refletida da Lua, no escuro e na quietude, intimidade, no silêncio e segredo. O período úmido da noite é também o período da cura e da recuperação. É o poder regenerador do inconsciente que, na escuridão noturna ou sob a luz da Lua, realiza sua tarefa, em seu próprio tempo, em seu próprio andamento. Neumann também destaca que o tempo da Lua tem períodos e ritmos; aumenta e diminui, é favorável e desfavorável:

> A lua crescente é mais do que um medidor de tempo. É um símbolo, como a lua minguante, a lua cheia e a lua nova, de uma qualidade interior e exterior de vida e humanidade. Podemos mais claramente representar para nós mesmos o caráter arquetípico dos períodos da lua pelas forças inconstantes das radiações. Pois elas são os centros das ondas de vibração, dos fluxos de poder, os quais, tanto de dentro quanto de fora, pulsam através do mundo (Neumann, 1954, p. 86 do original).

A sede da consciência da Lua não é a cabeça, mas sim o coração, e o entendimento significa um ato de sentimento total acompanhado de participação de afeto. Como Jung diz:

> [Ela] não faz (...) com que os objetos deste mundo (...) apareçam naquela forma inexoravelmente distinta e separada, mas reúne muito mais o que está perto e o que está longe em uma aparência enganadora, transforma por suas artes mágicas o pequeno no grande e o elevado no baixo, dilui as cores em um azulado crepuscular e reúne a paisagem noturna em uma unidade jamais suspeitada (Jung, OC 14, par. 217). (...) Requer-se verdadeiramente uma consciência da natureza lunar (...) falando e agindo de tal modo que não prejudique o relacionamento harmônico das partes para com o todo, e até mesmo o promova. E onde houver um fosso por demais profundo, aí um raio de luar produz a ilusão de que ele não existe (Jung, OC 14, par. 221).

Neumann insiste que é essencial ter em mente que os processos da consciência da Lua têm sua relação com o ego e não podem ser descritos, portanto, como inconscientes. A consciência masculina, comum e simples, considera a consciência da Lua e o conhecimento que ela fornece incertos, caprichosos e

místicos. O que o espírito da Lua percebe está, em grande parte, além do entendimento científico. Está relacionado com aquelas experiências comuns da vida que têm sido sempre objeto de mistérios e pertencem ao domínio da sabedoria intuitiva, não da ciência exata. É a sabedoria relacionada com a unidade indissolúvel e paradoxal da vida e da morte, da natureza e do espírito, com as leis do tempo, do destino e do crescimento. A sabedoria da Lua/Sophia não tem caráter abstrato, impessoal, universal e absoluto; não especula, está próxima da natureza e da vida, ligada ao destino e à realidade palpável. Sua visão sem ilusão da realidade está relacionada com sua ação como auxiliadora, alimentadora e confortadora. A sabedoria da Lua de esperar, aceitar, amadurecer admite tudo em sua totalidade e transforma-o e, juntamente com isso, transforma seu próprio ser. Está sempre relacionada com a totalidade, com o ato de dar forma, isto é, com a criatividade.

Contudo, qualquer realização, em qualquer estágio em que se empenhe em direção à consciência do Sol, encara o espírito da Lua como regressão, como a mãe terrível, como a bruxa; é um símbolo do inconsciente devorador. A lua nova (Hécate) torna-se especialmente a sugadora de sangue, o perigo de inundação pelo inconsciente, do mau humor, do lunático e da loucura. (Veja a figura 62.) A expressão em inglês *to moon*, estar melancólico, mostra que ser atraído pode significar ser "atraído para a lua" com seu impulso perigoso em direção ao inconsciente.

Germinação e decadência, luz que se alterna com escuridão, morte, bem como ressurreição, tudo isso pertence à simbologia da Lua, que morre e renasce a cada mês (Edinger, 1985, p. 163 do original).

Figura 62. Hécate. Uma pedra romana lapidada. (Extraída de Neumann: *A grande mãe*, p. 169 do original.)

A Lua está situada no limite entre as coisas eternas e etéreas, e entre os fenômenos efêmeros do domínio terrestre e sublunar (Jung, OC 14, par. 168). Muitos dos antigos textos herméticos sustentam que a luz de Deus não pode ser descoberta antes que se tenha surgido da nuvem escura do inconsciente. Da mesma forma, em *The cloud of unknowing* (*A nuvem do desconhecido*), 1912, um texto místico medieval, afirma-se que quanto mais próxima a alma do místico chega da divindade, mais escura ela se torna.

À medida que nos aproximamos do final de nossa jornada ascendente, não é nenhuma novidade que a carta que encontramos nos apresente a escuridão da Lua. Contudo, devemos lembrar que:

> [Diz-se comumente que] provém da Lua aquele *orvalho*, ou [que] a Lua é aquela *aqua mirifica*, que extrai dos corpos as almas ou lhes empresta a vida da alma (...) Como água de ablução cai do céu o orvalho e purifica o corpo e o prepara a fim de tornar a receber a alma, isto é, produz a *albedo*, o branco estado da inocência (...) (Jung, OC 14, par. 150.)

As gotículas que caem da face da Lua podem representar esse orvalho celeste. O caminho tortuoso que conduz para o alto, para o mistério lá adiante, permite avançar em direção à totalidade. O mundo espiritual é iluminado na mesma medida em que o mundo material é obscurecido; o espaço intermediário é banhado pela luz da Lua. Sua luz pálida e amarelada testemunha uma atividade mental indistinta, inadequada para captar a essência das coisas, mas essencial para uma perspectiva visionária. A Lua evoca a noite, suas visões e sua calma, solidão, o sentimento de abandono e afastamento, a intensidade e inexorabilidade do numinoso. Ligada à maré alta e baixa, indica plenitude e vazio — as máres. Representa encantamento, enlevo, insensatez, inconstância, perda de orientação, ruptura do habitual, sentimento de engano, dor insondável.

O luar impreciso lembra uma imagem de teorias vagas baseadas em conceitos ilusórios; no entanto, devemos tentar avançar, com nosso próprio risco, nesse chão incerto e pantanoso. A imaginação humana irá constantemente tornar objetivo o subjetivo e, daí, ajudar a mente a construir uma imagem do mundo a partir disso.

Embora as duas torres da carta XVIII representem melhor a relação com a totalidade do que a Torre da carta XVI, oferecem, contudo, uma passagem muito estreita, sugerindo uma confrontação com os guardiões da entrada. Na verdade, essas torres quadrangulares são a entrada oito vezes protegida do mundo das pro-

fundezas, através da qual apenas os inocentes e justos (carta VIII, Justiça) encontram passagem. Este portão estreito é a ponte entre o mundo do ego para o mundo do Si-mesmo; seu pré-requisito é a necessidade de tomar consciência das sombras, confrontá-las e aceitá-las.

> Estreita, porém, é a porta e
> apertado o caminho da vida e
> raros são os que o encontram (Mateus, 7, 14).

Aqui está o acesso para o poder espiritual, mas primeiro ele o conduz em direção e através da noite escura da alma.

A passagem para o outro mundo é cheia de contrastes: o que é luz aqui, é escuridão ali: o que aqui é virtude, ali é defeito (uma ligação com a carta XII, o Enforcado). Apenas aquele que o cão reconhece como dono — e sob cujos pés permanecem quietos — pode passar. É possível, no entanto, que nunca retorne. A passagem para o mundo da lua, por contraste, representa fuga, distorção, engano. Significa perda de entendimento e separação entre causa e efeito (relembrando a carta XV, o Diabo).

Os dois cães uivantes avisam sobre as regiões proibidas nas quais a imaginação pode se perder quando aguilhoada por medos e anseios; eles cuidam para que a ordem social seja mantida. Mas cães são seres mutáveis, míticos, companheiros de Ísis, Ártemis e Hécate. São guias dos mortos no inferno depois de os terem acompanhado durante a vida. O cão era também um psicopompo, um companheiro constante de Asclépio, o deus da cura, e de Hermes. É um símbolo com aspectos ambivalentes: de um lado representa o dom da cura, da segunda visão, uma ligação com as forças do mundo das profundezas, do inconsciente; de outro, representa o conhecimento do poder curador e do fogo em sua conotação sexual. O cão é também um símbolo da voracidade e da astúcia.

Anúbis, o guia egípcio dos mortos no inferno, o mensageiro dos deuses, relacionado com os ladrões, lobisomens, vampiros e renegados, tem cabeça de cão. A própria Hécate, deusa do inferno, o lado escuro da lua, às vezes tem cabeça de cão (Jung, OC 5, par. 354-355). À Hécate eram dedicados o cruzamento de três estradas, estradas bifurcadas, e encruzilhadas. No local onde as estradas se encontram, sacrifícios de cães eram oferecidos a ela. Esse sacrifício ocorria no exato ponto de união em que as estradas se cruzavam, símbolo da reconciliação dos opostos e da mãe como objeto e epítome de toda união. Esse ponto é também, contudo, onde as estradas se dividem, onde há uma divisão e separação, reiterando que a mãe significa para nós tanto o abraço como o adeus. O sacrifício do cão neste lugar concilia a mãe em seus dois significados. A forma astral do cão, a Sirius, que aparece no ponto mais alto do solstício de verão, sugere que o cão poderia ter uma importância compensatória, tendo a morte sido igualada ao Sol em seu ponto mais alto.

Outro símbolo na carta XVIII que está relacionado com o solstício de verão é o caranguejo. Na astrologia, Câncer é o signo do zodíaco no qual o Sol começa a recuar, quando os dias começam a se tornar menores. É a casa da Lua, um signo feminino, da água, e está ligado ao seio. Significa ressurreição porque o caranguejo troca sua casca (Jung, OC 9/1, par. 604-605). Contudo, como o caranguejo também se esconde em sua casca para proteger sua vulnerabilidade, é representação de defesa, cuidado e previsão, intuição de eventos que estão por vir. O caranguejo simboliza ora o Sol e ora a Lua, dependendo de seu movimento para a frente ou para trás. Na mitologia egípcia, o escaravelho, o equivalente do caranguejo, é um símbolo do Sol porque ele enrola incansavelmente seus excrementos, agasalhando, protegendo e nutrindo seus ovos, a nova vida. O escaravelho é portanto um esgotador de vida e um protetor da vida.

O caranguejo nada no oceano da vida, mas pode ser apanhado ou capturado. Representa as alterações secretas do corpo. Tem a conotação de perigo da confrontação com o inconsciente — seus aspectos devoradores, mas também limpadores. Pode significar paralisia da vontade, perda de esperança, o inesperado em seus aspectos assustadores, mas ao mesmo tempo temeridade através do conhecimento instintivo e auxiliador. Os problemas emocionais e de sentimentos não podem ser solucionados através do pensamento ou através da ação, mas tão-somente através da consciência que vem de ouvir calado. A casca do caranguejo simboliza a introversão, imobilização por olhar para trás, permanecendo preso ao passado. No entanto, a casca do caranguejo é uma carga do passado que pode ser descartada logo que se reconheça as possibilidades que estão à disposição no presente.

Ele é, assim, um símbolo da autoconsciência e auto-exame porque anda para trás; é um símbolo da renovação moral e psíquica; seu domínio é o passado e o secreto. Como mantém a água pura devorando material podre, o caranguejo simboliza a busca da consciência purificadora que penetra o âmago orgânico para remover o obsoleto, discernindo entre o fundamento confiável e a relatividade do transitório.

O caminho tortuoso entre o primeiro plano e o segundo representa a dualidade da luz e escuridão que encontramos em todos os planos cósmicos. Dá a forma e a dissolve; é ao mesmo tempo fonte de cura e perigo. É o aspecto auxiliador/perigoso da psique, o frágil raio de esperança, intrepidez. Enfatiza a Lua como símbolo de amor que conduz do impessoal para o pessoal, o compartilhado.

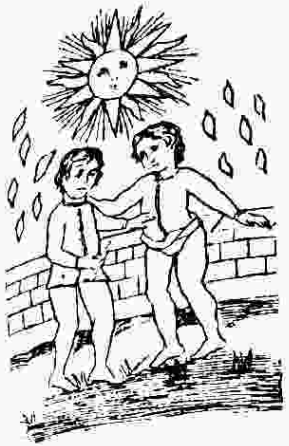
> [Psicologicamente] (...) [o amor e a bondade são a antítese do mal]. As asas da pomba moderam a (...) maldade do espírito do ar (Jung, OC 14, par. 200).

A Lua enfatiza o valor irrecuperável de um relacionamento com um parceiro, facilitando nossa confrontação com problemas pessoais projetados sobre o outro, quando aparecem 'de fora' e podem ser captados, tratados e esclarecidos.

Esse processo nos força a uma posição concreta já que somente entendimento teórico nunca soluciona os problemas no nível prático e individual da realidade.

A Lua direciona a idealização e a fantasia, o poder de nossos desejos que têm a propensão de trazer à tona todas as nossas potencialidades, com ou sem a aprovação do ego. O ego adapta-se ou é sacrificado. Os padrões instintivos tornam-se conscientes e, tornando-se consciente, a compulsão para repetir é interrompida. Tornar-se consciente é o sentimento introvertido do ponto de vista de vantagem da ação, enquanto a consciência progressiva e extrovertida torna-se ação. O numinoso é sentido e expresso em rituais, tornando-se assim parte da consciência; a ação ritual tem um caráter espiritual. Nossas compulsões são transformadas quando mudamos nossas decisões; quando nos perguntamos: "Tenho de fazer isto?" Podemos alcançar a recognição quando tivermos nos libertado dos grilhões da autogratificação. Daí nos tornamos conscientes do ritmo cósmico que não aprisiona, mas transforma-se em poder criativo e libertador.

Contudo, há algumas pessoas que permanecem muito perto do lago sombrio; o empuxo regressivo do caranguejo arrasta-os de volta para seus passados. Não conseguem reunir coragem para ousar e tomar o caminho misterioso e cheio de curvas que passa pelos cães uivantes e pelas torres sagradas e através da terra mítica além da qual podem encontrar pelo que anseiam: totalidade, ligação e criatividade. Para eles o espírito depressivo da Lua irá até onde eles forem. Toda vez que a consciência da Lua não é mitigada pela capacidade de discernimento da consciência do Sol, dá-se um desequilíbrio de sentimentos efusivos e dedicação devoradora. Desconforto, mal-estar, um sentido de perigo não identificável parece estar presente toda vez que se encontra alguém tomado pelo espírito da Lua. Não se consegue ajudar tais pessoas, desconfiando e retraindo, temeroso dos elementos inconscientes em ação em tais personalidades sem consciência do seu poder de destruição.



ק

XIX
O Sol

A letra Koof significa luz, vida enaltecida, concretização, união do indivíduo com Deus na vida real, a conexão e reunião da humanidade e natureza com Deus, o sol de Osíris. Seus símbolos são o ouro, a luz e o sal. Em seu sentido negativo, significa perda de estabilidade.

O Sol com seus quatro raios brilhando, quatro raios ressecados, e o centro fortemente acentuado nos lembra o número 9, o símbolo da consciência que daqui irradia e se estende para o Todo, a Consciência Abrangente. A luz incerta e tremeluzente da lanterna do Eremita (carta IX) tornou-se aqui o brilho vitorioso da iluminação do dia. Na parte da frente, os gêmeos, um menino e uma menina, incorporam a polaridade dos opostos e da humanidade renascida, reunindo-se neste nível com a consciência do Todo. Os gêmeos podem ser representados por pentagramas que expressam sua diversidade através da sua direção para cima e para baixo. (Veja a figura 63.)

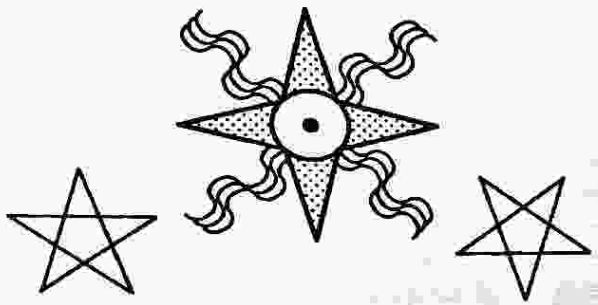


Figura 63. O símbolo do Sol e dois pentagramas. (Extraída de *Zur Symbolik geometrischer Figuren und Zahlen*, de Bernoulli, p. 413 do original.)

Portanto, 9 + 5 + 5 = 19, o número de nossa carta, um número de associação, união, no qual o 9 pode ser tanto 3 x 3, uma multiplicação harmoniosa de duas trindades, ou 5 + 4, um novo início em um nível superior, auto-afirmação através da consciência de um poder mais alto.

Temas, associações, correspondências

O Sol representa a tomada de consciência da unidade da vida, da alternância de tempos de realização e de vazio, de fertilidade e infertilidade, transformação e revitalização. Ele significa o céu superior, totalidade. Representa a essência existencial e significa alegria e entusiasmo.

O ideograma para esta carta é

Amplificação astrológica: de acordo com Kenton, o Sol é o planeta da individuação (Kenton, *Astrologia*, p. 22 do original). As pessoas que vivem de acordo com seu signo interno do Sol vivem de acordo com sua natureza individual. Se uma pessoa segue seu Sol, ligando a vida externa ao Si-mesmo interior, está liberta dos poderes internos que obscurecem o horóscopo, especialmente aqueles que governam o mundo instintivo. Quando uma pessoa vive de acordo com seu Sol, todo o horóscopo é decisivamente alterado; adquire-se visão e determinação além do comum e pode-se agüentar ou evitar desastres que outros não tolerariam ou não previriam. Ao ser guiado pelo Sol interior, o destino é uma prisão da qual a alma consegue escapar e alçar até atingir o mundo do puro espírito.

Amplificação cabalística: os cabalistas vêem na *coniunctio* Sol-Lua uma réplica da união Tiferet-Yesod. Tiferet, o correlato do Sol dentro do indivíduo, está situado no eixo da consciência; através dele passa a maioria das forças que flue pela Árvore da Vida, assim como através do sistema solar. Acima de Tiferet está Keter, a Coroa, através da qual flui a Emanação divina. O Sol não apenas ilumina o planeta, como envia luz sobre as menores partículas que o olho humano pode detectar. Psicologicamente, o mesmo fenômeno ocorre dentro de uma pessoa que está em contato com sua verdade interior, como está concentrado em Tiferet. Embora minúsculo quando comparado com Keter (como nosso Sol é comparado com a galáxia), de qualquer maneira representa nossa própria individualidade. Tiferet é o Sol do ser humano, o ponto central entre Céu e Terra, entre Keter e Malkhut em cada indivíduo. Participa dos níveis superiores e inferiores da Árvore, a não ser quando é impedido de causticar a Terra por Yesod ou de se perder no inconcebível, o absoluto eterno (En Sof) através da porta invisível de Daat.

Tiferet é o Sol, quase impossível de ser encarado. Assim era a face de Apolo, a qual poderia cegar por toda a vida, ao mais rápido olhar, aqueles que não estivessem preparados. Sob o ponto de vista do homem, isso poderia perfeitamente corresponder ao ato de ver mais do que um homem agüentaria saber sobre si mesmo; é por isso que a maioria dos homens vive em Yesod — a lua deles próprios —, preferindo ver apenas o reflexo da luz de suas verdadeiras naturezas (Halevi, *A árvore da vida*, p. 59 do original).

Amplificação alquímica: assim como os cabalistas atribuíram o Sol a Tiferet, o coração da Árvore da Vida, também os alquimistas consideraram que o "coração é o local da imaginação e é também o 'sol no microcosmo'" (Jung, OC 13, par. 201). Entretanto, a fim de ser capaz de se ligar aos domínios superiores e mais espirituais, deve-se estar liberado da inquietação e da emocionalidade originadas da servidão ao corpo (Jung, OC 13, par. 202). Em outras obras, Jung afirma:

> [é o] estado lunar ou de prata, que ainda deve alçar-se ao estado solar. A "albedo" é, por assim dizer, a aurora; mas só a "rubedo" é o nascer do sol. A transição para a "rubedo" constitui o amarelecimento (*citrinitas*) (...) (OC 12, par. 334.)

De fato,

> O sol é a imagem de Deus; o coração, a imagem do sol no homem, tal como o ouro dentro da terra (...); Deus é reconhecido no ouro (OC 12, par. 445).

e

> A cor de ouro régia é atribuída a Deus Pai (Jung, OC 12, par. 319),

os alquimistas não consideravam o ouro o objetivo de seu *opus magnus*:

> Para eles [os alquimistas], sem dúvida alguma, tratava-se da natureza simbólica do ouro, distinguindo-se por isso mediante atributos como "vitreum", ou "philosophicum". Sua clara analogia com o sol foi provavelmente o fator que o impediu de alcançar a suprema dignidade filosófica, cabendo esta ao "lapis philosophorum". Acima do transformado está aquilo que transforma (...). (...) "Pois a nossa pedra, isto é, o mercúrio vivo ocidental, que foi colocado acima do ouro, superando-o, é aquilo que mata e vivifica." (...) "Compreendei, ó filhos dos Sábios, o que diz esta pedra extremamente preciosa; (...) e a minha luz supera a toda luz, e as minhas virtudes são superiores a todas as virtudes. (...) Eu gero a luz, mas a escuridão também pertence à minha natureza (...)" (Jung, OC 12, par. 99.)

Portanto, há também um *Sol niger* (sol negro), que coincide com a *nigredo* e a *putrefactio* (morte). Como Mercurius, o Sol na alquimia é ambivalente (Jung,

OC 14, par. 110). O *Sol niger* é sinônimo de *caput corvi* (cabeça de corvo) e denota *anima media natura* no estado da *nigredo*.

> [Em] interpretação psicológica significa uma extinção passageira do ponto de vista da consciência por uma invasão vinda do inconsciente (...) "Assim deves passar pela porta do negrume, para que possas receber a brancura da luz do paraíso" (Jung, OC 14, par. 114, n. 40).

Como o Sol não é a última carta dos arcanos maiores, indicando que a jornada não termina aqui, atribuí a esta carta o estágio alquímico da *citrinitas*, ou amarelecimento, um estágio de transição em direção à *rubedo* final.

O sol alquímico, com sua substância ativa, o enxofre, é quente, seco e amarelo/vermelho, qualidades associadas com Tifão (o Set egípcio), o princípio do mal. A substância ativa do Sol cria o calor interior do qual vêm todos os movimentos da vontade e o princípio de todos os apetites. É um espírito vital; fica situado no cérebro e seu governo, no coração. Portanto é uma substância com efeito considerado generativo e transformador:

> [também] no corpo humano existe um arcano solar no coração, donde flui vida e calor (...) Ela [esta força] é um dêmon vital quente, que está em íntima relação com o sol na terra, isto é, com o "ignis centralis" ou "gehennalis" (Jung, OC 14, par. 110).

Embora essas afirmações indiquem que o Sol é um estado transitório e não final na alquimia, há também afirmações tais como:

> Verdadeiramente a forma que constitui o intelecto do homem é o começo, o meio e o fim no processo (*praeparationibus*), e esta (forma) é indicada pela cor amarela (...) (Dorn, citado por Jung em OC 14/2, par. 50.)

Essas afirmações parecem significar que o início é também o fim, uma imagem urobórica normalmente associada com a carta 0, o Bobo. Contudo, o círculo descrito pelo Sol é "a linha que retorna a si mesma (tal como a serpente que morde a própria cauda)", evocando o *opus circulatorium* da alquimia que toma a imagem do curso do sol através de todos o signos do zodíaco (Jung, OC 12, par. 470).

Como todos os elementos estão contidos nele, o Sol pode ser identificado com a quintessência, o poder universal do crescimento, a cura, o mana. O sol alquímico é, portanto, a centelha do fogo divino incutida no homem, o tesouro supremo que o "animal homem" não conhece (Jung, OC 14, par. 111-112).

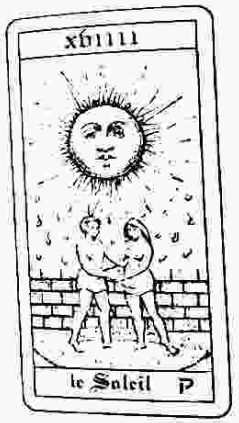
Interpretação psicológica: o Sol significa retorno à unidade a partir da multiplicidade. Seus raios regenerativos vindos de uma luz central são o símbolo da totalidade e da comunhão potencial das forças consciente e inconsciente que não estão mais divididas e fragmentadas pelas ocorrências materiais do dia-a-dia.

Interpretação junguiana: para Jung, o Sol é o símbolo da força vital psíquica, a libido (OC 5, par. 297). De fato,

> Assim como o sol, em seu movimento e segundo suas leis intrínsecas, sobe desde a manhã até o meio-dia, ultrapassa o meio-dia e declina para a tarde, deixando para trás seu esplendor e mergulhando na noite que tudo encobre, assim também o homem, segundo leis imutáveis, segue seu caminho e desaparece na noite ao fim da jornada, para renascer de manhã em seus filhos, reiniciando nova trajetória (OC 5, par. 251).

A imagem dos Dioscuros, os gêmeos divinos — um mortal, outro imortal — é interpretada por Jung

> Como toda esta mitologia solar é psicologia projetada para o céu, a proposição básica provavelmente é: assim como o homem consiste de um elemento mortal e outro imortal, também o Sol é um par de irmãos dos quais um é mortal, o outro imortal. (...) A comparação com o Sol sempre de novo nos mostra que a dinâmica dos deuses é energia psíquica; ela é a nossa parte imortal, representando aquele elo através do qual o homem se sente integrado para sempre na continuidade da vida (OC 5, par. 296).



Linguagem simbólica da imagem

O Sol, perpetuamente idêntico a si mesmo, brilha imparcialmente, expondo a verdade sem ilusão. O espírito do Sol surge de opostos primordiais: da noite/manhã emerge o dia. O Sol, imagem do criativo, mergulha no mar à noite: é no caos que as fundações são postas. Na manhã, o Sol — um centro ativo, generativo e existencial no interior da vida do corpo/alma/espírito — eleva-se acima da terra. Esta é uma imagem fiel de autodeterminação, autoridade, extroversão, o princípio masculino e a reconexão com a espiritualidade universal. É a claridade da consciência, surgimento harmônico, fertilidade ou uma ameaça à fertilidade através da seca. Significa atingir o ponto de excelência, vendo um objetivo na significância, um princípio de organização que está em falta no nosso tempo. É o esclarecimento do propósito mais profundo da força de vontade, da mais profunda comunicação inconsciente; é a memória de vidas passadas. As duas crianças, simbolizando vida nova a ponto de desenvolver e crescer, recebem a luz do Sol de seus raios diretos dourados, bem como dos raios flamejantes e vermelhos; os primeiros são lineares, penetrantes e próximos, simbólicos da luz como ondas; enquanto os outros

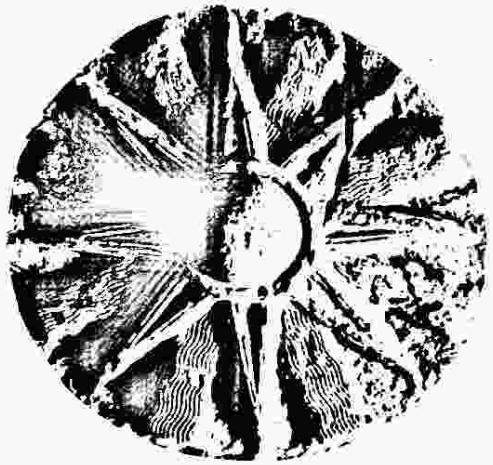


Figura 64. O deus-sol Shamesh. (Extraída da *Nova enciclopédia de mitologia Larousse*, p. 50 do original).

são ondulantes, abrangentes, simbólicos da luz como partículas (veja a figura 64). Considerados em conjunto, os raios dourados e vermelhos simbolizam as forças numinosas, fertilidade, amor, poder e tempo: mas também encargo, labuta e ruptura.

O jardim paradisíaco no qual as crianças brincam é protegido por um muro de pedras vermelhas e amarelas, retangulares e encaixadas, ligadas a suportes azuis, significando que apenas o sentimento (azul) pode reconciliar a oposição básica entre a energia ativa do trabalho (vermelho) e o conhecimento adquirido (amarelo). O muro é o limite, a proteção, o controle e o canal de crescimento através do conhecimento dos pressupostos e das regras da natureza, a pureza de nossa própria natureza limitada pelo espaço coletivo. O jardim com as flores representa os quatro reinos da natureza: mineral, vegetal, animal e humano. A natureza reorganizada desperta novamente para um nível mais alto de consciência. As 13 esferas alaranjadas significam sopro vital, o *prana* dos hindus.

A criança é uma imagem da cooperação harmoniosa do indivíduo com a comunidade. É a alma individual no trabalho, o calor da empatia, envolvimento nos esforços da humanidade, esforço espiritual. As duas crianças estão dando as mãos, uma imagem de inocência, inexperiência, de capacidade não desenvolvida de discernimento. O menino, o pólo ativo, e a menina, o pólo passivo, representam a vida como a consciência de simplicidade no aqui e agora; um mundo harmonioso surge do jogo de imaginação, e problemas encontram soluções por si próprios. O mistério é esclarecido através da luz.

Na Antiguidade, gêmeos metade divinos, metade humanos protegiam os navegadores; como deuses fálicos, eram associados com o aspecto secreto do divino, com o mistério insondável da energia divina. O deus egípcio Rá e os deuses gregos Apolo e Hélio eram também deuses do Sol, patronos da filosofia e da cultura. Vê-se também uma ligação entre as crianças e o cabiros, que desempenharam um importante papel nos mistérios da Samotrácia. Eles tinham por tarefa manter secretas as forças desconhecidas do espírito humano. Durante o festival realizado anualmente em sua honra em Lemnos, todos os fogos eram extintos e um novo fogo era trazido do templo de Apolo em Delos. Símbolo da consciência racional, linear, apolínea durante os últimos três mil anos, o Sol é, no entanto, uma das cartas que tem sido retratadas com maior número de variações. No baralho de Visconti-Sforza, é um querubim sem asas dançando em uma nuvem e segurando no alto a cabeça decapitada e vermelho-sangue do pai; no baralho de Rider-Waite, é uma criança loura montada em um cavalo branco. No baralho de Gringonneur, por outro lado, é a mulher que fia, representando talvez Cloto, uma das Parcas. A maioria dos outros baralhos (de Oswald Wirth, de Marselha) retrata duas crianças, dois meninos ou um menino e uma menina, uma imagem que parece anunciar uma *coniunctio*. Finalmente, não podemos deixar de imaginar que a imagem compensatória foi transmitida ao inconsciente coletivo para contrabalançar os efeitos mortais do Sol representado pelo escorpião do baralho de Mantegna. Nos tempos atuais, deparamo-nos com os resultados da consciência científica apolínea: a devastação que atinge o mundo todo pela destruição de nosso meio ambiente.

ר

XX
Julgamento

A letra Resh significa gratidão, a cabeça humana, oposição de forças, ruptura e regeneração através de movimento. Também significa vida vegetativa, harmonia como princípio feminino, o espírito tornando-se visível em formas. Resh inicia as palavras hebraicas *ra* (que significa malvado), e *rasha* (que significa mal) e também o nome de Deus, *rahum* (que significa o misericordioso). Representa a possibilidade de renovação do indivíduo através da compreensão dos símbolos; o ego pode assim estabelecer uma conexão com a camada arquetípica da psique. A carta XX liga a punição à transformação e à purificação, desde a ambição devoradora até o arrependimento purificador, a cordialidade e o equilíbrio.

A separação final encontra sua expressão no Juízo Final. Um anjo, símbolo do sopro de vida, anuncia a hora final soprando sua trombeta, enquanto a luz destaca-se da escuridão e a alegria separa-se da aflição. O anjo está rodeado por uma aura que parece ser formada, em alguns baralhos, por dois pentagramas entrelaçados que enfatizam a situação que precede a separação e a sentença. No momento em que a trombeta soa, os pentagramas se separam, o bem se eleva e o mal desce. As quatro modalidades de cinco (isto é, o *quaternio*, símbolo da totalidade, e o número do homem primordial, o Anthropos) resultam em 20, preparando-se, dessa forma, para um maior desenvolvimento. Em muitas culturas o velho limite do contar era o número 20 (dedos das mãos e dos pés somados dão este número). Os maias atribuíam o número 20 ao seu deus Sol. Na religião judaico-cristã, o número 20 representa os Dez Mandamentos transformados em crença e ação. Visto como 5 x 4 = 20, refere-se aos cinco livros de Moisés e aos quatro evangelhos ou aos quatro níveis de consciência (mágica, mítica, lógica e integrativa) na evolução da humanidade (5). Vinte, o número desta carta, pode também ser visto como 10 + 10, símbolos do indivíduo e dos ciclos universais. A consciência individual une-se à consciência coletiva.

O insondável e indiferenciado (carta 0) está ativo no Julgamento através de sabedoria natural (carta II, a Grande Sacerdotisa), enquanto o Mago (carta I) age através da Roda da Fortuna (carta X). No arcano X, o veredito é revelado como

a decisão inescrutável do destino, enquanto no arcano XX, o indivíduo reconhece seu direito. A Grande Sacerdotisa, a Justiça (carta VIII) e o Julgamento são três diferentes aspectos do conhecimento humano sobre o eterno (carta 0); juntos, eles completam o *opus magnus*, a transformação do mortal em imortal.

Temas, associações, correspondências

O instante presente, a realização, a decisão são a expressão do Julgamento. Esta carta tem a conotação de transição entre um nível de existência e outro. Significa versatilidade e indica a relatividade e igualdade do bem e do mal.

O ideograma para esta carta é

Amplificação astrológica: o Rei do Inferno e de seus tesouros ilimitados, sob a capa da invisibilidade, Plutão é o monarca daqueles que ultrapassaram as fronteiras de nosso domínio. Ele é o governante da morte e da ressurreição, a transformação mais profunda pela qual uma pessoa pode passar. O portão através do qual se passa para chegar ao reino de Plutão é conhecido por induzir a destilação da essência da experiência; o ego limitado evapora-se, e a reunião final com o Criador torna-se possível. A grande energia de Plutão vem de uma fonte transcendental e manifesta-se na tensão entre os opostos. Simboliza, dessa forma, uma espécie de poder que pode ser utilizada criativamente apenas quando ocorreu a evolução espiritual e a cura. Plutão também é capaz de purgar os resíduos cármicos, dando ao indivíduo uma perspectiva aumentada de experiência de vida e uma imparcialidade com potencial para se transformar em sabedoria. Essa energia ajuda a criar coragem para enfrentar os mais profundos desejos e transmutá-los através do compromisso com o trabalho de transformação. Assim, Plutão representa o renascimento espiritual.

Amplificação cabalística: o Julgamento representa uma imagem do Trabalho de Unificação. De fato, achamos que:

> Portanto foi a Árvore da Vida disseminada na terra, [de forma] que os malditos pudessem obter perdão e que os mortos pudessem ser libertos (Von Franz, *Aurora consurgens*, p. 368 do original, n. 31).

Em outra passagem, Von Franz traz uma imagem clara de integração relacionada com ressurreição:

> Despertem do Hades, levantem-se dos túmulos e surjam da escuridão (...) O Lenitivo da vida penetrou em vós. E o espírito se rejubila novamente de morar no corpo, e a alma também se alegra (Von Franz, *Aurora consurgens*, p. 32 do original).

Amplificação alquímica: os alquimistas buscavam a transformação e descobriram-na na transmutação da substância química. Alguns também sabiam que:

> "É minha própria transformação — não uma transformação pessoal, mas a transformação daquilo que é mortal em mim para o que é imortal. Retira a casca mortal que sou e desperta para uma vida própria; sobe no barco do sol e leva-me com ele" (Jung, OC 9/1, par. 238).

Em uma nota sobre este parágrafo, Jung destaca que a pedra e sua ressurreição são representadas como a ressurreição do *homo philosophicus*, o Segundo Adão.

Os alquimistas exerciam o papel de 'redentores' cuja obra era mais uma continuação da obra divina de redenção do que "uma medida de prevenção contra uma eventual danação por ocasião do Juízo Final" (Jung, OC 12, par. 436, n. 40). Além disso, Jung compreendeu o trabalho do alquimista como aquele em que

> "(...) Deus irá (...) tirar a imperfeição [humana]; então o que resta irá ser fortalecido e melhorado, pois após a ressurreição um homem torna-se mais forte e mais jovem do que era neste mundo (...) Assim os filósofos consideraram o Juízo Final, principalmente a germinação e o surgimento desta pedra, (...) pois nesse dia, a alma dos abençoados irá se unir aos seus corpos anteriores através da mediação do espírito, para a glória eterna" (Rhazes, citado em OC 13, par. 392).

De fato, vagando por entre os labirintos das paisagens psíquicas, o alquimista encontrou um parceiro interno, um relacionamento que parecia

> (...) uma primavera secreta, quando a semente verde brota da terra infecunda, trazendo a promessa de colheitas futuras. É a *benedicta viriditas* alquímica, o verdor abençoado, significando, de um lado, a 'lepra dos metais' (pátina) mas, de outro, a imanência secreta do espírito divino da vida em todas as coisas (Jung, OC 14, par. 263).

O verde é assim uma cor atribuída à transformação e à ressurreição; é também atribuída por alguns ao Espírito Santo (Jung, OC 12, par. 319). De acordo com Jung, "só a ferrugem dá à moeda seu valor autêntico" (OC 12, par. 208), um tipo de paráfrase alquímica que sugere mais uma vez que não há luz sem sombra, nem totalidade psíquica sem imperfeição.

> A vida em sua plenitude não precisa ser *perfeita*, e sim *completa*. Isto supõe os "espinhos da carne", a aceitação dos defeitos, sem os quais não há progresso, nem ascensão (...) O inconsciente é sempre o cisco no leite: o defeito temerosamente escondido da perfeição, o desmentido doloroso de todas as pretensões idealistas, os resquícios da terra que não se despegam da natureza humana, turvando-lhe tristemente a transparência cristalina tão almejada. Segundo a concepção dos alquimistas, a ferrugem e a pátina são doenças do metal. No entanto, é justamente esta lepra que constitui a "vera prima materia" ("verdadeira matéria-prima"), base para o preparo do ouro filosofal (Jung, OC 12, par. 207-208).

Assim, a criação da pedra alquímica pode ser interpretada como uma ressurreição, não meramente o nascimento do Si-mesmo e, ao mesmo tempo, o renascimento de uma nova consciência do ego, pois

> (...) o arquétipo do Si-mesmo, como tal, presumivelmente é 'eterno' — apenas a imagem arquetípica que o representa na psique 'morre' e muda de acordo com as mudanças na consciência individual (Von Franz, *Aurora consurgens*, p. 251 do original).

Interpretação psicológica: a ressurreição significa restabelecimento da existência humana após a morte de um aspecto interior. Ocorre a mudança, a transformação do ser, transmutação para um nível mais alto dos aspectos de nós mesmos que permaneceram por muito tempo inculcados no concreto e no material, mediada por uma consciência emergente e uma ligação com o "*corpus glorificationis*, o corpo sutil em estado de incorruptibilidade" (Jung, OC 9/1, par. 202). Jung destaca que:

> Na alquimia chinesa [um] estado (...) chamado de 'Corpo de Diamante' corresponde ao *corpus incorruptibile* da alquimia medieval, (...) o corpo incorruptível da ressurreição. Isto [retrata] (...) a união de todos os opostos, e está engastado entre *yang* e *yin*, céu e terra; o estado de equilíbrio eterno e duração imutável. [Psicologicamente isto expressa] (...) uma mudança do (...) centro da personalidade a partir do ego pessoal para o não-ego impessoal, que é então sentido como o verdadeiro 'Terreno' da personalidade (OC 9/1, par. 637-638).

Além do mais,

> (...) entendemos facilmente a importância central da idéia de ressurreição: não estamos completamente submetidos aos poderes do aniquilamento porque nossa totalidade psíquica vai além da barreira de espaço e tempo. Através da integração progressiva do inconsciente, temos uma oportunidade razoável de adquirir experiências de uma natureza arquetípica provendo-nos com o sentimento de continuidade antes e após nossa existência. Quanto melhor entendemos o arquétipo, mais participamos de sua vida e melhor percebemos sua eternidade ou intemporalidade (Jung, OC 18, par. 1572).

Interpretação junguiana: para Jung, o Juízo Final representa a possibilidade de ressurreição através do espírito (OC 13, par. 392). Ele destaca que:

> (...) no dia em que o mundo chegar ao fim ou, psicologicamente falando, quando a consciência individual for extinta nas águas da escuridão, isto é, quando se passar por um subjetivo fim do mundo (...), a consciência mergulhará de volta na escuridão da qual emergiu originalmente (...) [N]esse dia (o dia do Juízo Final) a luz retornará à luz eterna e a escuridão à eterna escuridão. Os opostos serão separados e um estado de permanência intemporal será estabelecido, o qual, por causa da separação absoluta dos opostos, será, no entanto, um estado de suprema tensão e, portanto, corresponderá ao estado inicial improvável (OC 9/1, par. 256-257).

Contudo, a individuação é atingida através de opostos e pela ativação do eixo ego-Si-mesmo. Isto é estabelecido não apenas pela relativização do ego, mas também pelo desenvolvimento de uma atitude cuidadosa e misericordiosa em relação a si próprio. De fato, aceitar a si mesmo talvez pareça

> (...) muito simples. Mas o que é simples em geral é sempre o mais difícil. De fato, a simplicidade constitui a arte suprema e assim a aceitação de si mesmo é a essência do problema moral e o centro de toda uma concepção do mundo. Que eu faça um mendigo sentar-se à minha mesa, que eu perdoe àquele que me ofende e me esforce por amar, inclusive o meu inimigo, em nome de Cristo, tudo isto, naturalmente, não deixa de ser uma grande virtude. O que faço ao menor dos meus irmãos é ao próprio Cristo que faço. Mas o que acontecerá se descubro, porventura, que o menor, o mais miserável de todos, o mais pobre dos mendigos, o mais insolente dos meus caluniadores, o meu inimigo, reside dentro de mim, sou eu mesmo, e precisa da esmola da minha bondade, e que eu mesmo sou o inimigo que é necessário amar? Assistimos aqui a uma inversão total da verdade cristã, pois já não temos mais amor (...) e somos nós próprios a dizer (...) condenando-nos, dessa forma, a nós próprios e irando-nos contra nós mesmos (...) negamos categoricamente haver encontrado à nossa frente esse miserável que habita dentro de nós, e mesmo que o próprio Deus tivesse se aproximado de nós, oculto sob estes traços repugnantes, nós o teríamos rejeitado milhares de vezes, muito antes que o galo cantasse (Jung, OC 11, par. 520).

Perceber onde fomos feridos e reconhecer que, como fomos feridos, infligimos a dor ao próximo e, finalmente, ver que esta cadeia infindável de sofrer e infligir sofrimento pode ser interrompida através da consciência e disposição de aceitar e integrar os dois lados, é perdão e redenção. Isto é o Juízo Final.

> "Ó natureza, tu és bendita e bendito é o modo como operas, pois tornas perfeitas as coisas imperfeitas, graças à verdadeira putrefação que é negra e obscura. Após o que, tu fazes germinar as coisas novas e variadas e com o teu verde fazes aparecer as diversas cores" (do *Rosarium philosophorum*, citado em Jung, OC 16, par. 479).

Linguagem simbólica da imagem

O anjo, representando o Si-mesmo, é encimado por nuvens porque a natureza verdadeira das coisas está velada por sua aparição. Pode representar também o arcanjo Miguel, chefe das hostes celestiais, vencendor da batalha contra os espíritos do mal, guia das almas, potencial espiritual da humanidade; ou pode representar o arcanjo Gabriel proclamando a mensagem divina. O sinal do Sol em sua testa significa o espírito, que "sopra onde quer". O anjo traz o elixir misterioso em sua cabeça e, por sua relação com o meridiano, fica evidente que ele é uma espécie de gênio solar ou mensageiro do Sol que traz 'iluminação', isto é, um aperfeiçoamento e uma expansão da consciência (Jung, OC 13, par. 107). Embora clara, a luz do Sol nos permite ver apenas os aspectos superficiais. A verdadeira essência das coisas só é percebida através da interiorização e do discernimento.

A cruz na bandeira quadrada mostra esse discernimento fundamentado no julgamento justo. Significa reconciliação dos opostos em uma nova unidade. Também refere-se à atualização e à pedra quadrangular de quatro dimensões dos sábios.

> A idéia da cruz passa para além de uma simples oposição e indica uma duplicidade, isto é, um quaternio (quaternidade). No espírito dos alquimistas isso significa em primeira linha os quatro elementos dispostos em cruz ou as quatro propriedades dos quatro elementos também dispostas em cruz. (...) [o lapis, o homem primordial, o Deus dentro] representa e padece a desunião dos elementos (...) também é ele quem tanto efetua a união dos quatro como é simultaneamente idêntico com o produto da união (Jung, OC 14/2, par. 274).

A trombeta significa vibração, movimento, penetração em espaços intersticiais. Evoca a experiência de ser imerso em música e em emoção profunda; evoca a consonância da existência e do tempo, do desenvolvimento e da regressão. A força espiritual dos homens ajuda-os a escapar da sepultura do complexo do ego, a chegar a um acordo com o mal e integrar a sombra.

Os 12 raios representam os 12 signos do zodíaco e o passar do ano. As 12 línguas de fogo no baralho de Wirth inspiram o espírito heróico a gestos generosos, os sensíveis ao auto-sacrifício, e concedem ao líder espiritual a capacidade de transmitir sabedoria. As chamas são brancas, azuis, vermelhas e douradas, cores que relembram os quatro elementos. As línguas também nos fazem lembrar do Espírito Santo, o Confortador. Em alguns baralhos antigos, em vez de um anjo, vê-se um cisne que se precipita, outro símbolo do Espírito Santo, o espírito divino, a ressurreição.

O homem e a mulher representam a humanidade recém-ressurrecta, razão humana sábia, elevação religiosa, o conhecimento do coração, o inconsciente. A criança é seu herdeiro, que recebe a bagagem do passado: na criança, a verdade anteriormente fragmentada revela-se em sua nova totalidade.

> "Deus insuflou em todas as coisas criadas certa força germinativa, isto é, o *verdor*, por meio do qual todas as coisas se multiplicassem. Estar verde significa o crescer. Poder-se-á designar como 'Anima Mundi' (alma do mundo) essa capacidade de produzir e conservar as coisas" (Mylius, citado em Jung, OC 14/2, par. 289).

Despertar significa ficar face a face com a luz de Deus, encontrar um novo centro na personalidade que tenha integrado a ambivalência. Significa ver e ouvir a essência primordial em sua própria dimensão, transcendendo tempo e espaço, os opostos polares e os três mundos. Aqui os ressurrectos devem ser as testemunhas de Deus, e seu testemunho é ao mesmo tempo a sentença que irão dar a si próprios. Os ressurrectos são os nascidos duas vezes, os que retornam do domínio das Mães, libertos da autoconsciência inflexível e linear, abrindo o espírito para aquilo do qual não tinham consciência anteriormente. Conseguem a ressurreição do passado esquecido, a recuperação de *insights* que acreditavam perdidos mas que estavam preservados no consciente coletivo, a revitalização da função inferior. Eles passam por uma profunda mudança de caráter: o que era obstáculo é agora auxílio, a sensibilidade torna-se a base para a ação, a realidade torna-se a base da elevação espiritual.

Os sarcófagos verdes significam barcos no mar primordial, a água da vida; lembram as cartas VIII (Justiça), IX (o Eremita) e X (a Roda da Fortuna), o início e fim da estrada. Evocam também a semente enterrada que se torna verde novamente, a transformação.

> A esperança (...) é (...) que ela um dia na "hora das vésperas", isto é, decerto pelo fim da vida, se torne semelhante à pomba de Noé, que por meio do ramo de oliveira no bico anunciou o fim do dilúvio e apareceu como sinal da reconciliação de Deus com o gênero humano (Jung, OC 14/2, par. 291).

Enquanto os Amantes (carta VI) só podiam apenas fazer uma escolha de sentimento entre duas alternativas, o Condutor (da carta VII) tem uma gama mais ampla de possibilidades conscientes. Pode utilizar as habilidades e os meios adquiridos até aí; pode também fugir. A Justiça (carta VIII) exige uma posição objetiva não influenciada pelo ego; exige *insight* do valor idêntico dos opostos. Uma vez que a aceitação, indicada pelo Eremita (carta IX) é atingida, a Roda da Fortuna (carta X) começa a girar para cima. Se o indivíduo não atingiu a relativização do ego, é novamente testado (o Enforcado, carta XII). Aqui ele deve sacrificar o ego em benefício do Si-mesmo e entregar-se à proteção que o Si-

mesmo promete. Se não tiver sucesso, poderá afundar em uma existência de sombras ou renascer (carta XIII). No caso de se tornar convencido, a Torre da Destruição (carta XVI) destrói seu trabalho e força-o a reavaliar a realidade. Devido à luz da Lua (carta XVIII), recebe novos deveres em nível superior; pode cair em depressão profunda, evitada até então, temeroso de não conseguir aguentar. As catástrofes abrem a porta para o que havia permanecido inatingível até agora. Com a ajuda do espírito e da consciência iluminada (carta XIX), torna-se capaz de enfrentar a verdade (Julgamento, carta XX).

Contudo, o simples penetrar na escuridão ou mergulhar no abismo, ou ainda o despedaçar-se não é seguido necessariamente de transformação e redenção. A Graça não é algo concedido nem assegurado. É preciso o chamado da trombeta do Si-mesmo, uma mensagem transpessoal, para despertar as energias arquetípicas positivas adormecidas. Devemos também tolerar com paciência e perseverança o verdadeiro sofrimento do sacrifício exigido de nós, ao qual devemos agora aceitar. Aceitar o que aconteceu conosco no passado e o que irremediavelmente perdemos até aqui poderá abrir as portas para algo totalmente novo, um grande mistério além do domínio de nossas experiências do passado ou do presente.

ת

XXI
O Mundo

A letra Tov significa unidade, aljava de setas, receptáculo de todos os pensamentos, palavras e trabalhos. As três chamas que emanam do En dão vida ao mundo: a substância universal revela-se em formas. Em seu sentido negativo Tov significa ofensa contra o espírito. O número 21 pode ter diferentes interpretações. A figura central pode representar o ser humano perfeito, a quem é atribuído o número 5, a mandorla ao redor dele é a unidade suprema, e as quatro figuras apocalípticas nos quatro cantos representam os elementos do mundo que prestam honras a ele. As imagens nos cantos podem ser vistas não como elementos, mas como representações dos quatro temperamentos ou qualidades da personalidade humana, e o centro, como a imagem da totalidade em direção a qual se empenham em atingir: portanto (5 x 4) + 1 = 21.

O número 21 pode também ser concebido como a soma dos números de 0 a 6, pois abarcam todos os conceitos que esta carta ilustra. Todas essas diferentes interpretações apontam para a reunião da trindade em unidade, a síntese das três estradas para a redenção (3 x 7), o estágio final do processo de desenvolvimento.

A carta XXI representa o desligamento dos laços dos conceitos errôneos e o alcance do esclarecimento por meio do qual se é capaz de perceber que o absoluto e o relativo são, ao mesmo tempo, iguais e diferentes.

Temas, associações, correspondências

O Mundo representa consciência cósmica. Essa imagem representa esclarecimento, alegria, a capacidade de ver significado eterno por trás da realidade concreta. Significa conhecimento vitalizado pelo entusiasmo e indica obediência adornada por uma alegre aceitação.

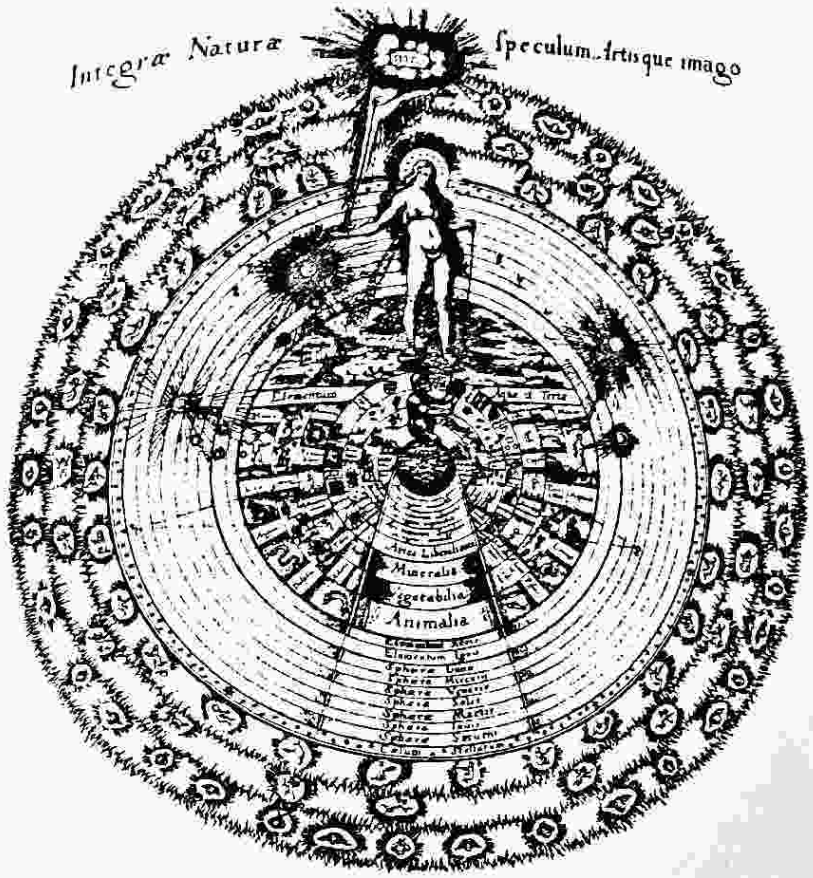


Figura 65. A Sabedoria de Deus como *Anima Mundi*, guia da humanidade, ela própria guiada por Deus. (Extraída do *Utriusque cosmi*, de Fludd, 1617.)

O ideograma para esta carta é

Amplificação astrológica: o signo de Peixes representa a fase do desenvolvimento individual na qual se consegue alcançar o distanciamento de ligações mundanas e onde a devoção a uma verdade maior dá a possibilidade de se tornar um canal para um todo mais abrangente. Espiritualmente, Peixes está relacionado com a ligação desfeita sem perder contato com a bondade e a compaixão. Na mitologia grega, Peixes está relacionado com o elemento no cosmo representado como um ser do sexo feminino. Quando os habitantes do Olimpo fugiram da fúria de Tifão, Vênus e seu filho, Cupido, tornaram-se peixes para escapar (Sucher, 1982, p. 101 do original). Em Peixes, o indivíduo aproximou-se do

objetivo espiritual após um caminho longo e penoso. Agora o Si-mesmo e o cosmo podem ser integrados, e a redenção espiritual é assim alcançada. Como sempre, o elemento feminino é uma expressão de forças da alma que servem de mediador entre o indivíduo e Deus (veja figura 65), que mostra *anima mundi*, guia da humanidade, representada por um macaco, ela própria guiada por Deus, escondido na nuvem sobre sua cabeça. A mesma mulher nua e de cabelos longos é representada nas figuras 66 e 67 (páginas 300 e 301), desta vez cercada por uma aura oval, uma mandorla idêntica àquela que rodeia a figura feminina da carta XXI. Embora, de acordo com Jung, o *opus ad rubeum* alquímico (a vermelhidão) se realize na segunda casa de Vênus (Libra) (OC 14/2, par. 74), decidi atribuir a carta XXI a Peixes devido à imagem mitológica de Vênus e do Cupido, mencionados anteriormente.

Amplificação cabalística: o não-Sefirah Daat, ou conhecimento espiritual, representa a capacidade de perceber o que não é perceptível aos sentidos por

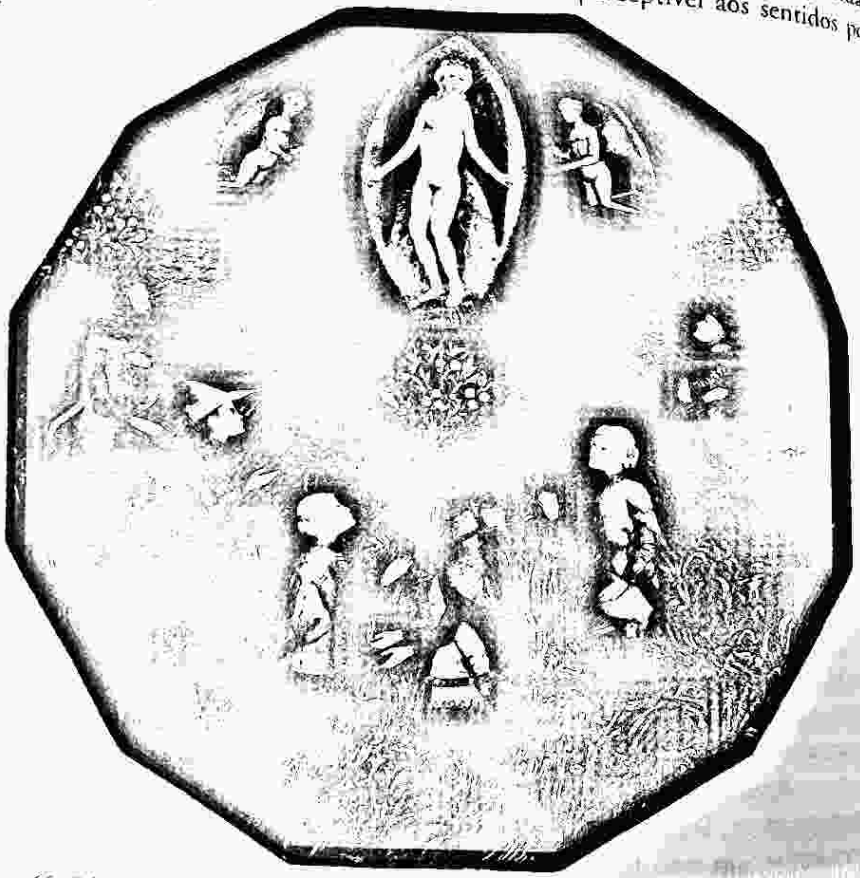


Figura 66. O Triunfo de Vênus. (Escola de Verona, do século XV, reproduzida de Neumann, *A grande mãe*, p. 62 do original.)

meio da imaginação. Daat é uma porta entre mundos através dos qual a consciência pode descer ou ascender (Halevi, *O trabalho do kabbalista*, pp. 48-49 do original). Aqui, no limiar dos mundos superiores, pode-se ouvir a Voz Sagrada instruindo o Si-mesmo. Essa posição misteriosa, na qual a psique, o espírito e o Divino podem se tocar, foi agora alcançada.

Amplificação alquímica: o *opus magnus* está completo. O espírito supracelestial das águas, unido à luz é, com toda a razão, chamado a alma do mundo, *anima mundi*. Está relacionado com o Espírito Santo, que estava presente na criação e representou o papel de procriador, impregnando as águas com a semente da vida. O fim do opus alquímico é atribuído à multiplicidade de ima-

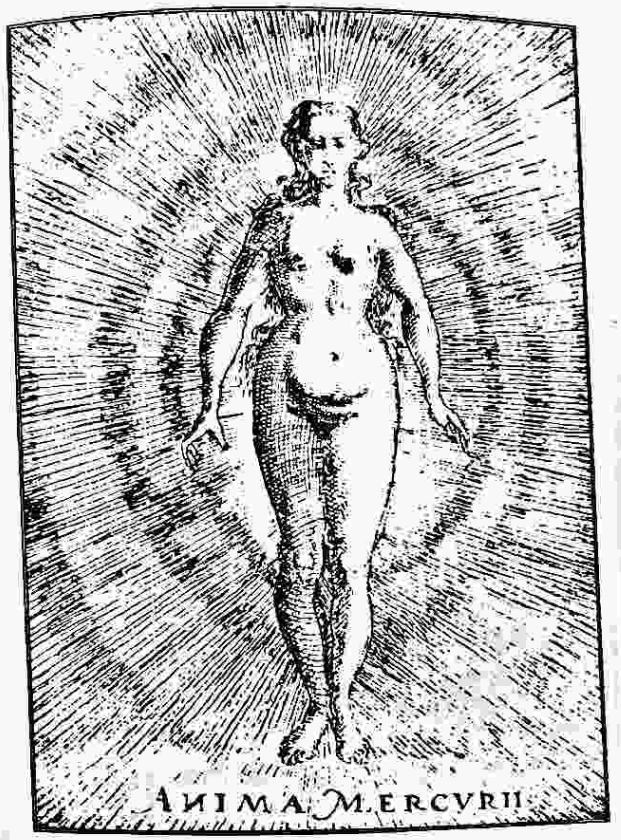


Figura 67. Anima Mundi. (Extraída do *Quinta essentia*, 1574.)

gens e termos: tintura vermelha, quintessência etc. Uma imagem que está diretamente relacionada com a da astrologia pode ser encontrada em um manuscrito citado por Jung:

> "Aquela nobre (nobilis) meretrix Vênus está revestida e envolvida por um colorido transbordante." Essa cor se aproxima do vermelho (ad ruborem vergit) (...) Em outra variante se diz: "Aquela substância preciosa é a Vênus dos antigos, a hermafrodita, que dispõe dos dois sexos" (...) "Na Chemia (alquimia) existem Vênus e Cupido. A Psique é, pois, o feminino, Cupido é o masculino que é tido como o dragão" (OC 14/2, par. 74).

O sangue vermelho deste dragão era a tintura e:

> (...) a anima (alma), a qual é extraída da prima materia e devolve a vida ao corpo "morto" (OC 14/2, par. 78).

A vermelhidão (*rubedo*) que segue a *albedo* denota um aumento de calor e de luz que provém do Sol, da consciência.

Isso corresponde à participação crescente da consciência, que começa agora a interagir com os conteúdos do inconsciente. De início esse processo de integração significa

> (...) um "acalorado" conflito, (...) [mas] prepara-se o caminho para a fusão, ou respectivamente para a síntese dos opostos. A alquimia expressa isso por meio da rubedo, na qual se realizam as núpcias do homem vermelho com a mulher branca, isto é, do Sol e da Lua (...) (Jung, OC 14, par. 301).

Em outro lugar Jung cita:

> "Encontrei uma certa pedra, vermelha, brilhante, transparente e nela vi todas as formas dos elementos e também seus contrários." (...) Pois céus, ouro e carbúnculo são sinônimos da *rubedo* (...) Rubi ou carbúnculo é o nome do *corpus glorificatum* (...) A alcova de Vênus é iluminada por carbúnculos (OC 9/1, par. 580, n. 127).

Então, a meta é às vezes a tintura vermelha, *aqua permanens*, às vezes a pedra filosofal, a qual, como um hermafrodita, contém os dois sexos, ou novamente é a panacéia, *aurum potabile*, ou *elixir vitae*, o ouro filosofal etc. As concepções da meta são tão variadas como os estágios para alcançá-la. Contudo,

> (...) "não nos é dado conhecer o processo a não ser por uma dádiva de Deus, ou através da instrução de um mestre de grande experiência; e tudo isso depende da vontade divina." (...) a produção da pedra transcende a razão e (...) só o conhecimento sobrenatural divino sabe o momento exato do aparecimento da pedra. Somente Deus conhece a "prima materia" (Jung, OC 12, par. 356).

O nascimento do *lapis* foi considerado pelos alquimistas como um dom do Espírito Santo ou da Sapientia Dei (Jung, 14/2, par. 104). Para Von Franz, Sapientia Dei é uma hipóstase feminina do Divino, a soma de imagens arquetípicas na mente de Deus. Considerada o mundo do modelo arquetípico, à imagem da qual este mundo sensível foi feito, sua imagem foi usada ora como Sabedoria, ora como *anima mundi* e ora como Jerusalém Sagrada.

> "Então a glória dos justos aparecerá como [se estivesse] sob o sol no reino de seu pai quando os muros de Jerusalém estiverem todos completos e o número dos eleitos estiver esgotado, e ela aparecerá gloriosa e feliz (...)" (Von Franz, *Aurora consurgens*, p. 370 do original).

Não surpreende, portanto, que se encontre entre as imagens usadas para esta carta, como no baralho de Visconti-Sforza, dois meninos segurando uma esfera na qual a cidade sagrada está retratada.

Interpretação psicológica: o Mundo representa realização, inteireza, consecução do objetivo, chegada à posição central onde se pode participar alegremente da dança da vida dentro do equilíbrio da psique amadurecida e da totalidade psíquica. A imagem representa início e fim, culminância da busca e semente de empenho. Ao contemplar esta imagem, pode-se imaginar o véu do espaço-tempo separando-se para revelar uma personificação do fundamento do ser. Uma invocação própria para tal epifania seria: "Que eu possa, pela mão dessa deusa, chegar ao conhecimento de minha própria verdade irradiante encarcerada nas curvas de minha própria vida temporal" (Campbell, 1974, p. 34).

Psicologicamente, a carta XXI representa o Si-mesmo em sua mais elevada unidade espiritual que permanece imutável através de todas as encarnações, o âmago do indivíduo. Seu universo pode ser intuído, mas não reconhecido.

Interpretação junguiana: no centro da carta XXI, vemos uma elipse, a qual, como a casca de uma amêndoa, é feita para proteger a semente até que esteja madura e possa ser liberada. Percebemos uma aura em forma de amêndoa, uma mandorla feita para conter e, ao mesmo tempo, liberar algo essencial e mais precioso do que ela mesma. O poema de Rilke parece lembrá-lo:

BUDDHA IN DER GLORIE

Mitte aller Mitten, Kern der Kerne,
Mandel, di sich einschliesst und versüsst.
dieses alles bis an alle Sterne
ist dein Fruchtfleisch: Sei gegrüsst.

Sieh, du fühlst, wie nichts mehr an dir hängt:
im Unendlichen ist deine Schale,
und dort steht der starke Saft und drängt.
Und von aussen hilft ihm ein Gestrahle,

denn ganz oben werden deine Sonnen
voll und glühend umgedreht
Doch in der ist schon begonnen,
*was die Sonnen übersteht.**

A mandorla é a boca da mãe; trata-se de um diagrama místico, uma imagem abstrata, uma forma antiga para meditação, servindo para a autodescoberta e a autorevelação, que no budismo são a mesma coisa. Em todo lugar que as mandorlas são vistas — sobre o portal de igrejas medievais, nas capas ou páginas com título de antigos livros sagrados — parece sempre que algo está por começar, abrir-se ou chegar.

Após a longa jornada através da segunda metade dos arcanos maiores, na qual o ego precisava ser derrotado reiteradamente e era forçado a desistir de seus velhos padrões de comportamento entranhados, o verdadeiro Si-mesmo pode agora emergir. No alto como embaixo; no interior como no exterior. A nova postura é aquela que Tillich denominou "a coragem de estar enraizado em Deus", o Deus que surge após Deus ter desaparecido no medo e na ansiedade da dúvida. É crença, é fé, capaz de transcender a falta de sentido, aceitando-a. A mandorla nos conduz à autodescoberta e à descoberta da fé, a uma casca de amêndoa que contém sua própria semente.

> [O] objetivo do opus era libertar a *anima mundi*, o espírito de Deus criador do universo, das cadeias da Physis (Jung, OC 13, par. 404).

Em nossa carta, a *anima mundi* dança contra um pano de fundo azul, o azul do céu e o azul da fé. Lembra-nos constantemente que a coragem de aceitar a condição humana nos liberta e que essa liberdade é obtida ligando-se com a semente interior do Divino plantada em cada um de nós.

---

* A GLÓRIA DE BUDA: Âmago do âmago, cerne do cerne, atrela/ amendoeira! emaranhada em sua doçura:/ tudo isso, além disso, para as estrelas,/ és a polpa do caroço — ofereço minha mesura.// Ah, sentes como nada mais te pendes, te entortes,/ tuas folhagens longas rotas ao espaço infinito,/ e pelo sumo assentas a seiva forte/ de onde brotas e se faz brilho,// porque de tua senda em sol vira/ oval e fulgurante subia na lenta caminhada acima./ Dentro do que é casca já principia/ o que o sol ao centro sempre dura.(N. da T.)

Linguagem simbólica da imagem

Luz e leveza, uma jovem dança, criando um movimento de vórtice que gera o mundo. Os braços e cabeça formam um triângulo, enquanto os pés e pernas sugerem um quadrado. Esta posição das pernas, também encontrada na carta IV (o Imperador) e invertida na carta XII (o Enforcado), evoca o símbolo do enxofre, o fogo central dos alquimistas, que queima imutável e através do qual todo o movimento é mantido.

Os dois bastões em suas mãos simbolizam integração e desintegração; ambos terminam em esferas: uma azul, outra vermelha. A esfera vermelha apreende as energias ferozes e as manda de volta à matéria na direção da esfera azul e receptiva. A figura dançando pode também ser vista como um hermafrodita, como uma reconstituição da unidade divina, homem e mulher no mundo material. Ela significa harmonia, a quietude da terra em forma de semente amarela, uma imagem que reflete os caminhos das estrelas e dos planetas.

Na dança do ponto sem dimensão, tudo é presente, concomitante e simultâneo por todo o sempre — conhecimento e não-conhecimento, movimento e quietude, início e fim. O desdobrar constante da energia criativa, a alma do universo, é simbolizado pela suástica, que também retrata o movimento no firmamento, reconhecimento total, movimento como gerador de vida. (Veja a figura 68.) A força vital é rodeada pela mandorla, uma coroa ou guirlanda que é ao mesmo tempo seu limite e sua concentração. A mandorla é aquele espaço em forma de amêndoa criado no centro de dois círculos parcialmente sobrepostos.

> Este símbolo significa nada menos do que a justaposição de opostos (...) [e] é descrito como a justaposição de céu e terra. Não há ninguém que não seja dividido pelas exigências antagonistas do céu e da terra; a mandorla nos ensina como conseguir a reconciliação (Johnson, 1991, p. 99 do original).

A mandorla tem uma função maravilhosamente curativa e encorajadora. Quando estamos cansados, desencorajados ou tão abatidos pela vida a ponto de não querermos viver na tensão dos opostos, estamos então necessitados da mandorla para nos ajudar a transcender o conflito, dando-nos uma perspectiva espiritual.

Figua 68. A Grande Deusa com a suástica, uma de Tróia, a outra da Beócia do séc. VII (Extraída de Neumann, *A Grande Mãe*, figura 20, lâmina 134).

> A mandorla une aquilo que foi separado e transformado em não-todo — não-sagrado. (...) É o campo da poesia. (...) Grande poesia (...) une a beleza e o terror da existência. É a habilidade (...) de nos lembrar que há ligações entre as coisas que sempre pensamos serem opostas (Johnson, 1991, pp. 102-103 do original).

A elipse tem dois focos, sugerindo a síntese de dois pontos de vista de uma forma dinâmica. Retrata o mistério da identidade do Uno consigo mesmo e todos os seus desdobramentos e envolvimentos. Sugere o movimento cíclico da luz, a interação entre céu e terra, alegria, paz, realização e esclarecimento. O Trabalho e sua tarefa completada são mostrados aqui. A coroa também representa o fluxo e a chama da vida.

O objetivo do processo de individuação é a unidade intemporal, o retorno ao paraíso perdido, a Jerusalém celestial (a imagem central no baralho de Visconti-Sforza), o recinto do templo, o santuário que protege contra a recaída na ambivalência.

A serpente do paraíso transformou-se em um véu que flutua ao redor da dançarina. Esse é o véu da Grande Sacerdotisa (carta II). O vazio transforma-se em manifestação, mas a essência está escondida pela forma que flui, pela matéria brilhante e iridescente. Esta é a camada superior da vida, o paraíso.

Os dois bastões sugerem o manuseio de quatro armas mágicas: vontade, conhecimento, ousadia e silêncio. Elas são a imagem da polaridade dos quatro elementos equilibrando a oposição dupla, involução e evolução, integração do microcosmo no macrocosmo.

Nos quatro cantos, os antigos símbolos do touro, leão, águia e anjo (o humano aperfeiçoado) correspondem aos elementos que o Mago (carta I) iria

usar para dar formato ao universo. Essas quatro imagens são esquemas da ordem, diferenciando a totalidade e servindo como pontos de início para meditação. Mostram a coesão de quatro elementos divergentes:

touro (terra): estabilidade, tolerância, paciência, silêncio;
leão (fogo): encarnação, ressurreição, intrepidez, razão;
águia (água): emoção, morte e regeneração, temeridade;
anjo (ar): busca da verdade, coincidência de forma e contexto.

Para os alquimistas, a *prima materia* era também chamada a 'alma das substâncias'. Jung (OC 13, par. 173) enumera seus nomes simbólicos: Adão e o homem maldito, o monstro hermafrodita, o Uno e a raiz dele, o Todo, e assim por diante. Ele considera que eles todos

> (...) indicam a *anima mundi*, (...) o Anthropos e místico Adão, descrito como uma esfera (=totalidade), consistindo em quatro partes (unindo diferentes aspectos nele mesmo), hermafrodita (além da divisão por sexo) e sombrio (isto é, psíquico). É o retrato do Si-mesmo, a indescritível totalidade do homem (Jung, OC 13, par. 173).

O hermafrodita é uma reconstrução da totalidade, do fundamento, e origem de toda personalidade, o Si-mesmo atemporal. É a identidade do individual com o transpessoal, a unidade da estrutura fundamental preexistente do universo e da humanidade; é levar um pensamento até o final.

Adiante, Jung acrescenta que a "retorta alquímica é, portanto, equivalente à *anima mundi* que, de acordo com uma velha concepção alquímica, rodeia o cosmo" (OC 13, par. 245).

Todas essas imagens indicam que estamos no final da jornada descrita de modo tão comovente por Jung em uma de suas entrevistas:

> Apenas a experiência total do ser pode transformar este estado ideal da *albedo* em um modo de existência completamente humano. Apenas o sangue pode reanimar o estado glorioso da consciência no qual (...) o diabo não tenha mais uma existência autônoma, mas integre-se na unidade profunda da psique. Então, o *opus magnum* estará terminado: a alma humana está completamente integrada (Jung, 1977, p. 228 s.)

ש

0
O Bobo

A letra Shin significa dente, colo, combinação, síntese. Representa o reino de Deus sob a regra quádrupla do Tetragrammaton. É a cruz que liga a Árvore da Vida à Árvore do Conhecimento, o término de todas as coisas, o indivíduo renovado.

O Bobo é o único arcano não numerado. Não existe registro de quem foi o primeiro a numerar os arcanos maiores, mas o fato de o Bobo ter permanecido sem número complica a questão de sua colocação em relação aos outros 21 arcanos. Como zero, o Bobo foi colocado antes do arcano I, após o arcano XXI. Em alguns tarôs oficiais, o Bobo é colocado entre o Julgamento (carta XX) e o Mundo (carta XXI), mas nesses mesmos tarôs que atribuem ao Bobo o número XXI, é também atribuído o número 0. Sadhu não tem nenhuma dúvida de que o lugar do Bobo é entre o vigésimo e o vigésimo primeiro arcano, assim, logicamente, o número deveria ser XXI que, de acordo com ele, é aceito por quem obedece a tradição. É interessante notar que no alfabeto hebraico o número da letra Shin é 21 e a letra Tov, atribuída ao arcano o Mundo, leva o número 22; isso está de acordo com a posição de Papus e Haich: que o arcano XXI está numerado errado e deveria ser, na verdade, a carta final, com o número XXII (Newman, 1983, p. 143 do original).

As imagens dos arcanos de I a XXI expressam movimento e mudança constantes. Formam dois anéis concêntricos em que o dez interior representa nosso contexto espiritual, o cenário arquetípico colocando nossa materialidade efêmera dentro do infinito e eterno, e o 11 exterior retrata uma seqüência de desenvolvimento na qual cada imagem é constantemente transformada em outra. O Bobo não participa. Em contraste com as imagens vizinhas, permanece jovem eternamente, passivo e pobre, sem nome ou forma. Permanece imóvel no centro, no centro da roda, onde é possível a imobilidade dentro da rotação; olha imparcialmente para o carrossel brilhante que gira em torno dele. Liberto dos grilhões do ego, desistiu de toda fama mundana; não se preocupa em ostentar as coroas do imperador nem em alardear todos os tesouros do sábio. Em suas viagens encontrou todas as maravilhas e horrores do mundo; aprendeu a conhecer-se e a esquecer-se de si próprio. Libertou-se de todos os tormentos e transformações. Ele não percebe que um animal brincalhão está puxando para baixo suas calças puídas. Embora esteja quase nu, não sente mais necessidade de nada.

Talvez se tenha saciado da dança de eventos mundanos e agora tenha perdido o gosto por eles. Mergulhou corajosa ou inconseqüentemente na rebentação, que o tirou do amparo amoroso da família e do país, agora obsoleto. Tornou-se um sem-teto, um motivo de riso para os sábios e uma preocupação importuna para aqueles que o amam. Atingiu a outra praia, o *des*conhecido, o *in*forme. Retornou ao vazio, ao zero, ao círculo vazio, ao símbolo ambíguo da máxima sabedoria e/ou realização da mais simples loucura. A trouxa de mendigo que carrega possui buracos, mostrando que sabe como deixar as coisas correrem; ainda assim, continua cheio do sopro do céu e da vida que invade e anima todas as coisas. O nome da carta, o Bobo, origina-se da palavra *follis*, que significa "bolsa cheia de vento". Refere-se ao domínio infindável do inconcebível, assim como ao que não existe, o irreal. A bolsa contém também sementes do passado que representam as conquistas espirituais do indivíduo.

O Bobo suporta seu destino com paciência e carrega o bastão do andarilho, que é também o do Eremita. A linha retorna sobre si própria e ao mesmo tempo contém todas as cartas do alfabeto hebraico e o conjunto de figuras correspondentes dos arcanos maiores. O círculo, o zero, simboliza o ovo cósmico, contendo dentro de si toda a germinação, uma ligação com a realização da carta XXI, o Mundo. Completamos agora totalmente um círculo.

Temas, associações, correspondências

O Bobo representa o indiferenciado e as dez mil coisas, o caminhar descuidado do indivíduo em direção à totalidade, incitado por seus sonhos, suas esperanças e medos, e pelo peso do passado. Esta carta indica *insight* do significado da existência e o reconhecimento da totalidade, assim como divergência ou desprezo pelas leis universais. O Bobo indica o que está além do sucesso ou fracasso. Sob o ponto de vista negativo, representa extinção, incompreensão e morte espiritual.

O ideograma para esta carta é

Amplificação astrológica: o Bobo foi associado aos planetas Netuno, Urano, Plutão e Vênus, e ao signo zodiacal de Peixes. Como lhe foi atribuída a letra hebraica Shin, tradicionalmente relacionada ao elemento fogo, parece que se deve procurar sua afinidade nesta direção; contudo, como o Bobo é também uma carta que indica um novo começo, preferi atribuir-lhe o signo de Áries, um

signo do fogo e o primeiro do zodíaco. Na verdade, Áries é a constelação considerada líder das hostes do zodíaco; sua associação com a fênix da mitologia egípcia sugere o início de um novo ciclo. Áries, assim, indica a inauguração, iniciação ou patrocínio de um novo elemento espiritual associado assim com iniciativa criativa, início de novos projetos, ou reativação de outros que estão estagnados por meio de impulsos recentes (Sucher, 1982, pp. 78-81 do original).

Amplificação cabalística: tendo chegado à face inferior das supernais, ocorre a conversão em Daat, e o Si-mesmo místico é transformado, permitindo-se que entre no Reino dos Céus. Aqui, em lugar do Si-mesmo, onde os três mundos inferiores se encontram, o Caminho apropriado começa.

> É aqui que o Vilon, ou Véu do dia e da noite, é enrolado e desenrolado. No Palácio da cortina entre o natural e o sobrenatural (...) chamado de Trono da Fé, esta Mansão abre-se a partir do mundo físico de Asiyyah, através do Mundo da Formação psicológico e para dentro do domínio criativo do Espírito. Esta é a porta oculta do Coração dos Corações (...) Dentro dele, o primeiro dos Céus, um homem natural pode entrar, algumas vezes aparentemente quase que por acidente, para fitar com espanto os céus acima (...) Apenas o homem de profunda devoção e intenção consciente pode sustentar tal visão (Halevi, *O caminho da kabbalah**, p. 210 do original).

É dessa morada do Criador que todas as coisas criadas emergem, descem, ascendem e reaparecem. O ato de criação, como sabemos, ocorre ao ser pronunciada a Palavra, o primeiro de todos os sons, o nome supremo de Deus: EHYEH, EU SOU. Esse, que é o primeiro dos Nomes Divinos, origina-se de um ponto além de Keter e é seguido de nove outros nomes de Deus e de suas qualidades divinas. Conhecidos como os dez Sefirot, são eternamente emanados. Se deixassem de existir, todo o Mundo manifesto desapareceria. À beira do abismo, o Bobo parece dizer:

> Mas, quanto a mim, se soubésseis
> o que sou;
> em uma palavra
> sou a Palavra que fez girar todas as coisas
> e não me envergonho delas.
> Eu é que pulei e girei (...). Amém.
>
> — "The hymn to Jesus", *The leucian acts*,
> citado por Godwin em *Angels* (*Anjos*),
> p. 252 do original.

* *O caminho da Kabbalah*, de Z'ev ben Shimon Halevi, foi publicado pela Editora Siciliano em 1994 (N. da T.).

Tendo feito contato com a coroa da criação, um ser humano desenvolvido deve saber agora retribuir e compartilhar o que recebeu. Isso é vital para o universo, pois sem a consciência de cada um, partes da existência permaneceriam escuras e desconhecidas, e o Trabalho da Unificação permaneceria irrealizado. Nesse trabalho de amor não há diferenciação, da mesma forma que não há diferença entre o Si-mesmo em um ser humano e outro. "Tudo é um", dizem os místicos, "e o Uno está em tudo" (Halevi, *O trabalho do kabbalista*, pp. 189-190 do original).

Amplificação alquímica: a mesma intuição que serve de fundamento para as afirmações do mestre Eckhart — "Deus é o Nada" e "Quando todas as coisas estavam em meio ao silêncio, então desceu sobre mim do alto, do trono real, uma Palavra secreta" — foi primordial para a convicção dos alquimistas de que sua arte é um dom do Espírito Santo. A Grande Obra pode ser feita apenas se o próprio Deus, através do Espírito Santo, concede o trabalho do homem por divina inspiração e por intervenção direta na transformação miraculosa (OC 14/2, par. 106). Mesmo se um milagre divino foi o momento decisivo, Jung destaca que a pedra ainda assim foi produzida artificialmente por mãos humanas, e na retorta (OC 14/2, par. 104) isso foi expresso nos dizeres: você não pode fazer isso sozinho, mas você só pode fazê-lo. O espírito indagador religioso e a projeção do conteúdo inconsciente dentro da matéria forneceram o remédio exigido para todo "sofrimento psíquico", e "como não podia esperar-se de outra maneira, que na verdade a bolsa do dinheiro murchava, mas a alma tirava proveito disso" (Jung, OC 14/2, par. 107). O Bobo parece evocar essa atitude complexa dos alquimistas: consciência do divino e do nada atemorizante em que poderiam aventurar-se ao seguir em frente, em direção ao futuro e ao destino.

Interpretação psicológica: o Bobo nos ensina que os papéis do dia-a-dia que consideramos tão importantes são vaidades transitórias e ilusões do orgulho. Imagem de uma experiência à beira do caos, da qual não o intelecto, as convenções coletivas, ou até mesmo a maior força de vontade, mas apenas a fé, a confiança e a pureza de coração podem nos ajudar, sua flexibilidade enfatiza a rigidez que bloqueia nossas vidas. O Bobo indica que as preocupações terrenas e as limitações do ego são todas precárias. Corajosamente ele abandona toda a segurança e penetra nos espaços que ninguém ousa percorrer, equilibrado no ar entre a ingenuidade descuidada que ameaça sua própria existência e o salto da fé adquirida de maneira inocente. O Bobo nos leva a uma jornada através de todas as mitologias. Não se pode fugir da impressão de que, aqui no final de uma estrada, pode-se olhar para trás e perceber ou imaginar todas as jornadas que já realizamos. Pode-se perceber a conexão na opinião de Quispel:

> Todos os sistemas gnósticos começam no céu, percorrem seu curso na terra e voltam para o céu (...). [H]oje, é a análise psicológica que dá continuidade ao processo mile-

nar de tomada de consciência, produzindo os mesmos símbolos do gnosticismo, cabalismo e filosofia hermética. Todas essas tradições (e o paralelo mais próximo ao gnosticismo cristão é encontrado na alquimia) mostram a mesma tendência de integrar a figura do Filho do Homem no âmago mais entranhado da personalidade ao mesmo tempo que a expande a uma dimensão comparável ao *purusha atman* do hinduísmo (Quispel, "Gnose e Cultura", em *C.G. Jung and the humanities* (*C.G. Jung e as humanidades*), pp. 27, 34 do original).

De um lado somos confrontados com

(...) o mito do Demiurgo ignorante que se considera um Deus supremo descreve a perplexidade do eu que não pode mais se furtar à constatação de que foi destronado e expulso do seu domínio absoluto por uma instância de ordem superior. Os "mille nomina" [mil nomes] do "lapis philosophorum" [pedra filosofal] correspondem, por assim dizer, aos múltiplos títulos que os gnósticos atribuíam ao *homem* (ánthropos), e através dos quais se percebe claramente o significado fundamental: trata-se do maior e mais amplo ser humano, daquela totalidade que é impossível descrever, constituída pela soma dos fatos psíquicos conscientes e inconscientes (Jung, OC 9/2, par. 296).

Por outro lado somos colocados diante do seguinte fato:

Para a maioria de nós (...) uma perspectiva que admite o campo total de relacionamentos é desorientadora, se não insuportável (...) A menos que a imagem de deus-como-si-mesmo seja apropriadamente modelada, não pode ser reconhecida nem entendida por aquela parte da mente que identificamos como consciência (...) Trabalhar eficientemente com modelos implica a capacidade de brincar e uma prontidão para esquecer. "Para conhecer Deus como Ele é", diz mestre Eckhart, "devemos estar totalmente libertos do conhecimento" (Belmonte, "O trapaceiro e o palhaço sagrado", em *C.G. Jung e as humanidades*, p. 56 do original).

O brincar e o esquecer são o domínio natural do Bobo, 'liberto do conhecimento' de uma maneira quintessencial.

Interpretação junguiana: a perspectiva de Jung liga o bobo/trapaceiro ao salvador e ao divino.

Se considerarmos, por exemplo, as características demoníacas exibidas por Yahweh no Velho Testamento, descobriremos nelas não algumas lembranças do comportamento imprevisível do trapaceiro, de suas orgias sem sentido de destruição e seus sofrimentos auto-impostos, juntamente com a mesma evolução gradual em salvador e sua humanização simultânea. É exatamente essa transformação do incompreensível no compreensível que revela a relação compensatória do trapaceiro com o 'santo' (OC 9/1, par. 458).

O processo de individuação abre o caminho para a criatividade única em cada momento e para um centro secreto da personalidade, a fonte misteriosa da vida. Esse processo conduz à realização de espontaneidade que a torna imprevisível: os outros não podem ver dentro do santuário interior do nosso coração do qual surge a reação inesperada e criativa. Essas reações podem apenas ser originadas de um estado de unicidade com o Si-mesmo, porque a qualidade única de cada momento pertence apenas ao Si-mesmo. Quando se está centrado em torno de uma fonte irrefreável de vida, a pessoa também se separa de envolvimentos coletivos, distanciando-se exterior e interiormente do que não for ela mesma. Esse é o estado em que podemos parecer 'tolos', mas nos lembra a última das dez representações de pastoreio de bois do zen, mostrando um velho indo ao mercado (figura 69). Ele tem um sorriso suave no rosto.

[O] homem (...) vai ao mercado com seu aluno e sua tigela de mendigo e até mesmo esqueceu sua experiência *satori* com os deuses. Significa que, subjetivamente, não quer sentir-se único, mas, continua a história, a cerejeira floresce quando ele passa e isso é algo que não se imaginaria quando um velho com uma barriga grande vai ao mercado com um sorriso um tanto insípido. O ser único surge dele como ato criativo, mas não está intencionalmente em sua mente. Ele não se sente único; ele é único (Von Franz, *Alquimia*, p. 160 do original).

Figura 69. O Velho indo ao mercado. [Extraída do livro *The tao of symbols* (*O tao dos símbolos*), de Powell, p. 152 do original.]

Nos escritos de outros junguianos (Hazard, Whitney, Hinton), o Bobo aparece como mediador entre unicidade e limitação e retrata as infinitas possibilidades na grandeza espantosa e surpreendente da energia cósmica sagrada de que somos parte. Em "O trapaceiro e o palhaço sagrado", Belmonte escreve:

> Se os 'psicologemas' originais são negligenciados — se o processo de autoconstituição na linguagem do mito for bloqueado — o equilíbrio da pessoa-na-sociedade é rompido e os conteúdos de desejo são percebidos como ameaçadores e alienígenas (...) [Q]uando o olho ordenador da mente está cego e sua voz mítica abafada, resultará a patologia (...) [P]orque o imaginário arquetípico de Jung permite que a mente se enxergue como uma totalidade equilibrada (...) de processos conflitantes mas mutuamente interdependentes (...)
>
> Culturas da voz e do livro respectivamente trazem uma relação muito diferente ao domínio do invisível. Elas observam mundos diferentes e geram noções opostas do que é 'óbvio' (...)
>
> O próprio palhaço poderia ser um metafísico (...) que estabelece o fundamento do movimento para diante de sua cultura em direção a um futuro incerto (...)
>
> O uso do reverso e (...) do código analógico são fundamentais para a mentalidade mítica (...) O mito transmite sua dupla fala à mente literal (...) [O] símbolo do mito sempre participa dessa dualidade (...) O arquétipo de Jung [o Trapaceiro] está envolvido em um drama de êxtase e consciência (...)
>
> "Nenhum valor psíquico", Jung escreveu, "pode desaparecer sem ser substituído por outro de intensidade equivalente." Se banirmos Hermes, o psicopompo, o acompanhante das almas até Charon, ele retornará como o Cão do Inferno (...)
>
> Por meio da catarse [linguagem mítica], a poesia trágica traz harmonia interior à alma (...) Todo mito tem um aspecto lamentoso, triste, bem como um aspecto cômico [ambos representados na imagem do Bobo, que] assim como a tristeza e o riso, é restaurador (...)
>
> [O] conhecimento (...) é criado quando a mente biologicamente fundamentada consegue os meios de codificar o indescritível (*C.G. Jung e as humanidades*, pp. 50, 53, 51, 55, 56, 49, 57 do original).

Se o arquétipo é um elo ou reconexão (*religio*) do presente com o passado, podemos conceber paradoxalmente que, reconectando o passado e o presente, poderíamos adquirir uma nova perspectiva que nos permitisse superar nosso passado. Essa mudança indispensável para a cura pode ser intermediada pelo Bobo, que poderia nos ajudar a aceitar a vergonha e a vulnerabilidade passadas. Se podemos reconhecer o Bobo como a personificação do lado inaceitável de nosso ser, nosso tremor de medo é transformado em riso de carnaval e nossa peregrinação protelada em direção à auto-aceitação, autoconhecimento, e a ativação do Si-mesmo pode prosseguir.

Finalmente, entre os índios winnebago, o-chefe-que-se-passa-por-trapaceiro rompe os tabus mais sagrados e despoja-se das vestes de sua posição mundana antes da metamorfose em andarilho infantil, isto é, o Bobo.

Linguagem simbólica da imagem

Antes de considerar os símbolos reais da carta, sabemos que deve expressar uma certa fase do início cósmico. O nome da carta e seu número, 0, com seu significado do Não-Manifestado, o En Sof da cabala, o *enso* do zen-budismo, ou "aquele sobre o qual nada pode ser dito" das filosofias hindus, indicam que nos estamos afastando do modo comum de pensar. O elemento alquímico ar, presente nesta carta, expressa o sopro primordial, o *pneuma*, um extravasamento do espírito, uma preparação. De fato, o grande sol branco retratado no canto direito superior da carta em certos baralhos contém todas as cores do espectro, abrangendo todos os comprimentos potenciais de ondas antes da análise e após a síntese.

O Bobo, retratado como um jovem eterno, está prestes a dar um passo para fora do alto despenhadeiro, em direção ao abismo. Ele é o *puer aeternus*, uma força constantemente igual a si própria e em movimento perpétuo. Suas roupas de baixo, brancas, significam inocência, pureza, ausência de cobiça, sabedoria. A túnica multicolor indica ignorância, decepção, auto-indulgência e egocentrismo. O cinto representa o movimento circular poderoso e permanente do céu, cujo círculo completo compõe o dia. A meta de sua jornada é lugar nenhum e todos os lugares. Sem saber para onde conduz a estrada, mergulhado em suas fantasias, esperanças e temores, o Bobo (como a humanidade) dança à beira do abismo, descuidado e sem propósito. Não presta atenção à trilha pela qual caminha e espinhos e cardos ferem e arranham-no até sangrar. A estrada é sua casa; raramente há uma estalagem que receba os mendigos. O Bobo carrega pacientemente a carga que lhe foi atribuída. Como o recém-nascido, não tem noção das batalhas e derrotas que estão à sua frente, nem tem conhecimento de suas possibilidades. Sua trouxa contém bagatelas e refugos: ilusões, fantasias, sucessos, idéias que podem ser potencialmente perigosas quando desprezam a realidade concreta; contudo, também contém as ferramentas de que necessita para viver sua vida.

Quando está cansado, o Bobo se apóia no ramo tosco que usa como bastão de andarilho. À noite, este serve de auxílio para que encontre o caminho; ajuda-o a descobrir obstáculos ocultos e, quando o Bobo é atacado, serve de arma.

O cão é um companheiro fiel que tenta impedir seu dono de seguir para o abismo insondável. Quando o Bobo abandona a trilha conhecida, o cão localiza

o caminho certo e insiste para que ele se atenha à estrada. Contudo, se ele achar um osso, o dono é obrigado a parar e, se pressentir o cheiro de algum animal selvagem, levará nosso Bobo consigo em uma perseguição desastrada. À noite, o cão é o guardião do dono, protegendo seu sono, mas pode também perturbá-lo uivando para a lua. O andarilho pode ensinar ao cão obediente truques que alegrem as crianças nos mercados ou que lhe proporcionem dinheiro nas feiras.

O Sol é o centro de equilíbrio de toda a consciência, o espírito mutável em todas as coisas animadas. Clareia o significado da vida e mostra a importância de toda ação, independente de sua função momentânea prática no tempo e além dele.

A tulipa vermelha a seus pés, a mesma que se abria em botão para o Mago (carta I) e florescia para o Imperador (carta IV), aqui está murcha, como na carta XIV (Temperança), indicando que não é na materialidade, mas na contemplação pura do divino, que se encontra a essência perpétua.

O Bobo não se submete a nenhuma regra. Ele vai passando, deixando todas as estradas para trás e confia na luz, a energia vital da individualidade. Ele anda à beira do abismo como um peixe nada na água. Em seus passeios errantes, adquiriu ou não a iluminação. Ainda assim, a lenda do 'Judeu Errante', eternamente maldito, é aqui transformada em imagem positiva. O Bobo, que não pára em lugar nenhum, está sempre esperançoso, em perpétua transformação. É do nada que emerge a esperança das coisas por vir.

No zen japonês, o círculo vazio *enso*, flutuando livre no espaço (figura 70), é o símbolo da máxima transparência e realização. Para os místicos (sejam orientais, cristãos ou hebreus), esse vazio é a pré-condição inalterável para a experiência da transcendência. Na tradição hassídica mística, o vazio é um dos nomes de Deus — o próprio Deus em seu aspecto mais oculto.

O Bobo parece nos guiar em direção a um lugar descrito alternativamente como iluminação que, de alguma forma, está relacionado com o vazio. Jung cita de um texto do *Bardo Thodol*:

> Teu próprio intelecto, que agora é vazio, mas que não se deve considerar como o vazio do nada, e sim como intelecto em si, desimpedido, luminoso, estimulante e feliz, é a verdadeira consciência, o Buda sumamente bom (OC 11, par. 837).

> Tua própria consciência luminosa, vazia, inseparável do grande corpo irradiante, não tem nascimento nem morte; é a luz imutável (...) (OC 11, par. 839.)

Para Jung, a alma é a luz da divindade e a divindade é a alma, um paradoxo que o Oriente pode suportar, mas que é difícil para nós do Ocidente (OC 11, par. 840). Contudo, ele continua (par. 884 ss.), não podemos fugir à impressão de que a iluminação é um acontecimento natural, que é uma coisa simples, e qualquer tentativa de explicá-la provoca a maior confusão. No entanto, pode-se ousar dizer que a iluminação implica tanto o *insight* da natureza do Si-mesmo

Figura 70. Enso. [Extraída de Addiss, *The art of zen* (*A arte do zen*), p. 135 do original.]

quanto a libertação da ilusão em relação ao Si-mesmo. Pode assim expressar uma mudança de consciência como resultado da anulação do ego pelo Si-mesmo. Citando da *Theologia germanica*, Jung observa:

> À medida que uma criatura se torna consciente desta sua perfeição, ela perde por completo seu caráter de criatura, sua índole de ser criado, sua eqüidade, sua ipseidade.
>
> Por isso conclui o homem: "Que pobre tolo eu sou! Estava iludido que era bom, mas eis que percebo que aquilo era e é realmente Deus" (OC 11, par. 886).

Jung associa essa passagem a um dos dizeres do mestre Eckhart:

> (...) sou um ser imóvel que move todas as coisas. Aqui Deus não habita mais no interior do homem, pois o homem, com sua pobreza, alcançou novamente o que sempre foi e será eternamente (OC 11, par. 887).

A universalidade do arquétipo do Bobo é ilustrada por uma passagem extraída de *Charley Bland*, de Mary Lee Settle, uma autora contemporânea, descendente de afro-americanos, descrevendo

(...) o verão mais feliz dominado pelo Bobo no baralho do Tarô (...) rodopiando, intemporal, bobo alegre, puro equilíbrio, palhaço, céu e terra, bode expiatório e sacrifício ritual. Como ele é o centro das coisas e o lado externo ao mesmo tempo, é puro equilíbrio, invisível (...) [É] o sétimo sentido, o sentido do equilíbrio. Não há palavras para ele (...) Os atletas sabem disso (...) é sentido, dificilmente registrado, simplesmente vivido. Sentimos isso durante alguns meses naquele primeiro verão. O Amor era o Bobo no centro das coisas, equilibrando-se ali, não oculto, mas invisível (1989).

O Bobo é sempre verdadeiro e uma verdade a ser enfrentada, um paradoxo, a máxima integração dos opostos. Em sonhos podemos permanecer sorridentes ao lado do sonhador, dando apoio, e é esse conforto que o Bobo dá: não-apoio e não-conforto que, no entanto, é reconfortante por ser tão absurdo e falivelmente humano. Acima de tudo, o verdadeiro Bobo é humano, falível e pecador. Precisamos dele para equilibrar o lado pedante e desconexo da racionalidade exagerada. Jung pergunta:

> (...) pois de outro modo como se poderia ver a luz sem a sombra, sentir o silêncio sem o barulho, alcançar a sabedoria sem a estultícia? (OC 11, par. 953).

T.S. Eliot, em seu "Little Gidding" (em *Quatro quartetos*), disse que nós, seres humanos, nunca iremos parar de explorar, que depois de explorar tudo o que pudermos, voltaremos ao ponto de onde começamos, mas após essa exploração, conheceremos o lugar — realmente pela primeira vez. Após a luz ter percorrido todos os arcanos e tê-los transformado, retorna, vitoriosa, de volta a si mesma, guiada pelo Bobo.

Apêndice I

TARÔ E ASTROLOGIA

Tarô e astrologia

> O inconsciente coletivo (...) parece ser constituído de algo semelhante a temas ou imagens de natureza mitológica, e, por esta razão, os mitos dos povos são os verdadeiros expoentes do inconsciente coletivo. Toda a mitologia seria uma espécie de projeção do inconsciente coletivo. É no céu estrelado, cujas formas caóticas foram organizadas mediante a projeção de imagens, que vemos isto o mais claramente possível. Isto explica as influências dos astros, afirmadas pela Astrologia: estas influências mais não seriam do que percepções introspectivas inconscientes da atividade do inconsciente coletivo (Jung, OC 8, par. 325).

Caso aceitemos que os arcanos maiores possam representar um conjunto de tais símbolos primordiais, a exploração da sua dimensão astrológica pode apenas nos aproximar mais dos motivos do inconsciente coletivo que eles expressam.

Os argumentos apresentados até agora intentam demonstrar que o tarô pode ser um recurso importante para a compreensão das energias arquetípicas disponíveis na nossa camada alternativa da psique, o domínio do Si-mesmo. Além do mais, o tarô pode ativar o poder transformador do mundo simbólico e tornar-se, dessa forma, um veículo para a função transcendente integrando contradições, resolvendo conflitos e auxiliando no alcance da totalidade e da individuação. Por outro lado, aceita-se comumente que a astrologia seja provavelmente a mais velha linguagem que expresse os processos da vida na natureza assim como na existência diária (Mann, p. 18 do original). Na busca de um entendimento maior para a interpretação do tarô, considerou-se que descobrir relações entre a imagística astrológica poderia ajudar. Embora eu concorde com Mann que "a grande vantagem da síntese do tarô e da astrologia (...) é que a utilização conjunta dos dois sistemas de símbolos permite uma maior profundidade de interpretação" (Mann, p. 20 do original), o resultado dessa síntese, como se verificou na literatura, infelizmente confundiu mais do que esclareceu/revelou as conexões mais profundas.

A maior parte daqueles que propuseram estas correlações impróprias adotou as já disponíveis atribuições astrológicas da letra hebraica. Tendo em vista que o

alfabeto hebraico englobava toda a ordem da criação dentro das suas 22 letras, acreditava-se que qualquer qualidade física ou espiritual pudesse ser graficamente representada por meio dessas letras (Pennick, p. 214 do original). De acordo com o *Sepher yetzirah*, um texto cabalístico que remonta a um período entre o século III e o século VI d.C., Deus formou os sete planetas e os sete dias da semana a partir das sete letras duplas (Pennick, pp. 8-12 do original). Deixando de lado por enquanto o fato de que as letras hebraicas foram atribuídas aos arcanos maiores só no final do século XIX e considerando estritamente a correspondência astrologia/letra hebraica, não podemos deixar de observar que parece existir um consenso geral quanto à correlação existente entre as 12 letras simples e os 12 signos do zodíaco. É evidente também que essa concordância de atribuições se estende às três letras-mães, às quais foram atribuídos os três elementos. A tabela 13 descreve essas correlações de acordo com as descrições feitas por Innes (p. 86 do original), MacGregor Mathers (em Innes, p. 88 do original), Wirth (1990, p. 216 do original) e Pennick (p. 12 do original).

As atribuições astrológicas para as sete letras duplas são contraditórias e não se mostram claras. Pennick menciona que os sete planetas foram atribuídos às sete letras, mas não os identifica de forma específica. Embora todas as fontes disponíveis remontem a derivação dessas correlações ao *Sepher yetzirah*, como é demonstrado na tabela 14, elas diferem consideravelmente. Um estudo das atribuições astrológicas para os Sefirot, como também o indica a tabela 15, apenas aumentou a confusão. A investigação dos 32 caminhos e suas correspondências celestiais complicaram o quadro ainda mais (veja figura 71 à página 325).

Os caminhos nos quais os arcanos maiores foram associados às energias astrológicas seguiram três trilhas distintas: uma é oferecida pela escola européia, encabeçada por Wirth, na qual a letra Aleph é atribuída ao Mago. A segunda alternativa segue a escola esotérica da Golden Dawn (Crowley, Case, MacGregor Mathers), que relaciona a letra Aleph ao Bobo, porque, de acordo com eles, o Bobo encabeça os arcanos maiores. A terceira abordagem observa suas dimensões astrológicas sem a utilização intermediária de uma letra hebraica.

Hurwitz (p. 185 do original), ao citar o Zohar (I, 30a), afirma que a letra Aleph, a primeira do alfabeto hebraico, representa o princípio masculino, e Beth, a segunda, representa o feminino. Caso relacionemos as letras hebraicas às imagens das cartas do tarô, as associações entre Aleph/Mago e Beth/Grande Sacerdotisa se justificam, enquanto o mesmo não ocorre com relação à associação entre Beth/Mago proposta pela escola da Golden Dawn. Observando os significados esotéricos das letras hebraicas (Pennick, p. 229 do original), a escola européia parece apresentar o número mais elevado de equivalências adequadas (por exemplo: natureza/Imperatriz; religião/Grande Sacerdote; autoridade/Imperador; prudência/Eremita; destino/Roda da Fortuna; força/Força; sacrifício/Enforcado; morte/Morte; sombra, reflexão/Lua; luz/Sol; reconhecimento/Julgamento), enquan-

TABELA 13. LETRAS HEBRAICAS, SIGNOS, ELEMENTOS E SUBSTÂNCIAS ALQUÍMICAS

Correlações existentes entre as letras simples e os signos do zodíaco		Correlações existentes entre as letras-mães, os elementos e as substâncias alquímicas		
Letra Simples	Signo do Zodíaco	Letra-mãe	Elemento	Substância Alquímica
Heh	Áries	*Aleph*	Ar	Mercúrio
Vav	Touro	*Mem*	Água	Sal
Zayin	Gêmeos	*Shin*	Fogo	Enxofre
Chet	Câncer			
Tet	Leão			
Yod	Virgem			
Lamed	Libra			
Nun	Escorpião			
Samech	Sagitário			
Ayin	Capricórnio			
Tsade	Aquário			
Koof	Peixes			

TABELA 14. AS LETRAS DUPLAS E OS PLANETAS.

LETRA	PLANETA			
	Kaplan	Innes	Wirth	MacGregor-Mathers
Beth	Saturno	Lua	Sol	Mercúrio
Gimel	Júpiter	Marte	Vênus	Lua
Daleth	Marte	Sol	Mercúrio	Vênus
Kaph	Sol	Vênus	Lua	Júpiter
Peh	Vênus	Mercúrio	Saturno	Marte
Resh	Mercúrio	Saturno	Júpiter	Sol
Tov	Lua	Júpiter	Marte	Saturno

TABELA 15. ATRIBUIÇÕES ASTROLÓGICAS PARA OS SEFIROT.

SEFIRAH	ATRIBUIÇÕES ASTROLÓGICAS			
	Halevi	Kaplan	Zain	Doane & Keyes
Keter	Netuno	Plutão	Plutão	Plutão
Hokhmah	Urano	Urano	Netuno	Netuno
Binah	Saturno	Netuno	Urano	Urano
Hesed	Júpiter	Júpiter	Júpiter	Júpiter
Gevurah	Marte	Marte	Saturno	Saturno
Tiferet	Sol	Sol	Vênus	Vênus
Nezah	Vênus	Vênus	Marte	Marte
Hod	Mercúrio	Mercúrio	Mercúrio	Mercúrio
Yesod	Lua	Lua	Lua	Lua
Malkhut			Sol	Sol

to, em contraste, a Golden Dawn e seus adeptos nos apresentam alguns 'Pares' particularmente difíceis de serem aceitos (por exemplo: pai, riqueza/Bobo; mãe/Mago; equilíbrio, previsão/Diabo; imortalidade, mãe cósmica/Torre da Destruição). Veja a tabela 16 à página 326. Knight, perplexo com a multiplicidade de atribuições contraditórias, procede à sua explicação da seguinte forma:

> [Embora] Thierens seja um astrólogo notável, seu conhecimento a respeito da cabala parece muito limitado, e (...) embora os esforços de Zain para a propagação da filosofia esotérica sejam louváveis, seu cabalismo é um tanto não-ortodoxo, para dizer o mínimo (...) Stenring, por outro lado, é um cabalista de boa erudição, mas seu conhecimento do tarô, que é não-hebraico, parece duvidoso (Knight, p. 230 do original).

Uma investigação sobre a maneira como astrólogos famosos correlacionaram os trunfos com os símbolos astrológicos também revelou-se decepcionante. Fato surpreendente, Greene relacionou-os a figuras mitológicas em vez de planetas ou signos zodiacais; assim, por extensão, fica a cargo do leitor relacionar os deuses gregos aos planetas aos quais eles têm sido associados; Hermes/Mercúrio, Zeus/Júpiter, Ares/Marte, Crono/Saturno, Hades/Plutão, Posêidon/Netuno, Hécate/Lua, Apolo/Sol.

Causa perplexidade e confusão o fato de Greene relacionar a Estrela a Pandora (p. 69 do original), e não a Vênus, como ocorre com a correlação puramente 'mecanística' entre a seqüência dos 12 primeiros trunfos e os 12 signos do zodíaco proposta por Thierens (p. 38 do original). Veja a tabela 17. Ainda mais difícil de aceitar é o agrupamento descrito por Roberts (*Revelações do tarô*, pp. 52-56 do original). Para ele existe uma 'escada de planetas' na qual os arcanos maiores (ou 'chaves', como ele os denomina) são agrupados em tríades, como se pode ver na tabela 18. Visto que a Morte (XIII) e o Diabo (XV) podem ser facilmente associados a Saturno, é incompreensível que se relacione a Temperança (XIV) a essa energia restritiva e obscura. Dado que "(...) a ciência teve início com a observação das estrelas, e a humanidade descobria nelas as dominantes do inconsciente, os 'deuses', bem como as estranhas qualidades psicológicas do zodíaco: uma teoria projetada do caráter do ser humano, [e que] a astrologia é uma experiência primordial similar à alquimia" (Jung OC 12, par. 346), acrescentar outra dimensão a um emaranhado já confuso só confunde mais. Admitidamente, a astrologia era um conceito global abrangente que — devido à multiplicidade dos seus aspectos — dizia respeito a toda atividade humana. Sem dúvida os símbolos utilizados pelo astrólogo e pelo alquimista representam elementos primordiais e processos desenvolvidos em grande parte na Idade Média, mas que certamente se originaram num período muito anterior. (Veja a figura 72.) A propriedade mitológica da consciência naquele tempo produziu imagens que sobreviveram no inconsciente coletivo e que vêm à luz sempre que um estímulo adequado ocorre.

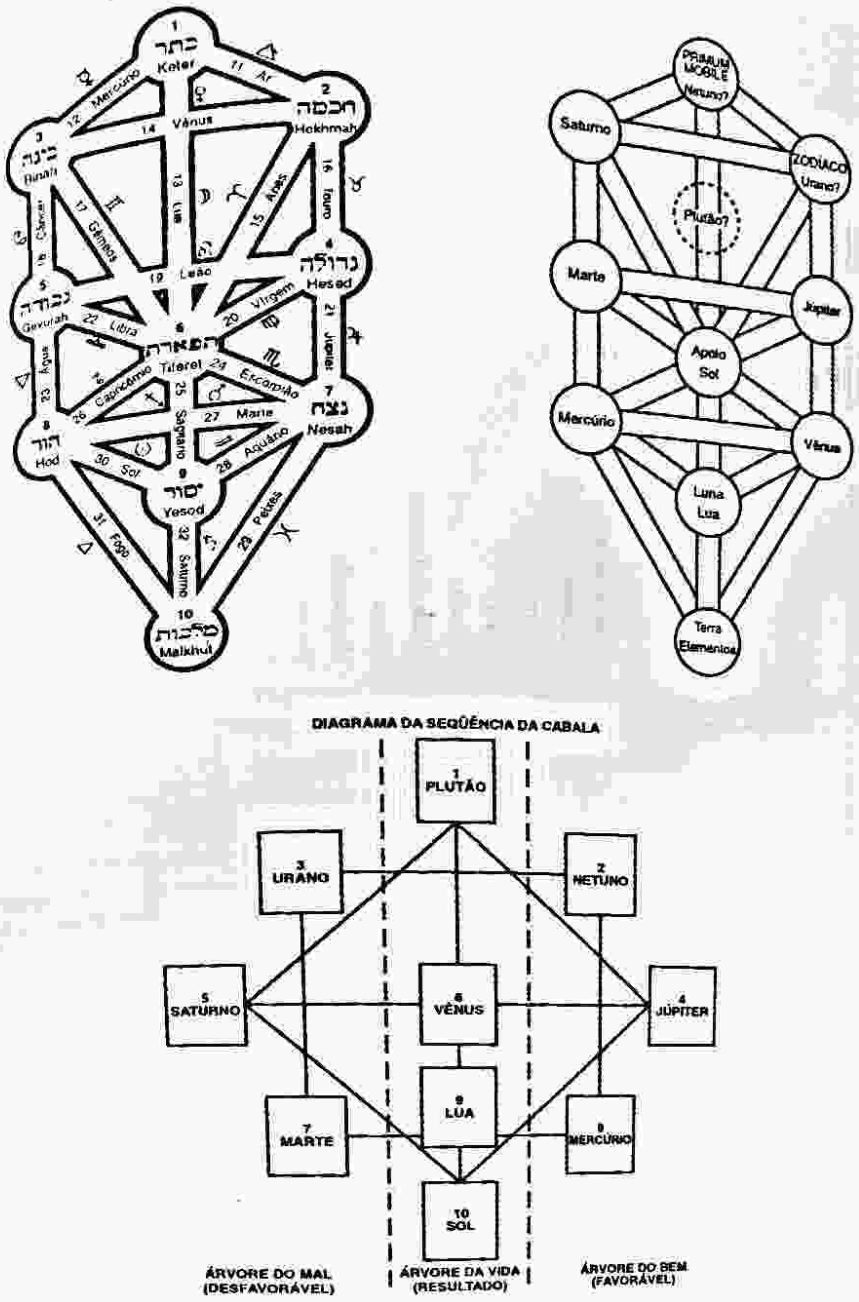
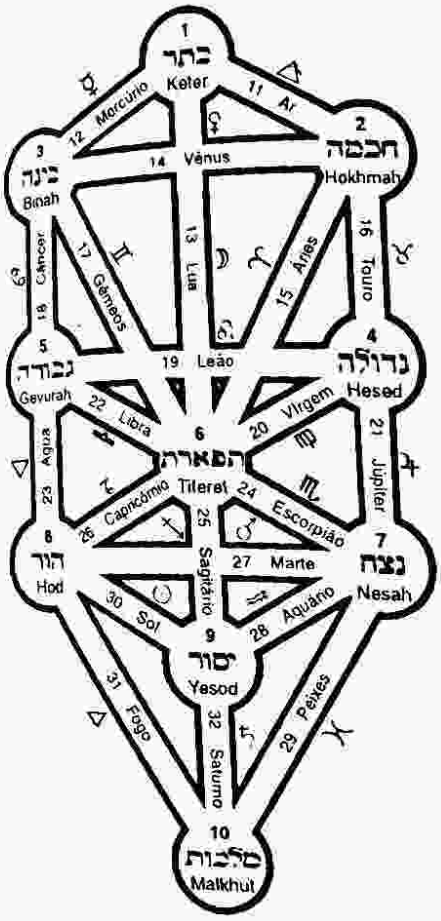
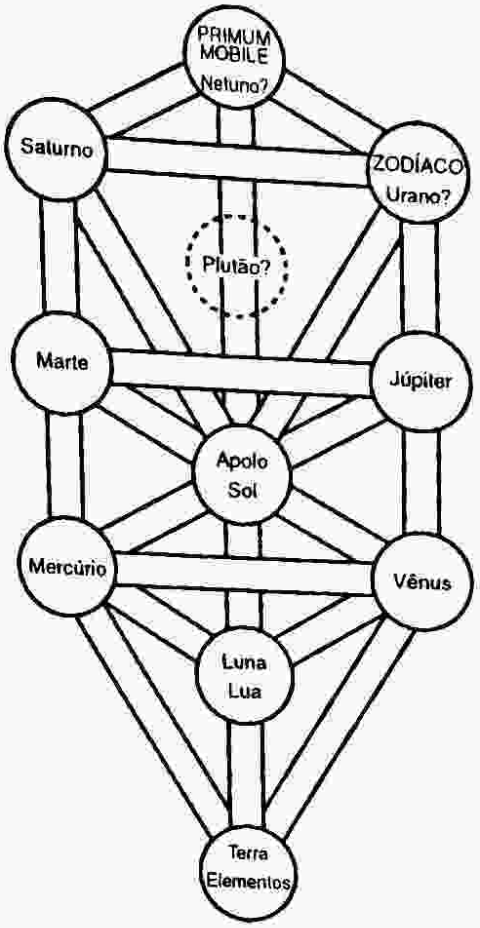


Figura 71. Correspondências astrológicas da Árvore da Vida. [Extraídas de Poncé, *Cabala*, p. 161 do original; Halevi, *A árvore da vida* (*Introdução à Cabala*), p. 52 do original; Doane e Keyes, p. 60 do original.]





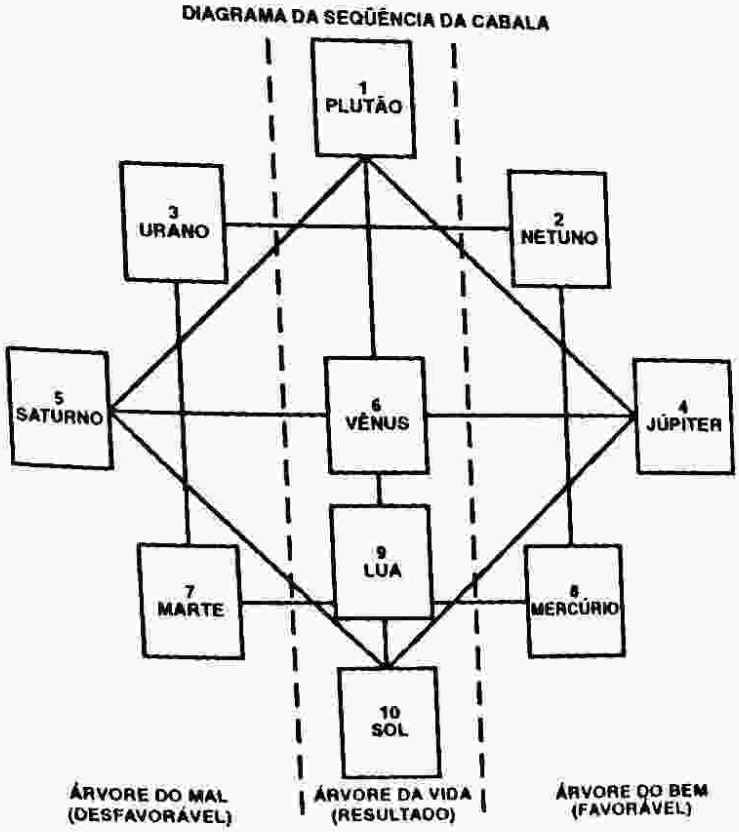


Figura 71. Correspondências astrológicas da Árvore da Vida. [Extraídas de Poncé, *Cabala*, p. 161 do original; Halevi, *A árvore da vida* (*Introdução à Cabala*), p. 52 do original; Doane e Keyes, p. 60 do original.]

TABELA 16. ATRIBUIÇÕES DAS LETRAS HEBRAICAS AOS ARCANOS MAIORES DE ACORDO COM WIRTH E A GOLDEN DAWN.

Letra Hebraica	Significado Esotérico	Arcanos Maiores	
		Wirth	Golden Dawn
Aleph	Riqueza, pai	Mago	Bobo
Beth	Mãe	Grande Sacerdotisa	Mago
Gimel	Natureza	Imperatriz	Grande Sacerdotisa
Daleth	Autoridade	Imperador	Imperatriz
Heh	Religião	Grande Sacerdote	Imperador
Vav	Liberdade	Amante(s)	Hierofante
Zayin	Propriedade, domínio	Carro	Amante(s)
Chet	Distribuição, discriminação	Justiça	Carro
Tet	Prudência	Eremita	Força
Yod	Ordem, destino	Roda da Fortuna	Eremita
Kaph	Força	Força	Roda da Fortuna
Lamed	Sacrifício	Enforcado	Justiça
Mem	Morte	Morte	Enforcado
Nun	Reversibilidade	Temperança	Morte
Samech	Universalidade	Diabo	Temperança
Ayin	Equilíbrio, previsão	Torre da Destruição	Diabo
Peh	Imortalidade, mãe cósmica	Estrela	Torre da Destruição
Tsade	Sombra, reflexão	Lua	Estrela
Koof	Luz	Sol	Lua
Resh	Reconhecimento	Julgamento	*Sol*
Shin	Fogo sagrado	*Mundo*	*Julgamento*
Tov	Síntese	*Bobo*	*Mundo*

Tabela 16. Atribuições das Letras Hebraicas aos Arcanos Maiores de Acordo com Wirth e a Golden Dawn.

Letra Hebraica	Significado Esotérico	Arcanos Maiores	
		Wirth	Golden Dawn
Aleph	Riqueza, pai	Mago	Bobo
Beth	Mãe	Grande Sacerdotisa	Mago
Gimel	Natureza	Imperatriz	Grande Sacerdotisa
Daleth	Autoridade	Imperador	Imperatriz
Heh	Religião	Grande Sacerdote	Imperador
Vav	Liberdade	Amante(s)	Hierofante
Zayin	Propriedade, domínio	Carro	Amante(s)
Chet	Distribuição, discriminação	Justiça	Carro
Tet	Prudência	Eremita	Força
Yod	Ordem, destino	Roda da Fortuna	Eremita
Kaph	Força	Força	Roda da Fortuna
Lamed	Sacrifício	Enforcado	Justiça
Mem	Morte	Morte	Enforcado
Nun	Reversibilidade	Temperança	Morte
Samech	Universalidade	Diabo	Temperança
Ayin	Equilíbrio, previsão	Torre da Destruição	Diabo
Peh	Imortalidade, mãe cósmica	Estrela	Torre da Destruição
Tsade	Sombra, reflexão	Lua	Estrela
Koof	Luz	Sol	Lua
Resh	Reconhecimento	Julgamento	Sol
Shin	Fogo sagrado	Mundo	Julgamento
Tav	Síntese	Bobo	Mundo

Tabela 17. Atribuições Mitológicas e Astrológicas para os Arcanos Maiores.

Trunfo	Deuses e Deusas (*Greene*)[1]	Signo e Planeta (*Thierens*)[2]
Mago	Hermes	Áries
Grande Sacerdotisa	Perséfone	Touro
Imperatriz	Deméter	Gêmeos
Imperador	Zeus	Câncer
Grande Sacerdote	Quíron	Leão
Amante	Páris	Virgem
Carro	Ares	Libra
Justiça	Atena	Escorpião
Eremita	Crono	Sagitário
Roda da Fortuna	Moiras	Capricórnio
Força	Héracles	Aquário
Enforcado	Prometeu	Peixes
Morte	Hades	Saturno
Temperança	Íris	Mercúrio
Diabo	Pã	Marte
Torre/Destruição	Posêidon	Urano
Estrela	Pandora	Vênus
Lua	Hécate	Lua
Sol	Apolo	Sol
Julgamento	Hermes (Psicopompo)	Júpiter
Mundo	Hermafrodito	Netuno
Bobo	Dioniso	Elemento do Destino

1. Adaptado do livro O *tarô mítico*, de Sharman-Burke e Greene.
2. Encontrado no livro *Astrologia e tarô*, pp. 38-39 do original.

Tabela 18. Planetas e Metais Associados aos Arcanos Maiores.[3]

Planeta	Símbolo	Metal	Trunfos
Mercúrio	☿	Mercúrio	1-3
Vênus	♀	Cobre	4-6
Marte	♂	Ferro	7-9
Júpiter	♃	Estanho	10-12
Saturno	♄	Chumbo	13-15
Lua	☽	Prata	16-18
Sol	☉	Ouro	19-21

3. Extraída de Roberts, *Revelações do tarô*, p. 57 do original

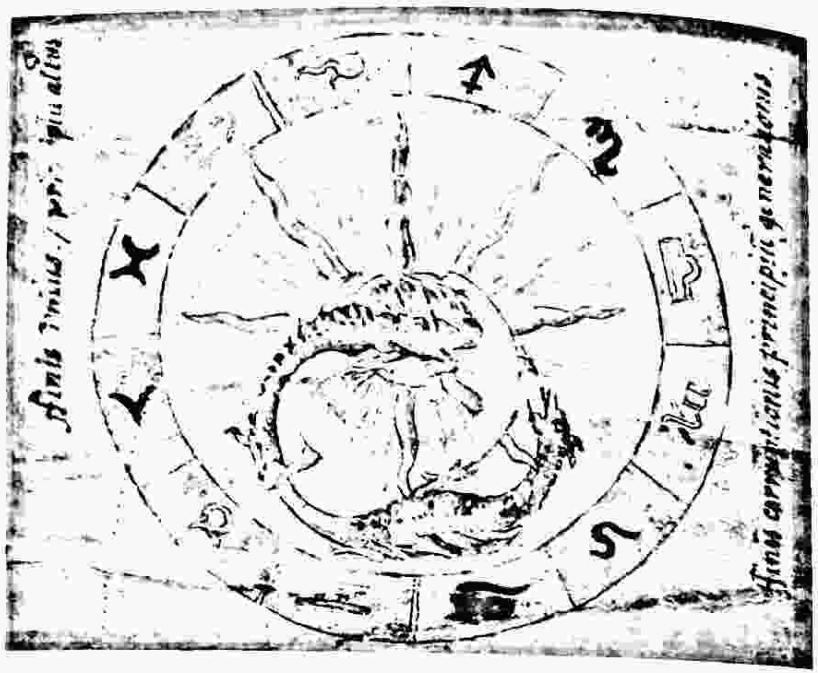


Figura 72. O processo alquímico no zodíaco. (Extraída do "Ripley Scrowle" M.S., 1588.)

Tendo em vista que o tarô designa as descrições vivas e imaginativas dos nossos Si-mesmos interiores, elas têm a capacidade de nos ligar novamente ao desígnio antigo e eterno que jaz adormecido na camada da psique inconsciente coletiva. Não parece impossível que os mitos estejam por trás da energia dos arcanos maiores, energia esta misteriosa e, às vezes, mistificadora. Isso explicaria a 'sobrevivência' dos trunfos, que transcenderam as mudanças na cultura e na consciência. Retroceder dessa forma parece justificável, mas fazê-lo indiscriminadamente não é de nenhum auxílio. Encontrar correspondências para uma imagem do tarô na cabala ou na alquimia, embora represente uma tarefa árdua e complexa, mostra-se gratificante quando se limita a uma comparação entre duas coisas; quando, no entanto, tenta-se comparar o tarô com a astrologia, a tarefa torna-se a de proceder à arrumação do emaranhado de pares predeterminados e mal dispostos. As correspondências planetárias e zodiacais historicamente 'aceitas' que atribuíram o planeta e o signo não ao trunfo do tarô mas à sua letra hebraica associada estão, como temos visto, na origem dessa confusão.

Quer o critério para distribuições astrológicas seja a forma da letra hebraica (a escolha de Wirth que liga a letra Aleph à Órion, Beth à Cassiopéia, Gimel a

Virgem, Ayin a Escorpião, Heh a Áries) ou seu lugar na Árvore da Vida (mais especificamente em um dos 22 caminhos — atribuições de Crowley), defrontamo-nos com o faro de que, ao tentarmos encontrar o equivalente astrológico da carta do tarô na letra hebraica associada a ela, permitimos o desvio desde a tarefa principal da atribuição astrológica até os trunfos — um esforço por si só elaborado e sensível.

Algumas associações dos arcanos maiores e suas correlações astrológicas são melhores do que outras, e algumas foram mencionadas várias vezes na literatura, não importando a escola esotérica ou se a letra hebraica era considerada ou não. Por exemplo:

Mais freqüentemente mencionadas	**Não tão mencionadas**
Mago/Mercúrio	Amante(s)/Touro
Grande Sacerdotisa/Lua	Carro/Sagitário
Imperatriz/Vênus	Temperança/Câncer
Imperador/Júpiter	Sol/Sol
Justiça/Libra	
Força/Leão	

Ao propor minhas próprias atribuições, tentei permanecer tão próxima quanto possível do que, intuitivamente, percebo ser as características comuns que ligam a carta do tarô a um signo astrológico ou planeta:

Mago/Mercúrio	Enforcado/Gêmeos
Grande Sacerdotisa/Lua	Morte/Capricórnio
Imperatriz/Vênus	Temperança/Câncer
Imperador/Júpiter	Torre da Destruição/Urano
Grande Sacerdote/Marte	Diabo/Saturno
Amante(s)/Touro	Estrela/Aquário
Carro/Sagitário	Lua/Netuno
Justiça/Libra	Sol/Sol
Eremita/Escorpião	Julgamento/Plutão
Roda da Fortuna/Virgem	Mundo/Peixes
Força/Leão	Bobo/Áries

Embora a princípio possa parecer difícil aceitar uma associação do tipo Mundo/Peixes, cito Hand, um astrólogo de renome, que escreveu (1989, p. 239 do original): "Na linguagem do misticismo, Peixes simboliza a rendição da alma a Deus". Se, por conseqüência, os 20 primeiros arcanos representam o ponto na viagem de retorno da alma, no qual nos encontramos às portas do infinito, então essa atribuição parece apropriada. Pode ocorrer também de a correlação Lua/

Netuno não ser satisfatória para alguns; nesse caso, Hand afirma que Netuno

> (...) provavelmente apresente um nome inadequado de um ponto de vista astrológico, uma vez que é pouco similar ao impetuoso deus do mar romano. Ele é mais parecido com a deusa indiana Maia; (...) sua natureza frustra uma definição porque está associada a aspectos do universo ilusórios, não tão definidos e até mesmo imaginários (p. 75 do original).

Essa descrição combina bem com a energia da Lua. Também não estou muito satisfeita com o par Estrela/Aquário, que certamente apresenta muitas falhas; a despeito dos seus aspectos 'aquosos', Aquário é um signo do ar, e como tal não se ajusta à qualidade de sentimento da Estrela. É melhor apoiar uma correlação Vênus/Estrela, pois Vênus parece mais próximo da qualidade de Inanna que essa carta emana. Isso faria com que a Imperatriz fosse associada a Ceres/Démeter, o que foi proposto por Greene [em *The mythic tarot* (O *tarô mítico*), p. 24 do original]; embora bem fundamentada na mitologia, essa última 'ligação em par' permanece, em termos astrológicos, na polêmica área dos asteróides.

Por fim, minha maior ambivalência quanto às minhas próprias equivalências propostas diz respeito aos pares Morte/Capricórnio e Julgamento/Plutão porque também posso aceitar facilmente que Hades/ Plutão, o Senhor do Inferno, pode representar uma atribuição melhor para a carta Morte, que simboliza a jornada necessária até a escuridão onde o indivíduo pode penetrar nos recônditos da própria alma e retornar transformado por esta experiência-de-morte-do-velho. Também posso aceitar facilmente uma correlação entre Julgamento/Capricórnio. De certa forma não posso deixar de ver no Julgamento elementos dos mandamentos judaico-cristãos patriarcais impostos pela autoridade dos antepassados e, de acordo com Hand, Capricórnio é demasiadamente sério, dado à presunção, sendo a manifestação do complexo do pai no nível do signo zodiacal. Além disso, Capricórnio permite ao mundo definir seu critério a respeito do que é importante e aceitável; está interessado numa idéia objetiva da verdade e está "sujeito à influência das autoridades e daqueles que se arrogam um conhecimento que é universalmente aplicável" (Hand, pp. 233 ss. do original).

Embora o fluxo do tempo e dos acontecimentos seja contínuo, nós o percebemos como composto de acontecimentos distintos, que podem ser unidades de tempo ou ações, pessoas, objetos individuais. Essa percepção, que se origina na nossa consciência, é a base para nosso entendimento do universo: é a origem da (e é expressa na) linguagem e dos números. Qualquer sistema de notação pode ser apenas um meio fragmentário de descrever um modo de ver uma 'realidade'. Enquanto a maior parte da percepção humana é de natureza fragmentária, a existência é um *continuum* holístico: e dentro de qualquer um dos sistemas de notação escolhidos, seja numérico, alfabético ou simbólico, para

aqueles que podem encontrá-los, uma realidade mais profunda está codificada (Pennick, p. 225 do original). Cada uma dessas notações é uma expressão particular de uma estrutura mágica que atua em todos os níveis, tanto no mundo material quanto no mundo não-material. As técnicas e abordagens esotéricas existentes em todas as culturas podem fornecer um meio de chegar a um entendimento criativo dessa realidade transcendente.

> Em nossas vidas, somos todos escritores das desfolhadas páginas em branco da existência (Pennick, p. 225 do original).

Esperamos que os arcanos maiores e suas correspondências cabalísticas, alquímicas e astrológicas possam nos fornecer uma chave para os segredos mágicos interiores que enriquecerão essas páginas em branco com todas as cores encontradas no mais bonito 'livro das horas'.

No mundo imaginal da psique, as experiências não se relacionam pela causalidade, mas pelo significado. Existem conexões entre os acontecimentos e as imagens do tarô porque há um significado compartilhado (Sharman-Burke e Greene, *O tarô mítico*, p. 12 do original). Esta é a base do método de Jung de amplificação, que se mostra não apenas legítima mas proveitosa na presente abordagem à imagística do tarô. Sendo que o indivíduo permanece próximo à imagem, circungirar e descobrir correspondências e similaridades só pode intensificar o *insight*, uma vez que nossas associações não permitem que se conduza a sínteses intelectuais ou sistemas esotéricos distantes do centro da verdade restauradora e expressiva: avivar as imagens não significa carregá-las de preconceito.

Significados tradicionais podem, assim, confundir em vez de esclarecer, ainda mais se o indivíduo mostra-se relutante em abandonar a crença nos conceitos limitados sobre os quais o mundo é freqüentemente estruturado. Mais do que nunca, é importante iniciar a partir de um ponto de vista que leve em conta um maior entendimento da vida; devemos considerar o mundo e nosso envolvimento nele imbuídos de uma consciência maior, capaz de abranger mais de uma camada da realidade.

> Você é o criador da própria existência e a verdadeira origem de todas as intenções em seu universo (...) Você é, na totalidade do que é, o criador e o foco da energia divina em seu universo (Hand, p. 17 do original).

Tendo em vista que "a consciência individual se fundamenta numa psique inconsciente, cujas dimensões não é possível determinar" (Jung, OC 11, par. 140), ao alcançar sua riqueza e retirá-la dela, uma personalidade mais compreensiva pode surgir no decorrer do desenvolvimento. Uma vez que esse crescimento provém do inconsciente, que por definição não tem limites, também não se pode determinar

os limites da personalidade; isto é, de fato, a individualidade no sentido mais amplo do termo. Jung chamou essa realização de 'processo de individuação'.

> Na medida em que a personalidade ainda é potencial, podemos chamá-la de *transcendente*, e na medida em que é inconsciente, não se diferencia dos conteúdos de suas projeções (...) [isto é,] símbolos do mundo ambiente e símbolos cósmicos. Estes fatos constituem o fundamento para a configuração do homem como *microcosmo*, o qual, como se sabe, foi comparado ao *macrocosmo*, por causa de seus componentes essenciais, expressos em termos de astrologia (Jung, OC 11, par. 390).

Para os alquimistas, o processo de individuação era análogo à criação do mundo, e o próprio opus alquímico era uma analogia ao trabalho da criação de Deus. Jung acreditava que a alquimia mostrava-se inconcebível sem a influência da sua irmã mais velha, a astrologia (OC 14, par. 216); que não era mais útil investigar o quão distantes esses campos poderiam estar, mas, ao contrário, reconhecer que existe uma razão eminentemente psicológica para a existência deles; e que podemos nos beneficiar com a investigação das bases psicológicas nas quais eles repousam. Quando os antigos astrólogos e alquimistas atribuíram seus segredos à matéria ou às estrelas, reconheceram uma realidade da alma além da capacidade da consciência linear de compreender. Citando Jung, Harding [*Redemption ideas in alchemy* (*Idéias de redenção na alquimia*), p. 24 do original] afirma que aqueles que aceitam seu não-saber não são ignorantes, mas não aqueles cuja consciência ainda não alcançou o ponto em seu desenvolvimento em que eles sabem que não sabem.

A individuação diz respeito aos processos da vida sentidos, mas nunca conhecidos; esses processos oferecem enigmas para o entendimento linear, os quais só podemos apreender transitoriamente, em reflexos intuitivos, enquanto circundamos imagens, refletimos outras imagens, sugerimos conexões que podem auxiliar na apreensão do insondável. Talvez seja esse o motivo do Sefirah Daat (conhecimento) estar cercado por um círculo pontilhado, e não traçado, por completo na Árvore da Vida, no cruzamento das supernais com o pilar do equilíbrio. Lá, junto à porta que abre para direcionar a revelação do espírito eterno, dança, na sua glória da mandorla, o arcano maior Mundo. Talvez ele sirva de guia para a sua viagem em direção à magia do desconhecido.

Apêndice II

Tarô e Adivinhação

A adivinhação e o tarô

De fato, é uma tarefa um tanto duvidosa tentar apresentar a um público moderno dotado de senso crítico uma série de 'fórmulas mágicas' arcaicas com o intuito de torná-las mais ou menos aceitáveis (Jung, OC 11, par. 999).

A utilização das cartas do tarô para a prática da leitura da sorte fez com que a sabedoria arquetípica dessas cartas ficasse desacreditada aos olhos de muitos indivíduos que, sob outros aspectos, se sentiriam inclinados a investigar e a explorar o desconhecido com a mente mais aberta, dispondo-se a novas considerações. Por outro lado, os indivíduos que utilizavam o *I Ching* para a adivinhação tiveram apenas de deixar de lado seu ceticismo de que nada de válido poderiam conhecer proveniente a não ser da rigorosa e bem-estabelecida inquirição da mente lógica com a qual estavam familiarizados. Nunca tiveram de superar o desagrado pelos ciganos, escroques e vigaristas; ou pelos charlatões muitas vezes associados à quiromancia, às leituras de percepção extra-sensorial, às cartas do tarô e à prática da leitura da sorte utilizada como um 'jogo' para tirar proveito do indivíduo ingênuo. O que os usuários do *I Ching* têm de vencer é a relutância em aceitar como válido qualquer conhecimento místico oculto — motivo de derrisão na nossa cultura ocidental racional e linear. Jung afirmou:

> Não tenho resposta para a série de problemas surgidos quando procuramos harmonizar o oráculo (...) com nossos cânones cientificamente aceitos (...) A plenitude irracional da vida ensinou-me a nunca rejeitar nada, mesmo quando isto vai de encontro a todas as nossas teorias (de vida tão curta, no melhor dos casos) ou, por outro lado, não pareça ter explicação imediata. Naturalmente, isto nos deixa inquietos, e não sabemos se a bússola está apontando para a direção certa; mas a segurança, a certeza e a paz não levam às descobertas (...) Evidentemente, o método visa o autoconhecimento embora em todos os tempos ele tenha sido utilizado de forma supersticiosa (OC 11, par. 1000).

Jung prosseguiu:

> Poderá existir situação mais incômoda do que aquela em que flutuamos na atmosfera rarefeita das possibilidades, sem saber se o que vemos é verdadeiro ou ilusão? (...) O que decide, aqui, é (...) a condição subjetiva, isto é, se o indivíduo se considera 'sincero' ou não (OC 11, par. 1003).

Dado o sistema de educação exclusivamente apolíneo, linear e racional da mente científica ocidental, qualquer modo de exploração alternativo sujeito a circunstâncias nas quais a lógica não dá respostas satisfatórias é geralmente rejeitado com desdém. Em geral o método de escolha deve examinar todos os aspectos do problema, todos os argumentos, contra ou a favor, que vêm à mente. Como resultado, o indivíduo defronta-se com uma série de considerações igualmente válidas, sem nenhuma indicação do caminho a ser seguido partindo-se de toda essa confusão. Em períodos de transição em nossa vida, em momentos de indecisão que provocam muita ansiedade, a busca de respostas lógicas pode apenas aumentar nosso sentimento de impotência, de desamparo. A busca, se não de respostas, então ao menos de algum tipo de pista, inevitavelmente tem de incluir certa disposição para a abordagem das desconhecidas camadas da nossa psique, na qual a sincronicidade governa, e não a causalidade.

> Da mesma forma que a causalidade descreve a seqüência dos acontecimentos, também a sincronicidade (...) lida com a coincidência dos acontecimentos. O ponto de vista causal conta-nos uma história dramática (...) A visão 'sincronística', por outro lado, tenta produzir um retrato da coincidência igualmente significativo (Jung, OC 11, par. 973).

De fato, a sincronicidade interpreta as coincidências da vida como significativas afora qualquer qualidade aparentemente não planejada, aleatória. Parece existir uma estranha interdependência entre as circunstâncias objetivas e os estados subjetivos e psíquicos que se torna palpável, contanto que estejamos abertos a ela e preparados para contemplá-la. Caso estivéssemos dispostos a deixar de lado nosso ceticismo, então poderíamos aceitar também a idéia de que as respostas que fazem sentido chegam até nós por meio de

> (...) uma técnica que de início, aparentemente, elimina todo o sentido (...) Mas, por estranho que pareça, a resposta recebida coincide bem com a 'cegueira' psicológica daquele que pergunta (...) O método (...) leva em conta a qualidade individual oculta nas coisas e nos homens e no próprio si-mesmo inconsciente (Jung, OC 11, par. 984, 983).

Existem camadas da nossa psique que só podem ser abordadas com a imaginação e a inspiração proporcionadas por uma sabedoria ancestral capaz de

penetrá-las. Em seu "Prefácio ao *I Ching*", Jung nos faz lembrar que numa época o *I Ching* foi considerado

> (...) um instrumento que fornece alimento espiritual para os elementos ou potências inconscientes (...) que têm sido projetados como deuses. (...) [um meio de] dar a essas potências a atenção que necessitam para desempenharem seu papel na vida do indivíduo. [Tornou-se agora um recurso] cujo valor não é reconhecido nem amplamente conhecido (OC 11, par. 982).

Tudo o que Jung afirmou a respeito do *I Ching* parece ser facilmente aplicável ao tarô; em particular:

> Como uma parte da natureza [o *I Ching*] espera até que seja descoberto. Ele não oferece fatos ou poderes, mas, para os amantes do autoconhecimento, da sabedoria, parece ser (...) certo (...) Aquele que não gosta dele não deve utilizá-lo (...) Que ele seja divulgado para o benefício daqueles que podem discernir seu significado (OC 11, par. 1018).

Estou convencida de que o tarô talvez seja mais compatível com a psique ocidental do que o *I Ching* devido à sua maior flexibilidade. Enquanto a consulta ao *I Ching* impõe o lançamento de moedas ou varinhas de milefólios seis vezes, obtendo-se assim um dos 64 hexagramas (com ou sem as linhas de mudança), a abordagem do tarô parece levar em conta o nível de complexidade da pergunta feita, assim como o nível de sofisticação do consulente.

Para aqueles que não estão familiarizados com as cartas, o primeiro encontro pode se dar através da imagem de um sonho. Após a identificação do trunfo que lembre melhor a imagem do sonho, a meditação sobre essa figura do tarô fornecerá uma regulagem sutil e um realinhamento da energia que permite uma nova abordagem da situação que suscitou o sonho. Uma familiaridade maior com as cartas permite aos consulentes escolher, a partir dos diversos esquemas, aquele que melhor corresponda à complexidade da resposta que procuram. Uma abordagem ainda mais sutil iguala o significado do formato da seqüência escolhida à pergunta. Por exemplo, uma pergunta sobre um relacionamento amoroso encontra uma resposta melhor quando se utiliza a Seqüência da Estrela de Seis Cartas, pois a Estrela de Davi expressa de forma apropriada a interação existente entre as energias masculina e feminina envolvidas. Porém, qualquer que seja o nível selecionado, o indivíduo precisa lembrar-se de que

> (...) não é sensato tentar os Deuses. Só quando nossas mentes deixarem de apreender os problemas mais difíceis de nossas vidas, de forma que a orientação superior sozinha possa sanar nossas dúvidas e ansiedades, será aconselhável lançar mão dos ofícios adivinhatórios do Tarô (Hoeller, p. 15 do original).

A principal função do tarô é explicitar e dar significado a algo que a princípio está implícito. Afora o desejo de uma resposta, a pergunta é uma forma de consciência concentrada, o processo de adivinhação ocorrendo entre os aspectos do ser dentro do indivíduo e o que é buscado como uma resposta proveniente da alma. Todas as vezes que fizermos nossas perguntas com o simples desejo obstinado de saber se encontraremos o que desejamos, como o desejamos e quando o desejamos (na maior parte das vezes neste exato minuto!), permaneceremos enredados num círculo vicioso que isola, estacionário. Tão logo percebamos que todas as nossas ações pessoais estão relacionadas com o papel das forças universais, poderemos tirar proveito dos acontecimentos que, embora difíceis e dolorosos de serem suportados, podem realçar nossa consciência.

Aprender com nossas experiências, sem amargura, revolta ou resignação, pode ser a oportunidade para mudanças importantes, tais como o abandono dos velhos padrões que causam o próprio fracasso, a tentativa de novos caminhos, e a adoção de novos rumos, tanto no mundo espiritual quanto no mundano. Sentiremo-nos libertados das cadeias do concreto — e seremos capazes de seguir além da materialidade que obscurece nossa visão e nossa perspectiva — todas as vezes que formos capazes de atingir o domínio simbólico. O tarô pode nos fornecer uma ponte entre as camadas da nossa psique subjetivas e simbólicas só se o abordarmos com o desejo de nos livrarmos da cegueira das ilusões egoístas nas quais estivemos enredados. Descobrir a 'vontade do espírito' através da adivinhação é uma maneira de termos acesso a um outro nível da realidade e distinguir o que não está disponível no nosso modo de percepção e pensamento usual. Tragicamente, hoje

> não temos mais o apoio do sábio conselho e da profunda percepção do oráculo; por conseqüência, não podemos mais nos orientar em meio às confusões do destino e às obscuridades das nossas próprias naturezas (Jung, OC 11, par. 981).

Estou convencida de que o tarô pode nos auxiliar na obtenção de um entendimento mais profundo de nós mesmos e do mundo no momento em que deixarmos de lado o pensamento disjuntivo; a adivinhação pode se tornar então um meio de fortalecimento do eixo ego/Si-mesmo. O tarô pode nos mostrar como abandonar nossas naturezas limitadas e alcançar um nível superior de consciência. Como o *I Ching*, isso pode ser visto como

> (...) um poço de água viva (...), [como] um buraco profundo e perigoso no qual o indivíduo facilmente poderia cair, [mas também como] um velho poço que só precisava ser recuperado a fim de ser colocado em uso novamente (Jung, OC 11, par. 1014-1015).

O tarô lhe falará de acordo com a sua disposição para ouvir; as imagens respondem às perguntas interiores feitas, mesmo que você não as tenha formulado por completo ou mesmo que não saiba como perguntá-las.

Os esquemas

Nos livros por mim consultados, a maior parte daqueles que interpretam o tarô utiliza o baralho completo para suas leituras. Na seleção de esquemas que se segue, são apresentadas apenas as seqüências que fazem uso exclusivamente dos arcanos maiores, com exceção da Seqüência dos Dez Tronos, que também utiliza ases. Das seqüências selecionadas, as mais freqüentemente encontradas foram a Cruz Celta e alguma variante ou da Seqüência 'Sim/Não' ou da Presente/Passado/Futuro, que utilizam de três a sete cartas. Na ordem de freqüência, seguiram-se a Seqüência do Horóscopo, a Seqüência de Sétima Carta ou a Seqüência de 21 Cartas e a Seqüência da Árvore da Vida. Três ou quatro autores descreveram a Seqüência Segundo o Nome, as Seqüências do Desejo, alguma forma das Seqüências em Ferradura, das Seqüências em Pirâmide e uma das freqüentes Seqüências da Estrela de Cinco, Seis ou Oito Pontas. Criswell, Doane e Keyes, Fairfield, Greer, Paterson, Roberts e Walker apresentaram uma ou mais seqüências originais que formam a base da série que se segue.

Procedimentos gerais

Baralhamento: a meditação sobre a pergunta feita deve preceder qualquer leitura: somente então a resposta pode refletir o problema a partir de uma perspectiva mais ampla e profunda. Quer baralhemos as cartas com as duas mãos ou as cruzemos (separando o baralho em dois montes e, segurando-os com os polegares, fazendo com que as cartas se misturem) ou as espalhemos viradas para baixo numa mesa, misturando-as com as duas mãos ou apenas com a esquerda, acabamos criando uma *massa confusa* da qual, como em alquimia, o espírito arranjará e selecionará as características importantes na ordem correta. Alternadamente, pode-se cortar o baralho em três montes da direita para a esquerda e reorganizá-lo arranjando o monte do lado direito primeiro, o do meio em seguida e o do lado esquerdo por último.

Se o esquema escolhido exigir uma carta para representar o consulente (a suposta 'carta-chave'), essa carta deve ser selecionada antes do baralhamento. A carta-chave é a carta que representa o consulente ou as circunstâncias para as quais se procura orientação. A fim de identificá-la, procura-se no baralho, observando todas as cartas, até que se encontre aquela que dê melhor expressão à busca ou à indagação. Dependendo do esquema, a carta-chave é deixada de

lado, à parte, ou recolocada no baralho e baralhada e espalhada com as outras cartas. Existem determinados esquemas para os quais se exige que as cartas sejam invertidas na seqüência; isso deve ser conservado em mente quando se baralha a fim de garantir uma mistura de cartas viradas para cima ou viradas para baixo. As cartas invertidas podem ter um significado demorado, fraco ou mesmo contrário. O número de cartas viradas para baixo, em comparação com as viradas para cima, pode determinar a resposta, por exemplo, numa Seqüência Sim/Não.

Seleção: tendo se concentrado na pergunta enquanto baralha as cartas, visualizando o esquema que melhor convém, seleciona-se então o número de cartas (viradas para baixo) necessário para aquela seqüência a partir de um baralho muito bem baralhado. Isso pode ser feito de diversas maneiras: arranjando-se as cartas uma a uma intuitivamente, ou contando o número de cartas necessário a partir de cima ou de baixo do baralho baralhado-e-cortado. Pode-se também repartir individualmente as cartas selecionadas em três montes ou formar os montes por meio do corte. Em seguida o consulente escolhe intuitivamente um monte e espalha as cartas no padrão pré-selecionado. As cartas também podem ser espalhadas duas ou três por vez (viradas para cima ou para baixo, dependendo da seqüência). É aconselhável desenhar o esquema num papel; esse esboço pode ser utilizado como um lembrete da maneira como as cartas devem ser lidas ou para reconstituir o esquema numa data posterior, revendo o padrão sob uma nova luz.

Leitura: qualquer que seja o significado atribuído a uma carta (seu nome, descrição, número, a letra hebraica associada a ela), sua interpretação deve permanecer sempre sujeita à inspiração do indivíduo. Quando a intuição atingir todos os elementos de uma seqüência, o significado surgirá a partir de todas as inter-relações percebidas. As relações entre as cartas podem, por exemplo, indicar uma tendência ou padrão em uma área da vida em particular, ou podem revelar uma mudança na feitura. Alguns autores recomendam que se arranje novamente a seqüência e as posições das cartas após a leitura inicial a fim de obter uma perspectiva diferente. Essas permutações permitem uma compreensão mais profunda das energias e forças envolvidas na situação (Greer, 1984, p. 89 do original).

Às vezes um esquema não utiliza todas as cartas para a seqüência; nesse caso, as cartas não utilizadas podem ter o papel de 'esclarecedoras'. Quando uma carta ou um grupo de cartas numa seqüência continua a representar um dilema, no final de uma leitura pode-se selecionar uma, duas ou três cartas adicionais do monte à esquerda, colocando-as em cima ou próximas às cartas ambíguas. Caso a mensagem geral da leitura necessite de um foco mais direcionado, uma, duas ou três cartas podem ser colocadas sobre o esquema (da esquerda para a direita) e lidas como um 'esclarecimento' complementar final.

Algumas seqüências, em especial as multilineares, exigem que as cartas sejam interpretadas numa ordem predeterminada. Se uma carta-chave foi escolhida para o esquema, inicia-se com esta carta. O valor da carta-chave também determina a forma como as cartas são contadas para interpretação; se, por exemplo, a carta-chave é uma das cartas elementais (I, XIII ou 0), conta-se *de três em três*; isto é, toda terceira carta é interpretada em relação à próxima terceira carta. Conta-se *de sete em sete* se a carta-chave é um dos trunfos planetários (II, III, IV, XI, XVII, XX, XXI) e *de doze em doze* se a carta-chave é um dos trunfos zodiacais (V, VI, VII, VIII, IX, X, XII, XIV, XV, XVI, XVIII, XIX). Quando nenhuma carta-chave é escolhida, as cartas na seqüência são contadas de *cinco em cinco*, iniciando-se ou do canto esquerdo superior ou do direito superior (contando-se da esquerda para a direita ou da direita para a esquerda respectivamente) se as cartas estão deitadas em fileiras; se estão espalhadas num círculo, a contagem se inicia com a carta-chave. Existirão três cartas a cada duas consultadas; isto é, a carta um e a carta cinco são lidas uma em relação a outra — a carta cinco torna-se, então, a carta um, e o processo se repete até que todas as cartas na seqüência tenham sido consultadas.

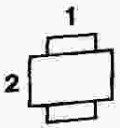
Caso seja necessário um resultado final, a carta que expressa esse resultado é escolhida pela redução das cartas na seqüência até que um número abaixo de 22 seja obtido. O número de todas as cartas é somado e diminuído; as cartas associadas ao número representam o resultado. Isto só é possível nas seqüências que envolvem um máximo de sete cartas. (Por exemplo, se as cartas IV, XVIII, II e XIV são retiradas num esquema de quatro cartas, sua soma é 38, que é diminuída para 11 [3 + 8]; assim, a carta do resultado é o arcano XI.)

As seqüências mais simples

A Seqüência da Carta Única

Após as cartas serem baralhadas e cortadas, a carta de cima (ou, alternadamente, a carta de baixo) é virada: o consulente medita e conversa com a carta obtida. Esse método é apropriado para uma resposta curta ou para a concentração ou instrução no início de um dia difícil.

A Seqüência de Duas Cartas

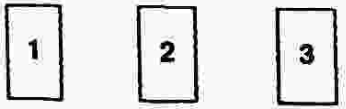


Também conhecida como 'O Desafio Cruzado', as duas cartas formam uma cruz. Uma carta é selecionada (como acima) e uma segunda carta é escolhida — quer intuitivamente, simplesmente trocando a carta de cima pela de baixo, ou, numa operação ainda mais simples, tirando a carta seguinte. Essa segunda carta ou carta cruzada representa um desafio à pergunta feita: poderia indicar resistência ou bloqueio interior que deve ser enfrentado e eliminado, ou pode também focalizar e precisar a pergunta feita. A concentração e a eliminação da resistência podem auxiliar na consideração da situação aparente e revelar o núcleo do problema, que pode redirecionar toda a abordagem (Mann, p. 138 do original).

As Seqüências de Três, Quatro e Cinco Cartas

Para que se determine a contribuição dos acontecimentos passados para o presente e o futuro, três, quatro ou cinco cartas devem ser deitadas linearmente, de forma que (em se tratando de quatro, por exemplo) a primeira represente o passado; a do meio, o presente; e a última, o futuro.

As Seqüências 'Sim/Não'



Para responder a uma simples pergunta 'sim/não', Golowin (p. 241 do original) sugere a seqüência da carta única que se segue. Após as cartas serem baralhadas e cortadas, uma carta é retirada do baralho; uma carta ímpar significa 'sim' e uma carta par significa 'não'.

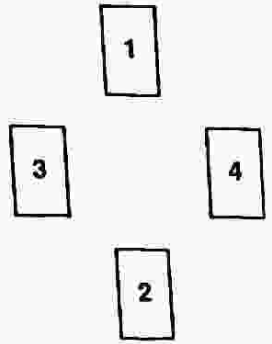
No entanto, geralmente três cartas são escolhidas para esta seqüência (embora possam ser utilizadas cinco, sete ou nove cartas). Existem vários métodos de interpretação: o mais simples faz a contagem do número de cartas invertidas em oposição ao número de cartas viradas para cima, com uma maior parte daquelas primeiras indicando 'não' e uma preponderância destas últimas significando

'sim'. Para maiores detalhes, a carta do meio indica a situação atual, o presente, e as cartas de ambos os lados representam, respectivamente, o passado e o futuro.

Outro método designa a carta deixada à esquerda (carta 1) como a carta central, 'pivô': se está virada para cima, a resposta é 'sim' e caso esteja invertida, a resposta é 'não'. As cartas 2 e 3 indicam influências que tanto auxiliam na produção de uma resposta positiva quanto descrevem a razão de uma resposta negativa. De forma alternativa, a carta do meio estabelece a razão para a resposta ('sim' ou 'não'). Em algumas seqüências lineares de três ou mais cartas, à carta do meio é atribuído o valor de 2 e às outras o valor de 1. Nesse caso, as cartas à esquerda indicam as razões para a resposta favorável ou desfavorável, e as cartas à direita podem mostrar as bases para o resultado e as forças favoráveis em ação.

Além do mais, a seqüência linear de três cartas pode ser utilizada para responder à pergunta "O que está acontecendo agora?" (Fairfield, p. 141 do original). Aqui a carta 1 indica a natureza da situação atual, do presente; a carta 2 mostra a postura do indivíduo em relação a isso; e a carta 3 se concentra no que o consulente deve ter em mente. Este esquema também pode ser utilizado para esclarecer as contribuições feitas pelo corpo, pela mente e pelo espírito (Greer, 1984, pp. 28ss. do original).

Uma Seqüência de Quatro Cartas



Para produzir respostas relativas aos problemas diários, quatro cartas são baralhadas, cortadas e dispostas como indicado.

Carta 1: Um aspecto ou poder atuando na situação;

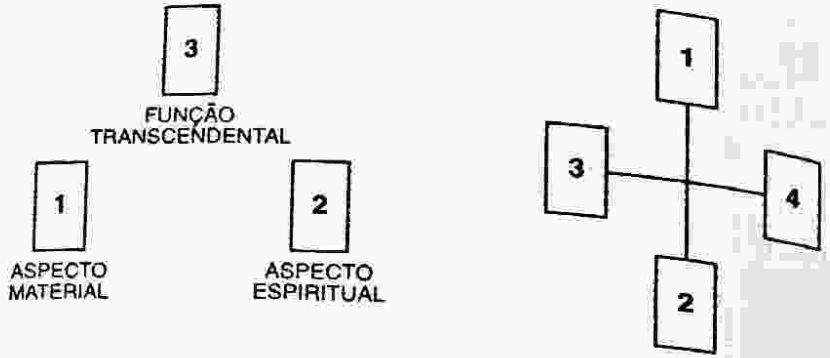
Carta 2: Outro aspecto ou outro poder em atividade;

Carta 3: Avaliação crítica da situação ou atitude em relação a ela;

Carta 4: Decisão baseada em todos os fatores; prognóstico.

O eixo vertical pode representar também a polaridade consciente/inconsciente (acima/abaixo), enquanto o eixo horizontal (esquerda/ direita) mostrará o pessoal/parceiro ou o pessoal-interno/pessoal-externo, ou simplesmente a polaridade passado/futuro.

Seqüências para resolução de conflitos



Todas as vezes que o indivíduo é obrigado a escolher entre duas alternativas, ou quando se vê dentro de um conflito interior sem saber como resolvê-lo, ele pode escolher três cartas, tendo em mente as supernais da Árvore da Vida. Deve concentrar-se e escolher, uma a uma, uma carta para a primeira alternativa (ou aspecto material), uma outra para a segunda possibilidade (ou aspecto espiritual) e, por fim, uma última carta que o auxiliará na resolução da situação.

Quando o conflito parece mais complexo, pode-se considerar o modelo do *quaternio*. Nesse caso, os pares Mago/Grande Sacerdotisa e Imperador/Imperatriz são visualizados enquanto as cartas são selecionadas. A solução será encontrada após a interpretação. Caso um resultado final seja necessário, os números das quatro cartas serão somados e diminuídos chegando-se a um número abaixo de 22. A carta associada a esse número representa o resultado. (Veja a página 341 quanto à técnica da redução.)

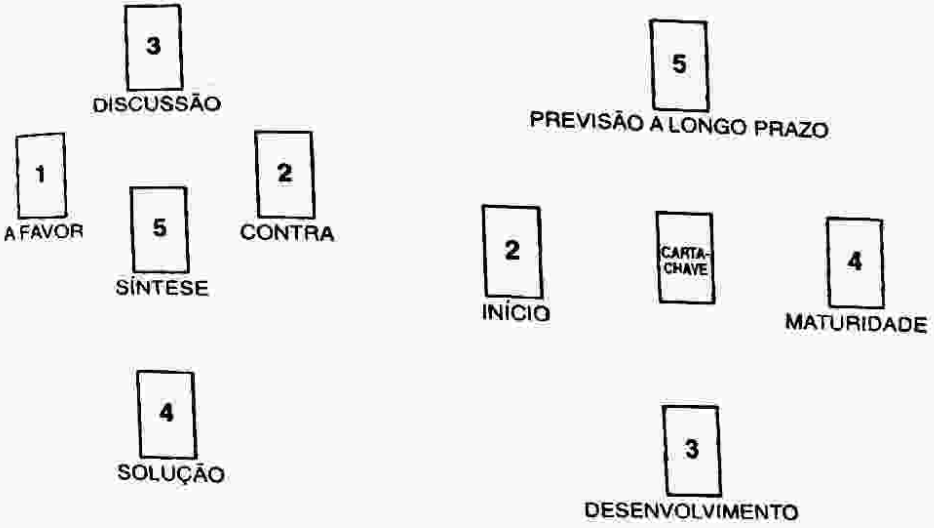
Os Métodos da Tríade e da Pêntade

Variantes do esquema 'sim/não' de três cartas, estas seqüências indicam os acontecimentos do passado, do presente e do futuro. A carta da esquerda representa o passado lembrado. A carta do meio mostra o presente como o consulente o vê, e a carta da direita revela o futuro como ele provavelmente se revelará.

A Seqüência de Cinco Cartas

Quando são utilizadas cinco cartas para o esclarecimento das inter-relações entre passado/presente/futuro, a carta do meio representa a chave ou pivô, o presente, desafios e bloqueios internos e externos. As duas cartas à esquerda são lidas geralmente como componentes, causas ou acontecimentos do passado que conduzem à situação atual. As cartas à direita da chave mostram o resultado e a semente do futuro surgindo do presente.

A Seqüência de Cinco Cartas de Wirth

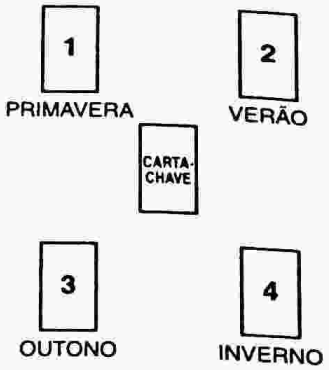


Algumas vezes cinco cartas são dispostas num padrão em forma de cruz. Por exemplo, após retirar quatro cartas do baralho, Wirth reduz os números delas para determinar a quinta carta. As cartas 1 e 2 mostram os elementos favoráveis e desfavoráveis, respectivamente. A carta 3 é a carta do comentário; a carta 4 é a solução; e a carta 5 é a síntese.

Seqüência Evolucionária das Cinco Cartas

Numa variação da seqüência de Wirth, uma carta-chave é escolhida e colocada no meio. A carta 2 representa o início; a carta 3, o desenvolvimento; a carta 4, a maturação; e a carta 5 é a previsão a longo prazo. Veja a ilustração à página anterior.

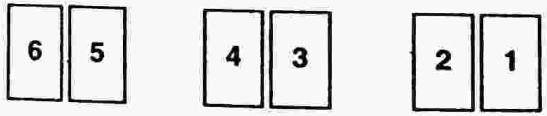
A seqüência das estações



A 'Leitura da Véspera de Ano Novo' de LeMieux (p. 156 do original) ou Seqüência das Estações apresenta uma diferente seqüência de cinco cartas com a carta-chave no meio. As cartas de 1 a 4, representando as estações (primavera, verão, outono e inverno respectivamente), são colocadas nos cantos. Como uma variante, ele propõe o uso de 12 cartas, três para cada estação (uma para cada mês do ano). Ele sugere também que esta seqüência seja usada no aniversário do indivíduo ou numa data próxima. (A leitura de quatro cartas dura cerca de 15 minutos, enquanto o método de 12 cartas pode durar mais de uma hora.)

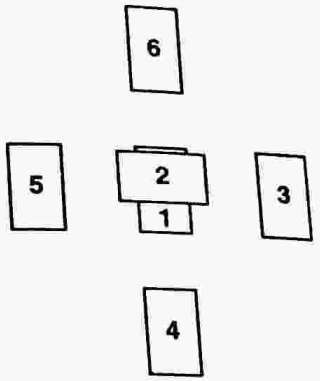
As Seqüências de Seis, Sete e Oito Cartas

O Método Húngaro de Seis Cartas



Após o baralhamento, as cartas são cortadas em três montes. Iniciando-se pela direita, uma fileira única é formada, utilizando-se a carta inferior de cada monte (cartas de 1 a 3), seguida da carta superior de cada monte (cartas de 4 a 6). As cartas 6 e 5 representam o futuro; as cartas 4 e 3, o presente; e as cartas 2 e 1, o passado.

A Cruz de Seis Cartas



Estas seis cartas também podem ser dispostas na forma de uma cruz, que pode auxiliar na concentração de uma situação específica, na medida em que dá mais detalhes do que as seqüências lineares; pode também fornecer uma imagem básica da pessoa e da situação em questão.

Carta 1: O papel que o consulente desempenha na situação em curso;

Carta 2: A verdadeira natureza dessa situação;

Carta 3: O que a motivou;

Carta 4: De que forma ela afeta o consulente;

Carta 5: Para onde isso pode levar;

Carta 6: A solução para a situação.

A Seqüência de Sete Cartas

Para uma pergunta que requer 'sim/não', é o número das cartas invertidas ('não') em oposição ao número das cartas viradas para cima ('sim') que determina a resposta. Entretanto, se quatro cartas estiverem invertidas, a resposta pode ser um 'não' ou um 'sim' demorado. Além disso, a carta do meio indica por que razão essa resposta é dada. As três cartas à esquerda sugerem as conseqüências de agir de acordo com isso. As cartas à direita indicam o que poderia ter contribuído para a situação e conduzido à resposta recebida. Às vezes as cartas à esquerda podem revelar também o que poderia acontecer caso alguém ignorasse o conselho. Esta seqüência é adequada para perguntas que dizem respeito às seqüências passado/presente/futuro de um problema.

Carta 1: Passado distante — os acontecimentos básicos e as influências que podem ter dado margem à perspectiva atual e às atitudes ora tomadas;

Carta 2: Passado imediato — acontecimentos recentes que podem ter exercido uma influência específica e que acabaram de terminar;

Carta 3: Influências presentes — lida com a carta anterior, indica o que pode alterar a perspectiva atual;

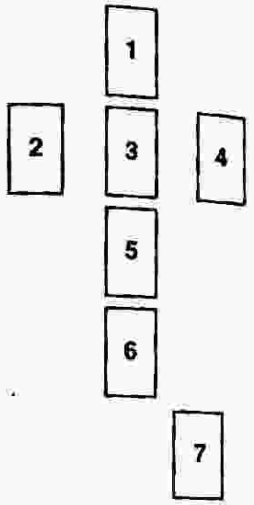
Carta 4: Obstáculos presentes, riscos — embora uma carta favorável, nessa posição pode significar um distanciamento do verdadeiro objetivo;

Carta 5: Perspectiva presente — geralmente uma extensão das cartas 3 e 4, indica muitas vezes de que forma a situação atual estende-se no futuro;

Carta 6: Influências futuras — um resumo de todas as cartas precedentes; mostra de que forma elas se combinam para criar os acontecimentos futuros;

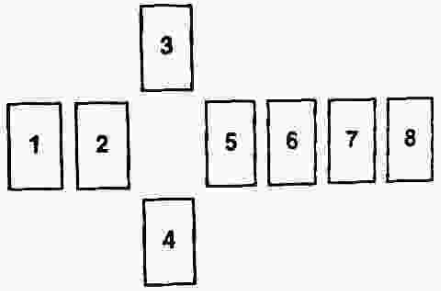
Carta 7: Resultado final — a culminação produzida por todas as interações sugeridas anteriormente entre as atitudes do passado e o presente.

A Grande Galeria



Sete cartas são retiradas do baralho (já baralhado) e colocadas viradas para cima na forma de uma cruz. A sétima carta separada é a chave para o progresso futuro. As cartas são estudadas individualmente e em conjunto. As cartas invertidas indicam fatores negativos que poderiam impedir o progresso.

A Seqüência de Oito Cartas



Utilizadas para esclarecer opções antes de se dar um importante passo ou de se tomar uma decisão crítica, as cartas são dispostas de acordo com a figura, após serem baralhadas.

Carta 1: Estado de espírito latente — sentimentos quanto ao passo a ser dado;

Carta 2: Acontecimentos abruptos impondo o passo sob consideração;

Carta 3: Efeito que isso terá nos outros;

Carta 4: Efeito que isso terá no consulente;

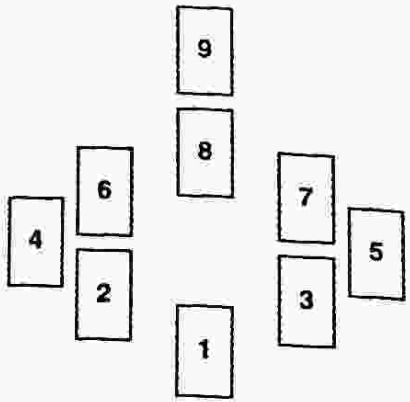
Carta 5: Relação principal — ansiedades e medos;

Carta 6: O que o consulente espera obter ao dar esse passo;

Carta 7: O que provavelmente ocorrerá como resultado;

Carta 8: O fator-chave.

As Seqüências de Nove Cartas



Utilizada como alternativa para o esclarecimento de escolhas, opções, esta seqüência pode ser disposta como vemos acima (Fairfield, p. 148 do original; Greer, 1984, p. 131 do original).

Carta 1: Razão para considerar a opção;

Carta 2: O que ela representa para o consulente;

Carta 3: Sua verdadeira natureza;

Carta 4: Recursos que a apóiam;

Carta 5: Obstáculos que a impedem;

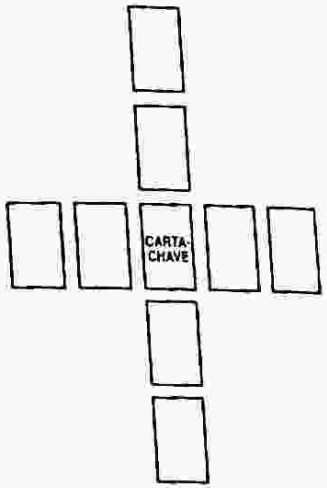
Carta 6: Vantagens de persegui-la;

Carta 7: Desvantagens de persegui-la;

Carta 8: O que é provável que aconteça caso a opção seja escolhida;

Carta 9: O fator-chave.

O Esquema da Cruz Simples

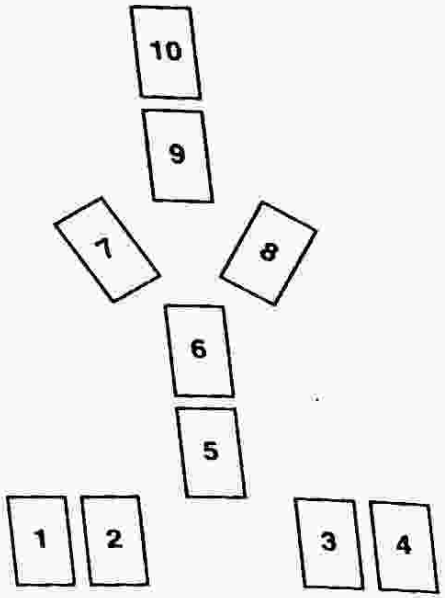


Após escolher a carta-chave, as cartas são baralhadas e distribuídas. Caso prefira, o baralho pode ser cortado em três montes, sendo que um deles é escolhido para a seqüência. As cartas restantes podem ser utilizadas para esclarecimento — basta que se coloque uma ou duas cartas próximas à carta ou grupo de cartas que necessita de elucidação.

Cartas à direita:	Acontecimentos que conduzem à situação;
Cartas à esquerda:	Tendências futuras;
Cartas abaixo:	Influências negativas;
Cartas acima:	Decisão a ser tomada.

Seqüências de Dez Cartas

Seqüência de Dez Cartas que Estabelece Metas



Este esquema se concentra nos passos a serem dados, recursos e obstáculos que afetam esses passos em direção a uma meta estabelecida. Após embaralhar as cartas, espalhe-as como se segue:

Cartas 1 e 2: O que está errado na situação;

Cartas 3 e 4: O que está certo;

Carta 5: Que tipo de coisa o consulente poderia fazer bem;

Carta 6: Passo(s) a ser(em) dado(s) em direção à meta;

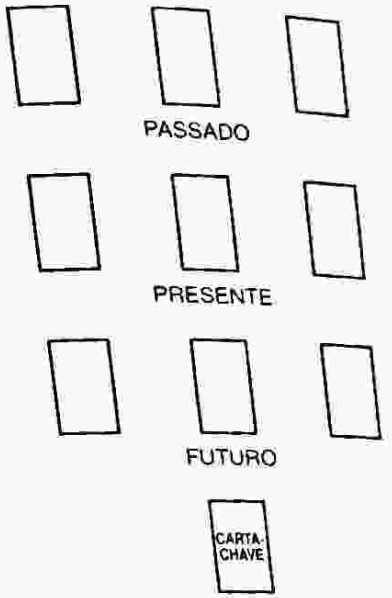
Carta 7: Recursos para dar o(s) passo(s);

Carta 8: Obstáculos no caminho;

Carta 9: Para onde o(s) passo(s) provavelmente conduzirá(ão);

Carta 10: O fator-chave.

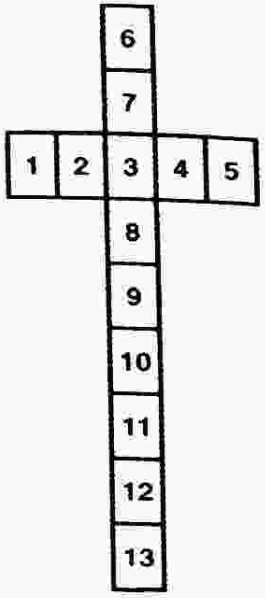
A Seqüência de Três Fileiras



Após escolher a carta-chave, nove cartas são retiradas do baralho (já baralhado) e dispostas em três fileiras horizontais de três cartas cada uma. As fileiras de cima, do meio e de baixo representam, respectivamente, o passado, o presente e o futuro. Para interpretar as cartas, inicia-se com a carta do meio de cada fileira, que mostra as condições básicas da situação e também conecta e reflete a influência daquelas na fileira precedente. As cartas à esquerda ilustram influências conflitantes e forças opostas. À direita, o resultado final mostra a interação entre as duas precedentes ou a oposição a elas.

Seqüências de Treze Cartas

A seqüência da Cruz Mágica



Após baralhar e cortar, as cartas são distribuídas conforme vemos acima.

Cartas 1 e 2: O passado;

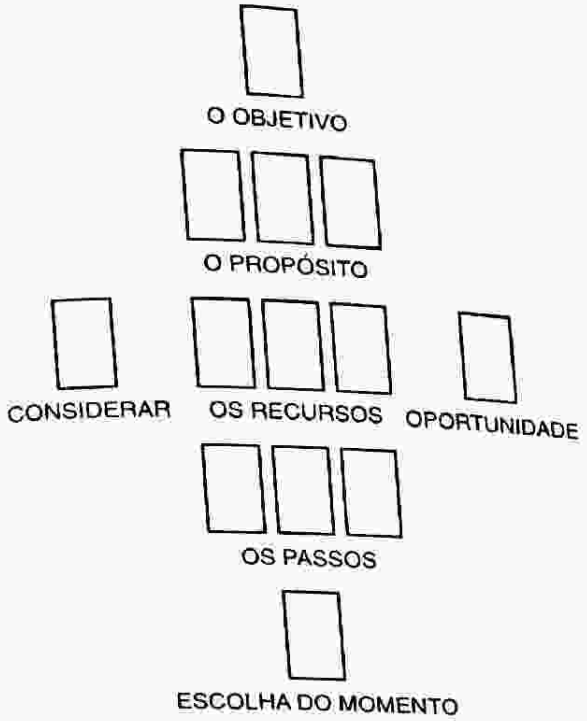
Carta 3: O presente;

Cartas 4 e 5: A oposição;

Cartas 6 e 7: Esperanças, expectativas;

Cartas 8 a 13: O futuro.

A Mandala Planejada



Este esquema, utilizado quando se analisa um problema, auxilia na definição dos objetivos e dos passos necessários para que se chegue lá. As cartas são baralhadas e escolhidas intuitivamente, uma a uma, e dispostas conforme indicado acima.

O objetivo: intenções práticas ou espirituais;

O propósito: razão procurada a partir dos pontos de vista espiritual, concreto, lógico e simbólico;

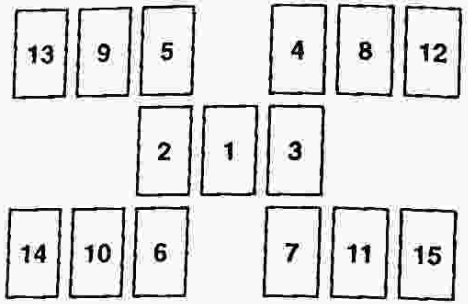
Recursos: o que deve ser aprendido para se levar a cabo o projeto, incluindo-se habilidades e capacidades, conhecimento e informação e atitudes e sentimentos;

Os passos: decisão concreta que deve ser tomada;

Escolha do momento: sensibilidade precisa quanto ao momento oportuno para a decisão: se a carta está claramente associada a um signo astrológico (por exemplo, Justiça/Libra), a escolha do momento é precisamente determinada pela carta escolhida para essa posição;

Destino: os fatores desconhecidos ou ocultos — o que deve ser considerado e para qual oportunidade o indivíduo deve ser alertado.

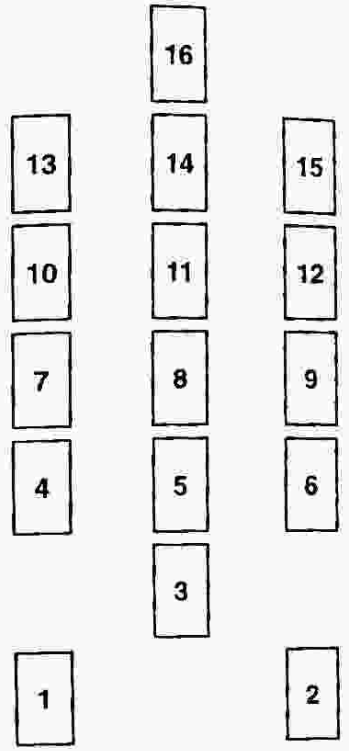
A seqüência de Quinze Cartas



Para este esquema, as cartas são baralhadas, cortadas e dispostas no padrão que se segue:

Carta 1:	O consulente;
Cartas 2 e 3:	Situações interiores e exteriores;
Cartas 4, 8 e 12:	Rumo que a vida tomará sem intervenção;
Cartas 5, 9 e 13:	Ação alternativa potencial, positiva ou negativa;
Cartas 6, 10 e 14:	Informação que auxiliará na tomada de decisão (para um jovem, o futuro; para pessoas mais velhas, o passado);
Cartas 7, 11 e 15:	Forças que estão além do controle, que não podem ser modificadas e às quais o indivíduo deve se adaptar.

A Seqüência de Dezesseis Cartas



Esta seqüência é utilizada para responder perguntas detalhadas sobre o emprego do indivíduo. As cartas são baralhadas, cortadas e dispostas conforme indicado acima.

Carta 1:	O que está errado no atual emprego;
Carta 2:	O que está certo;
Carta 3:	Tipo de trabalho no qual o indivíduo se sai bem;
Cartas de 4 a 6:	Passos a serem dados para conseguir o emprego;
Cartas de 7 a 9:	Recursos que seriam de auxílio;
Cartas de 10 a 12:	Obstáculos que atrapalhariam;
Cartas de 13 a 15:	Para onde os passos provavelmente conduzirão;
Carta 16:	O fator-chave.

As Seqüências em Ferradura

Estes esquemas geralmente utilizam cinco, seis ou sete cartas dispostas num semicírculo com a curvatura voltada tanto para cima quanto para baixo.

A Ferradura de Cinco Cartas

Carta 1: Posição atual;

Carta 2: Expectativas atuais;

Carta 3: O inesperado;

Carta 4: Futuro imediato;

Carta 5: Futuro a longo prazo.

A Ferradura de Seis Cartas

Esta seqüência é sugerida quando o indivíduo tem duas ou mais opções de escolha. É importante ser preciso e determinar as alternativas de forma muito clara e específica. Após escrever as opções, as cartas são baralhadas e cortadas no mesmo tanto de alternativas identificadas (às vezes pode haver mais de seis, às vezes menos). As cartas superiores de cada monte são colocadas viradas para baixo num semicírculo. Antes de virá-las, o consulente deve se conscientizar dos sentimentos quanto à opção em foco, das esperanças de que a carta a ser revelada será favorável ou desfavorável. Talvez sinta medo de olhar — sendo assim, por quê? Quais sentimentos acompanham cada carta à medida que elas são viradas e interpretadas? O que revelam as reações interiores? O que realmente se deseja, se espera? Existe um receio de que isso nunca acontecerá? Diversas outras cartas (por exemplo, as cartas de A a D) podem ser acrescentadas para auxiliar no esclarecimento do problema e para provocar um *insight* maior visando a tomada de decisão.

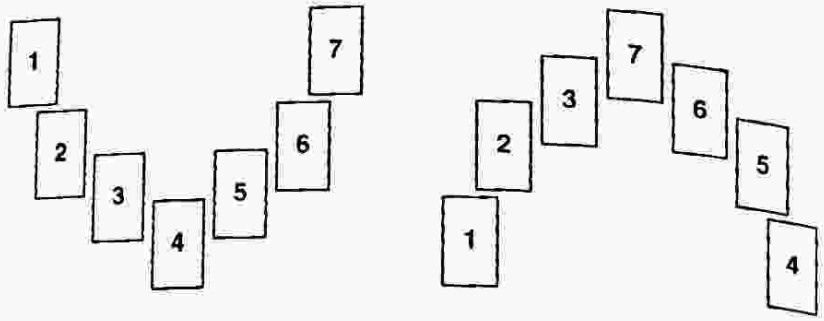
Carta A: Consciência de qualquer tendência pessoal;

Carta B: Fator-chave que pode ter sido omitido;

Carta C: Uma necessidade que deve ser satisfeita não importa qual seja a opção escolhida;

Carta D: O que poderia ajudar na tomada de decisão.

Seqüência em Ferradura de Sete Cartas



Estes esquemas dão uma resposta direta a uma pergunta específica. Após o baralhamento e corte, as sete primeiras cartas são retiradas de cima e colocadas viradas para baixo na seguinte ordem:

Carta 1: Influências do passado;

Carta 2: Circunstâncias atuais;

Carta 3: O futuro (geral);

Carta 4: Curso de ação recomendado;

Carta 5: Atitudes no ambiente;

Carta 6: Obstáculos;

Carta 7: Resultado provável.

De forma alternativa, três cartas podem ser dispostas iniciando-se embaixo, à esquerda, e subindo até o ápice, seguidas das três cartas iniciando-se embaixo, à direita, também subindo até o ápice. A sétima carta é colocada no meio do arco assim formado.

Carta 1: A decisão necessária foi tomada?

Carta 2: Situação atual;

Carta 3: Fantasias inconscientes;

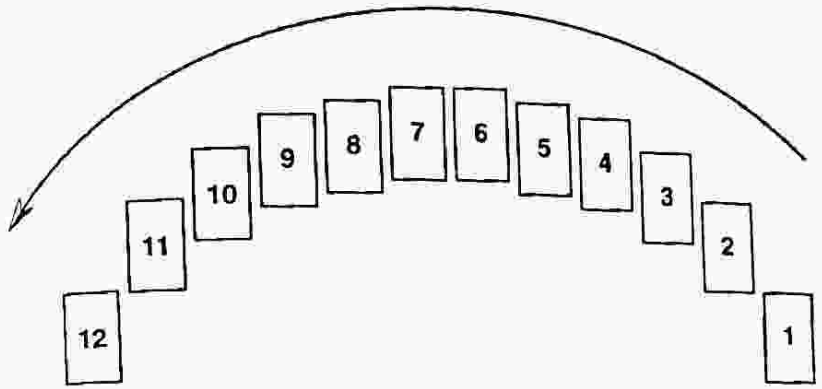
Carta 4: Obstáculos ocultos;

Carta 5: Como as pessoas envolvidas estão se comportando?

Carta 6: O que deveria ser feito em seguida;

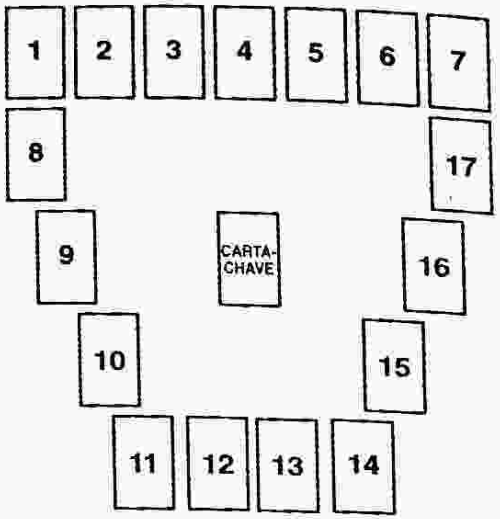
Carta 7: Resultado final.

A Seqüência do Adro



Esta seqüência, apropriada para responder a uma pergunta precisa, também permite que se responda a uma segunda pergunta, da qual o consulente não estava ciente. A carta-chave é pré-selecionada, e as cartas são baralhadas e cortadas em três montes, da direita para a esquerda. Após restituir o baralho, 12 cartas são retiradas de cima do monte. O restante das cartas é deixado de lado, à parte. A carta-chave é então inserida novamente entre as 12 cartas, que são baralhadas e cortadas mais uma vez. As cartas são distribuídas viradas para cima, da direita para a esquerda, em forma de leque ou ferradura. A posição da carta-chave é importante porque indica o fim de uma resposta e o início da reação à pergunta inconsciente, não solicitada. Se a carta-chave sair no começo, isso significa que a pergunta feita não é a relevante, a essencial. Se a carta-chave aparecer no final, isso indica que a pergunta feita é a única relevante e o problema principal a ser tratado nesse momento. Esta seqüência pode, por conseqüência, dar respostas tais como: "Não só —, mas também —", "Só isto: —", e "Não isto, mas aquilo".

A Busca



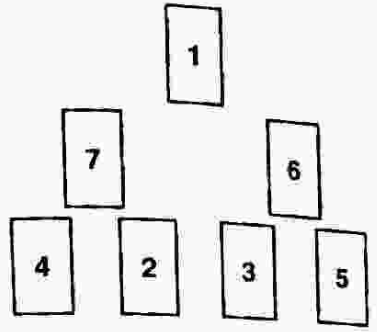
Dezessete cartas são escolhidas individualmente e colocadas conforme indicado acima. Caso se deseje, uma carta-chave pode ser pré-selecionada e colocada no centro.

Cartas de 1 a 7: Desejo e perspectivas futuras;

Cartas de 8 a 17: Obstáculos e oposição.

As Seqüências em Pirâmides

A Seqüência em Pirâmide de Sete cartas



Após pré-selecionar a carta-chave, as cartas são baralhadas, cortadas e dispostas uma a uma no padrão que se segue:

Carta 1: Carta-chave;

Carta 2: Raízes do problema;

Carta 3: Profundidade; contribuição inconsciente;

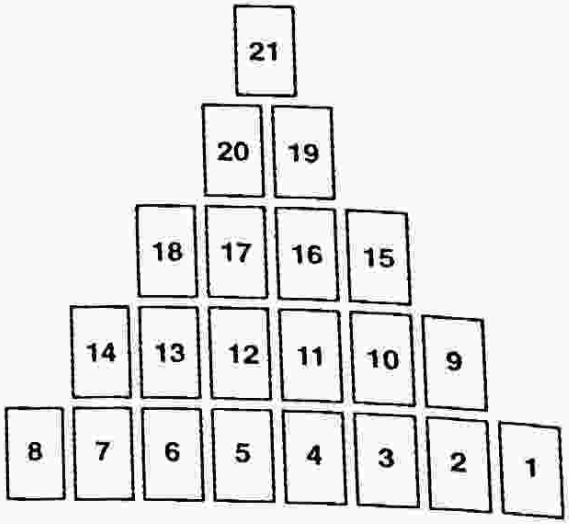
Carta 4: Força;

Carta 5: Oposição;

Carta 6: O futuro;

Carta 7: Fator desconhecido.

A Seqüência em Pirâmide de 21 Cartas



Para obter resposta a uma pergunta, resolver um problema ou simplesmente retratar tendências gerais que podem estar atuando na vida de um indivíduo, baralhe, corte e distribua as cartas viradas para baixo de acordo com o diagrama. Alguns autores iniciam na linha inferior e terminam na parte superior, com a carta 21; outros recomendam que se inicie na parte superior e termine na parte inferior, à direita. Além do mais, há leitores (Doane e Keyes, pp. 39ss. do original) considerando que toda a quinta carta tem um significado-chave; esta é conhecida como carta-'chave' e é tratada como a primeira carta de cada grupo de cinco, sendo que as quatro cartas seguintes representam os acontecimentos passados que conduzem ao período ao qual a chave se refere.

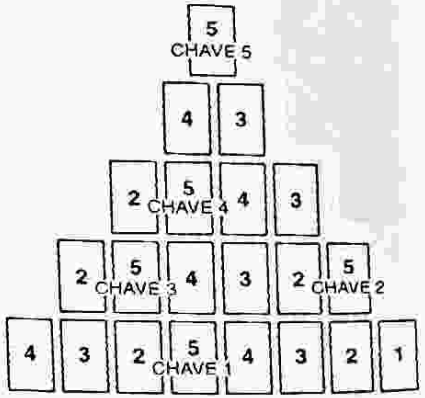
Chave 1: O presente;

Chave 2: O futuro imediato;

Chave 3: Os próximos acontecimentos;

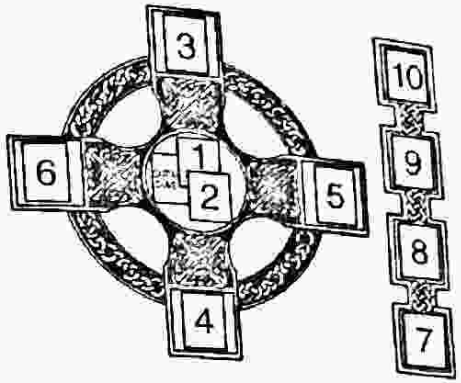
Chave 4: O futuro distante;

Chave 5: O resultado final.



As Seqüências mais Complexas

A Cruz Celta



Aparentemente, esta é a seqüência mais antiga — acredita-se que seja utilizada desde o século XVII. Após a carta-chave ser escolhida, as cartas são baralhadas, cortadas e distribuídas a partir da parte superior do baralho, sendo que duas cartas são colocadas em cima da carta-chave. O restante das cartas é disposto de acordo com o diagrama.

Carta 1: Esta carta é colocada em cima da carta-chave e mostra a situação atual, a atmosfera predominante que cerca o consulente, a base do problema, em que o destino contribuiu para a situação;

Carta 2: Indica as influências imediatas que podem afetar ou ir de encontro aos interesses do consulente; reforça ou esclarece a carta 1;

Carta 3: Descreve a solução ou o resultado ideais, o objetivo final, ou o desenvolvimento possível no futuro ou na percepção consciente do consulente;

Carta 4: Representa a essência do problema, a fundação, os acontecimentos e assuntos básicos sobre os quais a pergunta se baseia — percepção inconsciente;

Carta 5: Sugere o passado recente e seus efeitos na situação atual; o que está acontecendo na vida do consulente;

Carta 6: Sugere influências futuras que provavelmente terão lugar; a provável direção na qual se dará o desenrolar-se da situação.

Essas seis primeiras cartas são interpretadas detalhadamente: após o significado delas ser compreendido por completo, dá-se prosseguimento à interpretação das quatro cartas seguintes. Alguns leitores recomendam que estas sejam distribuídas só depois de as seis primeiras terem sido interpretadas.

Carta 7: A carta-resposta descreve forças e fraquezas que contribuem para o futuro; descreve também o que existe dentro do consulente que pode contribuir para a resposta;

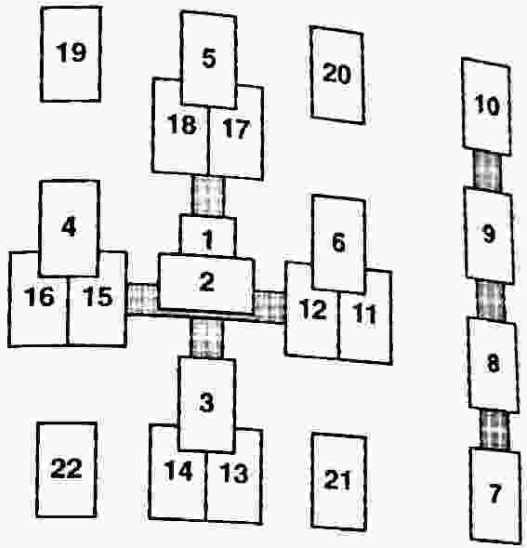
Carta 8: A carta-de-reforço ilustra o ambiente do consulente; os fatores com efeito positivo — por exemplo, o lar, a família, os amigos;

Carta 9: A carta-que-define revela sentimentos interiores, segredos, intuições, esperanças e medos que o consulente traz à baila;

Carta 10: A carta final revela o resultado de tudo o que é representado pelas cartas precedentes; pode ser lida como a conclusão de uma história contada por todas as outras.

Alternadamente, a carta 7 foi interpretada como medos; a carta 8, como o lar; a carta 9, como esperanças e ideais; e a carta 10, como resultado final (LeMieux, p. 147 do original). Em outra obra, Douglas (pp. 196-197 do original) interpretou as cartas de 7 a 10 como uma seqüência de acontecimentos, do mais recente (carta 7) ao mais distante (carta 10).

Similar à Cruz Celta, a Seqüência de Nove Cartas omite uma das cartas que cobrem a carta-chave — ou a carta que descreve a situação atual (carta 1), ou a que representa as influências imediatas (carta 2), uma delas é deixada de lado; todas as outras posições das cartas têm o mesmo significado e são interpretadas da mesma maneira.



Uma variação 'aperfeiçoada' da Cruz Celta, este esquema utiliza os 22 trunfos. Após baralhar e cortar — de preferência três vezes —, as dez primeiras cartas são dispostas, viradas para baixo, conforme o modelo da Cruz Celta. Duas cartas são então escolhidas para cobrir a carta 6, em seguida mais duas para a carta 3, para a carta 4 e para a carta 5 (oito no total); essas cartas alteram e dão informação adicional sobre a carta que cobrem. Por fim, as quatro últimas cartas do baralho completam a seqüência, como se pode ver na ilustração acima.

Carta 1: Centros de energias interiores;

Carta 2: Centros de energias exteriores;

Cartas 3, 13, 14: Necessidades e desejos que formam a base da própria atitude;

Cartas 4, 15, 16: Talentos ou faculdades que auxiliam ou ocultam; oportunidades às quais o consulente se mostra mais sensível;

Cartas 5, 17, 18: Pensamentos, ideais, ambições;

Cartas 6, 11, 12: Tomada de decisão; o uso das faculdades;

Carta 7: A forma como o consulente se vê;

Carta 8: De que forma os outros vêem o consulente;

Carta 9: Lições que devem ser aprendidas;

Carta 10: O resultado;

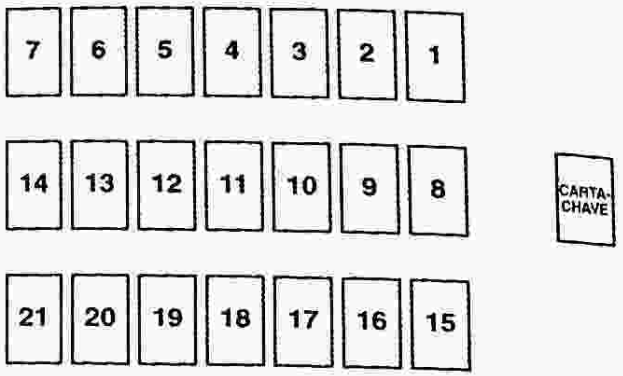
Carta 19: Energia feminina;

Carta 20: Energia masculina;

Carta 21: Limitações e obstáculos;

Carta 22: Possibilidades e força oculta.

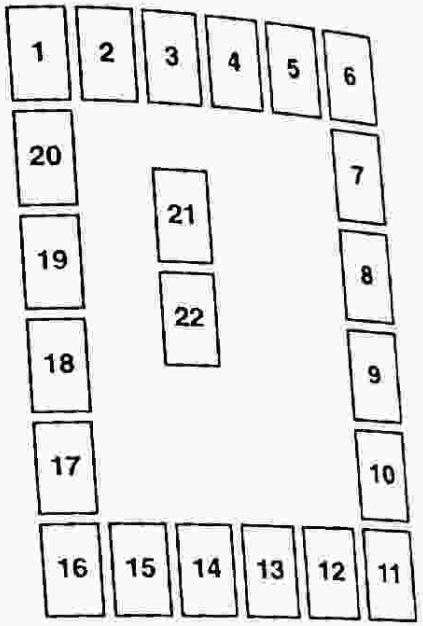
As Seqüências de Sétima Carta



O sete é um número sinergético que indica um retorno à unidade dos elementos ativo (3) e passivo (4).

Antes de baralhar, a carta-chave é escolhida e colocada sobre a mesa, virada para cima e à direita. Depois de baralhar, toda a sétima carta é retirada do baralho e colocada na mesa, à esquerda da carta-chave. O primeiro setenário diz respeito ao espírito que dá vida; o segundo, à alma e à vida; e o terceiro, aos princípios que concentram e sublimam.

À medida que as cartas são retiradas, as seis não escolhidas são transferidas para o fundo do baralho; o esquema prossegue até que todas as 21 cartas estejam dispostas, viradas para cima ou para baixo, em três fileiras de sete cartas. Se viradas para baixo, as cartas são contadas de acordo com o valor da carta-chave (veja à página 341) e interpretadas à medida que são viradas. A contagem e a leitura são feitas da direita para a esquerda. Quando todas as cartas tiverem sido viradas, pode-se interpretar por agrupamento, por fileiras ou pelo significado geral que a seqüência completa parece sugerir.



A Seqüência de Quatro Cantos é uma variação da Seqüência da Sétima Carta. As cartas são retiradas pelo mesmo processo — no entanto, nenhuma carta-chave é pré-selecionada. Iniciando-se no canto superior, à esquerda, as cartas são dispostas no formato de um quadrado, conforme é mostrado acima. As cartas centrais, 21 e 22, servem de guias para o caminho à frente.

O Método Italiano

21	20	19	18	17	16	15
14	13	12	11	10	9	8
7	6	5	4	3	2	1

Embora muito similar à Seqüência da Sétima Carta, o Método Italiano não utiliza uma carta-chave e as cartas são dispostas viradas para baixo após o baralhamento, tendo sido retiradas uma por uma do baralho. As três fileiras de sete representam o passado (a de cima), o presente (a do meio) e o futuro (a de baixo). A última carta indica a solução final. A leitura prossegue contando-se toda quinta carta (haverá três cartas entre cada duas consultadas), virando-a e interpretando-a em relação àquela que acaba de ser descoberta. A leitura começa na parte de cima e prossegue da esquerda para a direita. Uma outra dimensão de leitura pode ser obtida ao se combinar a carta 1 e a 21, a 2 e a 20, a 3 e a 19 etc. e ao se interpretar a combinação resultante. Alternadamente, as cartas podem ser dispostas da fileira de baixo para a de cima; nesse caso, a fileira de baixo representa o passado e a de cima simboliza o futuro.

O Método Italiano Alternativo

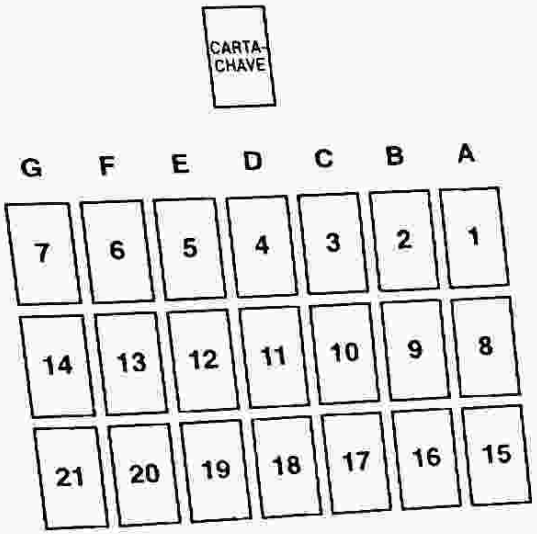
Em outra variação do Método Italiano uma carta-chave é pré-selecionada e introduzida novamente no baralho antes do baralhamento. Em seguida as cartas são dispostas viradas para cima em três fileiras de sete cartas, como no Método Italiano. A carta-chave será o ponto inicial da leitura, que se dá contando-se as cartas na direção em que a carta-chave se volta. Se a carta-chave não se volta nem para a direita nem para a esquerda, a natureza da indagação determinará a direção: para perguntas relativas a negócios, conta-se à direita; para perguntas relativas a relacionamentos, conta-se à esquerda. O significado da leitura adivinhatória é dado pela seqüência de cartas; é como se cada carta escolhida pelo processo de contagem se tornasse uma 'palavra' na sentença adivinhatória. O número de cartas na contagem é determinado pela letra hebraica associada à

carta-chave que o indivíduo pré-selecionou: três para uma letra-mãe, sete para uma letra dupla e 12 para uma letra simples. Se o baralho utilizado não tiver nenhuma letra hebraica associada, conta-se geralmente por cinco. Isso significa que se começa com a carta-chave (nº 1), conta-se três cartas (2, 3, 4) e chega-se até a quinta carta, que é a 'segunda palavra' em nossa sentença. Essa quinta carta torna-se agora a nº 1; conta-se três cartas e chega-se à nova quinta carta, que será a 'terceira palavra' em nossa sentença, e assim por diante, até que a contagem para cima ou para baixo das três fileiras da nossa seqüência leva-nos de volta ao ponto inicial.

Por exemplo, quando observamos o esquema do Método Italiano, se a carta-chave aparece no lugar da carta 10 e se se começa a contar por cinco em direção à direita, a próxima carta-'palavra' será a 2, depois, a 6, em seguida a carta 20 e depois a 16. A próxima contagem leve-nos de volta ao início.

Nossa sentença adivinhatória será formada, assim, de cinco 'palavras' concedidas pelas cartas 10, 2, 6, 20 e 16 respectivamente. Se uma palavra final for necessária, pode-se utilizar a carta deixada à esquerda. Informações adicionais podem também ser obtidas observando-se as cartas que cercam a carta-chave e interpretando a imagem que surge do grupo.

O Método Cigano de 21 Cartas



Em outra variação da Seqüência da Sétima Carta, três fileiras de sete cartas são deitadas (iniciando em cima, à esquerda), sendo que a carta-chave está centrada acima delas. Assim, as tríades formadas são lidas como se segue (LeMieux, pp. 153ss. do original):

Coluna A (cartas 1, 8 e 15): Perspectiva psicológica atual;

Coluna B (cartas 2, 9 e 16): Meio ambiente atual, vida no lar;

Coluna C (cartas 3, 10 e 17): Esperanças, desejos, anseios;

Coluna D (cartas 4, 11 e 18): Influências positivas, expectativas;

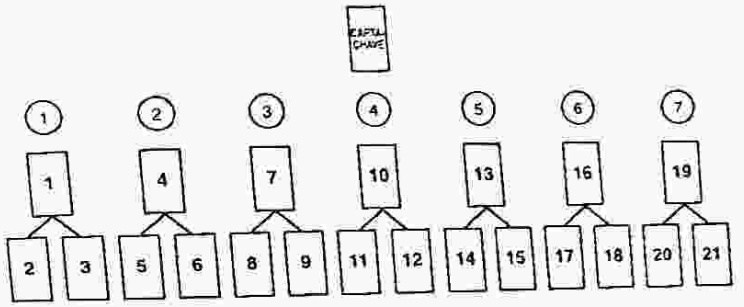
Coluna E (cartas 5, 12 e 19): Perigos latentes, o inesperado;

Coluna F (cartas 6, 13 e 20): Futuro imediato;

Coluna G (cartas 7, 14 e 21): Resultado a longo prazo.

Dentro de cada tríade, a carta de cima é positiva; a carta do meio, negativa; e a carta de baixo, neutra — em outras palavras, elas representam tese, antítese e síntese.

Eis aqui novamente sete grupos de três com a carta-chave centralizada em cima; porém, as cartas estão dispostas num padrão diferente (LeMieux, pp. 158ss. do original). As cartas são lidas então de acordo com a seqüência evolucionária mostrada abaixo.



Carta 1: O pai (ou alguma figura masculina importante da infância);

Carta 2: A mãe (ou alguma figura feminina importante da infância);

Carta 3: O consulente como uma criança (desejos, experiências);

Carta 4: Ensinamentos e crenças, experiências de formação, filosofia geral;

Carta 5: Poder e liderança;

Carta 6: Preferências e escolhas, recorrência ao nível artístico e sensual;

Carta 7: Movimento e conflito, capacidades mentais, atitude em vista das descobertas e da discordância;

Carta 8: Lar e posses, vida familiar no passado, no presente ou no futuro;

Carta 9: Prudência e proteção, parecer sábio, cautela;

Carta 10: Bem-estar e segurança, satisfação; cartas invertidas ou negativas são 'fracas' nessa posição;

Carta 11: A lei, a justiça e o julgamento, disputas legais;

Carta 12: Esperança, sorte, imaginação, desejos com probabilidade de se tornar realidade. Também nessa posição, as cartas ruins são enfraquecidas e nenhuma carta é considerada quando invertida;

Carta 13: Sacrifício e disciplina, algo que o indivíduo está disposto a combater, coragem ética;

Carta 14: Desventura; somente a Temperança ou o Mundo podem neutralizar essa posição negativa;

Carta 15: Escravidão, situações sufocantes, sensação de estar preso a problemas materiais;

Carta 16: Comunicação, talentos e meios de expressão mais favoráveis;

Carta 17: Mudanças que ocorrerão, atitude e oposição à mudança;

Carta 18: Medos e ansiedades, relações e situações que geram apreensão e estresse;

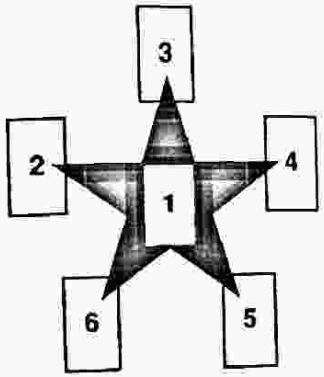
Carta 19: Esperanças e aspirações, acontecimentos que podem ocorrer, pessoas que podem ser de grande auxílio;

Carta 20: Destino, influência futura, ou situação que por certo ocorrerá;

Carta 21: Resultado final — pode descrever uma pessoa, uma situação ou uma atitude.

Esta seqüência exige muito, leva de uma a duas horas e abrange acontecimentos do passado, do presente e do futuro. Para um jovem, todas as posições após a carta 7 dizem respeito ao futuro; para uma pessoa mais velha, somente as três últimas cartas.

A Estrela de Cinco Pontas ou a Seqüência da Prosperidade



Para esclarecer sentimentos em relação a dinheiro (isto é, o que se aprecia ou não a esse respeito, do que se tem medo, por que se merece ou não), as cartas são baralhadas, cortadas e dispostas de acordo com o seguinte esquema:

Carta 1: Em que o universo pode contribuir para as necessidades do consulente;

Carta 2: O que pode servir de auxílio para que o consulente relaxe e sinta-se à vontade;

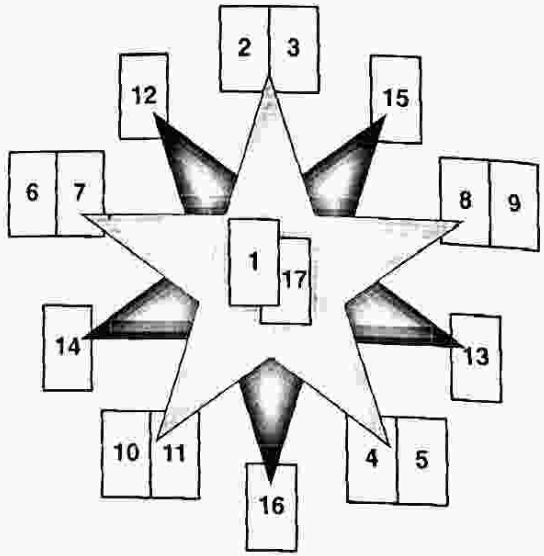
Carta 3: O que trará prosperidade e satisfação;

Carta 4: O que contrabalançará os sentimentos negativos do consulente;

Carta 5: O que pode proporcionar algum tipo de recompensa, *feedback* positivo e reforço;

Carta 6: O que a prosperidade poderia significar para o consulente.

A Estrela Dupla de Cinco Pontas ou a Fantasia dos Cinco Anos



Para reconhecer esperanças e sonhos futuros, para esclarecer opções e fazer com que o indivíduo se aproxime das suas metas, uma carta é escolhida para representar o consulente procedendo à criação da fantasia; após o baralhamento, dez cartas são selecionadas e dispostas ao redor da carta-chave.

Carta 1: Como o consulente cria suas metas;

Cartas 2 e 3: Sucesso recente;

Cartas 4 e 5: Situação no trabalho;

Cartas 6 e 7: Fonte atual de excitação e estímulo;

Cartas 8 e 9: Talentos e capacidades;

Cartas 10 e 11: Ambiente familiar.

As cartas restantes são baralhadas novamente e seis delas são distribuídas uma a uma, como indicado.

Carta 12: Intelecto;

Carta 13: Criatividade;

Carta 14: Amor e sexualidade;

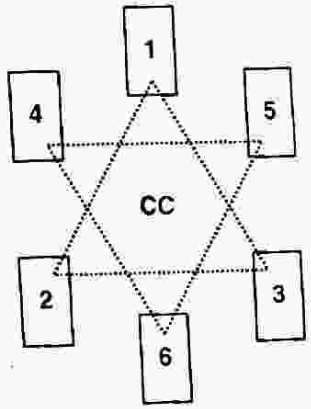
Carta 15: *Insight*, intuição;

Carta 16: Dinheiro e poder;

Carta 17: Si-mesmo ideal.

Esta é uma seqüência que invoca o arcano XVII, a Estrela, e sua influência positiva. Se essa carta aparecer na seqüência, a predição é favorável.

A Seqüência do Alquimista



Diz-se que esta seqüência foi planejada por Nostradamus, não devendo ser repetida para a mesma pergunta (isto é, deve-se respeitar a resposta recebida e não insistir no nível do ego, forçando outro resultado). Utilizando o modelo da Estrela de Seis Pontas, ela parece unir o pessoal ao universal, colocando o destino individual em perspectiva. Após a escolha da carta-chave, as cartas são baralhadas e dispostas como segue:

Carta 1: Passado;

Carta 2: Presente;

Carta 3: Futuro;

Carta 4: Acontecimentos relativos ao futuro próximo;

} Forças universais, contexto

Carta 5: Acontecimentos futuros (próximos anos);

Carta 6: Acontecimentos futuros a longo prazo.

} Nível pessoal

Esta seqüência também pode ser utilizada quando a pergunta se refere a relacionamentos. Nesse caso, as três primeiras cartas dizem respeito a um dos parceiros e as próximas três indicam o papel do outro. A carta-chave representa o resultado da interação à medida que se manifesta no presente, caso a atitude dos parceiros não se modifique. O relacionamento em questão pode envolver as qualidades interiores masculinas e femininas do consulente. Sendo assim:

Carta 1: O masculino ideal;

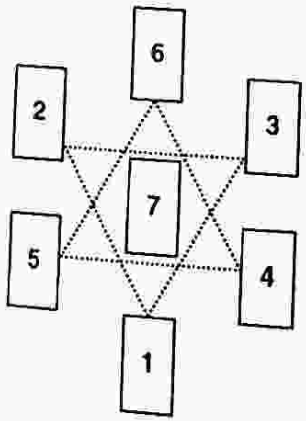
Cartas 2 e 4: O modo como o consulente interage numa situação positiva;

Cartas 3 e 5: O modo como o consulente interage numa situação negativa;

Carta 6: O feminino ideal.

A seqüência pode esclarecer também quais qualidades as cartas que formam o triângulo feminino têm em comum e quais qualidades são comuns àquelas formando o triângulo masculino.

A Estrela de Seis Pontas



Esta variação da Seqüência do Alquimista indica uma linha de desenvolvimento clara. As posições das cartas seguem o indicado acima; os significados são os seguintes:

Carta 1: Raiz, causa, origem da situação atual;

Carta 2: Circunstâncias atuais desfavoráveis oriundas dessa situação;

Carta 3: Circunstâncias atuais favoráveis oriundas dessa situação;

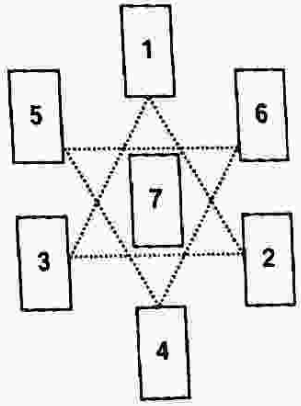
Carta 4: Acontecimentos recentes que tenham contribuído para o resultado favorável;

Carta 5: Acontecimentos recentes que tenham contribuído para o resultado desfavorável;

Carta 6: Desenvolvimento futuro pressagiado que leva em consideração todas essas influências.

Uma sétima carta pode ser selecionada pela redução das seis primeiras (veja explicação à página 341); ela elucida a relação do consulente com toda a situação. Para mais informações, quatro cartas podem ser retiradas do baralho mais uma vez baralhado.

A Seqüência do Sete Mágico



Outra variação da Estrela de Seis Pontas utiliza o esquema no qual as cartas têm os seguintes significados:

Carta 1: A história do problema em questão;

Carta 2: O presente surgindo daquele passado;

Carta 3: Futuro imediato, ocasionado pelo passado e pelo presente;

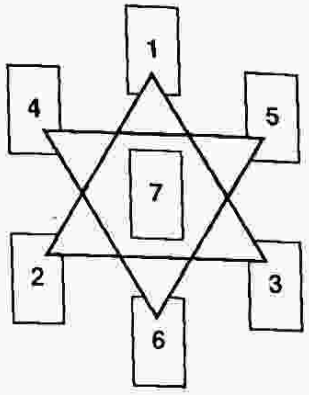
Carta 4: Influências favoráveis ou estado de espírito;

Carta 5: Ambiente circundante;

Carta 6: Obstáculos;

Carta 7: Resultado.

O Selo de Salomão



Neste caso, uma sétima carta também é selecionada pela redução das seis primeiras. Dispostas como na Seqüência do Alquimista, as cartas são interpretadas individualmente concentrando-se nos seguintes triângulos:

Cartas 1, 4 e 5: A pergunta;

Cartas 2, 3 e 6: O consulente;

Cartas 1, 2 e 3: Recursos psíquicos;

Cartas 4, 5 e 6: Circunstâncias materiais;

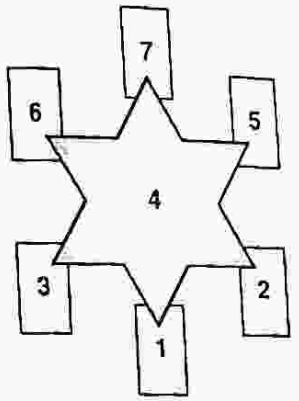
Cartas 2 e 4: O que está atrás;

Cartas 3 e 5: O que está à frente;

Cartas 1, 6 e 7: O resultado final.

O triângulo apontando para cima é o *yang* criativo; a carta que se encontra à esquerda indica a matéria; a que se encontra à direita, o espírito. O triângulo apontando para baixo é o *yin* receptivo; a carta que se encontra à esquerda é passiva; a que se encontra à direita, ativa. As cartas na extremidade superior e na extremidade inferior desses triângulos representam a síntese.

A Seqüência da Estrela



Neste caso, todas as sete cartas são incorporadas num único esquema e interpretadas da seguinte maneira:

Carta 1: A raiz do problema; situação atual;

Carta 2: Sentimentos; relacionamentos;

Carta 3: Pensamentos; profissão;

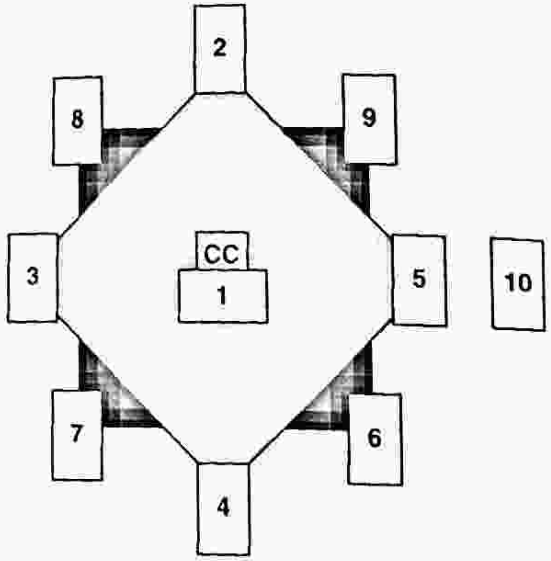
Carta 4: A essência do problema;

Carta 5: Acontecimentos prestes a serem revelados;

Carta 6: Desejos e expectativas;

Carta 7: Resultado.

O Esquema de Dez Cartas



Pré-seleciona-se uma carta-chave; as cartas são baralhadas e cortadas três vezes com a mão esquerda. Conforme indicado acima, dez cartas são colocadas em volta da carta-chave.

Carta 1: É a carta que cobre a carta-chave, aquela que toca diretamente o problema em questão;

Carta 2: Carta da oposição;

Carta 3: Situação atual ou inicial;

Carta 4: Origem, passado, base da qual a situação se origina;

Carta 5: Perspectiva em relação ao futuro próximo;

Carta 6: Desenvolvimento, síntese das cartas descobertas até agora;

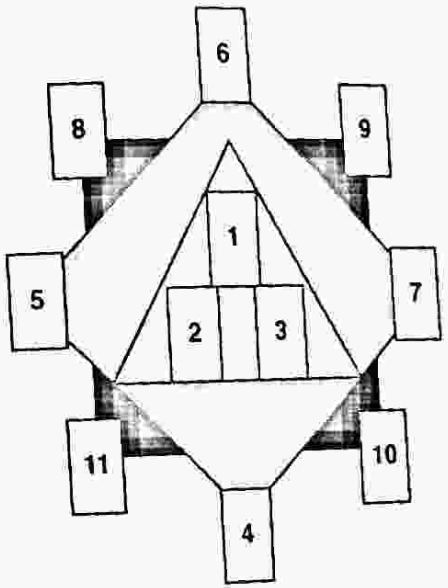
Carta 7: Força interior, profundeza interior, fatores inconscientes;

Carta 8: Esperanças e medos;

Carta 9: Influências exteriores;

Carta 10: Fator desconhecido, a força que já está agindo e na qual devemos concentrar-nos, pois se tornará de grande importância para o resultado desejado.

A Seqüência de Onze Cartas (Mother Peace)



Para este esquema, uma carta-chave pode ou não ser pré-selecionada; após o baralhamento, as cartas são dispostas conforme o modelo (Noble, 1983, pp. 232-233 do original).

Carta 1: Carta-chave ou consulente;

Carta 2: Contexto e atmosfera geral da pergunta;

Carta 3: Obstáculos e desafios;

Carta 4: Atitude inconsciente; base; reações físicas;

Carta 5: Passado recente;

Carta 6: Posição consciente; pensamentos e ideais;

Carta 7: Futuro próximo; rumo que as coisas parecem tomar;

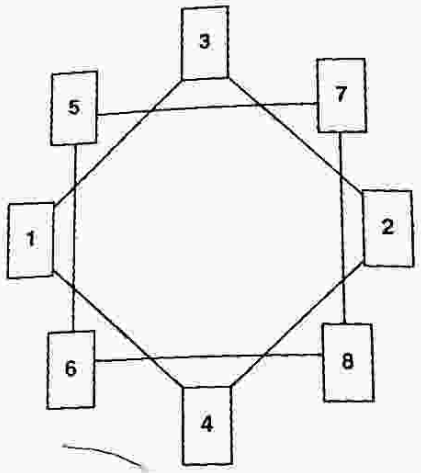
Carta 8: Autoconceito; auto-imagem;

Carta 9: Esperanças e medos; projeções;

Carta 10: Lar; espaço interior;

Carta 11: Resultado.

A Seqüência da Estrela do Druida



Esta variação do esquema anterior utiliza apenas as oito cartas no círculo exterior. Neste caso, as quatro primeiras cartas representam o modo solar e as quatro outras simbolizam o modo lunar de ação. Menos do que uma seqüência de adivinhação, ela é utilizada predominantemente para análises detalhadas dos componentes da personalidade e a interação deles com a posição e situação atuais. Após o baralhamento, as cartas são cortadas três vezes e dispostas viradas para baixo. As cartas de 1 a 4 são viradas primeiro.

Carta 1: O elemento fogo do caráter — ativo, empreendedor;

Carta 2: O elemento água — emotivo, expressivo;

Carta 3: O elemento ar — intelectual, imaginativo;

Carta 4: O elemento terra — prático, materialista.

As cartas de 5 a 8 são viradas em seguida.

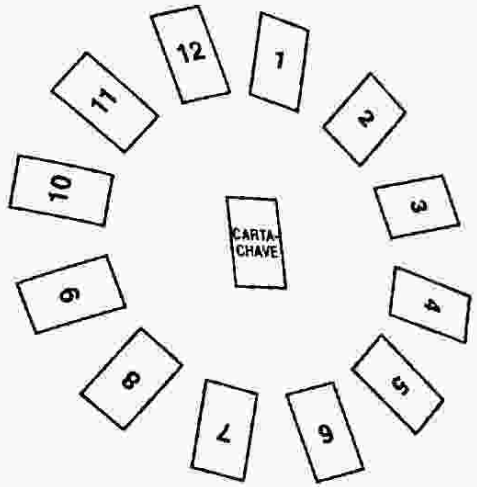
Carta 5 (alinhada com a carta 1): Problemas de saúde ou fraquezas ocultas;

Carta 6 (alinhada com a carta 4): Características herdadas, boas ou más;

Carta 7 (alinhada com a carta 3): Polaridades internas ou externas;

Carta 8 (alinhada com a carta 2): Medos ocultos, grau de reação emocional.

O Círculo Mágico ou a Roda Mágica



A tradição manda que não se tome conhecimento desta seqüência através de livros; pode ser transmitida por um mestre, ou o indivíduo pode desenvolver sua própria técnica (Golowin, p. 238 do original). Por esse motivo, o que se segue são apenas diretivas para experimento adicional. Após pré-selecionar a carta-chave, as cartas são baralhadas e colocadas viradas para baixo num círculo. Para responder à pergunta em questão, uma carta é escolhida intuitivamente e virada para cima; contando no sentido horário, toda terceira carta é virada até que quatro cartas estejam viradas para cima.

Carta 1: Desejos;

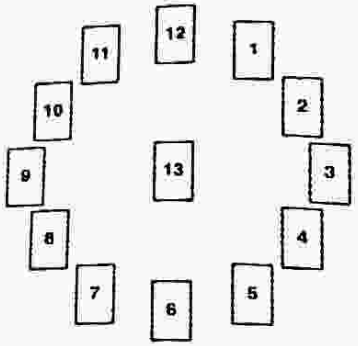
Carta 2: O que os opõe;

Carta 3: O que os apóia;

Carta 4: Resultado provável.

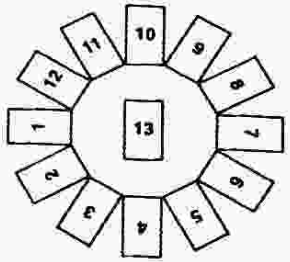
Duas outras perguntas podem ser feitas; assim, todas as cartas terão sid viradas.

O Relógio do Tempo



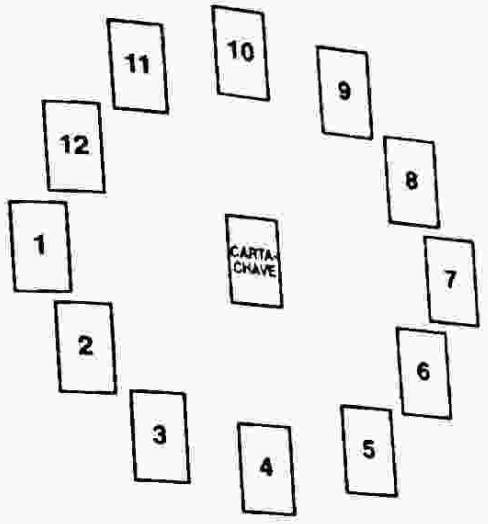
Similar ao Círculo Mágico, esta seqüência pode ser utilizada quando existe interesse em relação a um acontecimento específico — passado ou futuro. Doze cartas são selecionadas e colocadas viradas para baixo seguindo-se as horas, conforme um relógio. Uma décima terceira carta é então escolhida e colocada virada para cima no centro da seqüência. Dependendo do acontecimento, o consulente inicia com a carta colocada na sua hora (a hora do nascimento, de uma tragédia, de um encontro antecipado etc.). Seguindo no sentido horário a partir dessa carta, as cartas são viradas para cima numa ordem baseada no valor da décima terceira (elemental, planetária, zodiacal; veja à página 341).

A Seqüência Circular



Esta variação do Relógio do Tempo é utilizada para dar uma previsão geral do ano pela frente. Após o baralhamento, as cartas são dispostas viradas para cima (retiradas da parte superior do baralho) e colocadas numa seqüência de carta astrológica. Uma décima terceira carta é colocada no meio. Esta carta dá o tom geral do ano que chega e deve ser lida primeiro. As 12 cartas restantes referem-se a acontecimentos que se darão nos 12 meses à frente, à reação a esses acontecimentos etc.

As Seqüências do Horóscopo



Todas as vezes que o indivíduo desejar descobrir a origem dos problemas de sua vida, esta seqüência pode ser utilizada. A identificação da casa zodiacal na qual obstáculos ou problemas surgem pode revelar a origem do sofrimento. Após as cartas serem baralhadas e cortadas, são distribuídas no sentido horário começando com o ascendente. Uma décima terceira carta é colocada então no meio do círculo. Cada carta é interpretada de acordo com o significado da sua posição na casa; as casas nas quais as cartas com uma conotação negativa aparecem são as áreas em que algo precisa ser resolvido. Cartas positivas podem sugerir soluções, qualidades que precisam ser ativadas para que se manifestem na vida atual. Se a carta natal é bem conhecida, essas cartas podem ser colocadas ao redor do próprio horóscopo do indivíduo. É importante observar o problema e as cartas que se revelam à medida que dizem respeito ao que ocorre na carta.

A interpretação de qualquer uma das seqüências do horóscopo pode ser enriquecida de informação proveniente dos trânsitos na própria carta, no momento da leitura. O planeta transitando por uma casa particular pode ser relacionado e comparado com a carta colocada no esquema.

Alguns leitores do tarô (adivinhos) propuseram que uma carta-chave fosse selecionada e recolocada no baralho antes do baralhamento das cartas. Doze cartas são colocadas com as figuras viradas para baixo num círculo, conforme a ordem das casas astrológicas. A leitura é afetada pela 'tonalidade' da casa na qual a carta-chave é encontrada. Caso ela permaneça no baralho, sua ausência na seqüência é considerada uma resposta negativa à pergunta.

Em outra variação do Esquema do Horóscopo, as cartas são distribuídas num círculo após terem sido baralhadas e cortadas. Elas são interpretadas como se segue:

Carta 1: Complexo de padrões psicológicos que diz respeito aos mundos interno e externo; auto-expressão individual; o modo como o indivíduo se vê e deseja que os outros o vejam; aparência.

Carta 2: Dinheiro e bens móveis, coisas que o indivíduo aprecia e às quais está ligado.

Carta 3: Capacidade de lidar com situações e atividades cotidianas de uma maneira regular; relações pessoais; viagens curtas; parentes como pessoas com as quais se lida automática e facilmente, mas isso pode se tornar 'consciente' caso seja necessário.

Carta 4: Vida interior, pessoal, emocional; apoio, base, sentido de propriedade; o pai ou a mãe como educadores e provedores de cuidados na infância; tradição, inconsciente coletivo.

Carta 5: Auto-expressão, amor, crianças, criatividade; energias dentro do Si-mesmo que desejam ser liberadas para o próprio bem delas.

Carta 6: Eficiência, serviço, funcionários, trabalho, meta desejada; benefícios provenientes do trabalho de outros; problemas de saúde.

Carta 7: Casamento, parceria, conflito de relacionamentos.

Carta 8: Morte, herança; transformação, ressurreição; libertação dos vínculos; experiência interior profunda, oculta e psíquica.

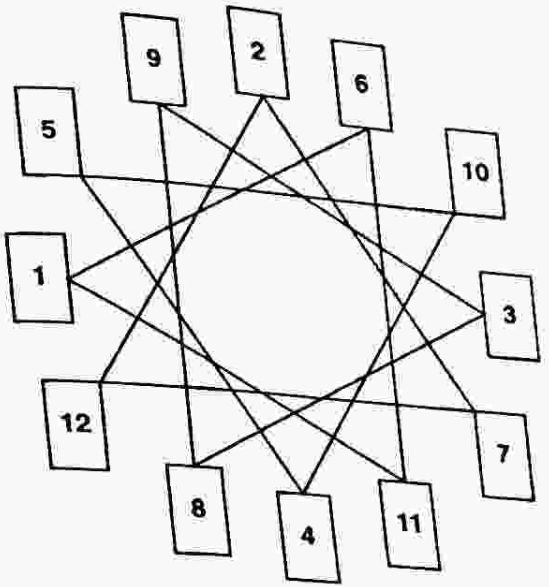
Carta 9: Filosofia, religião, capacidade de lidar com o incomum; viagens de longa distância; percepções sintéticas; exposição ao desconhecido como meio de expansão da consciência.

Carta 10: Carreira, profissão; procedimentos em relação ao mundo exterior, interesse pelo status social, a honra e a reputação; o trabalho como expressão da própria identidade; objetivos pelos quais o indivíduo aspira, mas que ainda não foram alcançados.

Carta 11: Amigos, esperanças, desejos, ambição, auto-expressão socializada; capacidade de se integrar e seguir em grupos; vínculos sociais.

Carta 12: Carma, segredos, aprisionamentos; capacidade psíquica.

A Seqüência do Horóscopo de Quatro Trígonos



As cartas são baralhadas, cortadas três vezes e distribuídas conforme indicado. Embora não estejam dispostas na ordem das casas do horóscopo, a interpretação revela o que se pode esperar da área da vida regida pela casa na qual a carta é encontrada.

Trígono da Vida

Carta 1: Vida pessoal; saúde (primeira casa);

Carta 6: Vida mental; filosofia, viagem, publicações (nona casa);

Carta 11: Crianças; casos de amor, prazeres (quinta casa).

Trígono do Poder

Carta 2: Autoridade; negócios, crédito; reputação (décima casa);

Carta 7: Fadiga; doença (sexta casa);

Carta 12: Posses pessoais, riqueza (segunda casa).

Trígono da Interação Social

Carta 3: Parceiro conjugal; inimigos, ações judiciais (sétima casa);

Carta 8: Parentes; estudos, escritos; viagens curtas (terceira casa);

Carta 9: Amigos, os que desejam o sucesso de outras pessoas (décima primeira casa).

Trígono das Coisas Secretas

Carta 4: Lar, estado real; fim da vida (quarta casa);

Carta 10: Legados; dívidas; transformação completa (oitava casa);

Carta 5: Restrições, limitações; inimigos desconhecidos (décima segunda casa).

Um esclarecimento adicional será obtido ao se considerar a dimensão astrológica da carta. Caso seja uma das cartas zodiacais, indica um processo; caso seja uma das cartas planetárias, representa um modo de comportamento (para as cartas zodiacais e planetárias veja à página 341). As qualidades elementares podem revelar 'tons' de sentimento (água) ou se concentrar nas idéias (ar), na paixão (fogo), ou na estabilidade e na atenção (terra).

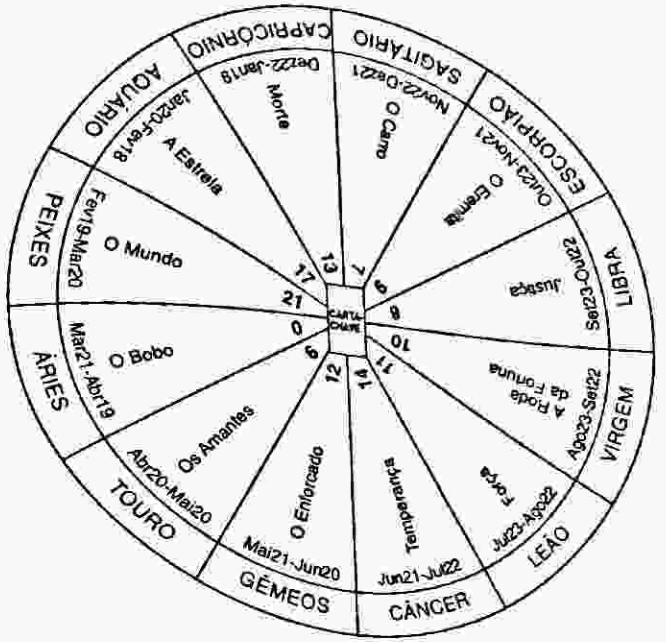
A Seqüência do Horóscopo (II)

Nesta variação do Horóscopo de Quatro Trígonos (Doane e Keyes, pp. 104-105 do original), as cartas são distribuídas exatamente na seqüência do Esquema dos Trígonos (página 389), mas são lidas à maneira do horóscopo, desde a carta 1 até a carta 5, contrariamente ao sentido horário, sendo que o significado de cada carta é dado pela significação da posição da casa que ela ocupa.

TABELA 19. OS SIGNOS DO ZODÍACO E OS ARCANOS MAIORES.

Signos	Escola européia	Paul F. Case	Dolores Ashcroft-Nowicki	Oswald Wirth	Eden Gray	Irene Gad
Áries	Grande Sacerdote	Imperador	Estrela(s)	Grande Sacerdote	Sol	Bobo
Touro	Amante(s)	Grande Sacerdote	Grande Sacerdote	Mago	Grande Sacerdote	Amante(s)
Gêmeos	Carro	Amante(s)	Amante(s)	Sol	Amante(s)	Enforcado
Câncer	Justiça	Carro	Carro	Lua	Temperança	Temperança
Leão	Eremita	Força	Força	Força	Força	Força
Virgem	Roda da Fortuna	Eremita	Eremita	Imperatriz	Eremita	Roda da Fortuna
Libra	Enforcado	Justiça	Justiça	Justiça	Justiça	Justiça
Escorpião	Temperança	Morte	Morte	Torre da Destruição	Julgamento	Eremita
Sagitário	Diabo	Temperança	Temperança	Amante(s)	Carro	Carro
Capricórnio	Torre da Destruição	Diabo	Diabo	Roda da Fortuna	Diabo	Morte
Aquário	Lua	Estrela(s)	Imperador	Temperança	Estrela(s)	Estrela(s)
Peixes	Sol	Lua	Lua	Estrela(s)	Lua	Mundo

Este método (Gray, pp.103ss. do original) dá informações sobre traços do caráter e sobre a personalidade em vez de responder a uma pergunta específica. É similar à leitura de uma carta natal, na qual se baseia, à medida que correlaciona as cartas dos arcanos maiores e as casas astrológicas nas quais elas caem. Pré-seleciona-se uma carta-chave que representa o consulente; em seguida as cartas são baralhadas e cortadas. A primeira carta (na parte superior do baralho) é colocada virada para cima na posição da primeira casa; a segunda carta também é colocada na segunda casa, da mesma forma; e assim sucessivamente até que as 12 cartas, representando as 12 casas, tenham sido dispostas ao redor da carta-chave. Para as correlações signo/arcanos maiores, veja a tabela 19. Para as correlações casa solar/signo zodiacal, veja a tabela 20, à pagina 397. Além disso, Gray (p. 104 do original) recomenda que se tente correlacionar o significado da carta com o signo zodiacal da carta solar correspondente àquela casa.



Também neste caso, cada signo do zodíaco correlaciona-se com uma carta dos arcanos maiores. O método é proposto por Gray (pp. 113ss. do original), que também apresenta suas próprias correlações tarô/zodíaco, que às vezes correspondem (por exemplo, Força/Leão, Justiça/Libra) às atribuições de Wirth e outras vezes às atribuições de Case (Grande Sacerdote/Touro, Amante(s)/Gêmeos, Eremita/Virgem, Diabo/Capricórnio, Estrelas/Aquário, Lua/Peixes; veja a tabela 19 (página 391).

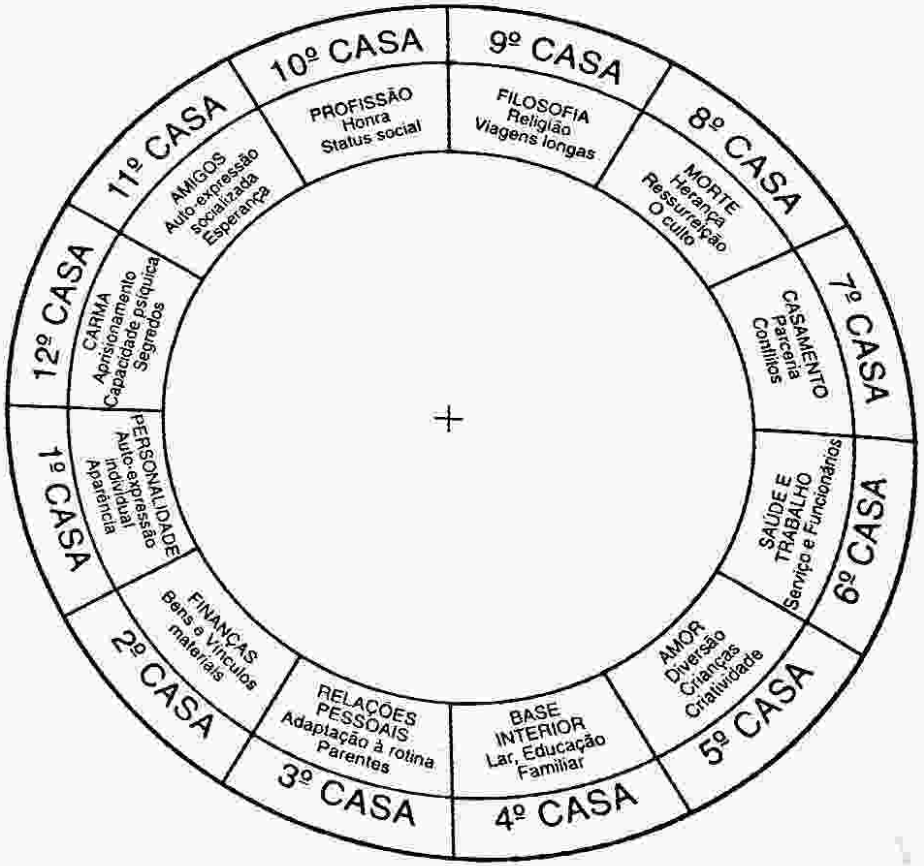
Primeiro Passo: qualquer que seja o par zodíaco/trunfo escolhido, 12 cartas trunfos são retiradas do baralho e dispostas numa mesa, num largo círculo, iniciando com a carta do signo solar na posição do primeiro signo, Áries (a primeira casa na carta solar). As 11 cartas restantes no círculo seguem a seqüência dos signos da carta solar (veja a tabela 20 à página 397).

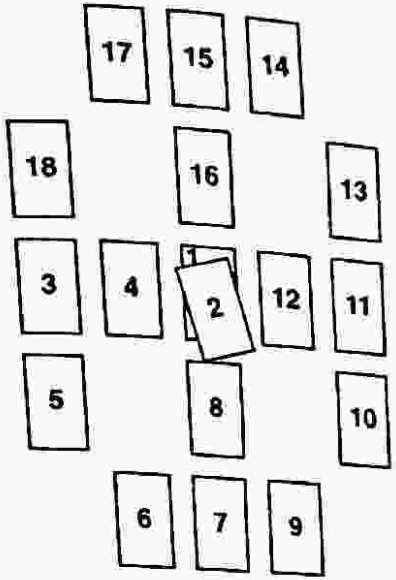
Segundo Passo: o consulente identifica o signo do nascimento, colocando-o sobre a primeira casa. Isso pode ser feito facilmente, com a produção de dois círculos: um mais largo, no qual as casas astrológicas e seus significados são marcados na periferia, e um menor que fica dentro do maior e indica as correlações zodíaco/tarô (tabela 19). Quando o menor é sobreposto ao maior, podem ser girados ao redor de um pino colocado no centro deles, de forma que o signo do nascimento e a primeira casa/carta do tarô se alinhem (veja a página 447).

Terceiro Passo: cada carta é lida iniciando-se com aquela que se encontra sobre a primeira casa; sua significação é interpretada em conjunção com os significados associados àquela casa.

Quarto Passo: as dez cartas restantes são baralhadas, cortadas e colocadas ao redor do círculo, dando-se prioridade às casas que são mais significativas ou mais problemáticas. Esse segundo grupo de cartas descreve as características da personalidade, que se combinam com os traços gerais para proporcionar uma imagem mais abrangente do consulente. Assim, a leitura integra os significados das casas astrológicas nos traços gerais do consulente (conforme indicado pelo signo do nascimento) e nas características da personalidade.

Como alternativa, pode-se utilizar os quatro ases além das cartas dos arcanos maiores. Isso fornecerá 12 cartas para o quarto passo, cobrindo-se todas as casas astrológicas e duas cartas deixadas à parte para esclarecimento adicional, caso seja necessário. Para o significado dos quatro ases veja as páginas 413 e 414.





Para Mann (pp. 148ss. do original), esta é a seqüência mais importante e útil porque pode ser utilizada para responder a perguntas; também pode ser aplicada a qualquer período de tempo. Fazendo uso de 18 cartas em sua estrutura, esta seqüência expande a Cruz Celta e dispõe um círculo astrológico ao redor dela. Uma carta-chave é pré-selecionada; em seguida, as cartas são baralhadas, cortadas e dispostas conforme indicado.

Carta 1: Carta-chave;

Carta 2: Acréscimo ou modificação da carta 1;

Carta 3: Primeira casa — personalidade;

Carta 4: Essência da personalidade;

Carta 5: Segunda casa — problemas financeiros;

Carta 6: Terceira casa — auto-expressão e parentes;

Carta 7: Quarta casa — família, emoções profundas, lar;

Carta 8: Essência do inconsciente;

Carta 9: Quinta casa — amor, criatividade, beleza;

Carta 10: Sexta casa — trabalho, saúde, dependentes, tarefas diárias;

Carta 11: Sétima casa — parcerias, casamento, contratos, inimigos;

Carta 12: Essência dos relacionamentos;

Carta 13: Oitava casa — profundidade, morte e transformação, o oculto;

Carta 14: Nona casa — a mente superior, aspirações espirituais, viagens longas;

Carta 15: Décima casa — realização profissional, fama, riqueza, posição social;

Carta 16: Essência da consciência do ego;

Carta 17: Décima primeira casa — amigos, grupos, esperanças, desejos, interesses altruístas;

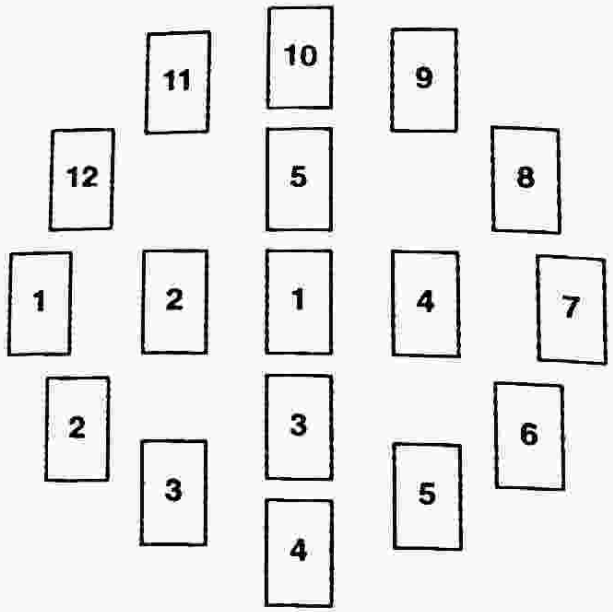
Carta 18: Décima segunda casa — segredos, isolamento, limitações, sacrifício.

As cartas 4 e 12 e as cartas 16 e 8 estão colocadas em importantes pontos astrológicos nos eixos horizontal e vertical. Em cima, o ponto 16 designa o meio-do-céu (MC, *medium coeli*), a essência da consciência do ego; o ponto 8, seu oposto, está no nadir (IC, *immum coeli*) e indica a profundidade do inconsciente; à esquerda, o ponto 4 marca o ascendente (ASC), representando a personalidade em seu aspecto do mundo interior; e, à direita, o ponto 12, o descendente (DSC), significa o mundo exterior e/ou o próprio parceiro.

TABELA 20. SIGNOS ASTROLÓGICOS E SIGNIFICADOS.

Casa Solar	Regente	Significado em Adivinhação
1	Áries	Rege todos os inícios; designa a aparência e características físicas, temperamento e personalidade, perspectiva do indivíduo no mundo, potencial futuro.
2	Touro	Conserva e constrói; diz respeito a assuntos financeiros, capacidade de auferir renda e bens tangíveis.
3	Gêmeos	Designa os parentes, especialmente irmão ou irmã; também diz respeito às relações pessoais, escritos e viagens curtas.
4	Câncer	Governa o primeiro ambiente no lar; designa também a velhice, as pessoas velhas, o pai.
5	Leão	Diz respeito aos casos de amor, crianças, coisas que causam excitação (por exemplo: teatro, jogos de azar, especulação) e capacidade criativa.
6	Virgem	Rege o trabalho e os empregados, assim como a saúde geral, a alimentação e a higiene.
7	Libra	Designa o casamento e os sócios nos negócios, assim como os procedimentos com o público, ações judiciais e inimigos declarados.
8	Escorpião	Comanda a morte, as heranças e as experiências ocultas.
9	Sagitário	Refere-se à lei, à filosofia, aos ideais e à religião; também aos sonhos, à intuição, à educação e às viagens longas.
10	Capricórnio	Rege a vida pública, a profissão, a fama e o status social. A mãe é sugerida aqui. (Às vezes é invertida, sendo que a mãe ocupa a quarta casa e o pai, a décima.)
11	Aquário	Diz respeito aos amigos, aos grupos, às esperanças, aos desejos e às aspirações.
12	Peixes	Comanda as limitações ocultas que restrigem a força de expressão; desejos secretos, inimigos secretos, autodesfazer; instituições e lugares que restringem ou confinam.

Ampliação da Seqüência Astrológica



Uma ampliação da Seqüência Astrológica é apresentada por Denning e Phillips (pp. 204ss. do original). As cartas de 2 a 5 são colocadas nos pontos cardeais ao redor da carta-chave.

Carta 1: Carta-chave;

Carta 2: Início, nascimento;

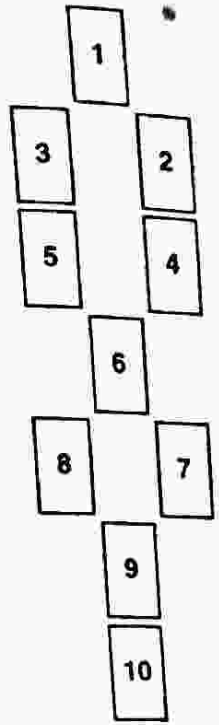
Carta 3: Desenvolvimento, crescimento;

Carta 4: Maturidade;

Carta 5: Declínio; previsões a longo prazo.

Em seguida, 12 cartas são dispostas conforme indicado acima. Elas seguem a seqüência das casas astrológicas e seus significados derivam dos significados das casas do zodíaco. As cartas que ocupam as posições das casas 2, 5, 8 e 11 representam importantes avaliações do status do sujeito da indagação.

A Árvore da Vida ou Árvore da Cabala



Após baralhar e cortar, as cartas são selecionadas uma por uma e dispostas de acordo com a forma da árvore sefirótica, seguindo a seqüência do Relâmpago já estabelecida. A leitura começa em Malkhut (carta 10) e avança lentamente para cima, em direção ao triângulo Yesod — Hod — Nezah (cartas 9, 8 e 7), dirigindo-se em seguida a Tiferet — Gevurah — Hesed (cartas 6, 5 e 4) e finalmente alcançando o triângulo supernal Binah — Hokhmah — Keter (cartas 3, 2 e 1). Como sabemos, cada triângulo contém dois conceitos opostos, além de um terceiro — que os harmoniza. As cartas do tarô na árvore sefirótica devem ser lidas da mesma maneira.

Carta 1: A consciência espiritual mais elevada do consulente no momento;

Carta 2: Potencial criativo espiritual, iniciativa pessoal, sabedoria;

Carta 3: Potencial criativo no mundo material, compreensão;

Carta 4: Qualidades de generosidade, prosperidade, profusão, desenvolvimento, misericórdia, sucesso financeiro;

Carta 5: Severidade, competitividade, autodefesa, ira, hipocrisia, vingança, poder;

Carta 6: Receptividade ao poder da vida, a 'essência', o Si-mesmo essencial;

Carta 7: Participação no mundo natural, paixão, expressividade, base instintiva da criatividade;

Carta 8: Comunicação, inteligência, escolha;

Carta 9: Sensibilidade, receptividade psíquica, surgimento da individualidade;

Carta 10: A totalidade das forças no mundo material, desejos físicos e instintivos, base puramente material da qual se inicia a lenta ascensão.

Cada carta nesta seqüência deve ser interpretada na ordem na qual foi disposta, e relacionando seu significado às cartas que vêm antes e depois. As cartas apresentam também uma associação vertical. Isto é, os três pilares formados podem ser interpretados para que se revele a influência masculina ou do pai (pilar à direita), a influência feminina ou da mãe (pilar à esquerda) e o desenvolvimento interior do consulente e sua reação às influências masculina e feminina (pilar central, que se move para baixo). Alguns leitores interpretam as cartas no pilar direito como uma influência favorável; as cartas no pilar esquerdo, por sua vez, teriam um efeito desfavorável; e as cartas no centro seriam interpretadas como o resultado. Além disso, as cartas de 1 a 3 representam as qualidades espirituais; as cartas de 4 a 6, a vida mental; as de 7 a 9, a vida emocional; e a carta 10 representa o indivíduo completo, incluindo o corpo físico. Caso pontos importantes permaneçam obscuros, pode-se retirar quatro cartas do restante do baralho e colocá-las viradas para cima, bem em cima do aspecto a ser esclarecido. De forma alternativa, pode-se interpretá-las como se segue:

Carta 1: Fator-chave — espiritualidade;

Carta 2: Resultado a longo prazo — responsabilidade;

Carta 3: Resultado imediato, resultados a curto prazo — dificuldades;

Carta 4: O que o consulente sente — problemas úteis;

Carta 5: O que o consulente pensa — problemas opostos;

Carta 6: Situações atuais — realizações;

Carta 7: Efeitos das pessoas e do ambiente — relações emocionais;

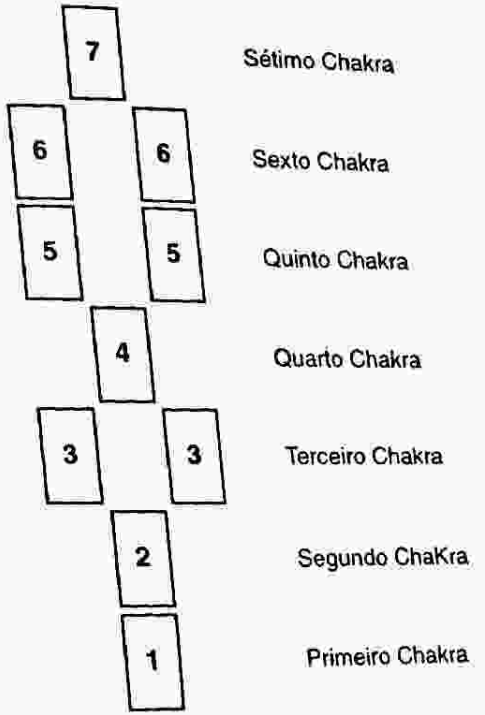
Carta 8: Efeitos da orientação interior — comunicação — carreira;

Carta 9: Valores e crenças — base inconsciente;

Carta 10: Auto-avaliação atual — lar e família.

Após ler as cartas de baixo para cima (O Caminho da Serpente), recomenda-se que elas sejam lidas de cima para baixo (O Relâmpago). As diagonais (cartas 5, 6, 7 e 4, 6, 8) também deveriam ser examinadas junto com os pilares, em especial o pilar do centro, para indicações da transformação. Após a interpretação, uma das cartas não utilizadas é selecionada para representar o Sefirah invisível Daat, que indica o potencial oculto e as aspirações do Si-mesmo superior; o 'presságio' dessa carta intenta que ela nunca seja utilizada a serviço do ego.

A Seqüência do Chakra



Um arranjo similar à Árvore da Vida foi utilizado por Greer (1984, pp. 160ss. do original) para obter respostas quanto à origem psicológica das doenças. Ela imagina esta seqüência procedendo à combinação do conceito oriental dos sete centros de energia com a visão ocidental da Árvore da Vida e sua aplicação ao corpo humano. Após as cartas serem baralhadas, cortadas em três montes e o baralho ser restituído, dez cartas são escolhidas e dispostas conforme o indicado.

Chakra 1: A raiz, ou *Muladhara chakra*, ocupa-se do instinto de sobrevivência básico, do vigor, da vitalidade, do nível de energia da vida em geral.

Chakra 2: O segundo, ou *Swadisthana chakra*, controla a sexualidade e as emoções.

Chakra 3: O umbigo, plexo solar, ou *Manipura chakra*, mostra de que maneira o indivíduo expressa as energias vitais; o da esquerda representa o ego e a vontade; o da direita, as conexões emocionais. (Duas cartas são tiradas aqui.)

Chakra 4: O coração, ou *Anahata chakra*, é o centro do amor universal e mostra capacidade de experimentar compaixão.

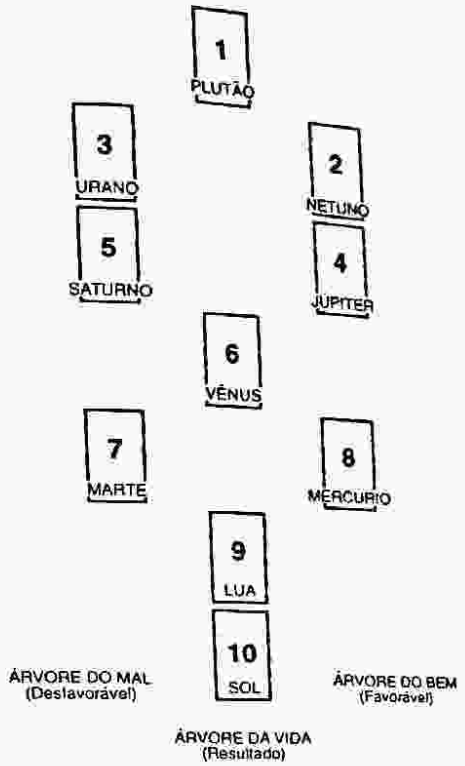
Chakra 5: A garganta, ou *Vissuddha chakra*, mostra auto-expressão, comunicação. Caso seja 'bloqueado', algo que precisa ser expresso é contido; a carta à direita indica estado de orientação exterior, e a carta à esquerda, estado de orientação interior contribuindo para o problema. (Duas cartas.)

Chakra 6: O terceiro olho, ou *Ajna chakra*, é a sede da visão interior; contribui para a capacidade de tornar os pensamentos realidade. (Duas cartas.)

Chakra 7: A coroa, ou *Sahasrara chakra*, representa a ligação à fonte da energia espiritual; as mais elevadas aspirações e o conhecimento da verdade eterna estão localizados aqui.

A carta que representa o chakra do coração é a carta-chave nesta leitura 'da saúde'.

A Seqüência da Cabala



Esta variação da Árvore da Vida é utilizada por Doane e Keyes (pp. 67ss. do original) para elucidar as influências favoráveis e desfavoráveis que levam ao resultado da situação em questão. As cartas do pilar à direita, ou Árvore do Bem, indicam forças ou acontecimentos favoráveis; as do pilar à esquerda, ou Árvore do Mal, representam forças e acontecimentos desfavoráveis; e as cartas do pilar central constituem o resultado. Doane e Keyes interpretam as posições individuais nessa Árvore da Vida correlacionando o significado com a correspondência astrológica de cada lugar na Árvore.

Carta 1: Plutão — orientação espiritual;

Carta 2: Netuno — sabedoria original;

Carta 3: Urano — inteligência anterior;

Carta 4: Júpiter — influência da compaixão;

Carta 5: Saturno — desejo de justiça;

Carta 6: Vênus — amor pela beleza e pela vida;

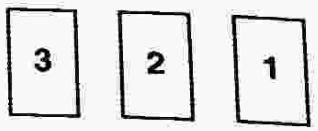
Carta 7: Marte — desejo de vitória;

Carta 8: Mercúrio — magnificência e ostentação expansivas;

Carta 9: Lua — condições do lar;

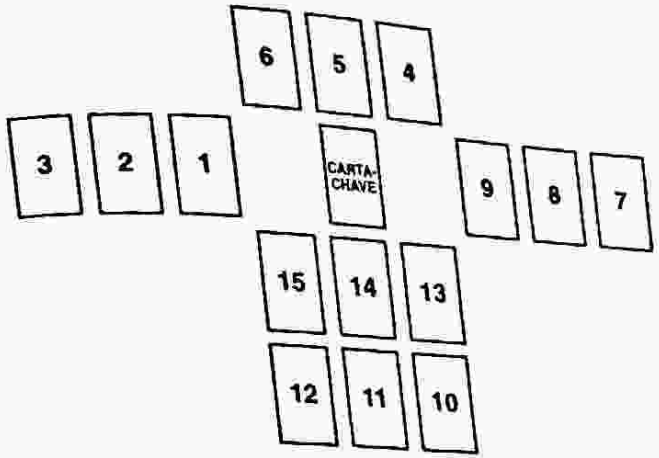
Carta 10: Sol — força física e resultados materiais.

A Seqüência do Desejo (de Três Cartas)



O consulente deve se concentrar no que deseja enquanto baralha e deve proferir mentalmente seu desejo ao mesmo tempo em que as cartas são cortadas. As três cartas superiores são selecionadas e dispostas numa fileira horizontal; elas avaliam e comentam o desejo. Caso seja preciso informação adicional, elas podem ser reduzidas (veja à página 341) e a carta assim determinada dará o esclarecimento necessário.

A Seqüência do Desejo (de 15 Cartas)



Existe uma Seqüência do Desejo ampliada, que utiliza 15 cartas. Uma carta-chave representando o consulente ou o desejo é escolhida. As cartas são baralhadas e 15 delas são retiradas do baralho ao acaso, de forma intuitiva. Elas são dispostas viradas para baixo, de acordo com o modelo acima.

Cartas de 1 a 3: O ambiente imediato;

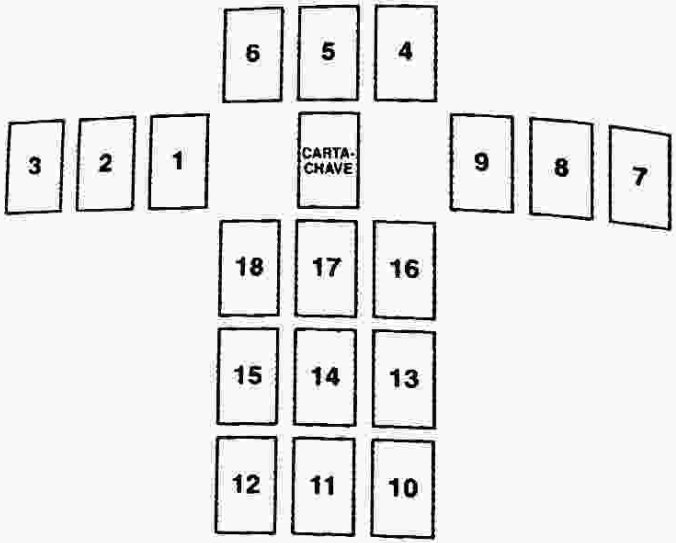
Cartas de 4 a 6: Elementos do desejo;

Cartas de 7 a 9: Componentes que bloqueiam ou se opõem;

Cartas de 10 a 12: O que merece atenção;

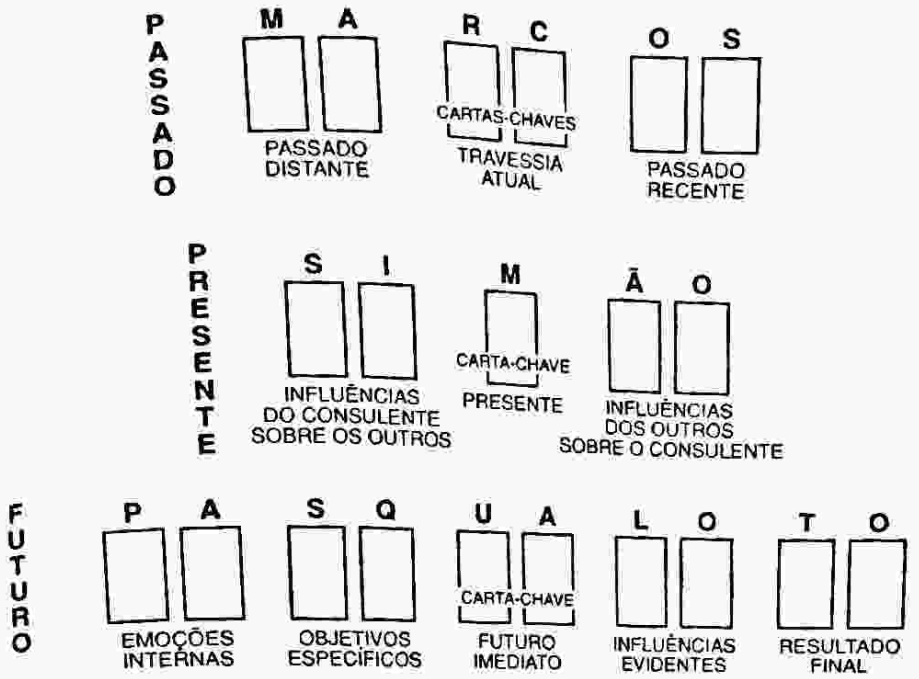
Cartas de 13 a 15: O que ficará claro.

A Seqüência do Desejo (de 18 Cartas)



Se as cartas de 13 a 15 não propiciarem uma solução satisfatória, Roberts (p. 72 do original) sugere que se retire mais três cartas para o esclarecimento. Se, após a carta-chave ser selecionada, ela for reintroduzida no baralho antes do baralhamento, contribuirá para a interpretação do resultado. Se ela aparecer na seqüência (exceto no grupo de 7 a 9), o desejo será realizado (quanto mais próxima ela estiver da carta 1 na seqüência numérica, mais rápido isso ocorrerá); se ela aparecer na seqüência de 7 a 9, a probabilidade do seu cumprimento será pouca e as cartas explicarão por quê; se a carta-chave não sair, a resposta será dada pelo significado geral da seqüência.

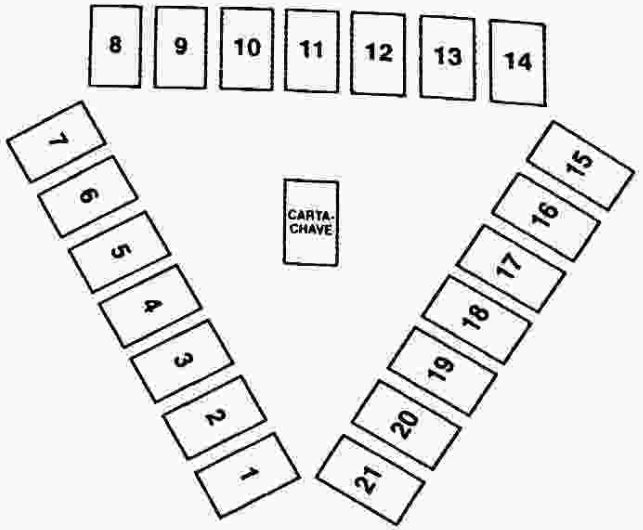
A Seqüência Segundo o Nome



As cartas são dispostas da esquerda para a direita em três fileiras, de modo que cada fileira superior, central e inferior contenha o mesmo número de cartas das letras existentes no primeiro, no intermediário e no último nome, respectivamente. Se o consulente não tiver um nome intermediário, o número de cartas no primeiro nome é repetido na fileira do meio. Se o primeiro nome ou o nome do meio possuírem menos de três letras, designam-se três cartas. Se o último nome possui menos de cinco letras, nessa fileira são distribuídas cinco cartas. As cartas do centro de cada fileira (ou as duas cartas do meio) representam importantes cartas-chave. A fileira superior (o passado) mostra o que foi dado ou concedido no nascimento. As cartas à esquerda da carta-chave indicam as influências exteriores antigas, enquanto as cartas à sua direita descrevem influências relativamente recentes. A fileira do meio (o presente) mostra como o consulente influencia os outros (à esquerda da carta-chave) e como os outros o influenciam (à direita da carta-chave). A fileira inferior diz respeito às perspectivas futuras e ao resultado, com expectativas e objetivos à esquerda da carta-chave e uma progressão dos acontecimentos do futuro próximo para o resultado final descrita à

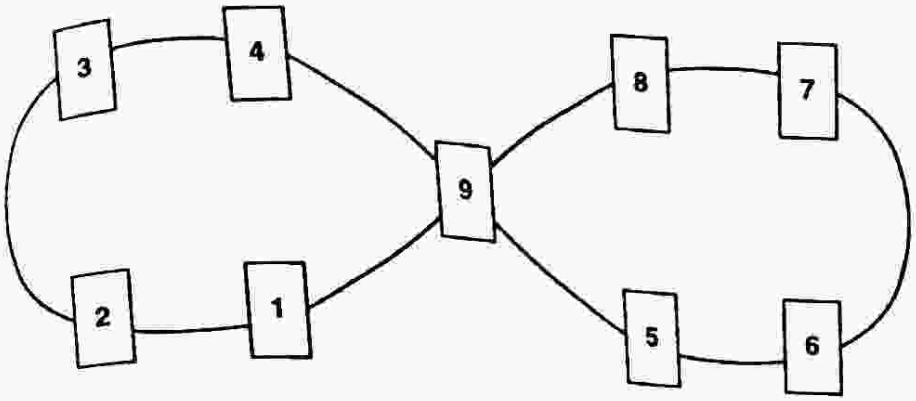
direita. Caso invertida, esta última carta pode retratar obstáculos a serem enfrentados e superados. A Seqüência Segundo o Nome também fornece a identificação da 'carta da idade', que é muito importante, pois indica os elementos do passado, do presente e do futuro que interagem com a personalidade do consulente. Para encontrá-la, as cartas são contadas começando pela fileira superior, à esquerda, e avançando através da seqüência tantas vezes quantas forem necessárias até que a carta correspondendo à idade do consulente seja obtida.

O Yantra Yoni



Tradicionalmente fazendo uso do baralho completo, uma forma simples utiliza apenas os trunfos em três grupos de sete cartas. Uma carta-chave é pré-selecionada e as cartas restantes são baralhadas e cortadas. Iniciando-se na parte inferior, as cartas são dispostas uma a uma conforme um padrão triangular, como é mostrado acima. A fileira superior representa o presente; o lado direito, o futuro; e o lado esquerdo, o passado. O número 21 é sagrado (Walker, p. 48 do original) e está associado aos números mágicos 3 e 7 (seus únicos fatores), que estão relacionados com a Deusa Tripla e suas sete sacerdotisas, as sete irmãs, as Plêiades. Cada lado do Yantra Yoni pode representar sete meses ou sete anos, dependendo da idade do consulente ou das dimensões da pergunta.

O Esquema do Infinito



As qualidades numinosas do símbolo do infinito serviram de inspiração a Steiner-Geringer para que ela utilizasse sua forma como base da sua seqüência (pp. 220-224 do original). Ela achou que o nove era o número mais adequado de cartas a serem utilizadas neste esquema porque, sob o ponto de vista numerológico, o nove simboliza a inteireza, a perfeição, a verdade. O número nove simboliza o enriquecimento e a expansão da consciência ao entrar em contato com o inconsciente através da descida introvertida até o mundo interior do indivíduo. O nove é a tríplice tríade que abrange todos os números; está relacionado com a maternidade e a fertilidade, a morte e o renascimento, a sabedoria e as forças ocultas. Esta seqüência é utilizada todas as vezes que elementos contraditórios numa situação ou dentro de uma pessoa exigem resolução e integração.

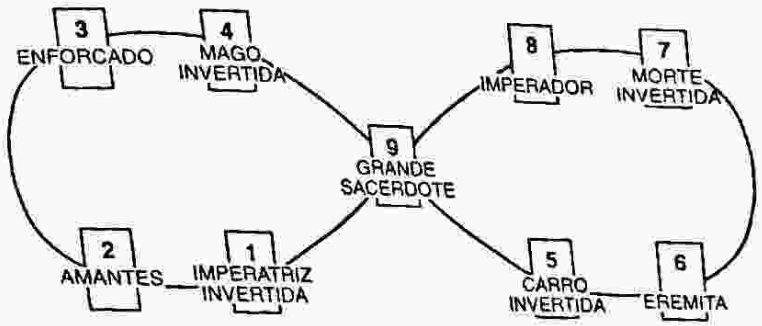
Após baralhar e cortar as cartas, elas são retiradas do baralho uma a uma e colocadas viradas para cima, de acordo com a ilustração. As cartas do lado esquerdo representam fatores inconscientes, elementos ocultos na situação, dificuldades, obstáculos. As cartas do lado direito representam fatores conscientes, elementos já familiares que devem ser levados em consideração, as oportunidades, os aspectos favoráveis. As cartas são primeiro interpretadas uma por vez. O próximo passo envolve colocar em pares as cartas dos dois lados, como se segue: cartas 1 e 8; cartas 2 e 7; cartas 3 e 6; cartas 4 e 5; e em seguida a carta 9. Quando duas alternativas são apresentadas, as cartas de 1 a 4 podem oferecer informação concernente a uma opção e as cartas de 5 a 8 fornecem informação sobre a outra. A carta 9 sugere a solução, o resultado, ou a integração dos elementos conflitantes. Por essa razão, às vezes pode ser selecionada pela redução de todos os outros números da carta (em vez de ser retirada do baralho). Caso se permita a intuição para ligar as cartas, dá-se a resposta. O exemplo a seguir foi incluído para mostrar como isso funciona.

LEITURA (EXEMPLO): uma profissional de 50 anos mantém um relacionamento íntimo com um homem casado que tentou repetidas vezes separar-se da esposa, mas nunca conseguiu. Ao consultar as cartas quanto ao futuro do relacionamento, ela retira as cartas indicadas no diagrama.

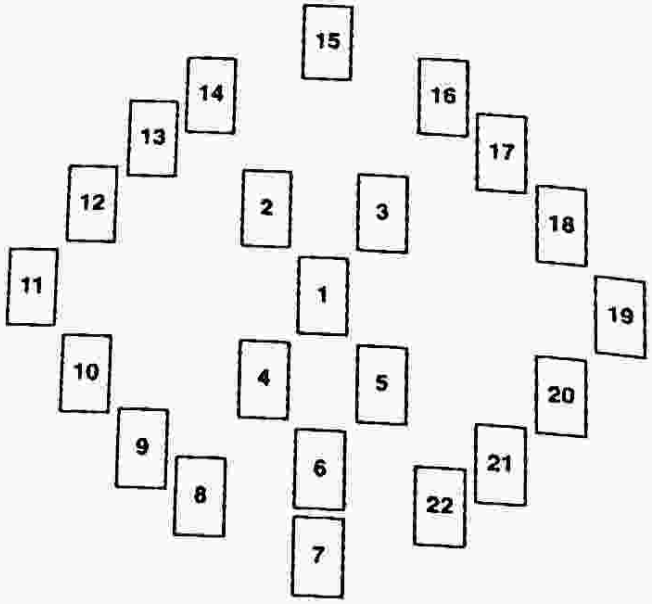
Interpretação: 1) A Imperatriz, invertida: a atenção e a proteção que se deseja do relacionamento não estão próximas; confusão e complexidade criam um clima de ansiedade. 2) Os Amantes: há paixão e promessa de satisfação; uma parceria verdadeira pode acontecer 3) O Enforcado: deve existir a perspectiva de uma mudança voluntária de ambos os parceiros; fantasias sentimentais e projetos imaginários devem ser evitados; há necessidade de tempo para consolidar e aprofundar os sentimentos existentes, 4) O Mago, invertida: dúvidas, incertezas e humores inconstantes interferem na vitalidade necessária para superar a oposição. Os parceiros têm de se ver e se aceitar como realmente são e devem evitar projetar no outro a sua própria insatisfação consigo mesmo. 5) O Carro, invertido: momentos de paralisia alternados com surtos de atividade; existe o risco de decisões impensadas. 6) O Eremita: meditação e introspecção são necessárias para sustentar esse tipo de relação. Uma personalidade bem definida possibilita que se concentre nos aspectos positivos e evita a ênfase nos elementos ausentes. 7) Morte, invertida: apesar das experiências dolorosas, a redenção e a ressurreição estão próximas; existe a esperança de uma transformação importante e benéfica. 8) O Imperador: existe uma real possibilidade para o futuro desenvolvimento da relação, desde que as qualidades de indulgência, aceitação e entendimento mútuo possam ser ativadas. Existem potencial e generosidade, mas também falta de disciplina. 9) O Grande Sacerdote: o resultado se baseia num rígido senso de valores. Os atritos de uma vida compartilhada sob circunstâncias difíceis dão a oportunidade de aumentar a integridade e o autoconhecimento.

Em seguida, as cartas são interpretadas em pares. Cartas 1 e 8: A Imperatriz, invertida, e O Imperador: poderia representar um relacionamento ideal caso a carta da Imperatriz não estivesse invertida. Assim, isso parece indicar que uma certa falta de atenção pode diminuir a capacidade de tolerância. Cartas 2 e 7: Os Amantes e Morte, invertida: parece existir uma verdadeira ligação de sentimentos entre os parceiros; entretanto, a morte e a transformação desempenharão um papel muito maior na decisão final. Cartas 3 e 6: O Enforcado e O Eremita: uma mudança em perspectiva tão total que o sentir-se pendendo de cabeça para baixo contrabalançará o efeito do par que se segue. Cartas 4 e 5: O Mago e O Carro, ambas invertidas: ambas são poderosas, mas mal expostas neste esquema; nem a visão do Mago nem o entusiasmo do Condutor estão disponíveis para ajudar a sustentar a relação.

Na nona posição, o resultado é representado por uma carta (O Grande Sacerdote) que simboliza a aceitação legítima dos valores e das regras de comportamento disciplinado. Dada a natureza do relacionamento para o qual a leitura foi solicitada, duvida-se que essa relação cumpra as promessas que indica. Por enquanto isso pode continuar de qualquer maneira mas, para que se tenha sucesso, muito precisa ser feito. (A leitura do resultado pode ter sido diferente se, por exemplo, as mesmas cartas foram selecionadas por um artista, pois a pessoa, a idade, o caráter e a situação geral do consulente desempenham um papel essencial em qualquer interpretação.)



A Seqüência Junguiana



Para uma leitura da vida completa e detalhada, as 22 cartas dos arcanos maiores são baralhadas, cortadas e dispostas viradas para baixo, uma a uma, conforme a ilustração (de Roberts, pp. 230-231 do original). A carta 1 — a 'Nomeadora Não-Nomeada', o não-manifesto, a essência espiritual, a matriz criativa — não é virada. As quatro cartas seguintes, denominadas 'as cartas da herança' porque representam o pai e a mãe (cartas 2 e 3) e *animus* e *anima* (cartas 4 e 5), são interpretadas primeiro. A carta 6, que significa os meios individuais pelos quais o mundo interno do consulente se relaciona com o mundo externo, é virada em seguida e interpretada em relação às quatro precedentes. De fato, a carta 6 é a ponte existente entre os mundos externo e interno, simbolizada pelo círculo de cartas exterior que representa a roda da experiência mundana. Elas são interpretadas como se segue:

Carta 7: Herança no momento do nascimento;

Cartas 8 e 9: Desenvolvimento precoce;

Carta 10: Nascimento intelectual;

Cartas de 11 a 13: Crescimento para dentro — iniciando a descida até o nadir;

Carta 14: O nadir da vida, ponto de reversão;

Cartas de 15 a 17: A procura daquilo que está faltando — transformação interior;

Cartas de 18 a 22: A parte posterior da vida, seus desafios e seus pontos altos.

A seqüência completa descreve a Jornada do Herói, sendo que a carta 14 representa o ponto mais profundo da Viagem Marítima Noturna.

O Esquema dos Dez Tronos

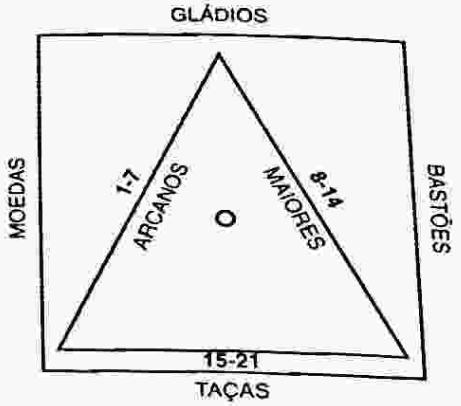
Com raras exceções, a maior parte das seqüências anteriores pode ser utilizada não só com os arcanos maiores, como foi descrito, mas também com o baralho do tarô completo. No entanto, decidi não trabalhar com os esquemas de baralho completo, preferindo limitar-me àqueles que utilizam apenas os 22 trunfos. Existe, todavia, uma seqüência em particular que utiliza os ases com os trunfos; ela é denominada Seqüência dos Sefirot, ou Esquema dos Dez Tronos (Doane e Keyes, pp. 45ss. do original), e está incluída aqui porque os quatro ases completam a 'quintessência' alquímica, às vezes igualada ao quinto naipe, aos trunfos, aos arcanos maiores (Walker, p. 29 do original).

Ás de Taças: Amor, desejo, contentamento doméstico;

Ás de Bastões: Realização, criatividade, realização intelectual;

Ás de Gládios: Conquista, força, energia primordial;

Ás de Moedas: Realização material, sucesso; para alguns a melhor carta do baralho (Simon, p. 100-5 do original).



A figura acima ilustra graficamente as relações existentes entre os arcanos maiores e os quatro naipes. O tarô multifacetado é mostrado para sintetizar o mundo do espírito (o triângulo, representando Deus, a Trindade), o mundo físico (o quadrado), e a consciência humana (o ponto no centro). Os quatro naipes são representados nos lados do quadrado, e dentro dele os arcanos maiores formam os lados do triângulo (Kaplan, *Enciclopédia do Tarô*, vol. 1, p. 14 do original). Os ases têm importantes conexões com as quaternidades arquetípicas: são elas as quatro estações, os quatro pontos cardeais, os quatro elementos, as quatro idades do homem, os quatro temperamentos, as quatro funções psicológicas, os quatro mundos cabalísticos. Hoeller (p. 7 do original), entre outros, sugere as seguintes relações:

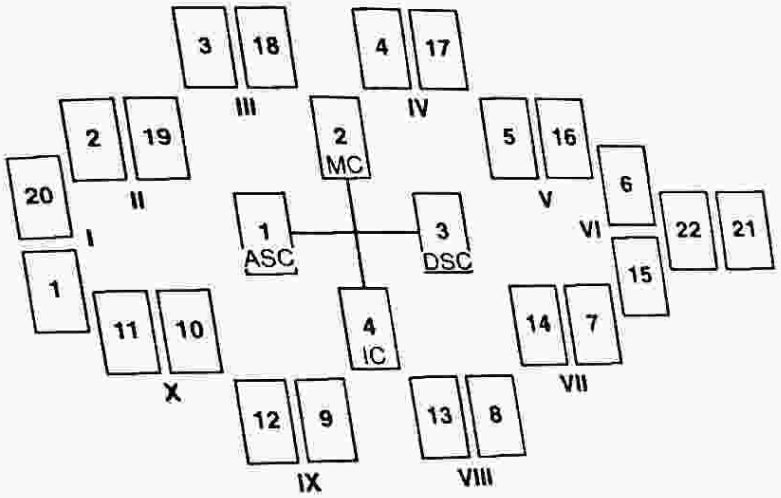
Naipes	Elementos	Funções
Moedas	Terra	Sensação
Taças	Água	Sentimento
Gládios	Fogo	Pensamento
Bastões	Ar	Intuição

Enquanto as associações moedas/terra/sensação e taças/água/sentimento são consistentes, alguns autores (como, por exemplo, Halevi, *A árvore da vida/Introdução à cabala*, p. 102 do original) associam os gládios ao ar e os bastões ao fogo, procedendo às seguintes correspondências:

Naipes	Elementos	Mundos
Moedas	Terra	Asiyyah
Taças	Água	Yezirah
Gládios	Ar	Beriah
Bastões	Fogo	Azilut

Ou relacionam os gládios à terra e as moedas ao fogo (Thierens, pp. 17-26 do original).

A Seqüência dos Dez Tronos



Além dos 22 arcanos maiores, a Seqüência dos Dez Tronos utiliza os quatro ases — que são baralhados e cortados separadamente, sendo dispostos virados para baixo no círculo interno da seqüência. Denominados 'chaves astrais', eles marcam as quatro posições que correspondem aos quatro ângulos de um horóscopo: ascendente (ASC), meio-do-céu (MC), descendente (DSC) e nadir (IC). A primeira posição diz respeito à vida; a segunda, aos negócios; a terceira, ao amor e à guerra; e a quarta, às coisas ou resultados ocultos. O naipe do ás em cada posição determina o significado do reino astral na leitura. Veja a tabela 21 à página 416.

A leitura tem início com o ás indicado pela pergunta feita (por exemplo, se

diz respeito à vida, iniciamos com o ascendente; se está relacionada com negócios, iniciamos com o meio-do-céu, e assim por diante). Utilize a tabela 21 para compreender a variada simbologia relacionada aos ases.

Os arcanos maiores são então baralhados e dispostos com as figuras viradas para baixo no círculo exterior, de acordo com a ilustração da seqüência. As dez primeiras cartas são colocadas nas posições dos tronos I a X, e as restantes são distribuídas, em sentido contrário, dos tronos X a I. As duas cartas restantes são colocadas à direita do esquema e servem de esclarecimento final caso a leitura pareça ambígua. Ao interpretar a seqüência, as quatro cartas na posição dos tronos do MC e do IC são de igual importância; na posição dos tronos ASC e DSC, as duas cartas do centro (I ou VI) indicam os fatores mais importantes; as quatro outras (II e X ou V e VII) mostram as influências modificadoras.

O ás associado à pergunta feita é localizado (tabela 22) e desvirado, seguido pelas cartas do trono daquele ás/chave astral. Estas indicam a razão da condição descrita pela chave astral. O ás oposto (o próximo a ser virado) retrata a qualidade dessa oposição, e as cartas de seu trono a explicam. A chave que segue o ás (no sentido horário) que representa a pergunta é lida em seguida; essa chave, seu ás e seus tronos mostram o progresso esperado. O final do problema é descrito pelo ás que opõe o progresso, que — junto com as cartas de seu trono — dá o significado da conclusão da leitura.

TABELA 21. ASES E POSIÇÕES-CHAVE.

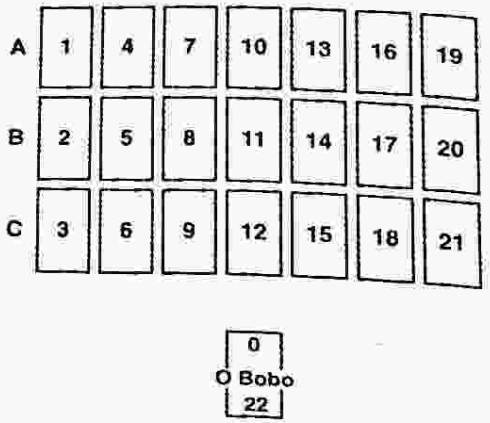
Ases	Ascendente (vida)	Meio-do-céu (negócios)	Descendente (amor e guerra)	Nadir (coisas ocultas/ resultado)
Taças	Amor, prazer, pode exaurir a vitalidade	Busca hedonista, influências negativas	Alegria felicidade	Resultados satisfatórios
Moedas	Força, vigor, vitalidade	Esforço, influências favoráveis	Profusão de força	Dificuldades, até mesmo possível fracasso
Gládios	Doença, influências desfavoráveis	Fracasso	Disputa	Resultado favorável
Bastões	Intuição, originalidade influências favoráveis	Força	Dificuldades com status e posição	Lutas

TABELA 22. A SEQÜÊNCIA DA LEITURA.

Assunto	Pergunta	Oposição	Progresso	Final
corpo, interesse pessoal, personalidade	ASC	DSC	MC	IC
amor, casamento, parceria, inimigos	DSC	ASC	IC	MC
negócios, profissão, reputação	MC	IC	DSC	ASC
problemas psíquicos, segredos ocultos	IC	IMC	ASC	DSC

Seqüências de Não-Adivinhação

Nenhum livro de tarô pode abranger todas as possibilidades dos significados das cartas. O que o tarô pode revelar é limitado apenas pela capacidade de *insight* da pessoa que o utiliza. Em astrologia, conhecer os planetas, os signos e as casas é apenas o início. Para se tornar um bom leitor de tarô, o indivíduo deve ir além das cartas individuais e descobrir as muitas mudanças que elas podem sofrer à medida que interagem uma com a outra. As cartas vão começar a 'falar', e qualquer interpretação que se faça delas irá além do significado usual e aceito. As seqüências de não-adivinhação ajudam a revelar os significados mais profundos e as conexões das cartas. Iniciando na página 424, uma breve compilação dos significados mais freqüentemente encontrados é fornecida, utilizada para propósitos de adivinhação de cada uma das 22 cartas.



Golowin (pp. 224-226 do original) propôs uma forma do Método Cigano de 21 Cartas para que nosso entendimento das cartas se expandisse. No entanto, em vez de baralhar e selecionar as cartas ao acaso, ele começa à esquerda, no alto, com o Mago (I) e coloca a Grande Sacerdotisa (II), seguida pela Imperatriz (III), abaixo. O Imperador (IV) encabeça a próxima coluna de três, e a seqüência prossegue até o fim com o Mundo (XXI) abaixo, à direita. O Bobo (0) é então colocado no centro, abaixo. Para Golowin, as três fileiras, lidas da direita para a esquerda, representam os três caminhos para a consciência superior. Veja a tabela 23 à página 419.

TABELA 23. TRÊS CAMINHOS PARA A CONSCIÊNCIA SUPERIOR.

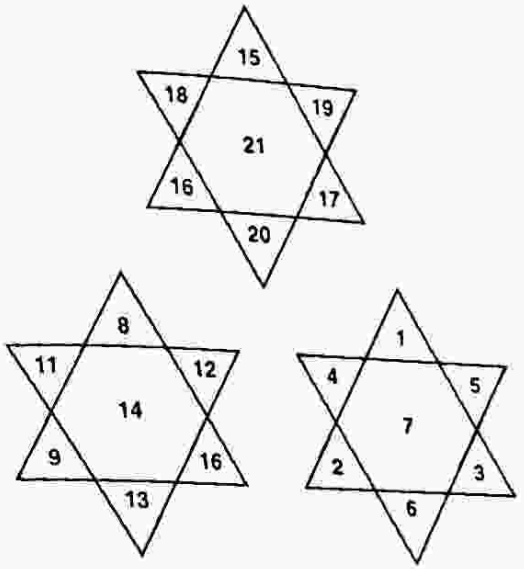
O Caminho do Mago	XIX:	A luz da realização;
	XVI:	Destruição;
	XIII:	Morte;
	X:	Fortuna;
	VII:	Ação consciente;
	IV:	Capacidade de reger o mundo do próprio indivíduo;
	I:	O objetivo é representado pelo Mago não mais mais atordoado pelas confusões do jogo da vida.
O Caminho da Grande Sacerdotisa	XX:	Criação divina;
	XVII:	Fonte divina de energia cósmica;
	XIV:	Capacidade de manter as energias naturais em equilíbrio;
	XI:	Força que resulta do domínio; e
	VIII:	Discernimento a serviço das
	V:	Energias cósmicas;
	II:	O objetivo final é representado pela Grande Sacerdotisa e o modelo que ela estabelece.
O Caminho da Imperatriz	XXI:	O Mundo, conduzindo a um encontro com
	XVIII:	As forças da noite; e
	XV:	As forças da escuridão;
	XII:	Testes rigorosos terão lugar, resultando em
	IX:	Sabedoria;
	VI:	Finalmente o indivíduo está apto para aceitar a si mesmo mesmo e ao mundo, com cuidado e compaixão.
	III:	Trata-se de um caminho de experiência aumentada.

As Rodas da Formação

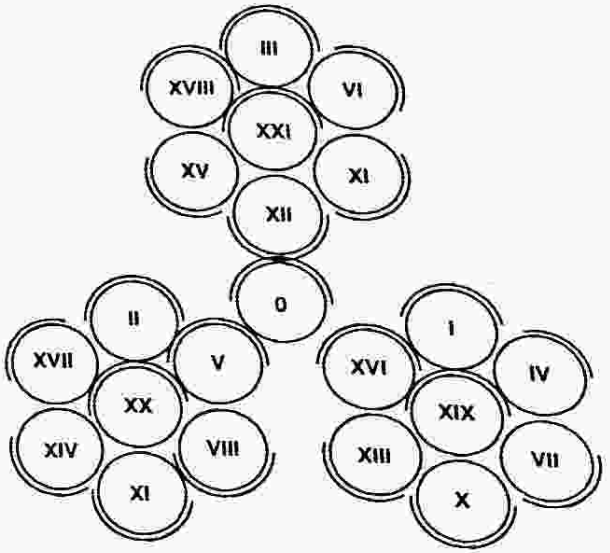
Esta seqüência utiliza o poderoso símbolo da lemniscata, um símbolo do mundo místico de duas serpentes que mordem a cauda uma da outra, o símbolo do infinito, o número oito traçado no chão durante as danças rituais sagradas: o círculo seguindo o sentido horário seguido pelo anti-horário. O esquema nos apresenta esses mesmos círculos unidos. O sentido horário — o Apolíneo, o mundo dos aspectos exteriores, seguido pelo anti-horário — o lunar, o mundo dos significados interiores.

A lemniscata aparece duas vezes nos arcanos maiores: primeiro como a borda do chapéu do Mago (I), uma figura que conduz ao primeiro grupo de dez cartas, às do círculo solar. A segunda aparição é na borda do chapéu da Força (XI), que conduz ao segundo grupo de dez cartas, às do círculo lunar (Walker, pp. 35ss. do original).

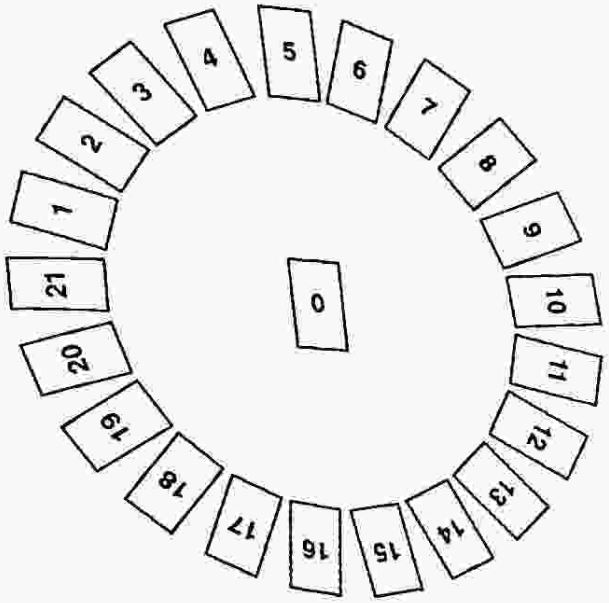
Quando os trunfos são dispostos no formato do sinal do infinito, cada carta no primeiro círculo corresponde a uma carta no segundo; os números das cartas 'acasaladas' somam 20, o número dos dedos dos pés e das mãos considerados sagrados tanto na numerologia indo-européia quanto na maia. A única exceção a esse total são as duas cartas na junção dos círculos: A Roda da Fortuna (X), indicando o ponto central da vida quando a atenção se volta para dentro, e a carta final, o Mundo (XXI), que assinala um novo começo. Este esquema revela as correlações ocultas existentes entre as cartas V e XV, entre a II e a XVIII, e entre as cartas VII e XIII. Essas correlações ocultas foram perigosamente heréticas no século XIV (por exemplo, a correlação o Papa, carta V, e o Diabo, carta XV). No entanto, hoje elas se mostram muito úteis ao revelar o aspecto sombrio existente por trás das cartas mais 'positivas' (por exemplo, a Morte, carta XIII, se escondendo na sombra do Condutor, na carta VII).



Em vez de adivinhação, esta seqüência fornece um senso do significado e da inter-relação das cartas. Esses três hexagramas em forma de estrela, considerados algumas vezes como o criador, o destruidor e o salvador (ou o hindu 'que traz alegria'), são comumente dispostos da seguinte forma: o primeiro hexagrama à esquerda, o segundo à direita e o terceiro no meio. A essência dos três aspectos é representada pela sétima carta (no centro). Nos triângulos apontando para baixo de cada hexagrama, a carta à direita representa o espírito; a da esquerda, o mundo material ou visível, e a carta na ponta inferior, a síntese das duas, contendo ambos os aspectos em equilíbrio. Nos triângulos apontando para cima, a carta à direita representa a postura passiva e introvertida; a carta à esquerda, a postura ativa, extrovertida; a carta central é, mais uma vez, a síntese das duas. O primeiro hexagrama pode ser visto como os elementos macrocósmicos; o segundo, como os elementos microcósmicos e pessoais interagindo em nossas vidas. O terceiro hexagrama simboliza o caminho para a integração e a totalidade (ver Golowin, pp. 226ss. do original e Wirth 1990, pp. 41-42 do original).



Esta seqüência, similar à Seqüência dos Três Hexagramas, pode ser utilizada para que se compreenda os temas de ação, reação e integração subjacentes aos arcanos maiores (Greer, 1984, p. 112 do original). Três rodas de cartas são criadas colocando-se o Mago às 12 horas na primeira roda (à direita), a Grande Sacerdotisa às 12 horas na segunda roda (à esquerda) e a Imperatriz às 12 horas na terceira roda (acima). O restante dos trunfos são arranjados no sentido horário, conforme indicado na ilustração; as três últimas cartas são colocadas no ponto central de cada roda, enquanto o Bobo fornece o suporte da seqüência completa. Em cada roda as cartas justapostas se reduzem para o mesmo dígito (por exemplo, na roda um 4 + 7 = 11 = 2; 16 + 13 = 29 = 11 = 2) e a carta final se reduz ao número da primeira (por exemplo, na primeira roda 1 + 9 = 10 = 1), revelando dessa forma seu estado de conexão.



Este esquema também revela a energia rítmica entre as cartas, que estão dispostas num círculo ao redor do Bobo. Esta imagem pode ser imaginada como uma dança dos trunfos com o Bobo no seu centro, e pode-se especular a respeito da interação dinâmica entre ele e cada carta individual dos arcanos maiores.

Significados Adivinhatórios

Carta I (O Mago)

No nível espiritual, o Mago pode ser interpretado como a totalidade da personalidade, como a busca disciplinada do conhecimento, como a capacidade e a força de lidar com os acontecimentos, utilizar e modificar o mundo. Ele significa o pensamento que se torna ação, a escolha de meios apropriados, dedicação, vontade ativa, sacrifício, magia, ritual.[1]

No nível tangível, esta carta indica reflexão antes do início de um projeto, autoconhecimento, auto-reflexão, autoconsciência, iniciativa, a tomada de riscos calculados; a capacidade de discernir e julgar, de se nortear em direção a um objetivo; a capacidade de se defender, de compreender as peculiaridades de um problema, a facilidade de unir as coisas; vitalidade, diplomacia, eloqüência, reação automática de pensamento, falta de preconceito, fantasia, utilidade, integração corpo/mente. O Mago representa o indivíduo que faz a consulta, pede conselho.

A carta I adverte contra a vaidade e o orgulho, a desonestidade e a mentira, charlatães e vigaristas, exploração e falta de escrúpulos; previne também contra lutas sociais, buscas inúteis, usurpação, agitação e provocação; contra a desatenção até mesmo em relação às pequenas coisas, dispersão de força, fiscalização negligente de estabelecimentos, empreendimentos malsucedidos, neurastenia, obsessão, isolamento nos devaneios, conflitos que podem gerar violência, o perigo de permanecer enredado no nível concreto ou de ser seduzido pela vaidade, deixando de lado a realidade.

1.As cartas utilizadas aqui pertencem ao baralho do *Tarô Rhenan.*

Carta II (A Grande Sacerdotisa)

A Grande Sacerdotisa representa a intuição, a inspiração, a unidade do poder, o mar da origem, o movimento retrógrado. Ela é sabedoria divina, força, fé, conhecimento religioso e filosófico, pensamento indutivo, disposição para o sacrifício. Ela retrata a confiança em Deus, a providência; auxilia na compreensão do que está oculto, na interpretação dos presságios; é aquela que vê e que transmite o ritual. É silêncio, serenidade interior, tranqüilidade, recolhimento. Ela simboliza a personalidade humana como receptáculo do divino. A alegria e a tristeza de cada nascimento criativo pertencem a ela, assim como o deixar ir, e a vitória sobre o destino. Seu domínio engloba experimentar o fruto da interioridade como pureza da natureza primordial, a unidade da luz consciente e da essência inconsciente, e o influxo das forças da verdade sob a forma de idéias.

No nível espiritual, esta carta procede à mediação entre uma nova compreensão, mas não resolve nenhum problema. Pode facilitar referências úteis do inconsciente para a resolução de problemas no domínio da natureza.

No nível tangível, indica reserva, perseverança, paciência, compaixão, fama, vitória sobre o mal e tenacidade. Representa as reservas do inconsciente coletivo, memória, meditação, reconhecimento do oculto.

A carta II adverte contra a ociosidade, o devaneio, o pensar desejoso, a distorção, a decepção, as intenções ocultas, o dano devido à falta de conhecimento ou à reflexão insuficiente. Ela adverte contra ressentimentos e vinganças, fantasias e planos imaginários, auto-sofrimento e extravagância, indiscrição, fanatismo e intolerância. Adverte também contra o dogmatismo que limita e contra os perigos que um estudo sob coação acarreta; contra o fatalismo, as intuições errôneas, contra a imobilização, contra realizações dolorosas, escrupulosidade mórbida, perda do entusiasmo pela vida, desespero, suicídio e frieza de coração.

As cartas I e II representam o par divino, o escolhido, a encarnação da centelha a partir da energia eterna, o nascimento do novo indivíduo, o ser e o viver, a luz e a força, o amor e a vontade, o pai e a mãe, a luz quente e a fria.

Carta III (A Imperatriz)

No nível espiritual, a Imperatriz representa o amor, a fertilidade, a imaginação criativa, a influência da forma nas idéias, a ponte existente entre a intuição e o pensamento lógico, a ligação entre o poder e o conhecimento e o domínio dos desejos, com ou sem forma.

No nível tangível, esta carta denota o amor pelo concreto, receptividade, cultura, conhecimento por meio de estudo, perseverança, a disposição para o exercício. A Imperatriz representa as observações, a precisão, circunspeção, suavidade, bondade, sociabilidade, riqueza, generosidade, avaliação pertinente de possibilidades práticas, utilização adequada de materiais, equilíbrio psíquico, situações mudando para melhor, fertilidade. Para as mulheres, ela significa tudo o que diz respeito ao casamento, as alegrias e as tristezas de dar à luz. Para os homens, ela significa tudo o que diz respeito à expansão, a viagens. Para ambos a Imperatriz faz referência ao apoio dos amigos e da família.

A carta III adverte contra a ostentação, o desperdício, a pompa, a frivolidade, a sedução; contra a falsa avaliação de uma situação e a má utilização do tempo; contra a ambivalência quanto ao estabelecimento do objetivo e a hesitação insensata quanto às decisões; contra a velha teimosia inerente a uma opinião pessoal ou que contrapõe decisões já tomadas. Ela adverte também contra a não-consideração dos perigos, a temeridade, a ausência de julgamento, a superficialidade e a precipitação, a discussão em todos os níveis ao mesmo tempo, a confusão, o adiamento de um acontecimento inevitável. Adverte contra as catástrofes da natureza.

As cartas I, II e III representam a unidade do ser que se pode revelar na multiplicidade da existência; da mesma forma que nos sonhos o sonhador é ao mesmo tempo ele próprio e todas as outras personagens do sonho, a multiplicidade pode se manifestar como uma possibilidade sem desintegrar a unidade básica da essência da existência.

Carta IV (O Imperador)

No nível espiritual, o Imperador representa o mundo objetivo, lei, providência, expansibilidade, clemência, generosidade, amor pelo semelhante, disposição para servir, indulgência, boa memória, o mundo das idéias (a amplidão e a profundidade do que foi julgado), força estabilizadora, estagnação, rigidez, a força masculina da mulher, o *yang* feminino.

No nível tangível, esta carta denota autoridade, energia, poder, justiça, perseverança, rigor, firmeza, conseqüência, precisão, definição pertinente como base da certeza, possibilidades que facilitam a execução de um projeto, circunstâncias favoráveis, trabalho pertinente, paz, união, harmonia de sentimentos, bondade, piedade, assinatura de contratos, fusão de empreendimentos comerciais, corporações, boa saúde, um protetor influente.

A carta IV adverte contra arbitrariedade, injustiça, despotismo, brutalidade, adulação, espoliação de herança; contra a falta de autocontrole e o deixar-se abater, falta de discernimento, impossibilidade de antever, adversários tenazes, demora em resolver e executar. Adverte contra resultados e perdas desfavoráveis e inesperados; contra o oportunismo político e os oficiais corruptos; contra tempestades, inundações, naufrágios e catástrofes naturais; contra a devastação do mundo pela exploração, dureza do coração, determinação compulsiva de agarrar-se à efêmera juventude; contra o debate polêmico em detrimento do realismo político; contra a guerra.

Carta V (O Grande Sacerdote)

No nível espiritual, o Grande Sacerdote (ou Papa) representa a luta pela redenção; sublimação, fé sensata, submissão à vontade de Deus, *credo ut intelligam* (acreditar é compreender). Mostra certeza interior, transmissão oral, sabedoria religiosa e filosófica. É a esfera de atuação da inteligência, a oposição dos contrários, a organização e a troca de forças espirituais. Retrata a estrutura material dos rituais, conservação, fortalecimento, constrangimento. Designa o pentágono como símbolo de materialização, fundação. É o poder da legitimidade. No nível tangível, esta carta indica instrução religiosa e recomendação prática adequada, piedade sincera, meditação, prece, veneração, bondade. Demonstra respeito pelo decoro e pelas formas aceitas.

A carta V adverte contra a impaciência prática e teórica, comportamento dogmático ou falta de orientação, dissimulação e empolação; contra a recomendação imaginária, o caráter vingativo e a utilização de capacidades adquiridas para prejudicar outros. Adverte contra a inatividade, a indolência no cumprimento de tarefas e a ociosidade. Avisa quanto aos aspectos repressivos da ortodoxia rígida e da magia negra.

Carta VI [O(s) Amante(s)]

No nível espiritual, o(s) Amante(s) indica a luta travada interiormente entre a vontade superior, a sabedoria, a estabilidade e a paixão. A coragem de libertar-se dos modelos herdados e dos laços sentimentais preexistentes cria a possibilidade de uma nova vida. O(s) Amante(s) também tem a conotação de amor pela beleza, exploração do domínio do sentimento em toda a sua profundidade, idealismo.

No nível tangível, esta carta indica atração, inclinação, amor espiritual e sensual, livre-arbítrio, escolha, sinceridade, responsabilidade, afeição por outro ser, casamento, relações sexuais, o fogo da paixão e a água da espiritualidade, formas graciosas e amizades eróticas.

A carta V adverte contra desejos degradantes, fraqueza, satisfação excessiva dos próprios desejos, contra a sedução fácil pela fascinação, substituição de uma dependência por outra, vícios que prendem e sufocam. Adverte contra dúvidas, instabilidades, hesitação e dispersão, mas também contra a precipitação e as decisões impensadas. Adverte contra a agressão, o constrangimento e a imposição veemente da própria vontade; contra o conflito conjugal, perplexidade, embaraço, divórcio; contra a frigidez, a impotência e a doença venérea; contra a degeneração da saúde devida ao excesso ou à negligência.

Carta VII (O Carro)

No nível espiritual, o Carro indica que o mundano deve ser dominado por meio da reconciliação e da transcendência dos opostos a fim de atingir níveis superiores de desenvolvimento; também denota energia espiritual; enigma e revelação; o caminho da incerteza; desejo, vontade, realização, dúvida, confusão, ilusão, vitória espiritual.

No nível tangível, esta carta indica equilíbrio entre pensamento e sentimento, a capacidade de moldar e formar, receptividade à arte e à filosofia, criação de uma harmonia interior e exterior de formas de vida, confiabilidade, determinação, tolerância emocional, diplomacia, polidez, proceder à conciliação na medida em que as circunstâncias a justifiquem. Denota também sucesso devido ao planejamento prudente, assim como velocidade e precisão de execução e organização; o atingir uma posição de comando mas também um nível espiritual mais elevado; maturidade espiritual que capacita o indivíduo a adquirir uma postura individual, independente do coletivo; significa ganho monetário através do comércio e do planejamento; notícias surpreendentes, ocorrências inesperadas; capacidade verbal, de persuadir; significa gastar ou ganhar, comprar ou vender, conquista.

A carta VII adverte contra a falta de planejamento de vida, de estabilidade ou de propósito, de ousadia; contra a falta de firmeza da vontade sob dificuldades crescentes, contra negligência, desatenção na execução; contra a falta de talento, incapacidade de reagir ao inesperado, propaganda, calúnia. Contra a firme permanência no 'comum', contra a falta de flexibilidade em circunstâncias inesperadas; contra intolerância, incompetência, brigas, ressentimentos e rancores, comportamento inábil, arrogância e orgulho. A carta VII revela acidentes, brigas, inimigos, destruição e rebelião.

Carta VIII (Justiça)

No nível espiritual, a Justiça representa a ordem e harmonia das coisas, a ligação existente entre causa e efeito, legitimidade dos resultados, harmonia original, equilíbrio. A sentença é pronunciada de forma imparcial; a decisão pode dar margem a novas metas.

No nível tangível, esta carta denota a compreensão da importância da experiência individual, justiça pessoal, autoridade, sentença imparcial, legalidade, método, inexorabilidade dos resultados, integridade, incorruptibilidade. Indica discernimento preciso dos meios adequados a serem utilizados, firmeza de julgamento, capacidade de tomar decisão, idéias úteis, moderação no julgamento, memória, lógica, método, observação, precisão, cautela. Significa atração e repulsão, recompensa e punição. Indica o juiz, o curador, o diretor executivo, o advogado habilidoso que faz a observação apropriada no momento exato, opinião moderada, medo da iniciativa pessoal, observação das comodidades indispensáveis à vida diária e às interações sociais, economia.

A carta VIII adverte contra o fracasso no cumprimento de compromissos, superestima da influência pessoal, ignorância, informação incompleta, avaliação unilateral de uma situação, preconceito ou identificação, injustiça, indecisão, inconstância. Contra o convencionalismo e a fé cega na autoridade ou no discurso repetitivo; contra o excesso; contra a chicana, os argumentos, o litígio; contra honorários ou impostos injustos, limitação da liberdade de movimento, hospitais, hipocondria, prisão; contra ir além dos limites do comportamento admissível.

Carta IX (O Eremita)

No nível espiritual, o Eremita representa a justiça imanente; o germe que contém a insinuação do desenvolvimento futuro; o mestre espiritual que direciona os esforços visando um objetivo superior; a meditação na tranqüilidade e no isolamento; o velho sábio, aquele que procura, o introvertido; o distanciamento dos acontecimentos cotidianos; tentativas de ouvir no silêncio as oscilações de energia, consciência da responsabilidade.

No nível tangível, esta carta denota autoreflexão, auto-esclarecimento, autoconfiança, autodisciplina, autodeterminação; coragem, solidão, meditação, silêncio; *insights* quanto à solução de um problema; descoberta de um segredo; tradição; conhecimento secreto, estudo, sabedoria, prudência, circunspeção, experiência, confiança no destino; esperança, dor e alegria compartilhadas; discrição, reserva, pureza, renúncia, aconselhamento de filhos ou alunos. Ele é médico, psicanalista, obstetra.

A carta IX adverte contra misantropia, taciturnidade, exagero, isolamento, autocontemplação, fatalismo, o renunciar a si mesmo. Adverte contra a fuga para o imaginário, mau humor; contra a morte, perda de todos os tipos, intriga secreta, fraude, difamação, cobiça, preguiça. Contra o litígio, contra o comportamento impróprio e contra a avaliação inadequada de uma situação e do esforço necessário para a remediar.

Carta X (A Roda da Fortuna)

No nível espiritual, a Roda da Fortuna representa o retorno eterno, imparcialidade, vitória sobre os altos e baixos da existência por meio da serenidade. A consciência da plenitude e do vazio permite a utilização judiciosa das próprias forças. Indica semente e raiz, germe e fertilização. Evoca o enigma das imagens interiores e metáforas, mudança externa ou interna, novos *insights* devido à percepção espontânea. Lembra o instante decisivo, destino, boa e má sorte.

No nível tangível, esta carta denota prudência, determinação, necessidade. Mostra que o trabalho correto pode ser feito graças ao conhecimento, força de vontade, coragem, discrição, receptividade a novas abordagens, acompanhamento das inovações e das mudanças, previdência prevalecendo sobre o materialismo e o egoísmo. Indica que a qualidade efêmera da vida pode ser dominada através da equanimidade, da sorte relativa, quer seja merecida ou não. Sugere a presença do Espírito, a sagacidade que capacita o indivíduo a aproveitar a oportunidade no momento certo e a tirar proveito da chance concedida. Simboliza confiança, talento para invenção e avaliação, dons práticos e mecânicos, vantagens provenientes de descobertas, pesquisa levando em consideração tempo e lugar, concentração, a capacidade de encontrar forças auxiliares, consistência, decisões justas. Pode expressar ativação de sentimentos e fascínio.

A carta X adverte contra a superestima do intelecto ou do ganho, ignorância da necessidade existencial; contra o ego inflado, orgulho, presunção, jactância ou desânimo covarde; contra a inconsistência do destino, da situação; contra a negligência, preparo insuficiente para a tarefa em mãos, responsabilidades para as quais não se está à altura; contra empreendimentos inadequados, brincar com problemas sérios, planos baseados em eventualidades ou especulação, falta de decisão e precaução; contra aventuras e mudanças que despendem tempo. Adverte em geral contra tudo o que pode, de forma adversa, influenciar as relações sociais e conjugais, a receptividade do espírito e a capacidade de viver a vida por completo. Contra complicações fatais e bens hereditários, especialmente o ônus da herança maternal procedendo à criação de uma dependência compulsiva da mãe nos anos posteriores.

Carta XI (Força)

No nível espiritual, a Força representa energia reluzente, vitória dos impulsos espirituais por meio do reconhecimento e da disciplina. Indica força de propósito e prudência; quando a natureza desses poderes não é reconhecida e admitida, eles agem e se desenvolvem de forma autônoma. O conhecimento confere poder sem violência autoridade natural. Significa harmonia com a natureza e com todos os animais, energia sexual.

No nível tangível, esta carta simboliza vitalidade, conhecimento do poder. Enfatiza a importância dos impulsos psíquicos e instintivos descoberta através do trabalho analítico, aceitação ou dominação do valor moral, força, tranqüilidade, intrepidez, tolerância e virtude. Retrata um ser humano energético que pode dominar as dificuldades interiores e exteriores. Mostra a vitória da inteligência sobre a brutalidade e as forças naturais ocultas, uma forma de se relacionar não apenas com um parceiro, mas também com si próprio. Indica a integração de tendências antagônicas num todo. Sugere que uma mulher deve defender sua individualidade sem negar os direitos do parceiro; mostra uma mulher incumbida de tarefas organizacionais não apenas como esposa e mãe, mas também como uma companheira capacitada, à altura. Pode indicar sucesso científico e industrial através da aplicação e do respeito às leis universais.

A carta XI adverte contra ira, fúria, ódio, impaciência, hesitação; contra a reflexão e a superestima da própria força, orgulho, revolta insípida contra o destino. Adverte contra o não-aproveitamento da oportunidade, do momento certo; contra brutalidade, grosseria, aspereza, crueldade; contra mesquinhez, brigas; contra repressão da sexualidade ou liberdade não-contida, sedução; contra perversões. Adverte contra cirurgia, fogo, injustiça e abuso de poder. Sugere que a força aplicada de maneira imprópria é destrutiva.

Carta XII (O Enforcado)

No nível espiritual, o Enforcado representa a transformação do mal, libertação por meio do sacrifício. Os poderes espirituais podem ser influenciados através da meditação das exigências materiais sacrificadas; no entanto, nunca devemos sacrificar as necessidades do corpo porque isso significaria repressão. O Enforcado representa livrar-se do egoísmo instintivo; reconhecimento espiritual; disposição para levar em consideração o ponto de vista oposto e para permitir que as soluções se dêem tranqüilamente; representa deixar de lado as distrações e o sucesso, os hábitos e as atitudes, a segurança e as lembranças mundanos.

No nível tangível, esta carta indica mudança, provação, abnegação, renúncia, devoção, sacrifício, dedicação à tarefa sem permitir que ela nos domine, disciplina, domínio da situação através do poder pessoal. Retrata o visionário que existe dentro de nós. Representa a cura através da concentração, a força através da lembrança. Reconhecer que a doença tem um significado ajuda o indivíduo a tolerá-la. Representa o conhecimento dos métodos de cura e a disposição para adotá-los.

A carta XII adverte contra a entrega ao êxtase ou ao entorpecimento, contra sonhos imaginários, planos e desejos utópicos, ilusões, falsos entusiasmos, amor infeliz, contra a superestima das próprias capacidades; contra a indecisão, contra o permanecer estagnado numa suposição ou contra dar-se por satisfeito apenas com boas intenções; contra deixar o tempo passar sem que nada seja feito, resignação prematura, ou entusiasmo insensato pelo desconhecido; contra projetos duvidosos que só podem ser realizados com auxílio exterior; contra traições e humilhações; contra desespero, promessas não-cumpridas, exploração dos outros e por parte dos outros; contra a perda do equilíbrio emocional; contra perdas materiais, posição ameaçada, insegurança monetária, problemas sociais, golpes fatais do destino.

Carta XIII (Morte)

No nível espiritual, a Morte significa evolução infinita, transformação, renascimento. Mostra movimento incessante que opõe qualquer inatividade. Significa o Espírito Santo dos gnósticos, o Confortador. Indica altruísmo, autoreflexão, provação, separação.

No nível tangível, esta carta significa destino, golpe do destino, um fracasso pelo qual não somos responsáveis. Significa sacrifício, ponto crítico, desilusão, perda da afeição ou da esperança, renúncia. Indica livrar-se através do reconhecimento de uma necessidade inevitável, o domínio de uma situação através do poder pessoal ou habilidade. Denota entendimento amplo, generosidade, espírito sacrificial, desprendimento, o livrar-se do sofrimento. A Morte mostra clareza de julgamento, a capacidade de renovar um ambiente degenerado. Significa um novo campo de trabalho, iniciação, domínio, hereditariedade.

A carta XIII adverte contra melancolia, ociosidade, mágoa, senilidade, alteração, dissolução, separação, comiseração de si mesmo, o incompreensível. Contra corrupção, doença imobilizadora, hospital, prisão ou morte; adverte contra morte ou suicídio.

Carta XIV (Temperança)

No nível espiritual, a Temperança indica vida abrangente que se revolve em formas múltiplas, cura milagrosa através do 'reendereçamento' das forças vitais, transformação, novos caminhos e desenvolvimentos, tradução de imagens em idéias, intuição e disciplina.

No nível tangível, esta carta indica moderação, frugalidade, abstinência, equanimidade, parcimônia, animação, transcendência do sofrimento humano, adaptação, flexibilidade, saúde, condições favoráveis para uma vida longa, lazer, hospitalidade, a capacidade de cooperação.

A carta XIV adverte contra prodigalidade, indiferença, negligência das tarefas cotidianas, falta de confiança, frivolidade, preguiça, passividade, contra escolher o caminho mais fácil e deixar as coisas seguirem, viver apenas para si mesmo, exigir muito de si mesmo, exigências desproporcionais.

Carta XV (O Diabo)

No nível espiritual, o Diabo mostra a realidade substancial do mal, a influência do instinto, formas cósmicas como um receptáculo tanto da limitação quanto da expansão do sopro de vida. Retrata a rotina diária, o círculo diabólico dos padrões inconscientes que causam o próprio fracasso.

No nível tangível, esta carta tem a conotação de vulnerabilidade à eloqüência demagoga, sugestibilidade, esforços duvidosos, suposições falsas, informação errônea, injustiça, intriga, revolução, governos depostos. Também representa a capacidade de utilizar os instintos mais baixos visando o bem.

A carta XV adverte contra doença, insanidade, histeria; contra a ação precipitada ou mal-orientada; contra pânico, cobiça, perversões, paixão, desordem, intemperança em qualquer forma; contra desejo de vingança, ações que impedem o entendimento, perfídia, impulsos horríveis ou caóticos, emoção descontrolada, falta de conhecimento de si mesmo; contra conceitos morais adotados cegamente, parcialidade, ingenuidade. Adverte contra instintos e obsessões compulsivos; contra a falsa pretensão espiritual, desespero, assassinato, caça às bruxas, epidemias, poluição ambiental, culpa coletiva; contra sucesso temporário, instabilidade nervosa, problemas de saúde, repressão em vez de integração dos conteúdos psíquicos incompatíveis. Esta carta anula ou enfraquece o significado das outras. Sua posição invertida tem um significado mais positivo do que quando aparece virada para cima.

Carta XVI (A Torre da Destruição)

No nível espiritual, a Torre da Destruição mostra que não devemos arriscar projetos que vão além das nossas forças, mas indica também que não devemos nos desencorajar com os fracassos e adversidades. Devemos prestar atenção nos planos que não podem ser realizados; eles podem acarretar conseqüências não avaliadas. Trata-se do dedo de Deus erguido em aviso, que deve ser recebido humildemente, para que não nos destrua.

No nível tangível, esta carta significa orgulho presunçoso, esperanças perdidas, resultados negativos, perda de mercadorias obtidas de maneira ilícita. Significa renovação através da destruição, dissolução de estruturas consolidadas, de poderes patriarcais tornados obsoletos.

A carta XVI adverte contra grandiosidade, falsa ambição, falta de fé, intolerância, doença, acidente, dificuldades inesperadas, desgaste excessivo do corpo, estresse. Adverte contra teorização, confusão, doença mental; contra o acúmulo desnecessário de mercadorias, busca de sucesso, decadência; contra o desasseio do corpo e do espírito, avidez e exploração; contra presunção; contra a manipulação inaceitável dos processos orgânicos; contra a revolta como uma conseqüência das condições de vida difíceis; contra o sectarismo e a intolerância religiosa. Adverte contra a opressão dos filhos sufocados pelas ambições dos pais, que os deixa alienados, mimando-os ou negligenciando-os. Adverte contra ansiedade, autopiedade, revolta contra o destino; contra punição, prisão, aprisionamento, autoridade superior.

Carta XVII [A(s) Estrela(s)]

No nível espiritual, a Estrela representa imortalidade, destino, predeterminação, renascimento, beleza, ideais estéticos, poesia, diferenciação entre aparência enganosa e ser verdadeiro, energia criativa, radiação tranqüila da criatura, dom em vez de sacrifício, esperanças, sonhos realizados, inspiração, eloqüência.

No nível tangível, esta carta significa dons artísticos, intuição, premonição, predição astrológica, encanto, entusiasmo pela vida que mantém o equilíbrio entre tensão e relaxamento ou entre dificuldades e prazeres, esperança de melhora, antecipação da mudança por vir, confiança, fé, fé no destino, sensibilidade, melhoramento, ternura, hedonismo, sonhos, natureza inteligente.

A carta XVII adverte contra destruição da harmonia existente, frivolidade, falta de modéstia, constrangimento, idéias românticas imaginárias, negligência das tarefas diárias, falta de percepção, avisos ignorados, falta de entendimento do significado dos símbolos. Adverte contra ignorância, falta de tranqüilidade interior, credulidade, instabilidade, negligência. Adverte contra curiosidade, desapontamento, resignação; contra a vida limitada pelo materialismo; contra promessas precipitadas; contra a leviandade e o pessimismo.

Carta XVIII (A Lua)

No nível espiritual, a Lua representa Maya, as ilusões das aparências, o nebuloso limiar existente entre o material e o espiritual; e também a incerteza da compreensão humana. Mostra que as forças negativas emocionais ou espirituais podem ser controladas através da intuição ou da reflexão.

No nível tangível, esta carta indica a capacidade de reconhecer emoções e de aprender a conciliá-las. Recomenda que os períodos de descanso devem ser aproveitados. Evoca testes que conduzem ao entendimento, exame de consciência, conversão, clarividência, imaginação, *insights*. Pode significar dor física, paixão, inquietação, viagens marítimas, desvios variados.

A carta XVIII adverte contra suposições, mau humor, caos, superstições, credulidade, falsas convicções, calúnia, preguiça de pensar. Adverte contra situações ambíguas e dependência material, bajulação calculada; contra armadilhas, enganos e traições; contra ameaças vãs, deturpação da verdade, perda de identidade, crueldade mental. Contra caprichos, utilização de artifícios femininos para adquirir poder, contra a fixação pela mãe. Adverte contra a negação ou tornar-se vítima das forças instintivas; contra formulações ambíguas, desespero, misantropia, vício em drogas, tecnologia mitificada.

Esta carta também pode indicar que se chegou ao ponto mais inferior, seja por nossa própria culpa ou não; um comportamento adequado, sugerido pelas cartas seguintes, irá provocar o retorno em direção ao superior.

Carta XIX (O Sol)

No nível espiritual, o Sol é a luz primordial que organiza o caos; significa iluminação, informação, o esclarecimento espiritual que dissipa a obscuridade da ignorância. A luz solar tem poder de cura, da mesma forma que o amor nos livra da ansiedade.

No nível tangível, esta carta simboliza arte, poesia, paz, coração generoso, amizade, fraternidade, harmonia. Conota o julgamento claro e perspicaz que prevê perigos ocultos, a prontidão para testar e aceitar novas idéias, para respeitar a individualidade do companheiro. Significa radiância pessoal, proteção, aceitação das exigências do momento, sucesso no campo de atividade escolhido, celebridade, mas também o artista não reconhecido cujos conceitos estão à frente do seu tempo. Significa sinceridade, domínio do corpo e das suas necessidades evolucionárias, coragem renovada recentemente, casamento, felicidade duradoura.

A carta XIX adverte contra arrogância intelectual, 'esterilidade' espiritual, discriminação, egocentrismo, contra a incapacidade de se relacionar ou contra tornar-se dependente do parceiro ao desistir de si mesmo, contra vaidade, pretensão, suscetibilidade, irritabilidade. Adverte contra o não-praticar e a negligência, deixar passar ou não ser capaz de reconhecer oportunidades favoráveis; contra conflito, golpes do destino, blefes e gastos desnecessários; contra falsas aparências, superestima de descobertas técnicas e do pensamento prático utilitário; contra a destruição da qualidade de vida e contra a destruição pelo fogo.

Carta XX (Julgamento)

No nível espiritual, o Julgamento significa avaliação final, iniciação, inspiração que conduz à iluminação; a tríade corpo-vida-ser torna-se consciente; espiritualização da matéria, familiaridade, coragem, presteza; julgamento honesto das próprias ações e omissões, conquista da morte; sublimação alquímica. A aura da criatura é ativada durante a meditação. As habilidades adquiridas são utilizadas alegremente.

No nível tangível, esta carta significa realização final, visão profética, o despertar dos sentidos superiores, predição do futuro, lembrança da vida passada; significa talento artístico reconhecido, entusiasmo, piedade, cura, libertação, surpresa, julgamento justo, reparação da injustiça sofrida; significa pregador.

A carta XX adverte contra a exaltação artificial, a loquacidade inútil e os projetos que servem apenas para o engrandecimento pessoal; contra a ilusão em relação a si mesmo e a falsa avaliação de valores; contra extravagância, abuso da própria força, superexcitação, drogas; contra falta de decisão e adiamentos.

Carta XXI (O Mundo)

No nível espiritual, o Mundo representa cumprimento, iniciação, totalidade, reintegração, êxtase, inteireza, perfeição do universo, domínio das forças intelectuais e psíquicas, assim como domínio do corpo. Significa compensação do ponto de vista consciente, livrar-se do desejo e da ansiedade, cumprimento da experiência e lembrança.

No nível tangível, esta carta significa conclusão, sucesso, o final feliz de um ciclo, condições ambientais favoráveis, perfeição e validade do conhecimento em geral, altruísmo, amor pela humanidade, inspiração, prontidão para o sacrifício, contemplação, êxtase, honestidade incorruptível, simplicidade, confiança, entusiasmo.

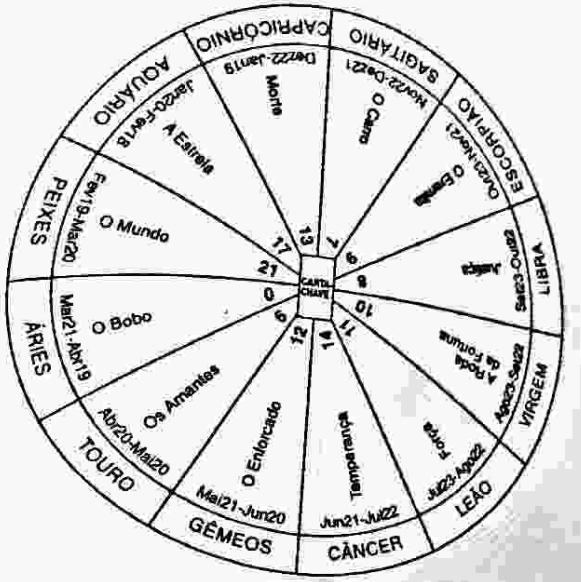
A carta XXI adverte contra o fracasso no planejamento ou na realização, contra a desconsideração das intuições ou premonições, falta de propósito, sentimento de dispersão, perda de fortuna, humilhação, autodepreciação e autodegradação, perda de posição social. Adverte contra obstáculos externos intransponíveis e inimigos importantes; contra extravagância, teimosia e cegueira.

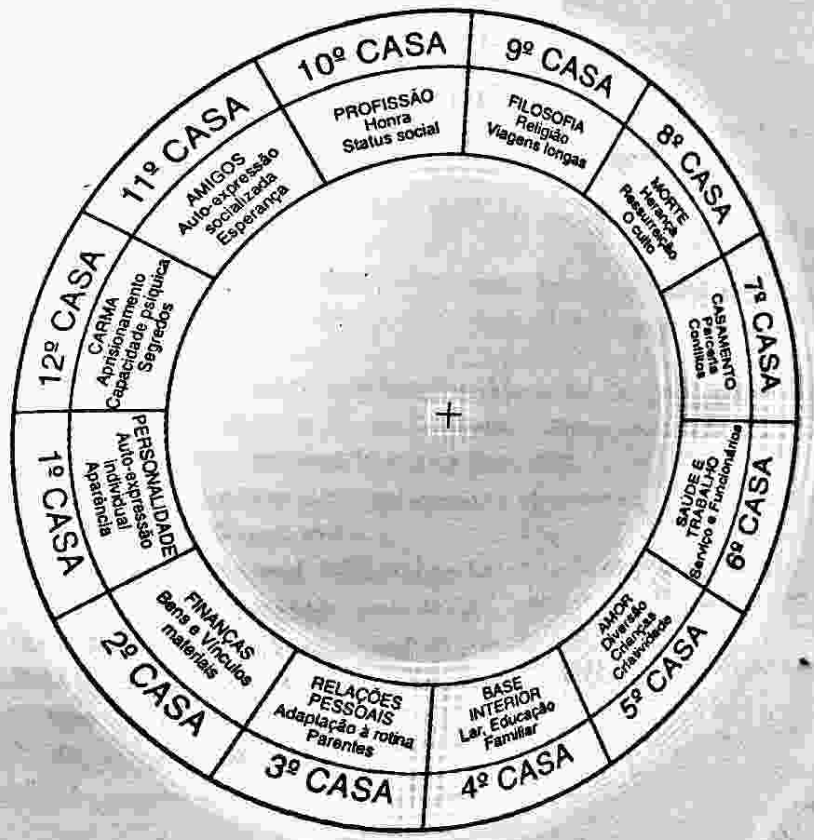
Carta O (O Bobo)

No nível espiritual, o Bobo significa o vazio eterno e abrangente, equanimidade, dissipação da delusão, desprendimento, amor incondicional, intuição em vez de conhecimento, responsabilidade sem poder, confiança.

No nível tangível, esta carta significa receptividade, abandono da resistência e da obstinação egocentrada, serenidade, disposição, inquietação silenciosa, inocência, qualidade mediúnica. Só aqueles cujo entendimento não se limita ao intelectual podem compreender a totalidade do significado desta carta.

A carta O adverte contra confundir objetivos com funções, coisas com fenômenos; contra loucura, alienação mental, mal-entendidos, perda de critério ao se submeter à vontade dos outros ou ocultar poderes, sendo facilmente dominado; contra falta de atenção, de sensibilidade, apatia, mau humor, ceder a idéias malucas, contra a incapacidade de ver e admitir os próprios erros; contra ser teimoso, opinioso e preconceituoso; recusar-se e ser incapaz de compreender. Esta carta adverte contra a autocensura desnecessária e sem controle, contra o vazio espiritual e o materialismo, tentações, aventuras, ser levado para o mau caminho, ataques agressivos; contra lamúrias psicossomáticas; contra a destruição e o autosacrifício injustificado.


CAPRICÓRNIO
Dez22-Jan19
Morte
AQUÁRIO
Jan20-Fev18
A Estrela
PEIXES
Fev19-Mar20
O Mundo
ÁRIES
Mar21-Abr19
O Bobo
TOURO
Abr20-Mai20
Os Amantes
GÊMEOS
Mai21-Jun20
O Enforcado
CÂNCER
Jun21-Jul22
Temperança
LEÃO
Jul23-Ago22
Força
VIRGEM
Ago23-Set22
A Roda da Fortuna
LIBRA
Set23-Out22
Justiça
ESCORPIÃO
Out23-Nov21
O Eremita
SAGITÁRIO
Nov22-Dez21
O Carro
CARTA CHAVE
0
21
17
13
7
9
8
10
11
1
12
6


10º CASA
PROFISSÃO
Honra
Status social
9º CASA
FILOSOFIA
Religião
Viagens longas
8º CASA
MORTE
Herança
Ressurreição
O oculto
7º CASA
CASAMENTO
Parcerias
Contratos
6º CASA
SAÚDE E TRABALHO
Serviço e Funcionários
5º CASA
AMOR
Diversão
Crianças
Criatividade
4º CASA
BASE
INTERIOR
Lar, Educação
Familiar
3º CASA
RELAÇÕES
PESSOAIS
Adaptação à rotina
Parentes
2º CASA
FINANÇAS
Bens e Vínculos
materiais
1º CASA
PERSONALIDADE
Auto-expressão
Individual
Aparência
12º CASA
CARMA
Aprisionamento
Capacidade psíquica
Segredos
11º CASA
AMIGOS
Auto-expressão
socializada
Esperança

Bibliografia

Anônimo. *The cloud of unknowing*. Editado por Evelyn Underhill do British Museum Ms. Harl. 674. Londres, John M. Watkins, 1912.

Anônimo. *Meditations on the tarot: a journey into christian hermeticism*. Amity, NY: Amity House, 1985.

ARROYO, Stephen. *Astrology, psychology, and the four elements*. Sebastopol, CA: CRCS, 1975.

———. *Astrology, karma, and transformation*. Sebastopol, CA: CRCS, 1978.

ASHCROFT-NOVICKI, Dolores. *The shining paths: an experimental journey through the Tree of Life*. Londres: Aquarian Press, 1983.

BELMONTE, Thomas. "*The trickster and the sacred clown*", *C.G. Jung and the humanities*, ed. Karin Barnaby e Pellegrino D'Acierno. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1990, pp. 45-66.

BERG, Philip. *Kabbalah for the laymen*, Vol. 1. Jamaica, NY: Research Centre for Kabbalah, 1986.

BERNOULLI, Rudolf. "Zur Symbolik geometrischer Figuren und Zahlen", *Ostwestliche Symbolik und Seelenführung*. 1934 Eranos Jahrbuch, pp. 369-415. Zurique: Rhein Verlag, 1935.

———. "Spiritual development as reflected in alchemy and related disciplines", *Spiritual disciplines*. Extraído dos Eranos Yearbooks, Bollingen Series XXX/4, pp. 305-340. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1970.

BIAS, Clifford. *The way back: a new age approach to the western mystery tradition*. York Beach, ME: Samuel Weiser, 1985.

BÖHME, Jakob. *The key*, trad. William Law. Grand Rapids, MI: Phanes Press, 1991.

BURT, Kathleen. *Archetypes of the zodiac*. St. Paul, MN: Llewellyn Publications, 1988.

BUTLER, Bill. *The definitive tarot*. Londres: Rider & Co. 1975.

CAMPBELL, Joseph. *The mythic image*. Bollingen Series C. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1974.

CAMPBELL, Joseph e Bill Moyers. *The power of myth*. Nova York: Doubleday, 1988.

CAMPBELL, Joseph e Richard Roberts. *Tarot revelations*. San Anselmo, CA: Vernal Equinox Press, 1979.

CASE, Paul Foster. *The book of tokens: tarot meditations.* Los Angeles: Builders of the Adytum Press, 1968.
———. *The tarot: a key to the wisdom of the ages.* Richmond, VA: Macoy Publications, 1975.
CAVENDISH, Richard. *The tarot.* Nova York: Crescent Books, 1986.
COOK, Roger. *The Tree of Life: image for the cosmos.* Nova York: Thames & Hudson, 1974.
CROWLEY, Aleister. *Tarot divination.* York Beach, ME: Samuel Weiser, 1976.
DENNING, Melita and Osborne Phillips. *The magick of the tarot: how to read and shape your future.* St. Paul, MN: Llewellyn Publications, 1973.
DOANE, Doris Chase and King Keyes. *How to read tarot cards.* Nova York: Barnes & Noble, 1979.
DOUGLAS, Alfred. *The tarot: the origins, meaning, and uses of the cards.* Nova York: Penguin Books, 1983.
DUMMETT, Michael. *The Visconti-Sforza tarot cards.* Nova York: Braziller, 1986.
EDINGER, Edward. *Ego and archetype.* Nova York: Penguin Books, 1980.
———. *Anatomy of the psyche: alchemical symbolism in psychotherapy.* La Salle, IL: Open Court, 1985.
ELIOT, T.S. *Four quartets.* Nova York: Harcourt Brace, 1943.
EPSTEIN, Perle. *Kabbalah: the way of the jewish mystic.* Boston: Shambhala, 1988.
FAIRFIELD, Gail. *Choice-centered tarot.* Seattle, WA: Choices, 1984.
FORTUNE, Dion. *The mystical qabalah.* York Beach, ME: Samuel Weiser, 1988.
VON FRANZ, Marie-Louise. *Aurora consurgens: a document attributed to Thomas Aquinas on the problem of opposites in alchemy.* Nova York: Bollingen, 1966.
———. *Alchemy: an introduction to the symbolism and the psychology.* Toronto: Inner City Books, 1980.
GARIN, Eugenio. *Astrology in the Renaissance: the zodiac of life.* Londres: Routledge & Kegan Paul, 1983.
GETTINGS, Fred. *The book of tarot.* Londres: Triune Books, 1973.
GODWIN, Malcom. *Angels: an endangered species.* Londres: Labyrinth; e Nova York: Simon & Schuster, 1990.
GOLOWIN, Sergius. *The world of the tarot: the gypsy method of reading the tarot.* York Beach, ME: Samuel Weiser, 1988.
GRAY, Eden. *Mastering the tarot: basic lessons in an ancient mystic art.* Nova York: Crown, 1971.
GREENE, Liz. *The outer planets and their cycles: the astrology of the collective.* Sebastopol, CA: CRCS, 1983.
———. *The astrology of fate.* York Beach, ME: Samuel Weiser, 1984.
GREER, Mary. *Tarot for your self.* North Hollywood, CA: Newcastle, 1984.
GREER, Mary and Rachel Pollack, eds. *New thoughts on tarot: transcripts from the First International Newcastle Tarot Symposium.* North Hollywood, CA: Newcastle, 1989.
GROSSINGER, Richard, ed. *The alchemical tradition in the late twentieth century.* Berkeley, CA: North Atlantic Books, 1983.

GUGGENBÜHL-CRAIG, Adolf. *Power in the helping professions.* Dallas, TX: Spring Publications, 1982.
HAICH, Elizabeth. *Tarot: Die Zweiundzwanzig Bewusstseinsstufen des Menschen.* München und Engleberg: Drei Eichen Verlag, 1972; também publicado como *Wisdom of the tarot.* Santa Fé, NM: Aurora Press, 1983.
HALEVI, Z'ev ben Shimon. *Tree of Life: an introduction to the kabbalah* (*A Árvore da Vida*, Editora Siciliano, 1994). Londres: Rider, 1972. Disponível nos Estados Unidos como *Introduction to the cabala*, publicado por Samuel Weiser; disponível como *Tree of Life* de Gateways, Bath, Inglaterra.
———. *The work of the kabbalist* (*O trabalho do kabbalista*, Editora Siciliano, 1994). York Beach, ME: Samuel Weiser, 1985; e Bath, Inglaterra: Gateways, 1984.
———. *Kabbalah: tradition of hidden knowledge.* Londres: Thames & Hudson, 1985. Escrito como Warren Kenton.
———. *The way of kabbalah* (*O caminho da Kabbalah*, Editora Siciliano, 1994). York Beach, ME: Samuel Weiser, 1991; e Bath, Inglaterra: Gateways, 1991.
HAND, Robert. *Horoscope symbols.* Atglen, PA: Whitford Press, 1981.
HARDING, M. Esther. "A Short Review of dr. Jung's Article: Redemption Ideas in Alchemy", Lecture. The Analytical Psychology Club of New York: outubro, 1937.
———. *Woman's mysteries: ancient and modern.* Boston: Shambhala, 1990.
HARRISON, Jane. *Themis.* Londres: Merlin Press, 1977.
HASBROUCK, Muriel Bruce. *Tarot and astrology: the pursuit of destiny.* Rochester, VT: Destiny Books, 1989.
HILLMAN, James. "The therapeutic value of chemical language", *Method of treatment in analytic psychology*, ed. Jan Baker. Stuttgart: Bonz Verlag, 1980, pp. 118-126.
———. "Salt: a chapter in alchemical psychology", *Images of the untouched*, ed. Joanne Stroud e Gail Thomas. Dallas, TX: Spring, 1982, pp. 111-137.
HINTON, Ladson W. "Fools, foolishness, and feeling foolish", *Psychological perspectives*, Vol. 12, Nº 2, 1981, pp. 43-51.
HOELLER, Stephan. *The royal road: a manual of kabbalistic meditations on the tarot.* Wheaton, IL: Quest Publications, 1980.
HURWITZ, Siegmund. "Psychological aspects in early hasidic literature", *Timeless documents of the soul.* Evanston, IL: Northwestern University, 1968, pp. 151-239.
INNES, Brian. *The tarot: how to use and interpret the cards.* Nova York: Crescent Books, 1987.
JOHNSON, Robert A. *Owning your own shadow: understanding the dark side of the psyche.* São Francisco: Harper Collins, 1991.
JUNG, Carl Gustav. *The Collected Works*, Vol. I-XX, trad. R.F.C. Hull, ed. H. Read, M. Fordham, G. Adler e Wm. McGuire. Bollingen Series XX, Princeton, NJ: Princeton University Press, 1953-1979.
———. *C.G. Jung speaks.* Editado por William McGuire & R.F.C. Hull. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1977.
———. *Letters*, Vol. I e II, ed. Gerhard Adler e Aniela Jaffé. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1975.

———. *Memories, dreams, reflections*, ed. Aniela Jaffé. Nova York: Random House, 1989.
KAPLAN, Aryeh. *Sefer yetzirah: in theory and practice*. York Beach, ME: Samuel Weiser, 1990.
KAPLAN, Stuart. *Tarot classic*. Stamford, CT: U. S. Games Systems, 1972, também disponível na Inglaterra como The classical tarot pela Aquarian Press, 1980.
———. *The Encyclopedia of Tarot*, Vol. I-III. Stamford, CT: U. S. Games Systems, 1988.
KAST, Verena. *The dynamics of symbols: fundamentals of jungian psychotherapy*. Nova York: From International, 1992.
KENTON, Warren. *Astrology: the celestial mirror*. Londres e Nova York: Thames & Hudson, 1974.
KLOSSOWSKI DE ROLA, Stanislas. *Alchemy: the secret art*. Londres e Nova York: Thames & Hudson, 1973.
KNAPP, Bettina. "Nachman: the master of prayer", *The jungian approach to literature*. Evansville, IL: Southern Illinois Press, 1984, pp. 188-226.
KNIGHT, Gareth. *A practical guide to qabalistic symbolism*. York Beach, ME: Samuel Weiser, 1988.
LAMNEY, Wm. C. *Karmic tarot: a new system for finding and following your life path*. North Hollywood, CA: Newcastle, 1988.
LEMIEUX, David. *Forbidden images: the secrets of the tarot*. Nova York: Barnes & Noble, 1985.
MACMONNIES-HAZARD, Berthe. "The tarot and the accomplishment of the great work." *Spring*, pp. 31-41.
MANN, A.T. *The mandala astrological tarot*. São Francisco: Harper Collins, 1987.
MARKS, Tracy. *The astrology of self-discovery*. Sebastopol, CA: CRCS, 1985.
MCLEAN, Adam. *The alchemical mandala: a survey of the mandala in the western esoteric traditions*. Grand Rapids, MI: Phanes, 1989.
———. *A commentary on the Mutus Liber*. Grand Rapids, MI: Phanes Press, 1991.
MONTALBAN, Madeline. *The prediction book of the tarot*. Londres: Blandford Press, 1983.
MOON, Sheila: *Dreams of a woman*. Boston: Sigo Press, 1983.
MOUNI, Sadhu. *The tarot: a contemporary course of the quintessence of hermetic occultism*. (*O tarô: manual prático de ocultismo*, Editora Siciliano, 1993)Londres: Allen e Unwin, 1968.
NEUMANN, Erich. "On the moon and matriarchal consciousness." *Spring* 1954, pp. 83-100.
———. *The great mother*. Bollingen Series XLVII, Princeton, NJ: Princeton University Press, 1955.
———. *The origins and history of consciousness*. Bollingen Series XLII, Princeton, NJ: Princeton University Press, 1973.
NEWMAN, Kenneth. *The tarot: a myth of male initiation*. Nova York: Quadrant Monograph, C. G. Jung Foundation, 1983. (Distribuído por Samuel Weiser, Box 612, York Beach, ME 03910.)
NICHOLS, Sallie. *Jung and the tarot: an archetypal journey*, York Beach, ME: Samuel Weiser, 1980.
NOBLE, Vicky. *Motherpeace: a way to the goddess through myth, art, and tarot*. São Francisco: Harper Collins, 1983.

OUSPENSKY, P. D. *The symbolism of the tarot: philosophy of occultism in pictures and numbers*. Nova York: Dover, 1976.
PAPUS. *The tarot of the bohemians*. Nova York: Samuel Weiser, 1971; Reedição: Los Angeles: Wilshire Publications, 1978.
PATERSON, Helena and Courtney Davis. *The celtic tarot*. Londres: Aquarian Press, 1990.
PEACH, Emily. *The tarot workbook*. Londres: Aquarian, 1984.
PENNICK, Nigel. *Magical alphabets: the secret and significance of ancient scripts*. York Beach, ME: Samuel Weiser, 1992.
PERERA, Sylvia. *Descent to the goddess: a way of initiation for women*. Toronto: Inner City Books, 1981.
PONCÉ, Charles. *The game of wizards: psyche, science, and symbol in the occult*. Londres: Penguin Books, 1975.
———. *Kabbalah: an introduction and illumination for the world of today*. Wheaton, IL: Quest Books, 1986.
———. *Working the soul*. Berkeley, CA: North Atlantic Books, 1988.
QUISPEL, Gilles. "Gnosis and culture", *C.G. Jung and the humanities*, ed. Karin Barnaby e Pellegrino D'Acierno. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1990, pp. 24-35.
RILKE, Rainer Maria. *Selected poems*, trad. C.F. MacIntyre. Berkeley, CA: University of California Press, 1956.
———. *Selected poems*, trad. Robert Bly. Nova York: Harper Collins, 1981.
———. *The sonnets to Orpheus*, trad. Leslie Norris e Alan Keele. Columbia, SC: Camden House, 1989.
ROBERTS, Richard. *The original tarot and you*. San Anselmo, CA: Vernal Equinox Press, 1971.
SCHOLEM, Gershom. "Kabbalah und Mythus", *Der Mensch und die Mythische Welt*. 1949 Eranos Jahrbuch, Vol. XVII, pp. 287-344. Zurique: Rhein Verlag, 1950.
———. *Kabbalah*. Jerusalém, Israel: Keter, 1974; e Nova York: Random House, 1978.
SCHWARTZ-SALANT, Nathan. *The borderline personality: vision and healing*. Wilmette, IL: Chiron, 1988.
SETTLE, Mary Lee. *Charley Bland*. Nova York: Farrar, Straus & Giroux, 1989.
SHARMAN-BURKE, Juliet. *The complete book of tarot*. Nova York: St. Martin's, 1986.
SHARMAN-BURKE, Juliet e Liz Greene. *The mythic tarot: a new approach to the tarot cards*. (*O tarô mitológico*, Editora Siciliano, 1988) Nova York: Simon & Schuster, 1986.
SILBERER, Herbert. *Hidden symbolism of alchemy and the occult arts*. Nova York: Dover, 1971.
SIMON, Sylvie. *The tarot: in art, mysticism, and divination*. Nova York: Crescent Books, 1991.
SPECTOR, Richard. "Strategic tarot". *Networker*, 1986, pp. 36-37, 68-69.
STEINER-GERINGER, Mary. *Tarot als Selbsterfahrung*. Köln: Diedrich, 1985.
STUART, Micheline. *The tarot: path to self-development*. Boston: Shambhala, 1977.
SUARÈS, Carlo. *The cabala trilogy*. Boston: Shambhala, 1985.
SUCHER, Willi. "The zodiac of constellations", *Star rhythms*, ed. William Lonsdale. Richmond, CA: North Atlantic, 1982.

THIERENS, A.E. *Astrology and the tarot.* North Hollywood, CA: Newcastle, 1975.
THOMPSON, C.J.S. *The lure and the romance of alchemy: a history of the secret link between magic and science.* Nova York: Bell, 1990.
TILLICH, Paul. *The courage to be.* New Haven, CT: Yale University Press, 1952.
TRISMOSIN, Solomon. *Splendor solis,* trad. Joscelyn Godwin. Grand Rapids, MI: Phanes Press, 1991.
VALENTIN, Basilio. "The triumphal chariot of antimony", *The alchemical tradition in the late twentieth century,* ed. Richard Grossinger. Berkeley, CA: North Atlantic, 1983, pp. 34-47.
WAITE, Arthur Edward. *The hermetic museum.* York Beach, ME: Samuel Weiser, reedição, 1973, 1991.
———. *The secret tradition in alchemy: its development and records.* Nova York: Knopf, 1926.
———. *The pictorial key to the tarot.* York Beach, ME: Samuel Weiser, 1975.
WALKER, Barbara. *The secrets of the tarot: origins, history, and symbolism.* São Francisco: Harper Collins, 1984.
WANG, Robert. *An introduction to the Golden Dawn tarot.* York Beach, ME: Samuel Weiser, 1978.
———. *The qabalistic tarot: a textbook of mystical philosophy.* York Beach, ME: Samuel Weiser, 1983.
———. *Tarot psychology.* Neuhausen, Suíça: Urania Verlag, 1988.
WHITNEY, Elizabeth. "Tarok, tarot, or taroc." *Spring,* 1942, pp. 13-40.
WILHELM, Richard (trad.) *The I Ching or Book of changes.* Londres: Routledge & Kegan Paul, 1978.
WIRTH, Oswald. *Introduction à l'étude du tarot.* Paris: Le Symbolisme, 1931. Também publicado em inglês com o título de Introduction to the study of the tarot, York Beach, ME: Samuel Weiser, 1980.
———. *The tarot of the magicians: a guide to the symbolism and applications of the Wirth tarot deck by its designer.* York Beach, ME: Samuel Weiser, 1990.
WOLFF, Toni. *Structural forms of the feminine psyche.* Zurique: C.G. Jung Institute Students Association (impressão particular), 1958.
ZABRISKIE, Beverly. "The feminine: pre- and post-jungian", *C.G. Jung and the humanities,* ed. Karin Barnaby e Pellegrino D'Acierno. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1990, pp. 267-278.
ZOHAR. Tr. Maurice Simon & Paul Levertoff. Nova York: Soncino Press, 1934.

A Editora Mandarim está cadastrando os seus leitores. Em todos os nossos livros você encontra um formulário para preencher e nos enviar. Se estiver interessado (a), você poderá receber todos os meses, gratuitamente, o INFORMATIVO MANDARIM, com os nossos lançamentos, e aproveitar para dar a sua opinião sobre os nossos livros.
Obrigado.

Nome: _____
Endereço: _____
Cidade: _____ UF: ____ CEP: ____
Data de nascimento: __/__/__ Profissão: _____

Quais são as áreas, dentro de nossa linha de publicação, que mais interessam a você?:

- O Astrologia
- O Autobiografia
- O Biografia
- O Ciências
- O Crônica
- O Ensaio
- O Esoterismo
- O Espiritualidade
- O Filosofia
- O Infantil
- O Literarura brasileira
- O Literatura estrangeira
- O Política
- O Psicologia
- O Religião
- O Saúde
- O Música

Qual o aspecto que mais lhe interessa? (Enumere por ordem de preferência.)

- O Preço
- O Capa
- O Formato
- O Número de páginas
- O Autor
- O Tema
- O Editora
- O Tamanho da letra
- O Exposição na livraria
- O Divulgação na imprensa

De que maneira você se informa sobre os lançamentos da Editora Mandarim?

- O Jornal
- O Revista
- O Livraria
- O Televisão
- O Rádio
- O Outros. Quais? _____

Use este espaço para dar sua opinião e/ou sugestões sobre as nossas publicações.

_____
_____
_____
_____

Livro: Tarô e individuação
Autora: Irene Gad
1ª edição, outubro/96

M